DR. D. ILDEFONSO RODRIGUEZ VILLAR

PONTOS DE MEDITAÇÃO

SOBRE A

VIDA E VIRTUDES DE NOSSA SENHORA

Tradução revista pelo

PADRE MANUEL VERSOS FIGUEIREDO, S. J.



(3.ª EDIÇÃO)



LIVRARIA FIGUEIRINHAS — PORTO



PODE IMPFIMIR-SE

Porto, 11 de Agosto de 1954.

Mons. Pereira Lopes, Vig. Ger.

RECOMENDAÇÃO

Recomendamos a todos mas especialmente às raparigas da Acção Católica este livro de leitura e meditação sobre a Santíssima Virgem, que escreveu o Dr. D. Ildefonso Rodriguez Villar, professor de Filosofia no nosso Seminário Arquidiocesano, Reitor do Santuário Nacional da Grande Promessa e Assistente da União Diocesana da Juventude Feminina da Acção Católica.

Seminário Arquidiocesano, Santuário Nacional da Grande Promessa e Juventude Feminina da Acção Católica: que três campos tão extensos e ferazes para trabalhar pela implantação e consolidação, difusão e depuração, enobrecimento e divinização do Reinado do Coração Sacratíssimo do Rei Divino!

Múltiplos e variadíssimos podem ser os trabalhos deste apostolado; mas sem dúvida um muito principal consiste em infiltrar nos entendimentos luz e nos corações, fogo de verdadeira e cabal devoção à Rainha e Senhora dos céus e da terra. Para isso pode servir muito eficazmente este livro de Meditações que recomendamos.

É inegável que a árvore da Acção Católica não dará todos os frutos que o Rei divino quer que dê, se as raparigas da Acção Católica não lançam raízes profundas de devoção sólida e amor puríssimo à Virgem Santíssima. A árvore poderá ter folhagem esplêndida, mas Deus não

permita que mereça ser amaldiçoada como a figueira estéril de que nos fala o Sagrado Evangelho.

Lede todos e fazei meditação por este livro e conhecei cada vez mais a Rainha dos Apóstolos e amai-a cada vez com mais intensidade, e isto que digo a todos, tende presente, raparigas da Acção Católica, que a vós principalmente o digo, para vosso bem temporal e eterno, para vossa salvação e para a salvação de inúmeras almas, que Jesus e Maria querem salvar valendo-se de vós como de instrumentos de redenção e de vida.

Se de-veras vos dais à meditação e ao estudo intelectual e cordial, da Puríssima Virgem; se de-veras vos dais a cultivar nas vossas almas as virtudes da Mulher por excelência, imitá-la-eis, e imitando vós a Rainha dos corações apostólicos, então verdadeiramente sereis Raparigas da Acção Católica.

E teremos então o gozo e a ufania de ver milhares e milhares de raparigas da Acção Católica, que não se deixarão arrastar pela corrente do espírito do mundo, nem pelas suas máximas e critérios nem pelos costumes e modas anticristãs, exóticas e ridículas. Em milhares e milhares de raparigas da Acção Católica e também naquelas que não pertencem à mesma, cessará o império da frivolidade, da futilidade, da desvergonha, e restabelecer-se-á o império do espírito cristão, do pudor mariano, da modéstia, da candura juvenil e da castidade angélica.

Todos estes bens e outros muitos pode produzir este livro de Meditações, se as raparigas da Acção Católica o manuseiam todos os dias, assiduamente, para estar com a Virgem Santíssima, a Mãe dulcíssima do Rei Divino e Mãe também nossa, todos os dias, um espaço de tempo não pequeno, em trato íntimo, luminoso e afectuoso. Este convívio com tão boa Mãe ensinar-vos-á a sabedoria celestial.

A sabedoria celestial!, não é simplesmente saber, é saborear as doçuras da Fé, da Esperança, da Caridade, as doçu-

ras de todas as virtudes, a ambrosia da vida cristã plena e perfeita, o néctar e o mel que distila a árvore santíssima da Cruz, ao pé da qual e sob cuja sombra devemos todos viver e, por motivos muito particulares, as raparigas da Acção Católica.

Valhadolid, 16 de Março de 1941.
III Domingo da Quaresma.

António, *Arcebispo de Valhadolid.*

A MODO DE PRÓLOGO

As poucas pretensões do presente trabalho estão claramente expressas no próprio título PONTOS BREVES DE MEDITAÇÃO, porque isso e só isso contêm.

Não são meditações explanadas mas só uns PONTOS que se indicam com brevidade deixando o seu desenvolvimento ao trabalho do entendimento e da vontade do que medita

Não se deve esquecer que na meditação, este trabalho pessoal de verdadeira assimilação, é absolutamente indispensável, já que doutro modo, a meditação converter-se-á em mera leitura piedosa.

E digo trabalho *porque julgo que é a palavra mais adequada para expressar o que deve ser a meditação; muitas almas queixam-se de não saber meditar e é porque crêem que na meditação lhes hão-de chover do céu as inspirações, luzes e consolações, sem esforço nenhum da sua parte, e não se convencem de que estas graças concede-as ordinàriamente o Senhor em razão directa do nosso trabalho, do empenho e fervor que pusemos ao falar com Ele.*

Esta é pois a razão por que expressamente não quis dar umas meditações completas e desenvolvidas mas sòmente indicadas em breves pontos, que não dispensam o trabalho frutuoso da meditação e que só sirvam de guia ou de norma directiva nela.

É pois de notar que por este motivo os pensamentos que se propõem vão duma forma cortada e separados por travessões ou por reticências que não são outra coisa mais do que sinais para fazer sobressair uma ideia, às vezes uma palavra, em que se deve fixar a atenção.

E do mesmo modo, visto que são pontos cortados e raciocínios só indicados, não se há-de passar de corrida sobre eles, pois se é verdade que não o muito comer senão o digerir e assimilar é o que alimenta, assim se há-de procurar mediante a consideração e a aplicação ao caso concreto e particular de cada um, assinalar o ponto que se medita demorando-se todo o tempo que seja necessário, segundo aquela sábia norma de S. Inácio, «no ponto em que achar o que quero, aí descansarei sem ter ânsia de passar adiante até que me satisfaça»; e assim sucederá que uma só meditação, dará com frequência matéria para vários dias.

Quanto à disposição da matéria segue-se a ordem lógica dos passos principais da vida da Santíssima Virgem, mas de tal modo que podem servir ao mesmo tempo para Novenas de preparação *para as suas festas mais importantes; e assim se distribuem, como pode ver-se no índice, para os dias das Novenas da Imaculada Conceição, da Natividade, da Visitação, da Vida de Nazaré, das Dores de Nossa Senhora, da Assunção da Santíssima Virgem e finalmente da Santa Escravidão, que pode valer para a festa da Anunciação, assim como para todo o mês de Maio, terminando com as destinadas a considerar particularmente as* Virtudes *de nossa Mãe Imaculada.*

Só me resta, para concluir, fazer minhas as palavras de S. Afonso Maria de Ligório no prólogo da sua magnífica obra As Glórias de Maria. *Se por ventura te parecer que ao escrever estas meditações me cansei em vão por haver muitíssimas mais bem expostas e ordenadas, responder-te-ei com as palavras de um célebre escritor eclesiástico. «Louvar*

a Maria é tarefa inexgotável: é como uma fonte abundante que quanto mais dela se tira mais ela se enche e quanto mais se enche tanto mais se dilata»: como se dissesse que a Santíssima Virgem é tão grande e tão sublime que quantos mais louvores recebe mais lhe ficam por receber. E Santo Agostinho abundando no mesmo sentir, diz: «que não bastariam para louvá-la, como merece, todas as linguas de todos os homens ainda que todos os seus membros se transformassem em linguas».

Valhadolid, Festa da Imaculada Conceição do ano de 1940.

I PARTE

VIDA DE NOSSA SENHORA

1. Maria na mente divina

1.º — Todos nós existimos desde toda a eternidade na mente de Deus... Deus a todos conhecia perfeitamente... em ti pensava dum modo particular e... quando faltavam ainda milhões e milhões de anos para a tua existência neste mundo, já então ele te amava!...

Razão tinha S. João para dizer: «*Amemos a Deus porque Ele nos amou primeiro*». — Se isto se diz de todos em geral e se podes dizê-lo particularmente de ti, que dirás de Maria?— Sem dúvida, ela ocupava a mente de Deus no mais alto grau. Depois da sua essência, que é o pensamento principal de Deus, o que primeiro seus olhos vêem é Maria... a Ela... primeiro do que ninguém, e nela vê todos os mortais. Se Deus pudesse esquecer-se de todos e deixar de os conhecer, o que é impossível, não poderia deixar de ver e contemplar em sua mente a Maria, pela participação que nela há de Deus... pela união em que ela está com Deus.

Enfim, Maria é o pensamento máximo de Deus a seguir ao que Ele tem de si mesmo.

2.º — *A ideia de Maria na criação* — Quando um artista quer traduzir numa obra o ideal que a sua mente concebeu, primeiro faz ensaios no barro, para depois modelar a imagem com toda a perfeição...

Assim aconteceu com a criação... que foi um ensaio

que Deus fez para depois formar Maria, a obra prima das suas mãos. Ela é portanto como que um resumo ou síntese de toda a criação. — As graças e belezas repartidas pelos outros seres encontram-se acumulados e sublimados em Maria. — E assím, ao formar Deus a sua Mãe parece que se foi inspirando em tudo o que havia feito para fazê-la muito superiòr a todas as criaturas. — Inspirou-se nos serafins, para abrasá-la em amor, inspirou-se nos anjos, para a sua pureza... nos patriarcas, como Abraão, para fortalecer e robustecer a sua fé... em Ruth, para a sua modéstia... em Judith, para a sua coragem... mas... para lhe dar o seu coração de Mãe, não pôde inspirar-se em nada... Não há nada que possa comparar-se e assemelhar-se com o coração da Virgem Santíssima... foi necessário que Deus olhasse para o seu próprio coração para dar-lhe um coração semelhante ao seu... e assim com esse coração amasse a Deus e aos homens, como ele mesmo nos amava.

A Igreja aplica-lhe estas palavras magníficas que resumem a mesma ideia: «*Antes que o Senhor criasse alguma coisa, já eu estava com ele. Quando ditava a lei aos astros e aos mares, já eu estava com ele ordenando tudo, regozijando-me continuamente com ele na sua presença*».

Por isso podes ver Maria sempre que olhares para os seres da criação...; o azul do céu lembrar-te-á o seu manto... as estrelas, a orla que o adorna... o sol, a sua luz sem sombras nem manchas... a lua, a sua plácida formosura... as flores, a sua incomparável beleza e aroma... e deste modo podes ir discorrendo como verdadeiro devoto de Maria que em tudo vê a sua imagem, como ela a é de Deus.

3.º — *A ideia de Maria em ti.* — Deus quis que também tu a imaginasses nisto. — Ele deseja que essa ideia seja igualmente a ideia central do teu entendimento e a que dê calor e movimento à vida da tua alma. Antes de qualquer cria-

tura, ela foi predestinada à graça... à glória... e à dignidade incomparável da Mãe de Deus... mas depois dela, fomos nós também predestinados à graça que nunca nos falta... à glória, se correspondermos a esta graça... e à dignidade incomparável de nos chamarmos e de sermos filhos de Deus e irmãos de Jesus Cristo... Mas esta altíssima dignidade está intimamente ligada com Maria. — Ela é tua Mãe!... Ela te dará o ser de filho de Deus!

Logo, toda a tua dignidade e glória há-de vir de Deus, mas por meio de Maria. — Compreendes agora a razão pela qual o Senhor quer que ela seja o pensamento dominante da tua vida? — E... é assim na realidade?... Como realizas tu este magnífico plano divino?... Procuras deveras que Maria seja a ideia directriz e motriz de todos os teus actos? Tratas realmente de viver pensando nela..., vendo-a a Ela em tudo?..., procurando acomodar-te a Ela, sendo sua imagem viva e perfeita conseguida pelo exercício da imitação?

Pede graça ao Senhor e ajuda e protecção a Maria, para procederes assim daqui por diante... pois sendo ela a tua constante obsessão, não saberás nem poderás nunca prescindir dela, como é o desejo de Deus.

Oxalá que na tua loucura nunca chegues a destruir ou a inutilizar este plano de Deus, pelo teu amor próprio ou por qualquer outra paixão que te estorve de ver..., conhecer e amar... a tua Mãe!...

2. Maria no Antigo Testamento

Tudo no antigo Testamento são profecias, simbolos e figuras. O objecto delas era o Messias e juntamente com ele sua Mãe. Vejamos algumas brevemente.

1.º — *Profecias.* — A profecia é a palavra de Deus sobre coisas futuras... só Deus pode conhecer com certeza o futuro... a profecia é sinal da divindade.

A) A primeira profecia sobre o Santissima Virgem fê-la o próprio Deus no Paraiso: *«uma mulher esmagará a tua cabeça»* — disse à serpente infernal. Procura penetrar na beleza destas palavras; que bondade a de Deus! castiga e ao mesmo tempo perdoa... no próprio instante em que nos condena à morte, profetiza-nos um Messias libertador e uma mulher que pisará o demónio. — Que alegria pensar que o demónio estará sempre aos pés de Maria! Que segurança saber que nem a Ela nem aos seus filhos poderá nunca prejudicar! Dá graças ao Senhor e parabéns a Maria pelo seu triunfo e pela graça que nos mereceu. Tira como conclusão que quanto mais a tua alma estiver unida a Maria, tanto mais o demónio estará a teus pés. Que desespero lhe causará o saber que uma mulher..., todos os outros homens lhe hão-de esmagar a cabeça!

B) Igualmente se pode considerar a grande profecia de Isaías que séculos antes disse que *da vara de Jessé bro-*

taria uma flor sobre a qual o Senhor repoisaria... — *Jesus é o fruto bendito; Maria, a flor Imaculada.* — Noutra passagem anuncia a sua virgindade: *Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho que se chamará Emmanuel.* — São as duas coroas da Santíssima Virgem: a sua maternidade divina junta com a sua virgindade.

C) Deste modo poderíamos percorrer muitas outras profecias... bem como livros inteiros, como os Salmos de David... o Livro dos Cantares... que encerram profecias magníficas acerca de Maria, que assim multiplicou Deus as profecias acerca d'Ela, do mesmo modo que acerca de seu Filho.

2.º — *Símbolos.* — São ainda mais numerosos. — *O Paraíso terreal* com a árvore da vida, é imagem da Santíssima Virgem, verdadeiro Paraíso onde Cristo — árvore da vida — habitou. — *A arca de Noé,* que se salvou do naufrágio. — *A pomba branca* que para não poisar na lama da terra, volta imaculada à arca trazendo no bico um ramo verde de oliveira — que lindas imagens de Maria! — *A escada de Jacob* que une o céu com a terra. — *A vara de Aarão* que floresce na obscuridade do tabernáculo e só na presença de Deus. — *A arca da Aliança* de madeira incorruptível, que encerrava os grandes mistérios. — *A sarça ardente* que ardia com um fogo divino sem se consumir, rodeada da majestade de Deus. — Estes e outros santos símbolos que aparecem na Sagrada Escritura revelam a formosura, a dignidade, a grandeza, a excelência de Maria... Parece que Deus tirou partido de todas as coisas, para avivar nos homens a lembrança de sua Mãe e fazer com que vivessem esperando nela.

3.º — *As figuras.* — Todas as mulheres célebres do Antigo Testamento são figuras de Maria. — *Eva,* mãe da humanidade, mas para sua perdição... Maria, a verdadeira

Mãe que salva a humanidade perdida. — *Abigail,* que, pela sua formosura, encanta e enamora a David... é figura de Maria que encanta ao mesmo Deus. — *Jael* que trespassa com um cravo a cabeça de Sisara, inimigo do povo de Deus... é a Santíssima Virgem esmagando a cabeça do demónio. — *Judit,* matando a Holofernes e libertando do tirano o seu povo... é a imagem de Maria que nos libertou de Satanás. — *Ester,* diante do trono do Rei, intercedendo pelo seu povo... significa a Santíssima Virgem que sem cessar pede e intercede por nós diante do trono de Deus... E assim sucessivamente podiamos percorrer todas as grandes figuras do Antigo Testamento e em todas reconheceriamos a Maria.

Abisma-te perante tanto amor que Deus manifesta a Maria. — Vê, como, encantado com Ela, se compraz em falar d'Ela incessantemente em profecias... símbolos... e figuras... — Parece que é o pensamento dominante... a obsessão de Deus... E tu, és assim com tua Mãe? — Estás assim encantado com Ela? — É Ela o pensamento central do teu entendimento? Pensas n'Ela?... falas n'Ela? vê-l'A em toda a parte... unes-te a Ela... vives n'Ela e d'Ela?... sabes fazer alguma coisa sem Ela? Reflecte, examina e tira a devida consequência de amar assim com loucura a tua querida Mãe.

3. Imaculada Conceição de Maria. — Os seus testemunhos

Chegado o ditoso tempo fixado por Deus para a salvação do mundo, foi concebida a Santíssima Virgem, não como os demais homens, mas sim pura, sem mancha, sem contrair o pecado original. Meditemos os testemunhos que nos asseguram esta consoladora verdade.

1.º — *Deus.* — Lembra-te do pecado de Adão e Eva e do castigo do Senhor. — Deus amaldiçoa a serpente com estas palavras: *Porei inimizades entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a sua. Ela esmagará a tua cabeça para sempre.* — Nestas palavras considera três coisas:

1.ª, que uma mulher prodigiosa e a sua descendência se vingariam da serpente;

2.ª, que entre a mulher e a serpente haveria inimizade perpétua;

3.ª, que o demónio ficaria vencido pelo triunfo dessa mulher. — Pois bem, se Maria não fosse imaculada e tivesse sido atingida pelo pecado, não teria sido perpétua essa inimizade, visto que o pecado é um acto de amizade com o demónio...; e além disso, não seria ela a vencedora mas a vencida, pois no pecado, quem triunfa é o demónio e quem fica derrotado é o homem.

Nota bem que essa vitória pertence à Mulher e à sua descendência, isto é, a Jesus Cristo, seu Filho, e a nós, que

somos seus irmãos... e descendência de Maria, pois Ela é a nossa Mãe. — Logo, com Ela e por Ela, devemos lutar contra o demónio e assim imitaremos melhor a sua pureza imaculada.

2.º — *O Anjo.* — Naquelas palavras «Ave-Maria, cheia de graça», o anjo chama claramente à Virgem Santíssima, Imaculada, porque... quando e como foi Maria cheia de graça? ... — Precisamente na sua Imaculada Conceição. Esta plenitude é prodigiosa... é única... é de sempre. — Se assim não fosse o anjo não teria pronunciado aquelas palavras, pois houve santos muito santos e com muita graça de Deus, mas nenhum com essa plenitude. pelo menos no momento de nascer, por causa do pecado original, não possuiam graça nenhuma. O mesmo não se dá com Maria, que desde o momento da sua Conceição foi sempre cheia de graça...; portanto nunca foi manchada pelo pecado, nem sequer pelo pecado original. — Logo, o anjo ao chamá-la *cheia de graça* chama-a Imaculada.

Saboreia estas dulcíssimas palavras e agradece ao anjo por ter feito este panegírico tão belo da tua Imaculada Mãe.

3.º — *A Igreja.* — Dezanove séculos suspirou a Igreja por este dogma. — Contempla o magnífico desfile: Ele são os Santos Padres, os Doutores, os escritores eclesiásticos, os místicos e os ascetas, os santos todos e em especial os mais devotos de Maria os quais teceram todos uma coroa de louvores à Imaculada Conceição. Ele são as Virgens da Santa Igreja, que, para imitar a sua pureza imaculada, se consagraram a Ela, e à sua imitação fizeram voto de virgindade. — Vê quantas são e que formosas... que escol de almas puras não é o exército branco de Maria Imaculada! — O povo cristão aclamou-a nos seus cantares pura e sem mancha na sua Conceição. — Nunca houve dogma mais profundamente sentido nem mais universalmente compreen-

dido do que este.—E foi então que o Papa Pio IX, recolhendo todos esses anelos e louvores de dezanove séculos sucessivos teceu com eles a coroa imortal da definição dogmática da Imaculada Conceição. — Detém-te a contemplar Maria como objecto dos louvores de toda a Igreja neste mistério e vê como se cumprem as suas palavras: *«todas as gerações me chamarão bem-aventurada»*...

4.º — *Maria.* — Ela própria confirma as palavras infalíveis do Papa.

Nossa Senhora de Lourdes aparece a Bernardette e depois de várias aparições declara-lhe: *Eu sou a Imaculada Conceição.* — As fontes milagrosas, os milhares de peregrinos, os doentes inumeráveis, as orações incessantes e os cânticos perenes de Lourdes, são os ecos destas palavras e uma confirmação da definição pontífica! Recorda a história de Lourdes e em espírito une-te a esse coro de louvores que ali sem cessar se entoam a Maria Imaculada.

5.º — *Nós.* — Deus, o Anjo, o Papa, a própria Virgem Maria, são os testemunhos, que proclamam este dogma... e nós, que faremos? Alegrarmo-nos, regozijarmo-nos com ele, não basta... Podemos e devemos tomar parte nele... Maria dirige um exército que deve lutar contra a serpente infernal. Temos que nos alistar sob a bandeira de Maria e lutar contra o pecado em todas as suas manifestações: tibieza, ingratidão, amor próprio...; só assim seremos imitadores de Maria Imaculada.

Guerra, pois, ao pecado, por Maria Imaculada!

4. Maria Imaculada — O Mistério

Medita bem o que significa e representa este mistério e procura aprofundá-lo, pois é muito proveitoso conhecê-lo a fundo.

1.º — *Estado da humanidade.* — Recorda o que era e o que seria o homem sem o pecado de Adão! — Magnífico plano o de Deus! — Terminada a criação dos outros seres, o Senhor quer criar e nomear um Rei daquela criação, e pensa no homem... Com que carinho lhe forma o corpo... com as suas próprias mãos... não apenas com a sua palavra, como fez ao tirar do nada as outras criaturas. — E, sobretudo, como lhe infunde a alma, espiritual, imortal, imagem e semelhança da sua divindade! Isto é pouco. Recorda o paraíso terrestre, lugar de delícias e palácios desse homem... a vida feliz, sem penas, sem amarguras, sem dores, sem lágrimas, etc...; não havia sofrimento, tudo era alegria e satisfação. — Na sua alma infundiu a integridade ou sujeição das paixões à razão..., a ciência para saber tudo sem trabalho nem estudo, e sobretudo, a graça santificante para que fosse sempre santo.

Era o destino da humanidade: ser feliz ser santa servindo e amando a Deus sem cessar...; e depois sem passar pela morte, trasladar-se ao céu, para ali louvar a Deus eternamente! — Magnífico, sublime, só divino o plano de

Deus! — Detém-te a meditá-lo, a saboreá-lo como se fosse real e efectivo.

2. — *A queda.* — Veio o pecado e com ele todos os males. — O autor da dor e do sofrimento não foi Deus... Ele não nos criou para sofrer, o pecado, obra nossa, é que nos fez sofrer. O maldito pecado é que é a causa de todo o mal. — Contempla as tristezas, angústias, dores e tormentos do coração humano, desde Adão até ao presente... vê as doenças asquerosas, dolorosas e repugnantes que afligem o homem, e vê sobretudo, a morte com os seus sofrimentos e agonias, com as suas humilhações e corrupção do sepulcro... que quadro horrível! — Tudo por causa daquele pecado. — Compara o plano de felicidade ideado por Deus e o estado lastimoso do homem. São as paixões brutais que nos assemelham aos animais..., pecados de toda a espécie, ainda os mais baixos e degradantes... perda da santidade, da imortalidade e da visão de Deus... e depois ainda o inferno, como fim desta vida já tão triste, pois que o céu fechou-se com o pecado e já a ninguém é permitido lá entrar. Medita bem nisto, e tira por conclusão o que será o pecado quando Deus, tão justo, assim o castiga.

3.º — *Universalidade deste pecado.* — O pior mal deste pecado é ser universal para todo o género humano.

Adão no Paraíso não era uma pessoa particular, era a fonte da vida que havia de se propagar a todos os homens..., representava à humanidade... nele, estávamos todos incluídos. Tudo quanto Deus lhe deu, não era só para ele, senão também para nós... havíamos de ser iguais a ele. Isto não é uma injustiça nem uma crueldade. Se um pai é rico, ricos serão os seus filhos..., porém se esse pai dissipa a sua fazenda e fica sem nada, seus filhos, sem terem culpa, nascerão na pobreza; é natural!...

O mesmo se dá connosco. Ninguém houve mais rico

que Adão; também o deviamos ser, por determinação de Deus...

Adão, porém, perdeu-nos tudo e por consequência, nós, seus filhos, nascemos pobres de corpo e alma. É pena; mas é a verdade.

4.º — *Maria Imaculada.* — Contempla agora a alma de Maria ao entrar na Vida. Ela devia ser como nós em tudo. Deus, porém, faz uma excepção única só para Ela... nasce tal qual se formou nas mãos do Senhor:... pura... sem mancha... imaculada. — Detém-te por algum tempo a contemplar esta formosura. Felicita-A por ser Imaculada. Vê os anjos acompanhando-A com palmas e celebrando a sua entrada neste mundo que não é uma derrota como acontece connosco, senão um triunfo sobre a serpente.

Canta com os anjos louvores à SS.ma Virgem, ao vê-l'A aparecer neste mundo tão majestosamente bela. — Nunca houve e jamais haverá flor mais branca que a alma de Maria na sua Conceição. — Pensa, além disso, que sendo isenta do pecado, não devia sofrer, nem morrer; Deus porém quis que assim fosse à semelhança de Seu Filho que, por amor se abraçou à Cruz. Isto é, nela, o sofrimento não lhe era dado por castigo, como acontece connosco, senão que era aceite por amor a Deus, e por ser como Jesus... e por amor dos homens, para nos servir de consolo. — Agradece-lhe, pois, e anima-te a sofrer com Ela e, à sua imitação, a amar a cruz.

5. Maria Imaculada — A sua nobreza

Se bem que, por se tratar de um mistério, não podemos aprofundá-lo, pois nos perderiamos na sua imensidade, no entanto é suave e consolador meditar as razões que o nosso entendimento fàcilmente alcança, para nos convencermos de como Maria tinha que ser Imaculada.

1.° — *Rainha dos Anjos.* — Maria, como Rainha, tinha direito a reinar sobre os Anjos, e estes honrar-se-iam e alegrar-se-iam com tal Soberana; mas como haviam de reconhecer como sua Rainha uma criatura que era menos pura e perfeita do que eles? uma criatura que, ainda que por pouco tempo, tivesse sido escrava do pecado, isto é, escrava dos outros Anjos que se tinham rebelado contra Deus?! Isto não era possivel; a razão humana resiste a admitir este absurdo. Logo, tiramos por conclusão que Maria tinha de ser pura, santa e imaculada.

2.° — *Filha de Deus Pai.* — Maria é a Filha predilecta de Deus e por isso a destinou a uma grandeza que, afora a sua, não haveria outra igual. — Em tudo quis assemelhá-La à divindade, de tal sorte que sem chegar a ser Deus, porque não era possivel, fosse a que estivesse mais perto de Deus. Mas se Deus e o pecado são o que há de mais oposto, como podia a Santissima Virgem aproximar-se tanto de Deus e ter ao mesmo tempo no seu coração o pecado?...

Outro absurdo que não podemos admitir e que nos demonstra a sua Conceição Imaculada.

3.º — *Mãe de Deus Filho.* — Era de Maria que Jesus tinha de tomar a carne e sangue que, como hóstia pura e santa, ia oferecer na cruz pela humanidade. Como poderia ser imaculada essa hóstia se tivesse sido manchada desde a sua origem? Além disso, ninguém pode eleger a própria Mãe... todos nós temos a que Deus nos destinou...; porém com Jesus Cristo não foi assim: Ele é que elegeu e formou como quis a sua Mãe... Ora bem. Podendo formá-la belíssima, pura e santíssima na sua Conceição, preferi-la-ia manchada e escravizada pelo pecado?... Impossível!... Havia já muitos séculos que o povo cristão dizia: «Se não pode, não é Deus; se pode e não quis, não é Filho; digamos, pois, que pôde e quis...», isto é, não era por falta de poder, pois Deus tudo pode, e se pôde e não quis não mostrou um amor digno de um bom filho a sua Mãe, pois privou-a de uma beleza e formosura que era precisamente a que Ela mais amava. Portanto tinha de a fazer Imaculada.

4.º — *Esposa do Espírito Santo.* — A graça santificante é a vida do Espírito Santo na alma. Deus quis tanto a Maria que se desposou com Ela, dando-lhe a plenitude da graça... «a cheia de graça». Ele próprio foi o que misteriosamente e com uma operação onde resplandece o poder e a pureza Infinita de Deus, formou no seio de Maria a morada para o seu Divino Filho. É possível que uma união tão perfeita e íntima entre Maria e o Espírito Santo..., uma operação tão santa e divina como foi a Incarnação do Verbo... tudo isso se vá operar numa carne manchada pelo pecado? Seria digno de Deus? — David preparou, para levantar um templo a Deus, o que encontrou de melhor na terra..., e o Espírito Santo para formar aquela morada divina do Verbo, não havia de escolher o que houvesse de

melhor no Céu? — Não podia, portanto, haver nem sequer a menor sombra de pecado naquele templo vivo, visto que isso repugnaria extremamente no Filho de Deus.

5.º — *Nós mesmos.* — Se temos amor a Maria não nos regozijamos ao vê-La Imaculada e não descobrimos nesse mistério um resumo da sua beleza? — Se Deus nos tivesse dado liberdade e poder para dar a Maria o que quiséssemos, não a teríamos feito assim... Imaculada... puríssima... e santíssima? ... Gostaríamos de a ver manchada pelo pecado?... — Diríamos então que a amávamos de-veras? Portanto, tem a certeza que nem o Pai, nem o Filho, nem o Espírito Santo poderiam fazer outra coisa senão dar-Lhe a pureza que possui.

Termina dando graças a Deus por ter feito assim a tua Imaculada Mãe... felicita a Maria por este privilégio... e dá os parabéns a toda a humanidade por ter uma tal Mãe.

6. Maria Imaculada — O privilégio

Detenhamo-nos hoje a considerar este magnifico privilégio que Deus concedeu a Maria na sua Conceição, para que compreendamos alguma coisa do seu valor e do motivo por que a Santíssima Virgem tanto o estima.

1.° — *Foi um privilégio único.* — Supõe ver o demónio, a marcar com o selo do pecado todos os homens mal estes entram na vida...; a todos toca com a sua asquerosa e imunda baba de serpente infernal...; assim nascemos todos...; manchados, asquerosos, repugnantes aos olhos de Deus. — Pensa bem no que significa esta palavra «*Todos*»!! — Recorda-te dos maiores santos, dos mais amantes e mais amados de Deus..., repassa pela mente os patriarcas, profetas, apóstolos, mártires, virgens..., todos têm que dizer com David: «fui concebido na iniquidade e gerado no pecado...»

Que pena! que dor! que espectáculo triste!

Vê como agora muda a cena. — É o contraste... Contempla essa alma puríssima que brota das mãos de Deus, e escarnecendo do demónio entra vitoriosamente no mundo enquanto os anjos a acompanham e lhe cantam: *Toda sois formosa, Maria, e em Vós não há mancha.* — Repete tu também muitas vezes: «todos, menos Vós, Mãe puríssima... onde todos caem, Vós não cais... quando todos morrem,

Vós viveis... quando todos se mancham, Vós permaneceis pura e Imaculada». Privilégio gloriosíssimo por ser único.

2.º — *Privilégio grandioso.* — Por este privilégio a nossa querida Mãe torna-se grande aos olhos de Deus, dos anjos e dos homens. — Se todos nós tivéssemos nascido em graça não encontraríamos neste privilégio de Maria uma das principais razões de enaltecer a figura da Santíssima Virgem? Sem dúvida. Ela referia-se a este privilégio, quando disse que o Senhor tinha operado na sua alma grandes coisas e que para as fazer empregara toda a força do seu braço poderoso.

Assim é. Diz a história que Ciro penetrou em Babilónia desviando as águas do Eufrates e entrando assim pelo leito seco do rio. Assim tem de fazer Deus: desviar a corrente do pecado original que corria pelo leito da geração humana, para que nele entrasse a Santíssima Virgem sem contaminar-se com as suas águas.

Além disso, mostrou a sua grandeza ao fazer de Maria objecto de uma Redenção especial. — Fomos remidos por Cristo, eis a nossa glória... Maria porém se não pecou, não foi remida; logo, recebemos nós mais de Jesus do que Ela?... Temos então uma glória superior à d'Ela? — Nada disso!

Há duas redenções: uma, *liberativa*, que levanta os caídos e dá vida aos que estavam mortos pelo pecado; deste modo fomos nós remidos. A outra é *preventiva*, a que previne para que se não caia: esta é a de Maria. Pela virtude da Redenção de Cristo e pelos seus méritos divinos, Ela, Maria, alcançou a graça de não cair... A sua Redenção é pois, mais perfeita do que a nossa; também nisto nos leva vantagem... Como é grandioso este privilégio da Santíssima Virgem... assim considerado!...

3.º — *Privilégio divino.* — Só Deus pôde operar semelhante prodígio de formosura e de graça... Deus como

legislador que é, está acima de todas as leis; por isso só Ele tinha poder para dispor desta lei universal. — Este privilégio é uma excepção que está fora do poder do homem, não está ao seu alcance... Só Deus a pôde fazer. Recorda-te como por meio de Josué, fez parar o sol; por meio de Moisés dividiu as águas do mar, e por meio dos seus anjos impediu que as chamas do forno de Babilónia causassem dano aos três jovens hebreus...; esse mesmo Deus fez que as águas do pecado se dividissem diante de Maria Imaculada: é um triunfo de Deus... é verdadeiramente divino este privilégio, é uma glória divina da Imaculada Conceição.

4.º — *O nosso privilégio.* — Nós também participamos deste privilégio. Nascemos em pecado, porém tivemos a dita de sermos baptizados e as nossas almas ficaram então puras e inocentes, semelhantes à de Maria. A graça baptismal tornou-nos formosos perante Deus... por isso ao celebrarmos com alegria e ao meditarmos com regozijo a Conceição Imaculada de Maria, devemos celebrar e meditar o nosso nascimento à vida da graça. Perguntemos a nós mesmos diante deste exemplo magnífico de Maria: «Vivo com aquela pureza imaculada do meu baptismo? Perdi-a?... Não a soube apreciar?» — Pede perdão a Maria e a sua ajuda para viver sempre a vida de pureza e castidade do seu Puríssimo Coração.

7. Maria Imaculada — A sua formosura

Maria em todos os seus mistérios e invocações é sempre a mesma: a Rainha da beleza e da formosura..., mas é dum modo especial bela neste mistério da sua Conceição Imaculada — todos nós consideramos nele assim. — Meditemos pois nesta formosura.

Para a compreendermos melhor, ajuda percorrer as belezas que Deus espalhou no mundo: a Virgem Santíssima sobrepujará todas essas belezas criadas.

1.° — *Formosura da terra.* — Vê a beleza da terra... Houve tempo em que nada existia... era o caos, a escuridão, o nada...

Um dia porém disse Deus: *fiat* e apareceu a luz, o firmamento, as flores, as árvores, o sol para o dia e a lua para a noite, os mares com os peixes e os ares com as aves, os bosques, os montes e os vales com toda a espécie de animais. Detém-te por algum tempo a considerar na formosura e beleza deste conjunto da natureza...; considera toda a sua variedade em flores, animais..., a sua ordem admirável, cada coisa com seu fim, com seu destino, ainda que nós o ignoremos.

2.° — *Formosura do Paraíso Terreal.* — Tudo quanto Deus havia criado Lhe pareceu pouco; e então separou na mesma terra uma parte na qual plantou um verdadeiro

paraiso de delícias... magnífico, esplêndido... nele reuniu todas as belezas da criação, os mais belos matizes em animais e plantas; os mais doces e sazonados frutos...; os rios mais fecundos e mais poéticos..., enfim todos os bens sem mal algum... pois nada havia mau, nada havia que fizesse mal ou dano algum.

Representa este quadro na imaginação o melhor que puderes pois sempre será muito inferior àquela magnífica realidade.

3.º — *Da Criação Insensível.* — Tudo isto na criação sensível. — Mas, na insensível que não vemos? Imagina, se podes, o que será o céu. Aquele paraíso magnífico que não é um paraíso terreal; a terra comparada com ele não vale nada. — Lembra-te daquelas palavras de S. Paulo: *nem os olhos viram, nem os ouvidos ouviram...*

Pensa finalmente que tudo o que é da terra é passageiro e que tudo o que é do céu é eterno... isto, terreno: aquilo, celestial..., aqui é o cárcere e o exílio, lá a Pátria e o lugar da felicidade e da bem-aventurança. O que será o céu! Quantas belezas não terá, mesmo prescindindo da visão de Deus!

Quantas coisas lá haverá que nós nem sequer podemos vislumbrar ou imaginar!...

4.º — *O Rei da Criação.* — E agora pegunta: E tudo isto para quê e para quem é destinado? Toda a criação para que foi destinada?

A terra foi destinada para o homem e o paraíso terreal para o justo e inocente..., isto é, para uma criatura que bem depressa se ia revoltar contra Ele e contra as suas ordens... E o céu, a quem era destinado? ... Aos seus anjos... aos seus cortesãos e ministros entre os quais havia de encontrar também traidores e ingratos que se revoltariam e desobedeceriam a sua divina Majestade, pretendendo na loucura

da sua soberba lançar ao Senhor fora do seu trono fazendo-se eles deuses.

A terra para os homens, o céu para os anjos!

5.º — *Beleza de Maria.* — Continua perguntando à tua alma: se Deus para dar gosto aos homens e aos anjos fez tais maravilhas, que não faria para dar gosto a Maria a quem amava mais do que a toda a criação? Se para seus servos criou um tal palácio, como o mundo, que faria para habitação e palácio de seu Filho que não quis outro paraíso senão o seio de Maria? — Repara como Deus trocou o céu de boa vontade para habitar em Maria. — Que pureza daria àquele sangue que havia de correr pelas veias de seu Filho!... que carmim não daria àqueles lábios que tantas vezes iriam beijar as faces de Jesus!... que brilho não comunicaria a seus olhos que se iriam extasiar contemplando os de seu Filho!... que mãos as que iriam sustentar o Rei da Criação!... Que pureza, que delicadeza, que ternura naquele coração... que excede em ternura o coração de todas as mães!... Continua contemplando e extasiando-te perante a beleza de Maria Imaculada e verás que toda a formosura terrena desaparecerá na presença dela...

8. Maria Imaculada — A Sua Santidade

Tudo quanto ontem meditámos reduzia-se à beleza física da Santíssima Virgem, mas, que comparação pode haver com a formosura da sua alma?

Detenhámo-nos hoje a considerar a sua formosíssima alma e tratemos de sondá-la um pouco.

1.º — *A santidade na terra é a graça.* — E quem a tem em tão alto grau como Maria? — De quem se disse que a possui na sua plenitude? Uma alma em graça é o mais belo espectáculo que se pode imaginar na terra..., é a imagem da formosura do próprio Deus. — Que santidade a de algumas grandes almas que tem havido na Igreja de Deus!... a de Santa Mónica que soube formar a de Santo Agostinho..., Santa Isabel que converteu a Deus todo o seu reino... Santa Teresa de Jesus a quem o Senhor disse que só por ela criaria o mundo com todas as suas maravilhas. — Recorda os nomes de Francisco Xavier, Inácio de Loyola, Paulo da Cruz, Francisco de Assis, Santa Cecília que conversava diàriamente com os anjos... Santa Inês que não teve outra mancha mais que o sangue que derramou nas aras da vingindade... e desta maneira milhares e milhares de santos e santas que perfumam todos os dias o jardim da Igreja. Junta toda a santidade e toda a beleza e formosura dessas almas... e compara-a com a de Maria. — Ela na sua

Conceição teve mais santidade e graça que todos os santos juntos..., onde os outros acabam, Ela começa. Que maravilha será Maria?!

2.º — *Santidade de Maria.* — A razão é porque todos, como diz S. João, *tiveram que ir lavar as suas vestes no sangue do Cordeiro.* Ah! se tiveram que as lavar é porque estiveram manchadas, pelo menos durante algum tempo... A alma de Maria, porém, não teve necessidade de ser lavada, porque nunca se manchou nem mesmo ao de leve. — Se tomamos uma rosa num jardim, ainda que seja a mais formosa e aromática... ao examinarmos as suas pétalas, vemos pó, manchas talvez... talvez no seu cálice se esconda algum insecto, algum verme...

No jardim da Igreja acontece o mesmo. — Há muitas flores: açucenas de pureza, lírios de candura, rosas rubras de amor divino, violetas de humildade... etc., mas todas na raiz têm o bicho, a baba da serpente infernal..., são flores de um jardim onde há uma áspide que a todas infecta. — Maria é a única flor de pétalas brancas, sem pó e sem espinhos: rosa de horto fechado..., mais pura que o próprio sol, que também tem manchas...; por isso d'Ela diz a Igreja que «comparada com a luz é mais pura e brilhante».

Que formosura a alma de Maria!

3.º — *O amor é beleza e santidade da alma.* — A perfeita beleza da alma só no céu se pode encontrar. O amor é união, é participação de Deus e, quem a possui em mais alto grau do que Maria?

Vê como os Anjos, os Querubins e os Serafins se abrasam nesse fogo de caridade e amor... Como amarão!... Qual será a sua formosura?!... Dizem os ascetas e santos que se víssemos a um anjo julgaríamos que era Deus e adorá-lo-íamos... que a sua vista seria suficiente para causar-nos a morte de alegria... que poderíamos só com vê-lo

ser bem-aventurados por tempo ilimitado sem que nos cansássemos de ver aquele espectáculo. O que será um anjo! — Contudo, isto não é nada... Maria Imaculada participa de Deus, tem mais fogo de amor que todos eles juntos porque afinal de contas eles são servos e escravos de Deus... e Maria é a Mãe do Senhor e a Rainha do céu e dos anjos todos... O que será Maria!?...

Contempla-a como a pintou Murilho depois de muito orar e comungar. — Projectada num céu azul, envolta em nuvens de matiz azul também, com as mãos sobre o peito, o olhar fixo em Deus, elevando-se para o céu como a quem nada pesa o corpo, que a nós tanto nos arrasta para a terra, pisando docemente a lua, vestida com a brancura da neve e o azul do céu, pregadas no seu manto as estrelas, e rodeada de anjos que com palmas e rosas nas mãos contemplam atónitos aquela beleza; que retrato tão belo!... e contudo Murilho foi o pintor do rerato..., mas o pintor da realidade não foi Murilho, nem pôde ser outro senão o mesmo Deus... e posto Deus com todo o seu poder e amor a pintar e a aformosear a alma de Maria, que quadro terá feito?... O que será a Imaculada...

Tota pulchra es... diz-lhe muitas vezes com a alma extasiada diante d'Ela... Sois toda formosa, minha Mãe... E Deus recreia-se todo em tão graciosa beleza... Concedei-me o participar dessa formosura... que me enamore dessa beleza de pureza e virgindade para assim imitar-vos nalguma coisa...; e para isso vos entrego desde agora a minha vida e o meu coração...

Olhai-me com piedade, minha Mãe!... e se me permitis que viva nos vossos braços, participarei da vossa beleza e convosco irei gozar dela no céu...

9. Maria Imaculada — A Redenção

Vejamos hoje finalmente como a SS.ma Virgem tomou parte na obra da Redenção humana com Jesus Cristo, e como Ela tomou parte nessa obra, precisamente por ser Imaculada.

1.º — *A Obra da Redenção.* — A mais importante de Deus — muito mais que a criação. — Para criar bastou uma palavra... para remir-nos foi necessário que o Filho de Deus em pessoa baixasse à terra para a realizar. — De que modo? — do modo mais humilhante para Deus e mais vantajoso para nós, — porque Deus ao humilhar-se na Redenção não só nos remiu, como também encurtou a distância que separava o homem de Deus, e se fez igual a nós, para que fôssemos iguais a Ele. — Que bondade! Que amor! Pois bem, nesta obra tão grandiosa e tão verdadeiramente divina, de tal modo quis o Senhor associar a SS.ma Virgem que Ela veio a ser a solução dos «dois conflitos divinos», como lhes chama Santo Agostinho, que pareciam insolúveis à sabedoria humana.

2.º — *Primeiro conflito divino.* — A ofensa do homem tinha sido, em certo modo, infinita na sua malícia, porque o ofendido era infinito e a ofensa depende da pessoa ofendida. — Portanto só uma obra infinita podia dar a devida

satisfação e justa reparação a este pecado. — Obras infinitas ninguém as pode fazer senão Deus...; logo só Ele podia remir o mundo. Porém a Redenção tinha de efectuar-se por meio do sacrifício que é a destruição de uma coisa em honra de Deus, e portanto, se Deus não pode sofrer, nem morrer, nem destruir-se, Deus não pode ser a vitima ou a hóstia dèsse sacrifício. — Conflito divino... Impossibilidade absoluta...: por uma parte a vitima não pode ser senão Deus, por outra, Deus não pode ser vitima... que fazer? Onde encontrar a solução?

— Foi necessário todo o poder da sabedoria de Deus..., toda a santidade e amor do Espírito Santo — para que por seu meio se levasse a cabo a magnifica solução.

E com efeito, «nas entranhas puríssimas da Santíssima Virgem formou o espírito Santo do puríssimo sangue desta Virgem um corpo perfeitíssimo», etc... Medita devagar estas palavras do catecismo e verás como a solução de tudo, foi a Santíssima Virgem Mãe de Deus, em cujo seio o Verbo se fez carne. — Já Deus tem Mãe; já tem corpo que Ela Lhe deu, e sangue para oferecer pela redenção do mundo...; já pode efectuar-se a Redenção, graças a Maria.

3.º — *Segundo conflito.* — Esta vitima porém, tinha de ser sem pecado, porque ia remir o mundo e pagar pelo pecado. — Mas se essa vítima tomasse a carne e sangue de Maria, seria uma vítima humana, como nós, e nós nascemos em pecado. Também aquela vítima nasceria como nós em pecado? — Não pode ser, seria absurdo.

Então como resolver esta dificuldade? — Só há uma solução... que supõe um milagre inaudito, um privilégio singular...; e, como para Deus não há impossíveis... assim o quis e assim foi... E Maria Imaculada, concebida sem pecado, é a solução que dá a Deus a carne pura e o sangue límpido que pode ser vítima santa do sacrifício da Cruz. — Por Cristo somos remidos, mas Cristo redime-nos por

meio de Maria Imaculada. Glória ao Redentor! Glória à Corredentora!

Por isso, Maria que tão grande parte teve na obra da Redenção não podia faltar quando se levou ao termo na Cruz essa Redenção divina. E se não estava presente com seu Filho nas pregações apostólicas, se não foi testemunha de todos os milagres nem O acompanhou nas suas obras de triunfo, não faltou na hora do sofrimento, e tão unida com Jesus Cristo que, ao sofrer Jesus as dores agudas dos espinhos, dos açoites, o golpe da morte, tudo isso Ela ali presente, sofria no seu coração, bebendo com Jesus até às fezes o Cálice da Paixão..., unindo-se com Ele na Ara da Cruz como duas vítimas de um mesmo sacrifício..., como duas hóstias que se imolam no mesmo altar... Hóstias e vítimas agradáveis a Deus por serem santas, puras, imaculadas.

Dá graças à Santíssima Virgem ao vê-la assim cooperando tão eficazmente na nossa salvação... e ao ver como a solução de tudo, é a sua pureza imaculada, ama cada vez mais esta preciosa virtude tanto do agrado de Deus e tão querida da Santíssima Virgem.

10. Natividade de Maria

1.º — *O nosso nascimento.* — É celebrado e festejado o dia do nosso nascimento como dia de alegria. É costume de família o alegrar-se com o nascimento duma criança..., e com maior razão se é o primeiro filho... que alegria! que felicitações não recebem seus pais!... e no entanto, quantas vezes deveriam chorar! Quantas vezes não há mais motivo de pêsames que de felicitações! — Pergunta diante de um berço de uma criança recém-nascida, que futuro a espera e tudo são respostas cheias de dúvidas e incertezas... Uma só coisa podes assegurar com certeza e é que terá que sofrer. — Ninguém a ensina a chorar..., e é a única coisa que aprende sem mestres, e essas lágrimas jamais se secarão nos seus olhos e no seu coração.

E na ordem espiritual? Acontece o mesmo...: não há razão para parabéns e felicitações. — Apenas começa a viver e já é escrava do demónio..., manchado pelo pecado ainda que pareça inocente..., privado do céu...: se naquele momento morre, o céu não será para ele.

— Receberá o baptismo e com ele a graça; porém... quanto tempo estará em graça? Pode assegurar-se bem quanto tempo lhe durará a inocência...: até que lhe desponte o uso da razão: logo então começará a pecar. — Já notaste como se conhece que já tem uso da razão. — Precisamente porque já tem malícia para pecar... Que pena!

mas é assim. — Pensando bem, não há nada mais triste que o nascimento de uma criança... A dor, as lágrimas, a incerteza, o pecado... a concupiscência cercam o seu berço... Onde está o motivo de nos alegrarmos?...

2.° — *Como procede a Igreja.* — A Igreja procede de um modo completamente diferente. — Nunca celebra o nascimento de seus filhos como o mundo; pelo contrário, quando o mundo no dia da morte se veste de luto, ela alegra-se. Vê como em todos os santos se comemora o dia da sua morte que é chamado o dia «do nascimento para o céu» e se estabelece nesse dia a sua festa: ao contrário, passa em silêncio o dia em que veio ao mundo.

— Princípios diametralmente opostos. — O mundo considera as coisas com olhos terrenos e celebra a entrada na vida. — A Igreja atende sobretudo à vida celestial e não lhe importa o nascimento na terra, senão no céu. — Quem terá pois mais razão? — Convence-te de que o ponto de vista da Igreja é o verdadeiro...; o dia em que se nasce, é dia em que começa a dor, a enfermidade e a morte. — Nascemos condenados a morrer e a padecer. — No dia da morte começa a vida verdadeira que não terá morte nem fim..., nem dores, nem sofrimentos..., senão uma eternidade ditosa, feliz e bemaventurada. — Esta, a verdadeira vida. O nascimento para esta vida eterna é o único dia digno de ser celebrado.

3.° — *Nascimento da SS.^ma Virgem.* — Essa é a regra geral. — Há porém uma excepção. — A própria Igreja a reconhece. Ela que nunca celebra o nascimento terrestre de seus filhos, chega a um momento em que, por excepção extraordinária, se veste de alegria, transforma-se e manifesta-se em grandes efusões de ternura e contentamento, que não pode reprimir, e estabelece uma festa especial para celebrar um nascimento: o nascimento da Santíssima Vir-

gem! — A mulher predestinada para ser Mãe de Deus aparece sobre a terra com a alma santa e imaculada... com a mesma pureza e santidade com que saiu das mãos de Deus... e a sua vida terrena é vida de graça..., não é só vida celestial, mas verdadeiramente divina. — Por isso, a Igreja celebra-a e convida-nos a celebrá-la com estas palavras: «Com grande alegria celebramos a natividade da Santíssima Virgem Maria, pois o seu nascimento encheu de alegria todo o universo». Alegra-te e corre a felicitar a tua querida Mãe..., a única que merece ser felicitada em seu nascimento..., a única que traz com a sua vida terrena o gérmen da vida da graça para si e para todos nós.

11. Natividade de Maria

A Natividade da Santíssima Virgem constitui um motivo de alegria universal para a terra e para o céu. — Com o seu nascimento alegram-se Deus, os anjos, os santos e toda a Igreja.

1.° — *Gozo de Deus.* — É a obra prima das suas mãos. — Diz o Génese, que ao ver Deus as coisas que tinha criado Lhe pareceram muito boas e se regozijou com elas; como não gozaria ao contemplar Maria!

Penetra mais ainda neste pensamento. — Recorda como o homem pecou e nele toda a criação transtornando o plano de Deus. — Já não podia o Senhor ver com gosto a terra..., não tinha onde pousar seus olhos... Por toda a parte se tinha estendido o reino do pecado.

— Aparece então Maria e tudo muda. Volvidos quatro mil anos Deus torna a ver bela a criação, a terra, os homens...; já não aparta a sua vista deles com asco e repugnância. Vê novamente a sua imagem perfeita e pura em Maria e por Ela contempla a sua imagem restaurada nos homens.

Que motivo de gozo para Deus o nascimento de Maria! Que alegria ao contemplá-la tão pura, tão santa, tão cheia de graça!

Vê o Pai Eterno regozijando-se com o nascimento da sua Filha predilecta...; o Filho ao ver já na terra aquela

a quem iria dar o nome suavissimo de Mãe como a contemplaria e se regozijaria n'Ela!... O Espírito Santo que tanto empenho teve em que esta menina ainda pequenina tivesse já mais graça, formosura, pureza e santidade que todos os santos juntos, com que imenso carinho e amor foi colocando uma por uma todas as virtudes no coração da sua Esposa querida! — Percorre-as e verás como todas elas ali se encontram.

2.° — *Gozo dos anjos.* — Depois de Deus e juntamente com Ele, alegram-se os anjos. — Já nascera a sua Rainha e Senhora, aquela que depois da divindade, constituirá o espectáculo mais belo do céu. — Compara essa Menina com todas as belezas do céu e reconhece que depois de Deus nenhuma pode compaprar-se com Ela. Recorda a rebelião de Lúcifer no céu. Parece que foi por Deus lhes ter feito ver que um dia teriam de adorar seu Filho feito homem, e reconhecer como sua Rainha a Mãe desse Filho, que a soberba de Lúcifer julgou ver-se humilhada perante essa mulher a quem considerava inferior, e não quis submeter-se a essa prova, lançando o grito de rebelião que arrastou tantos outros anjos ao inferno. Repara pois no demónio cheio de raiva e desespero, vendo que Maria é incomparàvelmente mais formosa do que ele tinha sido; e nota portanto a falta de razão que teve ao rebelar-se daquele modo.

Por outra parte considera os anjos bons, regozijando-se agora mais do que nunca de terem sido fiéis a Deus, pois em prémio não recebem nenhuma humilhação, mas é uma glória para eles ter Maria como Rainha. Vê como estão felizes e impacientes, não podendo conter seu entusiasmo e baixando em legiões junto do berço de Maria..., querendo todos ser os primeiros a oferecer-lhe suas homenagens. — Ao contrário, ouve os rugidos que lança a serpente infernal ao sentir sobre a sua cabeça o peso de um pé que a esmaga, e ao ver que esse esmagamento, que tanto a humilha será

eterno; ela, com todo o seu orgulho, eternamente esmagada pelo delicado pé de uma donzela. Que vergonha! Que humilhação!

3.º — *Gozo dos santos no Limbo.* — Pobres almas, aquelas que estavam encerradas naquele desterro do Seio de Abraão! — Apesar de serem almas justas e santas, não podiam gozar da glória do céu. — Vê-as; são as almas dos grandes Patriarcas, Profetas e todas as figuras excelsas do Antigo Testamento.

— Séculos e séculos passaram e o dia da liberdade não chegava. Que longas se tornam as horas, que eternos são os dias quando se espera com anseio uma coisa que não acaba de chegar! qual não seria pois a ânsia daquelas almas! Pois bem; contempla-as no dia de hoje quando o Senhor lhes comunica que já chegou à terra a Mulher predestinada... que já nasceu a Mãe do Messias prometido e profetizado... que enfim já existia aquela que com seu Filho havia de dar-lhes a liberdade. Quem poderá explicar o gozo, os cânticos de agradecimento que entoariam ao Senhor e, ao mesmo tempo, de louvor e de boas-vindas à Santíssima Virgem?! — Agora sim que ia soar a hora..., mais algum tempo de prisão e em seguida a liberdade eterna... porém essa liberdade trazida por uma Menina encantadora que acabava de nascer.

Abrasa-te de entusiasmo ao ver este gozo tão grande em Deus, nos anjos e nos justos. e uma vez mais une-te a eles para juntamente cantares louvores perante o berço formosíssimo de Maria.

12. Natividade de Maria

Se é grande a alegria de Deus e a dos anjos no nascimento de Maria, não deve ser menor a nossa, porque enfim é de nós que está mais perto a Santíssima Virgem por ser da nossa mesma natureza e por sermos nós os que mais havemos de participar dos benefícios do seu ditoso nascimento.

1.° — *A nossa alegria.* — O nascimento da SS.ma Virgem é o fim da triste noite..., noite de séculos em que jazia sepultada a humanidade... Isaías dizia que estava nas sombras da morte, pois tão triste era essa noite do pecado, que não há nada com que possa comparar-se senão com as negras e terríveis trevas da morte. — Contempla o desfilar de toda a humanidade, sem ver nem um só raio de luz..., no meio dessa escuridão. — Como é triste a noite! — Que seria uma noite de muitos dias, de muitos anos, de séculos!... Em meio dessa noite brilhavam como estrelas as almas boas com resplendores de santidade..., porém toda essa luz junta, era nada... era insuficiente para dissipar as trevas.

Vês o que se passa com as estrelas numa noite escura? Não é possível com a luz que elas dão fazer nada...; não podemos dar um passo seguro; tudo tem que ser a tentear e com muito medo de tropeçar e cair.

Mas se no meio da escuridão vemos a luz da aurora

que se estende cada vez mais e aumenta a sua claridade e a sua luz, ah! então sim, que sentimos a alegria e o gozo que traz consigo a aparição da luz e do sol. — Assim, assim apareceu Maria no meio daquelas trevas de morte.... como a aurora de Deus..., como a suave alvorada depois da qual viria logo a seguir a luz do sol divino a alumiar toda a terra.

Ao vir a luz da aurora as feras e as alimárias nocturnas fogem e escondem-se nos seus covis ao passo que as avezinhas inocentes cantam e trinam, as flores puras abrem os seus botões e exalam os seus aromas e todas as coisas se vestem de cores belas. — Assim ao nascer Maria, os demónios fogem..., os anjos cantam, as virtudes florescem e todo o mundo se ilumina e se alegra. — Que belo! Que poético! Que magnífico foi esse amanhecer!

2.ª — *A tua alegria.* — E tu em particular não hás-de participar desta alegria? O que sucedeu no mundo não se repete no coração de todos os homens? ... Não o sentes tu no teu? — Não vês essas noites de pecado... essas sombras de morte inundando o teu coração? E não vês a luz que pode iluminar-te, que pode guiar-te, que é Cristo e que te vem por meio de Maria? — Não sentes como é Ela a aurora da tua vida?

Imagina um areal seco, sem flores, sem plantas, sem vida...; mas se n'ele encontramos um oásis depressa surgirá uma palmeira com os seus ramos e com os seus frutos. Vê uma videira estéril e agreste que não produz senão uvas amargas...; mas se nela enxerta um ramo bom produzirá frutos bons. — É assim a tua alma..., um areal, um sarmento seco...; se pode produzir alguma coisa é graças a estar enxertada em Cristo, por meio de Maria. — Se não é terra estéril, é pela Santíssima Virgem que semeia no teu coração esse oásis dulcíssimo de Jesus.

Recorda aquela nuvenzinha de Elias, imagem de Maria que fecundou aquela terra seca e a fez produzir... Assim

fecundou Maria a terra: por meio dela brotaram açucenas de virgens..., lirios de castidade..., rosas de puríssimo amor...; e assim brotarão também no teu coração. — Mas não o esqueças: só com Ela e por Ela. — Sem Ela, terra seca..., areal estéril..., ramo podre... Como deixar de te alegrares neste nascimento tão glorioso e tão benéfico para a tua alma?!

3.° — *Antes de Jesus vem sempre Maria.* — Finalmente este nascimento recorda-nos esta dulcíssima verdade: que Maria vem sempre antes de Jesus. Deus quis que na natureza não nascesse o sol de repente mas que o precedesse a formosa luz da aurora. — O mesmo quis na ordem da graça. — Não quis que aparecesse no mundo o Verbo feito carne, sem que viesse antes como esplêndida aurora, a menina, Rainha dos anjos, concebida sem mancha. — Não quer que saia e brilhe o sol de Justiça, Cristo Jesus, sem que antes nasça nas almas espiritualmente, a Mãe da Graça. — Não quer enfim estabelecer o seu reino neste mundo sem que antes tenha nele o seu trono, Maria. — Maria, portanto, é sempre a aurora de Jesus. — Não te lances a conhecer e a amar a Jesus sem estudar bem a fundo e amar com carinho filial a Maria. — Examina-te pois neste ponto tão interessante... Vê se realmente e pràticamente fazes tudo *com Maria e por Maria* para dar gosto a Jesus... se sabes imitar a Maria e esvaziando-te de ti, encher-te dela, para assim poderes revestir-te e encher-te da mesma vida divina, que Jesus quer dar à tua alma.

13. O nome de Maria

1.º — *Importância do nome.* — É um dos primeiros actos que se realiza quando nasce uma criança, o dar-lhe um nome. — Todos lembram com carinho a festa do seu nome e costuma celebrar-se com solenidade semelhante, e por vezes ainda maior, do que a do dia do aniversário natalício. É uma das festas da família em que ao celebrar-se o santo nome do pai ou da mãe, se manifestam mais as suavíssimas expansões e alegrias profundas dos filhos.

Recorda estas festas e as que com motivo do santo do teu próprio nome terás celebrado...; felicitações, obséquios, presentes, visitas... etc., tudo isto é próprio deste dia. — Pois bem, hoje meditamos a festa do nome de Maria..., a festa do dia do santo da Santíssima Virgem... Grande dia, grande festa deve ser para os seus devotos, para seus filhos amados!

Pensa, além disso, que a importância do nome depende da conformidade com a pessoa, isto é, que quanto melhor a representar, mais adequado será aquele nome. — No mundo muitas vezes dão-se os nomes por capricho dos pais, por lembranças de família... nunca se atende a que seja digno e represente adequadamente a pessoa. — Porém em Maria não foi assim. — Não era conveniente que se lhe impusesse qualquer nome senão um que reunisse todas as graças e maravilhas que Deus havia encerrado n'Ela. — Por isso

ninguém podia dar-lhe um nome completo e adequado senão o próprio Deus... E esse nome é Maria!

2.° — *Grandeza deste nome.* — Já se compreende qual será esta grandeza se o próprio Deus é o autor dele. — Tanto mais, que Deus nos deu nele como que um resumo do que é a Santissima Virgem. — Quando o Senhor escolhia a alguém para alguma coisa de extraordinário, o que primeiro fazia era mudar-lhe o nome, para que esse novo nome que Ele lhe dava correspondesse ao altíssimo fim a que destinava essa pessoa. — Assim mudou o nome de Abraão..., impôs o nome de Isaac... por meio dum anjo, indica a Zacarias como se chamará o Precursor e lhe diz que será João...

O mesmo J. Cristo ao fundar a Igreja e ao eleger entre os Apóstolos o que será sua cabeça e fundamento, Simão, também lhe muda o nome e lhe chama Pedro. — Agora pergunta a ti mesmo, que vale a dignidade e importância do ofício confiado a Abraão, a Isaac, ao Baptista e a S. Pedro, em comparação com a dignidade e com o destino de Maria? — Quem pode, pois, dar-Lhe um nome digno desta grandeza senão o próprio Deus?

Nós podemos chamar-nos de muitas maneiras, e como agora por vontade de nossos pais temos este nome actual, podíamos ter outro muito diferente. — Porém com a Santíssima Virgem não foi assim..., chamou-a Maria e não pôde ter outro nome, porque o próprio Deus não encontrou outro modo melhor de A chamar. — Vê, pois, que magnífico, que sublime não é este santíssimo e dulcíssimo nome!

Em certo modo pode dizer-se que vale tanto quanto a própria SS.ma Virgem, pois que a Ela representa. — Por isso o Evangelho que tão poucas palavras diz da vida de Maria, não omite este pormenor de tanta importância e expressamente diz: *e o nome da Virgem era Maria. Assim, afirma S. Pedro Damião que o nome de Maria foi tirado*

desde tôda a eternidade dos tesoiros da própria Divindade, quando no céu foi decretada a Redenção mediante a Incarnação do Verbo.

3.º — *Utilidade.* — Tira pois por conclusão como devemos respeitar e venerar este santíssimo nome e como depois do nome de Jesus não há outro nem mais santo, nem mais doce, nem mais útil para nós que o nome de Maria.

Se o nome de Jesus é santificador, também o nome de Maria nos santifica se soubermos pronunciá-lo com o respeito e amor que merece.

— E aqui está porque depois do nome de Deus e do de Jesus, o nome de Maria é o mais popular de todos. — As Mães ensinam-no a seus filhos..., os doentes e atribulados assim A chamam; os moribundos, deste modo A invocam... Quantas igrejas, quantas ermidinhas levantadas em todo o mundo em honra do nome de Maria!... Que pecadores convertidos só com esta invocação!... Quantos milagres realizados com a invocação do nome de Maria!

Nada há mais doce às almas santas, nem mais proveitoso às pecadoras, do que juntar estes dois nomes benditos de Jesus e Maria e pronunciá-los e invocá-los muito a miúdo para acostumar-se a tirar deles a imensa utilidade que a sua frequente repetição traz às almas.

Fazes assim tu? Procuras estudar a importância e a grandeza divina deste santíssimo nome? — Di-lo muitas vezes com verdadeiro fervor, especialmente nas tentações, dificuldades, contrariedades e desgostos da vida? — Procuras sobretudo tê-lo bem gravado no fundo do teu coração?...

14. O nome de Maria

Se este nome não nos pode ser indiferente, antes deve interessar-nos muito saber conhecê-lo e pronunciá-lo com fervor, é muito importante que nos detenhamos a examinar e a meditar o que ele significa. — É difícil acertar com o seu verdadeiro significado... Dão-se mais de trezentas significações dele, e foi providência do Senhor que significasse muitas coisas e todas muito boas, para dar-nos a entender que na Santíssima Virgem se reunem todas as excelências e perfeições. — De todas estas interpretações vejamos as mais prováveis que são as seguintes:

1.º — *Formosa*. — Melhor ainda, «a Formosura», por excelência, como se quisesse significar que só Ela é «a formosura» e que qualquer outra fora d'Ela não existe senão na aparência. — «Formosa como a lua», canta a Igreja; porque assim como nas trevas da noite, onde tudo é feio e triste, aparece a luz plácida, serena e bela da lua, realçando no meio das trevas e brilhando mais que todas as estrelas juntas... assim Maria destaca-se e eleva-se pela sua branca formosura e comunica-a a todos os que d'Ela querem participar.

A Igreja também a chama — *Tota Pulchra*. — Toda formosa, pois que n'Ela não há nada que não seja formoso: seu corpo, sua alma, seus olhos, seus sentidos, seu coração...

tudo; porque n'Ela não há nada feio, ou manchado com alguma coisa que embacie essa formosura. — Pensa no que o mundo chama formoso e convencer-te-ás de que ele nem sequer conhece a sombra do que é a formosura. A uma beleza corporal, muitas vezes artificial, sempre aparente, pois apenas é uma coisa exterior e nada mais... a isso chama ele formosura...; com essa formosura se contenta..., não conhece outra. Ao contrário, olha para Maria e a todo o momento a verás formosíssima, e *Toda Formosa*. Que bem quadra este nome a Maria, se o significado de Maria é este!

2.º — *Senhora* e *Dominadora*. — E é de facto verdadeira Senhora. — Nunca foi escrava, nem serva do demónio... do pecado... das paixões. Escrava só do Senhor..., e por isso mesmo Rainha e Senhora. — O povo cristão assim o entende e por isso a chama *Nossa Senhora*. — Recorda como é Senhora dos anjos, que se gloriam de poder servi-lA. — Eles foram muitas vezes seus servos; na Anunciação, na fugida para o Egipto, na gruta de Belém... no mesmo Calvário, anjos de dor foram a ampará-lA e a chorar com Ela. — E dominadora dos próprios demónios que a temem só com ouvir-lhe o nome. — A este santo nome ajoelham os céus, a terra e os abismos. — O demónio teme a Senhora, ainda mais do que a Jesus, pois assim quis Deus para que a humilhação fosse maior e mais admirável o triunfo de Maria.

E, finalmente, *Senhora dos homens*. Mas senhora e Rainha de Misericórdia. — Jesus dividiu o seu reino e o seu ceptro, e ficando Ele com a justiça, como Juiz que é dos vivos e dos mortos, deu a Maria o poder da Misericórdia. — A sua grandeza e majestade não ofende, não aterra; pelo contrário, arrasta amorosamente mas com força ainda que seja muito suave esta força. — Vê se não sentes em ti isto mesmo ao prostrar-te aos pés desta grande Senhora.

Por isso é Rainha e Senhora dos corações. — Ninguém senão Ela, tem direito a mandar nos nossos corações.

Examina se é Ela que realmente manda e dispõe, como Senhora absoluta do teu coração.

3.º — *Mar e Estrela do Mar*. — O mar é o conjunto de todas as águas da terra e do céu que caiem por meio da chuva e a ele vão parar.

Assim, diz o Génesis que ao criar Deus a terra, reuniu todas as águas num ponto e chamou-as — Mar. — Do mesmo modo sucedeu com Maria; todas as graças que o Senhor repartiu pelas criaturas, anjos e homens, reuniu-as em Maria — e por isso, é o mar de graças onde se encontram todas as que queiramos buscar.

Do mar se levantam as nuvens, que logo caiem em forma de chuva a fecundar a terra; assim derrama Maria do Oceano imenso das suas graças, as que fazem frutificar as almas em virtude e santidade. As águas do mar são amargas, como foram amargas as penas do Coração de Maria, verdadeiro mar de amarguras, pois sofreu mais do que todos os corações juntos, na Paixão de seu Filho. — Por isso, se chama a Rainha dos Mártires, por ter padecido mais que todos eles.

Finalmente, é *Estrela do Mar*, porque é a luz que guia os navegantes deste mar do mundo..., do mar das paixões, que é no que mais fàcilmente podemos naufragar..., no qual navegamos geralmente às escuras, pois que a todo o instante nos cega o amor próprio e a força da paixão dominante. — Ela é a Estrela que está no alto para que sempre a possamos ver..., para que a possamos encontrar sempre. — Por isso a colocou Deus tão alto, para que de qualquer parte a vejamos; mas também por isso mesmo, não a podemos ver sem levantarmos os olhos..., quanto mais os abaixares para veres as coisas da terra menos a encontrarás. — Vês como fica bem à Virgem Santíssima este nome em

todos e em cada um destes significados! — Compreendes, portanto, porque só a Ela convém nome tão excelso? — Trabalha por imitá-lA e tê-lA sempre presente, repetindo sem cessar êste dulcíssimo nome, como se gosta de repetir o nome duma pessoa que se ama.

15. Apresentação de Maria

Terno e delicado é este mistério da vida da Santíssima Virgem, como sumamente prático pelos grandes ensinamentos que encerra para as nossas almas.

1.º — *Prontidão em seguir a vocação de Deus.* — Eis um dos mais admiráveis ensinamentos desta passagem da vida da SS.ma Virgem. — Contempla a Virgem Santíssima, criancinha, na idade de três anos, a desprender-se dos braços de seus pais, a subir correndo os degraus do Templo, sem voltar sequer a vista para trás e a oferecer-se ao serviço de Deus no Santuário. — Que cena encantadora! Aos três anos! — Aprofunda bem isto... Que pressa tem a SS.ma Virgem em se consagrar ao Senhor! Por um milagre excepcional, Maria nessa idade, tinha todo o uso da razão, e com essa razão, deliberadamente, dando-se conta do que fazia, aos três anos! vai ao Templo. — Não tinha perigos em casa, que era mansão de santos. — Não atende à sua tenra idade em que são ainda tão necessários os cuidados de um pai e sobretudo de uma mãe. — Não pensa na dor que vai causar a seus pais... nem a preocupa o novo género de vida que desconhece. — Tudo isso são razões da prudência humana... Ela ouviu a voz de Deus e imediatamente corre a segui-la, quanto antes melhor! — Tudo lhe parece demasiado tarde

e por isso, sobe correndo os degraus do santuário. Que lição de fervor nos dá esta menina!

Compara-te com Ela e vê se assim serves tu o Senhor. Que fazes com as inspirações e chamamentos de Deus?... Segues com prontidão esses caminhos amorosos?... Lanças-te assim às cegas, sem pensar em nada, confiadamente, sem preocupar-te com nada... como Maria nos braços do Senhor e deixando a Ele o cuidado de todas as coisas? — Quando chegaremos a este desprendimento de tudo... até de nós mesmos... do nosso modo de ver as coisas.... do nosso próprio parecer... para proceder só como Deus quer!...

2.º — *A consagração de Maria.* — Penetra no Templo. oferece-se ao Senhor e a ele se consagra para ser toda sua, e para sempre. — Como faria a Santíssima Virgem esta consagração e como se agradaria d'Ela o Senhor! — Recorda as vezes que tu também tens dito alguma coisa de semelhante a Deus... Quantas vezes te tens consagrado a Ele!... e também lhe dizes que querias que a tua alma fosse toda sua e para sempre. — Porém, que diferença entre as tuas palavras e as de Maria! — As tuas terão causado ao Senhor mais de uma vez grande pena, ao ver quão mal cumpririas o teu oferecimento. — Ao contrário, que honra para Deus não derivaria deste oferecimento tão perfeito como foi o da Santíssima Virgem — total e perpétuo!

Considera como encanta a Maria este pensamento: ser de Deus!... Já o era desde o primeiro instante da sua conceição... Nunca deixou, nem havia jamais de deixar de o ser..., bem o sabia Ela, pois não ignorava a graça que tinha recebido do Senhor... e não obstante, ainda quer. se é possivel, ter mais união com Deus..., ser mais de Deus. — Que exemplo para ti! — Tu que tens mais necessidade do que Ela dessa união (porque tens mais miséria) quão

pouco a estimas! Quão pouco a procuras pràticamente! Quão pouco trabalhas por adquiri-la!

Ser de Deus!!! Seja este o teu único pensamento, o teu único anelo. Pede-lho hoje, deste modo a Maria.

3.º — *A vida de fervor.* — Daqui deduzirás que o Senhor não se contenta com que o sirvas de qualquer modo, senão como a SS.ma Virgem, com fervor; — ao fervor opõe-se a tibieza, que é o estado em que insensìvelmente se cai, quando se não fazem esforços na vida espiritual. — Com fazer as coisas só rotineiramente, sem espírito de abnegação, de vencimento, etc..., do descuido, do tédio passaremos fàcilmente para a tibieza. — Que enjoo e que repugnância causa a Deus a tibieza! Diz que ao tíbio o lançará de Si como se lança com náuseas um alimento que não se tolera. — Chegar a causar náuseas a Jesus! — Provocar-Lhe repugnância! — É para temer! Que santo temor deve causar-te este pensamento! — Estás perto deste estado? ... Vigias bem o teu procedimento para te encontrares longe dele?

Considera bem o exemplo de Maria. Em tudo parece proceder sob a impressão desse temor. — Como se houvesse para Ela perigo, procede com energia, com decisão, com prontidão, com fervor. — Se Ela pois sem ter nenhum perigo, assim procedeu, qual deve ser o nosso procedimento? — Não é tempo de dormir. — Basta de tantas graças de Deus perdidas como se perdem e inutilizam pela maldita tibieza.

Guerra pois à tibieza, à frouxidão, à rotina para que chegue deveras a tua alma a ser toda de Deus à imitação da tua querida Mãe.

16. Apresentação de Maria

A vida da SS.ma Virgem no Templo é muito digna de ser meditada, pois é a continuação do seu oferecimento ao Senhor e portanto também nessa vida podemos encontrar grandes ensinamentos para nós.

1.° — *Vida de oração.* — O Templo é chamado com razão casa de oração. — Em qualquer parte podemos orar a Deus, porém, o Templo é o lugar próprio da oração. — Por isso Maria não se contenta com aquela comunicação que tinha com Deus em sua casa, mas queria ir ao Templo para levar ali uma vida de mais oração. Contempla essa jovenzinha toda pureza, inocência, candor, prostrada no Templo. orando e falando com Deus... que trato e comunicacão íntima e mútua de Deus com Ela e d'Ela com Deus. — Que fervor de oração!

Examina perante esse exemplo as qualidades da oração: humildade, atenção, confiança. perseverança; e percorre-as uma por uma, diante dessa Virgenzinha prostrada por terra e verás que modelo acabado de oração encontrarás n'Ela. — Depois põe-te a seu lado. e compara a tua oração com a sua. — Em que se parece? — Reparas bem que estás na casa de oração e que para isso é que vais ao Templo... a orar, a tratar com Deus e *ùnicamente* para isso? — Sabes

orar em companhia da SS.ma Virgem e tê-lA a Ela por verdadeira mestra de oração?

Diz S. Boaventura, que Maria fazia oração ao Senhor sete vezes ao dia e que nessas orações fazia sete súplicas: 1.º, amá-lo com todo o seu coração...., 2.º, amar ao próximo em Deus e por Deus... 3.º, ter um ódio implacável a todo o pecado e a tôda a imperfeição... 4.º, uma humildade profunda, e com ela todas as virtudes, especialmente a pureza imaculada..., 5.º, a graça de poder conhecer o Messias prometido..., 6.º, ser muito obediente aos sacerdotes representantes de Deus, e deixar-se dirigir por eles para assim fazer sempre a sua divina vontade..., 7.º, que o Senhor mandasse quanto antes o Redentor para a salvação do mundo. — Não te parece que também tu deves pedir com preferência alguma coisa de semelhante? — Demora-te a pensar nestas petições e verás como em todas elas encontras alguma coisa que pedir ao Senhor, à imitação de Maria...

2.º — *Vida de santificação.* — O Templo é também casa de santificação. — Deus levou ali Maria para prepará-lA para o seu altíssimo destino de ser Mãe de Deus. — Mais tarde Jesus, antes da sua vida pública, também se retirará ao deserto.... deixará a sua casa e se afastará para longe do mundo, para ali tratar mais a sós com Deus. — Imagina a vida de recolhimento interior e exterior junta com a prática da mortificação que levaria a SS.ma Virgem no Templo. É a imagem da vida interior da alma. — Quanto nos agrada a vida exterior! — Ainda que esta seja boa, aguarda-nos mais e julgamos que fazemos mais pela glória de Deus quando exteriormente trabalhamos mais, e nos movemos mais; e no entanto, toda a vida de apostolado que não tenha por fundamento a vida interior, é completamente inútil. — Deus não a abençoa e portanto ela não frutifica. — É belo trabalhar pelos outros, porém temos de trabalhar primeiro por nós mesmos.

Pede a Maria muito amor ao retiro, à solidão, ao vencimento próprio e à abnegação de ti mesmo, à mortificação... enfim, à vida interior da alma.

3.º — *Vida de trabalho.* — Em Deus e para Deus. Sempre assim fizera; mas agora no Templo, dum modo especial todo o seu trabalho seria para Deus.

Vê também esta donzelinha entregue com afã ao trabalho do asseio e limpeza das coisas do culto; que amor e que devoção não acompanhariam o seu trabalho!

Todas as coisas ainda as mais pequenas, que se fazem por Deus, têm um valor imenso. — No serviço de Deus nada é pequeno. — Aprende a dirigir a Deus todo o trabalho e obras das tuas mãos, para que assim aumentes em amor e em merecimento perante Ele sabendo que nada disto ficará sem altíssima recompensa.

4.º — *A tua vida na igreja.* — Lembra-te da passagem da vida de Jesus Cristo quando expulsou os profanadores do Templo... Ele era a suma bondade e amor, e no entanto nesta ocasião, com grande energia, até com uma santa ira e abrasado zêlo, a chicotadas purifica aquela morada da oração que é a Casa de Deus.

A Casa de Deus! Que bem o compreendeu a SS.ma Virgem! Como soube viver nela dignamente! — Mas tu imitas sempre a SS.ma Virgem quando estás na igreja?... Ou estás imitando aqueles que tanto aborrecimento e desgosto causaram ao Senhor?... Não tens nada a corrigir no teu porte na Casa de Deus, ou no teu modo de falar com Ele? — Fazes, alguma vez, as tuas orações sem atenção, trabalhando pouco por afastar as distracções voluntárias que tenhas?...

Pensa além disso num outro Templo, no do teu coração, onde Deus quer sobretudo viver..., falar contigo e ser adorado por ti. — Se está nos outros templos é precisamente

para morar nestoutros templos vivos das almas, que é onde Ele mais quer comunicar-se a nós. — Sabes retirar-te à solidão do santuário da tua alma e aí conversar com Deus? Portas-te sempre com a dignidade devida à morada do Senhor a quem levas no teu coração? Daqui conclui que deves ter uma grande devoção a este santuário. — Visita muito a Jesus nos seus templos e sacrários..., porém não te esqueças de visitá-lO com mais frequência no teu coração.

17. Apresentação de Maria — A sua virgindade

Não podemos terminar as meditações da Apresentação da Santíssima Virgem, sem dedicar uma em especial à sua virgindade, já que foi neste dia e neste momento que Ela fez ao Senhor o seu voto de Virgem.

1.º — *O voto de virgindade de Maria.* — Não é dogma de fé que tenha feito este voto. — O dogma só nos diz que Maria foi Virgem antes do parto, no parto e depois do parto de seu divino Filho. — Não obstante, a Santa Igreja reconhece com os seus Doutores e Santos Padres que Maria quis unir-se ao Senhor com este voto. A tradição diz-nos que foi no templo quando da sua apresentação aos três anos. Contempla a cena do melhor modo que puderes...: Maria no Templo..., diante de Deus... e de todo o céu, que atónito admira este espectáculo! — Os anjos ignoram o que se vai passar, porém adivinham alguma coisa de importante quando Deus se demora a contemplar aquela menina... e de repente a pequenina abre os seus lábios, expressão do seu coração, e pronuncia o seu voto de virgindade. — Que maravilha, o voto de Maria! Que fariam os anjos!... Que cânticos entoariam em louvor daquela bendita menina! — E Deus, que faria Deus ao ouvir aquele voto?... Tudo o que pensares é nada para compreenderes as graças que o Senhor derramaria nesse instante sobre a Santíssima Vir-

gem. Quantos pecados de impureza há no mundo! E ela pensa em como terão ofendido a Deus... Que pena tão profunda não terão causado no seu coração!... No entanto, maior foi a alegria e complacência de Deus no voto de Maria do que a pena causada pelos pecados de impureza. Ela sòzinha foi capaz de com este acto lhe dar uma glória que o compensasse de toda a que lhe tiram os pecadores com os seus imundos pecados.

2.º — *Valor da virgindade.* — Daqui conclui o que valerá esta misteriosa virtude para Deus e para Maria. Sem conselho, sem incitamento de ninguém, sem exemplo a imitar, Maria parece adivinhar o que é a virgindade perante Deus; e sabendo que é do seu agrado e para sua glória, abraça-a decididamente. — Viu que esta virtude não era apreciada por ser desconhecida... que todas as suas companheiras e a sua família a considerariam como uma desonra, que o ser virgem lhe havia de custar grandes sofrimentos, desgostos e talvez até desprezos, e..., apesar disso, não hesita. Deus assim o quer e ela também... e tudo o mais entrega nas suas mãos. — Que exemplo de desprendimento e de generosidade para nós! Nós damo-nos a Deus a meias e se é necessário um sacrifício custoso regateamo-lo, quando não o recusamos!

Mas o Senhor preparava a recompensa. — Deus nunca é vencido em generosidade. — A generosidade corresponde com nova generosidade e com novos favores e graças.

Maria julgou que tinha renunciado a ser Mãe do Messias..., que isso já não era possível nela, como o disse depois ao anjo. — E no entanto o prémio daquele voto de vingindade não foi outro senão o ser escolhida e designada para Mãe de Deus. Como Deus é grande ao premiar! sobretudo quando premeia a virgindade e a pureza! O que será esta virtude quando assim arrasta e encanta o coração de um Deus!?

3.º — *A tua pureza virginal.* — Medita nas grandezas desta virtude para que vejas as graças que deves dar ao Senhor por ter infundido em ti um grande amor dela. — Ser virgem — é ser anjo na terra..., porém com mais merecimento, pois os anjos são virgens porque não têm corpo e por isso mesmo não podem deixar de ser virgens..., mas tu com corpo carnal e corruptível... sujeito a todas as concupiscências..., no meio de um mundo corrompido sobretudo pela impureza..., com a luta constante das paixões que o demónio levanta à tua volta..., e apesar de tudo..., ser alma pura... ser casta..., ser virgem..., ainda que isso pareça exagero, é ser mais do que anjo..., é ser imagem de Maria e o retrato mais fiel da sua pureza..., é ser esposa do Senhor.

Eis até onde chega a sua predilecção pela virgindade: ama as almas virgens como suas esposas... as quais mimoseia com dons e carícias divinas..., e lhes reserva um prémio tão singular no céu que só elas o hão-de gozar..., elas formarão a côrte da Virgem das Virgens, seguirão sempre de perto o cordeiro imaculado cantando o cântico da virgindade que só elas hão-de cantar.

Glória à vingindade! — Glória a Maria que nos ensinou esta divina virtude e que tão magnìficamente a praticou!

Que o entusiasmo por esta virtude e por Maria Virgem nos anime em todas as dificuldades, nos dê forças para levar a vida de mortificação, de penitência e de fervor necessária para que a nossa virgindade possa manter-se louçã, sem manchar-se até ao fim da nossa vida. — Assim seja, minha Mãe!

18. Desposórios de Maria

Maria viveu no Templo dos três aos quinze anos, idade em que por disposição dos sacerdotes, segundo o costume judaico, foi desposada com S. José. — Como em Maria nada há de vulgar e tudo nela é para nós lição, vejamos quanto temos que aprender, meditar e copiar neste momento da sua vida.

1.º — *Confiança em Deus.* — Eis a primeira lição! — Inspirada por Deus tinha feito a Virgem Santíssima voto de virgindade ao Senhor... tinha mesmo renunciado com esse voto, à possibilidade do matrimónio, e tudo por ser essa a vontade de Deus... Agora os sacerdotes em nome de Deus dizem-lhe que a vontade divina é que tome um esposo. — Pensa no que farias em semelhante ocasião. — Como nos custa render o nosso juízo! — sobretudo quando estamos convencidos de que temos razão!

Vê no entanto a atitude prudente da Santíssima Virgem. — Ninguém estava mais segura do que Ela de que o voto de virgindade era de Deus. — Também não podia duvidar de que, humanamente falando, o matrimónio e o voto eram coisas completamente impossíveis... Que fazer? Guiar-se por si mesma?... Seguir o seu parecer e desprezar o dos sacerdotes?... Maria obedece e confia. — Era esta a única solução: uma obediência cega..., uma confiança ilimitada

no Senhor... Ele fora o autor... Ele punha dificuldades e até contradições verdadeiras... A Ele tocava dar a solução...

Que exemplo tão difícil de praticar e não obstante, que magnífico e que agradável ao Senhor!... Não costumas discutir ou julgar a teu modo as disposições ou conselhos dos teus superiores? Vê no que te pareces então com a Santíssima Virgem.

2.° — *A união virginal.* — Contudo Deus, a quem nada é impossível, procurou a solução deste conflito mediante a união virginal de Maria e de José. — Maria não podia ficar só e muito menos aparecer com o seu Filho, sem estar desposada, pois ignorando o mundo a sua conceição milagrosa e a obra do Espírito Santo, tomá-la-iam por uma adúltera. — A sabedoria de Deus encontra o modo de salvar a honra de Maria, dando-lhe um esposo e ao mesmo tempo encontra modo de conservar a sua virgindade com um desposório virginal. — Como Deus faz bem todas as coisas! Que infinita a sua sabedoria! e que soberana a sua Providência! — Que temeridade e que loucura a nossa quando queremos que tudo nos saia na forma, no tempo e à medida dos nossos desejos, e não confiamos no desenvolvimento do plano divino que ignoramos.

Contempla agora aqueles dois esposos virgens. S. José foi eleito pelos sacerdotes porque entre todos os aspirantes à mão de Maria, só ele era virgem; assim o demonstrou o Senhor fazendo que florescessem lírios e açucenas na vara que com este fim tinham colocado na Arca da Aliança. Contudo não é de crer que S. José tivesse feito voto de virgindade...; nem sequer o conheceria... Vê como a Santíssima Virgem no próprio dia dos desposórios dá conta a S. José daquele voto que fizera ao Senhor e como S. José admirando a virtude puríssima da Virgem Santíssima não quis ser menos e à imitação da sua esposa consagrou também ao Senhor a sua virgindade. Que pensamento tão belo

crer que S. José depois de Nossa Senhora foi o primeiro que fez o voto de virgindade!

Desde então compreendeu qual era o seu destino...: ser o guarda fiel da pureza virginal de Maria. — A Arca da Aliança tinha um véu que a ocultava das vistas curiosas... S. José é a imagem dêsse véu que assim ocultou e guardou o grande mistério encerrado na Arca do Novo Testamento que era Maria.

3.º — *Conclusão prática.* — Firma-te na confiança do Senhor. — Pede-lhe perdão das tuas muitas desconfianças. — Não duvides nunca porque ainda que não vejas o fim das tuas provações e sofrimentos a que o Senhor te submete; isso é o que mais te convém. — Não te preocupes com esquadrinhar o plano Deus sobre a tua alma. — Deixa-te guiar ainda que te pareça que tudo sai ao revés do que devia ser. — Considera como S. José se torna mais virgem à medida que se aproxima de Maria...; e não esqueças que olhar para Maria..., aproximar-se dela..., abraçar-se e unir-se com ela... será também para ti fonte de pureza, aumento de castidade, amor cada vez maior à virgindade.

19. A Anunciação — A Virgem Santíssima em oração

1.º — *Como ora.* — Com santa curiosidade observa pela janelinha da casa de Nazaré e surpreende Maria em oração. — Que espectáculo! — Repara no seu *porte exterior,* sem exageros nem posições dramáticas...; de joelhos..., e prostrada com a face em terra..., as mãos juntas ou cruzadas sobre o peito..., os olhos baixos e modestamente recolhidos ou levantados para fixar a sua vista no céu. Penetra o *seu interior* e vê qual o seu fervor; haverá lugar para distracções, pensamentos importunos, cansaço, tibieza, aborrecimento, etc.? — Contempla bem — é a tua mestra de oração...; os anjos extasiam-se ao assistir à oração de Maria. — Deus compraz-se nela, comunica-se-lhe com um aumento de graças, de benefcios e favores feitos ao mundo pela oração de Maria. — E tu, não aprenderás a copiar em ti alguma coisa deste fervor de tua Mãe?

2.º — *Que pede na oração.* — Mais tarde Jesus Cristo ensina-nos o que havemos de pedir: *o reino de Deus e a sua justiça*; isto mesmo pede Maria...; que venha já o Salvador..., que Deus envie já o Messias..., que apresse quanto antes a hora da Redenção... e tanto insta que Deus encantado não sabe nem pode negar nada: pela oração de Maria apressa e adianta a hora. — Recorda o que se passou nas bodas de Caná. — Ali também disse Cristo: *Ainda não*

chegou a minha hora, mas por intervenção de Maria essa hora é adiantada e faz o milagre.

Vê como Deus muda o seu plano e adianta a hora de mandar a seu Filho... de manifestar-se pùblicamente em Caná com o seu primeiro milagre..., de remir o mundo na cruz..., de ressuscitar logo de manhãzinha no Domingo da Ressurreição, e tudo isto porque Maria o pede na sua oração...

3.º — *Porque ora.* — Porque a oração não só é útil mas necessária. — Maria não tinha necessidade de orar, como Cristo também não teve; e no entanto a oração de Jesus e a de Maria é ininterrupta. — A primeira vez que os Evangelhos falam de Maria apresentam-na orando...; é na oração que recebe a visita do anjo...; a última vez que os Evangelistas a mencionam é para dizer-nos que no Cenáculo era que ensinava os Apóstolos a orar, e a preparar-se pela oração para a vinda do Espírito Santo. — Maria começa e termina a sua história em oração...

Que exemplo que Deus te dá para imitares! — Mais. Pela oração Maria prepara-se para ser Mãe do Messias e é por isso que durante a oração ela recebe a visita do anjo. — Toda a obra da Incarnação está relacionada com a oração de Maria.

4.º — *A tua oração.* — Na presença deste divino modelo pensa: *a)* quão necessária é para ti a oração; as paixões, os pecados, as imperfeições e misérias próprias lembram-te estas necessidades; *b)* que frutos tu poderias conseguir se fosses alma de oração...: a comunicação com Deus e o gosto das coisas espirituais, pois da oração depende a perfeição e a santidade; *c)* como oras e como devias orar se te comparas com Maria...: falta de fervor? atenção interna e externa? ... rotina? pretexto para deixá-la ou pelo menos encurtá-la, quando mais falta te faz?...; *d)* examina a tua

oração vocal: como rezas o pequeno Ofício de Nossa Senhora..., a coroinha... o terço... e as tuas orações a Ela, etc.

Pede para ti um grande espírito de oração; e para o mundo, que pelas orações das almas boas, dê o Senhor vida e forme muitos filhos de Maria.

20. A Anunciação — Retiro de Maria

1.º — *A vida de recolhimento.* — É a vida que renuncia a tudo o que é exterior não usando da vida exterior mais do que o indispensável, para viver sobretudo interiormente.

Que desconhecimento prático há da vida interior! Quanta confusão de ideias quando se julga que tudo consiste em fazer e em trabalhar muito, ainda que seja com bom fim, porém exteriormente, não dando importância à vida verdadeira da alma que é a vida interior!

Nunca uma obra exterior é frutuosa nem para ti nem para os outros se não estiver bem fundada na vida interior. — Ninguém dá o que não tem. Como poderás dar vida, fervor santidade a outros se a não tens para ti?

Deus só se comunica às almas no retiro, no recolhimento. A sua voz, diz a Sagrada Escritura, é como o *sibilar da aurora ténue* e se há muito ruído de coisas exteriores, essa voz não se ouve. — Por isso ninguém está mais interessado do que o demónio em alvorotar com algazarra a alma para que se não oiça a voz do Senhor.

Enfim, a virtude não cresce senão como as plantas de inverno, bem protegidas da atmosfera exterior que é muito fria e gelada. — Nunca a virtude atingirá a perfeição no bulício do mundo.

2.º — *Maria, nosso modelo.* — Que amor ao retiro da sua pequenina casa! Ninguém a vê nem se dá conta do que ela faz..., mas Deus compraz-se naquele recolhimento e ali a vai procurar. — O anjo não lhe aparece nas ruas, nas praças, nem mesmo no Templo pùblicamente, mas sim na soledade, no retiro de Nazaré. — É ali que Ela se sente toda de Deus e Deus todo d'Ela. Ali sem testemunhas é onde se dão as grandes e íntimas comunicações entre Deus e Ela. — É ali que se realiza o grande mistério da Incarnação. — O seu retiro é perpétuo. — Se sai de casa, é por caridade, como na Visitação... ou por espírito de obediência, como quando vai a Belém, ao Egipto, ao Templo de Jerusalém, etc... Nunca empreende uma viagem por puro recreio ou passatempo.

Contempla-a na rua e observa o seu recolhimento interior, manifestado na modéstia dos seus olhos e do seu porte. — Assiste às visitas que faz por verdadeira necessidade. — Que edificação nas conversas e palavras que saiem de seus lábios! Persuadida de que é templo de Deus não se deixa dissipar com o trato social; pelo contrário, no meio do mundo não abandona o seu retiro interior.

Finalmente contempla-a nas ocupações domésticas, mesmo nos dias de maior trabalho. Como o sabe santificar com a presença de Deus que nem um só instante perdia. E deste modo tudo n'Ela contribui para aumentar mais e mais a intensíssima vida interior.

3.º — *O teu recolhimento.* — Já aprendeste a conversar com Deus no santuário da tua alma? — Examina a tua vida interior e exterior e vê se esta se derrama de tal modo para fora que seja à custa da outra. — Demora-te a considerar o teu amor e afeição à tua casa, ao teu retiro ou à rua. Vê que visitas e que conversas tens nelas... São frívolas?... Contra a caridade? Dissipadas?... Como vai o teu recolhimento em toda a parte e a cada momento...,

nas amizades..., diversões e passatempos? ... Vê que importância dás ao dia do Retiro mensal... aos Exercícios Espirituais anuais... Desejas que chegue esse santo tempo? ... Tiras algum proveito que te faça crescer cada dia mais na vida interior?

Procura fomentar e aumentar em ti o que encontrares de bom na tua conduta sobre esta matéria. Corrige enèrgicamente o que há de defeituoso... examina muitas vezes o aumento ou a diminuição da tua vida interior.

21. A Anunciação — A Embaixada do anjo

1.º — *O anjo diante de Maria.* — O anjo da Incarnação é um dos espíritos mais formosos que cercam o trono de Deus. — Contempla a sua beleza, magnificência e esplendor, que, no dizer de muitos, nos parecia de Deus mesmo. — É Gabriel, o anjo da Anunciação. É o próprio Deus quem o manda porque assim o exige a grandeza da mensagem e a dignidade de Maria. — O Senhor não encarrega dessa mensagem um homem, como o fez noutras ocasiões, em que foram seus embaixadores Moisés, Elias, Eliseu, os profetas e patriarcas, etc... mas é um anjo e dos mais elevados que ele manda à Santíssima Virgem. — E convinha que a que era mais do que anjo pela sua virginal pureza, fosse visitada por um anjo do Senhor.

E de que maneira a visita! — Entra o anjo na habitação de Maria e faz-lhe respeitosas reverências — ele que nunca se tinha prostrado senão diante do trono de Deus... agora prostra-se aos pés de Maria. — Que via o anjo n'Ela? — Acostumado a contemplar as belezas do céu... que maravilha podia encontrar na terra?... E no entanto ao ver Maria fica assombrado, cheio de pasmo e de admiração. — Depois da beleza de Deus, nunca nem mesmo no céu, tinha visto alguma coisa de semelhante como naquela virgem escondida no retiro de Nazaré. — E o mundo não a conhecia porque

para conhecê-la é preciso ter olhos de anjo e não olhos da terra.

2.º — *A saudação.* — *Ave, cheia de graça! O Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres.* — É o fruto da sua admiração... é uma expansão de entusiasmo...; cada frase vem a ser uma manifestação de carinho e de amor. — Como o anjo ama a Maria! Tudo quanto lhe diz parece-lhe pouco para a louvar. — Essas palavras em boca humana pareceriam uma adulação ridícula ou um exagero mas um anjo não mente, não adula nem exagera. O que será, portanto, Maria?...

3.º — *A embaixada.* — O anjo expõe o fim da sua visita: a conceição e o nascimento de um filho que será o Messias. — Pede a Maria o seu consentimento. — Toda a criação, os homens, os anjos..., o próprio Deus falam agora pela boca do anjo. — Todos esperam com ânsia, com impaciência, a resposta de Maria... Momento sublime, grandioso! — Dessa palavra depende a redenção... a salvação do mundo. — O anjo vai esboçando a figura do Messias: chamar-se-á Jesus..., será o santo dos santos..., será o Filho do Altíssimo e ao mesmo tempo será o Filho de Maria. — Maria será verdadeira Mãe de Deus! — Pela primeira vez nesta ocasião se ouvem os suavíssimos nomes de Jesus e de Maria. — Esta tem sido até agora a donzelinha humilde e escondida de Nazaré. — Desde este momento será Maria a Mãe de Jesus.

Nesta embaixada do anjo está encerrada toda a fé, todos os desejos, todas as esperanças da humanidade. E todas as grandezas e toda a riqueza de graças de que Nossa Senhora se viu cumulada desde a sua Conceição Imaculada tem a sua explicação nesta embaixada do anjo. — E por isso ela ficará para sempre memorável na história da humanidade.

4.º — *A tua presença diante de Maria.* — Apresentas-te a Ela com o entusiasmo fervor e carinho do anjo?

Sabes, como o anjo, estudar, apreciar, e reverenciar a tua Mãe? — O anjo falou com Ela, uma vez... e tu podes conversar com Ela, muitas vezes. — Procedes assim vivendo constantemente da sua presença..., fazendo tudo por Ela e com Ela? Pensa nas embaixadas que Deus também de quando em quando te envia por meio dos anjos..., do teu anjo da Guarda..., dos teus superiores..., da Virgem Santíssima... e às vezes dele mesmo directamente... Como recebes estas inspirações, chamamentos, toques no coração? ...

Pede a Deus olhos de anjo para conhecer e estudar bem a tua Mãe..., para amá-la com loucura..., para viver sempre com Ela. — Pede-lhe desejos de cooperar com a graça, recebendo as suas inspirações com espírito de fé, venham donde vierem, procurando segui-las em tudo. — Invoca o anjo da Anunciação e o teu Anjo da Guarda.

22. A Anunciação — A Ave-Maria

1.º — *Ave.* — É a palavra da saudação afectuosa, mas o anjo emprega-a no sentido de parabém. — A Igreja diz nos seus hinos que é o contrário de Eva para indicar-nos que assim como por Eva nos veio a morte, por Maria nos virá a vida. — Neste sentido o parabém do anjo deve estender-se a toda a humanidade.

Dá os parabéns a Maria por este passo da sua vida e regozija-te, pois por Ela neste dia a tua alma foi feita filha de Deus...

2.º — *Cheia de graça.* — E bem cheia: a todos os santos e até mesmo aos anjos a graça foi-lhes dada por partes... só a Maria foi dada a plenitude e totalidade da graça... Nesta plenitude é que se diferenciaria doutras criaturas. — Seria necessário compreender o que é a graça para compreender estas palavras do anjo. — Pensa o que é a graça para os outros..., é uma qualidade divina, alguma coisa de Deus, que se comunica ao homem para divinizá-lo pois realmente lhe dá o título de filho de Deus e lhe confere o direito de herdar do Padre Eterno..., porque se é filho de Deus, é herdeiro do céu.

Reflete agora. Se isto faz a graça nos outros e deste modo os santifica e divinisa..., que faria na Santíssima Virgem ao dar-lhe a plenitude total e completa da mesma?—

Se Ela a possui toda, a Ela temos de recorrer, se queremos participar da graça.

Mas se estava já cheia como pôde em sua vida aumentar a graça?...

É um mistério... Um copo cheio já não pode receber mais água, mas para Deus não há impossíveis. Deus pôde dilatar e aumentar a cada momento esse copo preciosíssimo da sua alma e assim, estando sempre cheio pôde sempre aumentar a graça que encerra.

3.° — *O Senhor é convosco.* — E mais convosco do que comigo, diria o anjo... e mais do que com qualquer outra criatura. — Está convosco possuindo-vos totalmente. — Não há nada em Maria que não esteja possuído e não seja de Deus.

Deus também está connosco porém a meias! — Não deixamos que ele nos domine completamente como deixava Maria. Além disso, Deus estava convosco desde toda a eternidade. Em vós pensava e em vós se deliciava ainda antes de criar qualquer outra coisa. — Convosco para sempre, e por isso quer unir-se tão intimamente que sejais vós a sua Mãe e Ele o vosso Filho.

— Pensa em como Jesus quer também isto de ti e para isso te procura e te chama e se une a ti pela graça e mais intimamente pela comunhão...

4.° — *Bendita sois vós entre as mulheres.* — Porque assim como por uma mulher entrou no mundo o pecado, por Vós entrará a graça e a redenção. Todas as gerações se lembrarão de Eva para a amaldiçoar...; todos se lembrarão de Vós para vos louvar. Eva foi a mãe desnaturada, e madrasta que deu a morte a seus filhos... Maria é a verdadeira Mãe que nos dá com amor a vida. A humanidade inteira concentrou contra a mulher o seu ódio; tratou-a com desprezo e crueldade. — Maria é a que reabilita e exalta de tal modo

a mulher que chega a ser a criatura mais elevada e a que ocupa o lugar mais alto no céu...

5.º — *Bendito o fruto do vosso ventre.* — São palavras não do anjo mas de Santa Isabel, porém tão ligadas às do primeiro que a Igreja as junta numa só oração.

Palavras gloriosas para Maria porque dizem o que é e será seu filho. — Realmente ela será ditosa e bendita por causa de seu Filho. — E nesse fruto bendito encontraremos todos a salvação. — Eva perdeu-nos dando-nos o fruto do pecado. — Maria salvar-nos-á dando-nos esse fruto de santificação que se chama Jesus.

Reza sempre com muita devoção a Ave-Maria. — Evita a rotina no terço, etc. Não te esqueças de saudar a Maria com o *Angelus*. — Sempre que o rezares lembra-te deste grandioso mistério da Anunciação e pede a Maria que te encha de graças, que o Senhor queira também estar contigo e assim te faça participante da sua ditosa bênção eternamente.

23. A Anunciação — Atitude de Maria — A sua humildade

1.° — *A perturbação.* — Às palavras do Anjo Maria responde com certa perturbação. Vê como tem o rosto rubro de pudor..., escuta o palpitar apressado do seu coração..., penetra no desgosto profundo, íntimo..., parece que pergunta a si mesma, como que assustada: a que virá este mensageiro? — O anjo tinha-Lhe dito a verdade, porém ferira-A na sua humildade. — Mais tarde Ela reconhecerá pùblicamente a certeza das palavras do Anjo, e ainda repetirá que todas as gerações a chamarão «Bem-aventurada»..., não porém para se engrandecer, senão para louvar a Deus.

Mas agora é Ela... Ela própria, o objecto do louvor, por isso natural e espontâneamente se assusta e se põe de sobreaviso como que esperando uma tentação..., como se pudesse pecar.

Vai pois tu com o Anjo tranquilizá-lA e diz-Lhe: «Não temais, Maria, não tendes que temer, nem de que vos assustar perante esses louvores..., no entanto, bem está que vos perturbeis e assusteis para me ensinardes a maneira de receber os louvores que me dão os homens; ensinai-mo pràticamente, Mãe de toda humildade»...

2.º — *Grandeza desta humildade.* — Considera como é grande a humildade de Maria precisamente neste passo da vida da SS.ma Virgem.

— Entende-se a humildade de Maria em Belém, repelida por todos..., no Egipto, fugindo dos seus inimigos..., em Nazaré, ignorada e escondida naquela casa de operários pobres e quase miseráveis..., na cruz, sendo Mãe dum justiçado...; porém agora, visitada por um Anjo!... procurada por Deus que pede o seu consentimento e que fica esperando a sua resposta!... louvada e enaltecida até à mais alta dignidade!... Que inconcebível humildade!

A menor honra foram elevados Adão no Paraíso e os Anjos maus no Céu... E no entanto desvaneceram-se com a soberba e caíram no abismo. — Maria porém sabe que o que o Anjo lhe diz é da parte de Deus..., que um Anjo não pode mentir, e por isso mesmo sabe ser verdade tudo o que Lhe diz; e longe de se envaidecer..., perturba-se e humilha-se sempre mais. Quão Grande, quão encantador, quão atraente é Maria pela sua humildade!

Como Deus sabe por meio desta profundíssima humildade, reparar bem o pecado que começou pelo orgulho.

3.º — *Humildade verdadeira.*—A humildade não é amesquinhamento; faz-nos pequenos, sim, a nossos olhos..., porém grandes, muito grandes aos olhos do Senhor. É assim, Maria nunca foi tão grande aos olhos de Deus como nesta ocasião. — Finalmente, a humildade não é própria dos cobardes e dos reles, mas sim dos fortes e dos magnânimos.

Contempla Maria... perturbada, aniquilada, perante as palavras do Anjo..., conserva porém o seu juízo sereno. tranquilo, e... estuda, pensa e opera com decisão. — Esta é a verdadeira humildade: conhecer a voz de Deus, submeter o seu juízo e próprio parecer a essa vontade e segui-la. — E isto, ainda que custe como custou a Maria. Ela bem

sabia os sofrimentos, as dores e espadas agudíssimas que atormentariam o seu coração... e não obstante decide-se a aceitar a proposta do Senhor. — Humilde, porém magnânima viril, valente. Isto é que é o fruto da humildade.

4.° — *A tua humildade.* — És semelhante a Maria, na humildade e na generosidade no sacrifício? — não procuras afagos, sorrisos, palavras humanas? — Procuras o pior, o mais custoso, o mais humilhante? — Quando Deus to dá, conformas-te pelo menos... ou protestas e desejas evitá-lo? Pensa muitas vezes no teu nada, pois assim como Deus tirou do nada as grandezas da criação..., do conhecimento do teu nada brotará a tua grandeza. — Conhece a Deus que é tudo; conhece-te a ti mesmo que és nada, e a conclusão será a humildade.

Exercita-te em actos de humildade interior e faz muitos actos de humilhação exterior. Agradece e estima a quem te ajuda a humilhar-te com desprezos, zombarias, etc...

24. A Anunciação — A Pureza Virginal

1.º — *Observações de Maria.* — Às palavras do Anjo, Maria responde com uma observação que indica temor.

Eva no Paraíso teme ao comer o fruto proibido; mas não é o pecado que ela receia, receia mas é o castigo da morte. Maria, pelo contrário, o que teme ao ouvir o Anjo é faltar à palavra dada a Deus. O seu temor é justo, racional, santo, inspirado no amor de Deus e na virtude.

São assim as tuas observações quando ouves a voz de Deus... ou são inspiradas pelo amor próprio que resiste a submeter-se a essa voz divina?

2.º — *A Encarnação pela virtude.* — Penetra em tão sublime pensamento e contempla a Deus traçando os planos da obra grandiosa da Encarnação tendo por base a virgindade.

A Redenção do homem tinha duas dificuldades invencíveis, como já dissemos noutra parte...; recorda o que então meditavas — que não era *humanamente* possível a Redenção porque toda a humanidade não podia satisfazer pelo pecado... era necessário que Deus o fizesse; Deus porém não podia também fazê-lo pois não era possível sacrificar-se, imolar-se, padecer nem morrer pelo homem; *divinamente* era, de igual modo, irrealizável. Deus porém procura a solução.

-Fazer-se homem e ter assim um corpo para sofrer e morrer. — Mas este corpo, não podia formar-se como os outros, porque nasceria manchado como todos nascem; assim, seria um corpo concedido em pecado e a este corpo não se podia unir o Filho de Deus.

A solução deste conflito é *Maria Imaculada,* sem mancha na sua conceição e *Maria Virgem,* sendo Mãe sem detrimento da sua virgindade.

Assim, Jesus virgem, santo e puro como Deus, também o será como homem, porque a sua Mãe será igualmente santa, pura e virgem. — A Incarnação pela Virgindade! — Que formosura e que beleza a desta virtude!

3.º — *Preferências de Cristo.* — O Senhor teve um amor tão grande de preferência à virgindade, que lhe dedicou uma das suas bemaventuranças... teve um discípulo amado e foi... o que era virgem; a ele lhe confiou na Cruz o tesoiro de Sua Mãe, como único digno pela sua virgindade de guardar a Virgem das virgens. — Ficou na Eucaristia e deu aos sacerdotes poder sobre o seu Corpo e Sangue, porém exigiu que o seu sacerdócio fosse virgem — escolheu almas predilectas para suas esposas e estas são... as virgens. — Enfim, reservou um prémio especial que consistirá em acompanhar o Cordeiro para onde quer que Ele vá, e em cantar um cântico novo que ninguém, senão elas, poderão cantar, e estas são... as almas virgens.

4.º — *A tua virgindade.* — Pensa muito na grandeza da graça que Deus concede às almas que chama ao estado de virgindade.

Se tu és uma delas, impregna-te profundamente dessa virtude e procura ser muito agradecida.

Traduz este agradecimento em obras, cuidando principalmente e antes de tudo da modéstia interior e exterior que necessàriamente há-de acompanhá-la, e levar isto até

ao exagero, nos olhares, curiosidades, atitudes, vestidos, etc....;

— Fomenta, depois, em ti a humildade, base da castidade....; muitos por soberba, caíram em pecados impuros.

Do mesmo modo fomentarás a mortificação e penitência, que são essenciais a esta virtude... Com o fim de a conservar intacta e viçosa, todo o sacrifício te há-de parecer pequeno.

— Em terceiro lugar, pede muito à SS.^ma^ Virgem que a imites, em especial no seu amor à castidade virginal... e finalmente que te ajude para com Ela trabalhar por construir, estabelecer e dilatar por todo o mundo, o sublime reinado da Pureza.

25. A Anunciação — A escrava do Senhor

1.° — *Resposta de Maria.* — Imagina a cena e assiste a ela em espírito, o mais de perto possível...

Terminara já o Anjo a sua embaixada; cumprira a sua missão e permanece em silêncio..., espera a resposta de Maria.

— Lança um olhar sobre todo o universo, fixa o teu olhar em Deus neste momento solenissimo... Que emocionante espectáculo!

Aproxima-te de Maria e pede-lhe que não demore a resposta..., diz-lhe que todos os infelizes filhos de Eva, que nascemos escravos do pecado, esperamos a sua palavra de redenção e de graça..., que todo o mundo e o próprio Céu, estão suspensos esperando a sua resposta.

Com efeito, é quebrado o silêncio... Maria vai falar..., o Anjo treme de emoção... Maria prostrou-se por terra, e do fundo da sua alma, brotaram estas simples e sublimes palavras: *Eis aqui a escrava do Senhor...* Agora é o Anjo que se perturba: com todo o seu entendimento angélico não chega a compreender tanta humildade, tanta santidade. — A Rainha das rainhas, a Senhora do céu e da terra, a bendita entre todas as mulheres... é uma escrava...; assim Ela o reconhece e crê, sem disso se envergonhar, e sem o ocultar. Ela mesma o proclama à face de todo o mundo

e parece empenhar-se em que todos nós saibamos que com toda a sua grandeza é sempre a escrava do Senhor.

Entra agora no coração do próprio Deus: — que sentirá ao ver esta atitude, ao escutar estas palavras?...

Se aos humildes e pobres de espírito enche de seus bens, que faria com aquela sua escravazinha?... Com que prazer Deus lhe diria:

«Tu fizeste-te escrava?! E eu faço-te Rainha»...; mandaria a todos os anjos do céu que naquele mesmo instante a venerassem como tal.

Faz tu o mesmo e venera tanta grandeza em tão profunda humildade.

2.º — *A verdadeira escravidão.* — Mas não te detenhas nesta escravidão de palavras. Tu também por palavras te ofereceste e entregaste a Deus, como escrava; mas depois... como as tens cumprido?— Em Maria porém não é assim..., diz o que sente e procede como diz...; por isso acrescenta: *faça-se em mim, segundo a vossa palavra.*

Medita muitas vezes e saboreia toda a significação desta palavra *faça-se* que é a fórmula da verdadeira escravidão. — Sou escrava e por isso, não tenho nada, nem posso querer nada fora de Deus. — Tudo há-de vir do Senhor. nada da escrava. — Portanto essa palavra supõe uma renúncia total, completa, perfeita, absoluta do seu ser... Nem vontade, nem liberdade, nem querer nada, senão só o que Deus queira e disponha... Que escravidão!

Ainda mais. Essa escravidão não deve parar ante o sacrifício por muito grande e doloroso que seja. — Maria neste passo, opera conscientemente, isto é, dando-se perfeita conta daquilo a que se vai obrigar..., opera sem precipitação..., pensa, discorre, objecta ao anjo, propõe as suas razões e soluções, etc..., sinal claro de que opera com todo o conhecimento de causa; portanto conhece desde então. tudo o que há-de sofrer, se for Mãe de Deus..., sabe que

a esperam tormentos que a farão Rainha dos mártires..., que será um verdadeiro mar de amarguras; conduto... sabe ser essa a vontade de Deus, e é quanto lhe basta. — Até conhecer claramente o que Deus quer, faz observações; porém quando percebe o desejo de Deus, não tem mais que uma palavra: *Faça-se*.

— Recorda as palavras de Cristo na sua Paixão; também diz: *Faça-se a tua vontade e não a minha*. Não é o mesmo que o *Faça-se* da Virgem SS.^ma^? Que perfeita coincidência entre o Filho e a Mãe!

Esta é a escravidão, esta é a santidade, esta é a única solução que podes encontrar ao teu amor próprio.

És tu assim? — Também usas o teu «*Faça-se*» prático sobretudo quando o teu amor próprio se rebela? Pede a Maria que a imites no cumprimento desta palavra.

26. A Anunciação — A Mãe de Deus

1.º — O *«Fiat» omnipotente.* — Porém este *faça-se* de escrava de Maria, é também a expressão prática da sua omnipotência. — Apenas pronunciado, o Espírito Santo, como disse o Anjo, a cobriu com a sua sombra protectora e levou a cabo a obra da Incarnação; naquele momento se efectuou aquilo que diz S. João: «o *Verbo se fez carne* e começou a habitar entre nós».

Ó palavra de poder imenso! — Pronuncia-a a omnipotência de Deus e do nada brotaram os mundos. Di-la Maria no abismo da sua humildade e ainda opera mais maravilhas que o Criador. — Aquele «*fiat*» tira do nada todas as coisas. — Este, tira o próprio Deus do seu Céu..., da sua eternidade..., para que sem deixar de ser Deus, comece a ser homem.

Contempla a Santíssima Virgem e vê como o Espírito Santo organiza no imaculado sangue de Maria o Corpo de Jesus Cristo, para que esse Corpo e esse Sangue que recebe da Virgem SS.^ma^ seja a matéria do sacrifício que para remir o mundo oferecerá mais tarde na Cruz. — Adora este augusto mistério, e por ele dá graças a Jesus e a Maria.

2.º — *A divina maternidade.* — Maria neste instante fica convertida em verdadeira Mãe de Deus. — Dignidade altís-

síma e maravilhosa. — É infinita porque infinita é a dignidade de seu Filho. É um parentesco real e físico com o Filho de Deus.

Desde este momento Deus, está em Maria, não como imagem, não com a sua graça, senão com a sua própria pessoa divina; há entre Deus e Maria uma verdadeira identidade, enquanto que a carne e sangue de seu Filho, são carne e sangue de Maria.

É a missão mais íntima e sublime que pode dar-se entre uma criatura de Deus. — Por ela, Maria, ao ser Mãe de Deus, adquire a mais alta autoridade..., a autoridade de mandar em seu Filho..., adquire o mais elevado privilégio..., o de um direito especial ao amor do seu Filho... e a receber d'Ele todos os bens de graça e de glória com o poder de comunicá-los aos outros.

Nesta maternidade divina funda-se a verdade de que Ela é nossa Medianeira — e uma Medianeira omnipotente — porque participa por graça da omnipotência que Deus tem por natureza e, além disso, é, por esta maternidade, a dispenseira de todas as graças, já que se vê claramente que Deus não quere comunicar-se aos homens directamente, senão por meio de Maria, como o fez na Encarnação. — Magnífica, sublime e divina é esta maternidade.

Nunca chegaremos a sondar toda a sua profundeza e altíssima magnificência. Deus pode criar outros mundos, outros Anjos, outros seres infinitamente mais perfeitos, porém não pode fazer uma mãe superior à Mãe de Deus.

3.º — *A Vida da Mãe de Deus.* — Era uma vida, nesse tempo, de íntima união com Deus — segundo o corpo e segundo a alma. — A vida íntima de Mãe e Filho. — Uma só vida, um mesmo palpitar de corações.

Que recolhimento tão intenso e tão profundo para reconcentrar toda a sua vida no seu Filho!

Tudo o que fazia era com Ele e por Ele: via com

os olhos do seu Filho; amava com o seu coração; os seus gostos eram os dele. — Daí uma vida dos mais íntimos, puros e perfeitos sentimentos de amor e gozo para com Deus a quem tinha em seu seio. — Se o Céu consiste na posse de Deus, Maria já gozava então desta posse ainda mais intima..., ainda mais perfeita que a de todos os Anjos e bemaventurados na glória. — Era pois, uma vida toda divina, toda gloriosa, toda santificadora pela união com o seu Filho.

4.º — *A Mãe de Deus é minha Mãe.* — Tinha igualmente união comigo. — Deus quis que a sua Mãe fosse também minha Mãe e amou-me já desde então como tal. — Ela desejava ardentemente que o seu Filho já nascesse e remisse o mundo pensando em mim. Ela já então queria o mesmo que agora, ter-me a mim como a verdadeiro filho — como ao seu Jesus — que eu me unisse com Ela, como estava Jesus, para que eu como Jesus... participasse daquela vida.

Que dita a minha — ter uma Mãe que mereceu ser Mãe de Deus! — Por Ela adquirimos um parentesco com Jesus. — Jesus e eu somos irmãos. — Pensa muito nisto e agradece estas maravilhas de amor à Mãe e ao Filho.

Imita a Maria nesta maternidade divina unindo-te intimamente como Ela se uniu a Jesus. — Torna esta união prática, unindo-te antes com a Santíssima Virgem para viveres completamente esta vida. — Procura que a tua alma seja filha verdadeira, de palavra e de verdade de tão grande Mãe.

27. A Anunciação — A escravidão Mariana

1.° — *Conceito da escravidão.* — Devo penetrar bem no significado estrito desta palavra.

O escravo é um ser que depende de outro de tal modo, que tudo o que é e tudo o que tem não lhe pertence a ele, senão ao dono que o possui. — Não dispõe de nada nem de ninguém, nem de si mesmo. — Carece de liberdade..., não pode fazer senão o que o amo lhe ordena. — Carece de vontade..., não pode querer ou não querer, senão acomodando os seus desejos aos do seu senhor. — Carece de personalidade... é mais uma coisa do que uma pessoa... O senhor pode fazer dele o que lhe aprouver..., vendê-lo a outro dono..., dá-lo..., castigá-lo, ainda que sem razão... matá-lo ainda que seja por capricho..., ninguém poderá pedir-lhe contas do que fizer dele..., é seu escravo, pode fazer dele o que lhe aprouver.

Esta escravidão feita de um homem a outro homem é brutal, indigna, degradante, proibida por Deus, abolida por Cristo... Porém se é feita a Deus e o homem se entrega como escravo voluntàriamente a Ele, é o acto mais nobre, mais digno e mais belo que se pode fazer. — É a prática perfeita da mais profunda humildade cuja fórmula é esta: «Tudo é de Deus, nada meu»; logo, «tudo para Deus, nada para mim». — Assim, o meu corpo com os seus sentidos, a minha alma com as suas potências — todos os actos e

movimentos do meu ser, sensações, pensamentos, afectos, amores... se falo, se me calo, se rio, se sofro, se ando, se durmo, se oro, se como... tudo por Deus e para Deus. — Sublime escravidão! — é a mais alta santidade.

Quanto mais eu viver e operar independentemente de Deus, mais faltas e mais imperfeições haverá em mim. — Quanto mais viver Deus em mim e operar Ele comigo, mais perfeição terei.

2.º — *Escravidão de amor*. — A razão de tudo isto é que, esta escravidão não é forçada senão voluntária e amorosa.

Suave tirano é o amor, porém é tirano que escraviza. — Por isso se é desordenado, a escravidão será às criaturas e esta é a primeira escravidão, porém... se é ordenado e dirigido a Deus, é a segunda que nos diviniza.

Ninguém mais escravo do amor do que Jesus Cristo. — Que divino tirano foi para Ele o amor! — Quantas coisas e quantos sacrifícios o obrigou a fazer — que sublimes loucuras não está fazendo agora mesmo pelos homens..., por mim! O amor essencial é união e imitação. — Se amo a Jesus, hei-de imitá-lO nesta escravidão de amor. — Por ela ele se deu todo a mim. — Eu tenho que dar-me todo a Ele... senão, não amo deveras...

Mas como fazer isto pràticamente?

3.º — *Por Maria, com Maria, em Maria, para Maria.* — Eis a solução fácil, bela, divina. — Nada há mais fácil do que amar uma mãe. Que será amar uma tal Mãe? — Porém, que filho amará mais sua Mãe..., o filho mais velho que deixa a casa paterna para viver livremente a seu capricho, ou o filho mais novo que depende em tudo de sua mãe? Dela se alimenta, dela aprende as primeiras palavras..., fala e pensa no que ela lhe ensina..., pela sua mão dá os primeiros passos..., para ela vão os seus primeiros

sorrisos e carícias infantis, todos os seus sentimentos e todo o seu amor..., a ela corre instintivamente em qualquer perigo. — Não é isto uma escravidão?

Eis qual deve ser a minha para com Maria. — Tenho que viver como filho que sou, dependendo em tudo d'Ela de tal modo que a minha intenção seja sempre a sua (por Maria)..., os meios que empregue em todos os meus actos serão sempre os seus (com Maria)..., hei-de esconder-me em seu Coração para viver com essa presença como se realmente vivesse em Maria... e, por fim, vivendo deste modo, dirigirei tudo de tal sorte que redunde não em minha glória, nem em meu proveito, senão ùnicamente para sua glória e serviço (para Maria).

4.º — *O molde divino.* — Isto quer dizer que hei-de mergulhar-me e perder-me n'Ela, como uma gota de água no oceano e como a massa no molde.

Maria é o molde de Deus. — Ele quer fazer-nos semelhantes a Jesus e para isso nos dá o molde. Basta portanto lançar-nos nele para sermos perfeitas imagens de Cristo, por sermos semelhantes a Maria. — Para tal é necessário adaptar-te bem ao molde esvaziando-te de ti para te encheres de Maria e fica persuadido de que enquanto não fizeres assim não serás escravo, nem amarás deveras a Maria.

Pensa enfim no prémio. — Parecer-te com tua Mãe, parece-te pouco? — Encantar a Deus como Ela O encanta? — Por ser escrava, foi Ela Rainha e Mãe de Deus; assim será contigo. — Deus não se deixa vencer em generosidade, por isso não podemos conceber que prémio dará ao que se entrega todo e tão perfeitamente a Ele, na santa escravidão.

Não penses porém no prémio. — Renuncia a ele. — Não queiras outro prémio senão amar ìntimamente a Jesus e a Maria e conseguir pareceste-te com ambos.

Começa e continua sem desalentos na prática resta

escravidão. — Pede muito a ajuda de Maria. — Examina-te diàriamente e pergunta a ti mesmo, com frequência, se realmente vais esvaziando-te de ti. — Lembra-te de Maria nas ocasiões em que se manifestar o teu amor próprio. — Traz o exame particular sobre isto. — Renova a presença de imitação, ao dar a hora. Nunca mais pensar em se te agrada ou não isto ou aquilo, senão ver ùnicamente se tua Mãe querida o quer ou não.

28. A Anunciação de Maria — A sua Festa

Tudo quanto este mistério da SS.ma Virgem tem de incomparável e grandioso, se realiza pela embaixada de um Anjo; será pois muito proveitoso comparar esta embaixada com as que o Senhor nos envia a nós tão frequentemente.

1.º — *A Embaixada.* — Deus envia o Anjo em forma visível para anunciar à Santíssima Virgem a sua elevação à dignidade de Mãe de Deus. — Ao que parece, o Anjo apareceu em forma humana, como um jovem formoso e cercado de resplendores celestiais. — Assim convinha para o fim tão excelso a que ia destinado..., a tratar do assunto mais importante que jamais se tratou entre o Céu e a terra, entre Deus e os homens.

Deus quer também tratar muitas vezes connosco alguma coisa que se relaciona com a sua glória e com o bem das nossas almas, e trata-o por meio dos seus anjos, ainda que em forma invisível. — Quantas vezes será o nosso fiel Anjo da Guarda, o que em nome de Deus nos inspira alguma coisa de que não fazemos caso! — se o víssemos visìvelmente não procederíamos assim! — Por que não o vemos com a fé? ...

Com olhos de fé vemos também esses que representando para nós a Deus nos falam também..., como são os superiores.... directores espirituais..., pregadores..., as boas lei-

turas e os bons exemplos..., as próprias humilhações e tribulações...; tudo isso que outra coisa são para ti senão como que embaixadas que o Senhor te envia para comunicar contigo?... Como as recebes?— Examina e medita na maneira como Maria recebeu o Anjo e compara com o teu proceder.

2.º — *A saudação do Anjo.* — Na saudação do Anjo considera não só os louvores que dirige a Maria, senão também as verdades gloriosas e magníficas que lhe lembra. Diz-Lhe que é *cheia de graça* e que *Deus está com Ela,* e finalmente que é *bendita entre todas as mulheres.* — Vê como deste modo o Anjo a quer preparar para que, pela correspondência a esses favores do Senhor, dê o seu consentimento à sua embaixada e não ponha obstáculos ao plano de Deus.

— Assim também a nós nos fala o Senhor. Muitas vezes e de muitas maneiras, especialmente com as suas luzes interiores, nos fala ao coração e nos faz sentir as graças que d'Ele temos recebido..., a obrigação que temos de corresponder a elas e de trabalhar com elas, e nos alenta com a esperança dos frutos riquíssimos de graças e de glória que com esta correspondência podemos conseguir.

Mas, que fazemos nós? Como recebemos estas inspirações do Céu? E se alguma vez conseguimos afervorar-nos e trabalhar com mais entusiasmo na nossa santificação, não é verdade que outras não fazemos nada, perdemos o tempo porque pràticamente desperdiçamos essas ilustrações e chamamentos do Senhor?

3.º — *Como Maria a recebe.* — Vê como a SS.ma Virgem assim preparada pelo Anjo ouve claramente a mensagem de Deus no ponto mais principal: «Serás a Mãe de Deus porque darás à luz o Santo dos Santos». — Maria escuta e longe de dar logo o seu consentimento cheia de

vaidade, com grande prudência e humildade, examina essas palavras e considera como podem estar conformes com a vontade do Senhor manifestada antes no voto da sua virgindade.

Aprende essa prudência da Santíssima Virgem. — Vê com que facilidade cremos que é um Anjo e que é coisa de Deus, quando se nos oferecem coisas que redundam em nosso proveito, em nossa glória, e logo vamos atrás do que nos agrada..., e talvez não seja o Anjo da luz, senão o das trevas, talvez não seja uma inspiração, senão uma tentação.

Examina, medita e consulta, para que assim acertes em tudo e saibas imitar esta prudência da Santíssima Virgem.

4.º — *O consentimento*. — Contempla agora Maria dando o seu consentimento, uma vez convencida de que é coisa de Deus.

Vê bem como procede o Senhor. — Ele podia fazer tudo isto sem contar com a vontade da SS.ma Virgem; e no entanto não quer forçar a sua liberdade.

Deste modo procede connosco. — Deus não quer corações forçados, nem amor à força. — Quer almas que livre, voluntária e generosamente se entreguem a Ele. — Para te criar não precisou de ti, porém para salvar-te e santificar-te, é necessário que tu dês voluntàriamente o teu consentimento. — Não te fará santo violentamente e contra tua vontade. — Ele te dará a sua graça e a sua ajuda, porém..., de ti depende o santificares-te com ela ou o desperdiçá-la e rejeitá-la.

Portanto de ti e só de ti (convence-te disto) depende que te santifiques ou não. Não te basta este pensamento para uma meditação muito proveitosa, especialmente ao comparar-te com Maria, que agora e sempre deu o seu livre e generoso consentimento à obra de Deus?

Coragem e genrosidade! — Nunca pois, vacilar perante

as inspirações e embaixadas que o Senhor nos envia. — Não determo-nos perante a voz de Deus, senão para examiná-la com prudência e para não a confundir com as emboscadas do inimigo, porém... nunca determo-nos por moleza e cobardia, por amor próprio e soberba..., por medo da humilhação e do sacrifício. — Maria não atende tanto à coroa de oiro que lhe oferece o Anjo, como à coroa de espinhos. — Sabe que o ser Mãe de Deus significa ter o seu coração sempre atravessado com uma espada de dor..., e com coragem e valentia se decide aceitá-la: *faça-se em mim segundo a tua palavra.*

Pois bem, se queres que a tua alma seja deveras filha de Deus e esposa de Cristo e se aspiras à coroa do Céu, hás-de amar agora o sacrifício, a mortificação, a crucificação da carne e das tuas paixões. — Perante o exemplo de Maria, Rainha dos mártires, não duvides em seres também mártir de amor..., aceita e abraça com generosidade esse sacrifício por Maria e com Maria.

29. A Visitação da Santíssima Virgem

É o testemunho que Deus dá para confirmar a conceição milagrosa de Maria; por isso é um mistério grandioso na vida da SS.ma Virgem e muito consolador para os seus filhos e devotos.

1.º — O *Mistério.* — Terminado o mistério da Encarnação tem lugar imediatamente o da Visitação, porque têm íntima união entre si. — Parece que na Anunciação é o Céu que por meio de um Anjo sauda Maria com a mais bela e formosa saudação, e reconhece n'Ela a Mãe de Deus e a Rainha dos Céus. — O Senhor não quere que a terra permaneça indiferente perante este facto, e prepara nela uma saudação que seja um testemunho do reconhecimento da terra para com a Mãe de Deus.

O Arcanjo falou em nome do Céu... Santa Isabel, em nome da terra. — As suas palavras de felicitação a Maria, os seus sentimentos e os seus louvores são nossos em certo modo. Alegra-te com esta disposição do Senhor, que já então quis que nós, por meio de Santa Isabel, nos associássemos ao júbilo que os Céus e a terra sentiram perante a Incarnação do Verbo e a Maternidade divina de Maria. — Supõe, pois, que és tu mesmo que falas e repetes com todo o entusiasmo e fervor os louvores da sua prima à SS.ma Virgem.

2.º — *A Visitação em Maria. — Foi um acto de cortesia e de delicadeza.* — A Virgem SS.ma compreendia a felicidade que teria Santa Isabel quando depois de tantos anos de esterilidade, pois já era de idade avançada, Deus lhe concedia a graça de ter um filho. — Que alegria não havia de encher aquela casa! — Que consolação a de Santa Isabel quando viu que Deus ouvira a oração constante que fazia com este fim! — A SS.ma Virgem bem o sabia, e não hesita em ir participar desta alegria e mais ainda em aumentá-la apressando-se a dar-lhe pessoalmente os parabéns.

Nunca a cortesia, a urbanidade e menos ainda a delicadeza estão em contradição com a santidade. — Nem exageros ridículos e falsos cumprimentos do mundo..., nem também grosserias e maneiras de ser egoístas que nos impeçam de fazer o que devemos aos outros.

Pensa neste exemplo tão delicado e tão cortês da SS.ma Virgem, e convencer-te-ás de que a urbanidade e educação bem entendidas e bem praticadas, são uma grande parte da santidade, e por vezes confundem-se com ela.

Medita bem nisto e examina o teu modo de proceder à face deste exemplo da SS.ma Virgem, num ponto tão prático e tão frequente...

3.º — *Foi um acto de obediência.* — A visita não é só um acto de cortesia, muito menos é ela feita pelo desejo de se certificar da verdade das palavras do anjo, pois Maria nunca duvidou nem vacilou em sua fé. — Nem também vai ver sua prima para comunicar-lhe o mistério que n'Ela se efectuou e que a elevou à dignidade de Mãe do Messias. — Muito pelo contrário, oculta-o e não o revela nem mesmo a S. José, a quem não diz nem uma só palavra do segredo que existe entre Deus e Ela.

Maria, vai pois a casa de Isabel por obediência... é um impulso interior, uma inspiração do Senhor que a isso a incita, e não hesita... senão que imediatamente segue essa

inspiração. — Era ainda muito jovem... o caminho longo e custoso..., o seu estado muito delicado e... não obstante, Deus o quer e sem demoras o executa. — Diz o Evangelho: «levantando-se correu pressurosa»... Que intenso amor à obediência!... Que confiança n'Ela! — Não sabia a Santíssima Virgem qual o fim que Deus pretendia com essa visita... ignorava tudo o que se havia de passar naquela casa e... no entanto o que lhe interessa é confiar-se ao Senhor e obedecer pronta e cegamente. — Deus sabe aonde a guia e conduz.

4.º — *Foi sobretudo um acto de caridade.* — É a única vez que o Evangelho diz que Maria «correu diligentemente». Esta pressa parece que não está conforme com a calma e tranquilidade do seu carácter... Porque será? Ùnicamente pela sua ardente caridade. — Tem em seu seio virginal o Verbo que é Deus, que é caridade... e este fogo abrasa-a e fá-la correr para onde a caridade a chama. — S. Paulo dizia que a *caridade de Cristo* o *impelia* e o não deixava descansar..., queria percorrer todo o mundo para levar a toda a parte a chama da sua caridade... Como seria então a caridade de Maria? — Que desejo o seu de que Jesus comunicasse quanto antes a graça e começasse a sua obra santificadora nas almas. — E assim, corre e voa com grande pressa para dar um desafogo a essa caridade divina que a abrasa...

Agora pensa, e compara as tuas visitas com esta da Santíssima Virgem. — São sempre de delicada cortesia, por obediência ou inspiração de Deus, e sobretudo com espírito de caridade, procurando fazer com elas bem ao próximo? Quantas visitas de passatempo em que se perde o tempo ou se mistura a crítica..., a murmuração..., a dissimulação que nos faz dizer o que não sentimos... Quanta hipocrisia em todas essas visitas feitas com espírito do mundo!

Examina bem quais as tuas conversas nessas visitas e os seus motivos, promete a Maria edificar o teu próximo, desterrando da tua boca palavras que ofendam os outros, e tendo sempre presente a lei da caridade praticada dum modo tão belo pela SS.ma Virgem.

30. Visitação da SS.^ma Virgem e Santa Isabel

Três meses esteve a Arca da Aliança em casa de Obededon e Deus abençoou aquela casa derramando sobre ela grande chuva de graças e prodígios. Portanto não é para estranhar que, a casa de Zacarias onde esteve outros três meses a Arca divina cheia do Maná do Céu, a cumulasse o Senhor de bênçãos... Vejamos como aconteceu assim com Santa Isabel e com S. João.

1.º — *A Visitação em Santa Isabel.* — Como é suave pensar que por meio da Santíssima Virgem quis Jesus levar a cabo a primeira santificação das almas, como o fez com Santa Isabel e seu filho! — Tira pois como conclusão que a santificação da tua alma não a levará o Senhor a cabo, senão na medida em que te entregares a Maria.

Considera depois a recepção que faria Santa Isabel a sua prima. Que satisfação! Que Alegria! — Nunca teria sentido nada de semelhante. — Imagina que delicadezas não inventaria para tornar agradável à SS.^ma Virgem a sua estada naquela casa. — Que farias tu em semelhante ocasião? — Não te fará santa inveja esta mulher que teve a sorte de ser a primeira a oferecer os seus obséquios a Maria? Não será melhor imitá-la? — A Virgem SS.^ma quer também visitar o teu coração, morar na tua alma... lembra-te também de a receberes com delicadeza e não a deixes só

esquecendo-te que lhe deste hospitalidade no teu coração... Se assim te descuidasses cometerias uma grosseria incalculável. — Atende a Maria..., serve a Maria..., acompanha Maria..., serve a Maria. — Estar ao serviço de Maria! Ser útil à SS.ma Virgem!

Pensa bem no que isto significa e verás quão suave e prático é este pensamento.

2.º — *Foi cheia do Espírito Santo.* — Apenas Maria saudou a Santa Isabel logo esta ficou cheia do Espírito Santo. — Ó palavras fecundas de Maria!... Como sois eficazes, pois só uma simples saudação sua serve para encher de graça e santidade aquela alma! — Como as flores derramam por toda a parte o seu aroma, assim Maria derrama e comunica a quem se chega a Ela, a graça e formosura de que está cheia.

Pede-lhe que guarde para ti alguma dessas suas palavras que te santifiquem..., que não as empregue todas com outras almas, ainda que as mereçam e aproveitem melhor do que tu..., que precisamente por tua miséria, necessitas mais d'Ela que outras, e que confias que te não abandonará.

Pensa além disso como hão-de ser as palavras que saiem da tua boca..., palavras de edificação e santificação para o próximo..., nunca palavras ociosas..., inúteis..., prejudiciais, que desedifiquem ou contribuam para fazer pecar ou levar os outros a cometer faltas.

3.º — *Louvores de Santa Isabel.* — Santa Isabel, cheia do Espírito Santo, a primeira coisa que fez foi conhecer a conceição divina de Maria pela qual era Mãe de Deus, e depois prorrompeu em louvores a Ela: *Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre.*

Vê como a grandeza de Maria se conhece ùnicamente à luz do céu... ùnicamente com a oração...; pedindo muito ao Senhor chegaremos a conhecer alguma coisa do que é

Maria. — Sem essa luz apenas poderemos atingir muito ao de-leve a sua formosura e santidade quase infinitas.

Medita, além disso, no mistério dessa exclamação de Santa Isabel ao ver assim sua prima tão grande e tão excelsa. — Que teria visto n'Ela, para o Evangelho dizer que não se pôde conter, e exclamou em voz alta, como quem dá um grito de surpresa e de gozo que não é possível reprimir?

Nota que as palavras que pronunciou são as mesmas do Anjo: *Bendita entre todas as mulheres,* e admira esta coincidência de bendizer e louvar sobre todas as criaturas a Rainha dos Céus e da terra...; admiráveis os juízos de Deus que assim dispõe as coisas!...

Que se passaria no Coração de Maria ao ver descoberto por sua prima o mistério da sua Maternidade, e ao escutar da sua boca as mesma palavras do Anjo? — Os Anjos e os homens..., a terra e o Céu, todos unidos num mesmo louvor! É que o autor é o mesmo...; o que inspirou o Anjo e Santa Isabel, foi o Espírito Santo, Esposo dilecto de Maria, que assim se vale de todas as criaturas para A enaltecer e sublimar.

4.º — *A sua humildade.* — As outras palavras encerram um afecto de profunda e atraente humildade. — *De onde me veio a mim esta dita, que a Mãe do meu Senhor venha ter comigo?* Santa Isabel estava unida a Maria com laços de parentesco, era mais velha que Ela e além disso, era muito santa e não obstante... reconhece que não tem méritos para receber uma visita da SS.ma Virgem... E tu merece-la?... Tens alguma razão para pedir a Maria que não te deixe e te acompanhe e te visite?... Sim; tens uma razão muito forte e é a apontada já..., o ser tão pequeno..., tão ruim..., tão miserável é motivo para confiar mais e mais em Maria, pois como Mãe carinhosa, cuidará com mais esmero dos filhos débeis, raquíticos, enfermiços, e será

maior a sua glória, se conseguir dar-lhes a vida de que necessitam.

Qual será a glória de Maria se conseguir, apesar das tuas faltas, ingratidões e misérias, fazer de ti uma alma santa! — Confia pois nela e pede-lhe que faça assim.

Finalmente, Santa Isabel profetiza que Nossa Senhora será bem-aventurada porque acreditou nas palavras do Senhor. — Eva não acreditando levou-nos à ruina... Maria creu; e com esta fé realizou-se a Encarnação e a nossa Redenção.

Dá graças à SS.ma Virgem que pela sua fé nos salvou e pede-Lhe para poderes imitá-la neste mesmo espírito de fé simples, para seguires as suas palavras e creres sempre nas suas inspirações, pois essa fé é a humildade e desconfiança de si mesmo... e ao mesmo tempo a obediência e a entrega à vontade do Senhor com a qual havemos de reparar a desobediência de Eva e conseguir participar dos frutos da obediência de Maria...

31. Visitação da SS.ma Virgem e S. João

Se os efeitos causados em Santa Isabel com a visita de sua prima foram admiráveis, e imensos os dons e graças que por Ela recebeu, não o foram menos os que chegaram até ao filho das suas entranhas. — Por isso hoje havemos de meditar na Visitação de Maria considerada em S. João.

1.º — *Os seus efeitos.* — O primeiro efeito causado no Percursor ao sentir dentro do seio de sua mãe a presença da SS.ma Virgem, foi de uma íntima alegria, até chegar a manifestá-la de um modo prodigioso, mediante aqueles saltos que sua mãe sentiu que o menino dava cheio de alegria e de gozo extraordinário. — O espírito de Deus é paz, alegria e gozo do coração. — Poderás sofrer, ter desgostos e sofrimentos muito custosos e talvez bem dolorosos..., porém com Jesus..., na sua presença e na de tua Mãe querida... tudo se suavisará. — Não procures felicidade e alegria fora de Jesus, nem mesmo neste mundo a poderás encontrar noutra parte.

Além disso, este gozo do menino ao ouvir a voz de Maria e ao sentir perto de Jesus, significa a alegria do despertar do mundo com a vinda do Redentor. — A noite é sempre triste..., o despertar da natureza é alegria, a vida é inefável poesia. — Contempla mais uma vez o mundo submerso na noite eterna do pecado...; vê-o porém a des-

pertar...; já passou a noite..., já chegou o dia, e o doce despertar de tão horrível sono, causa à humanidade, uma profunda felicidade e alegria. — É o que significam os saltos de gozo que deu S. João.

São os primeiros saltos de uma alegria que será eterna, para todos os homens que queiram aproveitar-se da vinda de Jesus Cristo.

Pensa num encarcerado que está num triste e obscuro calaboiço, carregado de cadeias e condenado à morte... como receberá ele o amanhecer do dia da sua liberdade, em que se quebrarão as suas cadeias e viverá vida de luz e alegria?...

Foi assim que S. João, representante da humanidade, recebeu o gozo de todos os homens que por Jesus Cristo haviam de chegar à vida do Céu...

2.º — *Santificação de S. João.* — É este o fim principal deste mistério. — Deus queria santificar o seu Precursor e como Jesus não podia ir por si mesmo, vai portanto no seio puríssimo de Maria. — Nota os pormenores importantíssimos nesta misteriosa santificação. — Só nesse caminho as almas O podem encontrar. — Quando trabalhares nesse sentido, então poderás dizer que vais com Jesus.

Medita uma vez mais na prontidão e pressa que deve haver em servir e entregar-nos a Deus. — Nem delongas..., nem deixar as coisas para mais adiante..., tudo isso é desleixo e frieza. — A Deus só se serve com diligência e só se pode ir pelo seu caminho de santidade avançando sempre e correndo sempre. — Longe a ideia de parar ou, menos ainda, de recuar.

— Vês o exemplo de santidade em S. João? — Que rápido anda Jesus em fazê-lo santo!... Ainda não nasceu e já quer que seja santo! — Oh! que dita! — Se pudéssemos dizer o mesmo de nós! Porém já que não nos foi concedida esta graça de nascermos santificados, não é este mais

um motivo para não perdermos o tempo que para isso se nos concede?

O tema da pregação do Baptista será aquela magnífica exclamação: *Eis o Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo*. Como pronunciaria estas palavras aquele que foi o primeiro a sentir a verdade destas mesmas palavras, pois que desde o seio de sua Mãe lhe tinha perdoado o seu pecado e o tinha santificado? — *Eu não sou digno de desatar a correia dos seus sapatos*, diria também mais tarde; isto é, eu não sou nada perante Ele, pois tudo o que sou, o sou não por mim mesmo, senão ùnicamente por Ele.

Aplica isto a ti e ficarás convencido desta verdade...

Fora d'Ele não és mais que podridão e miséria... Sem Ele nada haveria de agradável na tua alma... Tudo o que somos é só por Ele... Se há algum bem, alguma coisa de digno e grande em nós, é ùnicamente por Ele. — O Precursor é a primeira experiência vitoriosa que Jesus faz do seu poder e bondade. — Depois repetirá isto em todas as outras almas...

3.º — *Tudo por Maria*. — Lembra porém uma e muitas vezes e penetra no sentido destas palavras: — tudo isto fez-se no Precursor e faz-se nas almas *por Maria*. — É neste mistério que aparece pela primeira vez como o instrumento das maravilhas de Deus..., exercendo a sua altíssima função de Medianeira de todas as graças. A primeira libertação da alma de S. João dá-se com Maria e por Maria.

É ao proferir as suas palavras, no próprio momento em que fala com sua prima, nem antes nem depois, que se efectua esta primeira libertação de S. João do poder do demónio. — As palavras da SS.^ma^ Virgem foram como que uma sentença de perdão... e de vitória sobre Lúcifer. — Podia o Senhor ter operado esta santificação de um modo mais oculto e silencioso; quis porém revelar que Maria era a Medianeira dessa graça de santificação e salvação.

Jesus pois, será sempre o manancial, e Maria, o canal por onde corre até nós a água da graça.

Portanto, S. João Baptista foi o primeiro filho de Maria pela graça. — À sua imitação queremos e devemos sê-lo também, como o foram todas as almas santas. — Quando nos convenceremos pràticamente que só nos faremos santos quando adiantarmos bem no amor e na imitação da Santissima Virgem? ! — Pede-Lhe isto hoje por meio de S. João Baptista para que assim seja não só o Precursor de Jesus, senão também o precursor de Maria...

32. O cântico do «Magnificat»

Foi a resposta que a SS.^{ma} Virgem deu aos louvores com que a elogiara Santa Isabel; por isso este sublime cântico é muito digno de ser meditado e conhecido por todos os devotos de Maria.

1.º — *Excelência e sublimidade do Magnificat.* — Bastaria saber que tinha brotado dos lábios virginais da nossa Mãe, para que não nos fosse indiferente..., porém muito menos o há-de ser se considerarmos as suas circunstâncias. — Trata-se dum cântico que Maria, cheia de Espírito Santo e de alegria divina de que se sentia possuída ao ver-se Mãe de Deus, dirigiu ao Senhor, para o louvar.

Disse-se que é o cântico de louvor à Redenção. — Quem poderia cantar a Redenção melhor do que Maria? — Fora de Deus ninguém havia mais capaz de enaltecer e sublimar esta obra... a mais excelsa do Senhor...; nem os mesmos Anjos do Céu... Por isso foi a SS.^{ma} Virgem que de uma maneira pública e oficial apregoou a todas as gerações o poder e o amor que na Redenção humana o Senhor tinha acumulado.

2.º — *É cântico de amor e de agradecimento de Maria.* — Como o seu coração palpitaria de profundissima emoção ao ir expressando com os seus puríssimos lábios o que

encerrava na sua alma! — Como se contempla uma jóia riquíssima guardada em cofre de imenso valor..., como se admiram as relíquias milagrosas dos santos guardadas em sepulcros sumptuosos e venerados... do mesmo modo deves contemplar e admirar esta jóia, relíquia que Maria guardava em seu coração e que hoje descobre à humanidade neste cântico.

Nunca poderemos chegar a compreender toda a força de expressão que Ela soube dar a estas palavras.

Quanto mais meditares nelas mais tesoiros encontrarás..., não julgues porém que chegarás a entender todo o seu formosíssimo significado. — Seria necessário amar como só Maria sabe e pode amar... teríamos que conhecer os mistérios que só Ela chegou a penetrar. — Vê com quanto fervor e devoção deves frequentemente repetir este cântico, pois bem sabes que é o desabafo do coração santíssimo de Maria e a síntese do seu agradecimento a Deus. — Especialmente quando tiveres de dar graças ao Senhor por alguma graça ou benefício particular que te haja concedido, poderás fazê-lo com outras palavras mais expressivas do que estas mesmas do «Magnificat»? — Haverá cântico que mais agrade ao Senhor do que este que Lhe recorda o amor intenso de quem o compôs e que pela primeira vez o pronunciou?...

3.º — *É o cântico que encerra a sublime oração de Maria.* — Quantas vezes terás desejado saber como oraria a SS.ma Virgem!... Aqui tens então um exemplo maravilhoso da sua altíssima oração. Nisto não há suposições nem imaginações..., são as mesmas palavras d'Ela com as quais nesta ocasião falou com Deus... porém em voz alta para que d'Ela aprendêssemos a expandir o nosso coração na presença do Senhor.

Um dia os Apóstolos, pediram ao Mestre que os ensinasse a orar, e Jesus compôs-lhes a oração do «*Pater Noster*».

— Por isso não há oração alguma que se compare com esta, pois foi feita pelo próprio Deus. — Supõe que pedes a Maria alguma coisa de semelhante; e Ela, Mestra da oração, te ensina e te canta o seu belíssimo «*Magnificat*». — De maneira que se o *Pater Noster* é a oração de Jesus, o *Magnificat* é a oração de Maria.

Portanto, depois do «*Pater Noster*» e da «*Ave-Maria*» não deve haver para ti nenhuma oração melhor do que a mesma oração de Maria, a do seu cântico do «*Magnificat*»...

4.º — *Palavras de Maria.* — Neste cântico, temos, finalmente, o maior número de palavras de Maria. O Evangelho apenas nos cita algumas soltas; são porém tão poucas... que não satisfazem os seus filhos e devotos.—Mas no «*Magnificat*» temos não um extracto ou uma ideia senão as suas mesmas palavras e além disto todas as que Ela pronunciou.

Não foi sem profundíssima razão que tudo isto se fez, pois parece que nos quis indicar deste modo quão parca era em palavras quando falava com os homens e até com os próprios Anjos, não perdendo tempo em dizer palavras ociosas, senão as necessárias e convenientes.

E ao contrário, vê como prolongou o tempo quando se pôs a falar com Deus. — Aqui não mede o tempo, nem as palavras, senão que deixa ao coração expandir-se quanto quiser. — Medita na reserva e prudência que supõe a atitude tomada no primeiro caso e no amor e fervor que supõe a tomada quando falava com Deus.

Imita-a na reserva em falar com os homens, assim como no amor ao tratar com Deus, e longe de a encurtares. prolonga a tua oração com Ele, e aprecia mais a sua conversação do que as da terra. — Pede-lhe enfim, que esta oração e este cântico, te seja infinitamente querido por ser d'Ela e por ter sido inspirado pelo Espírito Santo, para que assim o digas também com aquele fervor e devoção com que Ela o disse diante do Senhor...

33. O «Magnificat»

São tão admiráveis e cheias de sentido as palavras do *Magnificat*, encerram um conjunto tão maravilhoso de louvores, de agradecimentos e de virtudes práticas, que não é possível passá-las por alto e é de grande conveniência determo-nos a saborear as suas doçuras e a estudar os seus ensinamentos.

1.° — *A minha alma engrandece ao Senhor.* — É o fim do homem... louvar e engrandecer ao Senhor. Dulcíssima obrigação, mas obrigação. — Deus criou tudo para a sua glória, mas, pròpriamente a glória na terra só lha pode dar o homem... A glória é um conhecimento seguido de louvor... não podemos louvar o que não conhecemos. E como as outras criaturas não têm conhecimento parece que nos encarregam a nós, de nelas vermos e conhecermos a Deus, para que em seu nome O louvemos. — Eis o nosso ofício...: recolher essas notas de bondade, sabedoria, poder, formosura e caridade, que Deus depositou nas criaturas e com elas formar um hino de gratidão que devemos entoar em louvor de Deus. — Ofício Magnífico e sublime! Como o cumpres?

Nós, o mais que fazemos muitas vezes é engrandecer a Deus com a língua, porém não com todo o nosso ser. — Quando pecamos, ainda que seja só venialmente, demi-

nuímos a Deus em nós...; e quando pecamos mortalmente como que o fazemos desaparecer da nossa alma.

Todos os santos engrandeceram a Deus com as suas obras, e cada dia o engrandeciam mais com a sua santidade; mas, nem sempre..., também eles tiveram faltas e imperfeições..., também algumas vezes amesquinharam o Senhor em seus corações. — Só Maria é a única, que nem um só momento deixou de O engrandecer e sempre... sem cessar... foi crescendo e engrandecendo a Deus.

Sabes louvar a Deus?— Trabalhas por conhecê-lo para melhor o amar? — Pensa que quando não fazes assim faltas ao teu dever..., és uma nota discordante que desafina horrìvelmente nesse concerto de louvores...; por tua culpa e ignorância não sabes interpretar o cântico que toda a criação te confia. — E por tua culpa... — que vergonha!

Repara em Maria. — As suas primeiras palavras são para recolher os louvores e grandezas que Santa Isabel lhe diz para os dirigir a Deus... a Ele só a glória e a honra... Que belo o princípio deste magnífico cântico!

Vê além disso como Maria engrandece ao Senhor com toda a sua alma e coração — em sua puríssima alma. — Por isso Lhe disse no tempo presente: «A minha alma engrandece», não disse engrandeceu ou engrandecerá... senão agora e sempre engrandece. — Parece ser essa a sua ocupação perpétua, o seu principal ofício..., como se não tivesse outro...

Mergulha o teu espírito neste exemplo e pensa em ti comparando-te com Maria. — Oh! se sempre engrandecêssemos ao Senhor, ou ao menos, se nunca o deminuíssemos em nós, qual não seria já a nossa santidade?

Pouco podemos e pouco valemos, mas com esse pouco e do modo que podemos proponhamos louvar e engrandecer ao Senhor, como Maria...

2.º — *E o meu espírito se alegrou em Deus meu Salvador.* — Maria alegra-se e regozija-se, ou antes, encontra-se inundada dum gozo perene. — Com que se regozija? — Não com coisas terrenas... nem com coisas materiais. — É um gozo íntimo, espiritual que tem o próprio Deus por objecto. — Regozija-se e alegra-se em Deus... na posse plena e perfeita do Senhor.

Santa Isabel recorda-Lhe as grandes graças e privilégios, e ainda que sejam motivo suficiente para alegrar-se e regozijar-se neles, no entanto parece que não liga tanta importância aos dons, como ao autor e dador dos mesmos dons. — Santo Agostinho dizia ao Senhor: *Não me dês tuas coisas, mas dá-me a Ti mesmo...* isto é o que com maior razão a Santíssima Virgem nos indica nestas palavras. — Não sabemos procurar a Deus e por isso não conseguimos regozijar-nos n'Ele.

Que doçuras não tem comunicado sempre àqueles que O amam! — Quais comunicaria então à Santíssima Virgem?! — Que é pois de estranhar que a sua alma santíssima saltasse de gozo e de alegria divina?

Repara porém que não diz que o seu gozo está sòmente em Deus, senão em Deus Salvador. — Esta é a raiz e fundamento da alegria espiritual e do gozo eterno que esperamos..., o facto de Deus ser o nosso Salvador. — Estávamos condenados às tristezas e eternas amarguras do inferno. — Graças ao nosso Salvador converteram-se em alegria sempiterna... Que alegria para a alma ver ali o seu Criador... mas sobretudo ao ver o seu Salvador e Santificador!... Pois, que valeria ter-nos criado se não nos tivesse salvado e santificado?

Regozija-te com a Virgem SS.ma neste pensamento e alegra-te por teres um tão grande e sublime Redentor e Salvador. — Repara bem que este gozo há-de ser no espírito, isto é, um gozo puríssimo, sem mistura de coisa alguma carnal e portanto deves fomentá-lo por ser um gozo ver-

dadeiro. Ainda que o corpo sofra com a penitência e mortificação, se o espírito se regozija e se alegra, isto é o que importa...

Finalmente, reflecte que o gozo de Maria não foi em si mesma, senão em Deus só..., quer dizer, nada de um gozo egoísta, que procura a sua comodidade e complacência, senão um gozo de amor..., que se alegra de amar e ver amado o objecto do seu amor ainda que por este amor sofra e padeça. — Maria via-se a si mesma e em si via a Jesus nas suas próprias entranhas e esta vista causava-lhe o seu gozo em Deus.

Também podes ver a Deus dentro de ti, e no teu coração O deves encontrar...; quanto mais o vires deste modo, mais felicidade sentirás. — Aplica também este pensamento à Sagrada Comunhão. — Não tens Jesus dentro de ti como O tinha Maria? — Sabes vê-lo como Ela?... — Sabes apreciar o gozo e a alegria da sua presença real? Vê-lo assim deste modo muitas vezes ao dia?

Pede à SS.ma Virgem que te ensine a ver Jesus..., a estreitar amorosamente a Jesus contra o teu peito..., a deleitar-te com as doçuras divinas de Jesus..., em cuja comparação são amargas todas as doçuras da terra...

34. O «Magnificat»

1.º — *Porque olhou para a pequenez ou humildade da sua serva.* — É admirável a lição prática de humildade que aqui nos dá a SS.ma Virgem. — Acaba de ser saudada por um Anjo da parte de Deus..., acaba de ser elevada à dignidade de sua Mãe..., acaba de ser proclamada bendita entre todas as mulheres, como lhe disse Santa Isabel... e Ela, empenhando-se em abismar-se no mais profundo da sua humildade... reconhece que não é mais que uma simples escrava do Senhor.

Com isto diz-nos que tudo o que n'Ela há é de Deus, pois tudo provém de Deus ter posto os olhos n'Ela... e «olhar» na linguagem bíblica significa olhar com bons olhos e amar... E assim, tudo procede desse olhar de amor de Deus para Ela..., pois de contrário, não teria sido senão uma de tantas filhas de Eva.

Medita muito nestas palavras e impregna-te desta verdade, que se se aplica a Maria, muito mais se pode aplicar a ti. Que és tu? e sobretudo, que és diante de Deus?... que tens de teu e que tens d'Ele?... Se Deus te pedisse quanto te tem dado e que por isso lhe pertence, na ordem da natureza e da graça..., bens físicos e espirituais..., dons interiores e exteriores... que te ficaria?... apenas uma coisa: o pecado... esse é exclusivamente teu. — Tudo o resto é de Deus. — Portanto, não podes dizer que Deus te viu com

bons olhos e que por isso te cumulou de bens e te deu quanto possuis?

Vê pois como com maior razão que a SS.^{ma} Virgem, deves não só reconhecer, senão praticar a humildade, já que isto é a única coisa justa e racional que te fica bem.

Além disso considera como Maria nos ensina que o fundamento de todos os bens do Senhor e de todas as graças que d'Ele recebemos, é exactamente a humildade... e por isso diz que louva ao Senhor e se regozija em Deus seu Salvador porque olhou para a humildade da sua serva. — Desta maneira estarás muito longe de te louvares a ti mesmo, como fez o fariseu do Evangelho que atribuia aos seus méritos todas as suas boas obras...; pelo contrário, a cada instante reconhecerás a bondade e misericórdia de Deus, que te levanta do pó e da miséria, à altura da santidade..., e tanto mais alto te levantará o Senhor quanto tu mais te empenhares em viver uma vida abatida e escondida na tua humildade.

2.° — *Eis porque todas as gerações me chamarão bem-aventurada.* — É uma confirmação das palavras anteriores. O humilde encanta o coração de Deus, e Deus não repara em meios para o levantar e o exaltar. — Quanto não exaltou e sublimou a todos os santos! — Mas sobretudo a Maria! — Quem mais humilde do que Ela? Por isso mesmo, todas as gerações A chamarão bem-aventurada... Ela humilha-se e Deus exalta-A.

Contempla esta divina porfia. Maria procurando rebaixar-se diante de Deus... e levantando-A acima de todos os homens..., de todos os Anjos... e a introduzi-la nos mesmos segredos altíssimos da divindade. — Ninguém tão humilde como Maria..., e ninguém mais elevado do que Ela! Perder-te-ás no exame da sua humildade porque não chegarás ao fundo do seu abatimento... Se meditas na sua exaltação igualmente a não compreenderás, porque quem é

capaz de a seguir no seu voo para Deus ajudada e elevada pelo mesmo Deus?

O que será a humildade?... Que verá Deus nela, para que seja condição indispensável para lhe agradar?— Se Maria se não tivesse feito escrava, não seria agora Rainha, Senhora, e Mãe do próprio Deus.

Portanto, a soberba e a vaidade não são só contra a razão..., mas, sob o ponto de vista de um santo egoísmo, são completamente inúteis e infrutuosas. O soberbo nada consegue... e o humilde tudo alcança. — Compreendes agora como, até por conveniência própria, deveríamos trabalhar por adquirir esta maravilhosa virtude... e desterrar todo o assomo da asquerosa soberba?— Com quanta razão S. Bernardo chamou ao «Magnificat» o «êxtase da humildade» de Maria!..., pois dessa virtude, fez brotar todas as suas grandezas e maravilhas...

Vê, finalmente, que estas palavras encerram uma profecia...; Ela disse: que «a chamariam bem-aventurada...» Fala de um futuro que devia desconhecer e não obstante, com toda a segurança afirma que será assim.

Como é suave, para nós, ver o exacto cumprimento destas palavras! — Reune os títulos de Maria..., os seus santuários e templos...; conheces alguma igreja que não tenha um ou vários altares em sua honra?... Haverá povoação, por grande ou pequena que seja, que não possua alguma imagem da SS.ma Virgem e que não celebre a sua festa com alegria e esplendor? ...

Recorda o mês de Maio..., pensa no dia da Imaculada Conceição... lembra as principais festas da SS.ma Virgem... e verás que o povo cristão corre a ajoelhar-se aos pés de Maria. — Sobe ao Céu e vê a todos os santos reconhecendo a santidade da Virgem Santíssima... e a todos os Anjos, que juntamente com os homens não cessam de a proclamar «Bem-aventurada»... Que esplêndida confirmação a desta profecia!...

35. O «Magnificat»

1.º — *Porque o Todo-Poderoso fez em mim grandes coisas e o seu santo nome.* — Como compreendemos mal a humildade!... Julgamos que consiste exteriormente em dizer mal de nós..., em não reconhecer o bem que fazemos... e em não ver as graças que o Senhor nos concede... e nada disto é a humildade.

Escuta Maria: *Todas as gerações me chamarão Bem-aventurada.* — *O Todo-Poderoso fez em mim grandes coisas....* e no entanto, isto é humildade. — Não esqueças que a humildade é a verdade, simplicidade e sinceridade.

Reconhece pois o bem que em ti há, não porém para te louvares...; então será soberba. — Compreende a grandiosa e vasta obra de Deus no teu coração...; que isto porém te sirva para o louvares mais e mais..., para corresponderes melhor...., para cada dia o amares com maior fervor e entusiasmo, como consequência natural do teu agradecimento.

A que coisas se referia a SS.ma Virgem ao dizer que Deus tinha operado n'Ela grandes maravilhas? Em que pensaria quando dizia estas palavras? — Pensa e trabalha por adivinhá-lo, percorrendo como Ela percorria os favores e dons que do Senhor tinha recebido.

Lembra-te da sua predestinação desde a eternidade..., da sua existência na mente divina gratíssima para Deus.

E lembra-te a seguir do inefável privilégio da sua Conceição Imaculada, com todas as graças inerentes a esse privilégio...: passariam pela sua imaginação e teria presentes todas as maravilhas que em seu coração quis o Senhor acumular, e recordar-se-ia da saudação do Anjo..., do mistério da Incarnação do Verbo... e então, aparecer-lhe-ia diante dos olhos o milagre dos milagres...: que Ela criatura!... escrava do Senhor!... fosse ao mesmo tempo sua Mãe!... e como para isso foi necessário fazer uma coisa extraordinária e desconhecida no Céu e na terra, isto é, o ser Mãe sem deixar de ser Virgem. — Por isso, extasiada ao ver tudo isto..., penetrando no valor e significação de tudo, com grande fervor exclama: *O Todo Poderoso fez em mim grandes coisas.*

Vês bem? Tudo, tudo atribui ao poder de Deus... ao Todo-Poderoso!... à santidade de Deus!... ao seu santo nome! — Deus, com a sua santidade, bondade e divina misericórdia, determinou fazer tudo isto... e fê-lo com o seu poder infinito.

Faz uma aplicação destas palavras à tua alma. — Não poderás também dizer que fez em ti grandes coisas o poder, e sobretudo, a bondade de Deus?... Não é um efeito da sua liberdade... (sem mérito algum da tua parte...) tudo quanto o Senhor te tem dado generosamente? — Demora-te a recordar tudo desde o teu nascimento até ao momento presente...; recorda, sobretudo, as vezes que te tem perdoado os pecados...; que te tem transformado dum abismo de misérias que eras num abismo de graças e formosura. — Reconhece isto assim, que não é soberba... Mas louva-o a Ele como Maria.

Bendiz o seu poder... Glorifica a sua bondade..., venera com o amor o seu santo nome.

2.º — *«E a sua misericórdia se estenderá de geração em geração para com todos os que o temem».* — Eis outra

faceta delicadíssima da humildade. — Maria regozija-se em estender aos outros esta misericórdia do Senhor, que usou para com Ela.

Quanto Deus fez de grande em sua alma, fá-lo-á com todos os que O temem...; não quer ser a única...; compraz-se em publicar a participação que todos podem ter nesta bondade de Deus. — Ah! Como é humano querer ser dos primeiros!... e muito mais ainda sermos os únicos! — A verdadeira humildade, não é exclusivista..., nem ambiciosa... muito menos, invejosa do bem alheio...; isso é demasiado humano..., e Maria é divina! Por isso não é assim, nem mesmo assim pensa...

Além disso esta misericórdia e bondade é para os que O temem. — Não se refere ao temor servil, próprio dos servos, senão ao temor reverencial e filial dos bons filhos. — É aquele santo temor de Deus, de que fala a Sagrada Escritura, que é o princípio de toda a Sabedoria... e por isso mesmo, o princípio da santidade e o fundamento do amor. — Teme, e ama!... são duas coisas inseparáveis para Deus... Deves pois temer com amor, e deves amar com temor. — Temor de ti..., dos teus pecados e recaídas..., da tua miséria..., da tua pouca gratidão e correspondência... Como Deus é bom para com os que O temem!... Que será para com os que O amam! — Teme a sua justiça, mas sobretudo ama a sua bondade..., confia na sua misericórdia, e verás como se cumprirão em ti as palavras de Maria.

Regozija-te de teres um Deus tão misericordioso, que não nega a sua misericórdia a ninguém, e trabalha com toda a tua alma por estender, com a tua oração..., com a tua penitência..., com o teu amor, este reino da bondade e da misericórdia, não só em tua alma, senão em todo o mundo, como Deus quer... em todos os justos..., nos tíbios... e até nos grandes pecadores para os quais não brilha ainda esta infinita misericórdia do Senhor.

36. O «Magnificat»

1.º — *Com o seu braço fez obras magníficas.* — Aqui exalta a SS.ma Virgem o poder de Deus, que se manifesta especialmente nalgumas das suas obras. — São todas fruto desse poder infinito de Deus, porém nalgumas manifesta-se mais claramente essa omnipotência. Olharia a SS.ma Virgem para o Céu e veria nele as estrelas imensas... luminosíssimas... incalculáveis no seu número... com uma vida e movimento incessantes... no meio duma ordem admirável. Que bela obra a do Céu com as suas estrelas, para se ver nela a omnipotência de Deus! — E a terra?..., com as suas plantas e animais..., com os seus rios e mares..., etc.

Percorre pois tudo isto com a imaginação e pergunta a ti mesmo: não é isto obra do braço poderoso de Deus? — Quem, senão Ele, podia conceber, ou fazer coisas semelhante?

Depois, veria também o homem..., os anjos... e toda a brilhante corte que cerca o trono de Deus..., e sobretudo ver-se-ia a si mesma... Onde poderia descobrir melhor a força do braço poderoso de Deus senão no seu coração e na sua alma puríssima e imaculada?

Pensa bem no que isto quer dizer. — Ao fazer Deus todas as suas obras, parece que as fez sem esforço algum..., bastou a sua palavra..., o seu querer..., porém na obra da Incarnação, ao nosso modo de entender, não é certo que

não a podemos explicar senão como obra em que Deus teve que pôr toda a sua omnipotência e fazer, se assim se pode dizer, um grande esforço.

Para a criação não teve nenhuma resistência a vencer..., tudo foi feito do nada. — O esforço é tanto maior, quanto maior é a resistência que se opõe ao nosso trabalho. — Se pois na criação, a resistência não existia porque as coisas jaziam no nada..., na Encarnação não foi assim... Teve primeiro que violentar, por assim dizer, a divindade... Teve de fazer-se violência a Si mesmo para deminuir, tornar pequeno e aniquilar o próprio Deus!..., e assim poder encerrá-lo num corpo humano e no seio de Maria.

E teve de fazer esta obra única e jamais repetida, de escolher uma mulher e fazê-la sua Mãe... e torná-la por isso receptáculo dos prodígios e maravilhas de toda a criação... e fazê-la Imaculada... e Virgem e Mãe ao mesmo tempo.

Tudo isto não supõe um imenso esforço do braço poderoso de Deus?

Foi tão grande este esforço, que chegou a esgotar, se assim se pode dizer, todo o seu poder... Deus pode criar milhares de mundos... milhares de seres..., milhões de anjos e céus mais belos..., mais esplendorosos, que os actuais. — Porém, não pôde fazer uma obra de maior grandeza que sua Mãe..., pois era impossível que houvesse Mãe superior à Mãe de Deus.

Não podes aplicar isto mesmo à Sagrada Comunhão?... Não é outro esforço do seu braço?...

Não esgota aí também a sabedoria e o poder e até o amor de Deus?... Com ser omnipotente..., Deus pode dar-te alguma coisa maior do que a Sagrada Comunhão?

2.º — *«Confundiu os soberbos nos pensamentos dos seus corações».* — Eis outra prova do poder do seu braço. — A sua omnipotência manifesta-se nas obras da misericórdia

e da bondade..., e também nas da sua justiça. — E assim como vai para os humildes toda a sua misericórdia, assim a sua justiça descarrega-a sobre os soberbos. — Como se lembraria a SS.ma Virgem da diferença da sua exaltação até ao trono de Deus, para ser Rainha e Imperatriz do Céu, com a estrondosa queda de Lúcifer das alturas até ao mesmo inferno! — Ela subiu pela humildade, este caiu pela sua soberba...

E nota bem que Ela diz: «aos soberbos de inteligência e de coração»... Cristo refere-se, claramente, à soberba interna, não precisamente à externa, que é uma falta de tino... A interior é mais refinada..., isto é, parecer humilde no exterior, e interiormente ter entronizada a soberba no coração e na mente. — E o pior desta soberba é que é tão subtil e tão fina, que penetra até ao mais íntimo sem darmos conta.

Fixa-te nesta distinção: *soberba de espírito*... é o próprio parecer... o não querer ceder... o desejar que nos dêem sempre razão..., o não sofrer uma contradição..., enfim, é o não condescender especialmente quando julgamos ter razão...; e depois repara na *soberba de coração*...; que há-de ser esta soberba senão o terrível amor próprio que tão profundamente se enraiza no nosso coração?

Pede à SS.ma Virgem te liberte desta dupla soberba, do espírito, e do coração, e assim, pela sua mediação, te vejas livre da justiça divina, que, segundo a própria Virgem SS.ma, tão duramente há-de castigar esta soberba interna...

O «Magnificat»

1.° — *Depôs do trono os poderosos e exaltou os humildes.* — Assim como no verso anterior expôs o que o Senhor faz sempre com os soberbos de espírito e de coração, assim agora nos fala da manifestação dessa soberba por meio da vaidade, do orgulho, da fome de mandar...; estes são os poderosos da terra... — os que mandam e não gostam de obedecer. — Eis porque a obediência é irmã inseparável da humildade. — A uma e a outra convém esse espírito de submissão e de simplicidade que tanto agrada a Deus. Quantos poderosos não havia então na terra?!...; com luz vinda do Céu a SS.ma Virgem via-os a todos gozando nos seus palácios..., mandando em seus servos e escravos que perante eles se prostravam como se fossem deuses...

Escuta porém a frase enérgica de Maria...: a esses o Senhor os porá fora dos seus tronos, e das suas cadeiras de vaidade, e com desprezo os abandonará. — Estas expressões parecem não condizerem com a doçura e compaixão de Maria!... Nós não podemos compreender quanto Deus detesta toda essa presumida vaidade da terra: — Nem sequer para ela olha, nem lhe tem alguma consideração. — Para procurar Maria, não a procura entre os grandes da terra, senão entre os humilde...; e quando nasce em Belém, manda aos anjos anunciar a grande nova aos pastorinhos simples... e dos grandes e poderosos nem se lembra... Como

deve ser terrível este desprezo de Deus!... Que imenso castigo Maria anunciou por palavras tão fortes!

Examina se tens esse espírito mundano em qualquer das suas manifestações..., nalgum dos seus graus, ainda que te pareça muito pequeno, e se queres ver quão distante estás desta presumida soberba e vaidade, vê em que estado te encontras e em que alturas estás quanto à obediência..., submissão e humildade..., e assim compreenderás a que distância te encontras do grande prémio que Maria anuncia para os humildes. — Para estes, a exaltação, o engrandecimento..., um trono muito levantado no céu. — Compara essas duas expressões da SS.^{ma} Virgem: a do castigo do desprezo para os poderosos..., a da exaltação gloriosa dos humildes e simples.

2.º — *«Cumulou de bens aos famintos e despediu os ricos de mãos vazias».* — Mas... ainda mais? — Não acaba a SS.ma Virgem de exaltar a humildade. Quanto a ama! Porque estas palavras são uma confirmação ou repetição das anteriores.

Aqui fala de outra manifestação da humildade, que é a pobreza..., e da soberba, que é a abundância e as comodidades. — A pobreza real e actual..., a pobreza de espírito. — Jesus quis nascer, viver e morrer abraçado a ela. — Se soubéssemos quanto esta virtude agrada a Jesus, como a apreciaríamos!

Ao menos, havemos de procurar e desejar a pobreza de espírito. — Não apegar-se a nada..., não desejar nem invejar nada..., não querer o bem-estar e comodidades das riquezas..., ter gosto em que nos falte alguma coisa, e que nem tudo saia à medida do nosso desejo... E enfim, no afã de despojarmo-nos de tudo..., despojarmo-nos de nós próprios.

Só um coração despojado do amor carnal, do amor de si mesmo pode agradar a Deus. Nosso Senhor quer que nos

revestimos d'Ele, mas para isto temos de despojar-nos de nós mesmos.

Quando deitamos massa num molde, se quisermos que ela chegue a todas as formas e desenhos, é preciso que o molde esteja bem limpo de tudo...; quaisquer aderências que tenha, impedirão que se imprimam perfeitamente todas as suas linhas. — Pois bem: Maria e Jesus querem moldar-se no teu coração..., para que este seja uma cópia exacta d'Eles.

Porém não admitem companhia, porque não há nenhuma digna de Jesus e de Maria... É necessário, e a todo o custo indispensável, que limpes bem o coração..., que o desprendas e arranques dele ainda que seja com violência... e com dor, tudo o que não seja Jesus e Maria. — Pensa nisto, em modo particular na ocasião da comunhão e não esqueças que tu e Jesus não cabeis juntos no coração... Se queres que Ele entre, terás que sair tu... Ele só é bem capaz de o encher. — Esta é a fome de que fala Maria. — Vai com verdadeira fome receber a Jesus, e sentirás a verdade destas palavras: «aos famintos cumulou-os de bens». — Porém aos outros..., a esses..., deixa-os sem nada... que é o que lhes pertence.

38. O «Magnificat»

1.º — *«Tratou ou socorreu a Israel, seu servo recordando-se da sua misericórdia».* — Aqui recorda a SS.ma Virgem a grande misericórdia usada com Israel. — Era um povo escravizado pelos Faraós, a quem o Senhor milagrosamente tirou daquela escravidão e os conduziu através do deserto...; ali alimentou-os com o maná do Céu; depois de os livrar triunfantemente dos seus inimigos levou-os à terra opulenta da promissão. — Enfim, tomou-o como coisa sua..., fê-lo seu povo escolhido..., e tratou-o como a um membro de família, com carinho e providência admiráveis.

Aplica tudo isto, ponto por ponto, ao que Deus tem feito contigo e verás aí uma sombra da realidade. — Tirou-te do cativeiro do demónio, infinitamente pior que o dos Faraós..., protegeu-te sem cessar no deserto desta vida..., alimenta-te com o verdadeiro maná divino do seu próprio Corpo e Sangue... e conduz-te carinhosamente pela sua mão à terra prometida que é o Céu.

Mas, há mais ainda: a Israel deu-lhe o título de seu servo ou doméstico — grande favor, sem dúvida, servir a Deus! — porém a ti chama-te e dá-te o título de honras de filho..., de irmão de Jesus Cristo..., de herdeiro do seu trono... Que sublime e magnífica realidade! Não duvides de que ainda que Maria fala apenas da misericórdia de Deus com

Israel, pensava também na que usaria contigo e tinha-a bem presente.

O que não diz a SS.ma Virgem é a correspondência de Israel ao Senhor...; bem na sabes: dureza de coração... desconfiança d'Ele no deserto... um total esquecimento de Deus nas delícias da terra da promissão, chegando a procurar outros deuses para os adorar... e, finalmente, expulsando a seu Filho quando veio a salvar-nos, dando-lhe morte cruel na cruz...

Eis o que Deus recebeu da misericórdia usada para com aquele povo. — Mas... também nisto será figura de ti? — Também terás imitado neste ponto a Israel, na sua negra e enorme ingratidão?...

Poderá também dizer de ti o Senhor que da sua vinha eleita, que era Israel, não tirou mais do que uvas silvestres, azedas, amargosas... Pelo menos nalgumas ocasiões, reconhece com humildade e com santa vergonha que assim tem sido..., mas promete firmemente que já não será assim para o futuro...

2.º — *«Como tinha prometido a Abraão e aos seus descendentes, por todos os séculos dos séculos».* — Como Deus é fiel à sua palavra! — Assim o prometera a Abraão, e a seus filhos, os outros grandes Patriarcas do Antigo Testamento..., e como o prometeu assim o cumpriu. — Ele não ignorava o que aquele povo ia fazer dos seus benefícios, e apesar disso..., não volta atrás e não desfaz a sua promessa. — Como o Senhor é fiel!

Mas nota, como, segundo as palavras da Santíssima Virgem, esta fidelidade e exactidão de Deus, *é por todos os séculos...*, isto é, que como cumpriu o prometido então, também o cumprirá no que prometa depois.

E efectivamente, segundo S. Paulo, esta fidelidade de Deus manifesta-se em três coisas: *a)* em não permitir ao demónio que nos tente mais do que nós podemos resistir,

pois é bem claro que se o deixasse, ninguém o venceria..., tanta é a sua astúcia! tanto o seu poder e sabedoria! *b)* é fiel em não abandonar-nos durante a tentação...; não é como as amizades terrenas, que nas provas e dificuldades da vida, em especial na mais terrível, a da morte, nos deixam sós e nos abandonam..., não nos servem para nada. — Mas o Senhor não é assim: quanto maior for a tentação e a necessidade tanto mais nos assiste com a sua ajuda e com a sua graça..., de tal modo, que nos dá esta na medida daquela, sem que nunca nos falte..., apesar de tantas vezes nós o deixarmos; *c)* enfim, é fiel em dar-nos um prémio eterno, se soubermos, com a sua graça, lutar e vencer...; esta fidelidade de Deus, é o fundamento da nossa esperança..., o Céu!..., a posse de Deus!... e isto, com certeza, pois Ele não falta à sua palavra... Que consolação e que alento nos dá na vida este olhar para Deus..., para o Céu..., para a coroa que nos espera!...

Vê o que deves dizer ao Senhor perante este seu exemplo de fidelidade que te recorda a SS.ma Virgem. — Que pena e que vergonha que tenhas sido tantas vezes infiel e inconstante nas tuas palavras e promessas feitas ao Senhor! — Se tivesses cumprido só metade das coisas que tantas vezes tens prometido, qual não seria a tua santidade a esta data? Pede a Maria a graça da exactidão..., da fidelidade..., da constância no cumprimenti das tuas palavras.

3.º — *Resumo e conclusão.* — Como é sublime o cântico do *Magnificat*! — Que formosíssima a oração de Maria. — Quantas coisas não encerra! — É o cântico da gratidão da sua alma a Deus! — o cântico da Redenção, em que publica as maravilhas e grandezas que nesta obra fez o braço poderoso do Senhor e a sua misericórdia! — Enfim é o cântico da humildade! — Assinala-nos o caminho que temos de seguir..., não há outro... Nem Ela nem Jesus encontraram,

e menos ainda seguiram outro..., Lança-te generosamente por ele!... a imitar a Jesus e a Maria na sua humildade!... Portanto procura uma devoção terna e fervorosa a este sublime cântico e repete-o diàriamente na comunhão para dar graças ao Senhor..., ao mesmo tempo, que te deves examinar da tua fidelidade na promessa que hoje lhe fazes de segui-lo na humildade.

39. A Expectação

A Igreja celebra a Expectação da SS.ma Virgem com uma festa especial que lhe dedica no santo tempo do Advento. — É uma festa genuìnamente espanhola, estabelecida, provàvelmente por Santo Ildefonso, o qual nas matinas da meia-noite desta festa, mereceu ser revestido pela SS.ma Virgem de uma preciosa casula que os anjos trouxeram do Céu.

1.° — *A Vida da SS.ma Virgem durante este tempo.* — Considera esta vida sob dois aspectos: um interior e outro exterior... Sob o aspecto interior a vida de Maria é uma absoluta identificação com seu Filho. — Mãe e Filho não viviam uma vida semelhante, mas uma única e mesma vida, uma só vida. — Não se pode conceber maior dependência que a de Jesus no seio puríssimo de Maria. — D'Ela recebia toda a vida... Que mistério! Deus depender de uma criatura!...

Penetra no mais profundo dessa intimidade divina entre Maria e seu Filho e aprende: *o recolhimento* com que Maria concentrava em Jesus, sem cessar, todo o seu ser...; o *fervor e o amor*, com os quais vivia ùnicamente para Jesus... Ela via mais com os olhos de seu Filho, do que com os seus próprios... amava com o Coração de seu Filho e todo o

seu gosto era dar-lhe gosto a Ele. — Que amor tão perfeito e tão puro sentiria pelo Deus que encerrava no seu seio!..., *a vida de gozo e de alegria inefáveis,* porque todas as coisas divinas causam gozo e dão a felicidade e — sobretudo a posse de Deus, como a tinha então a Santíssima Virgem... Nada pois tinha que invejar da glória dos bem-aventurados do Céu...

Aprende, finalmente dela a ter *uma vida de desejos e de ânsia infinita,* que a levava a estar sempre em oração, fazendo violência a Deus para que apressasse quanto antes a hora de revelar-se ao mundo. — A hora da Redenção... é isto sobretudo, o que mais caracteriza este momento da vida de Maria. — Como é doce pensar que em virtude desta sublime e fervorosa oração, o Padre eterno adiantou a hora da Redenção do mundo e nos enviou o seu próprio Filho para nos salvar!...

2.º — *A sua vida exterior.* — Como a SS.ma Virgem é admirável em tudo!... Com uma vida interior tão intensa e tão divina como levava então, não deixava transparecer nada no exterior. — Exteriormente uma doce calma, uma simpática simplicidade, uma amável serenidade. — Ninguém suspeitava o que se ia passando no seu interior... ninguém, nem sequer São José...

Que santa avareza a de Maria!

Como guarda para si o tesoiro e o não confia a ninguém! — Nem a ambição, nem a soberba nem o amor próprio, nem o desejo dos louvores, a levam a comunicar seja a quem for o seu segredo..., nem a dar-se importância diante dos demais, julgando-se superior a todos, ainda que o era na verdade...

Que humildade prática! Que bela simplicidade!... Quantas vezes o nosso merecimento se evapora, porque o destapamos diante dos outros e não sabemos guardar as nossas

coisas só para Deus...; pelo menos pômo-lo em perigo, porque imprudentemente o expomos aos olhares dos homens, procurando mais ou menos directamente algum louvor..., alguma estima deles...

3.º — *A vida do Filho.* — Contempla neste momento a vida de Jesus..., oculta e escondida como num sacrário, no seio de Maria. — Que obscuridade e silêncio nesta vida de Jesus!... Que fraqueza e debilidade a de Jesus!... *Tudo* espera e *tudo* recebe de sua Mãe... e contudo dali mesmo está dirigindo o mundo..., está sendo a alegria dos Anjos e, sobretudo, está dia a dia santificando mais e mais com a sua presença, com o seu contacto, a sua querida Mãe. Que mistério!..., que vida activa a de Maria com o seu Filho e a do Filho com sua Mãe!...; contudo é vida de actividade interior...

4.º — *A tua vida.* — Esta é que deve ser a tua vida. Isto é que é viver... viver para Jesus, dando tudo a Jesus como Maria lhe deu. — Nisto é que está a verdadeira doçura, o encanto, a perfeição que encerra a vida interior... Aprende e pede a Jesus e a Maria que te dêem esta vida. — Examina como te encontras com relação a esta vida. — Vê se gostas do silêncio dela..., da sua obscuridade..., da sua simplicidade exterior de que anda acompanhada... vê se desenvolves no teu interior o fervor, e o amor de Maria, que via sempre e tratava com Jesus no mais íntimo da alma.

Principalmente depois de comungares, porque é que o contacto com Jesus e a sua presença semelhante à que Ele teve no seio de sua Mãe, não produzem em ti a santidade que produziram n'Ela? Para o conseguires tens de vigiar os sentidos, as potências, mortificando-os sem cessar, concentrando-os no interior, para que vejam aí a Jesus e se

acostumem a tratar com Ele, precisamente no mais íntimo do coração.

Por último, vê como aqui tens um modelo perfeitíssimo de escravidão Mariana. — Jesus é o primeiro escravo de Maria. — D'Ela depende toda a sua vida... Assim deve ser a tua.... uma vida completamente entregue a Maria sem nada poderes fazer sem Ela...

40. A caminho de Belém

— *O recenseamento.* — Este serve de ocasião para a viagem a Belém e para exercitar as mais belas e difíceis virtudes na Santíssima Virgem, como são, a submissão e a obediência. — Contempla a Maria na companhia de S. José na sua pobre casa de Nazaré..., pobre, mas nada falta. — Ela andou preparando com todo o carinho todos os pormenores. para o nascimento de seu Filho que se aproxima..., o bercinho feito por S. José, os paninhos que Ela mesma confeccionou...; em tudo há pobreza mas muito carinho e amor... e o amor supre e inventa muitas coisas para melhor receber ao seu querido Filho.

De repente ouvem um rumor, primeiro, e pouco depois, confirma-se esse rumor...: todos têm que ir a recensear-se no lugar da sua origem, e Ela e José descendem de David e da real cidade de Belém... Que contratempo!... Como iam eles agora a fazer a viagem naquelas circunstâncias... quando de um dia para o outro Nossa Senhora esperava o nascimento do Menino Deus?... E tudo isto pelo capricho e soberba de um homem, de um tirano que assim o ordena... Não haveria meio de impedir tal disposição... ou pelo menos de diferi-la?... Porque não esperar um pouco de tempo até que passe aquele dia ditosíssimo?

E, contudo a Santíssima Virgem não fala nem critica nem protesta... Com o coração ferido, acata a divina vontade..., confia no Senhor..., lança-se nos seus braços e

imediatamente obedece. — Quem teve alguma vez maior desculpa para não obedecer do que nesta ocasião a Santíssima Virgem? — Se te tivesse rebelado e não tivesse obedecido, quem a poderia tachar de imperfeita? ... Não diríamos que havia procedido muito bem... e que teria sido uma imprudência o pôr-se a caminho naquela ocasião?... Não obstante isto, Maria não atende à prudência da carne...; antes de tudo está o obedecer, sem pensar em mais nada... Que submissão de vontade e de juízo!

Nota bem isto que é a parte mais difícil da obediência... A Maria sobravam-lhe razões para não obedecer..., mas obedece antes de tudo e por cima de tudo..., e é que diante da obediência não existe para Ela mais nada... Que lição difícil, penosa e prática nos dá Maria!...

2.º — *A viagem.* — É longa, umas cinco jornadas...; é dura, por causa do caminho mau e por ter de percorrê-lo todo a cavalo...; é incómodo, pela época..., em Dezembro, com frio, ventos desagradáveis, chuvas e até neve. — Acompanha uns instantes a Santíssima Virgem: vai abrigada com um manto preto e com um véu lançado por diante do seu rosto. — S. José a seu lado não se descuida um momento e procura que a jumentinha vá pela parte melhor do caminho...; ele adivinha aquele rosto que vai escondido sob o véu..., todo ele pureza, modéstia, recolhimento..., beleza e formosura celestiais e sobretudo..., santidade.

Outros viajantes passam junto d'Eles, fazendo o caminho mais rápido e cômodamente. Que diferença! — Todos iriam criticando e maldizendo a ordem de César. — Maria vai como que transfigurada, como que extasiada, pensando no tesoiro que leva consigo...; não lhe interessa a vida exterior que a rodeia. — Em viagem e em casa vive com Jesus e para Jesus.

Que oração faria a Santíssima Virgem neste caminho! Vê como os anjos se disputam a honra de acompanhá-la

e tu também demora-te a acompanhá-la o melhor que puderes nestas jornadas... Agora ajuda-a a descer da jumentinha... coloca-a debaixo de qualquer palmeira, leva-lhe água..., qualquer coisa que Ela te peça..., põe-te ao seu serviço, e pede-lhe que ainda que muitas vezes o faças mal, não te despreze, mas que te admita na sua companhia... Não lhe negues nada, que tudo merece.

3.º — *Belém.* — Chegaram por fim... é hora de descansar. — José vai em busca do melhor sítio, segundo lho permite a sua pobreza..., mas, outra vez a mão do Senhor, que os prova com o sofrimento da mais dura mortificação. — Nem hospedarias, nem amigos, nem ninguém lhes abre as portas. Que horrível! Depois de cinco dias de caminho... e em vésperas de dar à luz a seu divino Filho... não há onde hospedar-se... Não é para perder a paciência e para murmurar e para dar lugar a todos os nervosismos a que nós nos entregamos?... Não é isto já demais?

Sem dizer nem uma palavra, outra vez se lança nos braços de Deus e... esperar o que Ele quiser. — Se finalmente a sua vontade há-de triunfar sempre, porque não a aceitamos com mais resignação e alegria, sobretudo quando nos prova com alguma coisa mais desagradável?— Vê como Maria entra naquele curral de animais...; a sua delicadeza..., o seu amor maternal impressionar-se-iam.

Que repugnância!... Ali ia Ela passar a noite!?... Ali ia Ela dar à luz a seu Filho!?... Que domínio o seu!... É essa a vontade de Deus?... Pois essa é também a sua...

Ajoelha-te aos pés desta Virgem puríssima e pede-lhe perdão da tua soberba, do teu amor próprio, com o qual tantas vezes te opuseste à vontade de Deus... e pede-lhe uma submissão e obediência como a sua, para obedecer sem réplica e submetendo até com alegria não só a vontade mas também o juízo aos teus superiores ainda quando julgues que tens razão de sobra.

41. O Nascimento do Menino Jesus

1.º — *Ingratidão dos seus.* — Vê como se cumprem à letra aquelas palavras: «veio para os seus e os seus não o receberam». — Que ignorância das coisas de Deus! Se eles soubessem o que ia passar-se naquela noite!... Mas aí está o mérito da submissão e resignação nas mãos de Deus..., não pensar no porquê nem no para quê dispõe Deus as coisas deste ou daquele modo.

Por outra parte aqueles puderam ter desculpa da sua ignorância..., mas nós não temos milhares de provas para conhecermos as coisas de Deus e sabermos quem é Ele e onde se encontra?

Pedir perdão ao Senhor das muitas vezes que quis entrar no nosso coração e nós não o admitimos...; das muitas vezes que Ele desejou fazer alguma coisa... talvez alguma coisa de grande connosco e nós o impedimos. — Enfim temamos e tremamos, pois não sabemos a responsabilidade que nisto temos e a conta que havemos de dar a Deus por isso.

2.º — *O Nascimento.* — Se o esquecimento, o abandono e o desprezo foi o modo como os seus receberam a Jesus, contempla agora a Maria..., penetra no interior do presépio e... olha com santa curiosidade para tudo o que ali se passa. — Iluminada pelo Espírito Santo, compreendeu Maria que

o momento do nascimento de seu Filho tinha chegado... e naturalmente, ainda que cansada da penosa viagem, não quer descansar.

Mais do que nunca entrega-se agora à oração... Os seus ardentes anelos e fervorosos suspiros fazem uma violência irresistível ao coração de Deus... que se deixa vencer pela oração de Maria; e quando esta chegou ao grau mais elevado daquele êxtase de amor, o Espírito Santo faz com que de repente..., de um modo milagroso..., ao abrir Maria os seus olhos, se encontre entre as dobras do seu manto..., branco como um floco de neve..., mais belo do que os anjos..., o Filho de Deus e o seu filho. — Maria Virgem antes do parto, é virgem sem mancha no parto...: como o raio de sol sai por um cristal, sem o quebrar e sem o manchar..., assim nasceu o Filho de Maria.

Aproxima-te bem, sem medo nenhum e contempla aquela cena. — Jesus vai a receber a primeira adoração e com ela as primeiras carícias de uma mãe... Maria adora ao seu Deus, vivo ali... real e fisicamente presente..., mas como mãe julga-se com direito a tomar aquele menino e a imprimir nas suas faces delicadas os seus primeiros beijos... Que beijos mais carinhosos!... Que abraços mais efusivos!... Que carícias mais ternas!... Desperta bem a tua imaginação, que tudo será nada para pintar esta cena.

Jesus não sente a pobreza do estábulo..., nem o frio da noite..., porque a primeira coisa que viram seus olhos ao abri-los à luz deste mundo, foi o rosto de sua Mãe. — Lembra o encanto de uma criancinha quando sorri ao contemplar qualquer coisa agradável aos seus olhitos e pensa no que seria o sorriso de Jesus ao ver a sua Mãe tão pura..., tão bela..., tão formosa. — Mãe e Filho parece que não se fartam de contemplar-se mùtuamente... e este olhar de Maria é consolação e alegria para Jesus... e o olhar de Jesus é aumento de graça e santidade para Maria.

Com que respeito e devoção e ao mesmo tempo com

que ternura a delicadeza iria a Santíssima Virgem envolvendo aquele corpinho de seu Filho nos brancos e pobres paninhos... e com que dor e pena tão profundas, o colocaria nas palhas do presépio... Ela foi a primeira que meditou nesta verdade que tinha diante dos olhos...: Deus num presépio!... Deus abraçado tão estreitamente com a pobreza, que nem casa nem habitação tem para nascer!... Que será a pobreza quando assim aparece tão unida ao Filho de Deus! Pede a Maria que ta dê a conhecer, para que ames esta virtude.

3.° — *O Filho Primogénito.* — Diz o Evangelho que Maria deu à luz o seu Filho Primogénito... Se foi o primogénito, isto é, o primeiro, é porque depois devia ter outros; e assim é, felizmente para nós. — Jesus é o primeiro..., é o irmão mais velho..., mas logo a seguir vimos nós, que também somos filhos de Maria. — A Mãe de Deus é nossa Mãe!... Jesus é nosso irmão... Irmãos de Cristo!... Já pensaste bem nisto? Demoras-te a considerar o que isto significa da parte de Deus e da tua parte? — Da parte de Deus é o cúmulo da bondade e do amor para contigo..., da tua parte é a maior glória e dignidade a que podes aspirar... é o título dulcíssimo que nem aos anjos quis dar... Maria é a rainha dos anjos, mas não é Mãe deles como o é de nós. — Deste modo, diante do berço de Jesus..., em presença desta Mãe, medita e saboreia estas dulcíssimas verdades.

4.° — Antes de terminar aproxima-te de Maria e pede-lhe que por uns instantes te deixe ter nos braços a seu divino Filho..., recreia-te com Ele..., abraça-o e cumula-o de toda a espécie de carícias... e sobretudo estreita-o ao teu peito de tal modo que o metas no mais profundo do teu coração. — Suplica-lhe que troque o seu berço e o seu presépio pelo teu coração, que aí lhe darás mais abrigo

e calor. — Por fim pede ao Menino Jesus que te ensine a amar a sua Mãe... Pede à Mãe que te ensine a amar a Jesus.

Repara em que a vida de Jesus começa olhando para Maria e... também na cruz termina olhando para Maria... Não quererá dizer-te com isto que Ele quer que toda a tua vida se passe também sob o olhar de Maria?... Que doce não é pensar que assim vivemos alumiados e consolados com a luz dos olhos de Maria!... Aprende a olhar para Maria e a recordar que Ela olha para ti sem cessar...

42. Primeiros adoradores

1.º — *Os pastores.* — São eles os eleitos por Deus como representantes da humanidade, para fazer-lhes a primeira manifestação de Jesus. — A sua simplicidade foi a razão de serem escolhidos para tal favor... Jesus Menino comunica-se aos corações simples, como os das crianças — A simplicidade encontra a Deus pelos caminhos mais simples e directos. — A simplicidade é fé que tudo crê, como nos pastores..., é obediência cega como a deles.

Os pastores nem sequer se desvaneceram com o privilégio singular...: ouvem a voz do anjo e aceitam com simplicidade o convite...; é tudo ao contrário do amor próprio, que tudo quer pensar e calcular a seu modo. — Supõe a dose de amor próprio do teu coração, no coração dos pastores, e com certeza não teriam ido a Belém...: iam talvez rir-se deles..., e era capaz de ser mentira... etc. Assim fala o amor próprio. — Que diferença da fé, da obediência e da humildade próprias da simplicidade! — Como vai esta virtude no teu coração?...

2.º — *Alegria da Virgem Santíssima.* — Que alegria receberia a Santíssima Virgem quando os viu e ouviu o que lhe contaram! — Em prémio da sua fé e da sua simplicidade, Maria toma a Jesus, mostra-lho... e dá-lho... para que se

recreiem com o Menino. — Que prémio o da simplicidade e o da obediência! — Possuir a Jesus!

Mas nota que quem dá a Jesus é Maria.

É a primeira manifestação de Jesus e quer que seja por meio de sua Mãe... É a primeira entrega que faz de si mesmo aos homens e fá-la por meio de Maria. — Eva comeu o fruto proibido..., mostrou-o a Adão..., deu-lho e perdeu-nos... Maria mostra o fruto do seu seio puríssimo aos pastores... e neles a todos os homens; dá-lho e salva-nos.

Jesus é o Salvador, mas por meio de Maria..., nem o recebemos senão por meio de Maria... nem há outro caminho para chegar a Ele senão Maria... *Nunca se encontra a Jesus sem Maria,* como diz S. Boaventura. — E portanto, não é possível isolar a Jesus de Maria. Acharemos a Jesus nos braços de Maria, como os pastores e ao prostrar-nos, como eles, aos pés de Jesus, também nos prostraremos ao mesmo tempo aos pés de Maria...

3.º — *Os Reis Magos.* — Uma revelação especial os leva a Belém..., uma estrela aparece no céu e uma inspiração soa no seu coração... e dóceis a este chamamento põem-se a caminho. — Vê que docilidade e que prontidão na sua obediência... Logo deixam tudo...: pátria, casa, família, comodidades, para empreender uma viagem longa e penosa. — Humanamente, isto era uma loucura... Convence-te, de uma vez, que para o mundo e para a prudência da carne, parecem loucuras as coisas de Deus... e contudo tu deves amar e buscar estas divinas loucuras. — Recorda o momento em que se ocultou a estrela... Que dúvidas!... que vacilações!... Ter-se-iam enganado?... Não seria melhor voltar para trás? Pensa o que seria dos Magos se assim tivessem feito. Que pena!... Estar às portas de conseguir o seu destino e no fim da sua viagem e perder tudo isso voltando atrás... Que imagem perfeita da tua inconstância!...

Não te esqueças que só triunfa quem persevera e que a constância é distintivo do amor...

4.º — *Chegada a Belém.* — Contempla-os já em Belém. O triunfo é completo..., a estrela volta a aparecer e guia-os até à mesma cova onde se encontra o Menino Jesus. — Outra dificuldade. Eles, Reis, que buscam um Rei, vão agora a entrar numa cova de animais? ! vão adorar a um Menino que não tem outro berço senão um presépio? ! — Aí está o merecimento da fé: não se guia por aparências e crê no que não vê. — Através daquela pobreza os Magos descobrem a divindade e adoram-na.

Contempla-os no momento em que oferecem os seus presentes e medita no significado deles... Aqui tudo fala de sacrifício e tudo nos anima a ele... Sacrifício por amor, representado no oiro... Sacrifício pela oração, simbolizada no incenso... Sacrifício pela mortificação e penitência exterior significada pela mirra. — Só pelo sacrifício se encontra a Jesus. — O sacrifício é o único presente que agrada a Jesus.

5.º — *A Mãe com o Filho.* — Diz o Evangelho: *e encontraram ao Menino com sua Mãe.* — Não desprezemos este pormenor... Outra vez o Evangelho nos recorda: «o Menino está com sua Mãe...» Maria aparece aqui instruindo aos gentios pela primeira vez... Por Ela entram os Magos, e com eles o mundo pagão, no cristianismo.

A Ela devemos a nossa fé... Aprendamos a adorar e a amar a Jesus sempre nos braços de sua Mãe e por meio dela ofereçamos hoje ao Menino Jesus os nossos dons e o nosso coração.

Reparemos que também para nós há uma estrela..., uma vocação que temos de seguir apesar de todas as dificuldades... ainda que chegue a ocultar-se e não vejamos o termo aonde vamos parar. Sejamos fiéis em seguir essa vocação

e constantes a toda a prova. Não resistamos a nenhuma inspiração dos céus que tantos bens nos pode trazer.

Finalmente reparemos que para nós há também outra estrela que sempre brilha e que nunca se esconde... e que, se queremos, sempre podemos seguir. Essa estrela é Maria, nossa querida Mãe. — Ela nos guiará e nos alentará nos momentos difíceis. — Não tens mais a fazer do que levantar os olhos e olhar para Ela e sempre a verás alumiando os passos da tua vida e guiando os movimentos do teu coração: «Olha sempre para a Estrela, chama por Maria», diz S. Bernardo.

43. Purificação de Nossa Senhora

Esta passagem da vida da Santíssima Virgem é uma das mais belas pois nela resplandece de um modo admirabilíssimo a heroicidade das suas virtudes.

1.° — *O recolhimento.* — Assim mandava a lei, que as mães estivessem recolhidas quarenta dias nas suas casas antes da sua purificação legal... Que prazer não teria a Santíssima Virgem em cumprir esta parte da lei! — Que amor o seu ao recolhimento e à oração mas sobretudo agora que tinha consigo a seu Filho!... Que podia Ela apetecer e buscar fora da sua casa se nela tinha tudo?... Pensa em que alguma coisa de semelhante se deve passar contigo...; trabalha por ter a Jesus no teu coração e depois de o ter, que mais queres... que mais desejas? Logo, se apeteces alguma outra coisa é sinal que não tens a Jesus e que não sabes gozar da sua presença...

2.° — *A pureza.* — Recorda que Maria foi concebida sem mancha..., que sempre foi pura e mais limpa do que o sol..., que nunca manchou com a mais pequena imperfeição a sua beleza e formosura imaculada... e, contudo aqui aparece purificando-se! — Que exemplo para ti!... Ela, a que não tem mancha, que não tem nada que purificar, quer purificar-se. — Isto quer dizer que ama tanto a pureza

de coração que parece que ainda não está contente e deseja. se pudesse ser, purificar-se cada vez mais. — Ah! Amas tu assim a santa pureza?... Com esse espírito procuras tu frequentar o sacramento da penitência e os outros meios que a Santa Igreja te dá para santificar-te e purificar-te?... E se Ela não está contente, por assim dizer, com a sua pureza, e desejaria ser ainda mais pura, estás tu contente com a tua?... Estará contente Maria com a tua pureza e com a limpidez da tua alma? ... Encontrará aí a pureza que Ela deseja? Medita muito nisto, envergonha-te e pede a Maria este amor a virtude tão delicada e preciosa como é a virtude da pureza, até chegares a apaixonar-te pela sua beleza, como Maria o estava.

3.° — *A obediência.* — Não estava obrigada a esta lei. — Ela bem o sabia. — Toda a conceição e parto milagrosos tinham sido obra do Espírito Santo. — Ela tinha sido saudada como a «bendita entre todas as mulheres», e de si mesma tinha dito que «todas as gerações a chamariam bem-aventurada» pelas maravilhas que nela operaria o Todo-poderoso... e apesar de toda esta grandeza, não se considera exceptuada da lei. — Não quer privilégios quando se trata de obedecer... e, obediente como uma mulher qualquer... como se nela não houvesse nada de extraordinário..., submete-se gostosamente à lei comum, e assim, passados os quarenta dias, com toda a presteza põe-se a caminho de Jerusalém, para ser com seu Filho modelo de obediência.

Vê como este exemplo nos confunde... Que diferença entre este modo de obedecer e o nosso!... Quantas vezes sem razão nos julgamos dispensados de obedecer e isso mesmo quando a obediência não nos exige nem humilhações nem sacrifícios... como os que exigiu a Maria nesta ocasião..., porque o que fez heróica esta obediência de Maria foi o sacrifício tão humilde que tanto lhe custou. como vamos ver.

4.º — *A humildade.* — Aqui está o principal e o mais incompreensível deste mistério. — Maria é em tudo extraordinária e por isso também devia ser extraordinária a humildade.

Lembra o amor de Maria à sua virgindade: diante do anjo do Senhor esteve disposta a deixar de ser Mãe antes do que a deixar de ser virgem...; ser virgem é para Ela o ideal mais precioso da sua vida... e contudo agora pela humildade chega a sacrificar até as aparências da sua virgindade... aparecendo como uma mulher manchada que necessita de ser purificada. — Parece que por amor à humildade se despoja de tudo, até do conceito e glória exterior da sua virgindade... e humilha-se até ao ponto de não aparecer como Mãe de Deus, nem como Virgem..., senão como uma mulher manchada... Que admirável e que sublime não é esta virtude em Maria! Que obediência mais humilhante pela Ela! e contudo, com que alegria obedece! Com que satisfação se humilha!

Contempla-a bem: tanto maior quanto mais humilde! — Contempla-a confundida com todas as outras mulheres e como uma de tantas..., mas olha como Deus não a confunde... e como a distingue bem...: é o lírio de candura mas ao mesmo tempo a violeta escondida da mais sublime humildade... Quanta glória não receberia o Senhor com o exercício destas virtudes! Quanto se deliciaria n'Ela!

Medita profundamente... compara-te com Ela... depõe a seus pés a tua soberba..., o teu orgulho..., o teu amor próprio..., trabalha por imitá-la...

5.º — *A sua pobreza.* — Não pode levar a oferenda de um cordeirinho que todas levavam e só às mais pobres se permitia que levassem duas pombinhas...; a pobreza sempre é humilhante mas muito mais quando aparece diante dos outros. — Maria não se envergonha de ser pobre nem de que a tenham por tal nem de que a desprezem como se

despreza aos pobres... Que felizes se teriam considerado aquelas pombinhas se soubessem o fim a que eram destinadas!... Deviam ser a oferenda do sacrifício de Maria!

Oferece-te tu a Maria como oferenda do seu sacrifício. — Diz-lhe que queres consagrar-te a Ela..., mas para que o teu sacrifício valha alguma coisa, hás-de ser como Ela, imitá-la a Ela. — Dedica-te a copiar estas virtudes no teu coração... e especialmente as que mais custam..., as mais humihantes..., as de mais sacrifício. — Exercita-te muito nelas.

44. A Apresentação do Menino Jesus no Templo

1.º — *Maria entra no Templo.* — Já foi purificada e já é digna de entrar no Templo. Com que respeito e devoção entraria nele! Sabia que era o lugar da oração, onde Deus se comunica com as almas..., a morada do Senhor ainda que ali só estava em símbolo e em figura... e, não obstante, Maria reverenceia e admira aquele templo, onde residia a majestade de Deus mais do que em qualquer outra parte... Que teria feito se tivesse entrado nos nossos templos?... Que lição para as tuas faltas de respeito tão frequentes nas igrejas! Ao Ela entrar com seu Filho nos braços santificou aquele lugar. — Nós vamos ao Templo a santificar-nos... Ela foi com seu Filho a santificar o próprio Templo.

Que recordações para Ela! naquele mesmo Templo foi apresentada por seus pais aos três anos de idade... ali passou os primeiros anos da sua infância... ali fez, depois de longo tempo de oração, o seu voto de virgindade ao Senhor... Quantas coisas não dizia aquele templo a Nossa Senhora!

E a ti, não te diz nada? Não te lembras das graças..., dos sacramentos..., das inspirações..., das comunhões que recebeste na igreja? ... Esqueceste-te que diante do altar da Santíssima Virgem recebeste tantas manifestações do amor que Ela te tem? — Ama, ama muito a igreja: deve ser para

ti o lugar mais desejado de todos...; em nenhuma parte encontraste a Deus como aí. — Tem sim, muito amor à igreja mas ao mesmo tempo reverenceia-a. — Não consintas em ti qualquer coisa que desdiga da santidade dela...

2.º — *Sacrifício de Maria.* — Mas o Templo é sobretudo o lugar por excelência do sacrifício e ali vai Maria oferecer ao Senhor o mais belo e o mais penoso dos sacrifícios...

Segundo a lei, haviam de oferecer-se ao Senhor todos os filhos primogénitos e resgatá-los mediante a esmola de cinco siclos de prata. — Jesus e Maria não se julgam livres desta lei e cumprem-na. — Jesus é apresentado a seu Eterno Pai e resgatado por sua Mãe... Que simplicidade e que beleza neste mistério tão sublime! Mas mistério todo ele de sacrifício... Não te esqueças, o sacrifício é inseparável de Jesus..., o Menino Jesus oferece-se voluntàriamente a seu Pai como vitima de expiação... Hoje repetiria as palavras do Salmo: «visto que não te agradaram os sacrifícios de animais. aqui me tens a mim».

Mas este sacrifício não é Ele só que o faz..., com Ele está sua Mãe e é Ela que o apresenta ao Eterno Pai para o sacrifício.

Recorda o sacrifício de Abraão disposto a imolar a seu Filho para cumprir a vontade de Deus. — Dizem alguns que esta ordem se deu ao pai e não à mãe porque ela seria incapaz de fazer este sacrifício... Pois bem, aqui é a mãe que conscientemente e dando-se inteira conta do que fazia... compreendendo todo o significado e alcance desta cerimónia... oferece a seu Filho para um sacrifício que mais tarde se havia de consumar. Este é o ofertório daquela primeira Missa que Cristo disse depois na cruz. Quantas vezes no dia na sua Paixão e morte se lembraria a Santíssima Virgem deste dia e deste momento!...

Que bem aceitou o Padre Eterno este sofrimento e

como não se contentou, como no caso de Abraão, com a intenção senão que exigiu o seu cumprimento exacto até ao fim!... Que generosidade e que amor da parte de Maria e de Jesus!

Agradece-lhes este oferecimento pois a ele devemos a nossa salvação. — Oferece-te tu também para o sacrifício, seja ele qual for..., oferece-te como vítima de expiação e de amor... e alegra-te se o Senhor se digna aceitar-te este oferecimento e quer que te consumas sacrificando-te. Tem muita generosidade em prometer e depois em cumprir o que prometes, como Maria e Jesus...

3.º — *A Mediação de Maria.* — Vê neste mistério uma confirmação da mediação universal de Maria. — Jesus tomou carne humana no seio de Maria. — Na cruz será imolado em união com Maria. — Na Apresentação há alguma coisa mais: Quer Jesus que Maria o leve e que Ela mesma no Templo o ofereça para o sacrifício. — Quer dizer que aqui aparece a Santíssima Virgem como o sacerdote que toma a hóstia nas suas mãos para sacrificá-la. — Ela é o altar do sacrifício, onde se imola o seu próprio Filho...; o seu coração e os seus braços, são a ara onde se consome a vítima... Quão grande e quão magnífica é esta cooperação de Maria na obra da Redenção! Qual não será a confiança que deve inspirar-nos pois a vemos deste modo unida com Deus e na obra maior de Deus que é a Redenção!

Imita-a no sacrifício do teu coração... e nesse altar imola tudo o que lhe desagrade, para que assim não haja nada desordenado nele...

4.º — *O Resgate de Jesus.* — Medita por fim na última parte da cerimónia que é o resgate. Jesus é resgatado por sua Mãe, não para Ela..., não para gozar de seu Filho..., mas para criá-lo e educá-lo para servo e escravo nosso..., que por nós algum dia daria a vida. — Quer isto dizer

que em nenhuma ocasião podemos notar na Santíssima Virgem e em seu Filho sinal algum de amor próprio... tudo é amor puro e desinteressado que não atende a si e que só atende aos outros... Ela sabia muito bem que todos os trabalhos que havia de ter com a sua criação não seriam para seu benefício mas para benefício nosso... e contudo oferece-se ao trabalho para dar-nos a nós este bem. — Quão grande não deve ser a gratidão para com Jesus e para com Maria! e que ensinamentos não deves colher para o teu egoísmo, que sempre se intromete nas tuas acções!

Buscar a Deus e ao próximo e nunca a ti mesmo. Este deve ser o teu ideal...

45. Profecia de Simeão

1.º — Simeão era um varão justo, diz o Evangelho, temente a Deus e que esperava a consolação de Israel... Deste modo com a santidade da sua vida preparara-se e tornara-se digno de ver e conhecer ao Messias... O Espírito Santo tinha-lhe prometido interiormente no seu coração que não morreria sem que assim acontecesse... Só esta promessa foi o suficiente para estimulá-lo a ser santo... Não te bastam a ti as suavíssimas promessas de Jesus para o mesmo fim?... Não sabes que com a santidade possuirás a Jesus e a Maria na vida e na morte e na eternidade?... Que mais queres?... Que outro bem maior podes apetecer?... Portanto, porque te não decides a ser santo, como fez Simeão, só por merecer a dita de ver e ter em seus braços a Jesus e conhecer a sua Mãe Santíssima?

2.º — *A Revelação.* — E chegou de facto o dia. — Iluminado Simeão pela luz do céu, naquela mulher, confundida com as outras, reconhece a Mãe do Senhor, e no Menino que leva nos braços, o Messias verdadeiro. — Repara bem: por Maria conhece a Jesus..., pela Mãe ao Filho...; sempre, sempre o mesmo...: nunca Jesus sem Maria.

Então Simeão adianta-se e pede o Menino a sua Mãe... Com que respeito tomaria em seus braços o Menino Jesus!...

Com que fervor o contemplaria e o estreitaria em seus braços enquanto a sua alma se mergulhava na mais pura alegria e amor! Vê aquele santo velho sustentando em seus braços aquele que com os seus sustenta toda a criação... Por muito bem empregada deu toda a sua vida de austeridade e santidade, pelo prazer deste momento!... só com isto se dava por bem pago... e por isso entusiasmado entoa aquele cântico belíssimo de agradecimento ao Senhor: *Nunc dimittis*... «Senhor, agora já podeis dispor do vosso servo quando quiserdes»...

Depois de ver a Maria e de ter a Jesus, já não quer mais neste mundo..., está certo que nele não há nada que se assemelhe a isto...; já tudo o cansa, já tudo o enfastia...; nada mais quer ver e só deseja morrer.

E tu, que vês com a fé a Jesus e diàriamente o tocas e te alimentas com Ele porque tens gosto doutras coisas que não são Ele?... porque não morreste para todas as coisas, inclusivamente para ti mesmo, para viver só d'Ele e só para Ele?

3.º — *A Profecia.* — E então cheio do Espírito Santo, dirigindo-se a Maria diz-lhe: *Eis que este será causa de ruína e de ressurreição para muitos em Israel, e sinal de contradição*... Que efeito causariam estas palavras na Santíssima Virgem! Como as meditaria para compreender bem o seu íntimo e misterioso significado, pois via claramente que eram palavras ditadas pelo mesmo Deus! — Trata de compreender tu como Maria, este último significado... Jesus, causa de ruína e de salvação para muitos!... quer dizer, desde agora ele será a única razão de salvação e condenação da humanidade... Todo o que se salve será por Jesus...; todo o que se condene será por ir contra Jesus.

Portanto é salvação e vida para quem o deseja... Ele chama a todos..., a todos busca..., por todos morre e derrama o seu sangue..., para todos funda a sua Igreja e nela

deposita os seus sacramentos, fontes de vida e salvação... Ele é por conseguinte, o único Salvador do mundo.

Todas as almas que se santificaram e adquiriram a posse gloriosa do céu..., todas o conseguiram por Ele...; nem uma só o poderia ter feito por si mesma.

Mas, por outra parte, todo aquele que não quiser aproveitar-se do sangue precioso de Jesus perder-se-á irremediàvelmente; e esta será a razão da perda eterna dos maus.

Penetra no coração de Maria e procura saber o que se passaria por Ela ao ouvir estas palavras...; aquele coração viu de repente tudo o que Jesus estava a fazer e ia a fazer por todos os homens..., viu-o a esvair-se em sangue na cruz, morrendo por todos... e ao mesmo tempo via a imensa maioria dos homens sem se aproveitarem desses méritos e graças de Jesus...; viu como pisavam o seu sangue... e viu como esse sangue eternamente clamaria vingança contra eles e eternamente pesaria sobre as suas cabeças.

Dá graças a Jesus e pede-lhe que seja salvação e não ruína para ti, e ao mesmo tempo procura sentir pena e dor, como a Santíssima Virgem, à vista de tantas almas para as quais Jesus será a sua perdição.

4.º — *Sinal de contradição.* — Finalmente, Simeão acrescenta: *e será sinal de contradição.* Diante de Jesus não há meios termos: ou por Ele ou contra Ele. — Vê-se já isto no seu nascimento... Pastores e reis adoram-no, mas Herodes busca-o para o matar...; a sua presença não é nunca indiferente...: sempre provoca ou amor apaixonado ou ódios rancorosos.

A história da Igreja confirma nos seus vinte séculos esta verdade...; sempre houve discípulos fiéis que o seguem até à morte e fariseus que o caluniam e procuram persegui-lo com ódio implacável... Quantas almas enamoradas de Jesus!... E quantas almas desgraçadas que não vivem senão para ultrajá-lo!...

Convence-te desta verdade... Não há realmente meio termo: o que não é por Ele é contra Ele. — Fora pois, claudicações, tibiezas e inconstâncias...; abraça-te a Ele e jura-lhe um amor intenso e eterno. — Pede à Santíssima Virgem que to dê assim a sentir e... sobretudo a praticar, para que toda a tua vida seja um contínuo acto de amor a Jesus.

46. Profecia de Simeão sobre Maria

1.º — *A espada de dor.* — Simeão acrescenta para Maria estas espantosas palavras: *e também a ti uma espada te trespassará a alma...* Eis aqui profetizada a parte que corresponde a Maria nos sofrimentos e dores de seu Filho...: Uma espada de dor que constantemente há-de atravessar de lado a lado o seu coração!

Já na Anunciação a Santíssima Virgem ao ouvir a proposta do anjo teve revelação dos sofrimentos terríveis que acompanhariam a dignidade de Mãe de Deus... e não obstante isso, valente e generosa pronunciou o seu *Fiat* com o que aceitou tudo o que o Senhor quisesse enviar-lhe... Que sentiria ao ver quão depressa ia a realizar-se esse *Fiat*!... A espada de dor via-a não como qualquer coisa distante e futura senão como uma coisa bem presente e que já a penetrava intimamente e a começava a fazer sofrer. — Penetra juntamente com esta espada..., por essa mesma ferida... até ao mais íntimo desse coração puríssimo... e trata de averiguar a intensidade daquela dor profundíssima...

2.º — *Dor profunda.* — E considera que esta dor é tanto mais profunda quanto é mais prevista... Se Deus tivesse ocultado a Maria esta espada e esta dor... e só tivesse permitido que ela sofresse quando chegasse o momento do Calvário... ao menos teria passado trinta e três

anos tranquila, gozando sem temor algum da divina presença de seu Filho. — Mas o Senhor quis que também imitasse nisto a seu Filho.

Jesus não havia de sofrer só na cruz...; a Redenção começou já em Belém, e por isso desde o presépio até à sua morte no Calvário, não terá um momento sem sofrimento... Assim devia ser também com Maria e para isso crava-lhe a espada hoje mesmo e já não deixará um instante de atravessar o seu coração.

Contínuos iam a ser os pecados dos homens... Que estranho que fossem contínuos e constantes os sofrimentos de Jesus e de Maria?!... Pensa nisto muitas vezes... Eles não deixam de sofrer porque os homens não deixam de pecar...

3.º — *Dor incessante.* — Um mal previsto e certo é suficiente para azedar todas as alegrias... O doente desenganado, ainda que seja longa a sua doença e tenha momentos sem dores, não os tem sem sofrimentos... Só o ver-se incurável e destinado à morte, já é suficiente para não gozar de nada, nem ter a mínima alegria. — Se nós não tememos diante do pensamento da nossa morte, é porque não nos convencemos de que temos de morrer depressa e consideramos a morte muito distante.

Mas não foi assim com Maria... Ela não se esquecia um só instante deste dia e deste pensamento... e por isso já desde agora, não terá um único prazer... (— ainda que seja tão legítimo e tão santo como os que tinha com Jesus)... que não seja amargurado com esta recordação. — Contempla a Maria em Belém... em Nazaré... no Egipto...; pinta no teu coração qualquer dessas cenas delicadas e ternas entre Mãe e Filho... e quando vires que a Mãe se extasia na beleza, nos encantos e na formosura de Jesus..., quando mais se delicia com Ele... de repente, uma lembrança...: a espada e as palavras de Simeão.

E assim, sempre: ao abraçá-lo contra o seu peito..., ao pentear-lhe a sua linda cabeleira..., ao sentá-lo à mesa e ao dar-lhe de comer..., ao contemplar a delicadeza daquele rosto formosíssimo e a luz encantadora daqueles olhos... e o carmim precioso daquelas faces, que horror... Como veria Ela os escarros, as bofetadas, os açoites, os cravos, etc., que o feririam tão bàrbaramente.

E isto um dia e outro dia; e até em sonhos de noite, quantas vezes a imaginação a atormentaria com estas cenas!... Com grande generosidade oferece-te a sofrer renunciando aos mesmos prazeres espirituais, se Jesus assim o quer, como Maria renuncia a eles toda a sua vida.

4.º — *Dor sem alívio.* — Pensa por fim que não havia nada que a aliviasse da dor desta espada..., nem o tempo que tudo cura..., nem a esperança de que não chegaria a realizar-se. — Era a vontade de Deus e sabia que tinha que cumprir-se necessàriamente e por isso cada dia que passava, longe de cicatrizar a ferida aumentava-a cada vez mais, pois via aproximar-se o momento do sacrifício...

E apesar disso, longe de acobardar-se também Ela generosìssimamente, de dia para dia, aumentava o desejo de que chegasse esse instante, não só por ser essa a vontade de Deus, mas também pelo nosso bem. — A sua dor e as suas penas são muito grandes mas ainda é maior a sua caridade e o seu amor...; quanto mais sofre por nós mais nos ama!

Adora os juízos de Deus e as suas divinas disposições que assim quer com o sofrimento provar aos seus e às vezes quando menos se imagina. Maria foi ao templo cheia de gozo em seu Filho...; este gozo aumenta ao ver a revelação magnífica que Deus faz d'Ele por meio de Simeão, chamando-lhe «a luz e a salvação dos homens»... e quando mais embebida está neste dulcíssimo prazer e divino contentamento..., a espada de dor por meio das palavras de

Simeão, crava-se no seu coração... Pobre Mãe! Já não vê em Jesus o seu filho... já não vê mais do que uma vítima que será destinada ao sacrifício..., o cordeiro de Deus que será imolado pelo mundo! — Aproxima-te de Maria... diz-lhe palavras de consolação e promete-lhe não aumentar com os teus pecados as suas dores... mas sim aliviar com o desagravo e reparação do amor a sua penetrante espada de dor.

47. Os Santos Inocentes

Este facto é a primeira prova da profecia de Simeão. — Passam poucos dias, talvez poucas horas, e já Jesus aparece pùblicamente como sinal de contradição... Herodes busca-o para a morte. — A espada de dor crava-se no coração de Maria causando-lhe dores indizíveis... Meditemos neste passo...

1.º — *Herodes.* — Quem era? Um tirano crudelíssimo, célebre pelas matanças que fez... só na sua família, matou a esposa e a dois dos seus filhos..., dois tios seus... e, cinco dias antes de morrer, quando estaca corroído de bichos, manda matar a um seu terceiro filho. — É um exemplo claro do que é uma alma vítima de uma paixão... Herodes era escravo da sua ambição... e tudo lhe parecia pouco para conservar a sua coroa e sustentar-se no seu trono. — Apenas ouve que nasceu um Menino Rei, concebe logo a ideia de matá-lo, e ao ver-se enganado pelos Magos dá a ordem espantosa de matar a todos os meninos de menos de dois anos.

Escuta os gritos e lamentos daquelas mulheres..., imagina as cenas de dor, de raiva e de desespero que se dariam ao levar-se a cabo esta ordem pelos soldados de Herodes...; contempla o sangue daqueles meninos inocentes... e corre a ver a angústia e sobressalto de Maria. — Como estreitaria

Ela contra o seu coração o seu querido Filho, como se quisesse guardá-lo e escondê-lo nele! sobretudo quando ouvisse os gritos das outras mães e visse que a matança já tinha começado... Quem poderá compreender as horas de angústia que passaria o seu coração?

Pois bem; ante este espectáculo de sangue e de dor pensa o que é uma paixão..., até onde ela pode chegar..., que efeitos lamentáveis e espantosos pode produzir. — Que má é uma paixão que se desborda!..., cega por completo e arrasta ao precipício..., faz que se tema aquilo que não tem que temer-se, e que não se tema o que deve temer-se.

Vê como Herodes teme um Menino pequenino e pobre, e não teme a crueldade e o pecado que comete. — A paixão arrasta o homem a tudo até ao crime, e nunca se detém nem diz jamais basta. — Além disso, quando se satisfaz não consegue nada e não nos dá nada... nem dita, nem felicidade. — Que conseguiu Herodes com esta ordem?...

Pensa bem nisto, na infrutuosa que é sempre a paixão; e contudo como nos deixamos arrastar fàcilmente por ela! — Examina se alguma quer desbordar-se na tua alma e sujeita-a bem..., domina-a para que ela te não domine a ti...

2.º — *Os Meninos.* — Que simpáticos e atraentes aparecem estes meninos, primícias dos mártires...; humanamente falando são dignos de lástima mas olhados com olhos de fé, que ditosos são! Apenas nascem e já são santos. — A Igreja canoniza-os e celebra a sua festa nos dias de Natal. — São almas inocentes que gozam no céu de todos os prémios concedidos à inocência...; à virgindade... e ao martírio.

Num momento a espada do tirano segou as suas vidas, mas Deus deu-lhes outra melhor que ninguém lhes poderá tirar... e tudo, porquê? ... Porque morreram por Jesus..., em vez de Jesus..., por causa de Jesus...; essa é a razão

da sua dita, como é a razão de toda a felicidade. — Trabalhar..., sofrer..., sacrificar-se..., e até morrer por Jesus eis aí a única coisa grande..., a única coisa que pode fazer-nos felizes agora e sempre.

Que teria sido destes meninos se não tivessem morrido por Jesus? Não teriam sido santos nem teriam sido glorificados com coroa alguma... Provàvelmente seriam operários..., pastores..., soldados..., talvez verdugos dos que tomaram parte na Paixão de Jesus..., isso teriam sido...; mas na realidade vê o que são, só por se apaixonarem de Jesus e da Santíssima Virgem. — Como esta os veria! Não guardaria no seu coração uma lembrança e um carinho e um agradecimento especial para com aquelas vítimas que morriam pelo seu Filho? ... Como esquecer-se jamais deles?

Ouve bem e grava profundamente na memória: Se queres que a Virgem SS.^ma^ se lembre de ti e nunca te esqueça, e se queres que Jesus te premeie..., aproxima-te dele, ama-o e sofre e sacrifica-te por Ele...

3.º — *O Menino Jesus.* — Jesus ensina-nos aqui como os planos dos homens são nada diante do seu poder e sabedoria..., como inutiliza tudo o que Herodes concebe e ordena.

Também nos ensina, ao rodear o seu berço de lamentos e gritos de dor dos meninos inocentes, que a mortificação é inseparável da sua vida... e que todos, ainda os mesmos inocentes, devem ir por esse caminho..., de sorte que a mesma inocência deve ir acompanhada da penitência.

Vê como tudo muda num momento; o que era dor e desgraça muda-se em alegria e glória. — Ele sempre triunfa ainda que seja perseguido... Quem não se anima a segui-lo pois vemos nas suas mãos pequeninas o poder para jogar com o destino dos homens ainda que sejam perversos?

Termina pedindo à Santíssima Virgem luz para conhecer as tuas paixões... e forças e energias para dominá-las...,

não para matá-las, que as paixões podem ser muito boas. — Vê o exemplo de Herodes..., com que decisão obra e se lança a tudo..., como não retrocede diante de nada... Se tivesse feito tudo ìsto pelo bem, que santo não teria sido! — Ninguém mais apaixonado do que Jesus e Maria!...

Procura dirigir para Eles as tuas paixões e deste modo ama-os com paixão..., com loucura..., com ambição..., com santa inveja dos outros... e verás que fàcilmente vences as dificuldades que se encontram no caminho da santidade...

48. A fugida para o Egipto

1.º — *A ordem de partida.* — Deus vale-se da crueldade de Herodes para preparar à Sagrada Família uma prova dolorosíssima... É assim que acontece sempre, mas não o advertimos. — Tudo procede da mão de Deus... ou o permite para nosso bem, ainda que nós o não vejamos então... Que difícil é quando não se vê o fim duma prova ou de uma tentação resignar-se a gente a ela!... Vê o exemplo da Sagrada Família.

Estão no melhor da noite..., descansando das fadigas do dia, que numa casa pobre não seriam poucas nem pequenas... S. José tinha que trabalhar todo o dia para ganhar o pão...; a Santíssima Virgem sem poder ter o luxo de uma escravazita que a ajudasse tinha de fazer tudo por si mesma...; assim que, ao chegar a noite cairiam na cama rendidos e cansados de tanto trabalhar... Tinham ganhado bem aquele descanso.

Contempla a cena e vê como naqueles pobres leitos colocados no chão, descansam os personagens mais eminentes que houve na terra..., as almas mais santas. — Talvez, Maria durma com sobressalto..., o mais pequeno ruído a desperta... e ainda que confiada na providência do Senhor, o seu coração vela com cuidados... não pode esquecer o que ouviu de Herodes e até em sonhos a imaginação pinta-lhe as cenas de horror que já começaram... ou ao menos

hão-de começar no dia seguinte com a matança dos meninos.

Ela, é claro, não deixa o seu..., dorme abraçada a Ele; e que confiada e tranquilamente dorme Jesus nos braços de Maria!...: não há berço mais brando nem mais apetecido para Ele... Que bem se deve estar nos braços de Maria! Porque não tratas de experimentá-lo?

Mas eis que de repente um anjo vem perturbar-lhes o sono..., desperta a José e da parte de Deus dá-lhe a ordem de partir para o exílio. — S. José aceita as disposições da divina providência, mas treme ao ter que comunicar tudo à Santíssima Virgem. — Esta recebe com nova resignação a ordem do Senhor e dando um abraço mais forte e um beijo mais carinhoso a seu divino Filho, dispõe-se a obedecer imediatamente.

Procura compreender o desgosto, a contrariedade e a pena que este doloroso despertar produziu em Maria e... contudo, que domínio! nada de aborrecimentos nem de protestos. — Que exemplo para ti!... Pensa bem nisto...

2.º — *Pormenores da fugida.* — Apesar de ser tão dura esta prova não quer o Senhor suavizá-la, mas pelo contrário, vista nos seus pormenores ainda aparece mais penosa e difícil...

Levanta-te, e agora mesmo, sem esperar que amanheça nem que o tempo passe..., e sem teres tempo para pensar no caso... Deus o quer, não há nada que esperar nem nada mais a fazer do que cumprir a sua santíssima vontade. — *Toma o Menino e sua Mãe...,* a fugida é penosa e difícil mas é-o mais quando se tem que fugir com outras pessoas. — Não basta fugir ele só, há-de ser com a Mãe e com o Menino e isto aumenta extraordinàriamente as dificuldades... e *foge,* como se fossem malfeitores que se aproveitam da escuridão para se esconderem. — Não havia outro meio mais do que o fugir?... Não podia Deus ocultar o

Menino doutro modo? Não salvou Ele a Moisés de uma ordem semelhante sem recorrer à fuga?

Parece que Deus busca o mais penoso e o mais doloroso para os seus. *Vai para o Egipto...* Humanamente falando isto é um disparate. — O Egipto está muito distante. uns dez dias de caminho...; nesse tempo os soldados de Herodes podem muito bem descobrir o Menino e acabar com Ele...; é também uma região desconhecida e até idólatra e portanto ali não poderiam estar... Não haveria outra região que reunisse circunstâncias mais favoráveis? — E, por fim, por quanto tempo?... E também não se lhes diz: *fica lá até que eu te avise!* isto é terrível. — Se fosse para poucos dias, levariam só o mais necessário, mas se vai a durar talvez anos, o que é que vão levar? ... Que dúvidas e que incertezas a aumentar a sua dor! — Talvez Maria não pudesse conter as suas puríssimas lágrimas, mas não perde a serenidade..., a tranquilidade..., nem, menos ainda, a conformidade com Deus.

3.º — *A obediência.* — Demora-te a considerar esta sublime obediência. Com que rapidez! — Imediatamente se põem a caminho. Vê a diligência em cumprir a vontade de Deus, e ao mesmo tempo a humildade, sem pôr nenhum reparo... nem fazer a mínima observação. — Além disso obedecem com grande constância...; em todos os dias que dura o caminho procedem da mesma maneira..., não se cansam, não se impacientam... E tudo porquê? Pois porque em tudo vêem a vontade de Deus..., sabem que é ordem sua e basta-lhes.

A Providência de Deus é sábia e é justa e é bondosa e sabe muito bem o que manda... Que admirável lição de humildade, de submissão, e de paciência em todas as contrariedades!... Que sublime exemplo de obediência!... não digas que não tens um anjo que te diga claramente a von-

tade de Deus... Sabes que não é verdade...; esse anjo é para ti o teu superior..., o teu Director espiritual, que em nome de Deus te fala... Porquê, quando não te agrada..., quando não vês a razão do que te dizem... quando crês que está enganado, obedeces tão mal?... Qual será de facto o que se equivoca, ele ao mandar ou tu ao deixar de obedecer? Olha para Maria neste passo e responde...

49. No Desterro

1.º — *Incomodidades do caminho.* — Considera as incomodidades do caminho... tão longe e tão difícil..., talvez, nos primeiros dias ao menos, não se atreveriam a viajar de dia e esperariam a noite para não ser vistos. — Vê a Santíssima Virgem abraçada a seu Filho de quem não se separa nem um só instante, cheia de temores e de sobressaltos, ocultando-se nalguma cova com S. José, durante as horas de luz, e aproveitando a escuridão da noite para fugir... Quão pouco e quão mal descansariam nestes dias!

Recorda a viagem a Belém cheia de incomodidades... mesmo assim era uma viagem em paz... agora é uma viagem de fuga... e de perseguição de morte. — Quantas vezes ao teres um contratempo ou um incómodo passaste noites sem dormir! Como te pareciam essas noites eternas! As horas não passavam... Compara isso com as noites da Santíssima Virgem na sua fugida para o Egipto com tantas incomodidades...

Demora-te a pensar no que poderiam comer visto que as provisões não abundariam em casa nem se abundassem teriam tido tempo para as levar... Se ao menos lhes tivessem dado um dia para preparar a viagem! E onde dormiriam?..., no chão duro? ..., debaixo de alguma árvore? dentro de alguma cova suja e cheia de bichos?...

Compara a tua moleza com o que agora sofre a San-

tíssima Virgem..., muito mais delicada do que tu. Diante dela vê se te atreves a queixar-te quando te falta alguma coisa..., quando nem tudo te sai bem ou quando tens de sofrer algum incómodo...

2.° — *No Egipto.* — Chegaram finalmente; aonde? Não se sabe. É de supor que não se instalariam ao acaso na primeira povoação... esperariam alguns dias para se orientarem e para se informarem acerca da gente...

Talvez Deus na oração tivesse revelado a Nossa Senhora ou a S. José a terra onde deveriam ficar... ou então deixou Deus à prudência deles a escolha, como faz muitas vezes, para que o homem exercite esta preciosa virtude. Por fim instalam-se nos arredores de Heliópole, onde havia algumas famílias de judeus...

Contempla demoradamente aquele alojamento... Em Belém apesar da pobreza, tinham a sua casa e a oficina de S. José..., mas agora, nada...; tinham de mendigar tudo. — Vê a Virgem Santíssima a mendigar tudo... carecendo de tudo, tudo haviam de pedir.

Provàvelmente contariam a sua desgraça e a perseguição de Herodes de que fugiam àquelas famílias de judeus... e alguma delas, comovida com os factos recebê-los-ia, em sua casa até que encontrassem melhor alojamento. — Depois a pouco e pouco conseguiriam estabelecer a sua casa e a oficina de S. José... e começariam a viver do trabalho deste.

Oferece uma vez mais o teu coração para albergue e morada da Santíssima Virgem... e tem inveja daquela boa gente que assim ajudou e consolou a Sagrada Família naquela tribulação... Porque não aspiras tu a dar esta consolação a Jesus, Maria e José quando agora buscam também almas para se albergarem e não as encontram?... Não vês que ao mesmo tempo isso seria a maior felicidade do teu coração?

Por fim, nota como Deus com os sofrimentos lhes dá também grandes consolações..., trabalham, sofrem, mas com alegria e confiança em Deus.

Durou a estada no Egipto vários anos. — É evidente que ali manifestou Jesus os primeiros encantos da sua infância..., ali balbuciou as primeiras palavras..., ali chamou pela primeira vez à Santíssima Virgem com o nome de Mãe..., ali rezou as primeiras orações que ela lhe ensinou... e como se extasiaria a Santíssima Virgem ao ver seu Filho juntar as mãozinhas e rezar com fervor e devoção!...

Ali vestiu a primeira túnica infantil..., ali jogou os seus primeiros jogos... ali brincou criancinha junto às margens do Nilo... Quantas vezes traria à Santíssima Virgem flores de loto, que ali crescem e em paga receberia dela um beijo cheio de amor maternal... Que consolações não dá o Senhor aos que por ele se sacrificam!... Que Mãe sofreu mais? Mas também quem mais feliz do que esta Mãe?

3.° — *A volta.* — E um dia aparece outra vez o anjo e manda-os voltar. — Morreu Herodes e acabou tudo... Porque não pensar que tudo passa e que tudo acaba? — S. José prudentemente não quer voltar a Belém, não aconteça que Arquelau, o filho de Herodes, seja como seu pai... Outra vez lhe aparece um anjo e lhe diz que procedeu bem e que fiquem em Nazaré...

Nunca a prudência é inimiga da obediência. — Expõe humildemente os teus desejos e até as tuas dificuldades se as tens... e depois espera com indiferença, como S. José, a resposta. — Mas não te empenhes em levar sempre a tua por diante... nem te desgostes quando não te dão razão. — Prudência, sim..., mas ao mesmo tempo submissão e obediência.

50. Vida em Nazaré

1.º — *Importância desta vida.* — É uma vida aparentemente ordinária..., oculta..., sem valor nenhum. — Nada há nela que chama a atenção da gente. — Passa despercebida a toda a povoação de Nazaré. — Não busques o que faz barulho..., o que chama a atenção..., o que dá que falar. A obscuridade, o silêncio... o vulgar é a condição normal desta vida... mas fica sabendo que Nazaré é a escola da santidade... que a modesta casa de Nazaré é a oficina onde se formam todas as virtudes..., e é o que há de mais belo na terra aos olhos de Deus. — Todos os santos foram a Nazaré a aprender estas lições e não é possível viver vida de perfeição sem estudá-las ou imitá-las.

Por outra parte, foi nesta vida que Nosso Senhor viveu mais tempo. Ele é o nosso mestre e o nosso Modelo... Como Mestre esteve três anos... como Modelo — trinta! — Quis ensinar mais com a prática do que com a pregação.

Nada pois te deve ser tão familiar e conhecido como a vida de Nazaré... aí deves encontrar a solução de tudo e para tudo. — Examina se é assim que fazes..., se te lembras muito da vida oculta de Nazaré..., se conseguiste encantar-te dela..., se pensas finalmente todos os dias e muitas vezes no dia na vida de fervor que reinava naquela casa...

2.º — *Vida de ordem.* — Isto é o primeiro que se deve considerar: a ordem que reinava naquela família. Contempla

a Santíssima Virgem modelo de ordem...; competia a S. José ganhar o pão com o suor do seu trabalho... mas a Nossa Senhora correspondia dirigir e ordenar tudo... e que bem o fazia!

A ordem consiste em que cada coisa ocupe o seu lugar e todas as acções se achem reguladas e sujeitas a um fim... Não é ordem guiar-se a gente pelo gosto ou desgosto, mas sim fazer tudo em seu devido tempo com prazer ou com cansaço... quando agrada ou quando desagrada, atendendo só ao que se deve fazer. — Se segues as tuas inclinações e te guias pelas tuas impressões, um dia terás grande fervor... e farás tudo muito bem... noutro dia, se te falta essa sensibilidade, não terás vontade de nada e nada farás... ou farás tudo mal e de má vontade... Não te acontece isto com frequência? Repara no exemplo da Santíssima Virgem e contempla-a vítima do seu dever... cumprindo com perfeita exactidão em todo o momento, seja o que for...

3.º — *A constância.* — Daqui se deduz a necessidade da virtude da constância ou da perseverança... A inconstância brota precisamente da falta de ordem..., de não cumprir o ordenado e regulamentado. Tens a convicção de que a constância é o elemento essencial do amor? Um amor de dias... de temporadas..., de só quando temos gosto... não é amor.

Vê pois como te encontras com respeito à constância e verás como te vai o amor..., e compreenderás que a tua constância dependerá da tua ordem e do teu regulamento, que deves cumprir com fidelidade...

4.º — *A rotina.* — Contudo tem de se evitar uma dificuldade... Se a falta de ordem gera a inconstância, o proceder sempre com ordem pode originar a rotina..., isto é, o fazer as coisas por costume... mecânicamente... maquinalmente... e isto leva à indiferença..., à tibieza espiritual, porque fazem-se as coisas sem gosto e sem proveito.

Não confundas portanto a ordem com a rotina..., o regulamento com o costume mecânico. — Quanto aproveitarias se o que fazes segundo o teu regulamento o fizesses com verdadeiro fervor! — A rotina é a traça da vida espiritual. — Deita tudo a perder..., grande parte do valor e às vezes todo o valor das tuas obras evapora-se pela maldita rotina.

Repara na Virgem Santíssima em Nazaré...: ordem. método, regulamento, com grande exactidão, com perfeita constância, mas sem rotina de nenhuma espécie. E porquê? Porque tudo fazia na presença de Jesus. — A presença de Deus..., a presença de Maria..., são o grande remédio para combater a rotina.

5.º — *Vantagens.* — Pondera brevemente as vantagens da ordem. — «Guarda a ordem e a ordem te guardará a ti», dizia S. Agostinho. — Portanto, toda a tua vida espiritual dependerá da ordem e do método em todas as tuas coisas. — Além disso na vida de ordem exercitam-se sem querer as mais formosas virtudes: a obediência, não fazendo a tua vontade senão o ordenado e disposto...; a humildade, porque ao amor próprio repugna-lhe dobrar-se às exigências da ordem...; a vida de sujeição porque procedes sem liberdade, sendo escravo do teu dever ordenado...; e finalmente a mortificação e penitência, pois é a maior de todas...

Recorda-te daquilo de S. João Berchmans: *A vida comum,* isto é, a da ordem e do regulamento, *é a minha maior penitência*», e como prémio da vida de constância e de perseverança..., a vida do verdadeiro amor.

Perante o exemplo de Maria vê quanto tens a fazer nesta matéria...; pede-lhe que te dê a conhecer a sua enorme importância e implora a graça de imitá-la nessa exactidão ordenada em Nazaré, que transforma a vida ordinária e vulgar em fonte de grande santidade.

51. A Casa de Nazaré

1.º — *Vida de obediência.* — É uma consequência da ordem. — Quando todos mandam e ninguém obedece não pode haver nada ordenado...; portanto onde tem de haver vida verdadeiramente ordenada e regulada é necessária a vida de obediência. — Nazaré, modelo de ordem é-o também de obediência.

A importância desta vida mostra-no-la o Evangelho... Quase não diz nada da vida de Nazaré..., foi a maior parte da vida de Jesus e toda ela se resume em duas palavras..., mas nestas palavras põe sobretudo em relevo a obediência. — *Jesus estava sujeito a seus pais...* Maria a José... José à vontade de Deus. — De modo que ali todos obedeciam e nem um momento faziam a sua própria vontade senão a de Deus por meio da obediência.

Penetra bem neste pensamento e pede à Santíssima Virgem um conhecimento prático dele: que só com a obediência poderemos cumprir a vontade de Deus. — O nosso fim é servir a Deus...; o que serve deve fazer a vontade do seu senhor...; logo temos que fazer sempre a vontade de Deus.

Mas esta vontade de Deus às vezes é obscura e difícil de conhecer...; outras vezes é o demónio que se empenha em obscurecê-la com tentações e astúcias diabólicas para assim nos apartar da fonte e causa da santidade, que é

o cumprimento da vontade de Deus. — Que fazer então? Onde buscar a solução?... Como acertaremos com o que Deus quer? Só com a obediência. — Com ela não se cumpre a vontade de um homem senão a de Deus, que por ele nos manda.

2.° — *O modelo*. — E a grande lição prática é Nazaré... Jesus e Maria não vêem na obediência qualquer coisa de acidental e de efémero mas sim de essencial e permanente... e por isso *toda* a vida de Jesus será modelo de obediência...

Antes de tudo e sobretudo, obedecer...; esse era o seu plano e o seu programa de vida. — E no entanto quem era ele?... e a quem obedecia?... Agora aos seus pais, os quais ainda que muito santos, distavam infinitamente da sua santidade... Muito melhor sabia ele o que havia de fazer e contudo não quer saber mais do que o que lhe manda a obediência! E a Santíssima Virgem com tal modelo em frente, que faria ante os desejos e disposições de seu esposo?...

Fica um dia inteiro a viver naquela casa e verás desde pela manhã até à noite, uma paz inalterável..., uma tranquilidade celestial... Pois bem, tudo isso é conseguido pela obediência. — Que espectáculo para os anjos do céu que estariam extáticos e pasmados ao ver esta submissão dos mais superiores aos mais inferiores!... E, contudo, que dependência mais completa, total e absoluta da vontade do que representava a Deus ainda que fosse inferior!...

3.° — *Qualidades desta obediência*. — Como se obedecia ali? *Com prontidão exterior e com alegria exterior*. — Não esqueças estas duas partes da obediência...; não basta fazer exteriormente o que te mandam..., é indispensável o espírito de submissão interior..., o render do juizo e a submissão da vontade.

Além disso na nossa casa de Nazaré obedecia-se *em*

tudo: nas coisas agradáveis e nas desagradáveis, nas coisas grandes e importantes e nas coisas pequenas... até nos mais pequenos pormenores. — Na obediência tudo é importante...: um único pormenor pode desvirtuá-la. Tens de obedecer totalmente sem que ao obedecer ponhas alguma coisa da tua própria vontade... Pensa nisto: quantas vezes obedeces a teu modo... quando tu queres...; quando a ti te parece..., quando a ti te agrada?... Queres obedecer, mas ao mesmo tempo fazer a tua vontade..., cumprir a vontade de Deus, mas sem deixar de fazer a tua... Que pena! que obediência tão pobre! quão pouco agrada a Deus! Olha para Jesus..., olha para Maria e aprende.

Finalmente, a obediência deve ser *sobrenatural*, com espírito de fé, vendo a Deus na pessoa que manda e não ao homem.. — Vê no superior uma imagem de Cristo e quer esta imagem seja formosa quer seja grosseira isso não te deve importar...; não obedeças por simpatias... por afecto e por amizades..., por agradecimento..., por não desgostar ao superior que te manda...; tudo isso é muito humano... Obedece a Deus, só a Deus... nunca aos homens como tais, senão enquanto representam a Deus e tanto quanto representam a Deus.

4.° — *Frutos da obediência*. — 1.° A glória de Deus..., pois pela obediência a alma vai directamente a Deus. 2.° O sacrifício e a mortificação que supõe...; não há nada mais meritório do que este sacrifício no qual ofereces a Deus a tua liberdade e a tua vontade. 3.° A posse de Deus...; assim é que Deus te possui e é teu dono e senhor; doutro modo serás tu o que te possuis e não é ele que te possui. 4.° Com a obediência vêm muitas outras virtudes: a humildade...; o vencimento próprio..., a vida de fé..., a alegria e a paz da consciência tranquila são frutos da confiança em Deus que traz consigo a obediência.

— *A tua obediência.* — Examina agora diante de Jesus e de Maria a tua obediência... Também procedes como se a obediência fosse na tua vida algo acessório e passageiro... obedecendo às temporadas... quando calha... ou te vem a jeito... ou te dá na vontade... ou te agrada o que te mandam?... Ou pelo contrário fazes da tua obediência o mais essencial e permanente na tua vida espiritual, obedecendo sempre..., em tudo..., nos pormenores..., prontamente..., com submissão de juízo e de vontade..., com espírito de fé? — Obedeces com alegria, desejando que te mandem alguma coisa, ainda que te custe, e dando assim liberdade ao teu superior para que te mande? Como se atreveriam Nossa Senhora e S. José a mandar a Jesus se não vissem o prazer e a alegria que lhe causava o obedecer?

Pede à Santíssima Virgem que, visto quereres ser, como ela, a escrava do Senhor, compreendas que este ideal se realiza antes de mais nada por meio da *vida de obediência*... não obedecendo uma ou outra vez mas por meio da vida de obediência... da obediência por toda a vida.

52. Vida de Nazaré

Outra caracteristica da casa de Nazaré foi a sua humildade e a sua obscuridade e por isso se chama a esta vida a *vida oculta* de Jesus.

1.° — A soberba com todos os seus derivados: o orgulho, a vaidade, o amor próprio, a ânsia desordenada com que buscamos tão fàcilmente o louvor e a glória dos homens... tudo isso é inato em nós. Todos sofremos da mesma doença... A quem não agrada ser estimado e louvado? A quem não desagrada, sobretudo nalguns casos, o desprezo..., a indiferença..., a frieza com que é recebido pelos outros?— Recorda casos práticos da tua vida e verás quantas vezes sentiste isto... e tanto mais quanto mais direito tinhas de esperar o contrário...

É consequência do pecado original...; a todos nos mancha e a todos nos deixa feridos com a mesma ferida. — Começa por persuadir-te que sabes muito bem tudo isto e que te encontras já bastante libertado da soberba... e é então que te achas mais mergulhado na soberba e na ambição. — Deves pois convencer-te pràticamente da necessidade que tens de corrigir e de curar esta doença, realmente ridícula.

A soberba leva-nos a buscar a estima e o louvor dos homens; mas isto que é e o que vale? — Não vês quantas

vezes os homens se enganam nos seus juízos.... como julgam com paixão..., com preconceitos e até com hipocrisia?... Quanta falsidade no coração humano! Quão poucos dizem com sinceridade e nobreza o que de ti sentem!... E é isto o que tanto buscas e que tanto te agrada?... Que louco és em dar importância a esta vaidade que não é mais do que palavras..., fumo e nada!...

2.º — *O exemplo de Nazaré.* — Sobre esta matéria podes receber proveitosa lição na casa de Nazaré. Como nela se despreza tudo isto!...

Jesus esconde-se e oculta-se em Nazaré, povoação desconhecida..., até este momento nunca se falou dela na Sagrada Escritura... Jerusalém era uma grande cidade... Belém, a cidade de David..., mas Nazaré não era nada: uma aldeia de quatro casas, miserável e desconhecida de todos... Ali viveu Maria..., ali vive agora o Filho de Deus.

E escondido e oculto mais ainda pelas condições de seus pais que eram pobres..., que não chamavam a atenção de ninguém, como humilde aldeões que eram e que não tinham cargo algum em Nazaré.

Jesus esconde-se também por meio das suas ocupações que eram as de uma casa pobre onde os filhos têm de fazer os recados... ajudar os seus pais, etc...; já maiorzinho. não se dedicou a estudos ou a alguma outra ocupação elevada senão aos trabalhos de um operário... de um carpinteiro... e de um carpinteiro que não faz coisas preciosas mas coisas rudes e vulgares.

Fixa bem a figura divina de Jesus ocultando-se e escondendo-se... Vê bem a Virgem Santíssima com toda a sua formosura e santidade, enterrada naquela povoaçãozita onde ninguém a conhecia: estimada sem dúvida pelas vizinhas e nada mais. Contempla-a ocupada nas coisas mais baixas e ordinárias...; é a pérola que se oculta no fundo

do mar. — Parece que Deus com medo que lha roubassem assim a escondia e guardava...

3.º — *Tempo que dura.* — Recorda além disso o tempo que esta vida dura... até que foi necessário sair e pregar...; senão ali teriam passado toda a sua vida... Que lição tão prática! O Filho de Deus não tem pressa em deixar o seu abrigo e só o deixa pela obediência e pela glória de seu Pai. — Não te parece que humanamente falando estava ali a perder o seu tempo?... Não teria sido melhor se em vez de três anos houvesse pregado seis, dez ou quinze?... Quantas almas não teria convertido! Quantas coisas não teria ensinado ao mundo! Mas ali em Nazaré que fazia tanto tempo?... Não era incompatível com a sua obra da Redenção o deixar passar assim os dias?... Parece até indigno do Messias Redentor passar trinta anos sem fazer nada aparentemente do seu ofício de Redentor..., que era o fim que o trazia a este mundo. — Contudo a sabedoria de Deus não pensava deste modo. — Queria dar-nos a lição suprema da humildade, ensinando-nos pràticamente a combater a nossa soberba e vaidade... Que lição tão austera e quão pouco a aproveitamos!...

4.º — *Obscuridade e silêncio.* — Compreende bem diante de Deus o valor da obscuridade e do silêncio. — À vista de Jesus e de Maria assim abraçados com ela, o teu coração não deve desejar outra coisa.

O demónio deseja que as tuas coisas se vejam para que o ladrão tas roube ou para que o seu mérito se evapore... Um perfume destapado perde a sua força...; um imprudente que exibe sem cuidado as suas jóias e riquezas, fàcilmente as perde...; todos procuram esconder o seu dinheiro...; não se publica nem se diz a ninguém o que se tem... Porque não proceder com esta prudência na vida espiritual?

É árduo e áspero o trabalhar em silêncio..., sem que ninguém nos veja..., sem que ninguém se dê conta..., é duro fazer o bem sem esperar recompensa... ou agradecimento... Recorda como isto te custou alguma vez e como por este motivo sofrestes desgostos... É enfim muito doloroso ver-nos isolados..., não compreendidos nem estimados...; mas olha para Nazaré..., contempla a Jesus naquela vida que só interrompe pela pregação e que continua agora na Eucaristia...: soledade..., silêncio..., obscuridade, essa é a sua vida. — Contempla a Maria e pede-lhe que te conceda participar da formosura desta vida e dos encantos que encerra... para as almas que encantadas com ela querem ocultar-se aos olhos dos homens para viver só para Deus.

53. Vida de Nazaré

Vida de trabalho. — Consequência da vida de pobreza da Sagrada Família é a vida de trabalho que ali tinha de reinar...: eram pobres e não tinham mais remédio senão comer do seu trabalho; S. José, no seu ofício..., Maria nas suas ocupações domésticas..., e Jesus ajudando a ambos..., todos ali trabalhavam. Meditemos, que alguma coisa nos querem ensinar com o seu trabalho.

1.º — O trabalho é uma lei da criação, é portanto natural ao homem... A preguiça, a ociosidade é completamente irracional... O homem nasceu para trabalhar como a ave para voar, diz Job na Sagrada Escritura. — Mesmo no Paraíso quis Deus que o homem trabalhasse e foi para isso que Deus lho deu. — Mas o trabalho tem também o carácter de castigo e por isso causa cansaço...; e este cansaço é que é pròpriamente o castigo do pecado e não o trabalho em si. — Todos pecámos, logo ninguém pode estar isento desta pena. Trabalhos físicos e morais..., no corpo e na alma... para comer e para conservar a vida e até para gozar, sempre temos que trabalhar.

Convence-te que este é o teu dever e que não podes deixar de cumpri-lo... Quanto mais trabalhares, mais racional serás..., mais semelhante a Deus que é a mesma actividade por excelência..., a maior, a que mais produz.

2.º — *A virtude.* — O trabalho é sobretudo uma virtude: *a)* porque o trabalho é uma *penitência* verdadeira;... e uma penitência muito santa e muito bela, porque foi escolhida e imposta pelo mesmo Deus... e porque além disso é universal para todos e em cada momento. — Talvez possas livrar-te doutras penitências mas de trabalhar, não...; mesmo o doente de uma forma ou de outra, está trabalhando; *b)* porque se a ociosidade é a mãe de todos os vicios, *o trabalho é a mãe de todas as virtudes*...; é evidente que ao ocioso tenta-o muito mais e melhor o demónio...; o trabalho quanto mais duro e penoso melhor...; serve admiràvelmente para prevenir as tentações..., para debilitar as paixões..., para tirar ocasiões ao inimigo que se desconcerta diante duma pessoa ocupada; *c)* finalmente é uma virtude de *expiação* ou *reparação*... Satisfazer pelos pecados..., adquirir grandes méritos... preservar-te das quedas eis aí os grandes frutos do trabalho.

Dá graças a Deus que numa coisa tão necessária como esta pós tantas vantagens com que nos estimula... e ao mesmo tempo suaviza a pena deste castigo. — Quem chamará castigo a uma coisa tão proveitosa como esta? Quem não se abraçará gostoso com o trabalho, se há-de servir-lhe de fonte de graças e merecimentos incalculáveis?...

3.º — *O trabalho em Nazaré.* — Por isto mesmo não é possível que falte o trabalho em Nazaré..., e o trabalho no seu sentido mais escrito... não só é trabalho a ocupação..., o não perder tempo..., mas o trabalho é sobretudo coisa laboriosa..., difícil..., custosa..., rude..., que requer esforço..., suor..., incómodos grandes. — Assim, assim foi o trabalho em Nazaré...; nada de poesias ou de idílios naquele trabalho... Não era um trabalho só para se ocupar..., para matar o tempo...; era para comer..., para viver! — Viviam do trabalho..., eram uns pobres trabalhadores... uns jornaleiros.

Repara em S. José e no Menino Jesus ocupados no seu trabalho monótono... pesadíssimo..., aborrecido, duma carpintaria e de uma carpintaria de aldeia... onde não se fazem senão coisas toscas... ordinárias... vulgaríssimas. — Repara também na Santíssima Virgem... Também ela depois dos trabalhos da casa ainda os mais baixos e vis... lavar, varrer, esfregar, etc., tomaria o fuso para fiar e fiando ganhar também o seu jornal. — Pensa e medita. Nossa Senhora a jornal!... Não se ocupa em lavores primorosos...; as suas finas e delicadas mãos não bordam em oiro e sedas..., nem trabalham em rendas..., senão em trabalhos ásperos e mortificativos...

4.º — *O teu trabalho.* — Assim deve ser o teu trabalho. — Evitar a ociosidade é bem, tendo sempre alguma ocupação, mas não te esqueças que nem toda a ocupação é trabalho. — Distingue duas espécies de trabalho em que hás-de excitar-te: o espiritual e o corporal. — O trabalho espiritual há-de consistir em vencer as paixões..., dominar o génio e o carácter... esmagar o amor próprio... em fazer esforços para não te distraíres na oração e tirares dela fruto..., em exercitares-te na prática das virtudes..., em levares uma vida intensamente espiritual... e sobretudo em seres constante e perseverante nela. Tudo isto é trabalho e sem ele nada se pode fazer. — Propõe trabalhar deveras neste trabalho ainda que te venha a ser pesado e incómodo.

O corporal consistirá em cumprires os teus deveres..., em não buscares só aquilo que mais te agrada ou te distrai, mas aquilo que deves, segundo a vontade de Deus e para a maior glória de Deus.

Finalmente, aplica tudo isto às tuas obras de zelo e de apostolado. Buscas as que mais luzem e brilham ou as que mais proveito causam nas almas?... Também nestes trabalhos buscas as tuas comodidades?... Também aqui te guias

pelo que te agrada ou desagrada? ... Também és inconstante neste trabalho? Vê a Jesus... vê a Maria... trabalhando tantos anos! e aprende essa lição..., segue esse exemplo. — Pede-lhes graça para fazer com eles essa penitência preciosíssima do trabalho... diário..., custoso..., aborrecido..., monótono...

54. Vida de Nazaré

1.º — *Vida de oração.* — A oração consiste na união da alma com Deus...: na comutação e no trato com ele. Por isso não há nada mais essencial: Deus é *tudo* e tu és *o nada*. Ele é o dono e o senhor imensamente rico..., poderoso..., cheio de bondade...: tu, o pobre... miserável..., reduzido à maior impotência. — É natural, é indispensável que acudas a ele, pois sem ele nada terás, nada poderás fazer.

O acudir a ele, o pedir-lhe o que necessitas, é a oração. Que amor tão grande o do Senhor ao dar-te um remédio tão fácil... tão simples... tão eficaz para remediar as tuas fraquezas e misérias! — Se os doentes tivessem um remédio tão fácil que só com ir ao médico já se curassem, haveria porventura doentes neste mundo?

Pensa na loucura imensa que é o não apreciarmos no seu devido valor o meio divino da oração, não a utilizando como devíamos nem recorrendo a ela com a frequência necessária. — Não houve santo nenhum sem oração... e a maior espírito e vida de oração corresponde sempre maior santidade. — Poderá haver santos sem grandes e extraordinárias coisas de milagres..., profecias..., austeridades... êxtases e raptos... mas não sem oração. — Não repares porém agora nos santos...; entra na escola de oração onde todos aprenderam, na escola de Nazaré.

2.º — *Oração contínua.* — Ali vivia-se uma vida contínua de oração. — Por cima de todas as virtudes sobressaía esta, ou melhor, esta é que dava vida e carácter a todas as outras. — Em muitas casas há pobreza como em Nazaré... há obscuridade... há trabalho... mas o que não há em nenhuma é isso junto com aquele espírito de oração. — Tudo se fazia em virtude da oração e como fruto dela...; e é por isso que em Nazaré se orava sem cessar... Como a oração santificava as coisas mais pequenas!...

Tudo deixa de ser pequeno e indiferente quando se faz com este espírito de oração. — O comer..., o dormir..., o jogar e o divertir-se..., o sofrer ou o gozar..., o trabalhar e o descansar, é então uma verdadeira oração. — E — como esta suaviza todas as coisas amargas da vida!

Contempla Maria solícita..., cansada..., suada..., e tudo para apenas poder dar de comer a seu Filho querido..., para não sair da pobreza nunca...; mas não se enfada..., não se impacienta...; é essa a vontade de Deus; aceita-a não só resignada mas gostosa e contente..., satisfeita, alegre...; tudo faz com Deus e por Deus..., quer dizer tudo faz orando..., tudo converte em oração. — Por isso é feliz; com ninguém trocaria a sua sorte..., por nenhumas riquezas e comodidades deixaria a sua pobreza... Ah! Se conhecêssemos bem como tudo se transforma com a oração!

3.º — *Oração fervorosa.* — Mas repara ainda mais na Santíssima Virgem nos momentos especialmente dedicados à oração. — Não só interrompe o seu trabalho para levantar o seu coração a Deus, purificar a sua rectíssima intenção e renovar a sua incessante presença de Deus, senão que várias vezes ao dia dedicava à oração e contemplação tempos determinados. — Olha para ela e examina-a bem; que porte interior e exterior teria a Santíssima Virgem na sua oração!... Levanta a tua imaginação e o teu espírito ao céu e ali verás toda a corte celeste e especialmente Deus

deliciando-se na oração de Maria..., recebendo a glória que esta oração lhe dá..., comunicando-se com ela e aumentando as suas graças e merecimentos. — Será assim a tua oração?... Também darás com ela glória a Deus? alegria aos anjos e merecerás que se comunique contigo e te dê as suas graças e o que necessitas? Porque tiras tão pouco fruto da oração?... Não devias já ter muita santidade?... A tua oração é como a de Maria, fervorosa..., humilde e constante?

4.º — *Oração em comum.* — E não só Maria mas todos naquela casa oravam... e oravam em particular e em comum. — Que espectáculo tão belo o da Sagrada Família em oração!... Quanto agrada ao Senhor a oração em família!... a oração em comum... Persuades-te bem disto? O mesmo Jesus depois de assim ter procedido em Nazaré e mais tarde com os seus discípulos claramente no-lo ensinou e aconselhou...: *onde há dois ou mais reunidos em meu nome aí estou eu.*

O homem é social por natureza.... tudo fez com os outros..., há-de viver com a família..., com a sociedade... porque não santificar essa vida com a oração? — Se tens amizades para tratar e conversar com elas..., porque não levar-nos mùtuamente a Deus? ...

Se se diz que na união está a força e o homem se une aos outros para conseguir alguma coisa... ou fazer um esforço que só, não poderia realizar... porque não há-de ser assim na vida espiritual?

Vê como a Igreja fomenta a oração e a vida espiritual em comum. — As ordens religiosas não são outra coisa. — Porque não tratas de fazer assim e, no que possas fomentar a oração..., a mortificação... a conversação e a vida espiritual na família..., nas amizades..., na sociedade que te rodeia?...

55. Vida de Nazaré

1.º — *Vida de crescimento.* — Os evangelistas tão parcos em falar de Nazaré não calam este pormenor da vida de Jesus e dizem que *o Menino crescia e se desenvolvia...* e juntamente com ele havia de crescer sua Mãe. Façamos reflexão sobre este misterioso crescimento...

Em qualquer espécie de vida o crescimento é essencial... Na vida vegetativa, como conheces que uma planta pegou bem e tem vida?... se cresce e aumenta. — Na vida animal, o mesmo: que seria de um animal..., de um corpo humano que nascesse e não crescesse nem se desenvolvesse?... Seria um monstro ou não viveria... O crescimento é sinal de vida. — Convence-te deste princípio de que o crescimento é sinal de vida. — Pois bem, a vida espiritual, ainda que muito interna, é também vida, e por conseguinte requer também crescimento. — Crescer é aumentar..., é adquirir uma nova perfeição... Por isso na vida espiritual não é possível parar. — Compreende agora aquilo que se diz que na vida espiritual o não avançar é recuar...; deter-se... parar pela tibieza ou frieza, é retroceder. Não te enganes miseràvelmente: se não avanças, recuas; se não aumentas, perdes de dia para dia...

2.º — *O modelo.* — Jesus crescia. — Aparece crescendo e aumentando... e é o único que não podia realmente cres-

cer. — Tinha tudo e tudo possuia desde a eternidade em grau infinito...; não era capaz de adquirir novas perfeições. — No entanto quer ser nosso modelo e ensinar-nos pràticamente a crescer... e assim quis manifestar-se como se realmente crescesse.

O sol é sempre o mesmo; realmente não aumenta nem cresce e contudo desde a aurora até ao meio dia aparece como se realmente aumentasse e crescesse a sua luz... Assim Jesus cada dia aumentava uma perfeição mais ou um grau maior delas como se efectivamente nelas crescesse e se aperfeiçoasse... Que será o crescimento para Jesus quando sendo o único que não podia crescer quis aparecer deste modo?

Não quererá que tu o imites e trabalhes pelo teu crescimento verdadeiro?... E a Santíssima Virgem não crescia também? se foi ela que mais aproveitou as lições de Jesus... havia de esquecer esta?

É doce pensar e além disso é certo que depois de Jesus ninguém cresceu tanto em graça e formosura de alma diante de Deus e diante dos homens como ela...

3.º — *Em que crescia Jesus.* — *a) no seu corpo*: era o único crescimento de que era capaz... O corpo tenro e delicado do Menino Jesus fortalecia-se e robustecia-se cada vez mais para ser apto e útil nos trabalhos apostólicos..., na sua pregação..., nos sofrimentos da sua paixão. — Portanto até o seu crescimento físico e natural era para ele uma coisa que se dirigia ao seu fim Redentor..., ao melhor cumprimento da vontade de seu pai..., ao bem das almas. — Aprende a dirigir a esse fim também a tua saúde..., as tuas forças..., a tua vida toda ainda sob o ponto de vista corporal e físico...;

b) crescia em sabedoria. — Esta era dupla: uma humana com a que aparentava conhecer cada vez mais e

melhor o necessário para a vida..., para o seu ofício..., para ajudar a seus pais. — Conhecia também cada dia melhor o que eram os homens pelos quais se ia sacrificar.... o que era o coração humano, e este conhecimento fazia-o sofrer ao ver a sua inconstância..., o seu egoísmo..., a sua incompreensão do verdadeiro amor... e compararia o coração de todos os homens e em todos veria sentimentos semelhantes, e também... no teu! que pena! Outra era a sabedoria divina, que cada vez se revelava mais, como se revelou no templo onde foi a admiração dos doutores... Como aproveitaria a Santíssima Virgem estas lições!... e tu, como ouves as coisas de Deus e as suas inspirações?...

c) crescia em santidade. — De dia para dia fazia obras mais do agrado do Pai e mais proveitosas para nós... Que rectidão e pureza de intenção!... Sobretudo que amor nas suas obras! — Embebe-te bem desta santidade crescente de Jesus, que assim vai crescendo até ao fim da sua vida;... até à Eucaristia..., até à Cruz...

4.º — *O teu crescimento.* — Cresceste no teu corpo como Jesus; mas na tua alma, como cresceste cada dia..., cada mês..., cada ano?... Notas que vais crescendo e aumentando?... Procuras crescer no conhecimento de Jesus e de sua Mãe?... Trabalhas por penetrar no fundo desses dois corações?... nas finezas desse amor para reproduzi-las no teu? Aumentas deveras em fervor..., em amor de Jesus por meio de Maria?

Se a vida é crescimento, podes dizer que a tua alma vive?..., ou não terás de reconhecer que em vez de crescer decresceu e diminuiu?... Não era antes mais inocente..., mais simples..., talvez mais fervorosa? — Não foram aumentando cada dia as tuas paixões..., o teu amor próprio..., o teu génio... em vez de crescerem as tuas virtudes? — Pede muito à Santíssima Virgem esta graça do crescimento...

que ela te ensine a crescer tão ràpidamente como Ela para, que a tua alma não seja algo de monstruoso ou esteja a ponto de morrer. — Insiste muito com ela para que todos os dias, especialmente na comunhão... que é um dos melhores meios de se alimentar e de crescer..., te dê com seu Filho um pequeno impulso que te faça correr no caminho da santidade.

56. Vida de Nazaré

Perda do Menino Jesus. — É o momento culminante da vida oculta — até parece estar em contradição com ela. — Jesus escondido... obediente... e submisso, agora manifesta-se... parece independizar-se. — Meditemos os profundos mistérios desta atitude nas suas relações com Maria.

1.º — *Ida ao templo.* — Jesus fez já doze anos... já não é uma criancinha... é um belo adolescente que prende com a sua beleza irresistível e com o encanto da sua incomparável simpatia. — Fixa-o bem... contempla-o assim formosíssimo... deixa-te prender por ele. Aos doze anos já está sujeito à lei e portanto deve já ir a Jerusalém três vezes por ano a celebrar as festas rituais. — Maria diria isto muitos dias antes ao Menino Jesus e ele começou logo a regozijar-se com a viagem, ainda que ocultou as circunstâncias da mesma.

Chegado o dia, José e Maria levam o Menino e põem-no a caminho. Segue-os... escuta o que dizem... vê o que fazem... Com fervor vão ao templo a orar..., a oferecer o sacrifício do Senhor.

Compara esta viagem com as anteriores...; agora não há as inquietações e sofrimentos da viagem a Belém....

nem os sobressaltos e temores da do Egipto...; vão contentes e alegres, e contudo nesta viagem esperavam-nos amarguras muito maiores do que nas anteriores. — Adora os desígnios de Deus..., respeita a sua vontade santíssima, que assim prepara a prova da dor para os seus quando menos se espera.

2.º — *No templo.* — Repara como chegam ao templo..., é a casa de seu Pai..., é o lugar onde mora Deus e fala e se comunica às almas... Que dor lhe causaria ver os abusos que nele se cometiam!... Que pouco respeito da parte daqueles comerciantes que ali mesmo haviam instalado as suas tendas!... Com que vontade faria o que mais tarde havia de fazer expulsando-os a azurragues!... Mas não chegara ainda a sua hora. — Pensa no que faz sofrer a Jesus qualquer falta que se comete no recinto sagrado.

Uma vez dentro, Jesus primeiro, e com ele Maria e José pôr-se-iam em oração... Era a primeira oração que fazia no templo. — Põe-te junto a ele e vê como sua Mãe não tira dele os olhos para aprender dele a orar e a tratar com Deus... Que diria a seu Pai?... Que fervor o da sua oração...! Como o comunicaria à Santíssima Virgem e esta se sentiria invadida de um fervor e amor especial.

Depois assistiriam a todas as cerimónias... Com que atenção seguiriam o desenrolar daquela liturgia! — Nada de curiosidade deslocada..., nenhuma pergunta desnecessária..., nenhum comentário e muito menos risos ou graças sobre o que contemplavam... É assim que tu assistes aos actos de culto? Não gostas de comentar e de rir-te quando alguma coisa te chama a atenção?

E quando Jesus visse o cordeiro pascal e assistisse à sua imolação vendo os sacerdotes a recolher o seu sangue em vasos de oiro para derramá-lo sobre o altar dos holocaustos, que sentiria no seu coração?... Nenhuma coisa o represen-

tava melhor a Ele e ao seu sacrifício de Redentor do que aquele cordeirinho inocente. — Ele compreendia muito bem que aquele sangue era muito pobre e insuficiente para tirar os pecados e desagravar a seu Pai e uma vez mais repetiria: «Meu Pai, aqui estou e serei eu que farei desaparecer os pecados do mundo». E a Mãe adivinharia tudo o que passava por Jesus... Estava tão acostumada a ler naquele coração!... E Ela também renovaria com seu Filho o desejo do sacrifício para a salvação dos homens...

3.º — *A perda.* — E parece que Deus a ouviu... e lhe aceitou o sacrifício e quis dar-lhe a beber do cálix da amargura. — Ao regressar a casa vindos de Jerusalém, o Menino Jesus perdeu-se... sem culpa de ninguém, — Maria confiava em S. José... S. José não duvidou que o Menino Jesus iria com Maria, pois sabia que não se separavam um momento...; o facto foi que o Senhor permitiu que ao chegarem ao fim da primeira jornada se encontrassem sem o Menino Jesus... Que dor tão espantosa! Que impressão a do coração da Santíssima Virgem!

E quando se fosse convencendo de que nem aqui, nem ali, nem neste grupo nem naquele se encontrava... e perguntando a todas as caravanas que regressassem, se persuadisse que havia perdido a Jesus... Que seria aquele sofrimento?... Ó espada de Simeão, que bem penetras e quão duramente feres o coração de Maria!... Maria sem Jesus!!! A Mãe sem o Filho!... Tudo o que penses é nada..., não é possível que penetres nesta dor... Era necessário ter o amor de Maria..., saber o que para Ela era Jesus..., o seu Filho..., o seu Deus..., o seu tudo... Que farias tu em caso semelhante?... Desabafar contra os outros?... Deitar a culpa aos outros? Maria, nem uma palavra de queixa a S. José... Ele procedeu muito bem...; ela é que foi a imprudente, a

confiada demais..., só em si mesma encontra culpa. — Vê como chora, sem exageros dramáticos, mas mostrando a dor profunda do seu coração. — Corre a consolá-la..., a animá-la... promete-lhe tomar parte sempre na sua dor, e oferece-te para com Ela ir em busca de Jesus... e promete-lhe não aumentar com o teu procedimento as suas dores e sofrimentos pois tudo o que sofre é por ti...

57. Vida de Nazaré

1.º — *Encontro do Menino Jesus.* — Três dias demoraram em encontrá-lo. — Que dias tão compridos!... Que noites sobretudo! — Durante o dia, o ir daqui para ali..., o perguntar aqui e acolá em certo modo distraia a Santíssima Virgem da sua dor imensa... mas ao chegar a noite... quando tinha de recolher-se à hospedaria... cansada e esgotada pelo sofrimento e cansaço do dia..., que faria? em que pensaria ao ver-se só? como correria a sua imaginação e lhe pintaria a Jesus talvez sofrendo já a sua paixão e morte pelos homens!...

Acompanha nesta noite espantosa à Santíssima Virgem..., trata de compreender a intensidade da sua dor ao perder a Jesus... para imitá-la, se alguma vez te encontrares em caso semelhante e perderes também a Jesus..., ou te puseres em perigo de perdê-lo.

E por fim amanheceu o dia da dita e do gozo. Maria e José regressaram a Jerusalém e correndo foram ao templo e aí encontraram a sua vida ao ver a Jesus tranquilamente entre os Doutores. — Que efeitos tão variados e distintos no coração de Maria nesta ocasião!... de alegria imensa por haver encontrado a seu Filho são e salvo..., de agradecimento ao Senhor que lhe concedia de novo a posse do seu Jesus..., de admiração e assombro ao ver o Menino Jesus

sempre tão modesto e humilde agora a disputar pùblicamente e a ensinar aos Doutores da Lei...

Que significava tudo aquilo?

2.º — *As queixas maternais.* — E efectivamente sem poder conter-se, com um afecto sumamente materno logo que Maria se encontrou a sós com seu Filho pergunta-lhe: «Porque procedeste assim connosco? Não sabias que teu pai e eu havíamos de sofrer tanto na tua busca?» — Maria não acabava de sair do seu espanto: tudo naquele dia era extraordinário. Como é que Jesus... o seu Jesus, até então tão submisso e obediente, que nunca lhes causou o menor desgosto, agora procedeu assim? Não reparara talvez que com isto eles sofreriam tanto? ... Como explicar tudo isto? — Adivinha-se fàcilmente o sofrimento e a tortura daquele coração de Mãe que agora quer desabafar. — E Jesus que até então nada dissera, agora, por respeito a sua Mãe, fala e explica o seu procedimento: «Não sabieis que devia ocupar-me nas coisas de meu Pai?»

São as primeiras palavras que cita o Evangelho de Jesus... Que belas e que mistério tão profundo não encerram!... Tudo o que fez foi ordenado por seu Pai, e ante aquela vontade divina não há senão obedecer, ainda que a obediência seja amarga e custe sofrimentos como neste caso. — Bem sabia Jesus a dor de Maria e de José...; também o seu coração sofria ao vê-los a eles a sofrer..., mas o Pai assim o queria, e ele também assim o quis...

3.º — *Nosso modelo.* — Jesus dá-nos aqui exemplos de altíssimas virtudes... ensina-nos a obedecer antes a Deus que aos homens..., a seguir a nossa vocação e os seus divinos chamamentos em todo o momento e em todas as circunstâncias..., ainda que o coração tenha de sangrar. — Temos que seguir o chamamento de Deus onde ele quiser..., quando ele quiser e na forma que ele mesmo quiser.

Além disso, havemos de obedecer como Deus merece, com prontidão..., com energia..., com exactidão. — Muitas vezes para obedecer é necessária uma grande firmeza de vontade para vencer as dificuldades que se apresentam...; olha para o modelo e aí verás esse valor e firmeza de que necessitas. — Jesus não suaviza a seus pais a dor do sacrifício... não dá um passo para ir ao encontro deles..., quando já o encontraram não os consola com palavras docinhas e carinhosas...; diz-lhes simplesmente a verdade e expõe-lhes a vontade de seu Pai, superior a eles e a quem todos devem obedecer.

Maria e José compreendem..., baixam a cabeça e já não falam nem perguntam mais. Medita muito neste passo tão extraordinário e pede a Jesus esta firmeza e este valor para obedecer assim, com toda a exactidão, ao Senhor.

Também Maria é modelo de grandes virtudes. — Como leva bem na sua dor a dura prova!... Pára a considerar a sua paciência..., a sua submissão à vontade divina..., a sua humildade, julgando-se indigna de ter a Jesus e culpada da sua perda...; a sua perseverança e actividade em buscá-lo...; até ao cabo do mundo teria ido se fosse necessário!...

4.º — *Buscam a Jesus.* — Aprende tu também aqui a buscar a Jesus. Podes perdê-lo pelo pecado..., mas às vezes ainda sem pecado Jesus oculta-se para provar-te, como fez com sua Mãe... É então que o demónio se aproveita da ocasião para tentar-te com o desalento..., o cansaço..., a desconfiança..., o desespero. Mas isso nunca.

Vê como procede Maria... não encontra logo a Jesus, mas não pára até encontrá-lo. Assim deves fazer tu... O sofrimento e a dor do teu sacrifício não te devem tirar a coragem para buscar a Jesus...; pelo contrário deves antes suspirar mais por ele, como Maria..., e como Maria não

viver nem descansar até merecer com a tua diligência..., fervor e perseverança, encontrá-lo.

E quando se encontra assim a Jesus, que contentamento e alegria para a alma!... Como brotam espontâneamente as palavras do Livro dos Cantares: «encontrei aquele que minha alma ama; guardá-lo-ei bem e nunca mais o soltarei»! Pede a Maria o saber cumprir bem a vontade de Deus..., o não merecer nunca que Jesus te castigue com o afastar-se do teu coração e ocultar-se de ti...; enfim que saibas trabalhar sem descanso na sua companhia para... com Ela e por Ela, ir sempre a Jesus... viver com Jesus... e buscá-lo sem cessar até o encontrar.

58. **Vida de Nazaré**

1.º — *Maria e Jesus.* — Tratemos de considerar e sondar a situação em que durante aqueles trinta anos de vida oculta esteve Maria com relação a seu Filho.

A primeira coisa a considerar é que entre Jesus e Maria existiu uma relação maternal... Maria era a Mãe, e Jesus. o Filho de Deus, era o Filho de Maria!... e gostava de ter com ela as relações de um bom filho com sua mãe. — Maria teve pois que prestar-lhe os mesmos serviços que uma mãe presta a seu filho. — E o Menino Jesus, como as outras criancinhas, teve que depender de sua Mãe, de tal sorte que a vida dos dois era uma só vida..., pois Maria vivia toda para Jesus, e Jesus vivia de Maria, sua Mãe... Que dulcíssima é essa compenetração de vida entre Mãe e Filho!

Não há um só passo na vida de Jesus, que não tenha repercussão na vida de Maria... Umas vezes será uma alegria, um anelo..., outras vezes um sobressalto, um cuidado, uma carícia ou um esforço e trabalho para alimentá-lo, vesti-lo e educá-lo tudo igual ao que se passa com outras mães..., só que duma maneira mais carinhosa e cuidadosa. — Ninguém, nem mesmo os filhos de reis e imperadores, receberam alguma vez cuidados mais delicados do que os que recebeu Jesus de Maria amantíssima.

2.º — *O Filho de Deus.* — Por outra parte Maria via em Jesus não só o seu Filho mas também o seu Deus... e daí, que todo o seu carinho, com ser tão grande, estava misturado de sumo respeito e veneração... Que pensamento mais sublime do que supor que Deus pôs no coração da Santíssima Virgem todo o amor... todo o carinho... toda a ternura que todos os homens juntos deviam ter para com Jesus!... Que Ela só amou mais a seu Filho do que toda a humanidade inteira!... Que Ela já desde então soube reparar com o seu amor ardente todos os esquecimentos e ingratidões de todos os homens que por ignorância ou malícia não o queriam receber! — Maria então encerrava e representava no seu coração a toda a humanidade...; em nome dela exercia as suas funções de Mãe, pois o seu Filho não era para Ela mas para todos..., a todos nós pertencia por igual...

3.º — *Vida íntima.* — Finalmente, com respeito a este ofício maternal de Maria, medita bem que as circunstâncias da sua vida fizeram que este fosse o mais íntimo que se pode imaginar. — A sua pobreza não lhes permitia ter pessoas ao seu serviço, e portanto Ela mesma teve de cuidar directa e pessoalmente de seu Filho, até nos mais pequeninos pormenores... Foi providência de Deus que não quis que outras mãos senão as de Maria, tocassem no corpo de Cristo. — Vê como Ela vivia dependente de seu Filho... Toda para Ele. — Como se multiplicava para atendê-lo...; não se poupava a trabalhar nem a cansaços para cuidar dele... Ela própria o alimentava..., o vestia..., o lavava.... e o levava nos braços. — Ela fazia tudo, e não consentia que ninguém a substituísse, nem mesmo a ajudasse nestes ofícios de Mãe... E certamente quem os poderia fazer como Ela? ...

Por esta mesma razão de ser a Mãe de Deus, teve a Santíssima Virgem que cooperar e tomar parte em todos

os mistérios da vida oculta. — Antes de mais, nada passava despercebido para Ela..., tudo observava atentamente...., tudo gravava no seu coração, como diz o Evangelho... e sobretudo meditava a sós para tirar o fruto devido de tudo o que via fazer...., falar ou sofrer a Jesus... Que meditação tão proveitosa!... Como aprofundaria a sublimidade daqueles mistérios!... Que horas de prazer espiritual que ela passaria a meditar na infância ou vida oculta de Jesus!... Quantas coisas não saberia Ela!...

De quantas não foi Ela a única testemunha! Se não se apagam fàcilmente do coração de uma mãe as coisas de seus filhos, como não se conservariam todas estas coisas no coração de Maria?...

4.º — *Nosso modelo.* — Vê em Maria o modelo que nos ensina a conhecer..., a estudar..., a meditar em Jesus. Contempla-a a Ela nesta contínua meditação. — Jesus absorvia-lhe toda a sua actividade... levava-lhe toda a sua vida... ocupava-a todos os momentos... e porque não? — Ela tinha diante dos seus olhos o objecto mais querido do seu coração...; ao ver o rosto de seu Filho via ao seu Deus...., e deliciava-se nos encantos daquele menino..., depois, na beleza daquele jovem, todo cheio de graça e simpatia... Como se extasiaria ao vê-lo dormir plàcidamente no seu pobre bercinho!

Ela pôde fazer com o rosto de Jesus tudo o que quis...; olhá-lo..., beijá-lo... examiná-lo até sabê-lo de cor. — E naquele menino pobre e necessitado de tudo via sempre o infinito e o eterno..., a omnipotência e a majestade... a sabedoria incriada da divindade. — Ela viu passo a passo, o desenvolvimento e crescimento daquela santíssima Humanidade... e pôde observar como o rosto de Jesus se parecia cada vez mais com Ela!... e todos lho diziam assim... e ao ouvi-lo e ao vê-lo, o seu coração inundava-se de um gozo inefável. Oh! Mãe ditosa, a mais feliz de todas as mães!...

E que bem sabia corresponder o seu coração a estas deliciosas observações!... Como de tudo isto tirava Ela sentimentos de admiração, de gozo, de amor e louvor a Deus porque a Ela, sua escrava a elegera para ser a Mãe de seu Filho! — Que orações não faria então por todos os homens e também por ti! — Sem cessar se oferecia a Jesus por nós... oferecia-nos e apresentava-nos a nós diante de Jesus, e pedia-lhe para nosso bem, milhares de graças... e enfim oferecia a Jesus ao Eterno Pai pela salvação da humanidade!

Estas foram as ocupações de Maria durante os trinta anos da sua vida em Nazaré. — Pensa e medita muito nesta vida tão íntima de Mãe e Filho... e pede-lhes um cantinho para viver com Eles e participar desse silêncio..., dessa paz e calma e felicidade de Nazaré. — Pede a Jesus que também tu te pareças, como Ele, a Maria, porque também és filho dela... e que aprendas como Ela, a estudá-lo a Ele para conhecê-lo, amá-lo e servi-lo como Maria, convertendo a Jesus no único objecto que constantemente encha o teu entendimento, a tua imaginação e o teu coração sobretudo.

59. As Bodas de Caná

Terminada a vida privada de Nazaré, Jesus começou a sua vida pública... e a primeira manifestação milagrosa dela, foi o prodígio observado em Caná por intercessão..., quase podemos dizer, por mandado de sua Mãe...

1.º — *O convite.* — Não se sabe com certeza quem eram aqueles esposos..., parece que eram uns parentes da Santíssima Virgem, com os quais sem dúvida tinha Ela estreitas relações pois lhe pareceu conveniente aceitar o convite de assistir às suas bodas. Nota bem como o convite foi feito, em primeiro lugar, à Santíssima Virgem... Jesus foi convidado por causa de Maria. — Nunca esqueças esta circunstância, que Jesus gosta de aparecer sempre acompanhado de sua Mãe. Com que prazer entra Jesus no coração onde sabe que já se encontra sua Mãe! Tem isto presente sobretudo ao ir comungar...: a melhor preparação é Maria.

Mas repara ainda noutras circunstâncias: como Jesus e Maria nos dizem que a virtude há-de ser sempre amável..., não rara nem extravagante... Que simpática é esta presença de Jesus e de Maria num banquete de bodas! — A vida espiritual não se opõe às expansões boas..., às diversões santas..., às festas de família..., especialmente quando se tem cuidado em que nelas estejam Jesus e Maria santificando-as com a sua presença...

2.º — *O banquete.* — Sentam-se à mesa... Fixa-te em Jesus e em Maria... Levam os olhares de todos..., sem exageros..., sem atitudes pretenciosas, mas que urbanidade e educação!... Que atitudes mais correctas e delicadas as suas no meio de tanta simplicidade e modéstia!... Que boa companhia da virtude é a urbanidade e a educação!... quando não é ridiculamente exagerada.

Chegou um momento em que faltou o vinho. — Preocupados com o que comiam e bebiam certamente que ninguém deu conta de que o vinho faltava. — Foi Maria a que logo notou o facto... Que olhar o seu, fino e penetrante!... Nada lhe escapava...; certamente que os criados dissimulavam, para que não se visse a falta, mas para os olhos de Maria não há dissimulação possível. — Também Jesus notou, mas não fez nem disse nada.... deixou tudo a sua Mãe..., queria que fosse coisa sua.

3.º — *As palavras de Maria.* — E o coração de Maria não o pôde sofrer... Ela, convidada por aqueles esposos não iria fazer nada por eles se podia remediá-los naquela necessidade?... O coração de Maria!... Ninguém lhe diz nada, e é ela que ao ver um sofrimento e um desgosto se lança a remediá-lo. — Aprende de Maria esta delicadeza, esta bondade e misericórdia... e confia ao mesmo tempo n'Ela, pois também contigo procederá do mesmo modo.

E então voltando-se para Jesus diz-lhe: *Não têm vinho*... Que palavras!... Que simples e quanto encerram!... Não são um mandado, nem mesmo uma súplica, só contêm a exposição de uma necessidade. — Ela não duvida de que Jesus remediará tudo. — Não é necessário que peça e ordene: basta que dê a entender o seu desejo e Ele a compreenderá. O desejo da Mãe é lei e ordem para o Filho! — Jesus no entanto nesta ocasião parece não a querer atender e diz-lhe: «Que temos nós que ver com a questão?»... Como se dis-

sesse: «nós não damos o banquete; e portanto não é connosco; isso é lá com eles».

Além de tudo o mais, poderia imaginar-se, esta preocupação de Maria parecia coisa sem importância e sem razão: já todos tinham bebido até à saciedade e o banquete estava no fim; ainda se fosse no princípio! depois tratava-se de uma coisa meramente material sem proveito espiritual de espécie alguma. Para que pois o empenho em conseguir um milagre?... E por sobre tudo isto Jesus acrescenta: «ainda não chegou a minha hora»... quer dizer: não é este o momento propício..., nem a hora determinada por meu Pai para fazer milagres e manifestar-me com prodígios...

4.º — *O milagre.* — Tudo isto era para fazer desanimar a Nossa Senhora. As dificuldades que Jesus punha eram tais que o melhor era calar-se. Assim teria procedido quem visse as coisas com olhos puramente humanos... Mas Maria não fez assim e, como se Jesus tivesse mandado tudo ao contrário, demonstrando estar disposto a tudo o que Ela queria, põe-se a mandar e chamando os criados, diz-lhes: *Fazei quanto meu Filho vos disser...* E com isto Jesus fica comprometido...; já não tem mais remédio senão fazer qualquer coisa..., e, por vontade de sua Mãe, opera o seu primeiro e gloriosíssimo milagre da conversão da água em vinho.

5.º — *O poder de Maria.* — Muito grande foi o milagre do vinho, mas maior é o poder de Maria. — Parece que Deus não se propôs outra coisa nesta ocasião senão mostrar a força deste poder de Maria. — Tudo o que Jesus diz..., todas as dificuldades que põe, não servem senão para nos ensinar isto mesmo. É digno de nota sobretudo que Deus parece ter modificado os seus planos por vontade de Maria: *ainda não chegou a minha hora* disse Jesus. Que facto mais

admirável! O que será Maria diante de Deus quando tão grande é o seu poder!

A hora da Incarnação adiantou-se pelas orações fervorosas de Maria...; por Ela se adiantou também a hora do Nascimento, como prémio da expectação e desejo seu de ver ao Redentor já nascido...; agora também se adianta a hora da sua manifestação pública. — Se incarna, é em Maria...; se nasce, é do seio de Maria que nasce...; se vive trinta anos oculto, está escondido com Maria...; se começa a sua vida pública e opera o seu primeiro milagre, é quando quer Maria... Que é isto, que nada se faz pelo Filho de Deus sem Maria?... Não te espanta esta disposição de Deus de associar Maria a todas as suas obras?...

Pois se assim é, a tua mesma salvação e santificação d'Ela dependem..., d'Ela hão-de vir..., a Ela as deves confiar. É com quanta segurança deves tudo confiar a Ela! Vê a segurança com que Ela confia em seu Filho... Era o primeiro milagre..., ainda nunca o tinha visto fazer milagres e contudo, que fé!... que confiança a sua!... Com que segurança e confiança chama e manda os criados!

Lança-te sem medo nos braços de Mãe tão poderosa.... expõe-lhe as tuas misérias..., as tuas necessidades... que a que não sofreu a falta de vinho..., menos sofrerá a falta de virtudes no teu coração, se a Ela acodes e a Ela pedes remédio.

60. Maria na vida pública de Jesus

Passada esta cena das bodas de Caná, a Santíssima Virgem desaparece do Evangelho para não aparecer de novo senão no trágico desenlace da vida de Cristo na sua Paixão e morte de cruz... Não obstante este silêncio, meditemos no que nos diz o nosso coração que faria a Santíssima Virgem durante os três anos que durou a pregação de Jesus.

1.º — *União em espírito com seu Filho.* — Não se pode duvidar que antes de tudo foi ou continuou sendo de união perfeitíssima com o seu Jesus.

Imagina o momento da separação...

Que triste e resignada, toma Maria com Jesus a última refeição!... Prepara-lhe os vestidos..., as sandálias para o caminho..., acompanha-o um bom pedaço de caminho...; mas Jesus não quer que o acompanhe mais...; abraçam-se os dois e separam-se... Que dor e que amargura para Maria!... Que soledade a de Nazaré!... a casa... a oficina..., recordavam-lhe tantas coisas, e, agora tudo vazio!... tudo em silêncio!... tudo triste!... Contudo Maria não se separa definitivamente de Jesus...; sem Ele não sabe viver...; deixa de vê-lo e acompanhá-lo corporalmente mas não espiritualmente. — Em espírito Maria estará dia e noite onde Ele está sem conseguir pensar noutra coisa senão no que Ele faz... no que Ele pensa... no quanto se cansa... sofre

e trabalha. Que força magnifica a do amor! Faz que nem a mesma morte possa separar duas almas... É assim o teu amor a Jesus Imitas a Maria nesta compenetração com Ele

2.º — *Cooperação na sua obra apostólica.* — Mesmo desde o seu retiro de Nazaré, Maria cooperou e muito activamente no apostolado de Jesus. — Enquanto Ele pregava. trabalhava e caminhava..., Maria orava..., suplicava e sofria... e com a sua oração e mortificação continua, quantas conversões não conseguiria das almas que escutavam a seu Filho!... Se por sua intercessão converteu a água em vinho, não seriam também feitos por sua intercessão muitos dos seus milagres... muitas das suas conversões?

É certo que Jesus não necessitava das orações de sua Mãe para fazer frutificar a sua pregação..., mas quis associar a Santissima Virgem e valer-se das suas orações, para ensinar-nos que a vida activa deve ir acompanhada da contemplativa..., que muitos dos frutos que conseguem os pregadores da verdade não dependem tanto das suas palavras como talvez das orações de almas ocultas, que só Deus conhece... Que belo apostolado! — Não poderás pregar nem fazer maravilhas..., nem operar milagres, mas podes, como Maria, mortificar-te, no silêncio..., orar..., suplicar..., sofrer pelas almas... e algum dia conhecerás o fruto desse magnifico apostolado. — Tem a Maria como o teu modelo. Sob este aspecto bem pode ser chamada *Rainha dos Apóstolos*.

3.º — *Consolações e dissabores.* — Toda esta parte da vida de Maria está cheia de consolações e de dissabores... Afinal de contas essa é a vida do homem: um conjunto de penas e de alegrias, de lágrimas e de sorrisos, mais de lágrimas do que de alegrias...; assim foi com Maria. — Quais não seriam as suas consolações quando ouvisse os prodigios que Nosso Senhor obrava... quando Ela mesma

visse as multidões a segui-lo..., escutá-lo... aclamá-lo...; ao conhecer os apóstolos e discípulos que o acompanhavam..., ao ter notícias dos seus triunfos sobre as almas convertendo-as..., dos escribas e fariseus, confundindo-os, etc.

E qual não seria ainda a sua consolação ao ouvir-lhe Ela mesma algum sermão portentoso!... E que prazer não sentiria a Santíssima Virgem quando Jesus cansado do seu trabalho se retirava de quando em quando à sua casinha de Nazaré para descansar! Ela mesma lhe limparia o suor do rosto..., lhe serviria a comida por suas próprias mãos preparada... a sós teriam as suas conversas íntimas repassadas de amor puríssimo mas intensíssimo. — Que feliz se sentiria Maria com aquele Filho!...

Mas, ai! quais não seriam as suas amarguras e os seus sobressaltos, quando soubesse da inveja, da raiva dos seus inimigos... da perfídia nas suas perguntas... como o vigiavam e espiavam sem cessar..., quando o quiseram lançar do alto de um precipício..., quando agarraram em pedras para apedrejá-lo!... Como sofreria ao conhecer a dureza daqueles corações... a malícia que encerravam..., a própria rudeza dos Apóstolos e discípulos que não acabavam de conhecê-lo!...

4.° — *A vontade de Deus.* — A vida de Maria em Nazaré foi finalmente uma vida de cumprimento exacto desta vontade. — Sem isto não há santidade. — Recorda as duas vezes que Jesus fala de sua Mãe na vida pública... Uma quando lhe dizem que sua Mãe o chama e responde: *Quem é minha mãe? Quem faz a vontade de meu Pai é que é minha mãe..., meus irmãos e meus parentes.* Outra quando uma mulher lhe diz: *Bem-aventurado o seio que te trouxe...*, e Ele responde: *Mais bem-aventurado é quem ouve a palavra de Deus e a segue.* Aprende esta lição. — Isto é a única coisa que vale para Deus; sua própria Mãe nada valeria para Ele se não fosse santa... Não bastava que Ela o tivesse

trazido no seio..., nem que lhe tivesse dado o ser que tinha...; era necessário que se distinguisse «no cumprimento exacto da vontade de Deus»; por isso é que Ela é grande,..., ditosa.... bem-aventurada.

Isto significam estas palavras...; isto te ensinam a ti. — Não poderás imitar a Maria em ser Mãe de Deus..., mas poderás imitá-la em seguir fielmente a vontade divina. — Pede-lhe esta graça: luz para conhecer sempre a vontade de Deus e não a tua, e força para segui-la sem vacilar...

61. Maria e a Paixão — Prelúdios da Paixão

1.º — *A hora.* — Chegou a hora marcada pelo Pai para consumar o sacrifício, e o Filho obediente nem um momento sequer a atrasa. — Não ignorava o que significava a chegada desta hora e longe de fugir cobardemente, com imensa alegria ao mesmo tempo que com profunda pena, atira-se ao sofrimento todo da Paixão. — É o primeiro passo que dá é o despedir-se de sua Mãe. Impossível pintar ou imaginar esta cena.

Jesus chamou aparte a Santíssima Virgem e começou a expor-lhe a vontade de seu Pai... Escuta estas palavras..., adivinha as razões que lhe daria para explicar a sua decisão de ir para a morte e para tratar de consolar o seu coração ferido. — O Pai assim o havia decretado..., era necessário para satisfazer a justiça divina..., para remir o mundo..., para destruir o império do pecado... Que conceito formaria do pecado a Santíssima Virgem, quando compreendeu que tanto ia custar o apagá-lo!

Penetra muito nesta razão que é a causa de tudo... Que será o pecado?! Como irritará o coração de Deus que só se aplaca com o sacrifício de seu próprio Filho! E, já para preveni-la, já para que Ela tomasse desde então como seus os sofrimentos que ia a padecer... dar-lhe-ia conta pormenorizada de toda a Paixão..., da sua prisão no horto..., da traição de Judas..., das injustiças dos tribu-

nais..., das cenas do Pretório... Impressionado contar-lhe-ia o tormento horrível da flagelação..., o da coroação de espinhos..., o do caminho do Calvário carregado com a cruz.. o da crucificação... e enfim, como depois de três horas de espantosa agonia, nela havia de morrer escarnecido..., insultado até aos seus últimos momentos... Quantas horas amargas não teve Jesus que passar na sua Paixão! mas esta não foi uma das menores... Quanto teria que sofrer por ser Ele o verdugo que assim dilacerava o coração de sua Mãe cravando-lhe cada vez mais com cada palavra sua, a espada de dor...

2.º — *A Santíssima Virgem.* — E de facto, qual não seria a dor de Maria quando ouviu tudo o que seu Filho lhe disse! — Naturalmente estremeceria a cada novo tormento que ouvia ter ele de sofrer... Como havia Ela de o permitir?!... Como o havia de suportar?!... Porque não morrer antes?!... Como é que o Padre Eterno não lhe faz a Ela o benefício que fez a S. José, levando-o deste mundo antes de presenciar estas cenas?

Mas ao mesmo tempo que sentia estes afectos naturais. sentiria que essa era também a vontade de Deus... e ficando por cima este afecto sobrenatural, não só admitiria resignada tudo o que seu Filho lhe oferecia de dor e de sacrifício... mas ainda contente e gozosa abraçar-se-ia já desde este momento com seu Filho cheio de dores e quebrantado para segui-lo até à morte... Que dor tão intensa a deste coração de Mãe! Mas ainda admira mais a fortaleza e valor com que se atira a sofrer, à imitação de seu Filho.

Pensa. pensa muito nisto...; diante deste exemplo medita nas tuas cobardias em frente de qualquer sofrimento que se te apresenta..., envergonha-te..., pede perdão... pede graça para te modificares e teres grande generosidade... e participares desta fortaleza da Mãe e do Filho...

3.º — *A bênção.* — Depois, Jesus pede de joelhos a sua Mãe a bênção para ir sofrer. Considera as circunstâncias que fazem mais penosa a separação de dois corações verás que nunca houve despedida semelhante.

O amor e a união de corações eram em Jesus e Maria tão extraordinários que não podiam ser mais...; e portanto como se arrancariam e despediriam um do outro nesta penosíssima ocasião?...

Por outra parte a separação era para ir a sofrer e a padecer. — E o cúmulo deste sacrifício foi não só aceitar resignada esta dor e quebrando, senão o consentir nela e admiti-la com alegria e satisfação... e por isso Jesus pede que mostre este seu beneplácito dando-lhe a sua bênção... Como tremeria a mão da Santíssima Virgem, de emoção, ao levantá-la para abençoar a seu Filho por saber que com ela lhe dava licença para entregar-se aos tormentos e à própria morte!

4.º — *A tua hora.* — Pensa em que também tu terás a tua hora, que também para ti chegará a hora do sofrimento..., da prova..., da dor..., e depois a hora da morte... Como te preparas para estas horas decisivas da tua vida?..., e especialmente para a última hora?... — Vives realmente para aquela hora? Desperdiças agora as que o Senhor te dá para santificar-te ainda que seja à custa de sacrifícios?... És cobarde e foges deles?

Olha para Jesus e para Maria e aprende deles o caminho do sacrifício e da mortificação. — Não esqueças o pormenor de Jesus ao pedir a bênção a sua Mãe. — Ele quer que tu também peças a bênção e o beneplácito a quem deves, para não fazer nunca, nem sequer no sacrifício, a tua própria vontade. Quantas vezes não será isso a maior mortificação!... a que talvez mais te humilde... a que mais te custe... e portanto a que Jesus mais te pede e a que mais deseja de ti!...

62. Maria e a Eucaristia

Não sabemos que parte tomou Maria na instituição da Eucaristia, nem se esteve no Cenáculo aquela noite, nem se comungou ou não com os Apóstolos; apesar disso são muito intimas as relações que existem entre Maria e a Eucaristia.

1.º — *O dom de Maria.* — A Eucaristia é o dom de Maria por excelência. — O homem tem necessidade absoluta de Deus.— Por instinto natural busca a Deus e quando o não encontra fabrica-o por suas mãos, como fazem os pagãos, com os seus ídolos... Deus concedeu-nos a nós a graça de satisfazermos esta necessidade..., primeiro por meio da Incarnação e depois pela Eucaristia.

Deus baixou do céu à terra para fazer-se como um de nós, para assim o podermos ver, conhecer e amar... Mas isto pareceu-lhe ainda pouco... Ele queria mais e por isso quis humilhar-se até ao ponto de o podermos tocar... comer... e alimentar-nos d'Ele... e isto não uns dias... nem um certo tempo, mas sempre. — Pela Incarnação tomou um corpo humano e viveu entre os homens, mas por pouquíssimo tempo. — Só viveu na Palestina e só uns trinta e três anos... Mas que era isto para toda a humanidade?...

Por isso inventou um modo de estar com todos e cada um realmente presente, intimamente unido..., com a união mais perfeita que existe que é a do alimento por meio

do qual Ele se faz uma só coisa connosco... e isto para sempre... até ao fim dos séculos. — Portanto a Eucaristia é uma Incarnação continuada... é a aplicação prática da Incarnação a todos e a cada um dos homens..., é o modo que Deus tem de satisfazer a necessidade que todos temos d'Ele.

Agora pergunta a ti mesmo: E esse dom da Incarnação, quem no-lo deu?... O Eterno Pai, mas por meio de Maria... Jesus incarnou e nasceu por meio de Maria... Ela foi a que deu ao mundo a Jesus... Portanto se a Eucaristia é a continuação da Incarnação, está claro que é a continuação do dom de Maria. — Ela continua dando-nos diàriamente a Jesus como um dia no-lo deu no presépio de Belém. — Adão perdeu-nos por comer o fruto que Eva lhe deu: «a mulher que me deste por companheira ofereceu-me o fruto e eu comi»... Assim pecou Adão. Nós podemos dizer o mesmo: «Senhor a mulher que nos destes como Mãe deu-nos e está dando-nos o bendito fruto do seu seio e por isso vivemos..., d'Ele nos alimentamos»...

2.º — *O Sacramento de Maria.* — Assim se pode chamar à Eucaristia. — Nos outros Sacramentos não tem Ela parte nenhuma. — Neste tem-na e principal. — A carne de Cristo não é senão a carne virginal de Maria, diz S. Tomás. — Foi Ela portanto que nos proporcionou a matéria divina deste Sacramento. — A Virgem Santíssima com o seu *Fiat* atraiu o Filho de Deus do seio divino ao seu seio imaculado... O sacerdote na consagração repete um milagre semelhante e às suas mãos desce o mesmo Filho de Deus, mas já feito Filho de Maria. — As palavras do sacerdote são portanto como que uma repetição das de Maria... O prodígio que elas operam é como o prodígio e a continuação das maravilhas de Nazaré. E por isso se disse que a Eucaristia é uma continuação da obra de Maria.

Esta obra consistiu em amar e em adorar ao seu Jesus

como a seu Filho e a seu Deus. — Jesus fez-se menino para arrastar-nos com o seu encanto e amor ao amor de Deus. — Mas de facto quantos conheceram e amaram àquele Menino Deus? — Maria foi o modelo das almas enamoradas de Jesus. Ela amou-o com intensidade e com que intensidade! — Agora na Eucaristia Jesus faz-se pão e alimento dos homens... Para quê? ... Também para buscar o nosso amor. — Aniquilou-se ao fazer-se homem...; mas ainda se aniquila mais ao parecer-se com pão... e neste aniquilamento pouco mais carinho e amor tem do que o de sua Mãe. — Só esta com o seu amor é capaz de compensá-lo desta humilhação e aniquilamento. — Ao amar a Jesus na Eucaristia pensa que estás continuando a obra de amor que Maria começou em Belém... Agora, como então, a maior parte dos homens não o conhecem... nem o amam... nem lhe agradecem tudo o que ele faz por eles. Agora, como então, faltam aqueles que supram essa ingratidão... essa enorme falta de amor. — Então foi Maria que a supriu..., agora deves ser tu com Ela e à imitação d'Ela que a deves suprir...

3.° — *A consolação de Maria.* — Que tristeza não produziria tudo isto no coração de Maria Santíssima!... quando Ela visse aquele Menino encantador, desconhecido de uns e desprezado de outros... e até perseguido no próprio berço... quando ela visse em seu Filho o Filho de Deus... que sofrimento não seria o seu ao vê-lo assim tão escondido que ninguém lhe dava o culto de adoração que merecia?

É evidente que Jesus nem na sua vida privada... nem na sua vida pública... e menos ainda na sua Paixão e morte recebeu as honras divinas a que tinha direito... e a Santíssima Virgem teria nisso um verdadeiro tormento. — Pois bem, a Eucaristia é que pode consolar a Santíssima Virgem..., aqui pode Jesus ser honrado naquele corpo..., naquela mesma carne e sangue que tomou de Maria...;

agora a Santíssima Virgem já fica satisfeita e consolada quando vê as almas aproximarem-se para honrar... adorar e amar a Hóstia sacrossanta dos nossos altares. — Não quererás dar esta consolação a tua Mãe e ao mesmo tempo esta honra devida a Jesus?... Julgas que na tua vida eucarística assim fazes? Estás contente com a tua vida eucarística?

4.º — *A Comunhão de Maria.* — Se não é certo que Maria comungou no dia da última ceia, não se pode duvidar de que pelo menos depois, muitas vezes, comungasse das mãos de S. João. — O Apóstolo virgem dando a comunhão à Virgem das Virgens!... Que espectáculo mais sublime!... Que Comunhão!... Com que prazer entraria Jesus na alma de Maria!... Que bem se encontraria ali!... Se já antes escolhera seu puríssimo seio para nele incarnar..., como não escolheria agora o seu coração para morar nele? — E a Santíssima Virgem, como se prepararia?... Que acção de graças!... Se um S. Luís Gonzaga passava toda a semana a pensar na comunhão e empregava três dias em preparar-se e outros três em dar acção de graças... que não faria a Santíssima Virgem? Imita-a no seu fervor..., comunga tu também — com Maria e como Maria. Passa assim a tua vida metido em cheio na Santíssima Eucaristia...

63. Maria e a agonia no Horto

1.º — *A caminho do Monte Olivete.* — Jesus terminou já os mistérios sacrossantos e inefáveis do Cenáculo. — Dentro de pouco aproxima-se a hora; e, valente e decidido, sai em direcção a Getsemani. — Bem sabe que não voltará mais. — Pode contar as horas que lhe restam de liberdade. — É questão de poucos momentos: está para começar o drama sangrento. — E porque sabe isso muito bem, sofre amarguras indizíveis no seu coração. — *Triste, muito triste está a minha alma até à morte...* e razão tinha para esta imensa tristeza... Via os judeus tratando da sua venda, como se tratasse de uma coisa vil e desprezível...; via em especial a Judas levando até ao fim a sua traição...; via tudo o que o esperava e, ainda que era Deus..., era também homem e por isso sofria amarguras indescritíveis no seu amoroso e terno coração.

Também as sofre Maria. — Sua Mãe acompanha-o em espírito e participa dos seus sofrimentos... dos seus tremores..., das suas amarguras...; provàvelmente teve revelação do que Judas tramava..., provàvelmente teve conhecimento de como estavam decididos a dar naquela mesma noite o golpe decisivo... e o seu coração despedaçava-se de dor, ao saber e contemplar cada uma destas coisas. — Estava apartada de Jesus corporalmente, mas que unida em

espirito!... Quão admiràvelmente não penetrava Ela na razão e na causa da tristeza daquele divino Coração!

2.º — *A oração.* — Chegado ao Horto, Jesus deixa os seus Apóstolos e retira-se sòzinho a uma gruta para fazer oração. — Todo o peso daquela triste noite cai sobre Ele. — Contempla-o prostrado por terra..., caído e oprimido por uma carga que não pode suportar... São os pecados de todos os homens!... São os teus pecados!... Quanto pesam sobre Jesus!... E produzem-lhe uma angúsia tal que redunda em verdadeira agonia de morte... Que luta a que se trava no seu coração!... Olha bem para Ele e procura penetrar alguma coisa ao menos nos seus horríveis sofrimentos.

Depois olha para o longe, para a casa de Betânia..., ou para o próprio Cenáculo... e aí verás uma cena semelhante. — A Santíssima Virgem também caiu prostrada em oração... o seu coração pulsa a unissono com o de seu Filho... e não pode fazer outra coisa diferente do que Ele faz... Que noite mais terrível! Que longas são as suas horas!... Não é possível dormir..., nem intentar sequer descansar...: é noite de lutas e de agonias..., é noite de oração... Que oração fervorosa... terna... cheia de amor para connosco, a oração de Maria! — Não pede ao Eterno Pai que perdoe a seu Filho, nem recusa o cálice do sofrimento... pede sòmente o cumprimento da sua vontade, que Ela aceita ainda que seja tão penosa. — Pede para o mundo perdão..., pede por todos e por cada um de nós...; pede que aqueles sofrimentos de seu Filho que já começaram não sejam inúteis para as almas..., que saibamos aproveitar-nos da sua Paixão e da sua morte e das grandes graças que com ela nos mereceu...

E Jesus continua na sua agonia... o seu coração já não suporta tanta dor... e o sangue, da dor, ensopa-lhe os vestidos... o seu suor frio e abundante da agonia transforma-se em suor de sangue..., sangue divino!... que corre

em abundância pelo seu corpo..., impregna os seus vestidos e chega até à terra.

Contempla os anjos do céu atónitos diante desta cena..., mas contempla sobretudo a Maria. — Ela também vê tudo..., adivinha a seu Filho cadavérico... a ponto de morrer de dor e de amargura, e derramando à força de tanta dor o primeiro sangue da sua Paixão... Que faria a Santíssima Virgem? — No meio da sua dor de Mãe, reconhece naquele sangue o sangue de um Deus e corre a recolhê-lo devotamente..., a beijá-lo..., a adorá-lo. Ela é a primeira que se aproveita daquele divino sangue... Tudo o que recebeu..., a sua pureza imaculada..., a plenitude da sua graça..., a sua imensa santidade... tudo foi em virtude deste sangue divino.

Os Apóstolos dormem na oração... Maria não dorme..., não desperdiça estes momentos tão proveitosos... não abandona o seu Jesus nem um instante. — Jesus poderá queixar-se de que na sua agonia nenhum dos seus amigos mais predilectos o acompanhou, mas não poderá dizer isso de Maria, de sua Mãe... — Lá do seu retiro acompanha passo a passo o desenrolar desta cena... e toma parte na amargura de Jesus, bebendo com Ele o cálix da dor...

3.º — *Prisão.* — Acabou já a oração e Jesus, decidido... valente, generoso... chama os Apóstolos e diante deles, sai à busca dos seus inimigos, não para fazer-lhes frente e defender-se... mas sim para entregar-se nas suas mãos.

Vê a Jesus atado violentamente..., fortemente, pelos seus verdugos..., penetra no seu interior e contempla aí um outro verdugo que é o amor, atando-o ainda com maior violência...; esses sim que eram laços fortes!... pois Ele era vítima e escravo desse amor... Quanto nos amou!... Ao vê-lo assim atado a Santíssima Virgem, aumentaria a ansiedade no seu coração... Que ia a ser d'Ele?... Que iam a fazer com o seu Jesus? Contempla-o tu também assim atado e preso *por ti*..., fixa-te bem no que isto significa, *por ti!*...;

isto significa que não só se deixa manietar para sofrer por ti..., em vez de ti... por causa de ti... mas ainda quer dizer que és tu também que lhe atas as mãos. — Não cais na conta desta verdade?

Não há nada que tanto ate as mãos a Jesus como a ingratidão..., a frieza..., a tibieza..., a falta de correspondência às suas graças... enfim, o pecado! — Calcula, se podes, as muitas vezes que Jesus terá querido dar-te grandes graças..., novos favores e benefícios..., e tu com o teu procedimento lhe atavas as mãos... Ele queria santificar-te e tu não o deixavas..., punhas-lhe dificuldades. — Ata-te pois de pés e mãos a Ele pelo amor...; ata-te com laços amorosos para nunca o perder e repete aquilo do Livro dos Cantares: *Encontrei já aquele a quem minha alma ama, segurá-lo-ei bem e não o largarei mais*. Suplica à Santíssima Virgem que assim to conceda.

64. Maria nos tormentos da Paixão

1.° — *Na flagelação.* — Passada a noite em oração... confortada e alentada nela..., com os olhos marejados de lágrimas e com o semblante de dor... ao ser já de dia sai a Santíssima Virgem do seu retiro para ir à busca de seu Filho. — Não lhe sofre o coração assistir aos seus sofrimentos de longe... quer ir com Ele para onde Ele for. — Não sabemos pormenores deste passo, nem quando nem onde encontrou a seu divino Filho. Foi já na casa de Pilatos?... Talvez ao ir ou ao voltar de Herodes?... Quando o preferiam a Barrabás? — Fosse quando fosse, o certo é que foi um encontro violentíssimo para o seu coração. — Já com dificuldade reconhecia a seu divino Filho; parecia-lhe mentira que em tão poucas horas pudesse ter perdido tanto, desfigurado como estava.

A cara inchada pela horrível bofetada em casa de Anás... e pelos golpes que durante a noite lhe deu a soldadesca, não deixava entrever a beleza divina do *mais belo dos filhos dos homens.*

E estava-se ainda no começo...; os tormentos horríveis e bárbaros começaram na flagelação. — Consta por revelações particulares, por exemplo a Santa Brígida, que a Santíssima Virgem assistiu pessoalmente a este tormento. Pára e demora-te a considerar o que esta cena disser ao teu coração... e antes de tudo pergunta-te a ti mesmo: que sentiria a Santíssima Virgem quando ouviu a sentença dos

açoites?... quando viu os preparativos para executá-la imediatamente e quando ouviu os gritos selvagens daqueles carrascos a animarem-se uns aos outros... e fazerem apostas sobre quem o havia de açoitar melhor e mais bàrbaramente? Coloca-te junto da Santíssima Virgem...; vê-a intensamente pálida..., com o coração a querer saltar do peito pela violência com que pulsa..., apartando os olhos para não ver aquilo... e abrindo-os sem conseguir deixar de olhar para o que tanto a interessava... para aquele em que se concentrava toda a sua vida.

E de facto vê trazer no meio de empurrões e maus tratos a seu divino Filho e com violência e desvergonha inauditas começarem a despi-lo. — Nunca chegarás a compreender o que se passou então no coração de Maria. — Seria necessário que soubesses o que era para Ela a modéstia e a pureza... para que pudesses vislumbrar alguma coisa do que sentiu ao ver a seu Filho nu diante daquela multidão... e se por cima de tudo, ao vê-lo assim, o insultaram, se riram e troçaram d'Ele... e acompanharam tudo com chalaças grosseiras e soezes... imagina o que sentiria a Santíssima Virgem e como aumentaria a sua dor!

Já está atado à coluna... e os verdugos de cada lado..., a um sinal começam um depois do outro a descarregar golpes com toda a força. — Jesus estremece..., aperta os seus lábios para não soltar gritos de dor..., levanta os seus olhos ao céu com um olhar de indizível sofrimento... e Maria vê tudo... e já não pode mais.

Segundo as revelações, aos primeiros golpes, caiu desmaiada sem sentidos... Aproxima-te d'Ela..., ampara-a nos teus braços, mas ao mesmo tempo não deixes de olhar para Jesus e admira-te de não desmaiares tu também e de não morreres de pena ao veres isto. — Já realizaram a sua tarefa horrível dois... quatro... seis verdugos...; já se cansaram de açoitar a Jesus..., já o seu corpo é uma chaga horrorosa e contínua... já se vêem os ossos... Olha, olha bem para esse

corpo desfeito e pensa: *porquê?*... e *por quem* está assim Jesus?

Recorda os pecados de impureza e pergunta-te a ti mesmo: quem merecia este castigo? sobre quem devia ter descarregado esta espantosa e duríssima disciplina?

2.º — *Coroação de espinhos.* — Jesus procura descansar e tomar algum alento, mas... não era dia de descanso e tinha que sofrer ainda muito mais. O inferno inspira àqueles soldados a farsa da sua coroação. — Ouve as gargalhadas com que é aplaudida a ideia, e vê como todos se apressam a pô-la em prática... Um traz um pedaço de púrpura sujo e esfarrapado..., outro prepara o ceptro de cana..., os outros tecem a coroa... e outra vez despem a Jesus.

Contempla-o sentado naquela pedra..., com o trapo de púrpura sobre os ombros e a cana nas mãos. — Chegou o momento de coroá-lo... Com brincadeiras e chalaças infernais, colocam-lhe com grandes cerimónias a coroa na cabeça... e depois apertam-na fortemente e dão-lhe com paus na cabeça... O que seria aquilo!... Jesus instintivamente fecha e aperta os olhos e deles brotam lágrimas misturadas com o sangue que por toda a cara e cabeça corre com grande abundância... É possível imaginar tormento mais atroz?

Agora contempla a sacrílega comédia que fazem com Ele...: está coroado de Rei... Tem que se lhe prestar homenagem... e dobram os seus joelhos diante de Jesus e uns lhe dão uma bofetada..., outros lhe cospem na cara... este puxa-lhe pelo manto e lhe diz um gracejo asqueroso..., aquele enfim tira-lhe a cana e lhe dá com ela na cabeça... Assistiria a Santíssima Virgem a esta cena?... Teve, pelo menos, conhecimento do que se estava fazendo com Jesus?... Como tinha coração para sofrer estas coisas?... Foi sem dúvida um milagre que não morresse de dor.

Pelo menos deve ter presenciado a cena do *Ecce homo.* — Assiste tu a ela com a Santíssima Virgem. — Imagina

como seria..., o que se passaria naquela praça à vista de Jesus... e ouve a gritaria da multidão que o pede para a morte. — Fala com Santíssima Virgem... Que lhe dizes tu?...

3.º — *A condenação.* — E efectivamente Pilatos acede a estes pedidos e gritos e condena-o à morte. — A multidão ouve a sentença e aplaude... Maria ouve-a..., tu ouve-la também... e que fazes?... Jesus condenado a morrer! — Ele morre e tu podes viver? Como receberiam Jesus e Maria esta sentença?... Como a recebes tu, sabendo que dela depende a tua salvação?... Que sentimentos de gratidão e de imensa alegria, e ao mesmo tempo de profunda dor, devem encher o teu coração!

Olha para Jesus que sem poder ter-se em pé faz um esforço supremo... e lança-se com avidez ao encontro da cruz que lhe trazem os verdugos. — Vê bem como se abraça a ela, como se fosse uma coisa muito desejada e querida. — Não quer não, que ninguém lha leve e Ele mesmo a carrega sobre os seus ombros... Que generosidade, que amor o seu tão verdadeiro!... Escuta o que a Santíssima Virgem te quer dizer... porque ela fala-te com certeza; ouve pois bem o que Ela te diz: que reconheças por teu Rei a Jesus..., que ele seja o único que reine no teu coração..., que ninguém, nem tu mesmo, ocupe o lugar que só a Ele corresponde...; que tenhas generosidade no sacrifício..., que não só aceites mas busques e ames a cruz..., pois que só ela será a tua felicidade...; que a leves com constância e até ao fim... que Ela te ajudará. — Diz-te finalmente que vejas o que é o pecado e que repares os teus com a penitência e com o fervor ao mesmo tempo que desagravas a Jesus pelos pecados de todo o mundo. — Que a tua alma não seja cobarde..., ingrata..., infiel, perante um amor como o de Jesus... Ouves bem?... Compreendes bem?... E que lhe respondes?...

65. Na Rua da Amargura

1.º — *Jesus com a cruz às costas.* — Jesus torna de novo a tomar os seus vestidos, deixa a púrpura e a cana mas não a coroa. — É Rei e como Rei vai a morrer; por isso a sua coroa não lhe cai da cabeça. — Já tomou a cruz e abraçou-se com ela..., e o cortejo põe-se em marcha. — Rodeado de soldados e de verdugos que o insultam... e maltratam sem cessar..., de uma multidão imensa que o maldiz e se goza em o ver sofrer... e de dois ladrões criminosos, assim caminha Jesus.

Contempla-o...: essa respiração cansada que ouves é a d'Ele..., não pode mais... O regueiro de sangue que deixa no caminho diz como leva o seu corpo... todo feito uma chaga pelos açoites... A cruz é muito pesada...; não é o peso material dela... mas tudo o que com ela carregou sobre si... é o peso de todos os pecados de todos os homens!... Que peso mais espantoso!... — Também os teus pecados vão naquela cruz oprimindo a Jesus... e não pode com esse peso... Que admira, se é tão grande!

Não obstante, ninguém o alivia... Olha para todos os lados e não encontra uma só pessoa que o alivie da sua cruz. — Ele olha para ti a ver o que fazes diante deste quadro e ao sumo, encontra palavras bonitas... belos desejos...; mas pràticamente, que fazes por aliviar o peso da cruz de Cristo? — Lembras-te disto nas tuas quedas?

nas tuas faltas frequentes?... Olha para a Santíssima Virgem; Ela foi a única que não lançou o peso dos seus pecados, que nunca teve, sobre a cruz de seu Filho. — Ela foi a única que pôde e soube consolá-lo..., aliviá-lo e ajudá-lo. — Coloca-te junto dela..., imita-a e pede-lhe que te ensine a consolar e a aliviar a Jesus.

2.° — *O acompanhamento que leva Nosso Senhor. A)* Uns são os que lhe fazem mais pesada a cruz: os judeus, os fariseus, os soldados e os verdugos.— Também eles levam a sua cruz..., a cruz dos seus pecados. — Não há remédio: ou se leva a cruz de Cristo ou a cruz de Satanás que é mais ignominiosa e mais pesada. *B)* Outros levam a cruz com Cristo, e são os ladrões, mas não a levam por Cristo, nem por amor a Cristo, mas à força, com raiva e com desespero. *C)* Em terceiro lugar, está o Cirineu que leva a cruz de Cristo e carrega com ela... Que felicidade a deste homem!... Não a conheceu a princípio... e por isso também a não aceita voluntàriamente..., mas foi-se pouco a pouco conformando e acabou por levá-la com gosto e alegria, e isto santificou-o. — Assim que, a cruz ainda que seja involuntária e imposta à força, pode servir para santificar-nos.

D) Outro grupo é o das piedosas mulheres... Estas acompanham a Cristo, compadecem-se d'Ele...; quereriam aliviá-lo e tirar-lhe aquele peso, se pudessem..., mas sua compaixão é incompleta por ser simplesmente humana... Vêem em Cristo homem infeliz..., não vêem n'Ele a Deus que sofre...; por isso não penetram nem compreendem a causa por que sofre. — Jesus diz-lhes: são os vossos pecados, chorai por eles..., assim consolar-me-eis... e só assim.

E) Por fim olha para o grupo que acompanha a Santíssima Virgem. — Esta sim que sabe levar a cruz com Cristo e como Cristo... Que parte não toma Maria na sua dor e na sua pena!... Que sofrimento mais semelhante o dos

dois corações!... Semelhante em tudo: na intensidade que já não pode ser mais..., no motivo que são os nossos pecados, que a ambos tanto afligem e tanto custam...; no modo, que é por puro amor..., divino e infinito amor que se reflecte, tudo quanto pode ser na Mãe.

Escolhe: — Tens que levar a cruz...; tens que acompanhar a Cristo no caminho do Calvário...; não podes escapar-te a esta obrigação...; só tens liberdade para escolher a forma e o modo de levar a cruz... Em que grupo queres figurar? — Pede à Santíssima Virgem que te admita no seu em companhia daquelas santas mulheres. — Põe-te junto a Ela... muito perto d'Ela... e agora, a sofrer..., a levar a cruz que Deus te dê. — Nunca a leves só..., não conseguirias levá-la, porque seria sumamente penoso... A seu lado todas as cruzes são pequenas... todas as dores se tornam suaves.

3.° — O *encontro.* — Contempla em silêncio este devotíssimo passo. — Não é possível exprimi-lo com palavras...; deixa que fale e que sinta, o mais que puder, o teu coração. — Repara no sentimento daquela Mãe que anela por aproximar-se de seu Filho..., que quer vê-lo de mais perto..., trocar com Ele um olhar..., uma palavra..., uma manifestação de afecto e carinho maternal. — E, no meio da rua da Amargura, sai-lhe ao encontro..., estende-lhe os braços... quereria arrancá-lo dali, se fosse possível, e levá-lo consigo. — Jesus levanta os olhos e vê a sua Mãe...; os dois olhares encontraram-se... Quantas coisas se não diriam nesses olhares!... Que bem se entenderiam! Os corações compenetraram-se e cada um aumentou mais a sua dor com a dor do outro. — Bem o sabia Maria e contudo não foge ao encontro. — Talvez não julgasse ver tão desfigurado o seu divino Filho... Quão grande não seria a sua dor ao contemplar aquele rosto divino tão asquerosamente tratado

e tão horrìvelmente desfigurado. Só Ela com o seu olhar de Mãe o pôde reconhecer. Aprende a generosidade perante o facto de ver a Maria sair ao encontro de Jesus, que tanta dor lhe havia de causar. — Não hesites..., não vaciles..., sai generosamente ao encontro da dor..., do sofrimento... que aí te espera Jesus..., aí encontrarás certamente a Jesus.

66. No Calvário — A Crucifixão

1.º — *Preparativos da Crucifixão.* — Contempla a chegada ao Cálvário. — Esgotado..., pálido, ensanguentado..., Jesus chegou sem vida depois da sua dolorosíssima Via-Sacra, na qual oprimido de dor e de cansaço várias vezes caiu por terra. — Também chegaram os verdugos que sem perder tempo começam a preparar o necessário para a crucifixão de Cristo; e depois, os ladrões. — Repara sobretudo na sua querida Mãe. — Ela também subiu ao cimo do Calvário!... Sabe muito bem o que a espera; mas, valente e decidida abraça-se com tudo. — A cena de justiçar a um homem, por mais criminoso que seja, é sempre uma coisa horrìvelmente impressionante... Que seria no coração da Santíssima Virgem que era ao mesmo tempo a sua Mãe!... — Não te apartes d'Ela...; deixa a imensa multidão que por ódio ou por curiosidade também sobe ao Calvário...: muito perto da Santíssima Virgem, para que escutes todas as pulsações do seu coração, assiste a este espectáculo.

Os verdugos despojam brutalmente a Jesus de todos os seus vestidos..., renovam as suas feridas que uma vez mais manam sangue em abundância e fica assim despido à vista de toda a gente... Que vergonha para Jesus!... Ouve as risadas e as grosserias com que os soldados e os verdugos e ainda o seu mesmo povo o saudariam ao vê-lo assim. —

Como escutaria tudo isto a Santíssima Virgem? — Que passaria pelo seu puríssimo coração ao ver deste modo ao seu Jesus?

A seguir o seu corpo é repuxado com violência sobre a cruz...; agarrando-lhe com força uma das mãos, descarregam nela a primeira martelada... Olha para o estremecimento do corpo de Cristo ao sentir uma dor tão atroz...; olha para os seus lábios, que se apertam para conter o gemido que deles se escapa...; os seus olhos que não podem conter as lágrimas, elevam-se ao céu...; olha para seu Pai e o seu pensamento dirige-se para ti e diz-te: «Por ti!». Depois, outra e outra martelada... e assim por diante até que cravam as duas mãos e os dois pés à cruz... Não vês o coração da Santíssima Virgem completamente trespassado?... Todos os golpes caíram igualmente sobre Ela...; não ouviu as marteladas, sentiu-as do mesmo modo que seu Filho... Também Ela estremecia, também olhava para o céu..., também pensava em ti... E tu, em quê e em quem pensas?... Que sentes?... Que dizes?... Que fazes ao ver assim a Jesus e a Maria?...

2.º — *Na cruz.* — Já pregado, é levado ou arrastado na cruz até à cova onde se há-de levantar. — Levantam a cruz e deixam-na cair chocando violentamente. — A dor de Jesus é indizível...; agora é todo o peso do seu corpo que pende dos cravos, mas o choque da cruz, ao cair na cova, ainda a tornou maior. — Jesus estremece convulsivamente e o sangue corre por toda a cruz a torrentes... Nem um só movimento passa despercebido a sua Mãe... nem uma só dor de seu Filho se lhe escapa... Tudo vê... tudo compreende... tudo, como seu Filho, sofre em silêncio.

Uma vez mais com Maria e junto a Maria contempla este quadro... Eis aí o teu Rei! suspendido entre o céu e a terra... crucificado como um criminoso entre dois deles..., abandonado do seu mesmo povo que se goza em vê-lo

sofrer... Olha bem para Ele. — Diz à Santíssima Virgem que to mostre para que saibas contemplar a Cristo crucificado. Contempla aquela fronte divina que se inclina sob a dor insuportável da coroa de espinhos..., aqueles olhos cegos pelo sangue que os inunda..., aquele peito que se levanta oprimido pela fadiga que o afoga..., aquele corpo todo desconjuntado..., dolorido... aquelas mãos e pés manando rios de sangue... Olha bem para Ele. — É Jesus. O teu Jesus!... O teu Rei!... O teu esposo! O teu Salvador!

3.º — *Os insultos.* — E contudo parece que não houve ninguém dos que rodeavam a Jesus, que não presenciasse este espectáculo sem uma alegria e gozo satânicos, que se exteriorizaram nos mais horrendos e inconcebíveis insultos... Que mais queriam os seus inimigos? — Haviam triunfado por completo... Tinha a Jesus na cruz a ponto de expirar... e contudo querem aproveitar aqueles momentos de agonia para o fazer sofrer ainda mais..., até à última..., insultando-o sem cessar... Que tirania a da paixão quando escraviza o coração do homem!... Nunca se satisfaz..., sempre exige mais..., ainda que seja brutal, inumana, completamente irracional...; as paixões não têm entranhas.

Assim foi aquela multidão..., aqueles judeus..., aqueles sacerdotes apaixonados contra Cristo. — Não lhe perdoam nem mesmo na sua agonia, e cevam-se nele com os mais grosseiros insultos... troçam dele como profeta, que havia dito que destruiria o templo e que em três dias o edificaria...; como Filho de Deus, já que assim se tinha chamado...; como Messias e Rei, que tivera poder para salvar a outros, mas não a si mesmo..., e acrescentavam: «Se desceres da cruz creremos em ti...» Quão dolorosas foram para Jesus aquelas troças naqueles solenissimos momentos..., vendo além disso a ingratidão e o desprezo de Deus que elas supunham!

E Jesus calava-se... e sofria, saboreando no seu coração

a amargura infinita da sua tristeza e das suas dores. — E para Maria que seriam aqueles insultos? Não é possível expressá-lo nem compreendê-lo... Que coragem a sua! — Junto à cruz..., o mais perto possível de seu filho... permanece de pé *Stabat Mater!* Direita e imóvel, com as mãos cruzadas sobre o peito, como que contendo o coração que queria saltar de dor... com os olhos fixos em Jesus... não pode olhar para outra parte..., é muito o que tem que ler naquele livro do seu corpo, escrito com o seu próprio sangue.

Contempla a morte que pouco a pouco se vai aproximando já dele..., e Maria mais forte do que a morte não foge senão que permanece sem mover-se... *Stabat Mater!* — Ouve as blasfêmias... os insultos daqueles tigres que não respeitam a dor de uma mãe que vê morrer seu Filho...; desejaria bradar-lhes e dizer-lhes: «Já basta, feras! Deixai-o já; é meu Filho..., tende piedade da minha dor». — Mas cala-se como Jesus...; afoga no seu coração a angústia..., e ainda que toda a natureza se comova... e as pedras se partam e a terra trema... Ela ali estará: *Stabat.* — Medita isto muito e promete a tua Mãe ser fiel aos teus deveres..., não te desviares deles nunca, ainda que sejam a tua cruz... ainda que suponham para ti o maior sacrifício..., que também de ti se possa dizer: *Stabat*...

67. No Calvário — A terceira palavra

1.º — *Maria e a agonia de Jesus.* — Vê aquele grupo de piedosas mulheres que junto à cruz querem acompanhar Jesus até à morte. — É sem dúvida a maior prova de amor segui-lo até à Cruz..., crucificar-se com ele..., morrer com ele. — Entre todas elas predomina Maria. Talvez que sem ela as outras mulheres se não atrevessem a subir ao Calvário... talvez não tivessem tido coragem para assistir àquela espantosa cena... Maria com o seu exemplo conforta-as e anima-as... Porque é que tu nos teus sofrimentos não olhas para Maria para aprender dela a estar ao pé da cruz?

Entretanto, Jesus entrou na sua última agonia. — Pouco tempo lhe resta já e quer aproveitá-lo, para cumprir, como sempre, com toda a perfeição, todas as obrigações do seu ofício. É Rei e desde a cruz reparte coroas eternas, como o acaba de fazer com o bom ladrão. — É Pontífice e Sumo Sacerdote e por isso pede pelos seus inimigos e pede e alcança perdão dos seus pecados. — É filho de Maria e como filho olha por ela não a abandonando naquela hora. — É Mestre e olha pelo discípulo que ali está... e até pelos outros que cobardemente o abandonaram.

Que exemplo o de Cristo!... Nesses momentos de dor..., de sofrimento inaudito..., de crucifixão e de morte..., quando, já posto na agonia, parece que só devia lembrar-se de si mesmo... é quando olha por todos e de todos se lembra.

— Compara o teu egoismo com esta caridade tão desprendida... Como procedes tu nas tuas enfermidades, nas tuas dores..., nas tuas aflições? Buscas consolações, queixas-te de que te não atendem, etc.

Aprende, além disso, a fidelidade às tuas obrigações... Nem mesmo então Jesus se dispensa de cumprir com as suas obrigações... Que vergonha! Quantas vezes a mais pequena indisposição já é suficiente para tu abandonares as tuas...

3.° — *Eis aí teu Filho.* — Foi então que Jesus, olhando para sua Mãe, disse estas palavras, indicando S. João e nele a todos nós. — Penetra no coração da Santíssima Virgem e sente o estremecimento de dor que ela sentiu ao ouvi-las... Pobre Mãe! Quando sofre!... Aquelas palavras são já uma despedida. — Jesus vai-se... e... para sempre...; por isso essas palavras são um adeus supremo a sua Mãe... Jesus que era a sua vida e o seu todo vai desaparecer..., vai perdê-lo, não como quando era menino para tornar a encontrá-lo, senão para sempre neste mundo... Será dentro em pouco uma Mãe sem filho...; o seu coração ficará vazio.

Mas Jesus dá-lhe outro filho: «Eis aí teu filho»... Mas isto, longe de a consolar, atormenta-a mais... Uma mãe não quer por filho senão o seu filho verdadeiro..., não o troca por nada nem por ninguém... Mas... muito menos quando há tanta diferença de um a outro... João era o discípulo fiel e amante mas afinal era discípulo, e seu Filho era o Mestre... João era filho de Zebedeu e o seu Filho era o Filho de Deus... João não era o seu Jesus.

Finalmente, ela vê que com João e com o mesmo direito que ele, lhe dão por filhos todos os discípulos..., os cobardes, os egoístas que no momento supremo fogem e deixam só o Mestre..., e além disso, todos nós... Que bela herança que Jesus lhe deixa!... Que carga tão pesada!... Que maternidade tão humilhante! — Olha para o teu cora-

ção, compara-o com o de Jesus e compreende a dor de Maria nesta troca.

No entanto, não a rejeita.— Para ser Mãe de Deus pediu-se-lhe o seu consentimento... Jesus não lhe pergunta se quer ou não quer ser mãe nossa... Conhece o seu coração e basta-lhe... Não hesita em carregar sobre Ela este peso de ser mãe de todos os pecadores. — Repara na humildade de Maria repetindo com imensa dor ao pé da cruz as palavras que um dia dissera com inefável alegria: «Eis aqui a escrava do Senhor... Faça-se em mim, segundo a vossa palavra»..., e assim aceita tudo o que o Senhor lhe manda. — Ah! Se deixássemos sempre as mãos livres a Deus para que dispusesse de nós à sua vontade, e aceitássemos tudo o que Ele amorosamente nos manda!... qual não seria o nosso adiantamento na perfeição!...

4.° — *Eis aí a tua Mãe.* — Tudo o que têm de penoso e de doloroso as primeiras palavras para Maria, têm de doce e de consolador as segundas. — Já temos Mãe... e que Mãe!... e Mãe para sempre, sem que ninguém no-la possa tirar.

Deus pôs no mundo a mãe para que seja a incarnação mais expressiva da sua Providência... O homem necessita de mãe... A maior desgraça que nos pode acontecer neste mundo é perder a mãe... Sem ela tudo é triste..., tudo vazio..., ninguém pode substituir uma mãe.

Jesus abraçou-se na cruz com todas as penas, mesmo com a separação de sua Mãe, mas deu-ta a ti para que nunca te falte. — E esta bendita mãe nunca falta... Como isto é verdade!... sobretudo quando perdida a mãe da terra, se sente mais a necessidade da sua maternidade. — Quando poderemos agradecer a Jesus o que nos deu ao pé da cruz?... Que generosidade a sua!... Ao ladrão dá-lhe um reino, a nós, a sua própria Mãe!... Que sentiria S. João ao ouvir isto? — O Calvário converteu-se num paraiso. — Que bem

lhe pagou Jesus a sua fidelidade em amá-lo até à cruz! Subiu ao Calvário como discípulo... e desceu filho de Maria... e irmão de Jesus... Com que satisfação entraria na posse de herança tão rica! que nem no céu a tem Deus maior!

E isto podes tu aplicar a ti mesmo. — *A Mãe de Deus é minha mãe!,* podes dizer. E como a palavra de Deus é eficaz, faz o que diz, Maria é na verdade a tua mãe, e ama-te com um amor igual ao de Jesus. — Tu também deves ser filho de Maria a valer..., mas para isso hás-de amá-la como Jesus a amava... É assim? — Tens obrigação de parecer-te com Jesus para ser digno filho de tal mãe..., para ser seu irmão..., pois é natural que os irmãos sejam parecidos. — Compara-te com Jesus... e com humildade e vergonha pede-lhe perdão das vezes que não amaste a Mãe dos dois..., que a desonraste com o teu proceder... e pede a esta Mãe que, ainda que alguma vez te esqueças de ser seu filho..., Ela não se esqueça de que é tua Mãe e nunca te abandone...

68. Maria e a morte de Jesus

1.º — *Últimas palavras. A)* Era perto do meio-dia quando crucificaram Jesus... e, não obstante, as trevas cobriram a Terra... O Sol obscureceu-se para não iluminar aquela espantosa cena do Calvário... E é então que Jesus, no meio daquele silêncio e daquelas trevas, abre os seus lábios e lança este grito: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?» — Escuta bem estas palavras..., procura que ressoem no mais fundo do teu coração e pede à Santíssima Virgem, a cujo lado estás, que te faça compreender o misterioso significado deste abandono de Jesus.

Demora-te um bom pedaço a meditar nele e pensa... Jesus abandonado!... Jesus só!... Que desolação a sua ao ver-se só no Calvário... e no Sacrário... e em tantas almas onde se lhe não liga importância nenhuma!... És tu uma dessas? Que impressão receberia a Santíssima Virgem ao escutar esta amorosíssima queixa de seu Filho?! — Tu não podes queixar-te, por maiores que sejam os teus sofrimentos: nunca a tua alma está só. — Jesus quis ser abandonado para que tu o não fosses. — Pelo seu abandono, Deus não te abandonará nunca... apesar das razões que teria para isso ao ver a tua inconstância... as tuas caídas e recaídas..., a tua falta de amor! — Abraça-te à Santíssima Virgem junto à cruz, e pede-lhe por seu Filho que nunca, nunca te aban-

done... nem te deixe... e promete-lhe nunca deixar Jesus e ter grande devoção em acompanhá-lo nas suas soledades.

B) À medida que passam os instantes, crescem as dores de Jesus, mas uma há que lhe arranca uma queixa especial... Não se queixou na flagelação..., nem na coroação de espinhos... nem sequer na mesma crucifixão..., e, não obstante isto, queixa-se da sede. «Tenho sede»!... Como seria este tormento!... e qual seria o de sua Mãe ao escutar estas palavras!... Não água mas todo o sangue das suas veias lhe teria dado, mas..., não pode..., só por vê-lo sofrer e sofrer com Ele. — Mas ainda faltava mais. — Entre troças e escárnios vomitados da brutalidade daqueles carrascos, atrevem-se a dar-lhe como alívio da sua sede!! fel e vinagre!!... Espreme o teu coração e diz com toda a franqueza: Que encontra Jesus nele?... Sangue limpo de egoísmo e impregnado de puro amor?... ou fel amargo de ingratidões e vinagre repugnante de tibiezas... friezas..., e inconstâncias... etc?

C) Aproxima-se o momento supremo. — A Santíssima Virgem que não cessa de fixar seu Filho, viu no seu rosto os sinais da morte próxima...; estremece ao ver que o desenlace se aproxima... E então vê Jesus levantar penosamente os seus olhos pela última vez e exclamar: *Tudo está consumado*... e depois, num supremo esforço de energia. gritar: *Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito*... Que palavras!... Se todas as palavras de Jesus se gravavam no coração de sua Mãe, como penetrariam estas, por serem tão magníficas e por serem as últimas que pronunciou?!...

O Mestre termina o seu ensino com uma lição sublime... e depois fechou o livro da sua vida. — Que felicidade poder entregar a alma a Deus dizendo: «tudo está consumado»..., tudo o que me encarregaste neste mundo..., tudo o que pretendias de mim..., tudo o que tinhas direito a esperar da minha alma..., tudo enfim, as minhas obrigações todas.... cumpri-as e consumi a minha vida até ao fim, no teu ser-

viço..., para tua glória! Por que não há-de ser assim, se só assim deve ser?

Termina este ponto pedindo à Santíssima Virgem te ajude a consumar deste modo a vida..., a terminar assim a tua carreira..., para que, no fim dela, possas, sem te envergonhares, colocar o teu espírito..., toda a tua alma, nas mãos de Deus por meio de Maria.

2.º — *A morte de Jesus.* — E assim, com a majestade e dignidade próprias de um Deus, Jesus inclina a cabeça, e... morre. — No mesmo momento a terra estremece... rasga-se o véu do templo..., as pedras partem-se, abrem-se os sepulcros... e ressuscitam muitos para dar testemunho da sua divindade... e no meio daquela trágica e espantosa comoção da criação inteira, a Santíssima Virgem, serena... firme, corajosa..., não se assusta..., não corre..., não foge..., abraça-se à cruz e deposita nos pés de Jesus morto o beijo mais puro..., mais doce..., mais terno, que jamais uma mãe depositou no cadáver de seu filho.

Abismada de dor, havia seguido os passos todos da sua agonia... e agora ao vê-lo morrer, longe de acobardar-se e cair oprimida sob o peso da sua dor, levanta-se, sustida pela graça, até dar o seu consentimento ao sacrifício espantoso..., e abraçando e beijando a cruz que tanto a fazia sofrer, oferece ao Eterno Pai a imolação daquela vítima divina, pela salvação de todos os pecadores do Mundo.

Penetra bem no coração dorido daquela Mãe..., a mais aflita de todas as mães... e verás nele o altar vivo onde se imolou o Cordeiro divino, à força de dores e de sacrifícios espantosos... e, apesar de tudo, aquele coração despedaçado está tranquilo cumprindo em todo o momento a vontade de Deus que lhe exigiu este sacrifício. — Não esqueças nunca: ninguém se verá livre da Cruz... Não pretendas voltar-lhe as costas, que se te fará ainda mais pesada...

Abraça-te a ela... e quanto mais dolorosa e pesada seja... beija-a com mais carinho... Tem generosidade com quem a santificou com a sua morte... e morre tu mesmo crucificando-te com coragem na cruz que Deus te enviar..., pois ela e só ela te santificará... conforme aqueles versos, que nunca hás-de esquecer e que deves repetir quando chegue a ocasião:

«Sem cruz não há glória nenhuma,
nem com cruz eterno pranto.
Não há cruz que não tenha santo
nem santo sem cruz alguma»...

3.º — *Jesus ferido no seu coração.* — Jesus já tinha morrido. — Mas ali estava sua Mãe que podia continuar a sofrer por Ele. — E assim foi. — Um dos soldados enterrou a lança no lado de Cristo, para certificar-se mais da sua morte... e o golpe foi tão forte que atravessou o seu coração. — Aquele golpe já não atormentou o Filho; mas quanto não fez sofrer a Mãe ao sentir no seu coração que a lança o atravessava juntamente com o de Jesus!... Com que amor recolheria ela aquele sangue!... o do coração de seu Filho!!... o último que lhe restava!... o último que derramava pela salvação dos homens!

O lado aberto de Cristo é para nós um mistério sumamente consolador. — Por aquela ferida, como por uma porta amplíssima, podemos entrar, como o fizeram as almas amantes..., a esconder-nos dentro do Coração de Jesus... e ali estabelecer a nossa morada. — Esta bendita ferida rasga o véu que o ocultava... e aquele divino coração... que tanto amava os homens, ficou descoberto..., patente a todos..., para que o víssemos..., o adorássemos..., para que nele, de uma vez para sempre, aprendêssemos toda a lição sublime do amor. É impossível saber o que é amar sem

penetrar no mais intimo desse coração... Aquilo é que é amor!... essa é a única escola!... Esse é o único modelo!...

Podemo supor que a Santissima Virgem cheia de dor, ao contemplar aquela ferida atroz, mas mais cheia ainda de admiração, ficou extática... ao ver, Ela antes de mais ninguém, aquele coração... Nunca o tinha visto e agora contempla a sua formosura encantadora. — Com certeza caiu de joelhos logo ali para adorá-lo e desagravá-lo por todos os que ali mesmo e por todos os séculos o haviam de ultrajar. — Foi este o primeiro acto público de devoção e culto ao Coração de Jesus..., e Maria a primeira adoradora e reparadora do Sagrado Coração. — Aprende dela esta devoção salvadora e santificadora. — Maria é a depositária dos tesoiros deste coração... Ela tem a chave. — Pede-lhe que te introduza lá bem para dentro e que feche bem a porta, para que nunca saias daquele Coração onde os tíbios se fazem fervorosos, e os fervorosos chegam a ser santos...

69. Soledade de Maria

1.º — *Jesus morto nos braços de sua Mãe.* — Põe diante da tua imaginação aquele quadro. — Pendente da cruz o cadáver de Jesus.... cheio de grandes manchas de sangue coalhado.... coberto de feridas..., materialmente desfeito..., sem beleza nem formosura..., quase sem figura humana...; lábios exangues..., olhos sem vida...; aquilo que não é mais do que isso, um cadáver!... e é o Filho de Deus!!! Que mistério!

Aos pés da cruz, um grupo de almas boas chora sem cessar. — Grande, muito grande é a sua dor..., mas como compará-la com a daquela Mãe que chora a perda de seu Filho!... Pobre Mãe!!!... Que vai fazer agora sem o seu Filho? Talvez no meio da sua dor, começou a preocupá-la a sepultura de seu Filho..., mas, como e onde?... Se ela não tinha sepultura nem meios para comprá-la!... se os seus amigos, uns se haviam ocultado... e outros haviam-se feito seus inimigos! A quem acudir? Quem descerá o seu Jesus da Cruz?... Que consolação no meio da sua pena, quando vê aqueles santos varões cumprir este piedoso ofício!... Que agradecimento não conservaria ela no seu coração!!

E efectivamente com grande cuidado o descem da cruz e depositam o santo corpo nos braços de Maria. — Prostra-te em espírito junto a essa Mãe, e medita com ela...

porque, que meditação faria então a Santíssima Virgem!... Como iria recordando ante a vista daquele corpo todos e cada um dos tormentos da Paixão? — Agora recorda todo o passado..., as cenas de Belém..., os idílios de Nazaré..., os dias felizes em que ela cuidava do seu Filho, como nenhuma Mãe o fez jamais. — Agora entende, de uma vez, o que significava a espada de Simeão que toda a vida levou atravessada no seu coração. — Agora compreende o que era ser Mãe nossa... Mãe dos pecadores! que assim puseram o seu Filho... E precisamente a esses ia ela amar?!... A esses querer como a filhos quando assim tinham feito sofrer o seu Jesus? !... Oh! Que dolorosa maternidade!... E contudo, beijando uma a uma aquelas feridas, iria repetindo: *Sou a escrava do Senhor..., faça-se em mim a sua divina vontade.*

Faz tu esta piedosíssima meditação com Maria..., imagina-te a tirar com Ela aqueles espinhos um a um..., com muito cuidado, como se ainda sofresse com eles Jesus... Limpa aqueles olhos e aquele rosto afeado com tantos escarros... e sangue...; toca aquelas mãos e pés trespassados... e beija... beija aquele lado aberto... e não apartes os teus olhos daquele coração que se vê pela ferida, sem vida... sem latejar já..., sem movimento..., mas não sem amor... e em cada ferida recorda os teus pecados... e vê o que fizeste com eles.

2.º — *O santo enterro.* — Os santos varões Nicodemos e José de Arimateia juntamente com as piedosas mulheres e com a Santíssima Virgem, começaram a ungir e a enfaixar aquele corpo sacrossanto. — Contempla este embalsamento e vê quão amorosa e delicadamente vão limpando aquelas feridas e ungindo-as com bâlsamo e perfumes... A Santíssima Virgem talvez reservasse para si o limpar e ungir a sagrada cabeça... e Ela mesma cobriria aquele rosto divino com o pano mais fino... Que dor a sua ao lançar o seu último olhar sobre aquele rosto que Ela conhecia

tão bem... Quanto não se tinha encantado na sua contemplação!...

Preparado assim o cadáver, é levado à sepultura. — Forma tu parte daquele tristíssimo préstito, que já quase de noite acompanha pela última vez o corpo de Cristo... Como iria a Santíssima Virgem! Que doloroso é o momento de arrancar o cadáver de uma pessoa querida, de casa para levá-lo a enterrar!... Por uma parte deseja acabar-se com aquele tristíssimo momento..., por outra teme-se que chegue esse momento... da separação total..., do último adeus... Qual seria o sofrimento do coração daquela Mãe nestes momentos!

E, quando já colocado no sepulcro, a pedra foi fechando a entrada e ocultando o santo corpo, quem poderá explicar o que ia passando pela alma da Santíssima Virgem? ... Agora sim, que ficou definitivamente sem Filho... Quem a arrancaria daquele lugar, se Ela não podia viver sem Ele? — Também tu não tenhas pressa de te ir embora... Detém-te demoradamente, e ali ante o sepulcro do teu Jesus, em companhia da Virgem Santíssima, tua Mãe, pensa no termo de todas as coisas que é o sepulcro — Cristo quis passar por esta humilhação, para servir-nos de exemplo na nossa morte e na nossa sepultura.

Mas não, não é humilhação a morte, se é como a de Cristo... nem humilhante o sepulcro, ainda que o corpo se desfaça entre bichos, se é semelhante ao de Jesus — Morte gloriosa!... Ditoso sepulcro o das almas santas!... Por que não aspirar a isso? ...

Recorda, além disso, que todos os dias sepultas Jesus no teu coração... e não te esqueças que ele quis que o seu sepulcro fosse novo..., limpo... e onde ninguém tinha sido colocado senão Ele. Compara e examina estas circunstâncias para que vejas se é assim o teu coração. — Pensa se nele encontra Jesus aqueles aromas e perfumes de virtudes, simbolizados naqueles que ungiram o seu corpo e com os

quais ele agora quer recrear-se na tua alma... e pede à Santíssima Virgem que seja ela a que supra a tua pobreza miserável, e te ensine a guardar e a sepultar, enquanto dure a tua vida, Jesus no teu coração..., para que nunca a sua presença falte nele...

3.º — *A volta do Calvário.* — O Salvador ficou ali no sepulcro descansando..., mas Maria não podia descansar, nem sossegar... considerava-se só..., órfã... desamparada e desterrada..., sem família, sem lar..., e assim, acompanhada daquelas almas piedosas, mas sentindo no seu coração a frieza da mais espantosa soledade, empreendeu o regresso a sua casa.

Todos os que a acompanhavam, com o coração oprimido, pensavam, contudo, no coração esmagado daquela Mãe que voltava só..., sem o seu Filho! — Trilhemos com ela este caminho de dor.

Tornou a subir o Calvário para empreender a volta... Que sentiria à vista da cruz nua..., vazia..., manchada de sangue de um Deus?... Vê-a ajoelhar-se diante dela... e abraçá-la..., e adorá-la.

Já não é o instrumento do suplício..., já não é uma coisa odiosa... horrível... maldita. — Vê nela a árvore da vida de que se desprendeu maduro o fruto da salvação... É a chave do céu... é a espada que vencerá todos os inimigos de Cristo que a seus pés irão despedaçar-se... é a arma de combate de todos os cristãos..., é a loucura de todos os santos que não poderão viver sem ela, nem longe dela... senão subidos..., abraçados..., crucificados nela...; é, enfim, a balança onde se pesarão as acções de todos os homens e a causa e a razão da sua condenação ou da sua salvação — Oh Cruz bendita!... Oh cruz divina!... Que louvores de amor lhe não teceria a Santíssima Virgem!... Como se expandiria em dulcíssimas lágrimas e em abraços ternissimos a ela! Abraça-te tu também a ela e apai-

xona-te por aquela cruz, regada com o sangue de Cristo e com as lágrimas da Mãe. — Que seja para ti, como para S. Paulo, a tua maior glória e felicidade.

E levantando-se continuou o seu caminho... Que recordações ao chegar à cidade maldita!..., a cidade deicida!... As suas ruas ainda manchadas com o sangue de seu Filho!... Quantas vezes se prostaria a beijá-lo!... Como iria recordando todos os passos da paixão!... Aqui, as quedas..., ali, a rua da Amargura, onde o encontrou...; mais longe, o sitio donde saiu com a cruz às costas...; entre sombras, o palácio de Herodes, onde o trataram como a um louco..., e mais além, o de Pilatos..., a praça onde gritava a multidão..., o balcão do *Ecce homo*..., o pátio da flagelação... Pobre Mãe!... Como iria recordando um a um estes passos! — Acompanha muitas vezes a Santíssima Virgem nesta devota meditação e toma muito gosto em fazer muito bem a Via--Sacra com frequência e acompanhando a Santíssima Virgem... Ela é o teu modelo nesta devoção tão cristã...

70. **Mater Dolorosa**

1.º — *A rainha dos mártires.* — A dor é a lei universal que abrange todos os homens sem excepção. — A criança sem que ninguém a ensine geme e chora e entre prantos e gemidos é que deslizará a sua vida. — Não podemos fugir da dor..., ela espera-nos onde menos o julgávamos..., talvez quando são maiores os nossos gozos e alegrias...; geralmente estas são prelúdios das lágrimas. — Quando recebes alguma alegria muito grande pensa nalguma dor forte física ou moral..., do corpo ou da alma..., de dentro ou de fora... que te há-de vir. — É loucura querer alegrar a vida fugindo da dor. — Os seus espinhos magoam menos quando nos abraçamos a ela generosamente..., quando lhe saímos ao encontro..., tendo-lhe grande amizade..., sobretudo santificando todas as dores e sofrimentos.

Jesus quis ser o *Homem das dores* e sua Mãe a *Rainha dos mártires.* — Estes são os modelos... os únicos que aliviam com o seu exemplo os nossos sofrimentos e nos ensinam a santificar-nos com eles. — Bendita seja a dor! — Assim disse Cristo: «Felizes os que choram..., os que sofrem..., os que padecem»... Não tenhas pena do que sofre muito, mas tem pena do que não sabe sofrer. — Cristo associou sua Mãe a todas as suas glórias e grandezas e por isso fê-la companheira de todos os seus sofrimentos. — A quem Deus mais ama mais faz sofrer, para elevá-lo como sua

Mãe, depois, a maior glória e grandeza. — Quanto sofreu Maria ao pé da cruz!... Mas quão grande não é Maria precisamente ao pé da cruz! Que pérola faltaria na sua coroa se não tivesse a dor! Portanto foi necessário, visto que era rainha, que fosse rainha da dor e do martírio. — Se foi rainha da dor teve de sofrer mais do que ninguém... O seu martírio durou toda a sua vida.

A nós envia-nos Deus as dores uma a uma e oculta-nos as futuras...; só sofremos as presentes. — A Maria revelou-lhe logo desde o princípio tudo o que havia de sofrer para não lhe poupar sofrimentos... e quis que aquela espada a atormentasse durante toda a vida.

Pensa nas suas dores: quando sofreu com a ingratidão..., a traição..., o abandono..., o desamor de que foi objecto o seu Filho. — Belém..., Egipto..., Nazaré..., Jerusalém..., o presépio e o Calvário..., o templo..., o palácio de Herodes e de Pilatos..., são tudo lugares onde o seu coração se despedaçou tantas vezes! Até quis sofrer a perda de Jesus... para ensinar-nos a nós a sofrer e a buscá-lo se o perdermos pelo pecado. — Pára a enumerar e a ponderar estas dores.

2.° — *Dor humana e natural.* — Em todas estas dores considera a sua parte natural e humana. — A medida de toda a dor é a intensidade do amor. — Só nos dói deixar ou perder o que amamos. — A maior amor, maior dor. — Com esta regra trata de medir a dor de Maria... Era um amor de Mãe e com isto está dito tudo... É o amor mais puro... mais nobre..., menos egoista que na terra existe, o amor de uma mãe! — Por isso Deus não quis que tivéssemos mais do que uma...; ela só basta para encher toda a nossa existência de carinhos inefáveis..., de beijos ternissimos..., de um amor que enche plenamente o nosso coração... Como ama uma mãe! — E como amaria a Santíssima Virgem a seu Filho! — Deus quis juntar no seu coração todas as ternuras de todas as mães para que com esse amor amasse

a seu Filho. — Não merecia menos o Filho de Deus... e o que quis chamar-se por excelência o Filho do homem. E portanto, qual não seria a sua dor..., o seu sofrimento na perda de seu Filho?

Pensa além disso que o Filho que perdia era o seu Filho único, era o melhor de todos..., que amava a sua mãe como nenhum filho amou a sua... Por outra parte sendo inocentíssimo como era, perdia-o como se fosse um criminoso...; que não era uma enfermidade..., um acidente infeliz..., senão uma traição..., uma ingratidão..., uma enorme e horrível injustiça a que lhe tirava a vida... e que isso se levava a cabo no meio de atrocíssimos tormentos... e na sua mesma presença.

Pensa naquela intima união que existe entre Jesus e Maria a tal ponto que em verdade o Filho era a vida..., e o tudo da Mãe... e compreende por aqui, um pouco, a intensidade da sua dor de Mãe.

Além disso é certo que a sensibilidade tem muitos graus..., que não é igual em todas as pessoas... e que a maior sensibilidade corresponde maior intensidade de dor. — Maria era uma finíssima delicadeza..., de um organismo perfeitíssimo e por isso de uma sensibilidade extraordinária... Qual não seria pois a dor do seu coração ao pôr-se em contacto com a ingratidão..., com a injustiça..., etc.? Recorda o que a ti estas coisas te fizeram sofrer, ainda que num grau muito inferior e daí deduz o que se passaria pela alma da Virgem Santíssima. — Demora-te em cada uma destas circunstâncias... Medita muito devagar cada um destes motivos... e convencer-te-ás de que com muita razão a Santíssima Virgem pode aplicar a si aquelas palavras de Jeremias: «Pensai e vede se há dor semelhante à minha».

3.° — *Dor divina e sobrenatural.* — Não podemos abarcar a intensidade da dor humana e natural da Santíssima Virgem... Como podemos pois formar uma ideia, ao menos

aproximada, da sua dor sobrenatural? — Maria sofria ao perder aquele que era o seu Filho..., ao vê-lo padecer e morrer..., mas sofria sobretudo porque nele via o seu Deus. Quem conheceu como ela a Deus?... Quem o amou como ela?

Recorda os incêndios de amor de tantas almas santas..., dos próprios anjos e serafins...; tudo é nada em comparação do amor de Maria ao seu Deus. — Como sentiria portanto as ofensas..., os insultos..., os tormentos que os homens lhe deram? Se, como Mãe, todas se repercutiam no seu coração..., que seria como Mãe de Deus? Consta que houve almas que morreram com a dor dos seus pecados considerando quanto com eles ofenderam a Deus. — Como não morreria pois de dor Maria à vista daquelas ofensas gravíssimas que o povo escolhido fez a Cristo na sua Paixão?

Além disso, Maria sofreu todos estes tormentos indizíveis sem consolação espiritual de espécie alguma... Os mártires sofriam com alegria abraçados ao crucifixo... A vista de Jesus crucificado alentava os penitentes e os anacoretas nas suas austeridades..., mas para Maria a vista de Cristo crucificado, era precisamente o seu maior tormento... O mesmo que ia consolar a outros, era o verdugo do coração da Mãe. — As suas dores não foram físicas..., mas por isso mesmo, foi mais intensa a sua dor por ser toda ela interna... puramente espiritual!...

Finalmente o cúmulo da dor da Virgem Santíssima foi não só o assistir... o autorizar com a sua presença o sacrifício de seu Filho, senão que teve de chegar a desejá-lo. — Dois filhos tinha Maria: o filho inocente e o filho pecador, que somos nós. — Se queria que vivesse o filho inocente, não podia salvar o filho pecador...; se queria a salvação deste, devia desejar o sacrifício do outro... Que fazer? — Como Mãe devia querer-nos tanto como a Jesus... e teve que chegar a querer-nos mais do que a ele..., porque sabendo que essa era a vontade de Deus, o qual não perdoou a seu

próprio Filho..., também foi a sua, e por isso também Ela lhe não perdoou. — E assim, ali esteve ao pé da cruz, morta de dor..., desejando..., e gozando-se até na morte de Cristo para salvar-nos a nós... Quanto amor!... mas também quanta dor! Quanto custámos a Maria ser filhos seus!

E se o que custa é o que se aprecia e ama, quanto *nos amará* agora, pois a fizemos sofrer tanto? — Mas já basta... basta já de ingratidões..., não faças sofrer mais a tua Mãe, mas ama-a ainda à custa dos teus sofrimentos e da tua própria vida.

71. Maria e a Ressurreição de Jesus

1.° — *Sepulcro glorioso.* — Pelo pecado entrou a morte no mundo...; todos os homens têm de morrer porque são pecadores. — Só Jesus e Maria estiveram isentos desta lei e contudo quis Deus que passassem pela humilhação da morte..., mas não podiam ficar no sepulcro..., nem podia ali corromper-se uma carne tão sem mancha.

Além disso, Cristo morreu mas não foi vencido pela morte... antes pelo contrário, a morte converteu-se em princípio de vida... e de vida eterna para que todos os que morressem em Cristo, não morressem deveras senão que passassem à vida da imortalidade. — Por isso o seu triunfo sobre a morte havia de manifestar-se necessàriamente com a ressurreição gloriosa do seu corpo. — Ele que predissera tantas vezes a sua morte... outras tantas predisse a sua ressurreição. — Tinha que demonstrar a sua divindade e pôr o selo à sua pregação com esse domínio sobre a vida e a morte, próprio e exclusivo de Deus.

Todas as grandezas humanas vão a parar a um sepulcro..., por maior que seja o poder de um homem, um dia cairá sobre ele a loisa de um sepulcro que diga: «aqui jaz»... «aqui está». — Mas há um sepulcro glorioso que triunfou da morte e onde se lêem estas palavras: «Ressuscitou, não está aqui». — Que magnífica a glória de Cristo na sua Ressurreição!... Que triunfo o seu sem precedentes e sem igual!...

Só Ele o podia ter. — Mas esta glória de Jesus tem que ser também glória de Maria. Nada de quanto a ele se refere é alheio a sua Mãe. — Esteve associada a ele no Calvário...; as dores do Filho foram dores de Mãe... Justo era que os seus gozos, triunfos... e alegrias, fossem também para a Santíssima Virgem. — Como deve consolar-nos o triunfo da Ressurreição de Jesus Cristo!... Se não tivesse ressuscitado a nossa fé seria inútil...; os inimigos teriam triunfado definitivamente dele..., da sua vida e da sua obra. — Mas com a sua Ressurreição dá-nos o argumento mais firme da nossa fé..., a razão mais sólida da nossa esperança.

Também nós havemos de morrer..., também nós havemos de ressuscitar. — Mas como? Será a nossa morte santa..., o nosso sepulcro glorioso..., a nossa ressurreição triunfante?... A estas perguntas só tu podes e deves responder..., de ti sòmente depende. — Pede a Jesus e a Maria que seja assim..., diz-lhe que assim o esperas dos seus méritos... que queres agora associar-te às suas dores, para participar um dia dos seus triunfos.

2.º — *Aparição de Jesus a sua Mãe.* — Não é de fé nem consta do Evangelho, mas é certo. — A natureza e a graça exigem este encontro entre a Mãe e o Filho. — Não podemos duvidar de que a Santíssima Virgem assim o esperava com uma fé viva e inquebrantável. — Os Apóstolos chegaram a duvidar de Ressurreição... Maria esperava com uma certeza infalível o cumprimento das palavras de seu Filho. — Por isso ela não foi ao sepulcro..., sabia que era inútil e que ali não estava Jesus.

Reflecte agora na santa impaciência, que, particularmente ao começar o terceiro dia, invadiria o coração da Santíssima Virgem. — Os minutos parecer-lhe-iam eternidades...; o seu coração de Mãe dizia-lhe que seu Filho já se aproximava, e o coração de uma mãe nunca se engana em coisas de seus filhos. — Lembra-te da mãe de Tobias que saía todos os dias ao caminho para ver se seu filho voltava. — É neces-

sário conhecer o coração de uma mãe e sobretudo o daquela Mãe para compreender o desejo e impaciência de Nossa Senhora por ver o Filho ressuscitado. — Não será doce para a nossa devoção pensar que também agora com os seus desejos veementes..., com as suas fervorosas orações.... fez com que se apressasse a hora da Ressurreição, como acontecera com a Incarnação... e nas bodas de Caná, ao adiantar o tempo da manifestação pública de Jesus?

Finalmente chegou o instante ditoso que não é possível imaginar. — Contempla a Virgem Santíssima ainda na sua soledade..., sumida no oceano das tristezas... Os seus olhos inchados e vermelhos pelo pranto já não têm lágrimas que chorar. — E de repente, uma explosão de luz divina..., um corpo gloriosíssimo com vestidos mais brancos do que a neve... e sobretudo uma voz dulcíssima..., muito conhecida. que chama e repete mil vezes: Mãe!!! — Que língua poderá explicar estas efusões entre Mãe e Filho naqueles instantes? Deixa que o teu coração as sinta, se perca e se abisme neste mar de felicidade..., de glória verdadeira... Que bom é Jesus para os que o amam! — Um pouco de padecer e sofrer com Ele e logo a seguir quanto gozo e satisfação sem fim! — Compara com esses gozos e alegrias as que o mundo oferece e verás se merecem sequer este nome as mentiras que ele nos dá.

Aplica também aqui a regra do amor e da dor: qual o amor, assim a dor..., e qual a dor, assim a alegria depois. — Como Seria a alegria da Santíssima Virgem que assim amava o seu Filho? ... Se sofreu tanto na sua morte, qual não seria a sua alegria ao vê-lo agora glorioso..., triunfante.... ressuscitado para nunca mais morrer? — Agora de novo iria Maria percorrendo as feridas do seu corpo..., e adorá-las-ia com a felicidade que sentia ao vê-las tão gloriosas. — Recorre-as também tu com Ela e uma vez mais demora-te naquele lado..., naquele coração... Que forno!... Que vulcão

de fogo! ?... Entra bem dentro e ali abrasa-te..., consome-te em santo amor de Deus.

3.º — *Efeitos desta aparição.* — *A)* Uma alegria tão grande e tão viva que foi milagre que a Virgem Santíssima não tivesse morrido. — Uma alegria espiritual e divina, da qual nunca se saciava a alma de Maria, semelhante à do céu que nunca chega a cansar. *B)* Uma compenetração mais íntima e profunda que Deus lhe concedeu, com o seu divino Filho, como o prémio da sua generosidade e fidelidade no sacrifício...; de tal sorte que sem chegar a converter-se em Deus foi a participação maior que da divindade pode dar-se a uma criatura. *C)* Um conhecimento ainda mais claro.... uma contemplação ainda mais sublime do que era seu Filho e da sua obra grandiosa da Redenção. — Sem dúvida Jesus lhe revelou então, altíssimos segredos..., os seus planos e projectos..., a sua Ascensão aos céus daí a alguns dias..., a fundação da sua Igreja e a parte que Ela devia ter em tal obra..., enfim, grandes segredos do céu e as muitas almas que iam entrar nele.

Também tu te hás-de alegrar com este grande triunfo de Jesus... e com esta felicidade de tua Mãe. — Repete-lhe a felicitação da Igreja: *Regina coeli, laetare, alleluia...* Pede-lhe que te dê uma partezinha da sua felicidade, se não agora, pelo menos algum dia no céu..., e por fim, não te esqueças, que, segundo S. Paulo, da Ressurreição de Cristo, havemos de tirar grande desprezo e fastio das coisas da terra que não podem nem merecem encher o nosso coração... Busquemos as coisas do alto... suspiremos pela outra vida, vivendo agora desapegados desta... O espírito de fé..., a vida de fé... sobrenaturalize os nossos actos todos, para dar-lhes um valor que por si mesmos nunca teriam... e que deste modo chegarão a constituir a glória da nossa coroa no céu.

72. Maria e a Ascensão do Senhor

1.º — *Prelúdio da Ascensão.* — Jesus ressuscitado já não devia permanecer neste mundo. — Como Deus, nunca deixou o céu, a sua morada..., mas, como homem, tinha direito à posse do trono que tinha ganhado com a sua Paixão, com a sua morte e com o seu triunfo sobre o pecado.— A Ascensão é o complemento da sua glorificação, pois com ela devia adquirir a plenitude da glória ao entrar no céu. — O pecado tinha fechado as portas ao céu... Cristo devia abri-las de novo. — Só a Ele lhe correspondia esta honra. — Para isso havia descido do céu. — A obra já estava terminada. A Redenção estava consumada. — Os homens já podiam tornar a olhar para o céu como para a sua verdadeira pátria. — O mundo não é mais do que um perfeito desterro. — O céu, nosso fim... nossa meta... nosso descanso.

Já tinham passado os quarenta dias de preparação para esta solenidade. — Cristo tinha feito múltiplas aparições para confirmar a fé dos seus discípulos e a realidade da sua Ressurreição. — Quantas vezes nestes quarenta dias não visitaria a Santíssima Virgem! — Já não convivia com Ela como antes de morrer..., Mas que consolação para Nossa Senhora receber talvez diàriamente a visita de seu Filho! Como se renovariam todos os gozos e alegrias do dia da sua Ressurreição!... Quantas graças lhe não concederia seu Filho e quantas coisas lhe não ensinaria naquelas visitas!

Pede à Santíssima Virgem que tu também saibas visitá-la assim..., para acompanhá-la e consolá-la.

Pede-lhe que te ensine alguma dessas coisas que ela sabe e que a ti te convém..., que te presenteie com alguma daquelas graças que lhe deu seu Filho naqueles dias...

2.º — *Realização da Ascensão.* — Jesus aparece pela última vez aos seus Apóstolos e discípulos e leva-os ao Monte das Oliveiras. — Ali começou a sua Paixão..., ali julgará um dia o mundo..., ali quis que se efectuasse a sua Ascensão. — Que recordações traria a todos aquele lugar! — Que pensaria a Santíssima Virgem então?! Que mudança tão grande! Que cena a de há quarenta dias e a que tinha agora em frente! — Se aquelas pedras testemunhassem da sua agonia... e do seu suor de sangue... se aquelas oliveiras que presenciaram a sua prisão pudessem falar, que diriam agora? Nunca esqueças isto nas tuas lutas..., dores e sofrimentos...; tudo passa e depressa... e muitas vezes o que foi instrumento e causa da nossa dor, é-o da nossa alegria... e sê-lo-á sempre do nosso triunfo..., da nossa glória e felicidade no céu.

Diante pois de todos os que o acompanharam e da Santíssima Virgem, da qual se despediria de um modo especial... fazendo-lhe ver com mais clareza que os outros quão conveniente era que fosse para o céu... começou a transfigurar-se... o seu rosto resplandeceu como o sol..., os seus olhos brilharam cheios de amor..., as suas mãos levantaram-se solenes para abençoá-los, e das suas chagas formosíssimas e gloriosíssimas começou a sair um suave perfume que lhes confortaria o coração. — Todos se despediram dele..., talvez beijando as chagas das suas mãos e dos seus pés... A Santíssima Virgem adiantar-se-ia a tocar e a beijar pela última vez a dulcíssima chaga do seu lado... e assim suavemente... lentamente... com movimento ao princípio quase imperceptível..., com os olhos fixos em seu

Pai que o chamava..., começou a elevar-se da terra e a subir aos céus.

Contempla os apóstolos extáticos diante daquele espectáculo...; parecem ignorar no que aquilo vai parar..., mas sobretudo contempla a Santísima Virgem seguindo com os seus olhos o seu divino Filho... Com que ânsia!... Com que doce inveja ficaria a contemplá-lo!... Uma nuvem luminosa envolveu-o e os Apóstolos não o viram mais. — Para Maria não haveria nuvens... Os seus olhos maternais atravessariam todas as que se interpusessem..., salvariam todas as distâncias..., e veria a entrada triunfal de seu Filho no céu, entre o tropel das almas tiradas do Limbo dos Justos... e o cântico glorioso de todos os anjos. — Alegra-te com este triunfo de Jesus do qual participa a Santíssima Virgem e suplica-lhe pela sua intercessão e pelos méritos de seu Filho que também tu participes do mesmo no céu.

3.º — *Efeitos da Ascensão.* — *A) Na Santíssima Virgem:* um gozo intenso..., uma alegria imensa..., uma satisfação como só Ela, Mãe de Deus, podia sentir..., um amor cada vez mais intenso a Deus ao ver completa e terminada a obra da Redenção. — Qual não seria o seu agradecimento a Deus! — Mas ao mesmo tempo, que pena e que tristeza a sua ao ver-se separada de Jesus! Não só deixaria de viver com ele, senão que não tornaria a vê-lo..., nem a receber as suas visitas... Que pesada se lhe não tornaria a vida!... Que longo e insuportável o desterro!... E esta separação deveria durar anos e anos... sem aquele Filho por quem tão ternamente tinha vivido... Só quem ama pode apreciar este sacrifício da Santíssima Virgem. — Mas ela sujeita-se a ele generosamente... como havia feito no Templo e no Calvário. — Mais uma vez agradece esta caridade da Santíssima Virgem em nosso favor.

B) Nos Apóstolos: Os efeitos foram de admiração e de gozo imenso. — Não se fartavam de olhar para o céu...

Esta vista infundia-lhes gozo e coragem ao mesmo tempo... Quantas vezes nos seus trabalhos e sofrimentos esta vista do céu os alentaria!

Além disso, a sua fé aumentou grandemente ao ver o fim glorioso que tinham tido as coisas do Mestre. — Agora começavam a conhecer qual era e onde estava o seu reino... Igualmente a sua esperança confirmou-se com a promessa do Espírito Santo e com a palavra que lhes deu de levá-los aonde ele ia. — Enfim, a caridade dilatou-se, aumentando no seu coração o apreço e o amor que lhe tinham pois agora é que se convenceram quanto os tinha amado o seu Mestre.

C) Em nós. — Pede à Santíssima Virgem algo de semelhante no teu coração; pede-lhe que te firmes na fé..., na esperança do céu..., na caridade e amor para com Jesus. — Que te ensine a olhar para o céu como os Apóstolos... sobretudo nas coisas árduas da vida... e que te ajude a despertar-te de tudo o que é terreno, pondo o teu coração só em Deus e no céu... que é a única coisa que o deve encher. — Isto animar-te-á ao trabalho..., ao sacrifício... à exactidão no cumprimento do teu dever... e encher-te-á de santa alegria, pois, como diz Kempis: «O que pensa e espera no céu não pode ter na terra um só momento de verdadeira tristeza».

73. Maria e a vinda do Espírito Santo

1.º — Preparação. — Os Apóstolos e discípulos retiraram-se ao Cenáculo para ali se prepararem com a Santíssima Virgem para a vinda do Espírito Santo. — Examina esta preparação:

A) Primeiro, retiram-se, porque o retiro e a soledade é onde Deus se comunica às almas. — A Deus não agrada falar no meio das coisas do mundo... e se fala, com esse ruído não é ouvido ou não se entende bem a sua voz. — Ama muito o retiro..., o silêncio..., a soledade da tua alma onde o Senhor quer falar-te. — Por isso esta soledade não só há-de ser exterior..., senão também interior fazendo calar outros pensamentos..., negócios..., impressões... assuntos que tragas entre mãos. — Repara se não será essa muitas vezes a razão das tuas faltas na oração, e no pouco proveito da mesma... Sabes retirar-te exterior e interiormente?... Sabes impor silêncio em tua alma a tudo o que seja estranho à oração?

B) Retiraram-se a orar todos à uma. — A oração é a solução para tudo. — Jesus Cristo nunca se dispensava dela. — Orou no Cenáculo..., no horto..., na cruz mesmo. — A orar encontrou o Anjo a Santíssima Virgem na sua Anunciação. — Os Apóstolos por indicação da Santíssima Virgem, retiram-se a orar. — Também a ti te chama diàriamente... Como respondes?... És alma de oração?... Recorres a ela a buscar a luz..., consolação..., força?...

C) Em companhia da Santíssima Virgem. — Que ditosos os Apóstolos que puderam orar juntos com a Santíssima Virgem!... Ela dirigia a oração... Ela daria exemplo de fervor... Só com olhar para ela se dissiparia o cansaço..., a tibieza..., as distracções. — Mas, se quiseres, tu podes fazer a mesma cousa. Porque não oras com Maria... olhando para Maria..., aprendendo de Maria? Examina-te um pouco e vê se ao começar... e ao continuar... e ao concluir a oração a fazes com a Santíssima Virgem. — Aprende aqui também a ter devoção à oração em comum... Como agrada a Deus e quão proveitosa ela não é!

D) Finalmente, fixa-te na constância. — O Espírito Santo não desceu sobre eles senão depois de dez dias passados em oração contínua. — Depressa nos cansamos de orar. — Queremos conseguir tudo depressa... e se não o conseguimos vem o desânimo..., a desilusão. — Que falta de perseverança! — Pede-a à Santíssima Virgem. Que a tua oração seja fervorosa não um dia, nem dois, senão sempre; e assim será eficazmente santificadora...

2.° — *A vinda.* — E quando assim estavam preparados é que veio o Espírito Santo no dia de Pentecostes, em forma de fogo. — Penetra no Cenáculo e contempla o espanto dos Apóstolos ao ouvir aquele vento impetuoso... ao ver que a casa toda tremia e parecia vir a terra..., ao perceber aquela chuva misteriosa de línguas de fogo que poisavam sobre a cabeça de cada um deles... e depois, o gozo imenso ao sentirem-se cheios do Espírito Santo e dos seus dons e graças... e sobretudo do amor ardente abrasador que é o divino Espírito Santo.

E que sentiria a Santíssima Virgem?... Ela foi a primeira a compreender a chegada do Espírito Santo... e sem se assustar com aqueles sinais violentos que a acompanharam, recolheu-se fervorosamente no seu interior para melhor o receber. — Que prazer não receberia, por assim

dizer, o Espírito Santo ao encontrar uma alma tão bem disposta como a de Maria!... Se já lhe tinha dado antes a plenitude da sua graça... que mais podia fazer com Ela o Espírito Santo neste dia? — Milagrosamente aumentaria a sua capacidade..., dilataria o mais possível o seu coração..., para ter a satisfação de tornar a enchê-la de novas graças... de novos privilégios..., de novo e mais abrasado amor...

Ajoelha-te diante da tua querida Mãe e admira essa grandeza imensa..., quase infinita e divina de que a vês revestida hoje ao receber o Espírito Santo... Vê-a hoje mais pura; se é possível, mais branca... mais resplandecente..., mais santa..., mais cheia do amor de Deus e dos homens. — Se agora lhe aparecesse o Arcanjo com certeza emudeceria... pois na sua linguagem angélica não encontraria expressões para saudar dignamente a Maria. — Salte de gozo o teu coração ante este pensamento e pede a tua Mãe um pouquinho do que ela tem e possui.

3.º — *Efeitos.* — *A) Ficaram todos cheios do Espírito Santo.* Com que generosidade se nos dá o que é chamado «Altíssimo dom de Deus»! E que transformação causa nas almas! Vê os Apóstolos mudados num instante noutros homens... são os mesmos que fugiram há uns dias cobardemente... ou negaram a Cristo como S. Pedro... ou duvidaram das palavras do Mestre, como os discípulos de Emaus e S. Tomé. — Mas agora de cobardes, tornaram-se animosos e valentes..., de fracos e miseráveis, fortes e invencíveis..., de ignorantes e rudes, dóceis e muito sábios..., de invejosos que não aspiravam senão aos primeiros postos, corações cheios de ardente caridade. Oh! que mudança extraordinàriamente milagrosa!

B) ...e logo a seguir começaram a falar... Isto é, a pregar..., a trabalhar pelas almas... a comunicar-lhes o fruto do dom que tinham recebido. — É próprio da caridade do Espírito Santo difundir o bem por toda a parte. — Mas

compreende bem que essa actividade para ser frutuosa, há-de ser inspirada e dirigida pelo Espírito Santo; se assim não for, será completamente inútil e até às vezes prejudicial.

C) ...Diziam louvores a Deus. As almas cheias de Deus não sabem falar doutra coisa. — E de que é que iriam falar os Apóstolos assim abrasados e impelidos pelo Espírito Santo? — Examina se te agrada falar de Deus..., se nessas conversações encontras complacência?..., e por aí deduzirás a quantidade que tens de espírito de Deus porque cada espírito move a falar segundo ele é...: o mundo, de coisas mundanas e terrenas...; o espírito carnal, de coisas baixas e rasteiras...; o espírito próprio, das coisas pessoais de cada um, do *eu* trazido à baila a cada passo...

4.° — *O Espírito Santo em ti.* — Não esqueças que tu também recebeste o Espírito Santo no Baptismo, que te fez filho de Deus... na confirmação ao confirmar-te na fé e ao tomar-te sob a sua protecção..., em todos os sacramentos mediante a infusão da vida divina pela graça santificante... Não esqueças também que o Espírito Santo habita nas almas, como no seu templo vivo, e portanto que o tens muito perto..., no teu próprio coração..., que é ele que te sustenta... e ajuda e ilumina e guia, como pela mão, no caminho da perfeição. — Agradece-lhe a sua caridade inexgotável, que não se cansa de ti..., nem das tuas ingratidões. — Promete-lhe corresponder melhor aos seus dons divinos..., trabalhar mais... e cooperar com mais interesse na obra da graça.—Encomenda isto à Santíssima Virgem, para que seja ela que prepare o teu coração, como preparou o dos Apóstolos... fazendo mais frutuosa e perene a vinda do Espírito Santo.

74. Últimos anos de Maria

Não sabemos nada de certo, mas é fácil adivinhar qual seria a vida da Santíssima Virgem nos seus últimos anos.

1.º — *Vida de oração.* — Vida de oração sempre a teve a Virgem Santíssima visto que nunca perdeu a presença de Deus, nem antes nem depois da Incarnação. — Mas no fim da sua vida esta oração teve que ser ainda mais intensa, se é possível. — Como poderia ela estar um momento sem pensar em seu divino Filho? Não se recordaria dele sem cessar?... Não estaria recordando-se incessantemente das suas palavras..., dos seus milagres..., da sua pregação... da sua Paixão e morte..., da sua Ressurreição e Ascensão..., do seu amor, enfim, para com os homens?

Diz o Evangelho que Maria guardava tudo o que dizia Jesus, já desde Menino, no fundo do seu coração e que a sós o meditava consigo... Seria portanto possível que vivesse agora sem esta meditação, Ela que não vivia senão de Jesus e para Jesus?

Por outra parte, já havia terminado as suas obrigações de Mãe... as ocupações da casa já lhe não levavam tempo..., vivia cuidada com todo o carinho na casa de S. João. — Portanto todo o tempo o empregaria em falar e conversar com seu Filho e com o seu Deus. — É muito natural supor que com frequência, talvez diàriamente visitaria os lugares santificados por seu Filho. — Acompanha-a nestas visitas e vê-la-ás entrar no Jardim das Oliveiras e ali passar longo

tempo recordando e contemplando a agonia de Jesus naquela cova... Depois vê-a subir ao Calvário percorrendo uma a uma as estações da Via-Sacra, e prostrar-se no lugar da crucifixão... e beijar a loisa do santo sepulcro... e voltar uma vez mais, por aquele mesmo caminho de amargura, que no dia da sua soledade Ela percorreu.

Pede à Santíssima Virgem que te deixe subir com ela e segui-la nestes passos... especialmente quando fazes a Via-Sacra ou meditas na Paixão. — Pensa pois quão devota e amorosa seria esta oração da Santíssima Virgem! e envergonha-te da tua..., tu, que tens muito maior necessidade de orar e de meditar do que Ela!...

2.° — *Vida de fervor.* — Se não há santidade sem fervor..., qual seria o da Santíssima Virgem, visto que a sua santidade foi tão elevada?... Concebes sequer a possibilidade de Nossa Senhora fazer alguma coisa de qualquer maneira..., sem vontade nenhuma..., à força..., tibiamente? — É para ver como se esforça a cada instante por servir a Deus como verdadeira escrava sua, cada vez mais e melhor..., aumentando a sua caridade..., a sua rectidão de intenção..., o seu empenho sumo em cada obra.

Na vida de perfeição o parar já é voltar atrás... Imagina pois o contínuo crescimento das virtudes na Santíssima Virgem e como correria pelo cumo altíssimo da santidade!... Envergonha-te diante dela e pensa: Ela sempre pura..., sempre santa..., sempre cheia de graça... aspira contudo a mais e a melhor, sem deter-se e sem dizer nunca «basta»... E tu, que fazes?... Responde com franqueza o que te diga o coração...

3.° — *Vida Eucarística.* — Certamente que a sua vida teve que ser, nestes anos, eminentemente eucarística... Quem poderá comungar como ela comungava?! Se a comunhão é a união mais íntima da alma com Deus, como a faria Ela?... Não lhe pareceria que de novo se renovava a incarnação...

e que ao recebê-lo na comunhão outra vez sentia a presença efectiva, real e verdadeira de seu Filho? — Não duvides de que nem um só dia deixou de comungar... de que a comunhão seria para ela o acto central de cada dia e... que as horas todas lhe pareciam poucas para se preparar e para dar a acção de graças.

E se a comunhão bem feita basta para fazer santos que faria na alma da Santíssima Virgem? — Calcula os efeitos que produziu em tantas almas boas... Quantas não houve loucas de amor pela Eucaristia!... e compreende, se podes, o que seria a Santíssima Virgem. — Tu também deves centralizar toda a tua vida na Eucaristia. — A comunhão..., a visita ao Santíssimo... devem ser os actos mais importantes dela.... mas lembra-te da Santíssima Virgem..., imita-a... pede-lhe..., faz-lhe suave violência para que te não deixe e te ensine a comungar com fervor...

4.° — *Vida de sacrifício.* — A) *Na obediência,* não só à lei evangélica mas a tudo o que S. Pedro e os Apóstolos ordenavam para bem da Igreja. — Nunca se exceptuou..., nem se julgou dispensada de nada..., a primeira em obedecer e em sujeitar-se a tudo..., vendo nos que mandavam os representantes de Deus..., e nos seus mandatos a vontade divina.

B) *Na pobreza,* vivendo de esmola, como seu Filho tinha vivido, e contentando-se com o que os Apóstolos distribuiam às viúvas e aos demais fiéis..., sem consentir que se fizesse com ela distinção de espécie alguma. — Muitos crêem que amou tanto a pobreza, que vira praticar com tanto fervor e amor por seu Filho, que foi a primeira a fazer voto da mesma..., sendo o modelo das almas que depois, a imitação... sua, escolheram voluntàriamente este modo excelente e santificador de vida.

C) *Na mortificação,* guardando a temperança e a abstinência de modo admirável e celestial, como diz

S. Ambrósio... tomando sempre comidas ordinárias e ajuntando sempre frequentes jejuns e penitências, como Ela mesmo revelou a Santa Isabel. — Do mesmo modo consta que dormia só o indispensável para viver passando grande parte da noite de vela, para poder entregar-se mais à oração. — Em cada um destes pontos faz um pouco de comparação entre a tua vida e a sua... e compreenderás quão pouco espírito de mortificação tens... e como te enganas quando julgas ter feito muito com os teus pequenos sacrifícios.

5.° — *Vida de pureza e castidade virginal.* — Sempre Virgem, parece que no fim da sua vida quis mostrar-se ainda mais amante desta flor virginal. — Como se nela quisesse deixar-nos a recordação mais perfumada das suas virtudes..., o seu testamento mais querido e mais digno de ser imitado por nós. — A nossa Mãe é..., «a Virgem das Virgens»...; a Igreja em coro chama-lhe «a mesma Virgindade» quando diz: «Santa e imaculada Virgindade, não sei com que palavras te posso louvar dignamente». Imita em tua Mãe aquela modéstia exterior nos seus olhos..., nas suas palavras..., em todo o seu semblante... e com essa modéstia esconde avaramente no fundo da tua alma o tesoiro da tua pureza e castidade...

6. — *Vida de caridade e amor às almas.* — Pedindo por todos e em especial pelos pecadores..., não se deveriam a estas orações aquelas primeiras conversões milagrosas que realizaram os Apóstolos?... Como pediria pelos perseguidores?... Como pediria por Saulo para fazer dele um S. Paulo?... Além disto este amor às almas manifestava-se ajudando a todos com as suas palavras..., ensinando os mistérios da fé que Ela tão bem conhecia... e animando aos fiéis, em especial com o seu exemplo... Que pregação mais eficaz para todos a da sua vida!... Por que não é assim a tua? Suplica à Santíssima Virgem que se interesse por ti... e peça ao Senhor por ti, para que te alcance o saber imitá-la nalguma coisa da sua vida santa, pura e imaculada.

75. Morte de Maria

1.º — *Realidade da sua morte.* — Maria morreu realmente apesar de não estar sujeita à morte. — Esta é castigo do pecado e por isso não podia ser castigo da alma santíssima e puríssima de Maria. — Ela não teve nem pecado original..., nem actual..., nem mancha da mais pequena imperfeição. — Contudo Deus quis que morresse..., para imitar assim a seu Filho que também morreu...; para aumentar ainda mais os seus merecimentos, passando por essa humilhação tão terrível e repugnante que não merecia...; sobretudo para servir-nos de modelo e consolação na nossa morte.

Foi muito conveniente que Cristo morresse para satisfazer abundantemente por nós..., para vencer com a sua morte a morte do pecado..., para mostrar-nos que era verdadeiro homem, igual a nós, capaz de sofrer..., de sentir..., de padecer..., de morrer..., como os outros..., para experimentar em si as angústias da morte e servir-nos de exemplo admirável de fortaleza e paciência na nossa agonia. — Portanto, se foi conveniente que Cristo morresse, não o havia de ser que morresse também sua Mãe?... Se morre o Redentor não havia de morrer também a Corredentora?

Pensa, perante a realidade da morte de Maria, na realidade da tua... Tu sim, que realmente tens que morrer..., necessàriamente tens que morrer..., pois se a morte entrou no mundo pelo pecado..., os teus pecados mereceram mil

mortes... Com ela deves satisfazer a Deus pelos pecados que cometeste...

2.º — *Morte de amor.* — Maria morreu de amor. Esta foi a doença de toda a sua vida. Santa Teresa de Jesus morria porque não morria de amor... A beata Imelda morreu num êxtase de amor... E assim outros santos não podendo resistir à força do fogo do amor que os abrasava, tiveram que morrer... E que seria então com a Santíssima Virgem?... Só é para admirar que tivesse podido viver... isso era um milagre contínuo... porque naturalmente devia morrer.

Nunca viste árvores carregadas de frutos sem poder com eles? ... Assim foi a Santíssima Virgem..., árvore riquíssima que não pode sustentar o fruto daquela preciosíssima alma que, carregada desde o primeiro instante com a plenitude da graça, foi crescendo e aumentando sem cessar em todos os momentos da sua vida... Como pôde aquele corpo ainda que tão puro..., tão santo..., tão imaculado..., sustentar aquela alma, que já desde a sua conceição se elevava com força irresistível até ao céu?

Além disso qual seria a dulcíssima e ao mesmo tempo violentíssima força com que Jesus atrairia a alma de sua Mãe?... E qual não seria o desejo desta branquíssima pomba de voar para o seu Jesus?—Não há dúvida de que para ela se escreveram aquelas palavras: *Ai! quanto se prolonga o meu desterro!... Quanto tempo vivi com os habitantes de Cedar e a minha alma andou peregrinando nesta vida!...* Outras vezes com mais ardor do que David exclamaria: *Como o cervo corre para a fonte das águas, assim minha alma te deseja a ti, meu Deus. Quando me partirei e me apresentarei diante de ti?...* Enfim falando com os anjos dir-lhes-ia aquilo do Livro dos Cantares: *Conjuro-vos, moradores da celestial Jerusalém, que, se encontrardes o meu amado, lhe digais que estou doente de amor...*

E assim se foi abrasando cada vez mais aquele vulcão

que ardia em sua alma até chegar a consumi-la por completo... Não desejarias o mesmo? Por que não amar assim o teu Deus? Por que não deixar-te abrasar por Ele, se ele quer acender na tua alma este fogo divino?... Que vergonha pensar que tudo depende de ti..., que a culpa de que assim não seja está em ti... e só em ti...

3.° — *Agonia suavíssima.* — Deus não pôde resistir mais e resolveu condescender com estes amorosos desejos. — Segundo a tradição, mandou o anjo S. Gabriel com esta mensagem amabilíssima: «Ave, cheia de graça, muito mais do que no dia da Anunciação... O Senhor ouviu os teus anseios e manda-me dizer-te que te disponhas a deixar a terra porque quer já coroar-te no céu... Eia! Prepara-te depressa porque todos os anjos suspiram por ter em sua companhia a sua Rainha e Senhora». — Contempla de novo a Virgem Santíssima a ouvir com toda a humildade esta mensagem... Outra vez se prostra em terra... e outra vez repete: *Eis aqui a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a vossa palavra.*

Agora contempla o discípulo amado... Notou bem que Maria vai para o céu..., e só o pensar nisso o impressiona... Que fará se lhe tiram aquela jóia? Acostumado àqueles olhares maternais..., àqueles carinhos amorosíssimos..., como poderá viver... Difícil é compreender qual seria a sua dor... Ele que a recebeu como um tesoiro no Calvário... e que como um avaro a guardara com toda a solicitude..., com cuidados e desvelos diários... e agora a morte ia arrebatar-lhe tudo!...

Junta a isto a dor dos outros Apóstolos e discípulos..., a dor dos cristãos todos e em particular a das santas mulheres em cuja companhia tinha vivido. — Triste, muito triste foi para todos esta agonia... Só para Ela foi suavíssima... e procuraria suavizá-la aos demais, dizendo-lhes: «Não choreis porque vos convém que eu me vá, para esperar-vos no céu...

Eu estarei convosco até à consumação dos séculos»... Que promessa tão consoladora para nós! e como é verdade que Maria está sempre connosco!...

4.° — *Morte felicíssima.* — A Igreja não se entristece nem celebra exéquias neste aniversário da morte de Maria. — Veste-se de gozo e alegria e celebra com grande solenidade esta morte como uma magnífica festa... É preciosa a morte dos Santos, como diz a Sagrada Escritura. — E então que diremos de Maria? — S. João Damasceno diz que o próprio Cristo lhe deu a última comunhão, dizendo-lhe: *Recebe, Mãe e Senhora minha, de minhas mãos* o *corpo que tu me deste e que em teu preciosíssimo seio se formou...* E que a Santíssima Virgem responderia. — *Meu Filho, em tuas mãos entrego o meu espírito...* E o Senhor então fez sair do corpo aquela benditíssima alma... tomou-a em suas mãos, ao mesmo tempo que a deliciava com aquelas palavras: *Vem, querida minha! vem, minha pomba, vem, que já passou o inverno deste vale de lágrimas; vem do Líbano e serás coroada.*

Assim morreu Maria..., e só assim podia morrer..., com a morte do amor, com a qual «morreriam os anjos se estes fossem mortais», como diz S. Francisco de Sales. Quem nos dera uma morte semelhante!... Não esqueças que a morte é a imagem da vida. — Queres morrer como Maria...; mas vives como Ela?... Da sua parte não te faltará ajuda e protecção...; que não falte da tua devoção constante e verdadeira à Santíssima Virgem, que te assegure uma morte santa e suave. Pede isto com fervor diàriamente à tua querida Mãe...

76. Sepultura e Ressurreição de Maria

1.° — *Sepulcro.* — O triunfo de Maria não terminara com a sua santíssima e invejável morte. — Semelhante a seu Filho em tudo. também devia sê-lo na glória do seu sepulcro e no triunfo da sua Ressurreição. — O homem, ao morrer, cai vencido pelo poder inexorável da morte que o leva a corromper-se e a desfazer-se num sepulcro. — Por isso é tão frio... tão triste..., tão humilhante para nós o sepulcro. — Mas não foi assim para Maria...; o seu sepulcro não teve nada de repugnante e repulsivo. — Se é muito corrente sentir gosto em estar junto do cadáver de uma pessoa que morreu em odor de santidade, o que seria estar junto do corpo morto, sim, mas sempre virgem e imaculado da Santíssima Virgem?... Imagina como melhor puderes a cena que se passaria no enterro da Santíssima Virgem. — Que pena e que descon-consolação para todos, ao ver fechados aqueles suavíssimos olhos..., emudecidos aqueles lábios que tantas palavras de consolação proferiram..., imóveis aquelas mãos virginais que tantas bênçãos e graças haviam repartido..., e ao mesmo tempo que consolação..., que satisfação..., que prazer não receberiam todos ante a placidez... e o fulgor espiritual daquele cadáver..., com o perfume que exalava..., com o aroma que despedia e que tudo embalsamava!

Vê como os Apóstolos e todos os ali presentes beijam reverentes aquelas mãos e aqueles pés... e despedindo-se

daqueles sagrados despojos a acompanham ao lugar da sepultura..., acendem fachos..., queimam perfumes... espalham flores..., enquanto os anjos fazem ouvir os seus cânticos celestiais, não de luto..., nem de pranto... mas de glória triunfal.

E assim colocada, como seu Filho, num sepulcro novo a deixaram os Apóstolos, ficando como guardas do mesmo os anjos do céu. — Fica tu também a acompanhar o santo corpo... e toma parte nos coros dos anjos para cantar com eles os louvores de tua Mãe. — Pede-lhe que também com os anjos os possas cantar um dia no céu...

2.° — *Incorrupção do corpo imaculado.* — O triunfo de Maria sobre a morte exigia a incorrupção do sepulcro. — Esta graça singular concedeu Deus aos corpos de muitos santos... e poderia negá-la a sua Mãe? Com muita razão diz S. João Damasceno: «Como poderia entrar a corrupção num corpo donde brotou a vida?».

Disse-se que Maria é Cristo começado. Portanto como é que Ele ia permitir, Ele que já estava no céu... sentado à direita do Pai... rodeado de majestade da glória divina... que aquele corpo que era alguma coisa sua fosse invadido pela corrupção do sepulcro?

Além disso, a corrupção do corpo tem a sua razão de ser no pecado...; este é a semente daquela... Por conseguinte... Maria concebida sem pecado original... preservada de toda a mancha e até da sombra do pecado, teve de carecer da mais pequena corrupção... e — sobretudo — como poderia unir-se a pureza virginal daquele corpo imaculado com essa suja e asquerosa corrupção?... Não merecia um prémio especial, ainda aqui na terra, aquele corpo que foi o primeiro a consagrar-se a Deus com o voto de virgindade? — A Arca do testamento foi fabricada de madeira incorruptível... e aquilo era só uma figura... A realidade é a alma e o corpo incorruptível de Maria..., Arca verdadeira do Novo Testa-

mento. Pede a Maria que te faça participante dessa incorruptibilidade do pecado, que é a que a ti mais te importa...

3.º — *A Ressurreição.* — Mas a própria incorrupção era ainda pouco para rematar o triunfo definitivo da Santíssima Virgem. O complemento não podia ser outro senão a nova vida de uma ressurreição gloriosa..., de uma imortalidade comunicada pela alma ao seu corpo... para viver uma vida que fosse como a de Cristo..., para nunca mais morrer. — Se dissemos que Maria é um começo de Cristo... e que por isso não é permtido separar a esta Mãe do seu Filho... era natural que Cristo terminasse com aquele estado de violência, por assim dizer, em que Ele se encontrava com relação a Maria... ao estarem separados os dois, fazendo que ressuscitasse quanto antes... e que de novo se juntassem no céu os que tão intimamente haviam vivido unidos aqui na terra.

Além disso, o corpo da Santíssima Virgem não foi nela como em nós, ocasião de pecado... nem nele se desbordaram nunca as paixões..., nem finalmente houve nele a mais pequena rebeldia contra o espírito... Que harmonia! Que conjunto, tão ordenado e perfeito formaram sempre o corpo e a alma de Maria!... Que submissão tão completa a daquela carne puríssima àquele espírito cheio de Deus!... Portanto era justo que não estivessem separados agora... senão que, em prémio dessa sujeição, Deus os tornasse a unir para que juntos continuassem a servir e a louvar ao Senhor.

Imagina pois aquele ditosíssimo instante em que pela virtude e omnipotência de seu divino Filho, o corpo da Santíssima Virgem, recebendo da sua alma uma vida nova, se levanta vivo..., glorioso..., triunfante do sepulcro... Que radiante estaria de alegria aquele santíssimo corpo vendo-se unido já inseparàvelmente àquela benditíssima alma!... Qual não seria a sua formosura..., se já antes era tão formosa no seu corpo! — Contempla a admiração dos Apóstolos quando de manhã, segundo costume daqueles dias, foram

a visitar o sepulcro e se encontraram só com o perfume que o seu corpo ali havia deixado... Como se renovaria neles a impressão da Ressurreição de Cristo!... Como se alegrariam de que assim houvesse ressuscitado a sua Mãe! — Alegra-te tu também..., dá os parabéns ao Filho e à Mãe, e pede-lhes de novo a participação naquela sua união inseparável... e eterna... prometendo-lhes que não te apartarás nunca deles nem nas penas nem nas alegrias..., nem na luta nem no triunfo.

77. A sua Assunção gloriosa

1.º — *A Imaculada Conceição e a Assunção.* — São dois mistérios da Santíssima Virgem que têm entre si íntima relação. — A igreja assinala os dois e realça-os sobre todos os outros conservando o dia santo destas festas depois de ter suprimido outros da Santíssima Virgem. — A Imaculada Conceição e a Assunção são o princípio e o termo da vida da Santíssima Virgem na terra... e estes dois extremos estão tão unidos entre si que um vem a ser como que a causa ou a razão do outro... Se é Imaculada não pode ficar no sepulcro... necessàriamente há-de subir ao céu.—A Conceição imaculada é um privilégio... uma excepção do pecado com que todos nascemos... A Assunção é outra excepção da regra geral que todos temos de seguir na nossa morte. — Por isso Maria mais do que morrer, o que faz é deixar a sua mortalidade no sepulcro... e assim como foi concebida para a graça foi concebida para a glória através da morte do corpo, mas vencendo a morte. — Nunca foi escrava do pecado nem na sua Conceição; por isso foi Imaculada...; não pôde ser escrava da morte nunca; por isso foi levada ao céu em corpo e alma... Deste modo a Assunção da Santíssima Virgem é o complemento necessário da sua Conceição Imaculada.

2.º — *A verdade da Assunção.* — A Igreja já celebrava esta festa como uma das suas grandes solenidades. No dia 1 de Novembro de 1950, Pio XII satisfazendo os anseios de toda a Igreja proclamava finalmente como dogma a Assunção de Nossa Senhora ao céu. — Para o coração cristão não havia possibilidade de dúvida. — A Ascensão de Jesus aos céus tem relação directa com a sua Paixão... Pois bem, se a paixão dolorosa acabou para Jesus na glória da sua Ascensão..., para Maria, que tão unida esteve a seu Filho no Calvário, havia de acabar no triunfo da Assunção.

Todos havemos de ressuscitar... e esperamos na sua graça que havemos de subir ao céu... Mas não era justo que Maria se adiantasse e como Mãe nos preparasse a nossa morada e casa de filhos no céu?... Foi a primeira na graça..., na santidade..., na pureza..., no voto de virgindade...; portanto que coisa mais natural que o fosse também na Ressurreição e Assunção?

Se assim não fosse, poderíamos dizer que Cristo teria procedido injustamente com sua Mãe negando-lhe as honras que concedeu aos corpos mortos dos outros santos... Onde está o corpo de Maria..., onde as suas relíquias..., onde o sepulcro magnífico..., a urna riquíssima em que se guardam os seus restos? — Não existe nada disto..., nem pode existir... Conclui pois com um acto de fé nesta verdade..., certa e indubitável da Assunção em corpo e alma ao céu da tua querida Mãe. — Dá por isso graças ao Senhor..., parabéns à Virgem Santíssima, visto que pela Assunção ocupa o lugar que lhe corresponde no reino de Deus.

3.º — *A glória da Assunção.* — Contempla pela última vez aquele sepulcro, donde vai a brotar de repente como uma explosão de luz no meio das trevas, a vida triunfante da morte. — Nos três dias que aquele corpo imaculado esteve no sepulcro, foi guardado e custodiado por anjos enviados por Deus desde o céu, como escolta de honra

a que ia ser dentro em pouco coroada como rainha de todos eles. — Ouve aquelas músicas celestiais que, para honrar aquele corpo virginal, entoariam os anjos sem cessar. — Escuta aquelas exclamações com as quais fariam doce violência ao Senhor ao repetir sem cessar as palavras do salmo, que parece escrito para esta ocasião: *Levanta-te, Senhor, vem para o lugar do teu descanso, Tu e a Arca da tua santidade*... Levanta-te às alturas do teu trono..., senta-te à direita de teu Pai, que é o lugar que te corresponde..., mas leva contigo a Arca Sagrada onde estiveste encerrado..., onde foi depositado o infinito tesoiro da tua santidade...; glorifica já essa carne bendita e esse sangue puríssimo que serviram para formar o teu sacratíssimo corpo... e te deram matéria para ofertar a teu Pai a hóstia de reparação e santificação pelos pecados do mundo inteiro.

E com efeito, chegou o momento ditoso em que Deus quis dar execução a estes desejos do céu... e por ordem sua desceu a alma de Maria a unir-se de novo com o seu corpo... e aquele corpo, assim vivificado com a vida da imortalidade, começou a subir ao céu, segundo diz a Igreja, como naturalmente sobe às alturas a nuvem de fumo do incenso.

Pára a contar o número sem número de anjos que em legiões cerradas descem do céu para acompanhar o triunfo de Maria...; as suas músicas e os seus hinos de glória fendem os ares com as mais doces e suaves harmonias... O gozo que experimentam é inexplicável. — Deus aumentou hoje a sua glória e felicidade... Que cortejo tão formosíssimo! — Todos brilham com nova luz neste dia e... contudo, no meio deles..., como a lua entre as estrelas, sobressai o brilho..., o esplendor..., a puríssima formosura da Santíssima Virgem, a qual, pela mão de seu Filho (que quis vir em pessoa a buscá-la e fazer com a sua presença mais solene..., mais grandioso o triunfo de sua Mãe)... vai lentamente deixando a terra... pisando as nuvens... e atravessando as mais altas

esferas... chega às mesmas portas do céu, onde novos anjos impacientes saem a esperar aquela magnífica procissão que sob da terra ao céu.

Assim acaba a cena da terra e começa a glória do céu. Reúne na tua imaginação tudo quanto de grande e esplêndido possas imaginar, porque tudo será nada em comparação com a sublime e grandiosa realidade... — Vê-te com tanta pequenez..., com tanta miséria..., diante da grandeza da tua Mãe... e levanta-te com ela, sobre as coisas da terra... Trata em especial de imitar a humildade que teve nesta vida, para que depois, com Ela e como ela... seja a tua alma exaltada e sublimada na outra.

78. A sua coroação no céu

1.° — *A entrada no céu.* — Quem poderá desde este mundo conhecer o que ali se passaria ao entrar Nossa Senhora no céu? — Recorda-te de Judite quando com a cabeça de Holofernes nas mãos chega a Betúlia e todos em tropel correm ao seu encontro..., acendem fachos em sinal de alegria... e em alta voz a aclamam e a bendizem, dizendo: *Foste abençoada pelo Senhor mais do que todas as mulheres da terra e bendito seja o Senhor que te fez tão grande com esta façanha: nunca os louvores faltarão em tua honra...* Esta é a figura... Muda agora Judite por Maria..., a Betúlia pelo céu, os seus habitantes pelos anjos..., as suas vozes e aclamações pelas dos espíritos bem-aventurados... e deste modo dar-te-ás conta da realidade daquela magnífica entrada.

Imagina escutar à sua chegada outra vez aquele diálogo que se estabeleceu entre os anjos quando da Ascensão do Senhor: *Abri,* ordenariam os anjos que a acompanhavam. *abri as vossas portas, príncipes da glória... e vós, portas eternas, levantai-vos e dai passagem à Rainha do céu...* E imediatamente as portas se franquearam todas... e então, com inexplicável pompa e majestade... entraria naquela gloriosa corte a nova Soberana.

Vê como todos os cortesãos do céu correm à porfia a contemplar a nova Rainha e ao vê-la tão formosa perguntariam uns aos outros...: *Quem é esta que vem do deserto*

do mundo, lugar de abrolhos e de espinhos, se lavanta a estas alturas, não sustentada por mãos de anjos, mas apoiada nos braços do mesmo Deus...? E outros responderiam: «É a mãe do nosso Deus e do nosso Rei..., a santa dos santos..., a puríssima e imaculada..., a obra mais formosa da criação inteira..., a que vai ser coroada como nossa Rainha». Escuta como então tomando todos nas suas bocas angélicas as palavras do arcanjo S. Gabriel, responderiam num coro uníssono..., formidável que faria vibrar de emoção e de entusiasmo a todo o céu, dizendo-lhe: «Ave, cheia de graça..., benvinda sejas a esta morada da glória que vens perfumar com a tua formosura e santidade... porque tu sempre estás com Deus e Deus contigo...; por isso és a bendita entre todas as criaturas e vais agora sentar-te no trono mais alto... no trono mais perto de Deus». Une-te aos anjos..., alegra-te com eles..., mais ainda do que eles porque se eles A chamam Rainha... tu podes chamá-l'A Mãe...; e tem um santo orgulho ao ver assim a tua Mãe, mais esplendorosa do que a aurora..., mais bela do que a lua..., mais resplandecente do que o sol... temível como um exército em ordem de batalha..., aclamada por todas as jerarquias e coros angélicos na sua entrada triunfal na glória...

2.º — *A coroação.* — Apesar de tudo isto ser já muito belo não era senão o começo. A grande apoteose verificou-se quando o Deus do céu saindo ao seu encontro A convida a sentar-se no trono que correspondia à sua dignidade de Mãe de Deus... e a ser coroada como Rainha. *Vem e serás coroada* dir-lhe-ia, *com a coroa preparada desde toda a eternidade.* — Recorda as palavras de S. Paulo quando falando do céu dizia que *nem os olhos viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração do homem podia chegar a compreender o que Deus tinha preparado para os que o amam...* Quem poderá pois imaginar o que teria preparado para Aquela que desde o primeiro instante

da sua Conceição, já O amou mais do que todos os santos e anjos juntos? — E, por isso, diz a Igreja que *foi exaltada sobre os coros dos anjos e dos santos* de tal sorte que não haja trono mais elevado do que o Seu..., formando por si Só uma jerarquia à parte..., a maior..., a mais sublime de todas..., a que mais glória dará a Deus por toda a eternidade.

Pensa além disso que Deus dá o prémio segundo os méritos..., que conforme for o grau de santidade de uma alma, assim será o da glória... e abisma-te no mar sem fundo..., verdadeiramente imenso..., para nós incomensurável e infinito das graças e méritos da Santíssima Virgem... e assim poderás formar uma ideia da imensidade também incomensurável da sua glória no céu. — Vê como Ela vai modestíssima... recolhida no seu interior... como avança... levada pela mão de Deus..., como sobe os degraus do seu trono... e se assenta nele... e ali é coroada pelo Pai, com a coroa do poder... pelo Filho, com a coroa da sabedoria..., e pelo Espírito Santo, com a coroa do Amor. — Vê-A coroada pela pureza mais que angélica do seu coração..., do seu espírito..., do seu corpo imaculado...; pela obediência mais perfeita...; pela humildade mais profunda...; finalmente por aquela sua ardente caridade que A fez viver e morrer de amor de Deus.

3.° — *A homenagem.* — E assim coroada recebe as homenagens de todos os habitantes do céu. — O Pai exalta-A como a sua filha predilecta, e Maria adora-O...; o Filho abraça a sua Mãe e a Mãe corresponde-lhe com carinhos...; o Espírito Santo une-se inseparàvelmente com a sua Esposa e Maria dá-lhe em retorno todo o amor do seu coração..., e a seguir chegariam as Virgens e saudá-l'A-iam como à Virgem das Virgens...; os mártires saudá-l'A-iam como a seu modelo, que lhes havia dado o exemplo, ao pé da cruz, do sofrimento e martírio...; os profetas como ao objecto das suas esperanças e santas impaciências...; os anjos com todas

as suas jerarquias como à sua Rainha e Senhora..., e chegariam também Adão e Eva e haviam de bendizê-l'A pelo bem que soubera reparar o seu pecado..., pois por Ela haviam deixado de ser os seus filhos, filhos de maldição... e a sua prima, Santa Isabel... e os seus queridos pais, S. Joaquim e Santa Ana... e o seu próprio esposo, S. José.

Vê como a humildissima Virgem assim é exaltada e sublimada, repetindo sem cessar o seu cântico de agradecimento a Deus: *Magnificat*... Que bem se entendem agora aquelas palavras: *Porque viu a humildade da sua serva... por isso realizou em mim grandes coisas O que é Todo Poderoso... e por isso chamar-Me-ão bem-aventurada todas as gerações...*

Não te contentes com admirá-l'A no seu glorioso triunfo..., nem com cantar o seu poder e grandeza... Aproveita-te dela e pede-lhe que te ensine o caminho da mais profunda humildade e da sua imitação, pois Maria, coroada no céu, é a incarnação e o cumprimento mais exacto das palavras de Deus: *Quem se humilha será exaltado...*

79. A tríplice coroa: *A)* A do Poder

Maria foi coroada com a tríplice coroa do Poder, da Sabedoria e do Amor... — Detenhamo-nos a considerar a grandeza e formosura desta tríplice coroa.

1.º — *Omnipotência de Deus.* — Recorda antes de tudo o poder infinito de Deus... Com razão é chamado Omnipotente... Tudo pode..., não há nada que se oponha à sua vontade. — Às vezes parece-nos que os homens também podem muito. Quantas invenções e quão surpreendentes!... Quanto engenho e poder se manifesta nelas!... E contudo que ridículo não é o poder dos homens em comparação com o de Deus!... Quando parecem que podem mais é quando a sua impotência se manifesta mais nas dificuldades que encontram no caminho e que muitas vezes não podem vencer... Quantas vezes queremos uma coisa e não podemos consegui-la!... e pelo contrário, quantas vezes a queremos deter e evitar e é-nos impossível!... Diante de um sepulcro pensa no poder dos homens e rir-te-ás desta palavra... Não se pôde deter a morte..., não foi possível prolongar por um minuto aquela vida..., não houve forças capazes de evitar a decomposição daquele cadáver, reduzido agora a um esqueleto asqueroso...

Em contraste com esta impotência vê o poder de Deus sem limites de nenhuma espécie. — O que quis fê-lo..., e

fez tudo quanto quis e como quis... sem mais limitações do que a sua vontade divina. — Toda a criação não lhe custou esforço nenhum..., não se cansou nem se fatigou o mais mínimo..., não necessitou que os anjos o ajudassem... nem foi preciso muito tempo...; tudo foi de repente..., instantâneo..., do nada fez brotar mundos... só com querer...; se quisesse que tornassem a aparecer novos seres maiores... mais numerosos do que os actuais... bastava sòmente um acto da sua vontade.

Tudo Ele conserva..., tudo está nas suas mãos, de tal sorte que para reduzir tudo ao nada, nada mais tinha a fazer do que retirar as suas mãos..., deixar-nos um instante sós. — Todo o poder dos homens não é capaz de criar... de tirar do nada nem uma erva... nem uma formiguinha, nem é capaz de aniquilá-la, nem de reduzi-la ao nada. — Por isso os seus anjos rodeiam o seu trono tremendo ante tal poder e majestade. — Todos lhe obedecem reverentes e estão pendentes do seu mais mínimo desejo para executá-lo imediatamente. — Vê os elementos todos: que poder o do fogo!... o da água..., o do ar!... Que força tão gigantesca a do mar!... Que movimentos tão complicados os desses mundos imensos que se movem nos espaços!... Tudo, tudo..., a vida e a morte..., a saúde e a doença..., o tempo e a eternidade..., tudo lhe está sujeito..., em tudo domina..., tudo lhe obedece...

2.º — *Omnipotência de Maria.* — Ora bem: repara que esta omnipotência toda foi como que comunicada à Santíssima Virgem. — O eterno Pai delicia-se em coroar com a coroa do poder a fronte da Virgem Santíssima...; eleva-A à altura da sua omnipotência... e fá-l'A participante dos segredos do seu poder. — Tem pois a Virgem Santíssima todo o poder sobre as criaturas do céu, da terra e dos abismos. — Deus quis premiar todos os trabalhos e cuidados com que cuidara do seu próprio Filho enquanto durou a sua vida neste

mundo... e não encontrou nada melhor do que igualá-l'A, se assim podemos falar, à sua mesma divindade..., e este dom foi o da coroa da suprema potestade... para que assim como Deus era omnipotente por natureza, Maria fosse omnipotente por graça ou benevolência de Deus. Agora sim, que A podemos chamar com toda a verdade Imperatriz do céu... Rainha da terra, Senhora de todo o criado... Que consolação para a tua alma pensar em que tua Mãe é uma Rainha tão poderosa!... Que santo orgulho não deves ter por isso!... Que confiança deve inspirar-te!...

Porque que adiantaríamos com Ela querer ajudar-nos nas nossas misérias se não pudesse?... Não é isto o que passa mil vezes às mães com os seus filhos?... Quantas e quantas coisas não sonha uma mãe para o seu filho! Mas tudo isso não passa de um sonho porque não pode dar-lho! Poderia acontecer assim com Maria? Como pôr n'Ela a nossa confiança se duvidássemos do seu poder?... Mas, não; não duvides: como Mãe, quer..., como Rainha, pode... Logo, não é possível duvidar da sua ajuda e do seu patrocínio poderosíssimo.

3.º — *Como usa da sua omnipotência.* — Repara como de facto usa sem cessar do seu poder em nosso favor. — A sua omnipotência não é sòmente um título de glória nem qualquer coisa meramente de honra..., sem vida e sem utilidade prática...; nada disso. — Nem um só momento está inactivo o poder de Maria..., não abusa do seu poder..., não o emprega caprichosamente..., mas a sua vontade está inseparàvelmente unida à vontade divina. — Pode tudo o que quer mas não pode querer senão o que Deus quer. — E como Deus quer salvar o mundo..., quer santificar as almas..., nisso sobretudo exercita Ela toda a força imensa do seu poder... Quantos pecadores por Ela se arrependeram!... Quantos santos a Ela deveram a sua santidade!

Quantas graças não têm dado as suas mãos aos que n'Ela têm confiado!...

Dá graças a Deus por esta magnífica coroa que Ele colocou na cabeça da Santíssima Virgem, pois se para Ela é coroa gloriosa, para ti é proveitosíssima. — Alegra-te com a tua querida Mãe ao vê-l'A deste modo exaltada até participar do poder do mesmo Deus; e repete muitas vezes: «A Rainha do céu é minha Mãe». — Não te esqueças nunca mas sobretudo quando tiveres mais necessidade, de que com Ela nada te faltará... e que para ajudar-te fará tudo o que for necessário, pois não lhe custa nada fazer até milagres e prodígios. — Que esta confiança alente toda a tua vida e nunca deixes levar-te do desânimo...

80. Tríplice coroa: *B)* A da Sabedoria

1.° — *O Verbo divino.* — É o Filho de Deus... a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade..., a Sabedoria de Deus...; por isso é o Verbo, isto é, a Palavra incriada de Deus. — Esta é a razão por que a Ele se atribue especialmente o dom da Sabedoria ainda que este dom seja comum às Três divinas Pessoas.

Pois bem, o Filho de Deus é ao mesmo tempo Filho de Maria... Por conseguinte, que coisa mais natural se ao coroar a sua Mãe se apressasse a colocar naquela magnífica coroa o seu dom particular da Sabedoria? ... E o que é e quanta é essa Sabedoria?... Como responderá o homem a esta pergunta?... O homem mais sábio é aquele que se dá conta e sabe bem quanto ignora...; que sabe que não sabe nada...

Por toda a parte nos rodeia o mistério..., não só na ordem sobrenatural, onde sem a revelação nada saberíamos, senão também na mesma ordem natural... Que pouquinho é o que sabem os homens! — Olha para um grupo de médicos... muito eminentes na sua ciência... desconcertados ante o processo duma febre, cujos pequenos micróbios não são capazes de chegar a conhecer e menos ainda de combater... Conhecemos os efeitos de muitas coisas..., da luz..., do calor..., da electricidade..., mas a sua essência verdadeira é, na maioria dos casos, um mistério. — Levanta

os teus olhos a Deus e contempla aquela sabedoria que tudo sabe..., tudo conhece..., o passado, o presente e o futuro... o actual e o possível... o que será e o que não será... Escuta S. Paulo: *Todas as coisas estão abertas e patentes a seus olhos..., ainda os segredos mais ocultos dos corações.* E o Salmista tinha dito antes: *Ele conta a multidão das estrelas* e *a cada uma chama pelo seu nome.* — Os pensamentos mais íntimos e velozes do teu entendimento..., os afectos mais profundos do teu coração..., tudo, tudo vê e sabe perfeitamente...; lê no nosso interior com facilidade tal, que para Ele esta leitura é simplicíssima. — Mas sobretudo pensa no que será esta Sabedoria para a qual a mesma essência divina de Deus não tem segredos nenhuns e a qual conhece desde toda a eternidade... Como poderemos portanto nós vislumbrar sequer o que é esta divina Sabedoria?...

2.º — *Sedes Sapientiae.* — Trata agora de abismar-te no mistério incompreensível da comunicação desta Sabedoria feita pelo Verbo divino à Santíssima Virgem.

Um dia presenteou Deus com um átomo da sua sabedoria a um homem e esse homem foi o mais sábio de todos...: o grande Salomão... Qual será portanto a Sabedoria da Santíssima Virgem depois de admitida ao conhecimento dos arcanos da divindade... De tal modo que para Ela não há segredos em Deus que Ela não saiba e não conheça, enquanto isto se pode dizer de uma criatura? Como compreenderia então o plano divino da criação... e o da Redenção em todos os seus pormenores!... Como entenderia bem agora o porquê de todas as coisas que tinha vivido na terra... e a razão de ser de todos os acontecimentos que então se passaram!... Como louvaria a Deus ao ver a infinita Sabedoria que tudo concebera tão magnìficamente e que tudo dispusera com tanta ordem..., tanta harmonia..., ainda que não aparecesse muitas vezes aos olhos do pobre entendimento humano!

Pensa ainda como o Senhor Lhe infundiu todo o conhecimento necessário para ajudar a nossa pobre alma..., de sorte que Ela saiba as ciladas astutas do inimigo..., o tempo e a força das suas tentações..., as nossas misérias e necessidades..., as nossas vacilações e desânimos... e os nossos bons desejos e intenções rectas. — Se pecamos! que vergonha! pecamos à vista da nossa Mãe a cujos olhos não há ninguém que se possa ocultar... Se procedemos bem é Ela que nos vê... e o toma em conta para premiar-nos algum dia.

3.º — *A Mestra da nossa fé.* — Por isso a Ela havemos de acudir a pedir-lhe a luz da fé...: é a nossa Mestra; já antes de subir ao céu exercitou este ofício com a Igreja que então nascia no Cenáculo... Quantas coisas não ensinou Ela aos Apóstolos!... Quantas dúvidas não dissipou!... Quantos pormenores da vida de Cristo não lhes deu a conhecer! — Como saberíamos se Ela o não tivesse contado, as cenas da Anunciação entre Ela e o Anjo..., as do Nascimento em Belém..., as da fugida para o Egipto e as idílicas e felizes de Nazaré?... Pode-se dizer que os Apóstolos tiveram conhecimento do mistério da Incarnação *por Maria.*

E então, que fará agora no céu com o conhecimento e a sabedoria tão claros que tem de todos os dogmas da nossa fé? É a nossa Mestra de oração e do trato íntimo com Deus... Que bem vivia Ela esta vida na terra!... Mas como será a que vive na actualidade..., agora que está metida, segundo o nosso modo de entender, na mesma essência de Deus. quanto é dado a uma criatura?

É a nossa Mestra em todas as virtudes...; sabe muito bem as dificuldades que nos rodeiam..., conhece muito bem a violência das tentações que temos que sofrer... a força exaltada das nossas paixões que se desbordam..., não ignora a nossa debilidade e miséria...; por isso a Ela temos que acudir. — Ninguém melhor nos ensinará o que temos a fazer..., o plano de combate..., a linha da nossa conduta.

Que segurança dá aos soldados o saberem-se conduzidos por um chefe esperto e valente!... Assim deves confiar em tua Mãe e Mestra.

Enfim conhece todas as nossas desgraças..., os nossos pecados..., ingratidões e rebeldias..., os sofrimentos e penas que isto nos causa..., os castigos que nos acarreta... Pois vai recordar tudo isso a Ela com grande humildade...; não te desculpes..., nem procures esconder-lhe nada, porque é inútil. — Pede-lhe perdão e a graça do arrependimento. — Que te dê um pouco de luz..., um pouco da sua sabedoria e do conhecimento que Ela tem para que te conheças bem... e conheças a Deus... e assim, desse conhecimento, brote no teu coração o agradecimento de uma ardentíssima caridade.

81. **Tríplice coroa:** *C)* **A do Amor**

1.º — *Deus é amor.* — É a dulcíssima e exactíssima definição de Deus. — Assim o define o discípulo do Amor..., que deve ter aprendido isto ao ritmo do palpitar do Coração de Jesus Cristo que ele teve a sorte de escutar na última ceia. — Tudo o que de Deus se pode dizer parece que se condensa nessa palavra divina. — É a vida mais essencial de Deus, ou melhor, o termo dessa vida.

Porque a vida de Deus, como a dos espíritos puros, não consiste senão em conhecer e em amar. — Mas em certo modo o conhecimento dirige-se ao amor como ao seu termo... como ao seu necessário complemento. — Se Deus é um entender infinito..., eterno..., incessante..., sem interrupção..., é também e sobretudo o amor por essência. — Ama-se a Si mesmo porque se conhece...; assim quer Deus também ser conhecido pelos homens.

A uma alma santa disse um dia: *Chama-Me o Senhor...,* o *Omnipotente...,* o *Criador..., mas antes de tudo chama-Me o Amor...;* é o *nome que mais me agrada e que mais desejo que entendas de Mim.* — Repara como de facto todas as manifestações da sua vida para connosco, são outras tantas expansões do seu amor. — A Criação..., a conservação..., a Incarnação..., a Redenção..., não se entendem nem se explicam sem o amor. — Portanto, se o amor é a vida de Deus, necessária e essencialmente se há-de encontrar nas

três divinas Pessoas. — Contudo dá-se este nome especialmente ao Espírito Santo..., porque assim, por via de amor, procede do Pai e do Filho.

Pois bem, se o Pai coroa Maria com a sua Omnipotência, e o Filho fá-l'A participante da sua sabedoria... justo era que o Espírito Santo, ao coroá-l'A, A introduzisse no seio, que é a origem e a fonte de todo o amor. — Contempla a tua querida Mãe, formosíssima com a magnífica coroa da Omnipotência... e com a da Sabedoria..., mas vê-A agora como brilha com a força interior do fogo do Amor divino, que A abrasa com violência semelhante àquela com que as três divinas Pessoas se abrasam naquele fluxo e refluxo das ondas do amor em que vivem completamente submergidas!

2.º — *Rainha do Amor.* — E agora, constituída Rainha do Amor, trata de penetrar no seu coração... e se Deus amor compreenderás à vista do Coração de Maria que é Ela a que mais se lhe assemelha porque não há ninguém que ame como Maria. — Recorda o que já foi dito acêrca do seu amor a Deus na terra que foi a causa da sua morte ditosa... Se já então era tão intenso que será agora?

Deus tinha direito ao amor do coração do homem... e pediu-lhe e exigiu-lhe tal amor..., mas o homem! ingrato! negou-lho. — Foi necessário que Deus buscasse um coração que o compensasse daquela falta de amor..., que ele só o satisfizesse mais do que todos os corações juntos... e o amasse com amor mais perfeito e verdadeiro... e esse coração onde descansa o amor de Deus... e encontra as suas complacências de uma maneira satisfatória e digna, é, depois do Coração de Jesus, o Coração Imaculado de Maria.

Alegra-te por ver a Deus assim correspondido como merece pelo amor da Santíssima Virgem. — Dá-lhe a teu modo os parabéns porque, graças a esse amor, a criação não se tornou uma coisa inútil, por assim dizer, visto que não renderia o fruto devido. — Junta todo o amor de todos os

santos e anjos do céu... e à vista desse conjunto formosíssimo, diz com a Igreja: *Os seus fundamentos encontram-se nos montes mais elevados*... Quer dizer, tudo isto é nada comparado com o coração da Santíssima Virgem... onde todos acabam Ela começa...; o que para os outros é o cimo, para Ela são os alicerces... Que alegria e que prazer se sente ao pensar que há um coração que assim ama a Deus!

E que diremos do amor que nos tem a nós?... Ama-nos com amor de Mãe e isso basta...; tudo o que significa ternura e encantos maternais encontra-se intensificado quase até ao infinito em Maria. — Contempla esse amor natural de Mãe... *sobrenaturalizado* em Maria aqui na terra... e agora vê-o *divinizado* pelo Espírito Santo... e compreenderás que é impossível saber como é este amor. — Envergonha-te ao pronunciar esta palavra e convence-te que só vendo a Deus e n'Ele a Maria é que se pode saber alguma coisa do que este nome significa. — Compara o teu amor, o amor das criaturas, com este amor... A que coisas, meu Deus, chamamos nós os homens amor!...

3.º — *Frutos deste amor.* — Antes de tudo a certeza e a segurança do seu patrocínio. — Maria já não pode deixar de amar-nos..., ainda que nos veja indignos do seu amor..., ainda que filhos ingratos a cheguemos a deixar e a desprezar, pospondo-a a outros amores terrenos. — O seu amor divinizado atender-nos-á em todos os instantes difíceis da nossa existência... Não te esqueças de que se tem conhecimento e sabe perfeitamente todas as nossas necessidades pela sua coroa de Sabedoria..., se lhe sobra poder para remediá-las com a sua Omnipotência, menos ainda lhe falta a vontade de fazer assim, pelo seu Amor. — Repete muitas vezes o título de *Rainha e Mãe de misericórdia*. Se é Rainha, *sabe e pode;* se é Mãe de bondade, *quer* ajudar-nos e dar-nos remédio...; logo, assim será. — Não sentes que o teu

coração confirma isto mesmo e te diz que assim foi até agora?

Depois, Ela com o seu amor ensina-te a dirigir o teu para Deus. Hás-de amá-lo sobre todas as coisas..., com uma intensidade apreciativamente suma..., isto é, que prefiras perdê-las a todas antes do que ofendê-lo. — O demónio procurará com mil meios e pretextos estorvar o cumprimento desta dulcíssima obrigação... Quem te pode ajudar a cumpri-la?... Tua Mãe... primeiro, com o seu exemplo que deves procurar imitar...; depois amando-a a Ela pois pela sua união com Deus amá-la a Ela é amar a Deus. — Não tens desculpa para deixar de amar a Deus..., mas tê-la-ás para deixares de amar tua Mãe e Rainha? Faz com que a tua alma a ame como filha e escrava sua... e não consintas que ninguém te leve vantagem neste amor.

82. Maria, medianeira universal de todas as graças

1.º — *O que é e em que consiste a Mediação.*—Mediação é servir de meio entre dois extremos..., como a aurora entre a luz e as trevas. — É de algum modo participar das duas partes e representá-las a ambas. — Segundo S. Roberto Belarmino, é ser *juiz e árbitro,* que administra justiça entre as partes litigantes...; é ser mensageiro de paz, propondo as condições a que devem sujeitar-se os dois inimigos para que se restabeleça entre eles a antiga amizade...; é ser *valido régio* que interpõe o seu valimento junto do monarca, para conseguir perdão e favor para aquele que ofendeu ao Rei...; é enfim ser *mártir da caridade,* que imola a sua vida em justa satisfação à pessoa ofendida.

Aplica estes pontos a Jesus Cristo e verás com quanta verdade dizia S. Paulo: «Ele é o único mediador entre Deus e os homens e não temos outro». Cristo pelo seu tríplice carácter de *Messias ou Enviado* do Pai, de *Sacerdote Eterno e Redentor do mundo,* é certamente o verdadeiro Mediador..., o Anjo da Paz, que aplaca a ira de Deus irritado contra o homem dando Àquele, com a sua vida, plena satisfação dos pecados deste. — Mas vê também como depois de Cristo... e com Cristo e por Cristo... Maria considerada não isoladamente mas em união com Ele, como sua Mãe e como participante da sua obra da Redenção, na qualidade de

Corredentora dos homens, é perfeita mediadora entre nós e Deus.

É *Mãe de Deus* e *Mãe nossa* e assim nela une estes dois extremos... e como Mãe de misericórdia que é resolve e sentenceia sempre a favor dos pecadores. — É *Rainha da Paz* e assim consegue-a sempre para os seus filhos rebeldes a Deus que pelo pecado lhe declararam guerra. — É a *Omnipotência Suplicante*, e por isso diz S. Bernardino de Sena que *todas as coisas estão sujeitas a Maria, até o mesmo Deus... bastando uma só palavra sua para conseguir o que deseja.* — É enfim *Mártir da caridade* e *Rainha dos mártires:* mereceu este título ao imolar-se juntamente com seu Filho, ao pé da cruz..., oferecendo ao Eterno Pai a vítima divina e constituindo com Ela um único sacrifício...

2.º — *Dispensadora de todas as graças.* — Maria é a que dispensa e administra toda a graça..., de tal maneira que no dizer de S. Afonso Maria de Ligório *Deus quer que todas as graças nos venham por Maria...* e S. Bernardo exclama: *Repara com que afecto quer Deus que honremos a nossa Rainha..., pois nela pôs a plenitude de todo o bem para que todas as graças de esperança e de salvação nos venham por Ela;* — Deus é o autor de todo o bem e de toda a graça em todas as ordens...; são riquíssimos e infinitos os seus tesoiros..., mas a chave que os encerra entregou-a a Maria.

Ela é como a Mãe da casa bem administrada e governada, onde o pai ganha o pão mas onde a mãe é que o reparte aos filhos. — Não duvides de que todos os bens, mesmo os temporais, te hão-de vir só por meio de Maria. — A união íntima entre Jesus e Maria exige esta universalidade da sua acção mediadora. — S. Paulo chama a Cristo *Segundo Adão*, o *Adão celestial;* pois bem, a Igreja chama a Maria a *Segunda Eva.* — Cristo é cabeça do corpo místico. mas Maria, na frase de Pio X, é o «pescoço» que une a

cabeça ao corpo... e que transmite toda a vida da cabeça aos outros membros.

Mas para ser efectiva e prática esta universalidade da Mediação requerem-se três condições: Primeira — posse total do dom. Segunda — Vontade de dá-lo. Terceira: poder para isso.

Pois bem, não se pode duvidar que Maria possua todas as graças...: a graça inicial em Maria já foi maior do que a dos anjos e santos...; a graça da santificação completa, porque é verdadeiramente, segundo o anjo, a *cheia de graça*, ao ser feita Mãe de Deus...; a graça final em Maria foi incalculável, visto que não deixou de crescer um só momento em graça. — Ela é a única que se chama Imperatriz e é coroada como *Rainha dos céus e da terra*.

A segunda condição e a terceira é que Maria quer e pode dar-nos todas as graças... Já dissemos que é evidente, pois se deduz dos seus dois títulos de *Mãe* e de *Rainha*. — Logo Maria é, por nosso bem, o canal por onde chega até nós toda a graça de Deus.

3.º — *A mediação no Evangelho.* — *A)* Como Corredentora aparece na Incarnação, onde com o seu consentimento. aceita o sacrifício de ser a *Mãe dolorosa do Varão das dores...*; na Apresentação do Menino Jesus, em que oferece a seu Filho e renova a sua oblação generosa, ouvindo dos lábios de Simeão a dolorosa profecia da espada que atravessaria o seu coração... Na cruz associou-se de tal modo a seu Filho, que ambos foram duas hóstias de um mesmo sacrifício.

B) Como Mediadora que intercede e consegue e reparte graças, aparece claramente na visita a Santa Isabel, onde o Baptista é santificado no seio de sua mãe pela presença da Santíssima Virgem... Nas bodas de Caná fez-se o milagre por petição, e, quase podemos dizer, por imposição de Maria, chegando a adiantar a hora da manifestação de seu Filho... No cenáculo, no dia de Pentecostes, Maria prepara e dispõe

os Apóstolos para receberem o Espírito Santo, isto é, coopera na obra santificadora da graça na alma dos Apóstolos...

4.º — *Deus o quer.* — Conclui pois que é Deus que claramente manifesta a sua vontade. — Pôde remir-nos sem Maria e não o quis... Logo, ainda que possa, também não quer santificar-nos sem Maria. — Grande é a devoção que devemos ter a Maria por mil razões, mas dificilmente encontraremos uma que tanto nos deva mover a isso como esta..., pois em certo modo, como vês, abarca todas as outras. — Por amor e gratidão para com esta excelsa Mediadora... até por conveniência e utilidade própria, devemos ter-lhe grandíssima devoção. — Sem Ela não conseguiremos aproximar-nos de Jesus... não é possível que saibamos falar-lhe..., as nossas súplicas sem Maria não podem nem merecem ser atendidas. — Deus dá-se-nos por meio d'Ela... portanto por Ela devemos ir nós a Deus...; demo-nos totalmente a Ela para que Ela nos leve a Deus... Que caminho tão fácil..., tão seguro..., tão belo e tão consolador! — Anima-te e de uma vez para sempre põe-te em suas mãos... Dá a tua Mãe as chaves do teu coração..., para que Ela disponha de ti como quiser..., que sempre será como mais te convém.

Pede-lhe isto assim..., suplica-lhe te dê alguma parte das graças que Ela tem..., mas em especial, pede-lhe a de saber amar com Ela e por Ela ao Senhor na vida e na morte..., no tempo e na eternidade...

II PARTE

VIRTUDES DE NOSSA SENHORA

1. A Fé da Santíssima Virgem

1o. —*Em que consiste?* — A Fé consiste essencialmente em crer uma coisa só porque Deus no-la revelou. — Procura entender a importância e o valor desta definição. — Não devemos crer porque entendemos ou demonstramos o que cremos com evidência, como sucede com as verdades humanas ... , senão que temos de submeter o nosso juízo ... o nosso parecer ... e os nossos sentidos ... e a nossa própria razão ... à palavra de Deus. — Ele o disse, e é quanto basta para que acreditemos sem procurar outra razão. — Que humildade! ... que submissão! ... que confiança em Deus supõe o acto de fé — Por isso agrada tanto ao Senhor ... ; e pela mesma razão tanto O ofende o pecado da incredulidade.

Pensa na injúria que se faz a uma pessoa quando não se acredita no que ela diz ... Duvidamos simplesmente da sua veracidade e julgamos que ou nos engana com malícia, ou pelo menos que se engana no que diz. — Quer dizer, que quando não acreditamos em alguém, é porque o temos por ignorante e não sabe o que diz ... , ou por mentiroso, que procura enganar-se.

Aplica esta regra ao acto de fé divina, e avalia a enormidade do pecado e a ofensa que representa para Deus o ter o homem a Deus por ignorante ou por mentiroso, e por isso não acreditar n'Ele. - Que Horrível desvergonha! espantoso atrevimento!

A fé é uma virtude sobrenatural... infundida por Deus na alma, cujo objecto é o próprio Deus. — Por isso lhe chamamos virtude teologal; que nos dá a conhecer a Deus não por meios humanos... nem pelas luzes da razão, senão pela influência da divina graça.

Sendo isto a fé não é de estranhar que se encontrasse em grau tão elevado na Santíssima Virgem. Deus teve complacência especial em infundir esta formosíssima virtude em Sua Santíssima Mãe... para que ela nos servisse de modelo. Maria creu sempre na palavra de Deus... com simplicidade... com confiança, sem vacilação nem dúvidas.

2.º — *Um caso de Fé.* — É fácil encontrar exemplos destes na vida de Maria. — Recorda um deles: o Anjo da Anunciação põe à prova a sua fé..., diz-lhe da parte de Deus que conceberá e dará à luz um filho... Ela, Virgem, podia ser Mãe! — Isto era naturalmente impossível... No entanto não duvida..., não vacila... E quando conhece a vontade de Deus, crê n'Ela e aceita tudo quanto o Anjo lhe diz.

Compara a sua fé com a incredulidade de Zacarias... quando dias antes lhe aparece este mesmo Anjo e lhe anuncia o nascimento do Precursor. — Zacarias duvida..., não crê com firmeza no Anjo... e Deus castiga-o deixando-o mudo.

Zacarias não tinha outra razão para duvidar mais que a sua idade avançada... Maria tinha a da sua virgindade. — A Zacarias anunciou-se um filho que será o precursor do Messias..., a Maria o próprio Messias, e, no entanto, Zacarias duvida... e Maria crê.

Recorda-te do caso maravilhoso da fé de Abraão. — Deus diz-lhe que será pai de uma grande descendência... e para isso anuncia-lhe um filho, Isaac... porém outra vez ordena-lhe que sacrifique o seu único filho... Como se multiplicará deste modo a sua descendência? Abraão, apesar

de tudo, crê sem vacilar na palavra do Senhor..., dispõe-se ao sacrifício... e merece por isso, ser chamado «Pai dos crentes».

Eis uma imagem da fé de Maria... Deus inspirou-lhe o voto... singular... desconhecido até então, de virgindade. Ela sabe que isto significa renunciar à possibilidade de ser Mãe do Messias, que era o anelo santo de todas as mulheres judias... Maria, para agradar a Deus, renuncia generosamente a essa possibilidade e faz-se Virgem... Porém agora o Anjo anuncia a sua gloriosa Maternidade; e Maria..., sem duvidar nem vacilar... pergunta se essa é a vontade de Deus, e quando a conhece, abraça-a e crê firmemente em tudo quanto lhe é dito pelo Anjo. Ela não sabe como isso pode ser..., a sua razão choca com a união da virgindade e da maternidade...; submete porém o seu critério..., o seu parecer..., a sua própria razão e crê firmemente com simplicidade... Que fé tão grande a de Maria!...

3.° — *Consequências.* — Diz Jesus Cristo que se tivéssemos fé transportaríamos montanhas... A fé é que faz os milagres. No Evangelho, parece que o Senhor se recreia em nos fazer ver que a fé é que opera os milagres. — E por isso diz: — *Vai, a tua fé te salvou.* E outras vezes: — *Faça-se como crês.* Em Maria então operou o milagre dos milagres..., a sua fé atraiu o Filho de Deus dos Céus ao seu seio puríssimo. — Assim o disse Santa Isabel na Visitação: *Bem-aventurada, porque creste...*

Assim te sucederá a ti. — Uma fé desta ordem será em ti a fonte das maiores bênçãos... e das graças extraordinárias do Senhor. — Ele derrama-as em profusão naquele que deste modo crer e n'Ele confiar. — Compreende bem o valor da fé da Virgem Santíssima e compara-a com a tua...

Também nisto imitas a tua Mãe? É sincera a tua fé e crês firmemente não só nos dogmas e verdades reveladas senão também em tudo o que o Senhor, de uma ou de outra

maneira, te diz?... ou serás dos que crêem ser coisa de Deus o que agrada... e não o ser o que desagrada?

Além disso, Deus falará directamente à tua alma por meio das suas inspirações... dos teus superiores... e dos seus representantes... Ouve-los e crês neles?... E se acreditas neles, sabes submeter a tua vontade e o teu próprio parecer ao seu..., ainda que não entendas como há-de ser..., nem o porquê do que te dizem? — Imitas a tua Mãe nesta submissão ao que te dizem da parte de Deus e aceita-lo... ainda que te custe..., ainda que te humilha? — Termina esta meditação pedindo à Santíssima Virgem uma fé semelhante à sua e uma grande docilidade, quando ouvires a voz de Deus que te chama, para que creias n'Ele e o sigas em qualquer momento... sem vacilar sequer um só instante.

2. A Fé da Santíssima Virgem

1.º — *Trevas.* — Quis Deus rodear a fé de trevas apesar da sua certeza e infalibilidade, para a tornar mais meritória. — A fé é certa, com uma certeza que se funda no próprio Deus..., que se não engana e não pode enganar-nos; mas a fé, é também obscura..., tanto que nunca poderemos nesta vida chegar a compreender as verdades que nos ensina — Por isso, essas verdades chamam-se mistérios... O mistério é uma verdade tão inacessível à razão humana que não pode, sem a revelação divina, conhecer-se sequer a sua existência..., e ainda depois de conhecer pela revelação, a sua existência, não pode chegar a penetrar-se o que é em si mesma..., nem explicar-se como pode ser assim.

Mas há mais... É de tal ordem a verdade revelada, que em certas ocasiões não só havemos de crer no que não vemos..., senão o contrário do que vemos. — Recorda o dogma da Eucaristia, onde todos os sentidos te asseguram a existência do pão; e no entanto, segundo a fé, o pão já lá não existe, mas ùnicamente o corpo e o sangue de Jesus Cristo. — Este é, sem dúvida, o sacrifício mais meritório que nos exige a fé. — Se assim não fosse, onde estaria o merecimento? Seria meritório crer no que Deus nos ensina se fossem coisas fáceis de compreender..., de ver e verificar com os sentidos ou com a razão?... Pois bem, vê agora

Maria — Também a Ela não faltaram as trevas que fizeram tão meritória a sua fé...

2.° — *No nascimento do Menino Deus.* — Aparece Jesus como um menino em tudo igual aos outros. — Sabia a Santíssima Virgem que era o Filho de Deus, porém... que provas tinha diante de si?... Bem pelo contrário... um menino pobre..., fraquinho..., chorando como os outros..., que não sabia falar..., nem andar..., nem fazer nada por si mesmo..., tendo necessidade de sustento..., de cuidados..., de sono, como os outros..., perseguido e abandonado por todos..., etc. Tudo isto eram sinais de divindade?... Mas o Filho de Deus ia nascer assim? — O presépio..., o portal..., os animais que o acompanham, é isto digno de um Deus?... Como pode ser isto? Não estará enganada?... Não será uma ilusão?...

3.° — *Na vida oculta.* — E as trevas continuam para Maria durante a vida oculta em Nazaré. — Jesus aparece como um aldeãozinho... ignorante, sem dar uma só amostra do seu poder e da sua sabedoria. Mais tarde será o operário de uma oficina de carpinteiro, que tem que passar por ser um simples aprendiz, que a pouco e pouco há-de chegar, no cúmulo do seu aperfeiçoamento... a ser um oficial de carpinteiro!...

Que bela carreira!... e que posição brilhante para o Rei do trono de David!... para o Messias prometido!... para o Filho de Deus!

E quando o Menino Jesus se perdeu, que trevas no meio das aflições que então atormentaram o coração de Maria!... foram tantas estas trevas que ainda depois de ter encontrado o menino e ter escutado as suas palavras, diz o Evangelho que Maria não as entendeu.

4.° — *Na vida pública.* — É certo que nela se vêem luzes e momentos claros onde aparece clara a divindade de

Jesus. — Mas por vezes que trevas! Que sombras por todas as partes! O povo crê n'Ele e segue-O..., porém os sábios..., os sacerdotes e pontífices..., os fariseus e mestres da Lei perseguem-n'O de morte... Os discípulos e apóstolos são gente completamente ignorante..., uns pobres homens... que, por fim, se envergonham de terem sido seus apóstolos, abandonam-n'O e renegam-n'O. — Os seus inimigos conseguiram apanhá-l'O..., e castigam-n'O duramente... com castigos infamantes e próprios de escravos, de ladrões e gente vil...; as bofetadas..., os cuspos, os açoites..., a coroa de espinhos..., a cruz... e a morte nela, escarnecido..., desonrado... vencido por completo pelos seus inimigos. — É este o Filho de Deus?... Eles próprios o dizem: — *Se fosse Filho de Deus baixaria da cruz,* e triunfaria de tudo e de todos.

5.º — *Fé inquebrantável.* — Apesar de todas estas coisas capazes de fazer vacilar a qualquer..., Maria não duvida nem sequer um momento... crê na palavra do Anjo, e nela vê a voz de Deus que lhe revela quem há-de ser o seu Filho... Adora os mistérios sacrossantos e profundíssimos da vida e da morte de Jesus..., procura sondar os ensinamentos altíssimos da sua pregação... mas ainda que adornada de graças especialíssimas na ordem natural e sobrenatural... e apesar das revelações e luzes tão extraordinárias que só Ela recebeu, não pôde, como criatura que é, compreender os insondáveis e infinitos abismos da divindade... no entanto humildemente abraça-se com fé cega, gostosa e alegremente, com tudo o que ela não vê e não compreende dentro dos planos da divina providência.

Admira esta humildade tão atraente e tão natural de Maria nos seus actos de fé, disposta a todo o momento a deixar-se guiar pela vontade de Deus, a submeter e a render o seu juízo com prontidão e essa vontade santa...; finalmente admira a sua confiança em Deus, que a fazia entregar-se em

seus braços ainda que não visse nem entendesse aonde nem por onde a levava.

6.º — *A nossa Fé.* — Vê como deve ser também a nossa fé..., fruto da nossa humildade..., da nossa obediência... e da nossa confiança em Deus.

Todos os pecados contra a fé brotam de alguma destas raízes...; a falta destas virtudes explica a história de todas as heresias e erros contra a fé.

Lembra-te disto sobretudo nas trevas ordinárias que acompanham a fé, e nas extraordinárias que às vezes Deus permite a certas almas.

Se praticares essas virtudes à imitação de Maria, não duvides de que triunfarás...

Não esqueças também isto nas dúvidas contra a fé que terás de sustentar: a soberba... a confiança em si mesmo... o hábito de tudo criticar e julgar segundo um critério pessoal... é o que tem cegado a muitos e lhes tem feito perder a fé.

Pede à Santíssima Virgem, nesta luta tão violenta em nossos dias, que o seu exemplo te ilumine e te alente nesta luta para que a tua alma saia vitoriosa e triunfante dela.

3. A Fé da Santíssima Virgem

1.º — *Racionalidade da fé.* — Apesar das suas obscuridades, e apesar de exigir de nós o admitir verdades que não compreendemos, a nossa Fé é sumamente racional. — Não degrada o homem..., nem o humilha... nem rebaixa a sua dignidade... antes pelo contrário, sublima-o, dignifica-o sumamente, fazendo-o conhecer coisas que sem ela jamais conheceria... Que amplos horizontes... e quão grandiosos não abre a fé diante dos olhos do entendimento humano!...

Meditando isto, S. Jerónimo exclama: *Estas coisas foram desconhecidas para Platão..., o eloquente Demóstenes ignorava-as..., todos os filósofos e sábios antigos não puderam nem sequer vislumbrá-las um pouco... e qualquer criança das nossas escolas sabe, com o seu catecismo, infinitamente mais que todos eles juntos.*

Não, não é irracional a nossa fé...; é qualquer coisa acima do nosso entendimento, e por isso não chegamos a compreender tudo o que nos ensina...; não é porém qualquer coisa contra a razão, como os ímpios. — Deus pede-nos que admitamos a sua palavra sem hesitações e sem vacilações... por isso havemos de crer cegamente..., mas não imprudentemente.

Fé pronta e cega, não é uma fé imposta à força e irracional.

2.º — *Causas da obscuridade da fé.* — São as seguintes:

A) — Não nos deve causar admiração o não chegarmos a compreender o que conhecemos pela fé, porque são verdades tão profundas... tão infinitas... e tão divinas..., que naturalmente não podem entrar no nosso entendimento.

Imagina quão mesquinho seria o nosso Deus, se pudesse ser compreendido pela nossa inteligência... e se abrangêssemos toda a sua essência com a luz da nossa razão... — Recorda o que dizia Santa Teresa, que «acreditava nas verdades mais difíceis e obscuras, com mais firmeza e com maior devoção, porque nelas reconhecia um carácter mais próprio da grandeza de Deus»...

Que admiração que essa grandeza seja para nós incompreensível! Se havemos de passar a eternidade vendo contìnuamente coisas novas na essência de Deus sem esta nunca se esgotar... como queremos agora entender e abranger tudo?... Isto sim, é que seria absurdo e irracional...

B) — Por outra parte, Deus não exige que creamos tanto às cegas que nos seja proibido examinar os motivos e fundamentos da nossa fé... Pelo contrário, este exame é muito do agrado de Deus, para que assim saibamos no que cremos e porque cremos.

Temos, entre outros motivos, os milagres e as profecias de Jesus Cristo, que foram feitas em confirmação destas verdades; tais milagres e profecias devemos meditar e estudar com frequência... pois além da doutrina e consequências práticas que da sua meditação podemos tirar servem admiràvelmente para demonstrar a origem divina dos dogmas da Fé que a Igreja nos propõe para crer.

C) — E finalmente, para tornar mais racional o acto da nossa Fé pensemos que Deus não nos manda crer senão naquilo que com autoridade infalível, declarou verdade dogmática e revelada, pela Igreja Católica..., isto é, que devemos crer porque Deus a revelou... mas sabemos que Deus a revelou porque a Igreja assim no-lo diz e ensina...;

que seja contrário ao amor de Jesus, e tudo o que ames neste mundo, ama-o nEle, e por Ele. Comecemos já a amar intensamente aqui aquele que queremos e esperamos amar na glória por toda a eternidade.

RESOLUÇÃO: Meditarei com frequência em Jesus, na sua amabilidade, quer dizer, nas suas perfeições e virtudes, que o tornam infinitamente amável. Pedirei instantemente o aumento do divino amor. Farei actos frequentes de amor durante o dia.

JACULATÓRIA: Jesus amável, digno de infinito amor, aumenta no meu coração o amor por Ti, e leva-me ao céu, aonde possa amar-Te sem imperfeição e sem mudanças, por toda a eternidade.

Capítulo VI

Amor perfeito e imperfeito; sensível e apreciativo

Ou amar ou morrer.

Para termos um verdadeiro conceito do amor de Deus, convém fazer algumas distinções importantes. Este amor pode ser *perfeito ou imperfeito*. É perfeito quando amamos a Deus por ser Ele quem é, por ser Ele em Si e por Si o *sumo Bem,* digno de ser amado sobre todas as coisas. Tal amor nasce da consideração sobre as perfeições divinas. Ao considerarmos à luz da fé que Deus é infinitamente bom, santo, justo, misericordioso, etc., sentimo-nos inclinados a amá-Lo, a entregarmo-nos a Ele, a fazer a sua vontade e dar-lhe glória, só por Ele, ainda que não esperássemos da sua infinita liberalidade mercê alguma, temporal ou eterna. É *imperfeito* quando amamos a Deus principalmente pelo bem que esperamos dEle, e especialmente para obtermos a eterna bem-aventurança; da mesma maneira que seria perfeito o amor de um filho que amasse sua mãe só pela bondade e boas qualidades que nela visse resplandecer; e imperfeito, se a amasse principalmente pelos prémios e pelo bem que dela esperasse conseguir. Este segundo amor para com Deus Nosso Senhor, ainda que menos excelente que o primeiro, por ser menos desinteressado, é bom, sempre

que não exclua positivamente aquele, e nasça da virtude teológica da esperança. Ambos, sob aspecto diverso, podem estar juntos, e de facto estão unidos nas pessoas virtuosas e santas, se bem que devemos aspirar, quanto é possível nesta vida, à aquisição do perfeito e puro amor de Deus, isento do próprio interesse (1).

Em segundo lugar, o amor de Deus pode ser *terno e apreciativo*. O amor *terno* o que se reduz à parte sensível ou afectiva do coração, é sem dúvida bom e desejável, e em algumas ocasiões enchia de suave doçura o coração dos Santos; pelo que, se o Senhor se dignar alguma vez regalar com este amor o teu espírito, ainda que só te dê a provar do mesmo uma gotinha, deves recebê-lo com grande estima e agradecimento, e aproveitar tal mercê, para te estimulares a correr pelo caminho dos mandamentos

(1) Dizemos nós *quanto é possível nesta vida,* porque embora se possam fazer, e convém que se façam com frequência, *actos* particulares de amor puro e perfeito, nos quais não se descubra rasto de interesse próprio, nem se atenda para nada à recompensa do céu, ao tormento do inferno mas ùnicamenie à bondade e formosura de Deus, infinitamente amável, ao cumprimento da sua vontade santíssima, e ao desejo de lhe dar glória, como o fizeram muitas vezes os Santos em momentos de fervor, sem embargo, um *estado* habitual e contínuo de amor puro de Deus, no sentido citado, quer dizer, até ao extremo de que o inferno e o céu nos sejam inteiramente indiferentes, nem é possível nesta vida, nem constitui um estado de perfeição, porque afastaria da alma a virtude teologal da esperança, a qual é boa em si, e nos está mandada por Deus, e é absolutamente necessária a todos os adultos para a sua salvação. Com razão, pois, foi reprovada pelo Papa Inocêncio XII a seguinte exposição tirada do livro de Fenelon *Explicação das Máximas dos Santos sobre a vida interior:* «Dá-se um estado habitual de Amor de Deus, que é a caridade pura e sem mistura alguma de interesse próprio. Neste estado já não tem lugar nem o temor das penas, nem o desejo das recompensas. Nele Deus já não é amado pelo mérito, nem pela perfeição, nem pela felicidade que se encontra em amá-lo». (Denzinger, n., 1193).

como fazia o real Profeta David quando Nosso Senhor dilatava desta forma o seu coração [2].

Porém convém que saibas que este amor terno e afectuoso, nem sempre está em nós adquiri-lo e conservá-lo, apesar dos nossos piedosos esforços e da nossa fidelidade ao Senhor, nem é tão pouco *essencial* ou necessário, senão *acidental* para a perfeição. O amor substancial, o amor sólido e verdadeiro, que Deus pede e exige de todos nós, é o que chamam os teólogos *apreciativamente sumo* ou de *preferência*, o qual reside na parte superior do nosso espírito, da nossa vontade, e consiste em estimar mais a Deus que a tudo o que é criado; em preferi-lo a tudo; em estar disposto a perder todas as coisas, e a sofrer todos os males, inclusive a morte, a ofendê-lo.

«De dois modos, diz o sábio e piedoso escritor Garcia Mazo, podemos amar uma coisa mais que outra: ou com maior fervor, ou com mais apreço. O que amamos com maior fervor arrasta mais o nosso coração; o que amamos com mais apreço segura-o melhor. O amor de fervor é mais impetuoso; o de apreço é mais firme; e quando estes dois amores disputam a preferência, o de apreço é que prevalece. Isto entender-se-á melhor com o exemplo seguinte: Uma mãe verdadeiramente cristã ama a Deus e ama o filho que Deus lhe deu, porém de um modo diferente: a Deus com maior apreço: ao filho com mais ternura. Sem pensar encontrar-se-á a cada passo fazendo carícias ao seu filhinho, estreitando-o entre os seus braços, beijando-o, etc., e esta mãe tão terna com o seu filho, intentará amar a Deus, e não experimentará nem um pouco de ternura; empenhar-se-á, protestará que deseja amá-lo, pedirá com instância o seu divino amor, ajoelhará a seus soberanos pés, usará a linguagem mais terna, dirá e repetirá

(2) Viam mandatorum tuorum cucurri. Psalm. CXVIII, 32.

mil vezes: «Deus da minha alma, dono do meu coração, autor da minha vida, eu vos quero, eu vos amo, eu vos adoro...»; tudo isto e mais dirá, e apesar de uma linguagem tão terna e tão amorosa, o seu coração permanecerá muitas vezes tão duro como uma pedra, ou tão frio como o gelo. Porém, tratando-se de que esta mãe perca o seu filho ou o seu Deus; tratando-se de que cometa um pecado mortal; e se é, como se disse, uma verdadeira cristã, quererá perder mil vezes a seu filho, do que perder o seu Deus, cometendo um pecado mortal. E, porque assim é? Porque o amor que tem ao seu Deus é de apreço, e o que tem ao seu filho é de fervor; e o amor de apreço prevalece sempre sobre o de fervor» ([3]).

Tal é o amor que devemos a Deus: um amor sumamente apreciativo e de preferência, que nos disponha a preferi-lo a tudo, a antes perder todas as coisas do que ofendê-lo. Sem este amor de apreço, o amor terno e sensível seria insuficiente e inútil. De que valeria, com efeito, a um homem avaro, ou lascivo, sentir enternecido o coração, prorromper em actos de amor de Deus quando ouve um sermão sobre a paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. ou quando lê alguma passagem mais comovedora da sua vida, se depois não se acha disposto a evitar os pecados de avareza ou lascívia. Se sobrepõe à divina vontade a satisfação das suas paixões, se prefere, numa palavra, perder a Deus do que perder as riquezas ou renunciar aos imundos deleites da carne, então repetimos: o amor substancial e necessário, é amor sólido e verdadeiro, é amor apreciativo, embora seja desprovido de fervores e ternuras sensíveis.

Com este amor, amaram a Deus todos os mártires, os quais, renunciando às honras, prazeres e riquezas que os tiranos lhes ofereciam se renegassem a fé de Jesus Cristo,

([3]) *Catecismo explicado,* 3.ª parte.

escolheram padecer os maiores tormentos, e derramar o seu sangue antes do que serem infiéis ao Senhor. Ao proporem à Santa Virgem Susana que escolhesse entre apostatar da sua religião, para dar a sua mão ao ímpio Imperador Galério, ou ser sentenciada à morte, replicou, mostrando em seu rosto uma indizível alegria: «*Oh! como serei feliz se me for concedida a graça de dar a minha vida pelo meu divino Esposo!*» E pouco depois, como continuasse firme em negar-se às pretensões, e ameaças do Imperador pagão, a sua alma voava no céu, adornada com a dupla auréola da virgindade e do martírio, deixando na terra um belo exemplo de um grande amor que soube sacrificar por Deus todas as coisas, até a dignidade imperial, e dar por Ele a própria vida.

Da mesma forma, encontrando-se encarcerado o grande chanceler de Inglaterra Tomás Moro, e tendo-lhe sido confiscados todos os bens por negar-se a obedecer aos ímpios decretos de Henrique VIII, sua esposa foi à prisão acompanhada de seus dois filhos, e arrojando-se a seus pés com os olhos banhados de lágrimas, suplicou-lhe por piedade que condescendesse com a vontade do Soberano, para não os fazer desgraçados e desgraçar-se a si mesmo. Esta atitude e estas lágrimas não podiam deixar de comover profundamente Tomás Moro, ferindo as fibras mais delicadas do seu coração de marido e de pai. No entanto o amor apreciativo de Deus, tinha cavado nele tão fundas raízes, que tornando-se superior aos sentimentos da carne e do sangue, dirigiu-se a sua esposa dizendo: «*Por quanto tempo gozaremos as riquezas da nossa casa, a felicidade do nosso lar e a graça e amizade do Rei?*» «*Por vinte ou trinta anos, talvez*», respondeu ela. «*E por vinte ou trinta anos de vida,* replicou Tomás, *hei-de perder para sempre a graça e amizade de Deus? Hei-de ofendê-lo com uma vil apostasia, e hei-de renunciar à eterna bem-aventurança que a fidelidade ao seu amor me há-de proporcionar no céu?* E firme

e inquebrantável, na sua resolução, com a serenidade dos mártires, ofereceu mais tarde a sua cabeça ao golpe do verdugo. O seu amor de *preferência* para com Deus prevaleceu e triunfou do seu amor *sensível* para com sua esposa e seus filhos.

Amamos nós a Deus com um amor semelhante, estando prontos a perder tudo e a sofrer tudo por Ele? É certo que Nosso Senhor não nos exige no momento actual o sacrifício da nossa vida, porém pede-nos que sacrifiquemos tudo quanto seja incompatível com o amor de preferência que lhe é devido. Examina-te, pois, alma devota, e olha se haverá alguma coisa criada, alguma pessoa, algum objecto, alguma ambição, algum deleite, algum interesse humano, algum afecto desordenado, alguma paixão que te domine e que ocupe em teu coração o lugar que pertence só a Deus; e se assim for, afasta de ti esse ídolo, sacrifica esse objecto, despreza esse interesse, renuncia a esse deleite ilícito, afoga esse afecto, vence essa paixão, e seja o amor de Jesus que ùnicamente impere na tua alma. *Se eu soubesse,* dizia S. Francisco de Sales, *que uma só fibra do meu coração não era de Deus, arrancá-la-ia imediatamente; e se conhecesse em mim alguma coisa que não estivesse unida ao amor de Jesus Cristo, depressa a afastaria de mim* (4). A tal grau chegava nos Santos a perfeição e pureza do amor divino.

O amor apreciativo ou de preferência admite diversos graus: o primeiro consiste em querer desprezar todos os bens e aceitar todos os males, até a própria morte, do que ofender a Deus com uma culpa grave; este grau de amor é necessário e obrigatório, e sem ele não se cumpre o preceito de amar a Deus sobre todas as coisas, nem ninguém se pode salvar. O segundo consiste em preferir padecer qualquer mal, ou perder qualquer classe de

(4) *Espírito de S. Francisco de Sales,* parte 10, capítulo IX.

bens do que cometer deliberadamente algum pecado venial. Como se vê, este grau de amor já é mais perfeito que o anterior. O terceiro é o mais excelente de todos, consiste em amar a Deus com uma estima e preferência tal, que estejamos dispostos, ainda que à custa de qualquer trabalho e sacrifício, a cumprir a vontade de Deus, não sòmente evitando todo o pecado mortal ou venial e cumprindo o que é de preceito, mas também o que seja meramente de conselho, e tudo aquilo que, dentro do nosso próprio estado entendamos ser do maior agrado de Nosso Senhor. Este é o amor que devemos desejar, e ao que devemos aspirar com toda a ânsia do nosso coração.

RESOLUÇÃO: Amarei a Deus com amor perfeito, por ser Ele quem é, e com amor sumamente apreciativo, preferindo perder tudo antes do que ofendê-lo ou afastar-me do cumprimento da sua vontade.

JACULATÓRIA: Dai-me, Deus meu, o verdadeiro e perfeito amor por Vós, e que eu nada ame senão em Vós e por Vós.

Capítulo VII

Amor de complacência e de benevolência

Ou amar ou morrer.

Os actos *interiores* de amor de Deus, em que nos podemos exercitar, consistem principalmente na *complacência* e na *benevolência*. O amor de *complacência*, segundo a palavra indica, exercita-se comprazendo-se nas divinas perfeições, como um filho se compraz nas perfeições de sua mãe, e um amigo nas boas qualidades do seu amigo. Ao contemplar a suma bondade de Deus, a sua incomparável beleza, a sua santidade, o seu poder, a sua sabedoria, a sua prudência, a sua justiça, a sua misericórdia, a harmonia, enfim, de todos os seus atributos e a perfeição infinita dos mesmos, a alma compraz-se à vista de tanto bem, e alegra-se de que Deus seja quem é, e deleita-se em recordar as suas excelências, como faziam aqueles Serafins que viu Isaías, os quais compraziam-se em repetir incessantemente: Santo, Santo, Santo..., e como fazia a sagrada Esposa do Cântico dos Cânticos, exclamando regozijada: Que belo é o meu Amado, que formoso é! Todo Ele é amável e desejável, e escolhido entre milhares (1).

(1) Cant. I, 15; V, 10.

Desta forma, podemos nós também exercitar-nos em tais actos de amor, fazendo como que uma lista das perfeições divinas, e irmos comprazendo-nos nelas; regozijando-nos mais do bem e da felicidade de Deus do que do nosso próprio gozo e felicidade. Oh! que excelente maneira de amar a Deus é a santa complacência!

O amor de *benevolência* consiste em querer para Deus o *bem exterior*, quer dizer, a *glória extrínseca*, que pode vir das criaturas. Para melhor compreendermos isto, convém distinguir em Deus, como diz S. Francisco de Sales, duas espécies de bens: uma interior e outra exterior. A primeira é o próprio Deus, cuja bondade não é na realidade diferente da sua essência, como não o são também os outros atributos e perfeições suas. Sendo, pois, este bem infinito em si mesmo, não pode receber o mínimo aumento pelos serviços nem pelas honras que lhe tributemos, como tão pouco diminuição por causa dos nossos pecados e rebeldias. Este bem podemos desejar a Deus pela *complacência*, como já dissemos, regozijando-nos de que seja o que é e que nada se possa juntar à sua grandeza e à infinidade das suas perfeições. A segunda espécie de bem não está nEle, mas nas suas criaturas, ainda que realmente lhe pertença, assim como o tesouro real é do rei, embora esteja em poder dos seus tesoureiros. Consiste este bem exterior de Deus em louvores, honras, obediências, serviços e homenagens que lhe devem e lhe tributam as suas criaturas, visto que todas elas estão destinadas à sua glória, que é o fim último da criação. Estes bens podemos nós, com a ajuda da graça, querê-los e dá-los a Deus por meio da *benevolência*, e com eles aumentar a sua glória exterior, a qual podemos também diminuir com os nossos pecados (2).

---

(2) *Espírito de S. Francisco de Sales*, parte 14, capítulo II, e parte 1.ª, cap. XXVII.

Assim pois em virtude deste amor de benevolência, a alma sente desejo de honrar, louvar, servir e glorificar por todos os meios possíveis o seu Criador, e faz quanto pode para o conseguir. Mas ao ver-se impotente para o realizar de uma maneira digna da sua infinita bondade e amabilidade, não se satisfaz com os seus próprios louvores e homenagens, mas como o fazia o Seráfico S. Francisco de Assis, convida as criaturas a que louvem, bendigam, adorem, amem e glorifiquem com ela o seu Amado, entoando aquele cântico dos Livros Sagrados: «*Benedicite omnia opera Domini Domino; laudate et superexaltate eum in saecula*.

Obras todas do Senhor, bendizei o Senhor; louvai-o e exaltai-o por todos os séculos. Sol e lua, bendizei o Senhor; louvai-o e exaltai-o por todos os séculos. Chuva e orvalho, frio e calor, neves e geadas, bendizei o Senhor: louvai-o e exaltai-o. Montes e colinas, plantas, fontes, mares e rios, bendizei o Senhor; louvai-o e exaltai-o por todos os séculos. Aves, peixes e animais da terra, bendizei o Senhor; louvai-o e exaltai-o por todos os séculos. Criaturas racionais, servos e sacerdotes de Deus, espíritos e almas dos justos, louvai-o e exaltai-o por todos os séculos. Povos e nações do mundo, bendizei o Senhor; louvai-o, exaltai-o, engrandecei-o pelos séculos sem fim» ([3]).

Ainda mais; a alma que se sente ferida por este amor de benevolência, levanta-se deste mundo visível e eleva-se nas asas deste mesmo amor até aos céus, ali une-se aos espíritos dos bem-aventurados, aos coros dos Anjos e ao Coração abrasado de Maria, para cantar os louvores do Verbo encarnado; une-se também ao próprio Coração de Jesus, para amar e honrar com Ele a Santíssima Trindade, não se detendo nas suas ânsias amorosas até unir-se ao amor e aos louvores com que a Divindade se ama, se honra e glorifica a si mesma, alegrando-se em repetir: «Glória ao

([3]) Dan. III; Salm. CXLVIII.

Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo, como era no princípio, e é agora e será sempre e pelos séculos dos séculos. Amen» ([4]).

Oxalá se prenda em ti, caro leitor, o fogo do divino amor! Então compreenderás e gozarás a felicidade inefável que a alma experimenta exercitando-se nestes santos afectos; então parecer-te-á desprezível e indigno de louvor tudo o que é daqui, comparado com a bondade, a formosura e perfeição infinita de Deus, e suspirarás pelo céu, para te unires mais intimamente a Ele, e poderes ali melhor contemplar, amar, bendizer, gozar e glorificar essa perfeição, formosura e bondade sem limites. Deste amor de benevolência, nasce o zelo apostólico, que devorou aos Santos: a um S. Paulo por exemplo; a um S. Domingos de Gusmão a um S. Vicente Ferrer, ao B. Diogo de Cadiz, a S. Francisco Xavier e muitos e muitos mais, que com gosto sofreram toda a espécie de trabalhos, privações e sacrifícios para ganhar almas, a fim de que Nosso Senhor Jesus Cristo fosse conhecido, amado, honrado, servido e glorificado por elas.

Ah meu Deus! ouvia-se a miúdo exclamar o grande Apóstolo de Chablais, S. Francisco de Sales. *Quando sereis conhecido de todos os homens! Quando vos amarão como mereceis!* S. Boaventura, afirmava que consentiria morrer tantas vezes como pecadores há no mundo, a fim de que todos pudessem amar a Deus e salvar-se. Santa Maria Madalena de Pazzis dizia: «Eu invejo a sorte das aves, que podem voar por onde querem. Ah! Se eu tivesse asas como elas, e sem prejuízo da minha profissão pudesse abandonar o mosteiro, hoje mesmo levantaria voo e chegaria até aos confins das Índias. Ali reuniria à minha volta, os filhos daqueles pobres infiéis, e os instruiria nos princípios da nossa santa Religião, para os pôr em poder de Jesus e dar-lhe almas que o amassem».

([4]) *S. Francisco de Sales; Prática do Amor de Deus,* liv. V.

Do mesmo modo Santa Madalena Sofia Barat, Fundadora do Instituto de Religiosas do Sagrado Coração de Jesus, inflamada no amor de Deus, e ansiosa por comunicar aquelas chamas ao mundo inteiro exclama: «Se cem línguas tivesse e por todas as criaturas pudesse ser ouvida, diria: Amai o vosso Deus e não vivais senão para o amar e glorificar»; e ajuntava: «Ah! Se estivesse na minha mão, não vacilaria em ir até às extremidades da terra para formar corações plenamente entregues a Jesus e ansiosos por consumir-se pelo seu amor e glória».

Se os Santos ardiam em zelo, é porque o zelo é como a chama do amor divino. Se tu tens grande amor para com Deus, este amor produzirá a chama, e, ainda que não sejas nem sacerdote nem missionário, ela fará de ti, de uma ou de outra forma, uma alma activa, apostólica, zelosa da glória de Deus e da salvação das almas, e à imitação dos Santos, rezarás e trabalharás quanto possas, segundo te permitam as circunstâncias, para que os pecadores se convertam a Deus, o conheçam e o amem, e os justos se afervorem mais e mais, e todos cresçam cada dia no amor e serviço de Nosso Senhor Jesus Cristo. É assim que fazes?

RESOLUÇÃO: Farei frequentes actos de amor de complacência e de benevolência; e trabalharei com zelo, enquanto me seja possível, para que Deus seja conhecido, amado e glorificado.

JACULATÓRIA: Que formoso sois Amado meu! Quão amável sois, ó meu Deus! Quando vos amarei, e vos amarão todos os homens como mereceis!

Capítulo VIII

Amor doloroso e de reparação. Amor de gratidão e de oferecimento

Ou amar ou morrer.

É efeito imediato do amor, para não dizer o próprio amor, a *dor* que a alma sente pelos pecados cometidos contra a divina bondade. À medida que é maior o amor de Deus, é também maior e mais perfeita a contrição; e esse amor doloroso e contrito foi sem dúvida o que trespassou o coração do Real Profeta David depois do seu pecado, e o que produziu as lágrimas com que Maria Madalena regou os pés do Salvador, e as que verteu S. Pedro na noite da Paixão, e as que derramou Santo Agostinho durante toda a sua vida, e as que derramaram, enfim, todos os Santos penitentes.

Se pecaste, pela intensidade da tua dor poderás conhecer a intensidade do teu amor a Deus. Se não tens uma grande dor das tuas culpas, é sinal de que não amas a Deus com um grande amor. Convém, no entanto, não esqueças, que esta dor, como se disse do amor, não é necessário que seja uma dor sensível e terna (ainda que isto fosse muito bom, e desejável); basta que haja *na vontade*, o aborrecimento sincero do pecado cometido, por ser ofensa a um

Deus infinitamente bom, com o propósito firme de não o voltar a cometer. Existe em ti esse aborrecimento verdadeiro, íntimo, profundo de todas as tuas culpas?

Mesmo que estas já te tenham sido perdoadas, convém que procures na tua alma, durante toda a tua vida, certo sentimento habitual de contrição, e que com alguma frequência te exercites em actos de dor dos teus pecados, clamando como o Real Profeta: «Lava-me mais e mais, Senhor, das minhas iniquidades, e purifica-me da minha maldade» (1).

O que ama deveras a Deus não só sente pena pelos seus próprios pecados, como se aflige também com os pecados alheios, pois sabe que estes são igualmente ofensa à divina Bondade; e assim se lê de Santa Maria Madalena de Pazzis e de Santa Teresa de Jesus, que choravam com copiosas lágrimas os pecados dos cristãos e a cegueira dos herejes e infiéis, e impunham-se rigorosas penitências para aplacar a divina Majestade ofendida, multiplicando ao mesmo tempo as suas orações pela conversão daqueles desgraçados. Na vida de S. Caetano refere-se que achando-se em Nápoles o Santo, durante a grande revolução ocorrida no ano de 1647, ao considerar as muitas ofensas que então se cometiam contra Deus, e o grande número de almas que por isso se precipitavam no Inferno, experimentou tal tristeza e abatimento, que morreu de dor. Deste amor doloroso pelas ofensas feitas a Deus, já com os nossos pecados, já com os alheios, nasce o amor de *reparação*, quer dizer, o desejo de reparar e desagravar o Senhor de tais ofensas, querendo, sendo possível, amá-lo, e honrá-lo tanto quanto é *desamado, desprezado* e ofendido pelas criaturas da mesma maneira que um bom filho, ao ver que seu pai é injuriado, sente crescer em si os afectos de amor filial, e deseja suprir com o seu carinho e delicadezas o desamor e

(1) Salm. L, 4.

injúrias de que é vítima o autor de seus dias. Quão agradável é a Deus este amor e este espírito de reparação, e quanto deseja que o desagravemos de tantas ofensas que recebe dos homens, especialmente no Santíssimo Sacramento do Altar, claramente e em diversas ocasiões o deu a entender Nosso Senhor Jesus Cristo a vários Santos, e em especial, a Santa Margarida Maria de Alacoque nas diversas aparições do seu Sacratíssimo Coração. Ouçamos as próprias palavras da serva de Deus: «Uma das vezes, diz, estando exposto o Santíssimo Sacramento, depois de me sentir completamente retirada no meu interior, por um recolhimento extraordinário de todos os meus sentidos e potências, apresentou-se-me Jesus Cristo, meu divino Mestre, todo radiante de glória... Abriu o seu peito, que parecia uma fornalha acesa, e mostrou-me o seu amantíssimo Coração... e foi então que me descobriu as maravilhas inexplicáveis do seu puro amor e o excesso a que o havia conduzido o amor pelos homens, dos quais só tinha recebido ingratidões, e desprezo. «Isto, disse-me, é-me muito mais doloroso do que quanto sofri na minha paixão; tanto, que se me dessem algum amor em troca, tinha em pouco tudo o que por eles fiz, e quereria ainda fazer mais, se fosse possível; porém não têm, para corresponder aos meus desvelos em procurar o seu bem, senão frieza e repulsa. Mas tu, ao menos, dá-me o prazer de suprir e reparar a sua ingratidão, quanto sejas capaz de o fazer». Depois, disse: «Primeiramente receber-me-ás sacramentado sempre que to permita a obediência, sejam quais forem as mortificações que te advenham, as quais deves aceitar como provas do meu amor. Também comungarás na primeira sexta-feira de cada mês, e em todas as noites de quinta para sexta-feira te farei participante da tristeza mortal, que tive por bem sentir no horto das Oliveiras» (2).

(2) *Autobiografia da Santa.*

Mas além disso, Deus é fidelissimo em cumprir o que promete, e são tantas as coisas que nos prometeu que não há motivo para desesperar nem desconfiar jamais. — Quando se despede dos Apóstolos, estes põem-se tristes... acabava-se-lhes o motivo da sua esperança... temiam o futuro... Que seria deles depois? Jesus consola-os e anima-os com as suas promessas... *Pedi*, lhes diz, *e recebereis... Tudo o que pedirdes a meu Pai em meu nome, ser-vos-á concedido...* S. Paulo fundando-se nestas palavras acrescenta: *Mantenhamo-nos firmes na nossa esperança, porque é fiel quem nos fez a promessa...*; e noutra parte: *Vendo as promessas de Deus e os seus juramentos, consolemo-nos ao empregar o nosso esforço em alcançar os bens da esperança, que é como uma âncora firme e segura para as nossas almas...* Na verdade, quando se consideram as promessas que Deus fez no Antigo Testamento aos Patriarcas..., ao seu povo escolhido... e a exactidão com que se sujeitou a elas consola vendo a certeza do que nos prometeu: a graça..., o Céu..., a posse e o gozo da visão beatífica..., pois convence-se a alma de que tudo isto não são meras palavras, senão uma doce e grandiosa realidade.

Eis porque S. Paulo, ainda em nossas dores e sofrimentos, nos lembra esta esperança... e nos diz: *Não sofrais como aqueles que não têm esperança...* E S. João, quando fala disto mesmo, de tal modo nos anima, que teme que cheguemos a abusar da bondade, generosidade e fidelidade de Deus, e adverte-nos: *não vos digo tudo isto, meus filhinhos, para que pequeis com mais liberdade, senão para que nunca desespereis e saibais que a todo o momento podeis contar com Jesus Cristo, que será o nosso melhor advogado para com o Pai...*

3.º *Maria, resumo de toda a esperança.* — Ainda quis tornar mais sensível o fundamento da nossa esperança... e para isso colocou toda a esperança em Sua e *nossa* Mãe...

Temos motivo de sobra para confiar e nunca desesperar... ao ver que Deus e nós temos uma única e mesma Mãe!...

Se a nossa esperança em Deus se há-de fundar na sua miserciórdia, na sua bondade e fidelidade..., não vemos claramente que em Maria depositou todos estes títulos, para mais nos animar a recorrer a Ele por meio d'Ela?... É grande a nossa fraqueza?... imensa a nossa miséria?... Mas não ama com mais predilecção o filho doente e desgraçado?... Não é assim que Maria se tem manifestado em todas as ocasiões?... Não foi do coração do povo cristão que espontâneamente brotou esta saudação de *vida, doçura, esperança nossa?* Quando se olha para Maria cessam as dúvidas..., e os desesperos não têm razão de ser, e o desalento não tem lugar. — É verdade que não devemos abusar desta confiança maternal que Ela nos inspira... «Fica-te na Virgem e não corras»..., assim costumamos dizer e com acerto.

Confia n'Ela, porém não julgues que com isso já está tudo feito... com Ela... e apoiado n'Ela... trabalha..., esforça-te por cooperar com a graça de Deus que te distribui Maria, e assim, tranquilamente..., sem pressas..., sem correr, conseguirás lançar primeiro as bases, e depois edificar sòlidamente a tua santidade. — Fixa-te pois bem nisto: nos sofrimentos, humilhações, tentações, lutas e vicissitudes, da vida... um olhar para Maria animar-te-á..., dar-te-á a consolação de que necessitares... alentar-te-á a trabalhar e a praticar as virtudes, custem o que custarem.

8. A Esperança. — O seu objecto

1. *A graça.* — O objecto da esperança, é a graça em todas as suas acepções e em todos os seus graus: — A graça actual..., a habitual..., a final. — É de fé que nada podemos fazer sem a graça... Se Deus nos quisesse perder não teria mais a fazer do que retirar a sua graça... deixar-nos com as nossas fracas forças e cairíamos irremediàvelmente. — Deus, porém, promete-nos a sua graça... e dá-no-la generosamente e em abundância..., muitas vezes até sem a pedirmos..., e outras sem darmos conta... Quantas graças recebemos assim, sem nós darmos conta!

Mas o ordinário é conceder-nos o Senhor as suas graças pela oração; a nossa esperança apoia-se nas graças e nos auxílios necessários que Deus não nos nega se lhos pedirmos..., e que em diversas ocasiões nos enviará, mesmo sem isso, só por sua bondade e misericórdia. — E é tão certa esta nossa esperança, que temos obrigação de crer que Deus quer sinceramente a salvação de todos os homens... e por isso mesmo, que a ninguém nega os auxílios indispensáveis para a conseguir. E entre estas graças, a mais importante é a graça final... ou a graça da perseverança..., pois que sabemos que «só o que perseverar até ao fim se salvará»... e, por outra parte, é também certo que por isso mesmo o demónio redobra os seus esforços para travar a última batalha naquela hora definitiva... Quantas almas

nesse momento não sentiram a tentação da desconfiança..., do desespero. — O demónio, que tantas vezes tirou importância aos pecados quando se cometiam..., agora procura exagerá-los, no sentido de convencer-nos de que não há solução..., que o perdão é impossível... e que não resta mais do que desesperar e condenar-se. — Aqui está, pois, um dos objectos mais importantes da esperança cristã. — O Deus que nos criou..., que nos remiu... e nos assistiu com tanta bondade durante a nossa vida..., não nos deixará agora..., nem nos lançará nos braços de Satanás para que faça o que quiser de nós. — Sem abusar desta confiança..., temos de esperar em Deus, que não nos negará então a sua graça derradeira, com a qual sairemos triunfantes de tudo.

2.° *O Céu.*—É o objecto principal da nossa esperança. — O Céu! a Pátria! a posse de Deus! — Disse o Senhor a Abraão: *Eu serei o teu protector e a tua recompensa imensamente grande*... É verdadeiramente grande esta recompensa. — Não sabemos o que será possuí-la..., basta, porém, a sua promessa para que com ela saibamos já dulcificar todas as amarguras desta vida. — Vê como estas são numerosas e realmente amargas... Toda a vida do homem é um tecido contínuo de sofrimentos... assim o disse Job: *Breve é a vida do homem, mas cheia de muitíssimas misérias*. — Vendo ao homem com olhos terrenos é o ser mais infeliz da criação. — É verdade que não foi assim criado por Deus...; mas depois do pecado, de facto, não é mais do que um montão de asquerosa podridão. — Com o pecado veio a morte... e com esta todo o seu triste e fúnebre cortejo de dores..., penas..., amarguras..., contratempos. — Mesmo ajudados pela graça, não podemos fazer nada de bom sem um grande esforço para vencer a nossa inclinação perversa, que nos arrasta ao mal...

Se considerarmos, porém, tudo isso como coisa que ràpidamente acabará e no fim de tudo havemos de ver a Deus, com cuja posse havemos de gozar por toda a eternidade...,

que mudança tão grande na nossa vida!... Agora, uns momentos de sofrimento..., depois, ver sempre a Deus tal qual Ele é, sem nuvens... face a face..., abismar-nos no oceano da sua formosura infinita... unir-nos a Ele com laços íntimos e indissolúveis..., amá-l'O com amor ardente e abrasado... e com esse amor gozar de Deus numa dita inenarrável..., como não sentir a alma inundar-se de gozo perante esta esperança?

Tinha razão S. Paulo quando dizia: *Não são comparáveis todos os sofrimentos desta vida com o mais pequenino gozo que nos espera no Céu...*, porque ninguém pode imaginar o que aquilo é, pois *nem os olhos viram..., nem os ouvidos ouviram... nem no coração do homem cabe uma parcela sequer do que Deus lá nos tem reservado.* — No entanto, por muito deliciosa que seja aquela torrente de delícias em que se saciam os bem-aventurados..., o que mais satisfaz o nosso coração é a esperança de possuir o próprio Deus — Dizia Santo Agostinho: *Não me dês as tuas coisas, dá-me a ti mesmo...*, — o meu coração não se contenta com menos. — Repete do mesmo modo as palavras de David, quando suspirava e dizia: *Como o cervo deseja as fontes das águas..., assim a minha alma te deseja a Ti e está sedenta de Ti, meu Deus; quando chegarei a isso..., a gozar-te desse modo?...* Esta era a esperança que alentava a todos os santos..., que animou a todos os mártires..., que serviu não só para suavizar, senão para converter em gozo imenso, o que não era mais do que dor e sofrimento.

3.º *A Santíssima Virgem.* — Também Ela é objecto da nossa esperança e não só porque d'Ela também havemos de gozar no Céu..., contemplando a sua encantadora beleza..., a formosura da sua virtude..., a alvura da sua pureza... — mas também, porque d'Ela nos há-de vir a graça de que necessitamos..., a Ela devemos pedir diàriamente..., frequentemente, a graça da perseverança final... Quão fácil não é distrairmo-nos neste caminho da vida..., cansarmo-

-nos de lutar e combater..., deixarmos cobardemente de seguir a Jesus Cristo e enredarmo-nos nas malhas dos nossos inimigos!...

Porém, e soubermos recorrer à Santíssima Virgem, então, nos momentos de maiores trevas..., de vacilação e cansaço, Ela nos animará e nos alcançará a graça da perseverança... Quantos perseveraram por Ela, e sem Ela quantos caíram!... Grande número desses desgraçados, se A tivessem invocado a tempo, não teriam desesperado!... Se Judas tivesse, depois do seu pecado, recorrido à Santíssima Virgem e a seus pés chorado a sua queda... teria posto fim ao seu desespero e acabaria como acabou?... Vê também como Maria viveu sempre com os olhos no Céu, sobretudo depois da ascensão do seu Filho...; não vivia senão de Jesus e para Jesus.

Pede-lhe que te dê um pouco dessa vida..., que sintas alguma coisa dela, para que assim estimes como lodo tudo o que é da terra, e não vivas senão suspirando pela verdadeira vida..., que compreendas bem aquelas palavras de Santa Teresa: *Tão alta vida espero... que morro porque não morro...*

9. A Caridade

1.º *A Vida de Deus.* — A caridade é o amor... e o amor é, essencialmente, a Vida de Deus. — *Deus é amor,* diz S. João — Palavras breves mas quão substanciosas!... E nelas está encerrado tudo o que Deus é, com a sua majestade infinita..., com o seu poder e a sua sabedoria infinita... *Deus é amor*!!! — Está tudo dito.

Pois bem, Maria é isso. — Ela participa igualmente, quanto é dado a uma criatura, da Vida de Deus..., mas dum modo mais excelente..., mais perfeito e real do que nenhum outro ser. — Os Anjos, por serem puros espíritos, não têm outra vida senão conhecer e amar... mas, como não dependem da matéria, os seus actos são espirituais e perfeitíssimos... Sob o ponto de vista da sua natureza, estes actos dos Anjos deviam ser mais perfeitos que os de Maria..., como mais perfeita é a natureza deles. — Ela, porém, o que não teve por natureza, teve-o pela graça... e Deus quis que ninguém a ultrapassasse no seu amor..., que ninguém pudesse comparar-se com Ela, quanto ao participar da própria Vida de Deus... Só Ela havia de amar a Deus, mais do que todas as criaturas juntas... mais do que os Anjos..., Arcanjos..., Querubins... e Serafins..., Só d'Ela se pode dizer que *também era amor*...

Aqui está como deve ser a tua Vida... Também te foi dada uma alma inteligente para conhecer a sua bondade...,

e um coração para amar essa bondade...; visto que o coração não pode deixar de amar tudo aquilo que o entendimento lhe apresenta como bom.

A tua vida há-de ser também assim...; Deus quer que participes da sua vida... e digna-se pôr-se diante de ti, como objecto do teu amor... Portanto, tu deves ser também amor... Só quando amares a Deus em Si mesmo e ao próximo em Deus e por Deus..., só então poderás dizer que vives a tua vida própria...; isto é que é viver como homem..., isto é que é viver dum modo racional.

2.° *O preceito do amor*. — Justamente por ser tão necessário, este elemento do amor à vida do homem, Deus o impôs como um preceito... e pô-lo à frente dos seus mandamentos... e até resumiu n'Ele todos os outros mandamentos..., pois, conforme disse Jesus Cristo, «N'ele, no amor, está encerrada toda a lei e os profetas». — Santo Agostinho dizia, e com muita razão: «Ama e faz o que quiseres».

Mas é estranho que sendo o amor tão necessário à nossa vida... e além disso tão doce e agradável... e tão óbvio e natural o amor de Deus, visto que é bondade suma e formosura infinita... tenha o Senhor necessidade de o impor como mandamento...

Que vergonha para nós!... Porque não pôs um mandamento aos olhos para que vissem..., aos ouvidos para que ouvissem... ou aos pulmões para que respirassem?... Porque sabia que todos estes órgãos cumpririam, naturalmente, com o fim para que foram criados..., porém, duvidou do nosso coração, e ainda que tenha sido criado para amar o que é bom..., o que é nobre..., formoso, temeu Deus que não cumprisse bem com o seu destino... Quanta razão não teve Deus para temer isto!... Pois não deixamos nós, milhares de vezes, o bem único e verdadeiro..., a fonte puríssima de toda a bondade e formosura..., para amar bens terrenos..., bens aparentes, falsos... — bens fugitivos e passageiros, que não podiam encher o nosso coração, nem satisfazer a sua

fome e a sua sede de amor? Que humilhação para nós ter-se Deus visto obrigado a impor-nos como preceito o seu amor!...

Houve, porém, uma criatura para a qual o amor não foi um preceito...; não amou à força..., senão que n'Ela o amor foi o dulcissimo e naturalíssimo acto de toda a sua vida..., viveu uma vida constante de amor... e morreu vítima desse mesmo amor, que a consumiu totalmente... Foi a tua Mãe!... Que vida a de Maria!! Para Ela era impossível viver um instante que fosse, sem amar a Deus!... Jamais foi capaz de apartar, nem um só momento, o seu coração do seu Deus.

3.º *Como se há-de amar.* — Maria amou a Deus como Deus nos tinha ordenado..., com todo o seu coração..., com toda a sua alma..., com todas as suas forças... Eis a medida que Deus marcou ao nosso amor.

a) A Santíssima Virgem amou a Deus com todo o seu coração..., todo!... — Com isto está tudo dito acerca da intensidade do seu amor...; não deu ao Senhor um coração dividido..., não reservou nem uma só fibra... nem uma pequenina parte para Si mesma..., nem para a dar a criatura alguma... todo..., todo inteiro!..., sem limites nem reservas..., sem regatear nem hesitar... *todo* e *sempre*... aquele puríssimo coração pertenceu completo e absolutamente só a Deus. — Deus não quer corações divididos. — Dividir é matar o amor total do coração humano..., e, no entanto, parece que o homem se empenha em regatear esse amor... Divide o seu coração entre Deus e as criaturas... e muitas... muitíssimas vezes, prefere estas; o melhor é para elas... e depois o que sobra... os restos, para Deus... E ainda julgamos que fazemos muito, quando O amamos assim!... Que repugnância não sentirá Deus perante um tal amor!...

b) Maria amou a Deus com toda a sua alma. — Com todas as potências, com toda a vida da alma... O seu entendimento não se ocupou de outra coisa que não fosse Deus

ou que não levasse a Deus... A sua memória recordava continuamente ou fazia-lhe ver os benefícios e graças que do Senhor tinha recebido... A sua vontade só aspirava a cumprir, em tudo, a vontade de Deus e a submeter-se a ela, humilde e alegremente... Nisso punha todas as suas complacências. — De facto, pôr as suas delícias e as suas complacências ùnicamente na execução da vontade de Deus, isso era amá-lO com toda a sua alma. — Por isso, Maria pôde um dia pronunciar com os seus virginais lábios o que sentia no seu coração... e não encontrou outra expressão melhor do que esta: «A minha alma louva e engrandece ao Senhor»... porque na verdade Ela amava a Deus com toda a sua alma.

c) Maria amou ao Senhor com todas as suas forças. — É a consequência natural do coração e da alma que ama a Deus totalmente. — Mas isto quer dizer que era tal a intensidade deste amor, que nada havia que a fizesse retroceder... estava disposta a tudo..., ao maior sacrifício, se fosse necessário, por este amor. — Efectivamente, Deus exige-lhe sacrifícios como a ninguém... e, por amor de Deus, teve desta maneira que sofrer como ninguém, já que a dor e o sofrimento estão em razão directa do amor... E no entanto... nada disto lhe importou... Foi sempre assim a vida de Maria..., nunca se queixou dos seus sofrimentos..., nunca lhe pareceu demasiado grande qualquer sacrifício... nunca deixou de fazer com prontidão e generosidade nada do que a vontade de Deus lhe pedia. — Examina, perante o exemplo da tua Mãe, o teu amor para com Deus... É assim que o amas? ... Podes dizer que cumpres com exactidão o primeiro e mais importante mandamento? — Pergunta a ti mesmo de vagar e responde com sinceridade se tu também podes dizer que amas a Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma..., com todas as tuas forças... e que estás disposto a deixar tudo antes do que perdê-lO e deixá-lO a Ele.

10. A Caridade. — Caracteres do amor

1.º *Amor perfeito.* — É de grande conveniência que nos detenhamos a analisar o amor da Santíssima Virgem a Deus, para ver nele, claramente expressos, os caracteres ou qualidades que há-de ter o verdadeiro e perfeito amor. — Em todos os sentidos que se tome esta expressão, era perfeitíssimo o amor de Maria... isto quer dizer em especial que o seu amor não tinha mistura de egoísmo de nenhuma espécie. — É quase incompreensível o que isto significa e supõe. — Todo o amor humano, ainda o mais puro..., até mesmo o amor de Mãe, é difícil que não leve algum egoísmo. — Amar só por amor..., não procurar nem desejar no amor alguma coisa para si mesmo..., como é difícil encontrar na terra este amor tão puro!

O puro amor de Deus é, portanto, um amor que ama por ser Deus quem é..., digno de ser amado com todo o amor das criaturas, pois Ele é o sumo bem..., é um amor desinteressado..., não ama a Deus pelos bens e dons que d'Ele espera receber..., nem sequer por assegurar a própria salvação eterna. — É certo que este amor não é mau, e portanto que podemos e devemos amar a Deus igualmente por estes motivos...; não é, porém, menos certo que este amor é mais imperfeito que o primeiro..., mais egoísta..., mais interessado..., menos desprendido.

Maria amou a Deus com um puro e perfeitíssimo amor...;

não O amou pelo que d'Ele tinha recebido..., nem pelo que esperava. — Antes do Anjo lhe oferecer a coroa da sua Maternidade Divina, já Ela O amava com todo o seu coração... e se Deus não tivesse fixado n'Ela o seu olhar, nem se tivesse lembrado d'Ela para nada..., sem dúvida não teria sido Mãe de Deus...; mas seria sempre a escravazinha que amava ao seu Deus e ao seu Senhor com toda a sua vontade e com todas as suas forças. E foi precisamente este amor que tanto encantou a Deus!...

2.º *Amor apreciativamente sumo.* — É de absoluta necessidade que amemos a Deus deste modo... É o que precisamente diz o catecismo: «que estejamos dispostos a perder tudo antes do que ofender ou abandonar a Deus»... É o amor de preferência que coloca a Deus em primeiro lugar, e o prefere sempre a todos os amores... não é um amor de sentimento, mas de predilecção. — Distingue bem entre o sentir e o ter amor... Às vezes Deus não nos dá o sentir, o gosto do amor; porém, nem por isso se ama menos do que quando a alma nada nas dulcíssimas delícias do amor.

Não é, pois, necessário experimentar a sensação do amor. — Pode um ter muito amor e no entanto não o sentir...; pode haver um outro que tenha mais amor a uma coisa e sentir mais afecto a outra..., porém, a prova do maior e verdadeiro amor estará em que, chegada a ocasião de eleger uma ou outra, se está disposto a sacrificar a que menos se ama... É evidente que amará mais a coisa que escolhe do que a que abandona. — Uma Mãe pode sentir mais amor a sua filha que a Deus...; terá mais fàcilmente um carinho mais afável a seu filho..., porém, não se poderá dizer que o ama mais que a Deus, se está disposta a sacrificar esse filho, antes do que ofender a Deus.

Eis o que foi o amor da Santíssima Virgem... Foi um amor pleno no sentimento e no afecto..., porém, sobretudo, foi-o no apreço e na predilecção...

Faça-se em mim segundo a tua palavra. Não vês nesta

expressão a vontade firme, disposta a tudo sacrificar à vontade de Deus? É o total desprendimento do próprio coração..., desapegado de tudo..., sem compromissos com nada nem com ninguém..., o coração que não encontra atractivo senão em Deus... Ah! E não são meras palavras e expressões bonitas. — Contempla a Maria junto à Cruz, e diz-me se o seu amor para com Deus não é apreciativamente sumo: para fazer o que o amor de Deus lhe pedia, sacrifica tudo, ainda o que possuia de mais santo e de mais querido: o seu próprio Filho!

3.º *Amor triste* e *doloroso*. — Não é possível haver um amor grande e intenso que não seja ao mesmo tempo triste, porque necessàriamente se há-de entristecer ao ver desprezado..., desconhecido..., injuriado Aquele que se ama. — O Amor de Maria teve de ser intensamente triste, ao contemplar a dureza do coração daquele povo escolhido, que tão mal correspondia aos benefícios de Deus.

Medita na sua dor e na sua tristeza, quando contemplava a frieza e a tibieza dos judeus no templo, profanando-o com os seus negócios...; o abuso dos próprios príncipes e sacerdotes..., dos fariseus..., dos escribas e rabinos, que davam tanta importância às exterioridades da lei, enquanto o seu coração estava tão longe de Deus... — Qual não seria a dor da Santíssima Virgem quando soube da inveja..., da hipocrisia refinada..., da raiva e do ódio que se escondia naqueles sepulcros branqueados..., e que terminou na perseguição rancorosa de que fizeram objecto a seu Filho!... E quando soube que O tinham arrastado à Sinagoga..., que o quiseram apedrejar..., que intentaram despenhá-lO... quantas vezes diria as palavras de Jesus à Samaritana: «Se conhecêsseis o dom de Deus... e quem é este que vos fala... que vos prega e faz estes milagres e prodígios!»

Não o conheciam..., porém, deviam conhecê-lO, e tudo isto aumentava, mais e mais, a dor e a tristeza do Coração de Maria, ao ver o seu Filho desconhecido..., incompreen-

dido..., porém, culpadamente, pois eram cegos que tinham olhos, e não queriam ver... surdos que tinham ouvidos, e não queriam ouvir...

E da parte dos próprios Apóstolos, quanto não devia sofrer Maria, ao ver a rudeza daqueles homens que não acabam de compreender a divindade do seu Filho e a espiritualidade do seu reino?!... Ah! e como sofreria com Judas..., com Pedro..., com os outros que fugiram na Paixão ou foram tão incrédulos na Ressurreição!...

Não esqueças, pois, estas notas características do amor, e por elas mede a intensidade do teu amor a Deus.

Considera os teus próprios pecados, e se os detestas com verdadeira contrição e sentes grande dor de os ter cometido, sinal é que amas deveras a Deus..., pois a contrição não é mais que isso, o amor triste e doloroso com que ama a alma envergonhada e arrependida... e mais ainda, o que deveras ama a Deus há-de sentir dor não só pelos seus próprios pecados senão pelos do seu próximo, afligir-se-á por eles, como se fossem seus.

Não podes, portanto, ver com indiferença que Deus seja desconhecido, e que se trabalhe tão pouco por estudá-lO e compreendê-lO...; que seja ofendido de tantos modos... e por toda a espécie de homens. — O maior tormento dos Santos era ver que Deus não era amado como devia sê-lo pelos homens, e esforçavam-se com o seu carinho e amor, por suprir tantas injúrias, tantos pecados e tanta desonra... É o que tu mesmo deves fazer em companhia da tua querida Mãe, a Santíssima Virgem, até chegar a conseguir que Deus se dê por contente com o teu amor, e com o esquecimento das ofensas dos ingratos... Como serás feliz se chegares a fazer alguma coisa de semelhante com um Deus que tanto ama os homens!

11. A Caridade. — Outros caracteres do amor

1.º *Amor de complacência.* — Outros caracteres do amor que devemos a Deus, e que lhe teve a Santíssima Virgem, são: *A complacência* e a *benevolência*, que vêm a ser como que os actos interiores do amor de Deus, em que a nossa alma pode e deve exercitar-se quando ama. — O amor de complacência é o amor que Deus se tem a Si mesmo..., ao contemplar a sua própria assência e ver nela a sua infinita santidade..., a sua imensa bondade..., não pode deixar de ter uma complacência infinita. — Deus não nos pode amar a nós com este amor..., não encontra em nós nada em que se possa comprazer..., nem sequer a imagem da sua essência, que nos imprimiu na criação, porque, pelo pecado, o homem teve a desgraça de a apagar da sua alma... Pecados..., faltas..., misérias..., eis o que Deus vê em nossas almas... Que prazer ou que espécie de complacência poderá sentir à vista disto? !... Nós, porém, sim, que podemos e devemos amar a Deus desta maneira.

Ainda que visto a tão grande distância, qual é a que nos separa de Deus, não podemos deixar de contemplar, por pouco que o vejamos e o estudemos, a sua incomparável formosura..., á sua santidade..., o seu poder..., a sua sabedoria..., a sua justiça e a sua misericórdia... — De sorte que, assim como uma Mãe se compraz nas perfeições e boas qualidades de seu filho, que o seu amor de Mãe muitas

vezes exagera e aumenta..., assim nós havemos de ter complacência especial em admirar reflectidas nas criaturas todas essas perfeições de Deus..., deleitando-nos ao ver e contemplar a sua grandeza... magnificência..., regozijando-nos de que seja como é... e extasiando-nos perante a excelência de todos os seus atributos e perfeições.

Vê como esta complacência é a que constitui a glória dos santos e bem-aventurados no Céu, os quais, ao verem a formosura da essência divina, sentem tal gosto e felicidade que não podem conter-se sem prorromper, em união com os Anjos, naquele cântico do *Santo... Santo... Santo...* que há-de durar por toda a eternidade.

Amar, pois, assim a Deus será antecipar na tua alma a glória do Céu... Como é excelente este modo de amar a Deus, com o amor da complacência!... Que bem o exercitaram os santos, quando viam a Deus em todas as criaturas, e se extasiavam na contemplação de uma flor..., das estrelas..., do sol..., etc., vendo em todas elas um reflexo da beleza de Deus!...

2.º *Amor de benevolência.* — É, como a palavra o explica, o amor que quer bem... e trabalha por fazer bem a quem ama. — Aqui podemos abismar-nos ante o amor infinito de benevolência que Deus nos tem. — Se tudo..., tudo quanto possuímos é d'Ele... se tudo quanto nos deu é um bem e para nosso bem, nós, pelo contrário, quão pouco amor de benevolência podemos ter aos que amamos... pelo menos quão pouco eficaz é o nosso amor! — É tão pouco o que podemos dar ao nosso próximo!... Quiséramos dar-lhe saúde..., glória..., riquezas..., gostos..., comodidades..., tudo isto, porém, não passa de um vão desejo, que não podemos converter em realidade... Queremos..., desejamos..., porém, não podemos... Quantas vezes temos de nos contentar com só mostrar o nosso desejo!... Quantas vezes temos de agradecer esse desejo que nos é manifestado! Porém, o extraordinário é que tratando-se de Deus não é assim...

Ainda que não pareça verdade, também *podemos e devemos* amar a Deus deste modo. — Não só podes desejar o bem de Deus, senão que lho podes dar...; podes ser útil a Deus... Será isto possível? e se é possível, não será a expansão mais perfeita do amor..., saber que podemos corresponder ao amor que Deus nos tem e que lhe podemos devolver alguma coisa do muito que nos deu? ... Que ditosos somos!... Haverá maior felicidade para um coração que ama?! Abisma-te e regozija-te neste suavíssimo pensamento... E que podes fazer por Ele?... Em que lhe podes ser útil?... Que podes dar a Deus?

a) A glória extrínseca que Lhe pode vir das criaturas. — Deus criou tudo para a Sua glória..., por isso as criaturas hão-de dar glória a Deus a seu modo..., porém, este modo é muito imperfeito, visto que elas não têm conhecimento nem podem louvar a Deus, que são as duas condições para lhe tributar glória... Portanto, é o homem que em nome de toda a criação deve dar a Deus a glória que Lhe é devida por todas as criaturas. Trabalhar, pois, por honrar..., servir..., louvar e glorificar a Deus é amá-lO com amor de benevolência..., é dar a Deus o que podemos e devemos dar-Lhe. — Naturalmente, com isso não aumentaremos nem um só grau da sua glória intrínseca e essencial..., o que não está na mão das criaturas...; havemos, porém, de aumentar a glória exterior, que consiste nos louvores... e homenagens que deve tributar-Lhe toda a criação, como a seu Senhor e Criador...

b) O zelo é o que em segundo lugar também podemos dar a Deus..., isto é procurar almas..., ganhar almas... nas quais Deus seja conhecido..., amado..., louvado e glorificado.

Este zelo é tão essencial na vida do amor, especialmente do amor de benevolência, que com razão se disse: «Quem não zela, não ama». — O zelo é como que a chama do amor...; se há fogo de amor, haverá chamas de zelo... era este o zelo que devorava os santos e os levava a supor-

tar os maiores perigos e mesmo a morte, contanto que dessem a Deus almas ganhas com os seus sacrifícios e trabalhos.—Não negues a Deus o que podes fazer neste sentido por Ele... Trabalhar para a sua glória! Fazer que outras almas também O glorifiquem! E, para isso, anima-te com o exemplo dos santos e, sobretudo, com o da tua querida Mãe.

3.° *O exemplo de Maria.* — Que amor de complacência o seu!... Quem melhor do que Ela conhecia a Deus para apreciá-lO e amá-lO com loucura, cada vez mais, e comprazer-se em suas perfeições infinitas!... Quem houve jamais que pudesse ver melhor a Deus... e gozar mais d'Ele que Maria, que em seu Filho via constantemente ao mesmo tempo o Seu Deus!... Por outra parte, ninguém causou em Deus amor de complacência como Ela.

Dizíamos que Deus não via em nós nada digno de O comprazer..., mas em Maria não se dava o mesmo...; n'Ela tudo agradava e contentava a Deus... Que consolação ter uma mãe assim!... Por que não havemos nós de trabalhar por nos parecermos com Ela... e revestir-nos das suas virtudes, para que assim Deus se possa comprazer ao olhar para nós?!

E se considerarmos o amor de benevolência..., ainda se vê mais claramente em Maria a perfeição do seu amor. — Ela deu a Deus o que nunca ninguém Lhe pôde dar..., nem na terra..., nem no Céu...; jamais se deu maior glória a Deus que a que lhe dava o Coração de sua Mãe Imaculada. — Lembra-te do *Magnificat* e diz se houve alguém que tivesse podido cantar melhor a glória de Deus que Aquela sua divina escravazinha. — Finalmente inflama-te..., abrasa-te no zelo que sempre ardeu no seu Coração, pois este é a fornalha onde sempre foram inflamar-se as almas santas para no fogo do Coração de Jesus..., e com ele correr logo a incendiar e a abrasar toda a terra.

12. A Caridade. — Amor a Jesus

1.º *União perfeita.* — Dizemos muitas vezes e com verdade, que Maria amava ternamente a Jesus, porque enfim era seu Filho..., mas, ao mesmo tempo, em seu Filho via..., adorava... e amava o seu Deus. — Todos os actos de amor maternal para com o seu Jesus eram actos puríssimos de amor de Deus... e a união estreitíssima que como Mãe teve com seu Filho, foi causa da união íntima e perfeita do seu coração com Deus. — Não esqueças que isto é que é amar..., dar-se ao amado..., é perder-se n'Ele..., é unir-se e juntar-se... e fundir-se com Ele de tal modo que seja com Ele uma mesma coisa..., uma só vida..., um só coração... uma só alma. — Tudo isto se cumpriu em Maria de uma maneira para nós inexplicável... e ininteligível...; nunca chegaremos a penetrar na intensidade íntima e perfeitíssima da união entre Maria e Jesus..., entre Maria e Deus.

Durante o tempo que permaneceu Jesus no seu puríssimo seio..., por um incompreensível mistério de humildade e de amor por parte de Deus..., a vida de Deus foi a vida de Maria... a própria substância de Mãe nutre e alimenta o seu Filho, que é Deus e... Deus transmite a sua Mãe todas as suas ideias e sentimentos. Que revelações! Que

afectos! Que sentimentos! — Que oceano de luz e de amor! — Maria tem o próprio Céu no seu Coração..., não precisa levantar os olhos para cima para orar a Deus, senão recolher-se no seu interior, porque tudo ali tem...; física e moralmente, é uma mesma coisa com Jesus... Ora com a oração de Deus..., vive com a vida de Deus..., ama com o amor de Deus... Que coisa mais admirável! Que venturosa união!

Detém-te por largo espaço a contemplá-lA e a admirá-lA, e depois... pergunta a ti mesmo: não posso aspirar a alguma coisa de semelhante? — Deus fez-se homem para unir-se desta maneira só com a santíssima Virgem, sem dar-nos a nós nenhuma participação desse amor..., dessa união? Bem sabes que não... Deus chama-nos a essa divina união por meio da vida da graça... um coração em graça, que se entrega sem reservas a Deus, é um coração que vive a vida de Deus. — Deus é que se derrama na alma em graça, e a inunda com a sua luz... com o seu amor... e é Ele quem trabalha, opera e vive n'Ela.

Não é isto, ainda, o que de uma maneira real e física acontece na Comunhão?... Que significa Comunhão, senão união comum..., união mútua de vida..., de afectos e de sentimentos entre Deus e a alma?... Não é isto o cumprimento exacto daquilo de S. Paulo: *Não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*? — Se Maria em Jesus via e amava a Deus, o nosso amor a Deus também pode concretizar-se no nosso amor a Jesus... e de aí que, a imitação de Maria, o perder a Jesus..., o deixar de O amar..., deve ser para nós a maior desgraça...

2.° *O maior mal que nos pode acontecer*... Não foi assim para a Santíssima Virgem? — Pôde Deus dar-lhe maior tormento que o que Ela sofreu com a perda de Jesus? — Lembra-te do que já meditaste sobre esta passagem da vida de Maria..., da ansiedade e tortura que despedaçou aquele coração de Mãe..., do seu temor e das suas angús-

tias... Que horríveis dúvidas e incertezas... Que teria acontecido a seu Filho?... Tê-lO-iam roubado..., maltratado..., morto?... Quem sabe?... Segundo S. Afonso Maria de Ligório, esta foi a maior e a mais amargosa de todas as dores da Santíssima Virgem..., ou pelo menos, uma das maiores... Perder Jesus!... Viver sem Jesus!... Que sentes diante deste pensamento?...

Todos os sofrimentos e todas as dores juntas, sofridos na companhia de Jesus, não se podem comparar com esta só dor... Porque, se perdes a Jesus, quem te pode consolar?... Encontrarás nas criaturas alguma coisa que possa suprir a Jesus?— Aquelas boas almas que viram as torturas da Santíssima Virgem também procurariam tranquilizá-lA..., dir-Lhe-iam palavras de consolação e de alento..., porém, tudo isso, de que valia? Que Lhe importava o que Lhe podiam dizer, se a Ela uma só coisa Lhe importava... saber onde estava Jesus?

A perda de Jesus..., da sua graça..., da sua amizade..., é, não duvides, a maior perda... o maior castigo... Que maior tormento pode haver que estar privado de Jesus?... É assim o que sentes?— Pede à Santíssima Virgem que sintas assim mais e mais, para que deste modo vivas o mais longe possível de toda a sombra, ainda que pareça pequena, do pecado; pois com o pecado se perde a Jesus...

3.º *A maior diligência.* — Portanto, a maior diligência será procurar Jesus, se por desgraça O tiverdes perdido... Não deixes passar nem um só momento..., nem um instante..., não durmas sossegadamente sem o teu Jesus: — Que fez Maria?... Esperou que amanhecesse e dormiu tranquilamente naquela noite?... Vê como nem pensa em comer..., nem em dormir..., nem em descansar...; nada Lhe importa, nem a própria vida...

Por isso, imediatamente, regressa pelo caminho andado..., nem repara nas dificuldades..., não Lhe importa que seja

longo o caminho e custosas as jornadas que já percorreu, para voltar a fazê-las...; e nas praças, ruas e hospedarias... por toda a parte... e com todas as pessoas, mostra a solicitude que a martiriza e o afã que A não deixa viver. — Ela teve que correr muito, tu, porém..., se quiseres, quão fàcilmente podes encontrar a Jesus.

Se tens devoção a Maria, não será fácil que O percas..., porém, se O perderes, Ela te ensinará o caminho para O encontrares... Nos braços de Maria encontrarás sempre Jesus... Vai a tua Mãe com dor..., com arrependimento..., imita-A..., desvia-te do caminho que te levou ao pecado..., volta para trás..., entra pelo caminho da imitação da Santíssima Virgem e verás como depressa encontrarás o que desejas.

4.° *A maior alegria.* — Encontrar a Jesus! sim, será essa a maior alegria... Qual não teria sido a da Santíssima Virgem, quando por fim achou no Templo a seu Filho!... Como de repente se teria enchido de luz o seu coração escuro e entenebrecido! Que júbilo para aquele coração de Mãe! — Na igreja onde Ele está sacramentado..., onde Ele tem o seu trono de amor, quer que também nós O busquemos, e ali O achemos..., se é precisamente para isso que Ele ali está..., para esperar-nos..., para chamar-nos..., para correr para nós a dar-se-nos todo, logo que o procuremos... Que loucura a nossa, viver de costas para Jesus quando tão fàcilmente O podemos encontrar..., e possuí-lO, se quisermos!... Não O afastes de ti e Ele não se retirará... não te canses d'Ele, que Ele não se cansará de ti, se tu não quiseres. — Pede muito isto ao Coração da Santíssima Virgem...

Lê para terminar, e saboreia devagar o Capítulo VII do Livro II da «Imitação de Cristo», em especial estas expressões: *Quando Jesus está presente, tudo é bom e nada parece difícil..., mas quando está ausente, tudo é duro. — Estar sem Jesus é terrível inferno..., estar com Jesus é*

doce paraíso. — Enquanto Ele estiver contigo, ninguém te pode causar dano. O que acha a Jesus acha um bom tesouro e na verdade um bem sobre todo outro bem. — Ao contrário, o que perde a Jesus perde muitíssimo e mais do que se perdesse o mundo. — Quão pobre é o que vive sem Jesus e quão rico o que está bem com Ele. — Pensa que muito fàcilmente podes desterrar de ti a Jesus e perder a sua graça, se te apegas às coisas da terra. — Suplica à Santíssima Virgem que te dê a conhecer e a sentir bem tudo isto.

13. A Caridade com o próximo

1.º O *mandamento novo.* — O amor ao próximo é a segunda parte do primeiro mandamento da Lei de Deus: Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. — Bem se pode dizer que é um reflexo do amor de Deus..., pois não é possível amar a Deus sem amar ao próximo. — A medida do amor a Deus é o amor ao próximo... Vê como amas a este e saberás os graus do teu amor para com Deus. — São muito conhecidas as palavras de S. João: *Se alguém disser que ama a Deus e aborrece o seu próximo, é mentiroso*... E dá a razão disso: *Porque se não ama o próximo que vê, como amará a Deus a quem não vê?*... Que bem gravado tinha no seu coração este amor o discípulo que melhor entendia de amor!... Por isso, a sua pregação reduzia-se a inculcar sempre este amor... e se lhe perguntavam por que não variava de tema, respondia: *Porque o amor ao próximo é um preceito do Senhor, e se se cumpre bem, isso só basta.*

Efectivamente, é um preceito do Senhor... promulgado por Ele em forma totalmente nova... Na antiga Lei, dizia-se: *Ama ao próximo como a ti mesmo.* — Porém, agora Jesus Cristo diz: *Amai-vos uns aos outros como eu vos amei*... Que amor tão forte! Havemos de amar ao próximo até ao sacrifício..., até à morte... Assim nos amou Jesus Cristo... este é o grau do seu amor, que nos manda imitar neste preceito. — Tem razão quando diz, que é um mandamento novo..., pois ainda que já antigamente se preceituava esse amor, é, porém, novo no modo..., na intensidade..., no grau de amor.

Por conseguinte, é impossível separar o amor sobrenatural do próximo, do amor de Deus, porque quem ama verdadeiramente a Deus não pode deixar de amar tudo o que Ele ama... Quanto não ama Deus ao homem, se por ele sofreu... e morreu... e derramou todo o seu sangue?— Só assim se explica que em todos os santos, quanto mais crescia o amor de Deus, mais aumentava o amor ao próximo.

Jesus Cristo quis pôr este amor como distintivo dos seus discípulos: *Nisto se conhecerá que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros...* E isto foi tão perfeitamente compreendido pelos antigos e fervorosos cristãos, que todos os conheciam por isso e os próprios gentios exclamavam: *Vêde como se amam mùtuamente..., até quererem morrer uns pelos outros...*

2.º *Como Maria nos ama.* — Medita agora no amor de Maria pelos homens... Se os cristãos se amavam assim, como não seria o amor de Maria?... Como nos amará actualmente? Não se pode compreender o seu amor, senão comparando-o com o do próprio Jesus Cristo. — Depois d'Ele... e do modo mais semelhante ao d'Ele, ninguém como Maria nos amou. — É amor de Mãe...; com isto está tudo dito, pois não há amor como o das Mães..., mas uma Mãe que reune no seu coração todas as ternuras maternais que Deus repartiu entre as outras mães. — O próprio Jesus Cristo fez-nos seus filhos aos pés da Cruz... somos filhos das suas dores e sofrimentos, pois tanto Lhe custámos e tanto A fizemos sofrer. — Somos irmãos de Jesus Cristo; como, pois, não nos há-de amar ao mesmo tempo... e da mesma maneira que a seu Filho?— Maria não pode deixar de ver quanto Deus nos ama... Percorre em sua companhia os benefícios que d'Ele recebemos: naturais e sobrenaturais..., a graça..., a participação da sua vida..., a adopção que faz de nós filhos de Deus..., templos do Espírito Santo...; a obra de Jesus Cristo na Incarnação e Redenção..., a sua vida..., o seu sangue..., a sua divindade..., os Sacramentos...,

a Igreja..., a Eucaristia..., a Santa Missa..., tudo para nós!... Tudo fez única e exclusivamente para nós!... «Tudo fazia pensando em mim», pode dizer cada um. Como é grande o seu amor!...

Assim é, portanto, o de Maria... Ela não pode ver com indiferença uma coisa tão sumamente do agrado de Deus...; só isso bastava, mas muito mais quando Ele lho manda... Que vai pois fazer a obedientíssima Maria, senão abraçar-se com esta cruz da nossa maternidade e começar a amar-nos com todo o seu coração... como tinha amado a seu Filho? A Mãe de Deus é minha Mãe!... logo, ama-me como ama a Jesus. — Uma boa mãe não faz distinções entre os seus filhos..., ama a todos igualmente... se por acaso faz alguma distinção, é com o filho doente..., desgraçado..., miserável..., com aquele que mais a tem feito sofrer... Poderemos dizer alguma coisa de semelhante de Maria?... então as suas predilecções serão para nós..., e assim é na verdade, ainda que pareça incrível.

Em certo modo, podemos dizer que nos ama ainda mais do que amou a Jesus. — Contempla a Santíssima Virgem aos pés da Cruz, e ao vê-la como sacrifica o Seu Filho..., diz-me se não será verdade esta afirmação... Não duvida em autorizar..., em consentir na morte de Jesus, contanto que nós vivamos. — Deus fez o coração da Santíssima Virgem dotado de uma ternura especial, qual convinha para amar a seu Filho... Essa mesma delicada ternura tem Maria por ti..., emprega-a a amar-te... Que felicidade a tua! Que sorte! Que mais podes desejar ou anelar?...

3.º *O teu amor ao próximo.* — É tua obrigação..., amar ao próximo como Jesus e Maria te amaram a ti... e te amam agora. — Este amor há-de ser um amor sobrenatural, quer dizer, não o hás-de amar sòmente por simpatias..., nem repelir ninguém por antipatias... Essa razão é muito baixa e terrena..., seria procurar no amor o teu gosto..., a tua complacência..., o teu agrado...; isso seria buscar-te a ti

mesmo...; portanto não seria amor..., porque o amor consiste em dar-se e comunicar-se desinteressadamente.

Por conseguinte, hás-de amar o próximo *em Deus,* quer dizer, porque é alguma coisa de Deus..., imagem viva de Deus. — Hás-de amar *por Deus,* porque Ele to ordena e te ensina com o seu exemplo, para assim lhe obedeceres e para melhor O imitares. Hás-de amá-lo *para Deus,* pelo caminho que assegure a sua posse no Céu.

Além disso, há-de ser um amor *universal,* isto é, que não exclui a ninguém..., a bons e maus..., aos que te querem bem e aos que te odeiam..., aos conhecidos e amigos, e aos estranhos e desconhecidos. — Um amor *sacrificado,* como o de Jesus..., como o de Maria...; pelo bem do próximo, especialmente pelo seu bem espiritual; hás-de tudo sacrificar...; tudo te deve parecer muito pouco..., não hás-de contentar-te com fazer o menos custoso, senão o que julgues mais proveitoso...; hás-de pedir e orar por ele, e se puderes, deves fazer mais..., deves procurá-lo..., falar-lhe..., corrigi-lo..., atraí-lo..., etc.; enfim, deves praticar aquilo de S. Paulo: «Fazer-te todo para todos, para levar todos para Cristo».

Assim compreenderam esta lição todos os santos. — Que não fez um S. Francisco Xavier..., um S. Pedro Claver..., uma Santa Teresa de Jesus..., etc., pelo seu próximo..., pelos pecadores..., pelos herejes e cismáticos e até mesmo pelos infiéis?... Ouve a S. Paulo que diz: *Queria ser anátema pelo bem dos meus irmãos...* Ouve a S. Francisco de Sales, que escreve estas suavíssimas palavras: *Aprendamos de uma vez a amar-nos neste mundo, como depois nos havemos de amar no Céu... Oh! quando chegará o dia em que estejamos todos penetrados de doçura e caridade com o próximo!... Amemos a nossos irmãos com toda a amplidão dos nossos corações.* — Estas palavras e estes afectos aprendem-se ùnicamente contemplando a Jesus e na escola de Maria.

14. A Caridade com o próximo

1.º *Sentimentos e desejos.* — Para tornar mais práticas estas meditações da caridade, detenhamo-nos naqueles pontos em que mais nos parece faltarmos a esta virtude. — E antes de tudo consideremos e examinemos os nossos afectos e sentimentos interiores...; é muito fácil falar nestes pontos, primeiramente fomentando no nosso coração afectos de murmuração e inveja para com os outros. — Que subtil não é esta tentação!... Louva-se o próximo por uma coisa que fez bem..., quem sabe até se melhor do que nós...; ouvimos palavras que enaltecem a sua simpatia..., a sua graça..., o seu talento..., a sua beleza..., a sua habilidade, etc., e brota espontâneamente o sentimento de emulação em nós...; não queríamos que assim fosse..., que ninguém nos levasse a dianteira..., que fôssemos os primeiros em tudo... Como tudo isto é humano..., porém, que miserável!

A Santíssima Virgem foi já feita Mãe de Deus..., sabe que Deus concedeu um filho a sua prima... e esconde a sua conceição milagrosa, corre a casa da sua prima a felicitá-la..., a congratular-se com ela... e quando se vê descoberta por Santa Isabel, que inspirada no Espírito Santo prorrompe em louvores de Maria, esta levanta o coração a Deus e a Ele dirige, com o seu *Magnificat,* todo o louvor e toda a glória. — Eis qual deve ser a nossa conduta, se virmos no próximo mais bens temporais ou espirituais...,

que é mais estimado e honrado..., que é preferido a nós..., que tem mais talento e mais habilidades..., etc. — Não nos entristeçamos, nem tenhamos inveja do que é dele...; corramos, como a Santíssima Virgem, a felicitá-lo..., sejamos os primeiros a alegrar-nos sinceramente com ele... e louvemos a Deus pelos bens que derramou sobre essa pessoa.

Devemos igualmente abafar todo o sentimento de ódio..., de rancor..., de vingança, contra o nosso próximo. — Se nos ofendem nalguma coisa, devemos ser generosos no perdão..., não perdoando a meias..., senão muito deveras e muito do coração. — Não admitas estas expressões *que perdoas, porém, não esqueces..., que não guardas rancor, que não queres nada com ele..., que não pretendes vingar-te, porém, alegras-te com o seu mal...*; tudo isso indica muito pouca caridade..., muito pouco espírito de Jesus Cristo. — Ele perdoou e até amou aos seus inimigos..., desculpou os seus verdugos... intercedeu ante o Seu Pai para que lhes perdoasse. — Maria, junto da Cruz, também se não revolta..., nem os insulta..., nem dirige palavras de vingança contra aqueles desgraçados que maltratam o seu Filho...; olha-os com pena..., lastima-os, e também pede, como vingança, a conversão deles.

Jesus Cristo quer que amemos aos nossos inimigos..., aos que nos ofendem..., aos que nos desagradam. — Este é o amor sobrenatural próprio dos cristãos. — Amar a quem nos ama..., querer bem a quem nos honra e nos estima..., tratar com carinho a quem nos agrada e atrai pela sua simpatia..., tudo isso também fazem os pagãos..., para isso não nos faz falta a virtude. — Pede, pois, à Santíssima Virgem este amor de verdadeira caridade para com o próximo, sofrendo os seus defeitos... e levando com paciência o que nele te desagradar.

2.º *Juízos.* — Esta é outra forma muito corrente de faltar à caridade..., o bendito juízo temerário, que, por nossa malícia... ou por não passarmos por tolos nem ser-

mos enganados pelo próximo, tão fàcilmente fazemos dele... Deus proibiu-nos tais juízos, quando nos disse: *não julgueis e não sereis julgados...* e S. Paulo acrescenta: *quem és tu para julgar alguém*? Se cai ou se está de pé, a ti que te importa? Isso pertence ao Senhor, ou seja a Deus.

O juízo temerário é uma ofensa contra o próximo, pois o julgamos sem verdadeira razão..., sem fundamento certo; e é uma ofensa directa feita a Deus, pois queremos usupar-Lhe o ofício de juiz dos vivos e dos mortos. — Ele nos julgará a todos um dia, e então aparecerá claramente o que cada um foi diante de Deus, e se somos dignos de louvor ou de vitupério na sua presença. — Pensa que o custoso é saber julgar com rectidão..., de sorte que seria uma grande preocupação, se Deus nos tivesse mandado julgar-nos uns aos outros...; é tão fácil enganar e enganar-se..., deixar-se levar das aparências..., das simpatias... ou antipatias... Se Deus, porém, nos manda o que é mais fácil, que é não nos metermos a julgar, e reserva para Si o mais difícil, por que somos tão néscios em nos ocuparmos no contrário?

Enfim, já que nos pomos a julgar, por que não o fazemos com rectidão e caridade? ... Porque, ao julgar, não vamos prevenidos para deitar tudo à boa parte, em vez de pormos malícia em tudo?... Porque não nos pomos nós no lugar do próximo e não nos julgamos então?... Ah! Como seriam diferentes os juízos! — Que medida tomamos para nós, e quão diferente para os outros!... O que é nosso desculpamo-lo..., explicamo-lo..., porém, para os outros não admitimos atenuantes..., senão que julgamos rigorosamente. — Pois bem, repete muitas vezes: *Com a medida com que medirdes, sereis medidos também.* — Que imaginas faria a Santíssima Virgem?... Qual seria a sua medida? ... Como julgou a S. Pedro... aos apóstolos cobardes..., incrédulos..., etc.? — Suplica-Lhe que te dê entranhas de caridade, para que assim, com essa medida, meças agora e sejas medido algum dia.

3.º *Palavras.* — *O que não peca por palavras,* diz S. Tiago, *é varão perfeito...* Por isso há tão poucos perfeitos. — Quantos pecados da língua! — S. Francisco de Sales, queria ir com um carvão aceso purificando a língua dos homens, porque, quão poucos seriam os que não necessitariam dessa purificação!

Pensa nas conversas e visitas, onde tanto se falta à caridade!... Parece impossível sustentar uma conversa sem se manchar o próximo. — S. Bernardo diz que a murmuração é *uma lança de três pontas, porque fere a pessoa de quem se murmura tirando-lhe a fama... fere ao que murmura fazendo-o pecar..., fere ao que escuta, escandalizando-o e fazendo-o cair no esmo pecado.*

Não esqueças que a murmuração é um pecado de si mais grave que o furto, pois se este rouba bens materiais, a outra rouba a fama, que vale muito mais. — Não se fala aqui da calúnia, porque esse não é pecado contra a caridade, senão contra a justiça.... por isso obriga à restituição; mas sim das críticas..., censuras..., murmurações..., etc. — Quanto se critica e murmura dos superiores...., até das autoridades eclesiásticas..., dos iguais e inferiores!... É necessário fazer propósito de não falar de ninguém... nem de ouvir com gosto conversas deste género... Quando na tua presença se murmurar, corta a conversa se puderes..., foge dali se te é possível..., desvia hàbilmente a conversa..., mostra sempre desagrado para que diante de ti não voltem a murmurar.

Detém-te a recordar a visita da Santíssima Virgem a sua prima... Escuta a sua conversa... Medita as suas palavras... Que modelo de visitas!... Que conversas exemplares!... Não seria sempre assim? Concebes a Santíssima Virgem metida em mexericos de comadres..., falando de toda a gente?... Porque não a hás-de imitar? Porque Lhe não pedes que te ajude a ser como Ela, num ponto tão belo e tão necessário como é este da caridade com o próximo?

15. Obras de Misericórdia

1.° *A sua necessidade.* — É nas obras de Misericórdia que pràticamente exercitamos a caridade. — Não basta a caridade de afectos..., de sentimentos..., de juízos e de palavras...; é necessário que também a tenhamos nas obras. — Assim o disse expressamente S. João: *Meus filhinhos, não amemos só com a palavra e com a língua, senão com obras verdadeiras.* — Portanto, o amor há-de consistir mais nas obras que nas outras coisas.

Por outra parte, o ter praticado com espírito cristão as obras de misericórdia e piedade, ser-nos-á de grande consolação algum dia..., já que elas, segundo o próprio Jesus Cristo, decidirão da nossa sorte eterna: *Vinde, benditos de meu Pai, porque tive fome e sede..., etc., e me destes de comer...* E aos condenados dirá: *Ide, malditos, para o fogo eterno, porque não me destes de comer nem de beber...*, isto é, porque não quisestes praticar as obras de misericórdia. — É, por isso mesmo, um dever sacratíssimo..., uma verdadeira obrigação que Jesus Cristo nos impõe, o compadecermo-nos dos nossos irmãos e socorrê-los, sejam eles quais forem.

Recorda a parábola do Bom Samaritano, em que ao mesmo tempo que retrata o seu coração divino, cheio de doçura e de compaixão para com os desgraçados, condena duramente aos que procedem sem misericórdia. — Se não procedemos com misericórdia... também a não consegui-

remos para nós um dia..., e como Ele primeiro a praticou e depois a ensinou, foi nisto para nós modelo acabadíssimo. — Toda a sua vida se reduz a estas palavras: *Passou fazendo bem a todos...* Esta é a sua história... e com isto está tudo dito. — E como discípula de tal Mestre e de tal escola, a Santíssima Virgem foi também a primeira em cumprir com este preceito, e o exercitou durante a sua vida com grande perfeição.

S. Vicente de Paulo, falando das obras de caridade, costumava dizer: *Ponhamos diante dos nossos olhos, como nobilíssimo exemplar, a Mãe de Deus e procedamos conforme tão digno e soberano modelo...* E assim, com esse modelo e com essa máxima, chegou o santo a ser herói incansável da caridade cristã. — Porém, desçamos a mais pormenores e vejamos por partes as diversas obras de misericórdia em que nos devemos exercitar.

2.º *Obras espirituais.* — Estas obras de misericórdia são, sem dúvida, as mais importantes e as mais excelentes, pois têm relação directa com a alma..., com a própria salvação... e, naturalmente, tudo isto é muito mais estimável que o corpo e a felicidade temporal, que é do que tratam as obras de misericórdia corporais. — A Santíssima Virgem, exercitou e exercita actualmente com as almas a sua misericórdia maternal... Não falemos dos pecadores empedernidos, dos criminosos e perversos..., dos que por Ela obtiveram a graça da sua conversão, porque isto um dia o saberemos no Céu, já que agora é impossível calculá-lo.

Recorda os perigos em que estiveste..., as ocasiões que o demónio te apresentava..., a luta das paixões, por vezes em forma imprevista..., quando menos o esperavas... A quem deves não teres caído então? Talvez não fosses bem vigilante e o demónio tratou de te surpreender, e Ela foi a que te avisou..., a que te deu força para reagires..., para vencer... Quem te inspirou tão bons afectos..., tão bons propósitos, etc.?... Quem te deu luz para conhecer a vontade de Deus...

e forças para continuar sem vacilar, ainda que fosse à custa de grandes sacrifícios?...

Matéria interminável seria esta, se descorressemos por este caminho, pois seria necessário enumerar todos os santos do Céu..., todas as almas que se têm salvo..., todos os pecadores arrependidos. — Mas, se quiseres, recorda na Sua própria vida o que nos diz a Sagrada Escritura... Ela amparou os Apóstolos depois da Ascensão..., preparou-os admiràvelmente para a vinda do Espírito Santo..., alentou-os e confortou-os com o seu exemplo..., com as suas palavras e com as suas virtudes... Foi a Mãe da Igreja nascente. Com que carinho receberia os novos cristãos!... Como os informaria e confirmaria na Fé!... Que catequista admirável!

E quando principiaram as primeiras perseguições... e os Apóstolos foram encarcerados..., açoitados..., perseguidos, quem os aconselhava e dirigia senão Ela? A quem recorriam eles, senão à Santíssima Virgem a procurar consolação..., ânimo..., força..., tudo quanto necessitavam?

Aqui tens, pois, a magnífica obra de misericórdia que podes exercitar com o próximo... Trabalhar pela sua alma..., cooperar com Deus na obra da sua salvação... Há alguma coisa mais divina?... Quando não puderes fazer outra coisa, ora..., sacrifica-te..., mortifica-te por eles..., por todos!..., pelos pecadores..., pelos justos e inocentes..., pelos hereges..., e cismáticos..., pelos infiéis, etc.

3.° *Obras corporais.* — É fácil de supor como a Santíssima Virgem faria continuamente estas obras... Detém-te a considerar como receberia os pobres que iam pedir esmola... Quantas vezes lhes daria da sua mesma pobreza, tirando a si, não digo já o supérfluo, senão o mais indispensável!... Que alojamento daria aos peregrinos, segundo a lei da hospitalidade que regia o povo judaico!... Que visitas as suas aos doentes da vizinhança!

Enfim, se queres deixar as suposições, ainda que tão

certas como estas, medita de novo na sua intervenção no milagre das bodas de Caná... e ali descobrirás uma ternura maternal..., uma diligência activa..., uma prontidão incansável. — Ela é a única que nota a falta do vinho e a atrapalhação que esta falta iria produzir... Quão ternamente sentiu Ela o transtorno que isto ia ocasionar aos convidados... e a vergonha e confusão aos de casa! — O seu coração comoveu-se perante aquele aflitivo transe; e sentiu-o como se fosse coisa própria. É sem dúvida este um dos actos de delicadeza mais viva e singular da Santíssima Virgem... Por isso decide-se com grande diligência a prestar aquele socorro naquela necessidade... Serve-se das suas palavras..., da sua caridade..., da sua confiança e da sua influência para com o seu Filho... e foi uma grande consolação para o seu coração dar àqueles desposados o que então lhes podia dar... Que prazer espiritual e divino o que sentiu a Santíssima Virgem com aquela agradável surpresa que lhes preparou!... Assim nós devemos procurar este gosto e este prazer, que sentem as almas boas, quando remedeiam alguma necessidade... Nunca o experimentaste?...

A caridade é engenhosa e activa, por isso ela procurará mil meios e ocasiões por dia, para exercitar as obras de misericórdia corporais. — Vê, no exemplo de Maria, como aproveitou aquela ocasião...; não a desprezou quando podia muito bem dissimular e não dar-se por achada. — A caridade desconhece a dissimulação, procura e aproveita qualquer oportunidade.

Percorre, uma por uma, todas as obras de misericórdia espirituais e corporais..., examina-te em todas elas conforme o que tens meditado... Envergonha-te e pede perdão das vezes que tens faltado...

Pede à Santíssima Virgem mais coração perante as desgraças alheias..., que as sintas como próprias, e que te faça a graça de saborear o prazer profundo de fazer bem em toda a parte.

16. Prudência

1.º *Excelência desta virtude.* — Penetra, antes de mais nada, na excelência e necessidade desta virtude da prudência ou discrição. — Bem vês que é a que dá valor a todas as outras. — Todo o acto de virtude feito sem prudência deixa por isso mesmo de o ser. — Entre dois extremos viciosos, está sempre a virtude, e a prudência é a que ensina pràticamente esse meio termo justo onde a virtude se baseia. — Bela e necessária é a mortificação e penitência; porém, praticada imprudentemente, é uma verdadeira tentação do inimigo. Que coisa maior pode haver que o zelo da salvação das almas? E, não obstante, quantos danos não tem produzido o zelo indiscreto!

A prudência é a companheira inseparável de todas as virtudes... e mais do que uma virtude é como que a norma ou guia de todas... S. Tomás chamou-a *os olhos da alma,* porque quem obra sem ela obra às cegas como se não tivesse olhos. — S. Bernardo diz que é *como o leme ou o piloto dum navio, sem o qual necessàriamente há-de perecer ou naufragar.* S. Francisco de Sales diz da prudência que é *luz ao redor da nossa vida, que nos ilumina para não errar o caminho... e sal que preserva da corrupção as demais virtudes.* A prudência, pois, é esse juízo prático que nos diz em cada caso o que convém fazer ou deixar de

fazer..., que nos ensina os meios conducentes ao fim que pretendemos..., enfim, que nos indica *sempre quando e como* devemos obrar. — Não é pois para estranhar que, se é uma virtude tão excelente e tão necessária, sobressaia tanto na nossa querida Mãe!... A Igreja chama-A Virgem Prudentíssima e realmente assim foi; porém, para melhor compreendê-la convém que distingamos duas classes de prudência.

2.° *Prudência do espírito e da carne.* — Assim a chama S. Paulo: a primeira é a vida e paz verdadeira da alma..., é a verdadeira prudência... e a verdadeira sabedoria..., a única que merece chamar-se assim. — A segunda é uma prudência má..., falsa..., inimiga de Deus..., contrária à lei de Deus..., não tem outros fundamentos nem motivos senão os que dita a carne, e por isso leva seguramente à morte. — É a prudência do século ou do mundo, diametralmente oposta ao espírito de Deus...; confunde-se com a dissimulação..., com a hipocrisia, com a astúcia... com o cálculo interesseiro e egoísta, que não olha senão para si... e por isso, esta prudência falsa é medo..., temor..., cobardia..., soberba... — Vê quão digna é de reprovação esta maldita prudência e..., no entanto ouve a Jesus Cristo, que se lamenta que sejam mais prudentes os filhos do século..., isto é, que são mais... muitíssimo mais, os que seguem esta prudência para os seus negócios que os filhos da luz, para a salvação eterna. — Por isso mesmo tanto nos inculca que sejamos prudentes como as serpentes e ao mesmo tempo simples como as pombas..., quer dizer, que tenhamos a prudência santa, que está cheia de sinceridade e de verdade.

Recorda a parábola das virgens loucas e prudentes...; estas, previdentes e vigilantes..., aquelas, confiadas e desprevenidas. — Vê bem nisto o que é a verdadeira prudência; é luz..., é sabedoria..., é conhecimento prático das coisas..., inconsideração..., verdadeira ignorância, junta com soberba e confiança em si mesmo. — Diz o Espírito Santo: *Bem-aventurado o homem que achou a sabedoria e é rico em*

prudência. O que é prudente é, na verdade, um grande sábio.

3.º *A Virgem prudente.* — Aqui tens, pois, porque era tão prudente a Santíssima Virgem. Discípula aproveitadíssima d'Aquele que era «a luz do mundo e a sabedoria de Deus», sempre, e a cada instante, teve esta luz e esta ciência de Deus, na qual via claríssimamente todas as coisas, dando a cada uma seu peso e valor... e, por isso mesmo, acertando sempre com o mais conveniente e mais prático em cada caso. — Não A cegavam as paixões que a nós tantas vezes nos fazem ver as coisas de modo diferente, e por isso as julgamos... e apreciamos mal...; a ambição..., os acessos da ira..., a venda terrível do amor próprio que temos nos olhos..., a preguiça e descuido na oração, que é onde Deus comunica às almas a sua luz e a sua ciência..., a falta de vigilância para ver como e por onde nos ataca o inimigo... não é tudo isto e outras razões semelhantes o porquê das nossas tão repetidas imprudências?

Maria era humilde..., era pura..., era simples..., era fervorosa..., era vigilante...; nada A ofuscava... nada A apartava dos olhos de Deus... tudo via n'Ele e através d'Ele... com luz sobrenatural e divina..., com espírito de fé..., com amor abrasado de Deus... Que estranho, pois, que fosse tão prudente em tudo?! Que é pois para admirar, que sempre elegesse o melhor e o mais agradável aos olhos de Deus? — Daqui aquela segurança na sua alma, que não se deixava arrastar por impressões, procedendo sempre com moderação e ao mesmo tempo com firmeza..., *segurança perante Deus* sabendo que acertava sempre com a divina vontade, ainda nos seus mínimos pormenores..., estando certa de que nunca deixava de atender..., de escutar..., de seguir as moções e inspirações de Deus... *segurança perante os homens* a quem julgava com rectidão infalível, penetrando nos seus corações e lendo neles as suas intenções. Junto com esta segurança, uma paz inalterável e suave, acom-

panhada de intima união com Deus, a quem acudia a pedir luzes..., a procurar conselho... ou solicitar o conhecimento e a sabedoria necessária para acertar sempre no cumprimento dos seus deveres. — Esta era a prudência e a madureza com que a Santíssima Virgem julgava e procedia... e os magníficos frutos que Ela tirava destas virtudes para a sua alma.

4.º *A tua prudência.* — Como estás nesta virtude?... Ah! quanto necessitas dela!... Estás cercado de dificuldades por vezes bem difíceis de vencer, de perigos e ocasiões que te espreitam e que talvez dsconheças..., de rudes batalhas que o demónio te prepara, e quando menos o esperas... Por outra parte, não conheces bem a tua fraqueza e miséria, sobretudo se a comparas com as obrigações que tens que cumprir... Que fazer então?... como acertar com o caminho mais prático para assegurar a tua salvação e santificação? Como, pois, necessitas desta virtude para a tua alma!

Mas também para outros. — Se os queres ganhar para Cristo, hás-de penetrar na sua alma..., conhecer o seu temperamento, carácter, paixões, fraquezas, gostos, etc..., e tudo isto de tal modo que não excites suspeitas..., desconfianças..., temores..., que não julguem que procedes com curiosidade..., desconfiança..., que gostas de te meter nas vidas alheias... Quanta prudência... que tacto não requer tudo isto!... Um movimento..., um gesto..., um sorriso de troça..., às vezes uma só pergunta... quantos danos não causam!... De facto, muitas vezes num momento se perde o fruto que já quase se tinha na mão.

Pede à Santíssima Virgem humildade, pois o soberbo não pode ser prudente... Pede-Lhe mansidão e paciência, porque o impaciente e o iracundo procedem às cegas... Pede-Lhe pureza... e castidade, pois só os olhos puros vêem a claridade das coisas... Enfim, pede-Lhe trato com Deus..., frequente..., demorado..., saboroso..., vida de oração e união

com Deus, para que nela te comunique a Sua divina sabedoria..., a Sua luz..., o Seu conhecimento e o Seu amor.

Finalmente, que muitas vezes, ainda fazendo-lhe violência, invoques a Maria, sobretudo em ocasiões em que possas proceder mais imprudentemente... ou nas que vejas que é mais difícil o acertar, dizendo-lhe com a Igreja: *Virgem prudentíssima, rogai por nós.*

17. Prudência nas obras

1.º *Antes do nascimento de Jesus.* — Analisa um pouco algumas das obras da Santíssima Virgem e verás que prudência nelas encontrarás... Vê-A no caso concreto do Seu voto de virgindade. — Humanamente falando, isso seria uma imprudência..., era quebrar com uma tradição secular naquele povo..., era sair do caminho comum e ordinário que todas as mulheres hebraicas seguiram... Ninguém até então tinha feito tal voto..., era uma coisa completamente desconhecida na terra. — No entanto, Ela não procede inconsideradamente...; com a luz especialíssima que Deus Lhe comunicara, considera a excelência e os frutos da virgindade..., penetra no amor que Deus tem a esta virtude, tanto que já tinha anunciado que para o Seu Filho escolheria uma Mãe Virgem..., e depois de ver e examinar tudo diante de Deus, com calma e suavemente..., confiando com segurança nas graças que Deus para isso Lhe havia de dar..., não duvida nem vacila nem treme...; com uma franqueza e decisão admiráveis sai da regra comum e geral... e faz, assim tão novinha, o seu voto ao Senhor.

A verdadeira prudência não é cobarde nem medrosa..., pensa devagar; porém, executa com energia. — Assim é a Santíssima Virgem...; depois do voto escolhe com acerto e pratica com decisão os meios mais indispensáveis para conservar esta virtude... como se tivesse medo de perdê-la!

— Consigo mesma guarda um profundo recolhimento..., uma modéstia singular..., uma oração fervorosa..., uma vigilância contínua. — Para com os outros, um grande silêncio..., um prudentíssimo segredo, guardando o seu voto..., não o disse a ninguém..., não o revela nem o comunica a pessoa alguma...; sabe que não o iriam compreender..., que ia excitar murmurações e falatórios de quem nunca chegaria a compreender a formosura desta virtude..., e por isso guarda o seu segredo para Ela e para Deus... Que admirável e que simpática a prudência!

2.º *Na Anunciação.* — Escuta do Anjo os seus louvores..., ouve a sua embaixada..., medita e aprofunda o que Lhe é proposto... e com grande serenidade decide. — Não A cega o brilho da coroa da maternidade divina..., nem A seduzem as palavras bonitas e lisongeiras..., nem se acobarda perante os sacrifícios que Ela bem via Lhe ia custar a sua aceitação...; não se adianta pressurosa..., nem corre precipitadamente a admitir o que todas as donzelas estavam desejando... Qualquer delas não se teria podido conter de alegria e gozo... Ela, no entanto, vê o Anjo..., ouve-o... e a primeira impressão é de perturbação...; isto é, põe-se como que em guarda e vigilância, como se temesse alguma tentação para a sua virtude... e quando repara na importância da embaixada, expõe as suas dúvidas..., pede simplesmente explicações... e uma vez conhecida claramente a vontade do Senhor, consente com decisão e segurança, entregando-se a Deus como sua escrava...

Admira nisto mesmo a sua prudência... Já é Mãe de Deus... já é Rainha e Senhora... e, no entanto, coloca-se no seu posto... no único que julga dever ocupar..., no das escravas..., sem adiantar-se a subir nem a colocar-se em lugar mais elevado... esse cuidado deixa-o a Deus... Como é difícil imitar esta prudência!... e, contudo, quão necessária não é!...

3.° *Durante a Vida de Jesus.* — Tanto na vida privada como na pública, Maria aparece sempre no seu posto... no que Deus A coloca... Que escondida, que recolhida, que silenciosa na vida privada de Jesus!... Que bem Ela sabe acomodar-se ao carácter íntimo e recolhido desta época da sua vida! — E quando Jesus sai a pregar, que longe está de intrometer-se nas coisas de Seu Filho!... Com que prazer O teria acompanhado a todas as partes!... Com que alegria teria presenciado todos os seus milagres e prodígios!... Com que satisfação teria escutado todas as Suas pregações! Com que regozijo teria ouvido os louvores que dirigiam a Seu Filho!... Que sentimento mais natural o poder dizer a toda a gente: «Esse é o meu Filho»!... Mas não era esse o posto que Lhe destinara a vontade de Deus...; o Seu posto era o esconder-se..., era a Sua casa...; Ela não era chamada a pregar às multidões..., não era essa a sua vocação nem o seu ofício... Aceita com gosto essas renúncias que o Senhor Lhe impõe..., esconde-se prudentemente e se no Evangelho é nomeada alguma vez durante este periodo da vida de Jesus, é como que de passagem.

Isto mesmo se podia dizer quando sai, porque Deus lho manda, do seu recolhimento... e aparece junto de Seu Filho no Calvário... Vê como Ela assiste e que parte toma então na Paixão de Jesus Cristo. — Sofre horrivelmente e, no entanto, não se revolta irritada e furiosa contra aqueles verdugos...; não diz palavras desesperadas..., nem dá gritos lancinantes..., nem toma atitudes exageradas..., nem, enfim, se expõe imprudentemente às iras e insultos daquela populaça enfurecida... Isolada das turbas, assiste àquela cena com dor profundíssima do seu coração, mas de tal modo que passa despercebida, por vezes, perante os outros...

4.° *Depois da Ascensão.* — É Ela quem recolhe os Apóstolos..., os anima e conforta e dispõe para a vinda do Espírito Santo... Ela é a verdadeira Mãe da Igreja nascente... Tudo é feito por Ela... Ela é verdadeiramente, a

alma de tudo com o seu exemplo, com o seu fervor e virtude..., com o seu conselho..., com a sua oração..., e, contudo, parece que não faz nada... Como esconde prudentemente toda a sua actividade... Os Apóstolos são os que dispõem... S. Pedro manda..., governa..., dirige..., Ela, não se mete em nada... é a primeira a obedecer... a aceitar tudo o que mandam... Não protesta..., não censura..., não critica nada... Quer ser a primeira filha obediente da Igreja... sendo Ela de facto a que tudo anima... e a que a todos conforta... sendo o exemplo magnífico dos Apóstolos e dos fiéis...

Aprende esta prudência e pede-a a tua Mãe. — Que nunca saias do teu posto..., que te conserves onde Deus te coloca... e aí trabalhes sem desejar meter-te no que te não diz respeito. — Só assim não terás que chorar as inúmeras quedas que te tem causado a tua imprudência.

18. Prudência nas palavras

1.º *Prudência no seu silêncio.* — Merece bem a pena, ainda que já concretizamos a prudência de Maria em alguns casos da Sua Vida, determo-nos a considerar esta mesma prudência no uso que faz particularmente da sua língua. — Como Maria foi prudente em suas palavras!... Que prudentíssimo o seu silêncio! — É admirável a prudência daquele que fala sempre com oportunidade e discrição... não o é menos quando sabe calar... e às vezes, quanto mais difícil é calar que falar a tempo! — Não é verdade que a maior parte das tuas imprudências as deves à tua língua?... Quantas vezes te pesa na consciência teres dito o que disseste? ... Quantas vezes, se pudesses recolher as palavras que pronunciaste, o terias feito com grande alegria?...

Olha pois para Maria e aprende... Aprende precisamente a calar..., a não dizer palavras néscias..., aprende a medir o que dizes..., a pensar e a reparar nas tuas palavras..., a não falar de tudo o que te vem à boca..., a não falar à toa e loucamente... Tinha a Jesus diante de si, o Mestre eloquentíssimo do silêncio..., o que em Sua Paixão chegou a causar admiração a Pilatos com a eloquência divina do seu silêncio... E assim foi Maria nisto, como em tudo, cópia exacta de Jesus...

Que reserva a sua, tão discreta no segredo a Ela confiado sobre o mistério da Incarnação!... Ninguém pôde

suspeitar nada de grande nem de insólito em Maria. — Depois da embaixada do Anjo, viram-n'A tão simples..., tão modesta..., tão calada..., como antes. Deus encarrega-se de revelar a sua altíssima dignidade a Santa Isabel... a Simeão depois..., à profetisa Ana... Que o diga e que o revele Deus quando quiser e a quem quiser...; Ela, porém, não descobrirá o seu grande segredo.

Nem uma só vez deixou transparecer de alguma maneira no seu semblante..., nos seus gestos..., na sua conduta..., o menor indício do grande acontecimento operado n'Ela... Como, pois, alguém o adivinharia?... Como estranharmos as dúvidas e perplexidades do Santo Patriarca, se Sua Esposa se calava... e a ninguém, nem mesmo a ele, comunicou nada?

Medita neste assombroso passo da vida de Maria... Ela vê tudo... compreende tudo... S. José vê que a sua esposa virgem vai ser mãe, e não compreende... A Santíssima Virgem penetra no coração de S. José e é testemunha dos seus horríveis sofrimentos... Que confusão! Que desorientação a sua! Ela podia desfazer tudo aquilo com uma só palavra... O seu Esposo castíssimo, acreditá-l'A-ia sem vacilar... Por outra parte, o Anjo não lhe proibira da parte de Deus que o dissesse... Não era, pois, neste caso, nenhuma imprudência o falar...; com umas palavras evitaria gravíssimos males... Já S. José planeava ausentar-se daquela casa e abandonar a sua Esposa já que a não compreendia... e apesar de tudo, Ela cala-se..., não se julga autorizada a falar mesmo então...; pensa bem..., medita diante de Deus... e decide continuar calada e deixar a Deus o desenrolar dos acontecimentos como Ele quiser. — Que heróico silêncio! Que maravilhosa prudência a que nos ensina Maria calando-se!

2.º *No falar.* — Contudo, nem sempre é prudente calar... O mais prudente é saber calar... e saber falar a seu tempo. — Nisto Maria é outro Modelo maravilhoso. — Se queres aprender discrição no falar, o que é tão difícil,

estuda Maria. — Não só podemos afirmar, no geral, que nunca da sua boca saiu uma só palavra da qual tivesse de se arrepender..., senão que, além de tudo o mais, podemos confirmar isto mesmo, percorrendo as palavras que Ela nos deixou, como lembrança e como modelo, na Sagrada Escritura.

São muito poucas, na verdade, mas por isso mesmo podemos percorrê-las com facilidade.

a) As primeiras são. — *Com o anjo...* Mas nem com ele se demora muito tempo em colóquio..., diz só o que é preciso, mas também não cala o que tem a dizer...: *«Como pode ser isso, se eu não conheço varão»? ... Faça-se em mim segundo a vossa palavra* — Nem mais, nem menos...; isto e só isto... Não são de mera curiosidade as primeiras palavras senão de grande necessidade para conhecer a vontade de Deus... As segundas são de submissão completa e perfeita à mesma vontade de Deus e também precisas para se realizar o mistério da Incarnação. — Palavras sempre necessárias, impregnadas de pureza..., de virgindade..., de obediência..., de amor de Deus. — Espreme-as e verás como distilam tudo isto... Ah! se as tuas palavras fossem como as de Maria!...

b) Com sua prima. — Palavras de saudação, ainda que não sabemos quais foram... Palavras educadas que não são precisamente de frios e hipócritos cumprimentos... Palavras, sobretudo, de caridade, como cheia de caridade era aquela visita que fazia..., e, por isso mesmo, palavras de gozo e alegria com o bem alheio..., Como são diferentes as palavras da inveja!... E logo a seguir brotavam as palavras mais profundas de Maria...

c) Com Deus. — Porque a que era tão breve ao falar com os homens... e ainda com os próprios anjos, parece que não sabe terminar quando fala com Deus... Que sublime e que encantador o *magnificat* de Maria!... Já o meditaste noutra ocasião... Recorda que era o hino da gratidão... da glorificação... do amor intenso a Deus. — São estas sempre as palavras de Maria...: palavras de caridade com sua

prima..., palavras de agradecimento e amor a Deus no seu cântico...

d) Palavras de Mãe: Meu Filho, por que procedeste assim?... Teu pai e eu procurávamos-te com grande dor... São palavras de mãe... e Maria era mais Mãe que todas as Mães... e na dor mais profunda que uma Mãe pode ter, que é a perda do seu Filho. — Era necessário falar assim..., senão pareceria que não era como as outras..., que não amava nem sentia..., nem sofria como as outras Mães. — Foram palavras de intenso carinho maternal..., de amorosíssima queixa. — Não é nem pode ser imprudência ir desabafar os nossos sofrimentos... queixar-nos a Jesus... Pelo contrário, é bem natural... O coração necessita expansão... Onde nos havemos de expandir? ? Vê Maria..., nada diz aos homens... desabafa com o Seu Filho..., com o Seu Deus. — Faz tu o mesmo e verás que diferença há em procurar a consolação nas criaturas e em procurá-la em Jesus...

e) Palavras de Mãe nossa: Não têm vinho... fazei o que Ele vos disser. — Era necessário que Maria revelasse também, nas suas palavras, que era nossa Mãe..., que se ocupava de nós..., que estava disposta a remediar todas as nossas necessidades espirituais e mesmo materiais. — Assim o vemos nestas palavras. — São palavras de amorosa compaixão para com os esposos de Caná... e de confiança e de poder assombroso com seu Filho... Como eram convenientes estas palavras de Maria para excitar em nós a confiança n'Ela e em Jesus!... Foram sempre assim as palavras da Santíssima Virgem... Conhecemos só estas, que indicamos; porém, todas as outras deveriam ser semelhantes...; palavras ditas sempre a propósito... no devido tempo e lugar..., procurando ùnicamente a glória de Deus e o bem das almas.

Pede à Santíssima Virgem que seja a tua Mestra no falar, para que saibas ser prudente nas tuas palavras e aprendas a difícil ciência de saber falar... e de saber calar quando se deve.

19. Justiça

1.º *O que é?*... É uma virtude moral que nos manda dar a cada um o que é seu... Todos queremos que nos dêem o que nos pertence... ou que respeitem o que é nosso..., a nossa fama..., a nossa honra..., os nossos interesses... Porém, gostamos igualmente de proceder assim com os outros?... Como gostamos de exigir direitos mais ou menos certos e verdadeiros que temos!... Mas pelo contrário... quão fáceis somos em quebrar os direitos dos outros!... Isto é a injustiça..., atropelar o direito alheio..., faltar às nossas obrigações. — Lembra-te que todo o direito supõe um dever... Portanto, se os outros têm direito ao seu, tu tens o dever de lho dar ou de respeitar. — Isto é a justiça... e esta a obrigação que nos impõe. — Quer dizer que esta virtude não é uma virtude de conselho que serve para adornar a alma..., senão uma virtude necessária e obrigatória que a todos os homens, e a todo o momento nos obriga... e nos exige o seu exacto cumprimento.

Podemos distinguir três espécies de obrigações que nos impõe a justiça: para com Deus..., para com o próximo..., para connosco mesmo... A todos havemos de dar o que é seu...; assim no-lo diz Jesus Cristo: «Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus»... Isto é, dai a cada um o que lhe corresponde e isso é proceder com rectidão...,

com sentido de justiça. — A Santíssima Virgem teve que ser necessàriamente modelo acabado nesta virtude, já que, não sem razão, na Sagrada Escritura se confunde a justiça com a santidade... chamando-se varão *justo ao que é santo...*

Qual seria, pois, a justiça que brilhou em todos os actos de Maria se foi como sabemos a sua santidade? ... A Igreja não duvida em chamar-Lhe *Espelho de justiça* onde se reflecte a justiça... e para onde havemos de olhar para cumprir exactamente com ela. — Vejamos, pois, esta justiça da Santíssima Virgem nas suas diversas obrigações... e aprendamos os seus ensinamentos.

2.° *Justiça para com Deus.* — Esta justiça reduz-se a conhecer a Deus como Nosso Senhor... e a nós como obra das Suas mãos... Portanto, Ele tem direito completo... total..., absoluto..., inalienável..., sobre nós e sobre todas as nossas coisas..., e nós a obrigação de O reconhecer como tal e assim viver, como quem não se pertence a si mesmo..., senão que pertencemos e sempre pertenceremos a Ele.

Temos por dever crer nas suas palavras..., porque é a verdade infalível... e obedecer aos seus mandamentos, seguir as suas inspirações com docilidade, porque é infinita a sua omnipotência... Devemos dar-Lhe todo o nosso coração sem reserva alguma..., porque é a Bondade inefável e fonte de todo o bem. — É, numa palavra, nossa obrigação vivermos para Ele..., e não para nós mesmos...; darmo-nos totalmente a Ele e ao seu divino serviço..., procurarmos em tudo a Sua Glória..., nunca a nossa...; enfim, louvá-lO, servi-lO e amá-lO, sem limites.

Portanto, quando assim fazemos..., quando nos consagramos a Ele em corpo e alma e nos oferecemos para o seu serviço..., nada fazemos de extraordinário..., estamos cumprindo simplesmente com os deveres da mais estrita justiça...; e ao contrário, sempre que de uma ou outra maneira vivemos para nós mesmos... ou nos buscamos

a nós... ou nos glorificamos... estamos abusando de Deus..., espezinhamos os seus direitos..., faltamos aos nossos deveres... e procedendo com notável injustiça.

A Santíssima Virgem nunca assim foi... A sua vida sintetizou-se sempre nestas palavras: *Eis aqui a escrava do Senhor*... Viver sempre como escrava..., entregue ao serviço do Seu Deus e Seu Senhor como escrava..., fazer em tudo a vontade divina sem liberdade nem vontade própria, como uma perfeita escravazinha... este foi o seu ideal..., esta a sua vida... Poderá haver vida mais cheia de justiça e de rectidão e de santidade, que a daquele que vive assim submisso a Deus, como viveu Maria?! — Isto é entender e praticar a justiça para com Deus... um cumprimento exacto dos seus deveres..., um rendimento total de juízo..., uma sujeição completa da vontade..., um holocausto perfeito, e contínuo da tua razão e das tuas energias... Eis o que te ensina a tua Mãe..., eis o que tens de fazer sempre, se A queres imitar.

3.º *Para com o próximo.* — Esta justiça obriga-nos a dar a cada um o que lhe corresponde..., a não defraudar a ninguém em coisa alguma..., a não desejar o que lhe pertence. — Temos de respeitar tudo o que é propriedade legítima do próximo e nem com palavras..., nem com obras..., nem com desejos, podemos atentar contra ela.

Pensa quantas vezes se falta a isto..., com juízos temerários..., com palavras de crítica..., murmuração..., ironia..., falsos testemunhos..., com torcidas e maliciosas interpretações. — A falta que nisto cometemos não é já contra a caridade; a maior parte das vezes é contra a justiça.

Contempla a conduta da Santíssima Virgem com todos os que a rodeiam e vê como se coloca no lugar que Lhe correspondia e respeitava os dos outros. — Ela era a Mãe de Deus..., porém, S. José era a cabeça da casa, o pai de

família... e Maria presta-lhe a mais pronta, submissa e perfeita obediência... Não discute..., não se revolta contra as suas disposições... A Ela pertence-lhe obedecer, e obedece sem protestar, seja no que for: agora a Belém..., depois ao Egipto..., a Nazaré..., a Jerusalém... Quantas viagens... Quantas fadigas!... Não podia ir ele só? Ou ir de outra maneira?... Maria cala-se e obedece; esse é o seu dever com S. José e assim o cumpre exactamente.

E como cumpriu os seus deveres de Mãe de Jesus?... Não lhe consagrou a mais constante e terna solicitude maternal?... Não viveu toda por Ele... ùnicamente para Ele? — Do mesmo modo procedeu com os seus parentes e conhecidos... Lembra-te como se portou com Santa Isabel... Admira e pede imitar esta exactidão nos teus deveres..., em saber viver no teu lugar... e em respeitar os direitos dos outros.

4.º *Para connosco.* — Devemos a nós mesmos um amor bem compreendido e bem ordenado..., pois o que é mais triste é que ninguém nos ama e nos quer pior do que nós mesmos. — Devemos ter-nos um amor conforme em tudo aos ditames da razão e da fé..., segundo os quais devemos dar, como antes dissemos, a *César o que é de César, e a Deus o que é de Deus*... Mas o facto é que compreendemos bem o primeiro..., e oxalá déssemos sòmente o que devíamos a César!... Isto é, às coisas temporais..., e a Deus, em compensação, quão abandonado o deixamos! Pensa, por exemplo, se dás o mesmo valor..., e importância..., a uma doença corporal e a uma espiritual..., se cuidas do mesmo modo da alma, e do corpo..., se te importas igualmente com o temporal e com o eterno, etc...., e verás, com vergonha, que notável diferença!... Que injustiça só a comparação entre estas coisas tão distintas!... Qual será, pois, a preferência que dás às coisas baixas e terrenas, e às que são espirituais..., às da tua alma e às de Deus!

Vê a Santíssima Virgem amando-se com este amor verdadeiro, com o qual dirigia a Deus todos os seus actos e fazia que todos contribuíssem a melhor servi-lO e a melhor amá-lO. — Sempre que procuras algum bem espiritual..., algum aumento de virtude, estás amando-te deveras e cumprindo em ti com a justiça..., e pelo contrário, que injustiça cometes contigo mesmo quando pecas..., quando desprezas as graças de Deus, etc.!... Pede à Santíssima Virgem que to dê assim a conhecer.

20. **Fortaleza**

1.° *A sua importância.* — É muito grande e muito importante a virtude da fortaleza: — Não é possível que se sustente uma virtude..., nem que a vida espiritual persevere numa alma sem a fortaleza...

A prudência, dizíamos, é a luz e guia, é a norma reguladora das virtudes..., porém a fortaleza é o seu apoio e sustento. — Toda a vida cristã..., e ainda mais a vida de perfeição e santidade..., é vida de contínua luta de inimigos..., exteriores e interiores...; umas vezes temos que nos defender dos seus ataques..., em ocasiões tão terríveis e tão frequentes...; noutras convirá tomar a ofensiva e atacar e combater o inimigo para lhe tirar forças e prevenir as suas tentações... Temos que vigiar continuamente para não sermos surpreendidos.

Tudo isto não se faz sem a fortaleza. — Nesta luta incessante fàcilmente há cansaços, desalento, sobretudo se houve quedas..., se sofremos alguma derrota... Que será então da alma sem fortaleza... Como se levantará... e se animará para combater de novo?... — Outras vezes é o próprio Deus que não só consente as tentações do inimigo..., senão que Ele mesmo nos prova com tribulações..., dores..., enfermidades..., cruzes e sofrimentos... Como é fácil então, cairmos oprimidos por uma cruz que julgamos de peso insuportável... Quão necessária é então que a fortaleza nos

dê ânimo e nos sustenha, para levar tudo o que Deus quiser mandar-nos para nosso bem!

2.º *Fortaleza de Maria nas lutas.* — Maria foi isenta por privilégio do Senhor, da luta da concupiscência... As paixões estavam n'Ela perfeitamente dominadas. — Contudo Deus não A poupou às dificuldades e às contrariedades com as quais acrisolava mais e mais a sua virtude, e nas quais Ela mostrou uma grande energia..., uma fortaleza extraordinária... Quanta fortaleza não necessitou para aquela contínua vigilância que devia ter por causa da plenitude de graças que tinha recebido do Senhor, para conservá-las e para corresponder à altíssima vocação a que tinha sido chamada! — Nas mesmas circunstâncias habituais e ordinárias que rodearam a sua vida, quanta fortaleza não mostrou a Santíssima Virgem!

Compara-A com aquelas boas mulheres de Nazaré... Que ideias..., que afectos..., que aspirações, que maneiras tão diferentes!... E contudo, a Santíssima Virgem vive naquele ambiente como se fosse o seu próprio..., prodigalizando amabilidades..., simpatia..., carinho por toda a parte... Que violência não tinha que fazer para sustentar naquele ambiente tão pouco propício, o seu amor à virgindade..., a sua humildade e modéstia..., o seu recolhimento constante..., a sua vida de oração e de união com Deus!

E mais tarde, na vida pública do seu Filho..., que violência não teve que fazer ao seu coração para estar separada do seu Jesus..., para não segui-lO para toda a parte..., para não vê-lO..., ouvi-lO..., cuidar d'Ele..., consolá-lo?... Que fortaleza a sua no meio das perseguições e sobressaltos da Igreja nascente!... Como Ela a todos animava..., consolava... e fortalecia na fé e na confiança em Deus..., aceitando e vendo em tudo os planos da Divina Providência!

3.º *Fortaleza nas provas.* — Que fortes e extraordinárias provas não teve Ela que passar! Recorda as dúvidas de S. José, de que já falámos... Como mantém, com uma

fortaleza admirável aquele seu silêncio e como passa por aquela humilhação e prova das mais duras para uma esposa e para uma virgem! — Depois a viagem a Belém, semeada de desprezo..., de incomodidades..., de privações sem conta... A pobreza da gruta..., todas as circunstâncias do nascimento do seu Filho..., seriam mais que suficientes para destruir uma virtude que não tivesse a fortaleza da de Maria. Mais tarde, a circuncisão... Presencia a dolorosa cerimónia de cortar a tenra e delicadíssima carne do Menino Jesus...; vê correr o Seu Sangue misturado com as lágrimas que o sofrimento e a dor arrancam a Jesus... — Vai percorrendo as provas da Purificação..., com a profecia de Simeão, que Lhe amargurou a vida para sempre... a perda do Menino e o enorme sofrimento daqueles dias até que O encontrou...; as profundas amarguras do seu coração, durante toda a vida pública de Jesus..., e finalmente, contempla a Santíssima Virgem como a imagem ideal da fortaleza aos pés da Cruz..., sacudida pela fúria daquela tempestade de dores e sofrimentos, desencadeada contra Ela no Calvário... e contudo, como a luz do farol no meio das ondas, sem vacilar..., sem titubear..., bebendo, serena, gota a gota até às fezes, aquele horrível e amargosíssimo cálix!

Aproxima-te bem junto d'Ela..., põe-te em contacto com o seu coração e pede-Lhe essa força..., essa energia..., essa fortaleza varonil... para aceitar as provas que Deus te envia... e até para desejá-las com santo entusiasmo, pois elas te purificarão e acrisolarão dando valor sólido e positivo à tua virtude.

4.º *Fortaleza nas suas decisões.* — Não é a fortaleza passiva que resiste às provas, às tribulações e às tentações..., é a fortaleza activa que acomete com energia e empreende com decisão. — O caso de Maria neste ponto é verdadeiramente admirável..., é simplesmente único..., incomparável.

Nada há de semelhante à fortaleza desta jovenzinha tão débil e delicada, apenas com três anos..., que decididamente

se arranca dos braços de seus pais para consagrar-se ao serviço de Deus, no Templo...; intrepidez com que sobre os degraus do mesmo... e a decisão, certamente sobre-humana, com que nele faz o seu voto de virgindade ao Senhor!

Que assombro deve ter causado entre os próprios Anjos do Céu! — E quando consentiu em ser Mãe de Deus, sabendo perfeitamente os sacrifícios cruéis e heróicos que isto significava, onde encontrou forças para acometer uma empresa tão grande como a de ser Corredentora do género humano?... — Simplesmente na fortaleza do seu coração —. A fortaleza, é a virtude que faz os heróis e os santos.

Diz-se que a virtude não tem de feminino mais que o nome..., pois supõe sempre energia..., decisão..., valor..., força; ora, tudo isto é dado pela fortaleza. — Pede-a à Santíssima Virgem. — Pede-Lhe fortaleza para sustentar, conservar e defender a tua fé...; fortaleza para lutar com as tentações que vêm de fora... e com as que vêm de ti mesmo, que são piores ainda...; fortaleza para vencer e dominar com energia a carne rebelde e assim poder conservar a tua pureza...; fortaleza para sofrer e para cumprir com os teus deveres quotidianos...; fortaleza, enfim, para te santificares, sem retroceder..., sem desmaiar..., sem nunca te desalentares..., crucificando-te na Cruz de Jesus Cristo e ali permanecendo sem baixar da Cruz, como Ele.

21. Temperança

1.º *Virtude racional.* — Bem pode chamar-se deste modo esta bela virtude. — Todas as virtudes são, sem dúvida, muito racionais..., porém, a temperança é, na verdade, própria e exclusiva da racionalidade..., visto que por ela, o homem procede como tal... e quando falta a esta virtude, mais parece animal do que homem.

Contempla o homem sem temperança no comer e beber... Não é a imagem exacta dos animais imundos, que se revolvem na própria comida? Vê o intemperante em génio e carácter, deixando-se levar da ira: não parece antes uma fera que se sacia na sua vítima. — A temperança é uma virtude que está relacionada com outras, como a mansidão e doçura... e em especial com a mortificação, a tal ponto, que bem pode considerar-se como uma parte ou um exercício desta última. — Contudo, é bom que a consideremos separadamente, já que a Santíssima Virgem também é dela modelo acabadíssimo.

2.º *Na comida e bebida.* — É esta a primeira aplicação que se faz da temperança..., isto é, a moderação que se deve guardar no comer e no beber. — Parecia não ser necessário determo-nos nesta virtude, aplicada a este ponto..., pois parece incompreensível que o homem possa exceder-se numa coisa tão baixa..., tão degradante, como é o comer e o beber. — Esta necessidade da natureza, é um verdadeiro

castigo de Deus... e todos nós sentimos a humilhação de nos vermos nisto totalmente semelhantes aos animais. — **A bondade de Deus** suavizou este castigo, dando-nos o sentido do gosto, para com ele saborear os manjares... e estimulando o acto de comer por meio do apetite..., porém, o homem, transtornou o plano de Deus e como se o gosto fosse o fim do comer parece que muitas vezes não procura nele senão satisfazer esse gosto com refinamentos e exquisitices culinárias... ou saciar o apeite comendo e bebendo com excesso. Segundo o que acabamos de ver, a temperança, neste ponto, há-de moderar não só a quantidade, não permitindo mais que o que seja conveniente..., senão também a qualidade, desterrando todo o saborismo no preparar e no apresentar a comida... e até no modo de a tomar com excessiva complacência... ou com modos que indiquem uma ânsia grosseira e insaciável... Como se aplica bem a isto aquele princípio de que a educação e a verdadeira urbanidade contribuem poderosamente para a santidade!... Neste caso vão tão juntas a temperança e as regras da boa educação, que se confundem uma com a outra.

Entra na casa de Nazaré e vê a Santíssima Virgem preparando e cozinhando a comida daquela pequenina casa... o condimento principal é a pobreza... e a temperança... e, sobretudo, o carinho e o amor com que a Virgem Santíssima a prepara e a serve. — Contempla aquela casa..., os utensílios que emprega...; tudo muito limpo, porém, tudo muito pobre. — E, como comeriam aqueles três encantadores seres?... Que modos..., que atitudes..., que porte tão correcto!... Que virtude da temperança tão divinamente praticada na casa de Nazaré!

Diz à Santíssima Virgem que te ensine... e que te lembres d'Ela quando te sentares à mesa..., quando te servem alguma coisa de que não gostes, para que te venças e a tomes..., ou quando, pelo contrário, é alguma coisa que te agrada muito, para que te contenhas e não te excedas... Que

te lembres com a presença da Santíssima Virgem, de sobrenaturalizar e dar um grande valor a este acto tão degradante e miserável, como é o de comer...; enfim, que nunca te levantes da mesa, sem ter feito alguma mortificação em honra da tua querida Mãe...

3.° *No dormir.* — Outro acto humilhante..., outra triste necessidade da nossa natureza... Que espectáculo degradante é o homem a dormir!... Toda a sua vida racional e espiritual, está por completo ausente...; é a imagem mais perfeita de um cadáver... Compara-se a morte com o sono, e dá-se-lhe o mesmo nome... Não é, portanto, uma aberração digna de lástima convertê-lo em prazer desordenado? — Bem está dormir o necessário e o conveniente, como é natural, não porém, com excesso..., pois este excesso é muito nocivo para a alma e até para o corpo

Não sabemos o tempo que a Santíssima Virgem dava ao descanso..., nem como seria o seu leito..., etc., porém, será demais supor que se levantava com a aurora, antes que saísse o sol, cantar o hino da gratidão que na alvorada entoavam a Deus as avezinhas e toda a criação? — Não poderemos afirmar que muitas..., muitíssimas vezes interromperia o seu sono para orar... e que muitas mais, sem dúvida, encurtaria em grande parte o tempo do descanso para falar na soledade da noite com Deus... e passaria mesmo algumas noites inteiras na sua companhia?... Não o fez assim Jesus com frequência, como o indica o Santo Evangelho?... Pois, como a Santíssima Virgem deixaria de imitá-lO nisto, como em tudo o que lhe via fazer?

4.° *Noutras coisas.* — Finalmente, a temperança estende-se a moderar todos os gostos e prazeres que pode disfrutar o homem, marcando claramente os limites do lícito e do ilícito. — Pensa nas superfluidades da tua casa, talvez só para bem parecer e fomentar até com isso o teu espírito de vaidade... Pensa na tua pessoa..., no vestido e no modo de te arranjares e de te compores... Quão necessário e a

propósito vem aqui a moderação para vir a dar no justo equilíbrio! Que bem sabe o demónio disfarçar a sua acção com razões aparentes, que sugere: — é necessário vestir assim..., arranjar-se de tal modo... para não chamar a atenção!... etc.; e a verdadeira razão é simplesmente a vaidade... e o desejo de parecer bem e agradar aos outros.

Nas recreações e diversões, ainda boas e sãs..., completamente lícitas e convenientes..., pensa na maneira como as passas; como nelas se descobre a pessoa culta... educada... e mortificada. — Moderação e temperança no falar..., no rir..., no brincar... enfim em todos os actos, não procurando o mais cómodo..., suave e efeminado... Assim conseguirás dispor o teu corpo para agradar a Deus, vivendo vida de mortificação e sacrifício...; dispor o teu coração para a vida interior de oração e recolhimento... e, enfim, dispor a tua alma para as práticas das virtudes sólidas e perfeitas.

Aplica estes pontos à vida da Santíssima Virgem e verás quão perfeitamente Ela esteve adornada com a senhoril virtude da temperança. — Suplica-Lhe te conceda os frutos tão excelentes desta virtude para o teu corpo..., para o teu coração..., para a tua alma... e examina-te bem sobre esta virtude, para corrigires o que for necessário.

22. Humildade

1.º *Humildade necessária.* — Depois das virtudes teologais e das cardeais, sem dúvida que vem a humildade. É aquela virtude da qual diz S. Francisco de Sales, que é *necessário em cada instante a todos, ainda aos mais perfeitos...*; a que é por todos considerada como o fundamento do edifício da santidade... e primeiro passo a dar neste caminho. — A Igreja repete com frequência, no Ofício Divino, aquilo de Santo Agostinho: *Queres levantar uma grande fábrica de Santidade?... Pensa primeiro numa sólida base de humildade..., porque quanto maior for o edifício mais fundos hão-de ser os alicerces*

É certo que a árvore que não lança raízes profundas, não pode ter grande corpulência..., nem resistir à fúria do vendaval. — É um erro lamentável julgar-se alguém muito adiantado na perfeição e não ter dominado a soberba..., o orgulho..., o amor próprio..., pois ainda que leve uma vida de muita piedade e intensamente espiritual, está muito longe do princípio da perfeição se não é humilde... Ouve a S. Tomás, que diz: *Aquele que não é humilde, ainda que faça milagres, não é perfeito..., porque toda a sua vida está falha de solidez.*

Não duvides disto: se não chegaste já a maior santidade, é porque ainda não és profundamente humilde.

Examina-te e verás que é o terrível amor próprio o que prende as tuas asas e te não deixa voar a Deus e às alturas da perfeição. — Deus encanta-se por completo das almas

humildes e dá-se a elas sem reserva..., elevando-as a uma altura de santidade, sempre proporcionada ao aniquilamento e à sua humildade... *Deus resiste aos soberbos..., e dá a sua graça aos humildes,* diz S. Tiago. *Todo o que se humilha será exaltado e o que se exalta será humilhado,* segundo o Evangelho.

Repete devagar e volta a saborear o *Magnificat* da Santíssima Virgem em que de um modo tão belo Ela canta as excelências da humildade... E, como não? pois diz Santa Teresa, que *a humildade de Maria foi a que atraiu a Deus do Céu às suas puríssimas entranhas e com ela O trazemos também nós por um cabelo às nossas almas.*

Considera, pois, muito devagar a grandeza de *Maria...,* a sua excelência quase divina..., aquela sua pureza, com todo o cortejo de virtudes que a acompanham, etc., e pensa: qual será o fundamento proporcionado a essa santidade? ... — Se n'Ela, por ser obra prima de Deus, tudo, tudo é harmonioso, que humildade será necessária para formar o conjunto e manter a harmonia com aquela grandeza?

Na verdade, se Deus, à vista da sua humildade, tanto exaltou alguns santos..., que humildade teria visto em sua Mãe quando assim a engrandeceu sobre todos os outros?... Extasia-te diante da virtude de Maria e condensa na sua humildade toda a sua santidade, segundo aquilo de Santo Agostinho: «Se me perguntas qual é primeiro e principal meio para a perfeição, dir-te-ei: em primeiro lugar, a *humildade...*; em segundo lugar..., *a humildade,* e em último caso, *a humildade*»... Não porque tenhamos de desprezar as outras virtudes..., senão porque tendo-a a ela deveras, temo-las todas..., pois se a soberba é mãe de todo o pecado..., a humildade é mãe de toda a virtude. — Medita isto, ante o exemplo da tua Mãe. Examina-te muito sobre este ponto..., envergonha-te e suplica-Lhe...

2.° *Humildade verdadeira.* — Adverte, porém, que tudo isto se aplica ùnicamente à humildade sincera ou verda-

deira, não à aparente e fingida... E, o que é uma e outra? A humildade verdadeira é a resposta sincera a esta dupla pergunta: Quem é Deus?... Quem sou eu?... Deste duplo conhecimento brota, naturalmente, o conhecimento da nossa baixeza em comparação da imensidade de Deus..., da nossa miséria..., do nosso nada..., da nossa incapacidade para dar um único passo no caminho da santidade..., dos nossos pecados, que são ainda pior que o nada...; das nossas contínuas imperfeições e ingratidões com as quais tens deitado a perder tantas vezes as graças de Deus... Vê o teu corpo..., quanta corrupção!... Vê a tua alma; quanta miséria!... Que coisa mais natural que a humildade diante deste quadro tão real e tão verdadeiro! — Por isso *a humildade é a verdade,* segundo Santa Teresa.

S. Francisco de Sales, tirava desta verdade estas consequências que muito devagar deves meditar:

a) Que não temos razão para nos termos por alguma coisa, senão que devemos ter um baixo conceito de nós mesmos..., pois só devemos estimar e amar a Deus...

b) Que não devemos procurar nem aceitar louvores nem estima de nenhuma espécie..., pois isto é uma injustiça, já que tudo é devido ùnicamente ao Senhor...

c) Que devemos ter amor pela obscuridade..., pelo desprezo..., pelo esquecimento...; isto é o que se deve ao nada e ao pecado..., e se Jesus Cristo sem pecado foi o primeiro a fazer assim, nós, carregados de tantos, com maior motivo devemos fazer o mesmo.

Aplica tudo isto, ponto por ponto, à vida da Santíssima Virgem e verás quão fàcilmente encontras n'Ela o modelo prático da verdadeira humildade..., daquela humildade, da qual Jesus Cristo dizia: *Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração...* Que boa disciplina foi a Santíssima Virgem, pois aprendeu tão perfeitamente esta lição!... Porque não a aprendes tu também assim?

3.º *Humildade falsa.* — Não é, pois, verdadeira humildade em que consiste em meras palavras..., em acções puramente exteriores... Quantas vezes, apesar de inclinar a cabeça..., trazer os olhos baixos..., procurar o último lugar..., e dizer mal de si mesmo, etc., se junta a tudo isto um refinado amor próprio, que não sofre a menor contradição... e menos ainda ver-se posto de parte..., que não é capaz de sofrer uma correcção de um superior ou um aviso salutar de pessoa amiga... que não sabe sofrer um injúria ou um desprezo..., que anda sempre com comparações ou exigências ditadas pela inveja, para não consentir preferências de nenhuma espécie!... etc. — Bem se vê que uma humildade assim, não merece este nome, pois é humildade fingida e aparente..., puramente externa..., que não nasce de um coração verdadeiramente humilde.

É também falsa humildade, a que não quer reconhecer as graças que recebeu de Deus, e julga que pensar nisso é grande soberba... Como foi diferente a humildade de Maria, quando não duvidou publicar que tinha recebido coisas muito grandes do Senhor, e que por isso A chamariam bem-aventurada todas as gerações!... Mas disso não tirava outra conclusão senão a da glória..., louvor e agradecimento ao Senhor... Reconhecer, não para envaidecer-se do que se recebeu, senão para mais louvar, servir e amar a Deus, é a verdadeira humildade.

Finalmente, é funesta humanidade a que, considerando a sua baixeza e a sua miséria, deduz, como fruto prático dela, o desalento..., a desilusão..., o abatimento. — A fórmula da verdadeira humildade é: *Por mim nada sou..., nada posso, porém, tudo posso n'Aquele que me conforta.* — Tudo; portanto, não há nada impossível..., nem sequer a santidade, para o verdadeiro humilde. — Pede à Santíssima Virgem luzes para distinguir e conhecer bem estas duas humildades para que, fugindo da falsa, com a sua ajuda te firmes bem na verdadeira.

23. Humildade

1.º *O verdadeiro conhecimento.* — Como a humildade é a verdade..., e funda-se na verdade... e é fonte da verdade, por isso é ela a que nos dá o verdadeiro e exacto conhecimento de nós mesmos. — Vê quão bem se conhecia a Santíssima Virgem a si mesma. — Ninguém tinha recebido de Deus mais graças e privilégios extraordinários do que Ela... Imaculada na Sua Conceição..., cheia de graça, por isso mesmo, desde o seu primeiro instante..., mais santa que todos os santos e santas juntos... Rainha do Céu e corredentora dos homens..., bendita entre todas as mulheres..., enfim com o título único que tudo resumia: Mãe de Deus!...

Assim se vai Maria, assim se conhecia a Si mesma. e, não obstante... vê, como Ela é sempre humilde! Sabia que tudo isto estava n'Ela..., porém nada era d'Ela...; tudo era de Deus..., tudo era porque se tinha dignado o Senhor olhar para a sua escravazinha, com olhos de misericórdia..., como o cantou no seu *Magnificat*...; tudo atribuía a Deus..., tinha uma consciência perfeita do seu nada... e assim se considerava diante de Deus, como o mesmo nada..., como a última das suas criaturas..., como a mais indigna das escravas que O servem... Assim adorava Ela a Deus..., assim se aniquilava na sua presença..., assim se submetia em tudo e sempre à sua divina vontade..., assim estava toda a vida recebendo e praticando a sua fórmula sublime de humildade... o programa da vida do verdadeiro humilde: *Eis aqui a escrava do Senhor... Faça-se em mim*

segundo a vossa palavra. — E como tinha este conhecimento profundo de si mesma... e operava sempre com este conhecimento e persuasão do seu nada, assim aparecia também perante os outros. — É Rainha dos Anjos..., porém, não o mostra... Com que reverência os trata!... Vê neles os servos fiéis de Deus..., os seus emissários e embaixadores... e por isso se humilha diante deles... Desgosta-se e perturba-se ao ver-se reverenciada e louvada por eles.

Deste mesmo modo trata com os homens... Fixa-te, especialmente, no seu porte humilde e respeitoso, para com os seus pais..., para com os sacerdotes, para com os superiores..., para com S. José..., enfim, para com todas aquelas aldeãzinhas de Nazaré... Vê como vive exactamente igual a elas... como a humilde esposa de um carpinteiro... e tão convencida estava de que era em Si mesma..., que não aspirava a outra coisa, julgando que não tinha direito a outro género de vida..., e sempre contente com a sua sorte, e isto que era a Rainha do Céu!... Que exemplo..., que lição para nós!... Faz aplicações práticas à tua vida..., compara-te com a Virgem Santíssima nalguns desses casos que tu perfeitamente conheces da tua vida, e verás claramente, deste modo, a tua soberba..., o teu amor próprio..., o teu orgulho refinado... a tua falta de humildade... e, por isso mesmo, a tua falta de conhecimento sincero de ti mesmo.

2.° *A verdadeira grandeza.* — Medita agora na grandeza que brota da humildade...; esta é a única que merece este nome... Todas as outras grandezas são mentira. — O homem nunca é tão grande como quando está de joelhos..., isto é, quando se humilha e se confunde com o pó da sua miséria... Assim se confundiu o publicano do Evangelho e se fez santo... Assim se confundiu S. Pedro e no seu humilde arrependimento mereceu ser exaltado até à honra de primeiro Papa... Assim, mais que todos os santos e mais que todas as criaturas, se confundiu a Santíssima Virgem ao confessar-se

pùblicamente *escrava do Senhor* e por isso foi elevada à dignidade de Mãe de Deus!... Que verdadeira grandeza a da humildade diante de Deus e até diante dos homens!...

Recorda a Lusbel no Céu..., a Adão no Paraíso... e convencer-te-ás que a soberba, não só não conduz a espécie alguma de grandeza, senão que leva à mais terrível e espantosa queda. — Uma vez quiseram os homens levantar uma torre que chegasse ao Céu, para desafiar o poder de Deus e tornar impossíveis os castigos da sua justiça..., mas a única coisa que fizeram foi tornarem-se ridículos..., dignos de desprezo e de troça de todas as gerações.

Compara agora com esta a conduta de Maria, que não quer passar da condição de serva e escrava, e não só de palavra mas a valer; quer ser tida como tal... e viver sempre assim... Deus, porém, exalta-a tanto, que também Ela excitará a atenção de todas as gerações..., mas para A admirarem e bendizerem sempre. Como Deus cumpre bem a sua palavra!... *O que se humilha será exaltado...*

Do nada criou o mundo e tirou todas as coisas, e não parece senão que agora também quer tirar do nosso nada toda a nossa grandeza... Por isso exige como condição indispensável, para fazer-nos grandes e santos, que tenhamos diante dos nossos olhos o nosso nada..., o puro nada que somos e que podemos. — Sòmente a humildade é a que levanta a altíssima torre..., firme... e segura que ultrapassa as nuvens e chega até aos Céus..., até ao trono do próprio Deus.

3.º *A verdadeira fortaleza.* — Finalmente é na humildade que se encontra o ponto de partida para as grandes façanhas, para os grandes heroísmos. — O humilde descansa em Deus..., conta com o poder omnipotente de Deus, e não há nada que se lhe oponha..., nem dificuldades que não vença. — A humildade não é pusilanimidade nem retraimento, que nos faz cobardes... medrosos; pelo contrário, é a virtude dos fortes..., a que dá e gera a verdadeira forta-

leza. — Toda a sua coragem varonil e a sua grande energia e decisão em operar, dissemos que a tirou a Santíssima Virgem da sua profunda humildade.

Na sua Purificação, passa Maria por uma das maiores humilhações da sua vida...; seria necessário, para apreciá-la em toda a sua extensão, conhecer o amor da Santíssima Virgem à sua pureza imaculada. — A dignidade de Mãe de Deus teria anteposto ou preferido a sua virgindade... e agora, tem que passar aos olhos das criaturas como uma mulher igual às outras. — A açucena puríssima aparece como murcha perante os homens... Só Deus conhece o seu candor e inocência... — O amor próprio fàcilmente teria procurado pretextos neste caso para proceder doutra maneira: o zelo da glória de Deus..., a edificação do próximo..., a alegria daquele povo ao saber que já estava entre eles o Messias, etc. — Maria não admite tais sugestões..., obedece à lei com tanto maior gosto quanto é para Ela mais humilhante... Deus neste dia aprecia mais a sua oferenda que todas as outras, porque nehuma se Lhe ofereceu com mais humildade... — Ah! repara com que fortaleza e virilidade Maria, nesta cerimónia, oferece a Deus o Seu Filho... e se entrega Ela mesma à imolação..., ao sacrifício...

Tu também necessitas de generosidade..., virilidade..., fortaleza para oferecer a Deus o teu sacrifício..., o que mais te custa e o mais necessário..., o do teu amor próprio... Fá-lo com generosidade e fortaleza...; na humildade a encontrarás... Pede à Santíssima Virgem um conhecimento de ti mesmo e dos teus afectos..., o conhecimento do teu proceder. — Que reverência tens na oração..., com os anjos e santos..., com os teus superiores..., como pensas deles... e como te portas com eles?... És respeitoso..., deferente..., submisso a todos os que têm autoridade sobre ti?... Como correspondes às graças de Deus... A humildade te ensinará tudo isto... Pede-a assim à Santíssima Virgem,..., insta e roga-Lhe encarecidamente para que te não negue esta graça.

24. Pobreza

1.° *A pobreza actual.* — É a pobreza real e efectiva, que consiste na carência de bens de fortuna. — Pode ser *involuntária* quando por disposição da Providência, nos encontramos nessas circunstâncias..., ou *voluntária,* quando o coração se desprende de tudo o que possui e de facto deixa e renuncia a tudo, para com maior liberdade, servir a Deus e dar-se plenamente ao seu amor. — Esta segunda, como também a primeira, quando se aceitam com gozo e alegria, constituem a virtude da pobreza actual. Esta virtude, é fonte positiva de imensos bens e de grandes e verdadeiras riquezas..., pois S. Paulo não duvida afirmar que a avareza é a raiz de todos os males... Jesus Cristo assim o promete: *O que deixar a sua casa... e fazenda...., receberá cem vezes mais e depois da vida eterna...* E Ele mesmo exigiu este desprendimento como o primeiro passo para a vida de perfeição...; *Se queres ser perfeito, vende quanto tens..., dá-o aos pobres..., e vem, segue-me...*

Eis porque a pobreza actual é um dos votos essenciais na vida religiosa... e porque todos os santos tanto empenho puseram em praticá-la e às vezes em grau heróico. — Entre todos, salienta-se o grande S. Francisco que de tal modo a constituiu como característica da sua vida e do seu espírito que não quis ser outra coisa senão o *Pobrezinho de Assis...* E não é para estranhar, pois não quis com isto ser senão

um imitador d'Aquele de quem diz S. Paulo que sendo *imensamente rico, se fez pobre por nós a fim de nos fazer a nós ricos com a sua pobreza.* — Os Apóstolos tinham em tanta consideração esta vida da pobreza e tão perfeitamente a praticaram na escola de Jesus Cristo, que não duvidaram impô-la aos primitivos cristãos, e assim todos se desprendiam dos seus bens e os levavam com muito gosto aos pés dos Apóstolos, vivendo uma vida comum e igual de pobreza e caridade...

2.º *A pobreza de Maria.* — Contempla o ideal da pobreza da Santíssima Virgem... Maria era pobre, não possuia mais do que as pobres mulheres de Nazaré... Se no seu nascimento não houve uma pobreza miserável..., e uma falta total de bens, pois dizem que seus pais possuiam uma casita..., deu tudo aos pobres e muito pobremente viveu.

Detém-te a contemplar a casita de Nazaré antes e depois de Ela viver com S. José... Que pobreza, que simplicidade!... Percorre todos os quartos..., examina santamente todos os móveis..., a baixela da cozinha..., a mesa e as cadeiras..., a cama e a roupa de vestir... A oficina de S. José era uma pobre quadra, com quatro ferramentas, as mais indispensáveis..., rústicas..., muito usadas e gastas... Ali não há mais entradas do que o que diàriamente ganha S. José...; a pobreza então seria estreitíssima e talvez algum dia permitisse Deus que lhes faltasse até o pobre alimento. Assiste a uma das refeições da Sagrada Família... Tudo está impregnado de pobreza..., de temperança. — Era sempre assim..., às vezes, porém, tinham que sofrer, de maneira mais extraordinária, as privações da pobreza...; Parece que Deus se recreava naquela pobreza... — Recorda a viagem a Belém... Provàvelmente S. José teria levado ao matrimónio algumas economias, que teria feito com esse fim... Era toda a sua esperança, para quando nascesse o Menino... Com que satisfação as gastaria todas e mais que tivesse, para preparar um bercinho jeitoso ao Filho de Deus...;

a viagem, porém, a Belém suprime todas as suas ilusões..., desfaz-lhe os planos..., e as suas pobres economias são gastas na viagem... e, pior ainda, em pagar o tributo cruel..., bárbaro..., injusto..., ao César...; e Jesus nascerá não na pobreza, senão na indigência mais extrema..., sem casa..., sem berço..., apenas com uns paninhos.

Voltam, novamente, para Nazaré e apenas S. José com o seu trabalho dobrado, consegue outra vez juntar um pequenino pecúlio..., outra viagem mais dura..., mais longa..., mais penosa o espera, a viagem ao Egipto!...; mais uma vez os rigores da indigência... Que dias aqueles, os primeiros, passados no Egipto até que foi dando-se a conhecer S. José..., e começou a adquirir alguma freguesia!... Vivia sòmente de esmola.

Finalmente, quando já se tinham acomodado e já podiam respirar um pouco..., outra vez de viagem..., de novo para Nazaré..., e começar mais uma vez a procurar encomendas e trabalho... Repara na Santíssima Virgem, procurando trabalho para S. José..., Ela que é a herdeira da Coroa de David!..., a Imperatriz do Céu!... a Rainha dos anjos e dos homens..., e não obstante, que contente..., que satisfeita..., que alegria está desposada com a pobreza!...

3.º *Consequência desta pobreza.* — Maria não só viveu oculta e privadamente pobre..., senão que pùblicamente teve de aparecer sempre assim em muitas ocasiões. — Lembra-te do mistério da Apresentação e oferta que então levou... Nem sequer teve para comprar um cordeirinho e teve que contentar-se com a oferta dos mais pobres, um par de pombinhos.

Isto deu ocasião a Maria, de muitos actos de virtude que teve de praticar... Com que deprezo, por exemplo, A tratariam as outras mulheres que iam ao Templo, com ricas ofertas!... Que pouca consideração da parte daqueles sacerdotes!... Como costuma acontecer com os pobres... não fariam caso deles..., abusariam, fazendo-os esperar mais do

que devia ser para atender a outros a quem mais lhe convinha ter contentes... Que humilhações e desprezos não causa a pobreza!... Por isso mesmo, o seu trato havia de ser com gente ignorante..., inculta..., grosseira..., como sucede com os pobres...; a Ela mesma assim A tratariam, como uma de tantas..., e a seu Filho não lhe pôde dar uma educação mais elevada..., até talvez não lhe foi possível enviá-lO às escolas dos rabinos...; devia servir-se d'Ele para os recados da casa e da oficina... e depois, ocupá-lo-ia em ajudar a seu pai a ganhar para comer... Deste modo era conhecido Jesus, como filho do pobre carpinteiro..., como filho daquela pobre aldeã que se chamava Maria... Que admiração tudo isto nos deve causar!... Que desejos de estudar os segredos que, dúvida, encerra a pobreza!... Pergunta a Maria: porque a amou tanto? Pede-Lhe que te ensine a razão, pela qual foi tão querida de Jesus e d'Ela, que não se apartaram desta virtude nem um só momento... Qual será? — Medita nisto muito devagar em companhia de tua Mãe.

25. Pobreza

1.º *Pobreza de espírito.* — É evidente que a pobreza de espírito ou o espírito de pobreza é o que dá valor e merecimento a esta virtude... Não é virtude simplesmente a falta de bens de fortuna... e assim há muitos pobres que não praticam esta virtude, apesar de não possuírem nada..., e pelo contrário, pode haver verdadeira pobreza de espírito no meio de grande opulência.

Esta pobreza de espírito, como a chama Jesus Cristo nas suas bem-aventuranças, consiste no desapego do coração de toda a riqueza, fazenda e bens materiais..., de sorte que *nem se ponha a alma nas riquezas... nem as riquezas na alma,* como diz S. Francisco de Sales. — A raiz disto brota da profunda convicção que devemos ter de que nada de quanto existe é nosso com pleno domínio..., total... e absoluto..., ainda que possuamos com legítimo direito e possamos dizer com verdade «isto é meu»..., pois afinal, o único dono e senhor absoluto de todos os bens é Deus.

Dos bens de fortuna nós não somos senão meros administradores desse único e supremo senhor..., e, por isso mesmo, não podemos dispor deles a nosso capricho, senão dentro das ordens e disposições do seu legítimo dono.

O abusar das riquezas..., o desejá-las... o trabalhar para entesoirá-las..., ou se não as possuímos, lamentar-se da sua falta..., queixar-se a Deus e maldizer a sua sorte..., ao

mesmo tempo que se fomentam afectos de inveja dos que têm muito... tudo isto, é contrário à pobreza de espírito.

Escuta então S. Paulo, que diz: «tudo considero como imundície asquerosa e desprezível, em comparação da única riqueza que é ganhar a Cristo». — Portanto, o pobre de espírito deve viver contente com a sua indigência, se Deus o pôs nesse estado... compreendendo que com isso tem facilitado, em sumo grau o caminho da santidade..., e se tem fortuna, há-de empregá-la em favor dos seus irmãos, evitando a avareza..., a ambição..., o desejo de entesoirar e aumentar mais e mais os seus cabedais..., pondo o seu coração nos bens eternos do Céu... e não o sepultando nos miseráveis e caducos bens da terra.

Assim procedeu a Santíssima Virgem, como já o dissemos... Viveu sempre em pobreza actual, mas ao mesmo tempo com um admirável espírito desta virtude... Que desapego o seu! Que diferença!... Que pouco valor dava a tudo isso que forma os bens de fortuna! — Os seus bens e a sua fortuna estavam concentrados num só objecto, o seu Jesus!... Era o que Ela ambicionava..., o que não queria perder... Dai aquela avareza santa em não desperdiçar nem uma só das suas palavras..., nem uma só das suas acções..., senão que as guardava todas no secreto do seu coração, para a sós..., como o avarento com as suas riquezas, recrear-se recordando-as..., meditá-las..., saboreá-las. — Com Jesus nada mais Lhe importava desta terra. — Os magos dão-Lhe uma grande quantidade de oiro...; aceita-a agradecida, mas, segundo o sentir dos Santos Padres, repartiu-a logo entre os pobres. Que desprendimento do oiro!...

2.º *As suas grandes vantagens.* — São tantas que é difícil o enumerá-las. — Antes de tudo, a pobreza de espírito constitui o primeiro ponto do sermão da Montanha. — É a primeira de todas as bem-aventuranças, à qual Jesus Cristo promete solenemente a posse do reino dos Céus.—A pobreza constitui um dos temas mais importantes da sua pregação...

Como anatematizava os ricos!... Que difícil lhes pôs a entrada do Céu!... Mais que a passagem de um camelo pelo fundo de uma agulha.

Além disso quis dar-nos exemplo acabadíssimo da pobreza *afectiva e efectiva*... Quem O obrigou a nascer..., a viver..., a morrer tão pobremente?...

A jóia preciosa com que quis adornar-se em sua vida, foi a pobreza. — Aos que deixaram tudo para O seguir, fê-los Apóstolos..., santos..., porém, aos cobardes e apegados ao dinheiro, não lhes deu nada. O jovem do Evangelho a quem convinha a ser pobre por Ele, teria sido também... um dos seus apóstolos... ou seu discípulo.... talvez uma grande figura na sua Igreja, e um grande santo no Céu..., mas ele não quis deixar o que possuía, a sua fortuna, e já se não fala mais dele no Evangelho...; perdeu tudo por não ter deixado tudo voluntàriamente.

A pobreza, além disso, traz consigo um cortejo brilhantíssimo de outras virtudes...:

a) Privações frequentes e mesmo contínuas no alimento, no vestuário, na maneira de viver...

b) Por isso mesmo, é um exercício não interrompido de mortificações exteriores e corporais... e também das interiores do espírito...

c) Ao pobre, não lhe faltarão abandonos..., desprezos..., humilhações..., indiferença..., ingratidões e faltas de correspondência, por vezes dos poderosos, que desdenharão vê-lo..., tratar com ele.

d) Com esta pobreza vai unida a necessidade do trabalho corporal..., molesto e fatigante..., mas ao mesmo tempo fá-lo-á confiar mais e mais na Divina Providência, de quem vive e de quem tudo espera...

e) Por isso a pobreza gera espontâneamente um grande espírito de oração, pois ninguém melhor do que o pobre, sente a sua absoluta necessidade...

f) Finalmente, a pobreza torna o entendimento mais

claro para compreender o verdadeiro valor das coisas da terra..., e o coração mais livre de apegos e preocupações, para poder voar melhor para Deus sem nada que ate ou ligue as suas asas

Medita bem em tudo isto, para que estimes, como se deve, esta virtude e verás então como não estranhas o amor que lhe tinha a Santíssima Virgem e a alegria com que vivia abraçada a ela.

3.º *A tua pobreza de espírito.* — Tens de trabalhar por adquirir esta virtude tão necessária. — Se és rico, reparte com os pobres e assim exercitarás a virtude da pobreza e da caridade entre os pobres a quem deves socorrer...; se Deus te dá a sentir os efeitos da pobreza actual, sabe agradecer a Deus este benefício por ver-te semelhante a Cristo e a Maria pobres por nosso amor. — Nunca esqueças o exemplo de um Judas, que por amor às riquezas e por sua avareza, caiu em negra e horrível traição...; aprende de Maria a trocar o ouro terreno dos Magos, pelo ouro preciosíssimo da caridade com o próximo..., pelo ouro valiosíssimo da abnegação e do sacrifício.

Não pensaria Jesus Cristo em sua Mãe..., no nosso grande modelo, quando proclamava a dita e a bem-aventurança da pobreza? ... Pareces-te nisto alguma coisa com Ela?... Não tens aspirações mundanas de brilhar..., de louvores..., de desejo de fazer figura?... — Pensas muito que o reino dos Céus é para os pobres de espírito e humildes de coração? ... Tens bem presente as palavras de tua Mãe, de que «Deus enche de bens os pobres... e deixa de mãos vazias os ricos do mundo»?... Gostas de visitar os pobres..., de tratar deles..., de socorrê-los?... Envergonhas-te talvez de que algum membro da tua família seja pobre e vista pobremente? Gostas de fazer alarde de nobreza e de riqueza entre os outros?— Pede a Jesus e a Maria a sua pobreza, pois que essa é a sua herança.

26. Obediência

1.º A *excelência desta virtude.* — Não é fácil adivinhá-la e compreendê-la em todo o seu valor. — Da soberba brota a rebeldia e a desobediência... da humildade, a obediência. — Em Jesus Cristo estas duas virtudes estavam intimamente unidas, como diz S. Paulo: *humilhou-se e fez-se obediente.* — Isto mesmo se deu com a Santíssima Virgem. — A obediência é o distintivo e a característica do espírito de Cristo...; a rebeldia é a do demónio, do mundo e da carne.

Escuta as primeiras palavras de Jesus Cristo: *Meu Deus, eu vim para fazer a tua vontade... e a tua lei está no meu coração...* depois estas: *O meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que me enviou...* E assim compreenderás com quanta razão pôde dizer o Apóstolo *que a Sua obediência foi até à morte* e *morte de Cruz* Quantas vezes pregou Ele esta doutrina que praticava: *Aquele que vos ouve, a mim ouve...,* e *o que vos desobedece e despreza a mim me despreza.*

A obediência não é virtude exclusiva dos conventos, senão que todos estamos obrigados a obedecer aos superiores que mandam em nós, em nome de Deus. — S. Paulo disse: *Filhos, obedecei a vossos pais.* — *Criados e servos, servi e obedecei aos vossos senhores, com respeito e temor.* — *Cidadãos, vivei submissos aos magistrados e às autoridades e obedecei às suas ordens...; finalmente, obedecei todos aos*

vossos superiores e prelados, já que eles velam por vós, como quem terá de dar contas a Deus das vossas almas. — Deus pôs tudo sob a obediência, de sorte que ninguém, nem ainda os mesmos superiores, estão isentos dela. O superior deve ser o primeiro a obedecer...; ninguém sabe mandar, se antes não soube obedecer. — Há-de obedecer aos que são superiores a eles... e, em último caso, a Deus, pois de tal modo o superior deve representar a Deus, que tudo o que manda e ordena, seja conforme ao que Deus lhe inspira e lhe comunica na oração.

Pensa, se tens que mandar, que não o podes fazer consultando o teu capricho..., senão ùnicamente expondo a teus súbditos a vontade do Senhor, da qual deves ser fiel intérprete...; se assim não é, nem tu tens direito a mandar, nem os teus súbditos obrigação de obedecer.

Vê quão excelente é a obediência, pois faz-nos conhecer e praticar sem medo de nos enganarmos, em cada caso concreto da nossa vida, o que então Deus quer de nós...

2.° *Os seus frutos.* — São também grandes e excelentes os frutos que produz a obediência: 1.° — O descanso e segurança que dá à alma, que sabe de certeza..., e infalìvelmente..., que enquanto obedece acerta sem jamais se enganar com a vontade de Deus... 2.° — Como consequência desta segurança, uma paz de alma e de coração... e um sossego interior... verdadeiramente imperturbável, pois exclui totalmente toda a dúvida... vacilação... escrúpulo, etc... 3.° — Uma grande semelhança que a alma adquire com Jesus e com a Santíssima Virgem, que não viveram senão submetidos sempre às provas, às vezes dificílimas e heróicas da obediência... 4.° — Um grande espírito de sacrifício, que com ela se adquire e se pratica..., visto que a obediência é a oblação contínua do amor próprio..., do parecer próprio..., da vontade própria, que é o que mais custa e o que mais agrada a Deus...: *Melhor é a obediência que qualquer outro sacrifício...*

5.º — A obediência purifica, por isso mesmo, sem cessar, a nossa intenção, pois por ela deixamos de nos buscar a nós mesmos, para procurar e encontrar infalìvelmente a Deus... 6.º — Com ela aumenta consideràvelmente o mérito e o valor dos nossos actos, pois todos, ainda os mais insignificantes em si, adquirem um grau incalculável de merecimento diante de Deus..., ao contrário do que acontece quando operamos independentemente ou contra a obediência...: Como então buscamos a nossa satisfação, já temos nisso a recompensa dos nossos actos... 7.º — Do mesmo modo, com a obediência crescem e se fortificam consideràvelmente todas as virtudes... adquire-se e assegura-se com ela a vitória final, pois diz o Espírito Santo: *que o obediente cantará vitória...*

8.º — Por isso mesmo, a obediência dá-nos armas ofensivas e defensivas contra todos os nossos inimigos... Não tens notado o empenho do demónio quando te tenta, para te afastares do teu confessor..., director... ou superior?... Pois é por isso; ele bem sabe que enquanto obedeces, não poderá nada contra ti..., mas ai daquele que se afasta da obediência e pretende querer combater sòzinho!... Dificìlmente triunfa!... 9.º — Por fim o obediente tem direito a contar com o poder de Deus..., com a Providência de Deus, que não pode deixar de sentir intimamente e mais do que ninguém..., porque o obediente é o que pràticamente se lança e se abandona nos braços de Deus..., renuncia a si mesmo, para ser todo de Deus e, por isso, com razão, tudo espera d'Ele.

3.º *Exemplo de Maria.* — Apesar de todas as suas excelências magníficas e dos seus tão preciosos frutos..., o que mais te deve animar à obediência e a exercitar-te na prática da mesma, é o exemplo da Santíssima Virgem. — Que modelo de obediência o seu!... Obedeceu sempre com rendimento de juízo..., alegria de coração... e prontidão na execução.

Vê a sua obediência ordinária..., continua a S. José, a quem considera como cabeça daquela casa e representante imediato da autoridade de Deus. Não discute as suas ordens..., não contradiz as suas indicações..., não segue outros conselhos e orientações, ainda nas coisas mais pequenas, senão as que ele lhe dá. — Melhor ainda diremos que Ela nunca considerou como coisas pequenas as que ordenava a obediência...; por isso aquela submissão total e completa à vontade divina, mesmo manifestada por um superior que sob muitos aspectos era inferior a Ela...; contudo obedece como uma *escrava*, é sempre «*a escrava do Senhor*» e dos seus representantes...; não tem liberdade... nem vontade... nem parecer próprio...; não tem direito a pensar... nem a ajuizar... menos ainda a criticar e a censurar o que da parte de Deus lhe ordenam...; se assim não fizesse deixaria de ser a «*escrava*»..., pois esta perdeu toda a sua personalidade...e Maria gosta tanto deste título, que dele fez o programa da sua vida...; renunciou livre... espontânea... e generosamente a todos os seus direitos..., a toda a sua liberdade para escravizar-se *totalmente* a Deus.

Quem fez voto de obediência, veja a que se obrigou... Este é o modelo... Não há outro modo de cumpri-lo, senão ser... e viver... *totalmente escravizado* na sua liberdade..., na sua vontade..., no seu próprio parecer, ao dos superiores.

À imitação de Maria, aquele que faz voto de obediência não poderá deter-se a examinar as razões... ou os motivos do que lhe é mandado...; só deve saber se lhe é ordenado ou não, e se no ordenado não há pecado e proceder conforme a ordem dada, sem dilações de nenhuma espécie. — Os que não fizeram esse voto, vejam também onde está o ideal desta virtude... e comparem a sua conduta com a da Santíssima Virgem. — Faz um exame muito minucioso sobre este ponto..., analisa bem a tua obediência... põe-na em paralelo com a de Maria e tira a conclusão do que hás-de fazer.

27. Obediência

1.º *Obediência verdadeira.* — É a que consiste na submissão da parte superior do nosso ser, às disposições daquele que manda..., isto é, pode ser que a parte inferior se rebele..., que se sinta repugnância ao obedecer... ou temor em face das dificuldades que nalguns casos suponha a obediência. — Jesus Cristo foi o primeiro a sentir essa repugnância e essa debilidade na parte inferior da sua natureza, que se assustava em Getsemani perante aquela obediência heróica..., até à morte! e morte de Cruz!... a que ia ser submetido. — Isto é muito humano..., muito natural...; o contrário seria converter-nos em estátuas, com uma indiferença e insensibilidade anti-natural... e além disso, isto tiraria valor e merecimento à obediência.

O mérito está em sentir isso... mas apesar de tudo dizer como Cristo: — Para diante! *não se faça a minha vontade, senão a tua...*, haja o que houver..., custe o que custar... Ah! como é precioso e agradável a Deus o sacrifício que então lhe oferecemos.

Não deixa de ser verdadeira a obediência se expomos aos nossos superiores, com simplicidade e humildade, alguns motivos e inconvenientes que necessitem esclarecimento..., sem intenção de protestar..., nem sequer de discordar do mandado..., senão com a intenção de simplesmente o esclarecer ou consultar...; expor não é opor-se. — Recorda o caso

tão claro neste ponto da Santíssima Virgem...; disposta a obedecer cegamente..., não obstante, pergunta ao anjo..., expõe as suas dúvidas..., pede esclarecimentos para melhor saber a forma como há-de obedecer... e, uma vez conhecida esta, já não tem lugar senão esta palavra: *Fiat, faça-se.*

2.° *A obediência perfeita.* — A verdadeira obediência, admite graus e assim pode ser mais ou menos perfeita...

A obediência perfeita é a que reune as condições da mesma já expostas numa das meditações da vida de Nazaré..., a que obedece com prontidão e alegria..., com espírito sobrenatural, ùnicamente por Deus, não por motivos naturais de agrado ou simpatia..., com rendimento total da vontade e do entendimento, não para operar irracionalmente e contra a nossa razão, mas sim para não ver com os olhos do nosso próprio juízo e assim fazer cegamente o que se nos manda.

Numa palavra, a obediência perfeita obedece totalmente..., sem limitação de tempo nem de coisas...; não obedece quando lhe apetece... ou quando lhe agrada..., não vê as dificuldades; mas sempre, e a todo o instante, cumpre exactamente o que lhe foi ordenado..., até nos mais pequenos pormenores. — Esta é a grande obediência..., tão louvada e recomendada por todos os santos. — Que maravilhas não disseram dela Santo Agostinho, S. Tomás... Santa Teresa de Jesus..., Santo Inácio de Loiola! — Toda a perfeição a fizeram depender da obediência... E o próprio Deus, quantas vezes às almas que Ele mesmo dirigia e inspirava directamente, as obrigava depois a dar conta aos seus confessores e directores para submeter tudo à obediência!

3.° *Perfeição de Maria.* — Aplica todos estes pontos à obediência da Santíssima Virgem, e vê a perfeição com que Ela exercitou esta virtude. — Ontem meditávamos a sua obediência ordinária e quotidiana, da qual nem um momento da sua vida prescindiu... Vê, além disso hoje a sua obediência nos casos extraordinários que a Ela... como a ti também às vezes o Senhor enviará.

Não duvides de que o Senhor tem empenho em provar a nossa virtude... Pôs à prova a obediência dos Anjos..., de Adão e Eva..., de Abraão..., de Moisés..., etc., e também provou a da Santíssima Virgem..., não porque duvidasse d'Ela, mas sim para a fazer salientar mais aos nossos olhos... e acrescentar maior merecimento ao que ordinàriamente adquiria com a sua perfeitíssima obediência.

É verdade que uma obediência diária..., constante..., sempre em tudo perfeita, deixa de ser obediência vulgar, para converter-se em obediência extraordinária e até heróica... Que grande heroísmo o do vulgar..., do monótono..., o de todos os dias! — Pois bem, Maria além deste heroísmo e desta perfeição..., teve a da obediência à prova em ocasiões difíceis..., extraordinárias..., nas que podia ter ensejo, segundo a nossa meneira de ver, de alguma desculpa para deixar de obedecer. — Maria, porém, nunca encontrou essa desculpa.

Vê a sua obediência a Deus que a inspirava ao voto de virgindade..., Ela só..., única..., sem precedente..., expondo-se à desonra pública e aos escárneos dos outros..., etc. — Maria não repara em nada, e alegre e delicadamente faz o que o Senhor Lhe inspira. — Inspira-lhe também a vida de reconhecimento no Templo... e é tal a sua prontidão, que aos três anos se desprende dos seus pais, deixa a sua casa e obedece à inspiração de Deus. — Mandam-na depois os Sacerdotes desposar-se com S. José, e obedece-lhes como ao próprio Deus. — É o Anjo quem, da parte de Deus A chama a ser Sua Mãe, e ainda que não entenda como isso há-de ser..., sujeita-se à sua vontade e obedece... e mais tarde, já então na vida de Jesus, que obediência a sua nas diversas viagens que Deus permite..., no cumprimento das leis que a Ela a não obrigavam... Não necessita de ir ao Templo, não precisa purificar-se de nada... e, contudo, prefere obedecer naquilo em que não tem necessidade nem obrigação antes do que faltar à obediência.

Na vida pública do seu Filho, inspira-Lhe Deus que se retire e se esconda..., e não aparece em nenhuma parte..., Diz-Lhe que deve acompanhar a seu Filho até à Cruz..., ei-lA decidida sem pensar no sacrifício enorme que isto supunha. — Obediente até à morte, como Seu Filho.

4.º *A cópia.* — Tu deves ser a cópia deste modelo perfeitíssimo. — Hás-de trabalhar para que a obediência seja em ti também alguma coisa essencial na tua vida espiritual. — Deves obedecer no ordinário e no extraordinário. — Obediência universal em tudo e a todos: Maria obedece ao Anjo..., não diz: *Faça-se em mim a vontade de Deus,* senão *segundo a vossa palavra...,* de modo que ainda que seja inferior, se representa a Deus, deves obedecer. — Maria obedece ao César, soberbo e ambicioso..., obedece à lei humilhante..., obedece a S. José..., obedece aos Apóstolos e aos seus sucessores e representantes. — Deves obedecer por Deus e a Deus, seja quem for aquele que em seu nome te manda. — Deves entregar-te plenamente..., simplesmente..., confiadamente a quem em seu nome e com a sua autoridade dirige a tua alma...; só assim conseguirás ser verdadeiramente obediente...; só assim vencerás e dominarás a tua soberba..., o teu orgulho, que sob tantas formas se manifesta e te domina...; só assim serás cópia exacta de tua Mãe...

28. A Castidade

1.° *A virtude da brancura.* — É a virtude da beleza..., da alvura da alma. — Todas as virtudes são ornamento riquíssimo da alma..., nenhuma, porém, a adorna com tanta graça e formosura como esta... *Oh! Como é formosa,* diz o Espírito Santo, *a geração casta e pura, toda resplandecente!... Como é apreciada de Deus e dos homens!*

Flores belas e exquisito aroma são as outras virtudes..., porém, a castidade é a açucena das mesmas..., o lírio que recreia e encanta o próprio Deus. — Assim o canta a Igreja nos seus hinos, quando diz que *Deus anda sempre entre lírios...* — Também reservou uma bem-aventurança especial para ela: *Bem-aventurados os limpos de coração...* É que ainda que todo o pecado, toda a falta, é uma mancha da alma... parece que nenhuma a macula como a impureza...; é o pecado feio...; imundo..., vergonhoso, mais que nenhum outro pecado. — É o que Deus mais aborrece..., o que mais ofende os olhos puríssimos e imaculados da nossa Mãe.

Para ele reservou Deus os maiores castigos, ainda cá na terra: dilúvios de água e de fogo, não duvidou de os mandar ao mundo para o purificar deste vício repugnante e abominável. Eis porque o demónio, no seu afã de vingar-se de Deus, é o pecado que mais procura que cometam as almas..., e é sem dúvida o que mais almas leva ao inferno.

A castidade é a virtude mais delicada...; qualquer hálito de carne a pode embaciar e fazer murchar.

É certo que não se perde esta virtude só por sentir a tentação..., ainda que esta seja forte..., muito repugnante..., muito molesta. — Muitíssimos santos, apesar da sua santidade, passaram pela humilhação de sentir estas tentações e não deixaram, por isso, de ser grandes santos... Peca-se e perde-se a castidade, quando se *consente* livre e voluntàriamente em qualquer coisa, por pequena que seja... e ainda que seja por pouco tempo. Acautela-te bem, ainda que te pareça pouca coisa...; se é impura, já é pecado..., pois não existe, neste ponto a chamada *«parvidade de matéria»* ou matéria leve... Como é delicada esta virtude!... Todo o cuidado é sempre pouco...; nunca julgues que nisto podes pecar por exagero... As almas mais puras, como a de S. Luís Gonzaga, foram as mais exageradas nesta matéria... Qual seria, pois, a delicadeza extrema de tua Mãe querida, se esta foi a virtude que mais amou?...

2.ª *A virtude resplandecente.* — É a virtude da luz... A alma casta, está envolta na claridade da luz divina... Por isso, os *limpos de coração, são os únicos que vêem e verão a Deus*... Luz para o entendimento..., luz para a alma e coração... Os pensamentos puros são diáfanos..., mais resplandecentes que a luz... O amor puro é o amor sincero e verdadeiro..., o único que merece este nome... Nunca se avilta tanto o amor como quando se baseia na impureza... Isso já não é amor..., é uma paixão baixa, cheia de egoísmo grosseiro e de concupiscência animal.

A pureza é luz para o nosso entendimento, ao passo que a impureza é cegueira e obscuridade de espírito, que priva o homem do conhecimento.

a) De si mesmo..., isto é, da sua dignidade..., do que é..., do que deve ser..., do deve a si mesmo... Se ao cometer o pecado se lembrasse o homem do que é e do que se torna depois, não o cometeria. — S. Paulo chama-lhe

«homem animal», isto é, homem carnal, incapaz de perceber as coisas de Deus. — S. Bernardo diz, que nos outros pecados, por exemplo, de avareza..., de soberba, etc., peca o homem..., porém, neste pecado, peca o animal..., porque esta paixão é tão baixa e vil, que o põe ao nível dos animais. Que cegueira de si mesmo!

d) Mas também priva o homem do conhecimento mais exacto *do pecado* que comete..., porque este pecado conhece-se quando ainda não se cometeu...; então tem-se medo...; náusea..., repugnância a este pecado. — Mas quando se comete, este conhecimento debilita-se..., perde-se o medo e a vergonha e chega-se ao escândalo..., ao endurecimento do coração..., ao cinismo mais desenvergonhado.

c) Enfim, priva o homem do conhecimento *de Deus*. — A impiedade e a incredualidade e a própria apostasia, são quase sempre efeitos da impureza. — A ideia da existência de Deus é ideia que perturba o prazer do homem carnal e para melhor se entregar ao seu pecado, renega a Deus e aparta-se d'Ele... Foi o que fez Salomão..., Lutero... e tantos outros.

3.º *A virtude nobre.* — Toda a nossa nobreza e dignidade depende da nossa parte espiritual..., mas esta é a que cai vencida pela carne..., pela matéria em todo o pecado carnal. — Há em nós uma contínua luta entre o espírito e a carne...; o primeiro aspira subir para cima..., para Deus que é o seu modelo, uma vez que a alma é sua imagem...; a carne tende para baixo..., a arrastar-se no lodo da terra de onde brotou... Eis a luta constante que se sustenta no nosso interior. — Se o espírito sobe, há-de triunfar a carne...; é a virtude da pureza... Se se deixa arrastar e é vencido pela carne, temos o pecado impuro.

De sorte que a pureza é o resultado de uma vitória... e a impureza de uma vergonhosa derrota. — Por isso, a pureza é a virtude nobre..., digna..., valente..., própria também dos valentes...; é por excelência a virtude viril..., enér-

gica..., que não admite a mais pequena claudicação ou transigência.

4.° *A virtude de Maria.* — É, certamente, a virtude querida..., mais procurada..., mais bem guardada pela Santíssima Virgem. — Maria é toda alvura, sem mancha possível, menos ainda mancha carnal... Concebida toda branca, persevera na sua brancura imaculada até ao fim da sua vida. — Maria é a Rainha da luz..., que não tem quartos minguantes, como a lua..., nem ocasos, como o sol..., mas... sempre luz..., toda luz, sem mistura de sombra de espécie alguma.

Todas as almas, ainda as mais santas, tiveram alguma mancha..., alguma sombra... Maria é o único espelho puríssimo da luz inextinguível e eterna de Deus... Que conhecimento profundo teria Ela de si mesma..., do pecado..., de Deus... com essa luz?... É pois, para estranhar que ame tanto a pureza, se esta virtude é a virtude da claridade e da luz... Não vês como o impuro gosta da escuridão e das trevas? ... O seu ambiente é este: A escuridão do inferno.

Finalmente, contempla Maria acrisolando a sua pureza, não com lutas e provas..., pois Deus não quis que Ela sentisse o aguilhão da concupiscência..., mas trabalhando..., vigiando..., orando..., mortificando-se como se a sentisse e como se tivesse medo de perder a sua virtude... Que simpática energia a sua para guardar e conservar aquela jóia imaculada!... Porque não serás tu também assim?

29. A Castidade

1.º *A flor virginal.* — Tudo quanto se disse da alvura..., da claridade e brilho..., da nobreza e dignidade da castidade, há-de dizer-se sobretudo da castidade virginal..., que é o grau mais perfeito e mais excelso aonde pode chegar esta virtude...; é o grau máximo que a Santíssima Virgem escolheu para a sua castidade. — Tanto mais meritória se torna a castidade, quanto mais livre e voluntária for no homem.

A castidade é obrigatória em todos os estados de vida que elegermos... Devemos necessàriamente ser castos nos pensamentos..., nos desejos..., nas palavras e acções...; a isto se reduz o fiel e exacto cumprimento do sexto preceito da lei de Deus. — A virgindade, porém, é uma virtude voluntária..., a ninguém obriga..., senão que livre e espontâneamente a abraça aquele que quiser.

Grande graça de Deus é esta, que supõe uma luz especial para que com ela se conheça a formosura..., a beleza divina da virgindade... e assim conhecendo-a não se pode deixar de ficar encantado com ela... e recebê-la, não como uma pesada carga, senão como um dom excelente que Deus nos concede... Ditosas as almas que receberam esta luz! — Se todos a recebessem... e conhecessem o que encerra a virgindade, não havia ninguém que a não desejasse. — É, portanto, o *Tesoiro escondido* do Evangelho: aquele que

o encontra, dá tudo o que tem para o comprar e para nunca o perder.

S. Paulo diz *que não recebeu mandato de Deus para impor a virgindade, mas que a aconselha como estado mais perfeito...* E dá a razão disso: *O que não tem mulher,* diz *preocupa-se unicamente com as coisas de Deus, e como Lhe há-de agradar ao seu marido...; tudo isto vos digo para gar-se pelas coisas da terra e acha-se como que* dividido o *seu coração... Do mesmo modo,* continua dizendo, *a mulher que quer ser virgem, só pensa em Deus para ser virgem, só pensa em Deus para ser santa no corpo e na alma..., mas a casada, pensa nas coisas do mundo e como há-de agradar ao seu marido...; tudo isto vos digo para vosso proveito... não para vos prender e enganar, senão para vos exortar ao mais louvável e mais belo e ao que dá mais facilidades para servir a Deus sem embaraço algum.*

E depois de repetir estas ideias de diversas maneiras, como para selá-las com toda a autoridade, termina dizendo: *E estou certo que tudo isto que digo mo inspira* o *Espírito de Deus.* — Assim é; só Deus pode inspirar e dar a conhecer a beleza incomparável da virgindade...

2.º *A flor angélica.* — Chama-se à castidade virtude e flor angélica, mas estas palavras convêm singularmente à virgindade..., porque esta virtude torna a alma virgem, semelhante aos anjos, visto que de tal modo dignifica e enobrece aquele que a possui, que transforma..., eleva e espiritualiza a sua carne a ponto de parecer puro espírito desligado dos laços grosseiros e materiais do corpo.

Muitos santos Padres comparam as almas virgens com os anjos, e preferem aquelas a estes. — Santo Ambrósio diz: *Os Anjos vivem sem carne..., as almas virgens triunfam da carne.* — S. Pedro Crisólogo acrescenta: *É mais belo conquistar a glória angélica, que recebê-la por natureza...; a virgindade conquista na luta, e depois de muitos esforços, o que os anjos de Deus receberam naturalmente.*

S. Bernardo exclama: *A alma virgem e o anjo só se diferenciam em que a virgindade do anjo é mais ditosa, e a da alma virgem é mais meritória...* Por fim, escreve S. Jerónimo: *Apenas entrou o Filho de Deus na terra, constituiu-se uma nova família, nunca vista até então: a família das virgens, para que Ele, que no Céu era adorado pelos anjos, o fosse também por estes anjos da terra...*

Eis a razão por que esta virtude faz o homem tão amável e querido dos anjos...; porque os anjos, como todos os seres, amam os seus semelhantes... e assim não podem deixar de amar aos que têm carne angélica, e que vivem como anjos na própria natureza corpórea e material. — Por esta mesma razão, a beleza desta flor é perene e eterna..., como é a dos anjos..., pois não se funda em razões carnais e materiais que são corruptíveis. Carece de princípio de corrupção...; e assim, quando tudo na terra se desfaz e se destrói..., se estraga com o tempo, que tudo consome..., a carne virginal ainda que pareça que com a morte também se desfaz e corrompe, conserva como em gérmen a incorrupção moral e física... e uma espécie de direito à imortalidade. — Esta é a formosíssima e puríssima geração das almas virgens... Parece que é como uma nova geração, distinta das outras, que conserva ditosamente, no mundo, a lembrança daquele estado de inocência e de pureza, em que foi criado o homem por Deus, no Paraíso.

3.º *A flor de Maria.* — Esta virtude é, por antonomásia, a flor predilecta da nossa querida Mãe..., de tal sorte, que é esta virtude a que faz denominar *a Virgem* — *a Virgem Santíssima.* — Fixa-te bem neste nome e na força que tem em designar assim a Maria... Não a chamamos «a obediente..., a humilde», etc., ainda que fosse tudo isso e modelo acabado de todas as virtudes...; mas chama-se-lhe «a Virgem» e parece que com chamá-la deste modo já está tudo dito.

E, é claro, Ela não quer outro título senão este..., e teria deixado o outro mais grandioso de Mãe de Deus se fosse

incompatível com a sua virgindade. — Nem nas tendas dos Patriarcas, nem no seio do povo de Deus, se conhecia esta virtude... A esperança de gerar o Messias, afastava a todas as filhas de Israel de apreciar a virgindade... Maria não encontra nem um só modelo deste género nos livros sagrados, e é que Deus queria que o modelo fosse Ela... e assim, com a sua sublime abnegação, renuncia à possibilidade de ser Mãe de Deus, com o acto de seguir a inspiração divina que a inclina à vida virginal. — Quer dizer que em certo modo renuncia ao próprio Deus para ser mais agradável a Deus... Que é de estranhar, portanto, que perante este exemplo sublime, milhares de almas tenham querido alistar-se neste exército branco, em que Maria ergue radiante de amor a bandeira puríssima da virgindade! — Só estas almas virginais são e serão eternamente as formosas açucenas que, sem dobrara a sua haste, e sempre direitas para o Céu, encantam a Deus... e O obrigam a comunicar-se com elas de um modo mais íntimo..., mais amoroso..., mais divino.

Não é possível amar Maria sem inundar a gente o coração dos resplendores e aromas da Sua castíssima virgindade. — Ela é o princípio da virgindade... O olhar de Maria..., o trato e conversação com Maria, gera virgindade..., irradia-a por toda a parte..., como por toda a parte o lírio derrama a sua fragância... Porque não pões na virgindade o teu ideal..., o de Maria..., o de Deus... Pois bem, o ideal vale mais que a vida. — Por ele tudo deves sacrificar... tudo encaminhar e dirigir para manter..., conservar..., defender esse ideal tão grande, que levas em vaso de barro e que se pode quebrar...

30. A Castidade

1.º *O lírio entre espinhos.* — Assim se chama esta virtude, e com razão pois só entre os espinhos da mortificação, que a guardam e defendem, pode crescer e desabrochar. — Não esqueças que dissemos que era uma flor delicadíssima e muito mimosa...; qualquer pequena coisa a pode fazer murchar..., que há inimigos em toda a parte dispostos a travar batalha, para nos fazer cair...; que donde menos talvez pensamos nos espreita o ladrão disposto a arrebatar-nos essa jóia, logo que possa e aproveitar qualquer descuido..., enfim, que o cofre que a guarda é de barro quebradiço e um só golpe pode atirar com ela e quebrá-la.

Por isso, a castidade requer um sacrifício constante...; em muitos casos equivale a um verdadeiro martírio... pelo esforço constante de sacrifício que exige. — Santo Inácio Mártir diz: *Que se devem apreciar e estimar as almas virgens como verdadeiros sacerdotes de Cristo, que no seu coração e no seu corpo, oferecem sem cessar verdadeiros holocaustos ao Senhor.* — Só Jesus Cristo podia fazer esta maravilha...: que a fraqueza humana obtivesse este glorioso triunfo do espírito sobre a carne. Esse triunfo é d'Ele... é pois glória sua, a castidade..., a pureza..., a virgindade. — Fora de Cristo, fora da Igreja, não se dá esta flor. — Por isso, Santo Atanásio chegou a dizer que era *a virgindade*

uma nota característica da verdadeira Igreja..., pois nela e exclusivamente nela se dá este heroísmo.

Mas precisamente por ser um heroísmo..., um sacrifício constante..., um holocausto total e perfeito do nosso corpo e da nossa alma ao Senhor, por isso mesmo requer esforço..., cuidado..., vigilância..., enfim, a prática e execução dos meios indispensáveis para triunfar nesta luta. — Nisto também a Santíssima Virgem é modelo... Nem um só descuido como já se indicou; portou-se sempre na guarda desta virtude como se tivesse medo..., como se tivesse estado cercada de grandes tentações e de ocasiões perigosas...; é que amou tanto esta virtude, que julgava não fazer nunca o bastante para conservar a alvura do lírio da castidade. — Olha, pois, para tua Mãe...; percorre estes meios indispensáveis e medita-os devagar um por um.

2.° *Meios negativos.* — São os que podemos chamar preventivos... — mais vale prevenir que remediar! — Mas sobretudo em matéria de castidade, como isto se torna uma realidade palpável! — Há quedas tão mortais que parecem irremediáveis sem uma difícil reparação:

a) O que primeiro temos que fazer, é fugir..., evitar as ocasiões...; esta fuga não é vergonhosa..., não é de cobardes, senão de prudentes e avisados. — Seria imprudência e loucura chegar-se ao fogo e não querer queimar-se..., loucura inexplicável seria passar junto dum leão que dorme e despertá-lo... Quem sabe o que sucederia depois? — O Espírito Santo adverte-o com toda a clareza: *Amar o perigo é perecer nele...* S. Jerónimo exclama: *Quem jamais dormiu tranquilo junto de uma víbora?* ... Lembra-te que não é a saúde, senão a enfermidade a que se contagia... Portanto, temos que fugir do contágio..., temos que desconfiar de tudo, muito prudentemente.

b) Não transigir com nada que se relacione com esta matéria... Não andes à beira do precipício, nem vendo até

aonde podes chegar e até aonde não..., que é matéria resvaladiça e, uma vez no resvaladoiro, dificilmente nos podemos deter e dizer: «daqui não passo». — Todas as grandes quedas vieram por pequenas escorregadelas..., por descuidos insignificantes. — Até os antigos pagãos diziam: *principiis obsta*... Dá pois muita importância aos princípios..., não transijas com um princípio ainda que pareça pequeno, de enfermidade...

c) Pode figurar entre estes meios negativos, a mortificação e penitência, pois o seu fim não é tanto o castigar e reparar o dano cometido, como o de preveni-lo, tirando as forças à carne e aos sentidos e assim fazer com que a tentação não encontre terreno apto para o seu desenvolvimento... S. Carlos Borromeu, diz: *Sem a guarda dos sentidos e as mecerações corporais, ninguém conseguirá o dom da castidade.* — Todos os santos fizeram como S. Paulo, castigando o seu corpo duramente e submetendo, como S. Jerónimo, à força de jejuns, a sua carne para que se não rebelasse. — A melhor garantia e segurança da castidade é a mortificação... Como alguém disse, é amarga como o quinino, mas fortalece e tonifica como ele. — Mortificar é matar, não os princípios vitais que nos sustêm, mas os gérmens de enfermidade e de morte. — Ama a mortificação, que é mãe de pureza.

3.º *Meios positivos.* — *a) A oração* é, sem dúvida, o primeiro e principal... Por isso Jesus Cristo tanto insistiu nela para que não caíssemos em tentação. — A oração põe-nos em contacto com Deus, todo pureza...; aproxima-nos das coisas do Céu e afasta-nos da terra... Além disso, alcança-nos de Deus os auxílios necessários para combater e para triunfar. — A oração é necessária para tudo..., para toda a espécie de virtudes..., para impetrar todo o género de graças, mas muito mais indispensáveis é para esta virtude. Diz Jesus Cristo no Evangelho: *Há alguns géneros de tentações que só com a oração e o jejum se podem vencer*...

b) *Os Santos Sacramentos*... A Penitência para lavar-nos e purificar-nos..., é o Sacramento da limpidez..., da pureza; e mais ainda, se a este Sacramento se lhe junta a Comunhão... Comunhão, isto é, união comum, uma mesma vida com Cristo... Que admira, pois, que a Comunhão seja fonte de castidade e de virgindade! — O Imaculado..., o Filho da Imaculada..., o que se apascenta entre os lírios e açucenas..., o Esposo das almas virgens, feito pão branco para gerar pureza e virgindade! — É impossível comungar bem, e não ser puro..., casto..., virgem...

c) Exercitar-se noutras virtudes, como a humildade, tão unida à castidade, que, segundo S. Francisco de Sales, *não é fácil ser casto sem ser humilde;* e, segundo dizem outros santos, *Deus às vezes castiga ao soberbo, deixando-o cair na humilhante impureza*... E também é muito importante o trabalho, pois no campo da ociosidade é onde se dá melhor a impureza.

d) Finalmente, a verdadeira devoção à Santíssima Virgem..., mas devoção de imitação... Vê como Ela apreciava a sua pureza..., como cuidava dela com a vida retirada e silenciosa, sem aparecer em público senão quando a caridade ou o serviço de Deus o exigiam...; como a conservava com a sua vida de trabalho, evitando toda a ociosidade e sustentando-se com o trabalho das suas mãos..., com a mortificação dos seus sentidos, da sua língua, dos seus olhos, dos seus ouvidos, recolhendo-os com o maior recato e modéstia..., com a sua oração contínua, de tal modo que jamais perdeu a presença de Deus... nem deixou de mergulhar-se a cada instante na fonte divina da pureza. — Contempla-A..., examina-A muito devagar até saber de cor tudo o que fazia pela sua pureza virginal. — Invoca-A..., chamando-A com frequência..., de modo particular nas ocasiões..., nos perigos.... vai ter com Ela instintivamente e diz-Lhe com o coração, mil vezes: «Tende compaixão de mim, não me abandoneis, minha Mãe»...

31. A Modéstia

1.º *Virtude encantadora.* — A modéstia tem tal parentesco e relação com a castidade, que faz parte dela... e, por isso, se assemelha a ela na beleza..., na formosura e encantos divinos que a cercam. — A modéstia como a pureza é uma virtude agradabilíssima aos olhos de Deus e também aos olhos dos homens. — Vê como se torna aborrecida a todos uma pessoa atrevida..., desenvolta..., descarada... e sem vergonha. — Compara-a com uma outra de aparência tímida e talvez acanhada..., mas envolvida nesse véu celestial de modéstia..., de simplicidade..., de pudor..., de rubor e de simpática vergonha.

É o complemento necessário e indispensável de uma alma pura e, mais ainda, de uma alma virgem. — S. Francisco de Sales diz que *em todos os nossos actos devemos ser sempre muito modestos, pois estamos sempre na presença de Deus e à vista dos seus Anjos.* Vê bem como esta virtude recebe do Céu mesmo todo o seu encanto, dignidade e atractiva beleza. — E assim compreenderás a razão por que a Santíssima Virgem tanto amava esta virtude. — A reverência que sentia para com a majestade de Deus, a quem via e tinha presente na pessoa de Seu Filho..., o amor santo, veneração e respeito profundo que sentia para com a divindade..., a sua perfeitíssima e contínua presença e conversação com Deus, foram a causa de que Ela aparecesse sempre como

a Virgem modestíssima... Maria! que modelo de encantadora modéstia! — No seu semblante..., no seu olhar..., nos seus modos..., no seu porte, aparecia uma santa gravidade e seriedade acompanhada de uma inexplicável suavidade e de uma doçura celestial e divina. — Assim era a sua modéstia... grave e simpática ao mesmo tempo... uma modéstia rigorosa que não admite o mais pequeno descuido, mas sempre natural e simples... sem violência nem ridicularias..., afável e atraente sem leviandades nem gracejos..., sem soberba nem desconfiança. — Todos os que a viam ficavam absortos naquela modéstia e recato que nada tinha de taciturno nem de melancólico. — Jamais se viu n'Ela a mais pequenina inconveniência nem a mínima incorrecção... Que beleza tão harmoniosa em todo o seu ser, produzida por esta tão encantadora modéstia!

2.º *Virtude protectora.* — A modéstia é a virtude protectora da castidade..., é a sua melhor defensora..., é o baluarte natural da pureza. — Não é possível ter uma alma pura, sem que todos os sentidos estejam refreados e regulados pela modéstia. — A vista, o ouvido, a imaginação, são outras tantas portas que se deixam abertas... ou se abrem deliberadamente a todas as impressões que a elas chegam..., fàcilmente entrará por elas o pecado e a morte derivados da concupiscência.

Além disso a modéstia isola-nos e separa-nos da vida do mundo e facilita a vida de fervor, evitando a dissipação que produz o derramamento dos sentidos, convertendo a alma como que num templo onde Deus habita e com quem tem grande familiaridade. — Assim amava Maria a sua modéstia, como a salvaguarda do seu virginal coração..., como meio melhor de desprender-se de todos os atractivos exteriores..., como o modo mais prático de viver toda e só para Deus. — E como manifestação desta sua profunda modéstia, contempla com fervor aquela vergonha..., aquele rubor... mais que angelical, que circunda o seu semblante.

Contempla-A diante do Arcanjo na sua Anunciação, surpreendida pela vista inesperada daquele encantador mancebo..., e ainda que Maria sabe que é um Anjo... e ainda que nada possa temer..., contudo, ruboriza-se..., tinge-se de carmim o seu rosto..., perturba-se... e presta, com essa perturbação uma homenagem à sua imaculada pureza e à sua virginal modéstia. — Ah! como é simpática esta vergonha que assim sobe ao rosto, de quem possui um coração inocente, delicado..., puro e modesto!... Vê aquele jovem que se chamou Estanislau Kostka, ruborizar-se..., envergonhar-se de tal modo, ao ouvir uma palavra inconveniente..., uma expressão grosseira ou malsoante..., a ponto do seu coração fazer subir ao rosto todo o seu sangue..., ficar sem vida e cair desmaiado. — De quem aprendeu ele esta delicadeza..., esta esquisita sensibilidade senão de sua Mãe?... d'Aquela a quem não podia deixar de amar pois que *era sua Mãe*? — A modéstia..., a vergonha..., o rubor, é o distintivo do homem... — Entre os animais não se dá isto..., nem mesmo entre os homens que chegaram a esse estado de rebaixamento irracional próprio do pecado animal e sensual. — A modéstia e a vergonha são a barreira que se levanta entre o homem e o animal...: e por isso mesmo a vergonha, na presença do animal, ruboriza as faces com o que se chamou a púrpura da castidade, que é o rubor. — Pede a tua Mãe esta santa vergonha..., este encantador rubor que demonstra ao mundo, a tua paixão pela pureza..., pela castidade..., pela modéstia que a defende.

3.º *Virtude edificante.* — Quão formosa e edificante aparece a todos os olhos a modéstia!... É qualquer coisa que arrasta..., que se impõe..., que se pega aos outros... — Todos os pecados feitos na presença do próximo, podem servir de escândalo e de mau exemplo..., mas entre todos, o pecado impuro é o que mais serve para escandalizar e o que com mais razão tem este nome de escândalo. Do mesmo modo, todas as virtudes podem servir de edificação ao próximo,

mas a modéstia leva a palma... Que pode haver de maior edificação que a modéstia no falar..., no rir..., no andar... em todo o porte de uma alma que assim se nos mostra no exterior? — Ninguém olhou para Maria que não se edificasse e se não convencesse de que era a modéstia virginal a que arrastava a quantos a contemplavam, a amá-LA... e excitava em todos uma grande e irresistivel afeição à virtude e à santidade.

Conta-se de S. Francisco de Assis, que pregava sòmente com a sua presença humilde e modesta e que movia com o seu recolhimento e gravidade à devoção, ao louvor de Deus... Que não diremos da Santissima Virgem? Que constante e eficaz a sua pregação!... Seria essa uma das obras de zelo apostólico a favor das almas... O seu exemplo era, sem dúvida, a suave e delicada e por vezes irresistivel maneira de difundir e até de impor aos outros, compostura e recato nas palavras..., modos e atitudes, etc. Quem se atreveria, em sua presença, a proceder de outro modo? Por que não A imitas nisto? — Por que não te impões também para que difundas em volta de ti o amor à pureza e à modéstia..., e para que todos saibam que na tua presença não se pode proceder..., falar... ou apresentar-se de modo incorrecto e inconveniente?

32. A Modéstia

1.º *Interior.* — Em geral, a modéstia é a virtude que regula todos os actos externos, dando-lhe a devida compostura e decoro..., apresentando-se assim aos olhares do próximo, como qualquer coisa digna, nobre e formosa. — Mas a modéstia exterior necessàriamente há-de proceder da interior, que consiste em moderar e dirigir os movimentos desordenados da alma segundo a divina vontade. — A modéstia exterior pode-se fingir e será então um repugnante acto de hipocrisia... A modéstia interior é a única que pode dar vida à modéstia exterior. — Não deves, portanto, procurar conseguir uma aparência de modéstia..., uma modéstia postiça e mentirosa, com porte e maneiras externas que pareçam muito modestas, deixando depois que o teu coração seja vítima das baixas inclinações da concupiscência.

Quando a verdadeira modéstia existe, é tal a união que se dá entre a exterior e a interior, que uma não anda sem a outra, as duas ajudam-se mùtuamente, de sorte que a compostura exterior deve proceder sempre dum interior perfeitamente composto e ordenado... e a interior encontrará a sua melhor defesa e sustentáculo na exterior. — São Francisco de Sales explica isto com a seguinte comparação: *Como o fogo produz a cinza... e a cinza serve admiràvelmente para manter e conservar o fogo..., assim sucede com estas duas*

modéstias, que a interior produz a exterior, e esta mantém e conserva a interior de onde brotou.

Esta modéstia interior, é de duas classes: uma que refreia os movimentos da concupiscência e os actos internos do entendimento..., da imaginação e da vontade, que nos levam ao pecado da impureza..., e a outra modéstia é a que modera os movimentos da alma, que têm relação com a soberba e pelas suas virtudes..., pela sua dignidade, podiam dar-se que não queremos ferir a sua modéstia... e outras vezes admiramos a modéstia de pessoas que pelos seus méritos..., pelas suas virtudes.... pela sua dignidade, podiam dar-se mais importância. — Esta modéstia, como se vê, pràticamente reduz-se ao exercício da verdadeira humildade; por isso a alma humilde há-de ser necessàriamente modesta interior e exteriormente.

Quanto a esta modéstia, é evidente que ninguém pôde jamais comparar-se com a Santíssima Virgem; ninguém houve com mais merecimentos, virtudes, santidade, dignidade e grandezas divinas... Quem foi, apesar disso, mais simples..., afável..., caritativa..., pobre e humilde do que Ela? — E portanto, quem mais modesta quanto ao desprezo que fazia da importância da sua pessoa e da sua própria excelência? ...

E quanto à modéstia oposta à concupiscência, onde encontrar uma ordem mais completa..., uma submissão mais perfeita de todos os seus pensamentos, sentimentos e afeições à regra da razão e desta à vontade de Deus?...

2.° *Exterior.* — Vejamos, porém, mais em concreto esta modéstia interior reflectida em todos os actos exteriores do corpo e principalmente nos seguintes:

Nas palavras. — Imagina como seriam as da Santíssima Virgem, que estava persuadida ser a última das escravas do Senhor..., palavras de edificação e de encantadora modéstia...; ao considerar, cheia de gozo, os imensos benefícios de que o Senhor a cumulara; a Ele dirige o seu agradecimento

e os seus louvores... e admirar-se-á que o Todo Poderoso tenha posto os seus olhos na *miséria da sua escrava*... Estava simplesmente e firmemente persuadida da falta de merecimentos da sua parte e por isso quão longe estava em suas palavras, de atribuir a si coisa alguma! — Aprende d'Ela esta modéstia no falar..., tanto no tom da voz, não querendo impor-te com gritos, nem com palavras nervosas e excitadas..., como na simplicidade e caridade das tuas expressões.

À imitação de Maria, evita as palavras duras..., bruscas..., malsoantes. Vê como a linguagem da tua Mãe é tranquila, afável, discreta, humilde..., tornando-se simpática e atraente pela doçura de voz..., pela bondade..., pureza..., caridade e até alegria santa das suas palavras. — Tem cuidado, em especial, com as disputas e altercações; ainda que tenhas razão, deves moderar o teu juízo próprio..., cedendo, sem ser pertinaz nem ter cabeça dura...; é melhor ceder e calar com modéstia, que sair triunfante com teimosia e soberba.

Não é compatível com a soberba a sã alegria que em anedotas, graças, passatempos e brincadeiras se pode manifestar... Mas, ah! como é fácil em tudo isto, passar os limites da correcção e da modéstia!

3.º *No vestido e na habitação*. — A pobreza da casa de Nazaré, própria duma operária, faz que nela tudo seja humilde e modesto em último grau... A simplicidade e modéstia do seu vestido, avalia pela extrema necessidade de Belém e verás como nem em casa de Maria, nem no enxoval e vestido, encontrarás coisa alguma que indique luxo..., afectação da sua pessoa..., comodidade de algum género.

Nas suas viagens não usará carruagens, nem mesmo as mais modestas de então... O Evangelho nada mais diz senão que foi, por exemplo, à Judeia, com grande pressa..., pois a estimulava a caridade... Eis toda a sua preparação e equipagem...: uma pobre trouxa de roupa e muito amor de

caridade para com Deus e para com o próximo... Que exemplo de simplicidade e modéstia!... Não é modéstia a falta de asseio..., o desarranjo no vestuário...; ao contrário pode haver modéstia em meio de uma sóbria elegância, contanto que esta seja conforme o teu estado..., a tua condição... e as circunstâncias que te rodeiam...; mas nunca será compatível com o luxo..., com a vaidade dos vestidos... e menos ainda com qualquer defeito por pequeno que seja, em matéria de honestidade.

Tem muito cuidado neste último ponto e não esqueças, que na igreja e na rua..., em público e em particular, deves vestir sempre modestamente. — É intolerável o permitir-se, ao estar em casa, modos de vestir impudicos ou pelo menos muito livres...; não há pretexto nem razão que possa autorizar isto... A modéstia deve acompanhar-te em todos os instantes da tua vida.

4.º *Nas maneiras.* — Isto é, em todos os teus actos exteriores que realizas perante os outros... Modéstia no semblante e particularmente nos teus olhos, não só para evitar os olhares pecaminosos..., mas também para evitar a excessiva curiosidade de quem tudo quer ver e observar... Modéstia nas posições do andar..., ao sentar-te, não buscando precisamente a posição mais cómoda, senão a mais conveniente... Modéstia em todos os teus movimentos, evitando tudo o que seja leviandade e desenvoltura... e muitíssimo mais tudo o que não seja decoroso e digno.

Acostuma-te a esta modéstia, ainda estando só, para que assim naturalmente a pratiques diante dos outros. — É muito conhecido o caso de S. Francisco de Sales, que observado quando se encontrava só no seu quarto, guardava os mais pequenos preceitos da compostura e da modéstia. — Procedia sempre como se o vissem os Anjos do Céu e na presença de Deus.

Nota, de modo especial, tudo isto na Santíssima Virgem

e verás o conjunto admirável de todos os seus actos executados com aquela naturalidade..., simplicidade..., franqueza... e ao mesmo tempo delicadeza..., honestidade... e circunspecção próprios da santa modéstia. — Examina-te um pouco nesta matéria, e pergunta a ti mesma como guardas a modéstia interior do teu coração... e a exterior do teu corpo e de todas as tuas maneiras.

33. Mortificação

1.° *Mortificação externa.* — É a chamada penitência corporal e reduz-se ao castigo do nosso corpo e à mortificação dos sentidos. — É esta uma virtude tão infiltrada em todas as outras, que não é fácil separá-la da maior parte delas.

O exercício da pobreza..., da humildade..., da castidade e da modéstia, etc., não é um exercício constante de mortificação interior e de penitência exterior? — Contudo, convém estudá-la separadamente, pela sua importância na vida da nossa alma.

Mais do que importante, é completamente necessário, tanto para preservar-nos do pecado, como para satisfazer pelos já cometidos... e para obter do Senhor abundantíssimas graças... Quantas luzes e inspirações especiais..., quanta paz e alegria da alma..., quanto amor de Deus..., não tem conseguido a penitência das almas santas! — Não duvides; sem a penitência, não teriam chegado estas almas às alturas do amor e santidade a que chegaram!... — Recorda a S. Paulo castigando o seu corpo e regozijando-se de levar nele os sinais de penitência..., e a um S. João da Cruz, que dizia: *Ainda que visse alguém a fazer milagres, se não fosse penitente, não acreditaria na sua santidade,* e do mesmo modo falam todos os santos. Vê, porém, antes de mais nada, o exemplo de Jesus e de Maria. — Quis Jesus que o seu Pre-

cursor de assinalasse nesta virtude, e assim, se foi ao deserto a jejuar e a comer manjares silvestres, vestido de peles de camelo... que não eram senão um muito áspero cilício..., e isto que S. João Baptista fora santificado antes de nascer, e não tinha que fazer penitência... Menos tinham que fazê-la Jesus e Maria e, contudo, quão áspera não foi a que fizeram na sua dura e austera vida de Nazaré..., de Belém, do Egipto..., do deserto..., da Cruz!..., Tanto mais dura e dolorosa foi esta penitência, quanto o organismo de Jesus e o de sua Mãe eram mais delicados e mais sensíveis, portanto, a todo o sofrimento e dor. — Analisa um pouco mais e aprofunda estas penitências e verás o seguinte:

2.° *Penitências necessárias ou impostas*... as que Deus enviava à Santíssima Virgem e que Ela, sem procurá-las, recebia e aceitava amorosissimamente, isto é, não só resignadamente, mas gostosa e alegremente... as infinitas incomodidades daquelas viagens, nas circunstâncias em que as tinha de fazer...; a escassez de meios para resolver as dificuldades...; as enormes incomodidades das hospedarias..., dos caminhos..., etc..., as inclemências contínuas do tempo, abrasando-se às vezes com o sol que naquelas regiões tanto queima..., outras vezes, passando frios e incomodidades... e sempre exposta a mil perigos e sobressaltos, que aumentavam sem cessar a dureza daquela mortificação.

Contudo, penetra no seu coração e verás cómo se regozijava Ela nestes sofrimentos e mortificações que lhe vinham das mãos do Senhor. — E tu, como levas e aceitas as penitências necessárias que Deus te dá, e que queiras ou não hás-de sofrer?... as incomodidades e trabalhos..., as intempéries do tempo..., o sofrimento de uma doença, talvez muito longa..., crónica..., dolorosa..., o cansaço e fadiga de uma viagem..., de uma coisa desagradável que te acontece contra a tua vontade? — Contempla então à Santíssima Virgem e pergunta a ti mesmo como aceitaria Ela essas contrariedades.

Pensa, além disso, que estas são as melhores penitências, pois nelas não se pode pecar por indiscrição ou imprudência..., nem por ostentação ou espírito de vaidade..., nem, enfim, por desejo de singularizar-te e fazer coisas extraordinárias... Não duvides, de que com estas penitências, agradarás muito ao Senhor e tirarás um fruto imenso para a tua alma, se as fizeres com verdadeiro espírito de mortificação.

3.º *Penitências voluntárias.* — Não há dúvida que a ânsia de sofrer na Santíssima Virgem à imitação de Seu Filho, não pôde contentar-se com aceitar aquilo que Deus lhe enviava, mas Ela mesma se impunha muito frequentemente outras penitências muito ásperas e duras... Aquela oração prolongada tantas vezes durante a noite, à custa do descanso e do sono que necessitava depois do trabalho incessante do dia!... Quantas noites inteiras passadas na oração!... Aquela atitude devotíssima, de joelhos..., prostrada..., e assim horas seguidas... Aqueles jejuns tão repetidos e tão rigorosos a pão e água..., e por vezes nem isto... Pois, não imitaria Ela o jejum no deserto de Seu Filho? ... Como passaria Ela aqueles quarenta dias, visto que não ignorava a penitência que Jesus estava fazendo no deserto? — Ensinada por este exemplo, quantas vezes a repetiria depois, e a ensinaria a fazer aos primeiros cristãos? — Se Judit..., Ester..., etc., e outras santas mulheres do Antigo Testamento, se assinalaram nas suas vigílias..., jejuns..., vestidos de saco e cilício..., que não faria a Santíssima Virgem, pois que aquelas não foram senão uma figura d'Ela? — Aprende de tua Mãe a castigar o teu corpo e a mortificar a tua carne voluntàriamente, já que voluntàriamente tantas vezes pecaste... Distingue nisto várias espécies de penitências que deves fazer: umas indispensáveis, são as que consistem em mortificar os sentidos e a tê-los refreados para que não sejam portas de tentação...: numa palavra, esta penitência consiste na abstenção de todas as coisas ilícitas e proibidas pelas leis de Deus e da Igreja ou que levem mais ou menos directamente

a quebrantá-las. Porém, deve parecer-te isto muito pouco: as outras penitências são de conselho, é verdade, mas muito úteis e frutuosas; consistem também em abster-te mesmo do que é lícito e permitido, mortificando os teus sentidos nessas coisas para que quando chegue a ocasião... ou a sugestão diabólila, estejam bem dispostos para a luta. — E deves ter em conta, nesta matéria, aquela admirável regra de Santo Inácio, ao dizer: *quando nos abstemos do supérfluo, isso não é penitência, senão temperança...; a verdadeira penitência consiste em deixar ou em abster-te de alguma coisa conveniente e quanto mais se privar disso, maior e melhor será a dita penitência.*

Finalmente, vê como além destas penitências que podemos chamar *negativas*, que consistem em negar-se a gente algum gosto lícito ou ilícito..., há outras *positivas* ou *aflitivas*, que consistem em castigar directamente o teu corpo causando-lhe alguma dor..., alguma pena sensível... e são as penitências exercitadas por todos os santos e almas fervorosas que querem, com isto, provar o seu grande amor a Cristo, inventando mil meios..., engenhando-se de muitíssimas maneiras para mortificar-se.

Não esqueças que a penitência deve ser, em último termo uma manifestação de amor... de desagravo e de reparação ao Senhor pelos teus pecados e pelos alheios...; e quando assim se faz a penitência por puro amor de Deus. sem mistura de amor próprio, é quando tem todo o seu merecimento e eficácia... Então poderás dizer que imitas o amor puríssimo e mortificadíssimo de tua querida Mãe, a Santíssima Virgem.

34. Mortificação

1.º *Mortificação interna*, das paixões. — É evidente que esta é a penitência melhor e mais necessária. — Toda a mortificação corporal que não fosse acompanhada da interior, isto é, dos afectos ou paixões da alma, seria coisa inútil... De que valeu ao fariseu do Evangelho jejuar duas vezes por semana?... Em compensação o publicano que esmagava o seu coração de dor humilde e de contrição perfeita, tornou-se santo. — Não ouviste dizer que vale mais um grama de mortificação interior do que muitos quilos de mortificação corporal?... Qual seria então a mortificação interior de Maria a julgar pelo seu porte exterior tão humilde e mortificado? !

N'Ela não havia paixões a dominar ...nem más inclinações a arrancar... nem afectos ou sentimentos a ordenar..., tudo estava ordenado e dominado por uma graça especialíssima de Deus, que não consentiu em sua Mãe a rebeldia das paixões, de qualquer espécie...; mas mesmo sem esta graça especialíssima a alma de Maria seria o modelo mais acabado da harmonia e da paz, próprias do coração ordenado e mortificado.

Não tinha que mortificar e mortificou-se mais do que ninguém... A mortificação rigorosa dos sentidos, que conservava bem recatados como se também para Ela fossem portas de tentação..., uniu-se a mais decidida mortificação interior... como se temesse que o seu carácter... que as suas

paixões ou sentimentos... ou que o seu coração se desmandassem. — Oh Virgem penitente e mortificada!... Que vergonha olhar para mim depois de olhar para Vós! Vós sem paixões e tão mortificada! e eu, uma floresta de paixões profundamente enraizadas e recebendo todas a força da paixão dominante do teu coração!... Que pena ter dirigido mal a força das minhas paixões!

Os Santos foram grandes pela direcção que deram às suas paixões... S. Inácio de Loyola transforma a sua paixão de vanglória na paixão da glória de Deus... S. Francisco Xavier, ambicioso de glória, torna-se um ambicioso de ganhar almas e sonha com levar o mundo inteiro aos pés de Jesus Cristo... Santa Teresa do Menino Jesus dirige para Deus a paixão mais difícil de dirigir, a do amor, de tal modo se entrega ao amor de Deus que ràpidamente sobe aos altares. — Examina as tuas paixões... a tua paixão dominante... canaliza-a e dirige-a..., não a deixes sair dos eixos, isto é, fora da lei de Deus e não duvides de conseguir assim a santidade. — À difícil a empresa e custosa... Mas um olhar à Santíssima Virgem e para diante! — Ela te ensinará... te animará e te dará as forças necessárias.

2.º *O génio.* — É uma das paixões mais frequentes e uma das fontes mais ordinárias das nossas quedas... O pior é que costumamos desculpar-nos dizendo: «Sou assim»... «é o meu feitio»... «é o meu carácter»... «que lhe vamos a fazer?»... Como se isso fosse motivo para darmos liberdade ao nosso génio e ao nosso carácter para fazer o que lhe apetece, como costuma acontecer. — O dominar o carácter parece-nos impossível e por isso é muito ordinário o descuidar-se de o mortificar. — Antes de mais nada deves conhecer-te bem e saber quais são os sentimentos dominantes em ti... O teu génio é colérico... forte... muito vivo?... ou, pelo contrário, é suave... doce... manso e apagado?... És de carácter triste... pouco sociável... ou expansivo... alegre... comunicativo? Nada disto é mau, nem imperfeito,

nem, portanto, pecaminoso...; cada um tem o génio e o feitio que Deus lhe deu... e é precisamente com esse génio... com esse carácter que tens, que Deus quer que te santifiques... e com esse e não com outro podes e deves santificar-te.

O teu feitio ou génio bem dirigido e bem canalizado, será para ti um instrumento de santificação... O mal está em que te vença a ti, de tal modo que não sejas tu... nem o teu coração... mas o teu génio o que te dirija ou descarrila... melhor.

Que escravidão tão vergonhosa!... E às vezes por coisas tão pequeninas deixamo-nos vencer do génio!... Um aborrecimento... um contratempo... uma mudança nos teus planos ou projectos... às vezes uma demora... uma dificuldade com que não contavas... uma contradição..., etc.; a coisa mais insignificante é muitas vezes suficiente para te descompores e para te deixares levar do teu carácter. Em vencer e até em mudar o seu carácter à força de mortificação, é modelo S. Francisco de Sales, o qual sendo naturalmente muito vivo e colérico, chegou a ser o santo protótipo da mansidão e da doçura...; por isso podia muito bem dizer: *Não há carácter, por bom que seja, que não possa tornar-se mau com os maus hábitos...; e não há carácter tão mau que não possa dominar-se com a graça de Deus e com a diligência de cada um.*

O teu carácter acompanhar-te-á toda a vida; por isso, se souberes aproveitar-te bem, dar-te-á sempre matéria abundante de mortificação contínua. — Suaviza-a com a presença e com o exemplo da Santíssima Virgem. — Pensa no seu génio... no seu carácter... Que faria Ela, por exemplo, nas contradições?... nos contratempos tão grandes e tão frequentes que teve de sofrer?... Era tal o seu domínio que não se manifestou n'Ela a mínima impaciência... nem o mínimo nervosismo.

3.º *As potências interiores.* — E agora contempla o campo extenso de mortificação que te apresentam as tuas faculdades interiores:

a) O entendimento..., com os seus pensamentos maus..., inconvenientes e perigosos..., inúteis e inoportunos.... o desejo de saber tudo e de curiosiar tudo... e sobretudo a facilidade em julgar temeràriamente dos outros... e o desejo de impor o teu parecer aos outros de sorte que sempre julgues ter razão e exijas que ta dêem... Oh! que dureza de juízo!... Que tenacidade às vezes tão irracional!... Porque não aplicar essa tenacidade à santidade?... Por que não empenhar-te tenazmente em adquirir a santidade, fazendo deste objecto uma ideia fixa?

b) A imaginação e a memória. — Que misteriosa é a faculdade da imaginação, tão pouco conhecida e tão importante para a vida espiritual!... Também ela deve ser objecto de estudo e de mortificação especial... Repara como a imaginação muda as coisas... quantas ilusões nos não forja!... quantos juízos erróneos nos não faz formar sobre o valor das coisas...! Como aumenta e diminui a seu bel-prazer o que quer!... dificuldades que não existem e que só ela vê... sofrimentos que representa sem existirem... gozos e prazeres que não se dão... Quanta vigilância não requer esta «louquinha da casa»!... Passamos a maior parte da vida enganados pela nossa imaginação.

Também não podes descuidar a memória... Hás-de evitar todas as lembranças que te traga a memória ou todas as representações de coisas passadas, mas ilícitas e pecaminosas... perigosas ou inúteis... que te dissipam... que te fazem perder tempo... que alteram a paz da tua alma... e que podem levar-te a verdadeiros pecados... Não descuides, pois, a tua imaginação nem a tua memória.

c) A vontade. — É a razão última de tudo..., do pecado e da virtude...; o que se condena e o que se salva... o que é pecador ou santo é-o pela sua vontade..., isto é, por-

que assim o quer. — Mortificar a vontade... não fazer a tua vontade, senão a de Deus, manifestada pelos teus superiores...; desfazer a vontade própria... dominar o amor próprio... tudo isto é não só virtude mas a santidade... e sem isto não há santidade. — S. Bernardo diz: *Tira a vontade própria e não haverá inferno.*

Pensa na imaginação e na memória... no entendimento e na vontade da Santíssima Virgem..., examina... estuda devagar este modelo de mortificação... Em que pensa?... que imagina?... que determina?... que deseja?...

Pede-lhe auxílio para a imitares nesta tão necessária mortificação interior.

35. Espírito de sacrifício

1.º *Na sua virgindade.* — Penetra hoje no coração da Santíssima Virgem para que vejas o grande espírito de sacrifício que nela existe... Parece que não pode viver sem sacrifício... Diríamos que Ela saboreia a dor como nós o gozo. — Vê, por exemplo, o sacrifício da sua honra, na guarda secretíssima da sua virgindade. — Ninguém sabe o seu voto... nem o entende... O próprio S. José o ignora, e Maria que sabe ser essa a vontade de Deus, abraça-se com o sacrifício que isso suporia para Ela... O seu esposo vai duvidar da sua fidelidade..., da sua virtude... Poderia supor-se coisa mais humilhante e mais mortificativa para Ela do que o passar por infiel na virtude que Ela mais estimava? — Precisamente Ela, que era a Virgem das virgens... que foi concebida imaculada... que não tinha a menor mancha... e que sempre foi cheia de graça... agora passar por esta desonra!...

O mais terrível do sacrifício era que Ela tinha nas suas mãos a solução... e uma solução facílima...

Duas palavras... uma explicação rápida ao justo S. José de tudo o que se passava... e tudo ficaria arranjado. — Maria vê a ocasião de fazer um grande sacrifício e não a desperdiça: lança-se nos braços de Deus e cala-se... e espera... sem defender-se nem sair por sua honra. É assim que tu procedes?... Não costumas pular logo e mostrar o teu desgosto e aborrecimento quando te dizem alguma coisa?... Nunca te falta tempo para te defenderes e desculpares, quando muitas vezes não tens razão e só te enterras mais com as tuas desculpas.

Compara o espirito de sacrificio da Santíssima Virgem com o teu. — Repara como aceita este sacrificio da sua honra e como o repete com o mesmo gosto, várias vezes na sua vida... por exemplo, na Purificação...: na vida ordinária de Nazaré... em Belém... e no Egipto... e em casa e no Templo... Não passava Maria, aos olhos dos sacerdotes e dos seus vizinhos, por uma mulher qualquer... por uma de tantas... por uma mãe ordinária que tinha necessidade de purificar-se e de que o sacerdote pedisse ao Senhor por Ela?

Cada um destes passos da sua vida renovava n'Ela o seu sacrificio... e sempre encontrava o seu coração igualmente disposto... Não foge... nem se assusta com o sacrificio, seja qual for. — Ah! se sempre te encontrasse com esta preparação a prova que o Senhor te manda!... Deus não quer corações divididos nem sacrificios a meias... Confia a tua honra e a tua felicidade a Deus, espera n'Ele e ainda que te prove, não temas... Contempla o sacrificio de Maria e vê-la-ás sair dele mais nobre... mais bela... mais digna aos olhos de Deus... O mesmo te acontecerá a ti se tiveres o amor e generosidade para o sacrificio como tua Mãe...

2.º *Na sua maternidade.* — Os homens teriam concebido a maternidade divina, rodeada de homenagens e de respeito exterior... de esplendor e magnificência proporcionados a tal dignidade..., de delícias e consolações interiores no coração da Santissima Virgem...; no entanto Deus quer que em todo o momento seja acompanhada do sacrificio. — Haverá consolações, alegrias, graças e privilégios para sua Mãe como não podemos sequer sonhar...; mas também não chegaremos a medir a profundidade das dores que a maternidade divina custaria à Santissima Virgem.

Deus dá a sentir e a saborear as delicias do seu amor à medida que vai purificando as almas, nas chamas do sacrifício... Maria vê em seu Filho, o próprio Filho de Deus... o Messias Libertador..., mas por isso mesmo vê também n'Ele, «o varão de dores e ignomínias»... «o Cordeiro que

vai ser imolado pela salvação dos homens»... Ela compreende melhor do que ninguém todo o sentido terrível das profecias... e abrange com o seu olhar maternal o futuro que espera a seu Filho, segundo os planos da bondade divina.

Vê-o nascer pobremente em Belém, contempla-o ameaçado de morte no berço mesmo... acompanha-o na sua fugida como prófugo para um país estranho..., vê-o humilde e desprezado pelos seus na sua própria terra... e assim passa trinta anos, amargurado o seu coração, no meio das alegrias maternais, pela espada de dor que nele leva atravessada. — Maria foi a Mãe das dores toda a vida... A previsão que teve dos seus sofrimentos não a aliviou deles, antes lhos acrescentou, prolongando em todos os instantes, o seu martírio incessante...

Antes de chegar a hora da consumação do sacrifício, Ela adiantava-se a oferecê-lo ao Senhor... Assim deves proceder tu também: não esperes que o Senhor te tire alguma coisa que te peça em sacrifício...; adianta-te voluntàriamente a oferecê-la ao Senhor... Um sacrifício obrigado, mesmo que o aceites ao chegar, não tem tanto mérito como o sacrifício voluntário que se adianta a desprender-se do que Deus quer que lhe entregues. — Maria sofre na consumação do sacrifício..., mas já antes se ofereceu sem limitação alguma e se adiantou a dar a Deus no seu coração, o que Ele depois vai exigir-lhe...

3.º *No seu próprio Filho.* — Maria encontra em seu próprio Filho o motivo dos seus maiores sofrimentos... dos seus maiores sacrifícios... Jesus é o melhor dos filhos... e contudo, como sofre com Ele e por Ele!... Não te admires, portanto, de Jesus não poupar sofrimentos aos que o seguem de perto e o amam... Que sofrimento não causa a sua Mãe quando fica no Templo!... E nem sequer se ocupa depois a consolá-la com mostras especiais de carinho... Diz-lhe secamente que essa era a vontade de seu Pai... e mais nada.

— Mas à Virgem Santíssima isto basta: não há para Ela consolação maior do que saber que está fazendo a vontade de Deus.

E continua o sacrifício ainda maior quando se despede para a vida pública e deixa a sua casa e a sua Mãe só.—Que soledade a daquela casa sem Jesus!... Ao comer... ao dormir... ao rezar... em todos os momentos do dia... Não se renovaria o sacrifício de Maria ao ficar sem o seu Filho? E junta a isto as dores e os sobressaltos com que de longe o acompanha. Que privações contínuas para Ela, que tem de contentar-se com ouvir o que as outras pessoas dizem das suas pregações... dos seus milagres e curas... da sua simpatia arrebatadora!

Junta mais o sacrifício imenso da Paixão e Morte, que já meditaste noutra parte... Mais custoso que o sacrifício da própria vida é o sacrifício e perda de uma pessoa amada. Ninguém amou como Maria... Logo, ninguém fez este sacrifício com tanta intensidade como Ela. — Finalmente, o sacrifício da última despedida para subir aos Céus... Jesus vai-se e Ela fica aqui, neste desterro, a sofrer mais... a continuar o sacrifício... a ensinar-nos a nós pràticamente a *completar em nós o que falta à Paixão de Cristo*..., que é a aplicação dos seus méritos, mediante a nossa incorporação n'Ele..., participando da sua vida... do seu espírito... do seu sacrifício... do seu amor à expiação e à reparação... São estes os teus anelos?... Trabalhas por uni-te como Maria com Cristo crucificado... atormentado... e cheio de dores? — Pede à Santíssima Virgem este espírito de sacrifício com o qual Ela trasborda de amor e de sofrimento, para que te possas oferecer como Cristo e com Cristo, como vítima da expiação pelos teus pecados e pelos do mundo todo. — Esforça-te, pois, por negar-te a ti mesmo em tudo... por tomar com toda a generosidade a tua Cruz de cada dia... e assim, nela crucificado, seguir a Cristo e a sua Mãe, que também é tua, no caminho do sacrifício.

36. Oração

1.º *Excelência.* — Várias vezes se tratou deste assunto nas meditações da vida de Nossa Senhora..., mas é tão importante e tão grande a sua excelência, que de novo nos vamos deter e demoradamente nele... Maria é o modelo mais perfeito e a mestra mais prática da oração: temos portanto muito que admirar nela neste particular.

Meditemos primeiro, a excelência da oração. Ela deduz-se da sua definição: *orar é elevar o coração a Deus...*, é pôr-se em comunicação com Deus e conversar com Ele... quer dizer, ao orar estamos seguros de que falamos com Deus..., que Ele nos escuta e atende... e ao mesmo tempo estamos seguros de que Ele nos fala... nos ensina... nos dá luzes e inspirações para conhecer a sua santíssima vontade... — Podes imaginar coisa mais nobre... mais digna e excelente..., mais honrosa para ti do que ser admitido ao trato com Deus..., à comunicação com Deus..., a falar e a tratar íntima e confidencialmente com Ele?... Que segredos te não vai revelar!... Que misteriosas maravilhas te não vai ensinar!

A oração, da parte de Deus, é um abismo de bondade...; da nossa parte, é uma fonte de grandeza e excelência: sermos admitidos à amizade íntima de Deus! que maior grandeza e exaltação podíamos sonhar? !... E incompreensível é que Deus se baixe tanto até aos homens e que estes se não aproveitem desta dignação de Deus para dele conseguirem tudo

o que desejam..., porque a oração é, *de facto*, a chave de oiro que abre os imensos tesoiros das riquezas infinitas de Deus... Não há arca, por mais fechada e escondida que esteja, nas alturas do Céu, que não se abra com esta chave... Na oração, a própria omnipotência divina passa para as nossas mãos e parece que o Senhor sente prazer em dar-nos durante ela o ceptro da sua majestade infinita...

É assim grande... excelente... omnipotente, a oração.

Mas se queres saber doutro modo a excelência da oração pergunta às almas de oração, que são todos os santos, as consolações e doçuras experimentadas por elas!...

Pára a contemplá-las... embriagadas nessas doçuras divinas, de que se afastam a seu pesar. — Vê, por exemplo, S. Luís Gonzaga a orar sete horas seguidas... S. Francisco de Bórgia, que depois de oito horas seguidas, pede que o deixassem um pouco mais... E assim todos os santos. — Depois meditaremos a fundo sobre a oração de Maria; mas já agora podemos perguntar: como seria a sua oração? Quais seriam as suas doçuras e consolações?... Quantas graças receberia então?... Quanto tempo duraria a oração de Maria?...

2.° *Necessidade*.— Mas antes demora-te a ver um pouco a necessidade da oração. — É absolutamente necessária e indispensável para a salvação e santificação. — Sem oração não há graça...; sem graça não há nada que nos leve à vida eterna...; sem oração não há Céu.

S. Afonso Maria de Ligório diz categòricamente: *Todo o negócio da salvação depende da oração... porque com a oração estareis seguros da salvação... e se não orais a vossa condenação é certa.*

Ouve agora ao próprio Cristo que encareceu tanto a necessidade da oração que fez disto assunto frequente das suas pregações: *Vigiai e orai para que não venhais a cair na tentação... É necessário orar sempre e não se cansar*

nunca de orar... Orar em todo o tempo... E o que pregava, cumpria-o Ele mesmo: d'Ele diz o Evangelho que subia às montanhas a orar e a passar ali a noite em oração...; e outras vezes diz que *se retirava* a *um lugar solitário e ali orava...*

É portanto certo que a oração era para Jesus uma ocupação frequente e demorada. Não é pois de estranhar que também a Santíssima Virgem passasse grande parte da sua vida em oração... Ela era a dispensadora de todas as graças... mas queria que soubéssemos que o meio ordinário... e universal... e infalível de conseguir essas graças, é a oração.

Já dissemos algures que os Evangelistas nos apresentam a Maria muitas vezes em oração... de modo que, apesar do pouco que nos dizem dela, repetidas vezes falam da sua oração... — A Anunciação e a Incarnação dão-se durante a oração da Santíssima Virgem... Sobe ao Templo, ainda sem obrigação nenhuma, a orar... A Purificação e a Apresentação no Templo são mistérios de oração... Ora no Calvário, junto à Cruz..., ora no Cenáculo com os Apóstolos durante oito dias...

Bem podes portanto dizer que toda a sua vida foi de oração...

3.º *A tua vida de oração.* — E tu, sabes viver esta vida?... Estás convencido da excelência e da necessidade desta vida para a tua alma? Necessitas de luz intensa que te faça conhecer intimamente a Deus..., o que Ele é para ti e o que quer de ti a cada instante...; necessitas de luz que te mostre os perigos que te rodeiam e os laços que te arma sem cessar o demónio... assim como os meios de te defenderes e de triunfares...; necessitas de luz que te ilumine todo o teu interior para conhecer-te bem..., de luz que te mostre as tuas inclinações e a tua paixão dominante..., as tuas quedas e pecados com as suas causas e raízes..., as tuas fraquezas

nunca de orar... Orar em todo o tempo... E o que pregava, cumpria-o Ele mesmo: d'Ele diz o Evangelho que subia às montanhas a orar e a passar ali a noite em oração...; e outras vezes diz que *se retirava a um lugar solitário e ali orava...*

É portanto certo que a oração era para Jesus uma ocupação frequente e demorada. Não é pois de estranhar que também a Santíssima Virgem passasse grande parte da sua vida em oração... Ela era a dispensadora de todas as graças... mas queria que soubéssemos que o meio ordinário... e universal... e infalível de conseguir essas graças, é a oração.

Já dissemos algures que os Evangelistas nos apresentam a Maria muitas vezes em oração... de modo que, apesar do pouco que nos dizem dela, repetidas vezes falam da sua oração... — A Anunciação e a Incarnação dão-se durante a oração da Santíssima Virgem... Sobe ao Templo, ainda sem obrigação nenhuma, a orar... A Purificação e a Apresentação no Templo são mistérios de oração... Ora no Calvário, junto à Cruz..., ora no Cenáculo com os Apóstolos durante oito dias...

Bem podes portanto dizer que toda a sua vida foi de oração...

3.º *A tua vida de oração.* — E tu, sabes viver esta vida?... Estás convencido da excelência e da necessidade desta vida para a tua alma? Necessitas de luz intensa que te faça conhecer intimamente a Deus..., o que Ele é para ti e o que quer de ti a cada instante...; necessitas de luz que te mostre os perigos que te rodeiam e os laços que te arma sem cessar o demónio... assim como os meios de te defenderes e de triunfares...; necessitas de luz que te ilumine todo o teu interior para conhecer-te bem..., de luz que te mostre as tuas inclinações e a tua paixão dominante..., as tuas quedas e pecados com as suas causas e raizes..., as tuas fraquezas

seus discípulos que orassem e quando Ele mesmo lhes ensinou a fórmula divina do *Pai Nosso*, que é, sem dúvida, a oração vocal mais perfeita e a que com maior gosto e devoção devemos repetir. — A Igreja recomenda-nos sem cessar esta espécie de oração, com o seu exemplo... Quantas orações vocais na sua liturgia, tão preciosas e tão cheias de unção!... Vê como chega a impor, sob pena de obrigação grave, aos seus sacerdotes a oração vocal diária com a reza do Breviário.

Vejamos já como a Santíssima Virgem orava vocalmente. — Temos uma prova que nos indica claramente como seria a oração vocal de Maria. — Foi a recitação do seu cântico *Magnificat*...

Que hino tão cheio de gratidão e amor a Deus!... Ele brota espontâneo do coração de Maria, como a expressão incontida do seu amor que necessita expandir-se, que tem gosto em manifestar exteriormente... — Imagina a sua atitude... a sua atenção... o seu fervor... quando pronunciou esta oração e aprende a orar vocalmente assim e não de qualquer maneira..., sem atropelar as palavras..., sem correr e sem querer acabar depressa... mas saboreando o que dizes e reparando que é a Deus que estás a falar.

E quando a Santíssima Virgem soube que seu Filho havia composto o *Pai Nosso*, que empenho não poria Ela em aprendê-lo de cor e em fixá-lo bem!... Com que prazer o não repetiria milhares de vezes!... Com que fervor o não meditaria e saborearia quando pronunciava todas e cada uma das suas palavras!...

Vê se é semelhante o apreço que tens de tão sublime oração..., se a rezas devagar e reparando no que dizes e no que pedes ao Senhor. — Suplica à Santíssima Virgem que te ajude nas tuas orações vocais..., especialmente naquelas que rezas com mais frequência, para que evites o rezar maquinalmente e assim perder o fruto precioso da oração vocal tão bela...

37 Oração

1.° *Vocal.* — É o primeiro modo de orar, o que consiste em dedicar a Deus o belo dom da palavra, empregando-o em louvá-lo... agradecer-lhe... e pedir-lhe mercês. — É a oração mais natural e espontânea, que brota do coração que ama, segundo aquilo, que a boca fala do que lhe vai no coração.

Esta oração não é pois meramente mecânica: não há-de consistir na simples pronúncia verbal das palavras; estas hão-de ser a expressão externa de sentimentos interiores.

Fàcilmente compreendes que um disco de gramofone... ou um papagaio, que reproduzem mais ou menos exactamente as palavras que não entendem, não oram.

Fixa-te bem. Hás-de entender o que dizes..., hás-de reparar no que pronuncias..., ou, pelo menos, hás-de saber que estás a falar com Deus e a honrá-lo com o que dizes, ainda que não o entendas, como acontece com as religiosas que rezam o Ofício Divino em língua que desconhecem.

Se não fizeres assim, serás do número daqueles de quem dizia Cristo: «que O honram com os lábios mas o seu coração está muito longe d'Ele».

Que bela é a oração vocal bem feita!... Parece ser o ensaio aqui na terra dos louvores que eternamente havemos de cantar a Deus no Céu.

A esta oração se referia Cristo, quando mandava aos

2.º *Mental.* — Mas contempla em especial a Santíssima Virgem na sua oração mental..., na sua meditação não só diária, mas de cada instante.

O Evangelho fala-nos também desta sua oração naquelas palavras: «Maria guardava tudo isto para o meditar no seu coração», como no melhor livro que podia escrever-se.

Representa-te a Maria nesta oração, o melhor que puderes...; repara bem em todos os pormenores interiores e exteriores..., pergunta a ti mesmo muitas vezes: como meditaria a Santíssima Virgem?... sobre quê?... quais seriam os seus afectos?... os seus colóquios?... que fruto tiraria dela? — A tua alma responderá fàcilmente a estas perguntas.

Repara na importância que a Santíssima Virgem dava à oração mental. — Todos os santos seguiram nisto a Maria e foi na meditação dos mistérios e das lições da vida de Cristo que eles aprenderam a santidade, impregnando-se do espírito de Cristo. — E por isso diz S. Inácio que esta oração é o caminho mais curto para se fazer santo...; e S. Afonso de Ligório diz: «que muitas almas, apesar das suas devoções e orações vocais ou rezas, caíram em pecado e nele continuaram, mas que é completamente impossível meditar e pecar..., fazer com frequência oração mental e continuar pecando». — Conhecido é o dito de Santa Teresa de Jesus que promete o céu a quem se entregar um quarto de hora cada dia à meditação.

Mas não creias que meditar é estudar..., é pensar muito..., é quebrar a cabeça a discorrer...; menos ainda é tratar de encontrar ideias novas e originais... Nada disto se requer para meditar bem. — Toda a gente sabe meditar...: a vida racional do homem é uma contínua meditação... Medita o homem de negócios para tirar os maiores lucros..., medita a rapariga mundana para encontrar a forma de agradar mais; medita até a criança sobre os seus jogos e travessuras... e até o homem que anda atrás de um prazer ilícito medita no seu pecado e no modo de o praticar.

Basta reflectir um pouco sobre alguma coisa que leste ou ouviste...; seleccionando o que mais te convém, porque nem tudo é para todos... Dá muita importância a esta selecção, doutro modo perderás o tempo... Aplica depois à tua vida e ao teu proceder aquilo sobre que reflectes e verás como naturalmente brotarão do teu coração sentimentos de vergonha..., de confusão..., de arrependimento... ou de agradecimento..., de santa alegria e íntima satisfação..., ao mesmo tempo que formas espontâneamente propósitos para evitar isto..., para não tornar a cair naquilo... etc.; e simultâneamente pedirás graça a Deus... ajuda à Santíssima Virgem para tal caso *particular* e *concreto* que prometeste e vais cumprir. — E com isto tens feito uma bela e prática meditação, que nisto consiste normalmente.

Deves fazer com que a meditação seja cheia de unção e que te tome todo: considerações secas e frias demasiado intelectuais não agarram nem prendem a vontade... Fala com Jesus e com Maria, muito..., desabafa com Eles..., diz-lhes as tuas penas..., tentações... quedas e misérias, etc. — Vê se fazes assim a tua meditação..., se te cansas demais, se a deixas ou a encurtas sob qualquer pretexto...; se a fazes em companhia de tua Mãe... olhando para Ela..., aprendendo d'Ela...

3.° *Leitura meditada.* — É outro meio de oração muito relacionado com a oração mental. — Quando te atormenta alguma grande preocupação..., alguma pena..., qualquer coisa, enfim que não podes alijar fàcilmente... e te é impossível recolher-te..., e não podes pensar nem discorrer nada..., faz então, pelo menos, esta leitura repoisada..., devagarinho...; demora-te nesta frase ou naquela..., neste pensamento que parece se acomoda melhor à tua situação actual...; e assim, com esta leitura meditada supre a tua meditação... Dezoito anos meditou assim Santa Teresa de Jesus *por não poder discorrer,* diz ela, *e muitas vezes,* acrescenta ela, *abrindo o*

livro já não era necessário mais..., outras vezes lia pouco... outras, muito..., conforme a mercê ou graça que o Senhor me fazia. — Isto indica-te que não deves prender-te ao livro, mas sim prescindir dele; quando sentires que Deus se te comunica... deves interromper logo a leitura e demorar-te o mais que puderes no sentimento ou pensamento que Deus te comunica.

Também nisto deves olhar para Maria como para modelo. — Quantas vezes não tomaria em suas mãos o rolo das Sagradas Escrituras e se engolfaria na leitura das profecias!... E quantas vezes começaria uma frase e não a acabaria... porque o seu entendimento e o seu coração levá-la-iam a terminá-la a seu modo, vendo o seu Jesus e fazendo aplicação à sua vida do que Ela ali estava lendo.

Assim deves tu fazer. Lê com sentido..., saboreia devagar o que lês..., faz as aplicações à tua vida e tal leitura produzirá em tua alma os efeitos salutares da oração mental... pois não se trata de mera leitura mas de verdadeira meditação... Tens feito assim?... Quando por doença... por mal estar... por desgostos não podias aplicar-te bem, recorreste a este meio ou deixaste de todo a oração?... — Promete à Santíssima Virgem proceder sempre assim: tudo menos o deixar a oração e fazer esta do modo que possa ser.

38. Oração

1.º *Súplica.* — A oração de súplica ou de petição é a que mais entra em cheio na definição de oração «levantar o coração de Deus e pedir-lhe mercês». — É além disso a oração mais indispensável: não temos nada... não somos nada... nada valemos nem podemos nada...; portanto temos de pedir tudo ao Senhor, porque a oração é o meio universal e ordinário de conseguir de Deus o que necessitamos.

É certo que Deus já sabe o que nos falta e o que nos convém, ainda que nós lho não pedissemos; mas quer que lhe peçamos tudo, para que nos humilhemos reconhecendo que não podemos nada por nós mesmos nem possuímos nada. — É admirável e consolador em extremo o que Cristo disse sobre esta oração de súplica ou petição: *Pedi e recebereis..., chamai e abrir-se-vos-á a porta...; tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome ser-vos-á concedido...; se tiverdes fé eu vos asseguro que tudo o que pedirdes na oração vos será concedido.* — E logo a seguir, a parábola do amigo importuno, para nos ensinar a importunar a Deus, até cansá-lo, se assim podemos falar, e obrigá-lo a que oiça e atenda a nossa oração. — Recorda ainda aquelas dulcíssimas expressões do Evangelho: *Se vós, sendo maus, como sois, não sabeis dar a vossos filhos senão coisas boas, quanto melhor não será vosso Pai celestial em dar-vos as coisas boas que lhe pedirdes?*

Atende particularmente ao modo de proceder da Santíssima Virgem neste ponto... A quem acudia Ela nas suas dificuldades... nas suas provas e contradições?... Onde ia encontrar a solução do que buscava?... o remédio, a consolação e a força para tudo?... As luzes e as graças que recebia em tão grande abundância, donde lhe vinham senão da oração?... Não eram elas a resposta que Deus mandava àquele coração de súplica e de petição com que constantemente acudia a Santíssima Virgem ao trono de Deus a depositar ali as suas penas e necessidades, sabendo que de lá lhe viria o remédio infalível?

Traz à memória a sua oração: na Expectação do parto..., que súplicas e que petições fervorosas... cheias de anelos inenarráveis!... E foram tão poderosas que rasgaram os Céus e fizeram descer o Filho de Deus ao seu puríssimo seio, adiantando a hora da Incarnação. — E que petições não faria a Deus no Templo...; nas suas viagens cheias de inquietações e sustos...; na sua fugida para o Egipto..., ao ver o seu Filho buscado para a morte...; na perda de Jesus no Templo...; enfim, a cada instante... a cada passo... para qualquer coisa, acudia a Deus... Não fez assim nas bodas de Caná?... Pediu vinho não para Ela mas para os outros, alcançou-o em grande abundância, como quis... Que poder imenso o da oração!... Qual não será para que Deus se deixe vencer por ele!... Por que não te convences da necessidade que tens da oração para teus males?... Quantas graças não perdes por não pedi-las!... Ouve a S. Tomás d'Aquino que diz: *Todos estamos obrigados a orar porque temos obrigação de alcançarmos os bens sobrenaturais que não vêm senão de Deus* e *ùnicamente pela* oração.

2.º *Presença de Deus.* — Bem podemos incluir entre as várias espécies de oração, o santo exercício da presença de Deus. — Este exercício deve acompanhar sempre a nossa oração e tanto maior será o fruto desta quanto melhor soubermos actuar-nos na presença de Deus. — Não descuides

isto nunca e tem bem presente a sua importância na oração. — Mas não só ao começar e ao continuar a oração, mas também com frequência durante o dia deves renovar o acto da presença de Deus, se quiseres conservar o fruto da oração e fazê-lo verdadeiramente prático.

Era a este exercício que S. Francisco de Sales chamava «o pão nosso de cada dia», porque assim como o pão não falta em nenhuma mesa e acompanha todos os outros alimentos, assim a presença de Deus deve sobrenaturalizar todos os nossos actos, até os mais insignificantes e indiferentes.

Se realmente vivemos tendo a Deus presente..., compreendendo que Deus nos vê e nos contempla em tal caso..., que penetra até aos mais secreto de nossas almas, lendo no fundo do nosso coração todas as nossas intenções..., sentimentos..., desejos..., pensamentos sem que nada se lhe oculte..., se o víssemos sempre tomando nota dos nossos actos, para um dia os julgar e premiá-los ou castigá-los eternamente, quem não seria santo?... Seria possível ver a Deus presente e pecar?... Se fugimos de pecar à vista de outros!... Se pois o víssemos assim, sensivelmente, em figura corporal, ao nosso lado..., se nos aparecesse no momento perigoso da hesitação... da vacilação... da tentação..., cairíamos?... atrever-nos-íamos a estender a mão ao fruto proibido? — E contudo isto não é suposição nem imaginação; é mais do que verdade... Deus vê-nos mais do que nós mesmos nos vemos; vivemos imersos nos olhares de Deus; a sua presença envolve-nos completamente. E se Ele nos olha sem cessar, por que não olharemos nós para Ele? Porque não nos daremos conta desse olhar divino para nós?

E por aqui já vês como o pôr-se na presença de Deus é já uma oração, porque este acto da presença de Deus não é um acto meramente intelectual ou frio e seco mas é um acto muito íntimo e fervoroso que te põe em comunicação directa com Deus e te leva a falar com Ele por meio de

fervorosos afectos..., ao mesmo tempo que te impulsa a cumprir com toda a perfeição os teus deveres e tudo o que o Senhor te pede.

Neste ponto muito pouco se pode dizer da Santíssima Virgem, porque seria um nunca acabar... Desperta a tua imaginação e fàcilmente representarás a Maria em qualquer acto da sua vida e vê-la-ás em todos eles procedendo como se tivesse sempre a Deus presente. — É verdade que Ela tinha a Deus presente em seu Filho; mas antes e depois da vida de Jesus também teve sempre a Deus presente. — Se isto se diz de muitos santos, para louvar a sua santidade — que andaram sempre na presença de Deus — que diremos de Maria?

3.° *Jaculatórias.* — É outro modo de orar..., muito breve... muito simples... muito prático. — A jaculatória é como um comprimido da oração, contendo todo o fogo e toda a eficácia da oração. — Lembra-te do que já conseguiste com as jaculatórias nas tuas tentações... nas tuas atrapalhações... nas tuas grandes dificuldades... quando não há meios, nem tempo, nem facilidade de fazer oração por largo tempo... Então a jaculatória é o grande recurso. — Digo-te das jaculatórias o que disse da oração: nem todas são para todos..., nem todas são para todas as ocasiões. — A jaculatória há-de ser breve... clara... fervorosa... oportuna. — A Igreja tem indulgenciado muitas; mas tu escolhe dessas algumas... poucas... de que possas lançar mão com facilidade...; busca as que mais te convêm..., as que mais te falam ao coração... e depois verás como a jaculatória bem sentida é uma magnífica oração...; inventa tu alguma que seja como que uma expansão da tua alma..., um impulso do teu coração... que realmente saiba bem e agrade deveras ao teu coração. — Imita a Santíssima Virgem que renovava incessantemente a presença de Deus por meio de jaculatórias, saídas mais do que dos lábios, do coração, que eram como setas e dardos de amor que se iam cravar no próprio coração de Deus. —

Repete muito esta espécie de oração, dirigida ao Senhor e também a tua Mãe querida, de sorte que as jaculatórias sejam como que contínuos chamamentos que fazes a tua Mãe para que não te deixe..., para que venha em teu auxílio..., para que te assista na vida e na morte. — Ditosa a alma que morre com uma jaculatória nos lábios!...

39. Oração

1.º *Somos maus.* — Hoje detém-te a meditar as qualidades da oração para que esta seja verdadeira e prática. — Recorda a frase em que Santo Agostinho diz que a nossa oração pode ser inútil por uma destas três razões — ou porque *somos maus*... ou porque *pedimos mal*... *ou porque pedimos coisas más.* — E de facto, somos maus... somos pecadores... somos ingratos a Deus. Que direito temos a pedir alguma coisa e por que razão nos há-de conceder o Senhor o que lhe pedimos? — Contudo, os pecadores podem e devem acudir à oração...; ela será precisamente a sua salvação... Mas repara bem, o pecador humilde..., o que se arrepende e deseja sair do pecado..., não o que se gloria dele e está contente com os seus pecados, sem vontade nenhuma de os deixar; com que rosto se atreverá este a aproximar-se do trono de Deus a pedir-lhe mercês? Não seria isto um abuso inqualificável?... um verdadeiro insulto?...

Vê se há alguma coisa disto em ti..., se Deus te pede que deixes alguma coisa..., que te apartes de algum perigo ou ocasião..., que desfaças algum laço que te prende..., que trabalhes mais por dominar as tuas paixões..., por diminuir as tuas quedas..., por aumentar o teu fervor, etc. — Pois, só procedendo assim poderás orar com fruto..., procedendo doutro modo não te queixes de que Deus não te ouve, porque tu és quem primeiro não faz caso do que Ele te diz.

Mas suposto que não queiramos eficazmente ser maus ou que trabalhemos sèriamente por deixar de sê-lo, ainda assim não temos méritos próprios... nem títulos suficientes para merecermos ser ouvidos na nossa oração. — Por isso Cristo nos deu a solução ao mandar-nos pedir *tudo* em «seu nome»..., isto é, apoiando-nos n'Ele..., nos seus méritos..., na sua excelência e dignidade divinas... E assim a oração será infalível, porque o que é que o Pai pode negar quando se lhe pede em nome de seu Filho? ... — Fixa-te bem na prática constante da Igreja: esta nunca termina uma oração senão invocando o nome e os méritos de Jesus Cristo... *Por Jesus Cristo, nosso Senhor, vosso Filho que convosco vive e reina...* A Igreja quer-nos ensinar com isto claramente que a oração feita em nosso nome, sem ser confirmada ou rubricada com o santo nome de Jesus, é coisa completamente inútil. — Nós somos maus; logo não merecemos ser ouvidos de Deus... Mas revestidos de Cristo, o que não conseguiremos?!

Contempla a Santíssima Virgem a orar... Ela não era má..., não podia sê-lo..., não tinha os nossos defeitos... Deus comprazia-se n'Ela... Que é pois de estranhar que a sua oração conseguisse tudo o que conseguiu? Além disso, se tudo fazia com Jesus e por Jesus, seu amadíssimo Filho... a sua oração também subia a Deus envolta no amor infinito de Jesus para com Maria... — Faz como Maria. Primeiro dirige-te à Mãe para por Ela chegar ao Filho e pelo Filho ao trono do Pai.

2.º *Oramos mal.* — Isto é, oramos sem as devidas disposições... de qualquer modo. — Vê o modelo dos modelos, Jesus Cristo, em oração. Que fervor o seu!... Que bem ensina pràticamente as qualidades indispensáveis da oração! — Estas são as seguintes:

a) Atenção e recolhimento, retirando-se a lugares afastados de todo o reboliço humano...; gosta do isolamento da

sua casa de Nazaré e gosta da solidão das montanhas aonde se retira a orar no escuro da noite. — Não dorme... não se distrai... não perde o tempo...; repreende aos seus Apóstolos porque dormem e não oram... Pensa muito nisto e repara que talvez também a ti te repreenda Jesus.

b) Humildade. — Mostra-no-la a sua posição: de joelhos... com os braços estendidos... prostrado por terra... cosido com a terra... Que humildade tão profunda!... e ao mesmo tempo, que espírito de mortificação tão grande!...

c) Confiança. — Vê como começa sempre a sua oração a Deus com o nome dulcíssimo de «*Pai*»... Assim faz no Horto... assim na Cruz... assim sempre... Ele é seu Filho. Como há-de pois duvidar de que o escuta?... Tudo diz esta palavra repleta de confiança: *Pai*!

d) Perseverança. — Toda a sua vida perseverou na oração... Mas recorda como esta qualidade difícil ressalta admiràvelmente no Horto...: uma... duas... três horas!... sem pressas... sem nervosismos... Acha-se esgotado física e moralmente... e contudo, três longas horas permanece a orar!... Está na agonia... e exactamente então orava com mais assiduidade, como diz o Evangelho... Que lição tão clara e tão forte!...

Recopia agora as qualidade da oração ensinadas por Cristo e aplica-as à oração da Santíssima Virgem e à tua. — Não desperdiçou a Santíssima Virgem a lição... E quão admiràvelmente copiou em si mesma o modo de orar de seu Filho!... Como seria a sua atenção externa e interna... o seu fervor e entusiasmo na oração!... Contempla-a no local mais recolhido da sua casa..., morta por completo a tudo o que a rodeia..., sem atender mais do que a Deus, com quem fala e conversa longamente e se comunica de um modo inefável... Vê-A com a fronte em contacto com a terra, como se fosse uma vil escrava que não se atreve a olhar para o seu Senhor... Escuta as suas palavras e nelas verás a confiança e intimidade com que fala com Deus... Recorda esta con-

fiança havida nas bodas de Caná... chega a isto: a mandar e a dar ordens ao próprio Deus!... Finalmente, considera bem e devagar... a perseverança que Ela tem na oração e que infunde nos Apóstolos... Dias e dias passa Ela no Cenáculo ensinando aos Apóstolos sobretudo a perseverança na oração, como diz o texto sagrado...

Perante tais exemplos examina a tua oração...

Como é o teu recolhimento? ... Como te preparas para prevenir e vencer as tentações e distracções que te hão-de vir nela?... Com que energia as repeles?... *Trabalhas* a valer na oração? ... E como são as tuas posições?... E qual é a humildade de coração que levas à oração?... Que fazes nas tentações de desânimo... de desconfiança... de desengano... de julgar que te iludes... que não consegues nada... que é melhor deixar tudo?... etc. Confias então em Deus e perseveras na tua oração... não omitindo nada... não a encurtando nada... e até prolongando-a um pouco mais, para melhor vencer e triunfar de tudo? ...

3.° *Pedimos coisas más.* — A Santíssima Virgem não pedia mais do que o cumprimento da vontade de Deus... A sua oração reduzia-se a repetir o seu *Fiat*: «Faça-se em mim, segundo a vossa palavra»... e como a vontade de Deus era salvar o mundo..., a isso dirigia todas as suas petições, a pedir que se adiantasse o momento da redenção... a suspirar pelo Messias... enfim, a fazer violência a Deus para que estabelecesse o seu reino entre os homens.

Esta é a grande petição que Jesus nos mandou fazer: «pedi o reino de Deus e a sua justiça»...; as coisas de Deus... da alma... da salvação... da eternidade... isto é, o que se deve pedir...; o resto vir-nos-á por acréscimo.

Mas, ai! só pedimos com fervor... com interesse... com insistência, quando algum mal grave, físico ou moral, mas humano e terreno, nos ameaça...; então tudo nos parece pouco... Se tivéssemos este interesse pelas coisas da alma já seríamos muito santos. — Pois bem, tudo o que não seja

pedir isto, é não pedir nada... Assim diz Jesus Cristo aos Apóstolos: *Até agora nada pediste...* e contudo já então os filhos de Zebedeu lhe tinham pedido os primeiros postos, o da direita e o da esquerda no seu reino... e os outros tinham feito pedidos semelhantes... E Jesus responde: tudo isso é não pedir nada! Porque eles entendiam o reino de Cristo como uma coisa terrena e por conseguinte terreno era o seu pedido.

O Senhor não nos proíbe pedir coisas da terra: no *Pai-Nosso* manda-nos mesmo pedir o *pão nosso de cada dia nos dai hoje* — mas manda-nos subordinar tudo à glória de Deus, ao seu reino que é o que antes de tudo havemos de pedir, que o resto virá por acréscimo...

Fazes assim?... Imitas nisto a tua querida Mãe?... Interessa-te muito o bem da tua alma e da dos próximos de sorte que pedes muito ao Senhor por elas? ou pelo contrário preocupas-te mais com os acréscimos e com o secundário e descuidas o principal?...

Vê bem se não será esta a causa do pouco fruto da tua oração...

40. Oração

1.º *Contínua*. — Assim era a oração de Maria, sem interrupção... Em todas as circunstâncias da sua vida orava sem cessar.

Demora-te a considerar para imitar a sua oração: *Nas suas ocupações*... e tão grandes como as d'Ela...; geralmente quando temos destas ocupações, não costumamos orar; dizemos que é impossível...; quando uma ocupação nos sobrevém, de tal modo nos absorve que já não fazemos nada... Não é assim que acontece contigo?

Pois olha para tua Mãe... Nas suas grandes ocupações, Ela acode à oração, como sempre... podemos dizer que mais ainda do que noutras ocasiões... Redobra a sua confiança e prolonga a sua oração, para nela buscar e encontrar o que então necessitava. — Não oraria assim, quando das dúvidas de S. José... quando da viagem a Belém e para o Egipto... quando da perda do Menino Jesus... quando da aproximação da Paixão?

Então apalpava Ela a necessidade absoluta que nesses casos tem o homem de se apoiar em Deus... porque então, mais do que nunca, vê e sente o seu nada... Isto via-o bem Maria, mas por isso mesmo embebia-se mais e mais da bondade e misericórdia de Deus, que em sua amorosa Providência, nos deixou para estes momentos o remédio da oração... e por isso a ela acudia então precisamente... quando

se encontrava oprimida e invadida, como nós, pela preocupação...; e ali expandia o seu coração...; contava as suas penas ao Senhor..., desabafava com Ele..., pedia-lhe a sua luz e a sua força... e lançava-se por completo nos seus braços amorosíssimos.

E quando a preocupação era tão intensa como foi a de Cristo no Horto, que não era possível dominá-la ou sobrepôr-se a ela..., nem mesmo então afrouxava a sua oração... e convertia a sua mesma preocupação em matéria de oração, expondo a sua preocupação ao Senhor..., pedindo conforto para a sua fraqueza, para assim se animar ao sacrifício com generosidade sempre crescente e fazer então também a vontade de Deus e alegrando-se por ter de oferecer ao Senhor alguma coisa custosa... em que mais possa imitar a Cristo nos seus sofrimentos. — Assim se levantava da oração, como Cristo no Horto..., animada... forte... decidida..., disposta a afrontar todas as preocupações e a beber até ao fim o cálix da amargura.

Contempla-a numa destas ocasiões de perturbação... Não está nervosa... nem excitada..., como tu te pões nesses casos, mas sim serena, tranquila, senhora de si mesma... segura do auxílio de Deus... e do seu amor... Como Ela lança-te a lutar contra a perturbação... o desânimo... a desconfiança que nas tuas preocupações sentes, precisamente por não buscares na oração, o remédio...

2.º *Nas suas ocupações e nos seus descansos.* — Tudo fazia imbuida do espírito de oração... Orava trabalhando, de modo que nas suas ocupações nunca perdia a presença de Deus e assim o próprio trabalho convertia-se em puríssima oração... Não tinha outro fim nem outra ideia nas suas ocupações senão fazer a vontade de Deus...; trabalhava em Deus, com Deus, para Deus...; não esquecia que esta era a fórmula da escravidão e Ela era *a escrava do Senhor*!

E como escrava vivia e trabalhava..., porque em tudo buscava a Deus e em tudo encontrava e via a Deus... E do

mesmo modo descansava, como quem vê no descanso o cumprimento do plano divino que também dispõe e ordena o descanso... Quando descansava portanto, dava satisfação a Deus directamente e não a Ela...; ia buscar o que materialmente necessitava para conservar a sua saúde e forças e para depois voltar ao trabalho, com novos brios e maior interesse..., trabalhando e orando ao mesmo tempo com mais alegria e contentamento... Que bem cumpria a Santíssima Virgem aquela sentença: «orai sem interrupção», de dia e de noite..., nas ocupações e nos descansos... Até no mesmo sono Ela orava, pois de ninguém como d'Ela se pode dizer aquilo que dizia a Esposa do Livro dos Cantares: «Eu durmo mas o meu coração vela»...; o corpo descansava na cama, mas a sua alma descansava nas mãos de Deus...

3.° *Nas securas e tentações.* — É então que mais é necessário orar... exactamente quando o demónio tem mais empenho em que deixemos a oração, aproveitando-se das nossas securas para que a abandonemos... — Nota bem que as securas podem ser um castigo que Deus te dá pelo teu pouco fervor... pelo pouco empenho com que trabalhas na oração... pelas graças que nela desperdiças, etc., e neste caso já vês que o remédio é trabalhar mais... esforçar-te cada vez mais. Mas se as securas são uma prova que Deus te manda para fazer mais meritória a tua oração, repara na Santíssima Virgem e vê como hás-de proceder neste caso...

Como orava Ela nas securas?... — Como seu Filho em Getsemani...: com mais intensidade... com mais reverência e humildade... com mais demorada preparação... com verdadeira paciência e fortaleza... e em especial com firmeza e perseverança... Que oração mais trabalhosa a oração árida em que não se sabe o que se há-de dizer a Deus... e Deus parece que também não diz nada!...

Vê a Jesus a orar durante três longas horas!, repetindo as mesmas palavras... Tal era o seu tédio e aridez que não

lhe ocorria outra coisa e nem por isso deixa a oração...; até que não passem as três horas seu Pai não lhe mandará o anjo que o console... e durante elas ali estará, vítima da mais espantosa aridez, lutando e trabalhando na sua oração... Que modelo!... Deste aprenderam todas as almas a vencer as suas aridezes... Quantas vezes não provou Deus os seus escolhidos com aridezes longas, de anos inteiros! E contudo, essas aridezes só serviram para pôr mais em relevo a santidade que então mais do que nunca se apoiava na oração... Assim deves tu também orar.

Por suas culpas Maria não podia ter aridezes; mas teve-as, como seu Filho, para mérito seu e para servir-nos de exemplo a nós.

Recorda-te nestes actos de tua Mãe... vê como vence a aridez com trabalhar mais na oração... e com o esmero especial que punha nela... e assim a sua oração seca e árida, convertia-se nela em fonte riquíssima de graças... Que aumento destas!... de amor!... e de reverência!... e de sacrifício não tirava ela desta oração!... Que força tão grande... que violência tão amorosa não faziam a Deus as meditações áridas de Maria!... e portanto, como era eficaz a oração de Maria!...

Anima-te com isto a haurir, como a Santíssima Virgem, das tuas aridezes e securas, novos brios e alentos para trabalhar mais e para orar melhor..., como esses corações valentes que em vez de acobardar-se e amesquinhar-se diante das dificuldades se dilatam com elas e as dominam...

4.° *Nas consolações.* — Quem será capaz de descrever esta oração de Maria? os seus êxtases e arroubamentos?... as luzes e as revelações que então teria?... Recorda a oração de alguns santos: de tal modo eram unidos a Deus, que pareciam já não ser deste mundo... E então como seria a oração doce e extática de Maria, em que a sua mente se abismava na contemplação da divindade... e o seu coração se abrasava no mesmo fogo em que se abrasa o coração de Deus?

Admira e contempla com reverência esta altissima oração, que nunca chegarás a compreender como foi..., mas ao mesmo tempo pede à Santissima Virgem que te dê graça para aproveitar-te das luzes, inspirações e consolações que Deus se dignar dar-te... sem que por isso julgues que é mais perfeita, fervorosa e meritória a oração em que recebes estas comunicações do Senhor do que aquela em que tens de trabalhar, por assim dizer...; na outra és tu que deves trabalhar e esforçar-te...

Conclusões a tirar: com consolações ou sem elas... aproveitando-te delas se Deus tas dá... ou trabalhando com firmeza e perseverança, quando tas nega..., orar sempre... com fervor... e procurar tirar fruto, de qualquer modo da oração.

41. Oração

1.° *Crescimento na alma.* — Considera, por fim, alguns frutos que a oração produzia na alma da Santíssima Virgem. — A oração é verdadeiro alimento da alma e daí que o seu fruto primeiro seja o que é próprio do alimento: dar vida... força... crescimento e desenvolvimento.

Não é possível, portanto, que uma alma se desenvolva devidamente e nela cresçam as virtudes... sem o espírito de oração... E por isso é de ver a pujança com que brotam na alma da Santíssima Virgem as maiores virtudes e se foram sempre desenvolvendo. — Na oração aprendeu Ela a *obedecer* exactìssimamente aos movimentos e impulsos da graça...; na oração, conhecia a vontade de Deus, e ainda nos seus pormenores mais mínimos, e logo a seguir, considerando-os como preceito gravíssimo, os executava fidelìssimamente...; e às vezes eram coisas duras..., humilhantes... dolorosas.

Penetra no seu coração e vê como, nalgumas ocasiões, era duro o sacrifício que Deus lhe pedia... mas na oração e por meio da oração submetia-se a tudo... aceitava tudo e levantava-se dela disposta a obedecer em tudo, custasse o que custasse, sem reparar nisto. — Por este mesmo desejo de cumprir em tudo a vontade divina, nunca tomava por si mesma uma determinação ou resolução...; ainda as coisas aparentemente mais pequenas ou indiferentes as confrontava na oração com a vontade de Deus para depois fazer o que

Ele lhe inspirasse... Que magnífica e perfeita obediência a que deste modo se apoia e cresce na oração! Fazes tu assim? ...

Com esta obediência crescia ao mesmo tempo a sua companheira inseparável, *a humildade*. — Maria aprendeu na oração a conhecer a Deus e a conhecer-se a si mesma... e, já o dissemos, deste duplo conhecimento brota espontâneamente a humildade...

Na oração via Ela claríssimamente o seu nada..., a sua distância infinita de Deus..., a sua necessidade de recorrer a Ele..., de esperar tudo d'Ele... e como se convencia que tudo recebia d'Ele, prestava-lhe, agradecida, a homenagem dos seus louvores e ardia em desejos de que todas as criaturas o conhecessem e louvassem como Ele merecia... Que *Magnificat* sublime não entoaria a cada passo a Santíssima Virgem na sua oração!... Que desejos os seus de converter a sua vida num perpétuo e contínuo *Magnificat* de gratidão... de louvor... e de humildade perfeitíssima!...

Altíssima era a sua oração mas quanto mais alta ela era mais profunda se tornava a sua humildade. — Pensa na necessidade que tens desta virtude e vai buscá-la à oração... e aqui encontrarás com certeza os alicerces fundos em que ela se baseia.

Também crescia na sua oração o seu *grande amor* e reverência a Deus... porque nela ao mesmo tempo que crescia no conhecimento do Senhor, embebia-se cada vez mais, do amor infinito de Deus às suas criaturas, e em particular do que havia tido com Ela, sua escrava!... Ali aprendia a apreciar melhor os dons e as graças com que a havia enriquecido. Perante a consideração disto, o seu grato coração inflamava-se e consumia-se cada vez mais em novo fogo de amor e de desejos de corresponder à divina Majestade que assim se dignava pôr os olhos n'Ela. — Imagina como se lhe iria, por assim dizer, a alma atrás da formosura e

santidade de Deus..., atrás do Senhor, todo bondade..., todo amor para com os homens.

Amamos, de facto, muito pouco a Deus, porque não o estudamos... não o conhecemos; e este estudo e conhecimento só se faz por meio da oração; o estudo frio dos livros pouco dá.

Os santos, ainda os mais sábios, como S. Tomás d'Aquino, adquirem os melhores conhecimentos de Deus, na oração... E há almas rudes e incultas segundo o mundo, que têm, pela oração, um conhecimento profundo de Deus. — Vê, pois, se a tua falta de amor profundo a Deus não provém da falta do conhecimento de Deus, conhecimento e ciência que se adquire sobretudo na oração.

2.º *Diminuição de faltas e pecados.* — É consequência natural do primeiro ponto... A maior força na vida sobrenatural..., a maior crescimento de virtudes, há-de corresponder nas nossas almas uma maior diminuição nos defeitos e faltas. — Em rigor a Santíssima Virgem não podia conseguir este fruto, da sua oração: não tinha pecados que tirar nem defeitos que corrigir... Contudo, em certo sentido também participou deste efeito da oração... porque nela adquiriu e aumentou cada vez mais o seu conhecimento do que era o pecado..., do muito que ofendia a Deus por pequeno que a nós nos pareça... e espontâneamente brotava e crescia n'Ela o desejo de repará-lo, ainda à custa dos maiores sacrifícios... O que é que Ela não estaria disposta a fazer para evitar o mal espantoso que é o pecado?! Ela, que via claramente o dano que o pecado faz às almas e a dor e a pena que faz ao coração de Deus..., como admiraria a bondade e misericórdia do Senhor ao esperar... ao chamar... ao buscar os pecadores... ao oferecer-se a si mesma para os tirar de estado tão lamentável... ao sacrificar-se por eles!

E penetraria no castigo do pecado, realmente justo, mas horrível...: o afastamento para sempre de Deus... a separação eterna... a condenação da alma... Como «reali-

zaria» a Santíssima Virgem estas ideias na sua oração?... Que efeito causariam n'Ela?... Que compaixão não sentiria para com os que vivem em pecado!... Como sentiria o desejo de ser Mãe dos pecadores, para cooperar com seu Filho na obra divina da salvação deles!...

Aqui está um fruto precioso da oração... tão útil e tão necessário para ti. — Tu também na oração deves crescer no conhecimento do pecado..., para aumentar o teu ódio prático para com ele..., o teu desejo de evitá-lo a todo o transe... de repará-lo a todo o custo... de com zelo apostólico, salvar almas... a tua, primeiro... depois a dos outros... Declara guerra ao pecado... esforça-te por evitar as mais pequeninas faltas cometidas com deliberação, para assim não caires nas maiores. — Não te esqueças de que este será sempre um dos maiores frutos da tua oração.

3.° *Aumento de santidade.* — A isto tendem os esforços na oração. Maria acrescentou em grau quase infinito a sua santidade pela prática das virtudes iluminada e animada pela oração... A «cheia de graça» via aumentar consideràvelmente esta na sua oração... A que era tão aceite a Deus, tornava-se cada vez mais... e cada vez lhe dava mais glória... e cada vez se aperfeiçoava mais e se tornava instrumento mais apto para os planos que o Senhor tinha sobre Ela em ordem à obra grandiosa da Redenção.

Ela havia de ser a Corredentora dos homens..., a Mãe dos pecadores..., a Omnipotência suplicante... e por isso preparava-se para estes fins altíssimos com a sua fervorosa oração. — Considerava a oração como uma parte necessária e indispensável para o desempenho da sua vocação de Mãe de Deus e Mãe nossa.

Por isso orava com tanto fervor..., com tanto interesse, com tanto gosto..., com tanta frequência e com tão admirável constância e perseverança...; por isso encontrava tudo o que queria na oração.

Aqui está o exemplo que hás-de seguir... Também a tua vocação, seja qual for, te pede oração... A perfeição e santidade própria do teu estado obriga-te a orar... Também tu deves acostumar-te a buscar tudo... a esperar tudo... a conseguir tudo... da oração. — Se souberes ser alma de oração, todas as virtudes se arraigarão profundamente na tua alma e te elevarão insensivelmente a alturas inconcebíveis.

As tuas lutas contra o amor próprio... contra o teu génio e carácter que tens de reformar... o desapegar-te das coisas da terra... todas as moções santificadoras da tua alma... todos os teus projectos e empresas de apostolado... toda a eficácia das tuas súplicas por ti ou pelos outros... a conversão de pecadores... o remédio de escândalos que pretendas evitar... a união das famílias... a salvação dos teus seres queridos... e até as tuas coisas temporais, sobretudo enquanto têm relação com a vida da alma..., tudo isto leva-o à oração... trata-o na oração... e verás depois o resultado..., especialmente se a tua oração é feita com os olhos em Maria... em companhia de Maria... por intercessão de Maria.

42. Amor ao trabalho

1.º *A lei do trabalho.* — O trabalho é uma lei dada por Deus com força obrigatória universal... Portanto ninguém está isento dela e é como que uma lei conatural ao homem, como diz a Escritura: *O homem nasceu para trabalhar como a aves para voar*... Mesmo no Paraiso, Adão trabalhava... e todos trabalharíamos ainda que Adão não pecasse. — Penetra-te bem desta ideia fundamental da necessidade e da racionalidade do trabalho e vê como o ocioso não cumpre sequer com a sua condição de homem.

Vê agora a Santíssima Virgem... Nem Ela se exime... nem Deus a dispensa desta lei. — Vê como trabalha e em quê... Que trabalho o seu!... Não é trabalho cómodo... agradável... por passatempo... só para não se aborrecer..., não; é trabalho rude, áspero, monótono... que aborrece e cansa e que a nós nos custa. — Maria trabalha não por distrair-se mas para ajudar a seu Esposo e a seu Filho a comer o pão ganho com suas mãos e amassado com os seus suores...; emprega-se em coisas vis, próprias de criadas, de escravas e não de senhoras...: trabalha como escravazinha do Senhor...

Vê como varre... como esfrega... como fia... e como remenda as roupas pobres de S. José e de Jesus... Como coze o pão e prepara a comida... como vai buscar água à fonte..., etc. — Vê como aquelas mãos virginais se tornam ásperas à força de trabalhar... Contempla a sua fronte puríssima banhada, por vezes, com gotas de suor...

Vê como se cansa... como se fatiga com o trabalho vulgar, como uma mulher qualquer, como uma das suas vizinhas. — Acabaram-se já as revelações e os milagres...; já não recebe mensagens do céu... nem vêm os anjos servi-la e ajudá-la...; agora é a simples operária de Nazaré..., a esposa de um pobre carpinteiro, e contudo, Ela é a Rainha e Imperatriz do Céu!!!

E apesar disso, Deus não a exime da lei penosa do trabalho... Deus podia fazer descer sobre a casa de Nazaré, maná milagroso...; podia fazer que a terra lhes oferecesse espontâneamente os seus frutos...; podia, enfim, sustentá-los de muitos modos sem que trabalhassem...; mas não quis poupar à família de Nazaré nenhum sofrimento que traz consigo a vida de trabalho. — E Maria, por sua parte, via no trabalho um dever sagrado que tinha que cumprir para fazer a vontade de Deus.

2.º *A virtude do trabalho.* — A necessidade do trabalho transformou-a a Santíssima Virgem numa fonte de virtudes e de grandes merecimentos. — O trabalho, além de ser uma lei natural, é actualmente também um castigo imposto por Deus ao pecado.

A natureza só parece conceder os seus tesoiros ao homem mediante o trabalho deste... Quantos segredos... quantas forças ocultas... quanta riqueza não encerra a natureza!... Só o trabalho dará ao homem estes bens... Que humilhante isto não é para nós!... Ter de comer e não poder satisfazer esta necessidade sem trabalhar!...

Mas, no mesmo castigo, ainda que pareça tão duro, admira a bondade de Deus... que de tal modo o dulcifica que o torna apetecível e agradável ao ver o homem os muitos bens que do trabalho pode tirar para o seu corpo e para a sua alma. — E como se isto fosse pouco, ainda o suaviza mais com o exemplo santificador que Ele mesmo nos deu.

Cristo quis ser um trabalhador e filho de pobres trabalhadores... e de tal modo santificou o trabalho, que desde

então este não é castigo... nem humilhante... nem penoso... Quem poderá queixar-se do trabalho vendo trabalhar a Deus? — Com este exemplo aprendeu Maria a trabalhar... Vê como Ela trabalha:

Exteriormente — com diligência e actividade incessante, sem admitir nada de frouxidão própria da mandriice..., com grande constância, mesmo no meio do seu cansaço natural, vencendo e repelindo o aborrecimento fácil dos que se cansam com tudo...; *com paz e tranquilidade*, sem as atrapalhações e pressas dos que querem acabar quanto antes o trabalho e para isso fazem-no inquieta e atabalhoadamente...; *com grande compostura* e *recato*, evitando qualquer leviandade... e essa liberdade de movimentos com que operam as almas dissipadas e pouco cuidadosas da sua modéstia e recolhimento...

Interiormente — com uma grande alegria e com uma grande satisfação..., sempre contente com a sua sorte... sem inveja de ninguém, sem ânsia de ter outros trabalhos mais cómodos, mais rendosos, mais brilhantes... Tão contente andava nos trabalhos rudes e ordinários... que parecia ter nascido para eles.

Vê, além disso, como trabalha *por obediência*: é essa a vontade de Deus e como sua escravazinha assim a cumpre exactìssimamente!...;

Por mortificação: o trabalho é uma das maiores mortificações...;

Por amor: é esta a nota suavíssima e suavizadora do seu trabalho. Está trabalhando por amor de Deus... por amor ao seu Esposo... por amor ao seu Filho... É assim que santifica e suaviza o seu trabalho de tal modo que nada lhe parece custoso.

E assim todo o trabalho se transforma num continuo acto de oração, pois o trabalho nestas condições não só não dissipa a alma senão que a aproxima mais e mais de Deus.

3.º *O prêmio do trabalho.* — Tal trabalho Deus pre-

meia-o com a grande paz que dá à alma derivada de esta ver a vontade de Deus cumprida e do afastamento ou diminuição das ocasiões de pecado e das tentações. — É evidente que o demónio aproveita a ociosidade para levar ao pecado.

Deus premeia também o trabalho com maiores facilidades em orar..., com os frutos grandes derivados da grande mortificação que é o trabalho.

Repara bem se o teu trabalho é assim e se tiras dele estes frutos. — Não confundas trabalho com ocupação... Se te ocupas em coisas que te agradam... se o teu trabalho consiste em andar dum lado para o outro..., em começar e deixar uma coisa..., se trabalhas enfim só por capricho e segundo o teu bel-prazer, não tenhas dúvida que, ainda que estejas muito ocupado, isso não é trabalhar... não é cumprir a vontade de Deus... não é buscar a Deus, mas sim a ti mesmo.

Compara o teu trabalho e o teu modo de trabalhar com o de Maria e diz depois em que se parece... e isso que para ti é mais necessário o trabalho do que para Ela...

Necessitas de trabalhar para bem do teu corpo, para o seu desenvolvimento... para a sua saúde... para empregar bem os talentos e as qualidades que Deus te deu...

Necessitas de trabalhar para bem da tua alma... para formar o teu carácter... para dominar as tuas paixões... para vencer o teu amor próprio... para a tua oração mesmo na qual perderás o tempo se nela não trabalhas... para vencer as tentações, pois o trabalho te dá meios para isso... para te defenderes da ociosidade..., da mundaneidade..., das conversas frívolas... ou pecaminosas contra a caridade, etc.

Pede à Santíssima Virgem que te dê um pouco do seu espírito de trabalho, para que o trabalho se torne para ti também numa fonte de muitas e grandes virtudes... e no meio mais fácil e seguro de reparar e satisfazer ao Senhor pelos teus pecados...; que sempre trabalhes em companhia de Maria, sem perder, nem um instante, a sua presença santificadora.

43. Paciência e resignação

1.º *Paciência nos sofrimentos.* — Já dissemos e estamos convencidos que não podemos viver sem sofrimentos... A cruz espera-nos onde e quando menos o esperamos. — É inútil e ridículo o tentar escapar-lhe..., o querer alijá-la...; é vão o empenho em evitar a dor e o sofrimento... Penas, dores, angústias, humilhações, contratempos, etc., e esperam-nos constantemente. — Portanto a única atitude racional, a única atitude cristã... consiste em saber sofrer..., em buscar o modo de converter a dor em fonte de merecimentos..., em causa e princípio de grandes e verdadeiras alegrias...

E qual é esse modo? De há muito foi encontrado e ensinado pràticamente por Jesus e Maria: é sofrer com paciência e resignação.

Vê como Jesus suporta os rigores da sua pobreza..., o cansaço do seu trabalho..., a perseguição dos seus inimigos. — Sobre Ele choveram as calúnias, as acusações e as invejas... todos os males vieram sobre Ele..., todas as dores da alma e do corpo se apoderaram d'Ele... O céu, a terra, o inferno..., e até mesmo seu Pai..., tudo parecia haver-se conjurado contra Ele...

Contudo, de que modo se avém no meio de tanto sofrimento?...

Admira o *seu silêncio...,* a *sua resignação...,* a *sua paciência inalterável!...*

E a Santíssima Virgem?

Lembra-te dela na sua viagem a Belém: a viagem dura..., a estação áspera..., a sua situação delicada... Sem recursos, sofre as privações da pobreza... as portas das hospedarias e das casas fecham-se para os santos Esposos...; só um estábulo desabrigado e pouco limpo será o palácio real para seu Filho!... Que dor!... que sofrimento para o seu coração!...

Contudo, *tranquila..., resignada..., paciente... abraça-se com* o *que Deus lhe manda.*

Que lição para as nossas queixas e impaciências!

Lembra-te dela na noite triste do seu desterro... Teve de deixar tudo: a sua casinha..., os seus parentes..., as suas amizades..., a tranquilidade e doçura daquela vida...; tudo..., tudo..., e de repente... e de noite... e fugindo...

Como reage a Virgem Santíssima? Imaginas porventura que se desgostou? que disse alguma palavra de espanto ou de inquietação ou de medo ou de aborrecimento? Tu, sim, di-las-ias e em grande número e por motivos muito menores...

Pensa... medita... e envergonha-te das tuas impaciências..., da tua falta de resignação... sendo que tu és culpado e portanto merecias tudo o que sofres e muito mais.

2.° *No seu trato com* o *próximo.* — Aqui está outra fonte das nossas impaciências. — Que mal costumamos suportar as adversidades e as fraquezas do nosso próximo! — Queremos que nos tolerem a nós..., que nos aguentem nas saídas do nosso génio ou nas nossas exquisitices... mas como nos custa tolerá-las aos outros! como queremos que dissimulem os nossos defeitos e como somos duros para com os defeitos do próximo! Mais ainda: julgamos que nós não somos assim, que não fazemos tal coisa... que não procedemos como os outros..., que dizer, não vemos a trave nos nossos olhos e somos linces para ver o argueiro nos olhos

do próximo. — Não é esta muitas vezes a razão dos nossos aborrecimentos, das nossas inquietações, dos nossos desgostos?...

Compara-te com a Santissima Virgem no seu trato com o próximo...

Como tratou Ela aqueles parentes e amigos que lhe fecharam as portas em Belém?... Que insultos ou que palavras de desprezo ou de vingança ou mesmo de queixa lhes disse?

E no Calvário... que disse aos verdugos quando atormentavam e crucificavam seu divino Filho? ... Queixou-se porventura da sua crueldade, da sua barbaridade, da sua ingrata e injusta conduta?.... Quanto não teve que sofrer a Santissima Virgem com a ignorância dos discipulos... com a grosseria daquela gente... com as invejas dos judeus e dos sacerdotes que não descansavam na sua perseguição contra Cristo! Mas, que paciência com todos!... que doçura no seu trato com todos!... Quanta bondade! Quanta condescendência tão maternal e tão carinhosa!...

Numa ou noutra ocasião, até o seu próprio Filho parece que lhe responde fria e desdenhosamente: *Para que me buscáveis?* — diz-lhe, quando fica no templo... *Mulher, que nos importa isto a ti e a mim?* — responde-lhe assim nas bodas de Caná...

Quem é minha mãe e meus irmãos? O que faz a vontade de Deus, esse é minha mãe, assim diz aos que o avisam que sua mãe o está esperando... Que respostas!... Com muito menos tu ficaste ressentido e desgostoso com o teu próximo... Maria, pelo contrário, com a serenidade e doçura do seu rosto, mostra que não se aborrece..., que não se desgosta...; tudo guarda no seu coração para a sós meditar e tirar proveito do sentido misterioso dessas respostas.

Ah! se tu em tudo visses também esse mistério, isto é, a vontade de Deus através das provas e castigos, como receberias as respostas que te dão!... Como respondes aos

teus superiores... iguais... e inferiores?... Recorda aquilo de S. Agostinho: *Se tu não sofrerás aos outros quem te sofrerá a ti?*... Por isso nos diz S. Paulo: *Sede pacientes com todos*... Quantos desgostos te pouparias se fosses humilde com os que te rodeiam e levasses com espírito de caridade e com paciência tudo o que nos outros te desagrada!...

3.° *Paciência no fervor.* — Até no fervor e no zelo entra a paciência... Hás-de ser *paciente contigo*..., não querendo fazer todas as coisas imediatamente e de repente...; não poderás vencer uma tentação..., dominar uma paixão..., evitar uma queda... como tu desejarias... Não te apoquentes, tem paciência...; não desanimes..., continua trabalhando, cada vez com maiores brios..., com maior desconfiança de ti... mas com maior confiança em Deus.

Não sejas também *precipitado nas* tuas *obras de apostolado*...

Zelo maior do que o de Nossa Senhora não poderás ter e no entanto vê como Ela procede com paciência no trabalho da santificação da Igreja que nascia. Quantas mesquinhezes e misérias nos primeiros discípulos!... quanta rudeza e ignorância não encontrou neles!

Mas com paciência vai-os preparando e formando a pouco e pouco... É que Ela foi a que mais aproveitou a lição d'Aquele que disse: *Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração.* — A mansidão e a paciência são virtudes do Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria... portanto.

Que paciência a de Jesus com os seus inimigos!... e mesmo contigo e com todos!... Não espera anos e anos... às postas dos corações humanos? Não era tempo de se haver cansado de tanto esperar?... e de nos ter abandonado a todos?

Aprende a ser paciente contigo e com os outros.

A paciência é a que só pode levar a cabo grandes obras. É virtude portanto a exercitar muito na vida espiritual.

Toda a obra por boa e bela que seja estraga-se sem a paciência... As obras de Deus não se fazem com precipitação... Dá tempo ao tempo e espera que chegue o momento disposto pelo Senhor...

Examina-te bem nesta matéria e pede à Santissima Virgem que te faça porticipante da sua paciência para assim a imitares na paz inalterável de que sempre gozou, ainda no meio das maiores provas e tribulações.

44. Mansidão

1.° *Em que consiste*. — É companheira inseparável da paciência...; às vezes é uma consequência dela... e chega até a confundir-se com a mesma.

A mansidão é a virtude oposta à ira...; o nervosismo... ou o aborrecimento que temos em muitas ocasiões, quando as ocasiões não saem ao nosso gosto..., quando Deus transtorna os nossos planos..., quando nos contrariam e procuram impor-se a nós... são tudo coisas contrárias à mansidão.

O irar-nos *contra nós mesmos* pelas nossas faltas... pelos nossos desacertos... pelas nossas grandes misérias...;

O irar-nos *contra Deus* por causa das tribulações... contratempos... reveses da fortuna... desgraças... ou até talvez por causa das securas e provas que nos manda;

O irar-nos *contra o nosso próximo* pelos maus tratos ou perseguições de que nos faz objecto;

Tudo isto é contra a mansidão. E tudo isto refreia e domina a mansidão fazendo-nos julgar... falar... e agir com bondade e com doçura.

Não nos exige a mansidão que sejamos insensíveis ou que recebemos com indiferença os factos que nos exasperam; o que exige é que saibamos então dominar-nos de tal modo que sejamos nós os senhores desses sentimentos e não eles de nós.

Não é contra a mansidão — longe disso — o irar-se

algumas vezes com justa causa e com justa medida, isto é, sem ultrapassar os limites da razão: assim procedeu Nosso Senhor Jesus Cristo quando a açoites expulsou os profanadores do Templo; assim procedeu Moisés quando lançou por terra as Tábuas da Lei.

Esta ira é louvada na Sagrada Escritura: quando lá se diz: «irai-vos mas não pequeis»... Esta ira é filha do zelo da glória de Deus... e muito diferente da que brota da impaciência... do génio... e do amor próprio... Mesmo assim esta ira santa é muito difícil na prática... porque supõe um grande domínio das nossas paixões, que é raro...

Não é isto o que te diz a tua experiência? ... — Julgavas ser teu dever cortar tal abuso... corrigir tal ou tal pessoa..., etc.; mas na realidade excedeste-te na forma de corrigir... e o que começaste com razão, acabou com paixão.

Portanto lembra-te bem que é difícil saber irar-se quando convém... e por isso ainda quando *teòricamente* tenhas razão para isso... *pràticamente* deves abster-te de atitudes iradas e proceder sempre com afabilidade e bondade.

É muito conhecido o que disse S. Vicente de Paulo, que *só usou três vezes de palavras fortes e duras para repreender com razão e sempre se arrependeu disso pelo mau resultado que obteve.* — Se assim falam os santos que deverás fazer e propor tu?...

2.° *A mansidão de Maria.* — Entra na pequenina casa de Nazaré e tenta surpreender a Santíssima Virgem nalguma das suas ocupações. — Não julgues que lhe faltaria matéria de desgostos...

O seu carácter e a sua maneira de ver e de ser chocar-se-iam com a rudeza da pobre gente de Nazaré... com as superstições e erros dos idólatras do Egipto... com a soberba, egoísmo, avareza e até luxúria das colónias de judeus ali existentes. Contudo Ela não perde nunca o seu sorriso de bondade... o seu trato afável... a sua serenidade imperturbável.

Muitas vezes iriam à oficina de S. José queixar-se de defeitos na execução dos trabalhos, exigindo talvez e devolução do dinheiro... ou diminuição do preço contratado... ou então dando-o de muito má vontade... E estes abusos dar-se-iam precisamente porque Maria e José nunca se aborreciam... E se a maior parte dos fregueses eram dominados pela bondade e lealdade de S. José e de Nossa Senhora não faltariam alguns que explorariam esta mesma bondade.

Imagina uma dessas cenas tão frequentes sobretudo entre gente grosseira e sem cultura de espécie alguma... Como sentira a Santíssima Virgem certas faltas da mais elementar delicadeza sobretudo quando eram dirigidas contra o seu santo Esposo ou contra o seu divino Filho!...

Que vontade não sentiria de queixar-se com as vizinhas... com os parentes... contando-lhes o que se passava!..., etc.

Não é isto o que se passa contigo?... Não é isto o que tu julgas o mais natural do mundo?... Não te desculpas muitas vezes nestas ocasiões com dizeres que sentes necessidade de desabafar?...

E assim, sem dizeres tudo o que te vem à boca... sem uns quantos berros ou palavras descompostas... sem ires com a história a este e àquele, contada, claro está, a teu modo deitando as culpas sobre o outro e tendo tu a razão... sem isto não ficas satisfeito.

Ora bem, quando fizeres assim, olha para Maria e vê quão pouco te pareces com o modelo... e ideal... Nunca procedeu assim Maria..., nunca se julgou com direito a tais desabafos.

Repara nos seus modos... grava a sua imagem benéfica de serenidade no teu coração...; nunca a vercis azeda... áspera... dura... irada...; sempre a encontrarás cheia de bondade..., de compaixão..., de caridade..., de misericórdia..., de amor...; modelo, enfim, perfeito de mansidão.

3.º *Consequência.* — Vê agora as consequências de um

e outro proceder. — A mansidão gera simpatias... atractivos espirituais nas almas... sobrepõe-se a tudo e tudo vence e domina. — Repara numa pessoa afável e bondosa...: toda a gente a estima..., os seus conselhos são sempre seguidos..., as suas correcções são sempre eficazes... Suavemente e como quem não quer nada arrasta as almas atrás de si..., vive num ambiente de paz que encanta..., tem um coração grande com que ama a todos, seja a quem for, e por sua vez todos a amam e estimam.

A alma cheia de bondade e mansidão parece que, no trato com os outros, não quer ver a malicia que a rodeia...; tudo interpreta à boa parte...; tudo desculpa...; admite de bom grado todas as desculpas que lhe dão, se não é ela a primeira a adiantar-se a dá-las.

A mansidão assim dilata as almas e os corações...; não pode existir senão em corações grandes..., não em corações cheios de ruindade. — Pelo contrário, examina a uma pessoa iracunda..., impaciente..., rancorosa... Que antipatia a rodeia! Tem-se receio de tratar com ela..., tem de se andar com mil atenções...; para a não ferir não se pode usar de franqueza nenhuma com ela... não seja caso que vá saltar... Quanto dano não produz!... Quanto bem não deixa de praticar!... Quantas coisas não impede precisamente pelo seu carácter!... pelo seu modo de ser tão difícil... tão quesilhento. Tudo a ofende..., tudo lhe faz mal..., em tudo vê mistérios..., segundas intenções..., enfim, não sabe governar-se a si mesma... e é incapaz de governar os outros...; é incapaz para mandar..., para aconselhar..., para corrigir.

Vê como praticas esta virtude... em que altura de encontras nela... Talvez tenhas muito que corrigir.

Com a ajuda de Maria, anima-te..., corrige-te... e vence-te...

45. Doçura

1.º *Beleza incomparável.* — É sem dúvida belíssima esta virtude que tanta relação tem com a mansidão...

Chamou alguém à doçura «*a flor da mansidão*»... A doçura é realmente o complemento, a coroa da mansidão... Pode ter-se a mansidão que reprima e domine os ímpetos de um génio irascível mas pode faltar a doçura para mostrar então mesmo um rosto afável e palavras suaves.

Só o que possui a mansidão perfeita e totalmente é que ao mesmo tempo que sujeita a sua paixão sabe pôr nos seus actos..., nos seus gestos..., nas suas palavras sobretudo, a suavidade que caracteriza a doçura...

E quão sublime e quão formosa não é esta virtude! Que atractivos os seus tão encantadores!... Como arrasta a toda a gente!... É impossível resistir ou contrariar a uma pessoa dotada da doçura...

A ela quadra bem a bem-aventurança de Cristo: *Bem-aventurados os mansos porque eles possuirão a terra...* A mansidão e a doçura fazem-se senhoras de todos os corações. — Não há ninguém que resista à sua força poderosa. — Até mesmo as feras se abrandam e se rendem com a doçura... Gráfica e expressivamente o dizemos na linguagem familiar: «caçam-se mais moscas com uma gota de mel do que com uma pipa de vinagre».

A doçura é virtude amada particularmente por Cristo,

de quem se disse que «não quebraria a cana já rachada nem extinguiria de todo a mecha ainda fumegante»...; quis ser representado na figura de um cordeirinho que docemente se deixa tosquiar e até sacrificar sem queixas nem protestos. — A sua doçura estendeu-se aos pecadores a quem recebia com suavidade e a quem absolvia com amor...; foi duro com o pecado, mas não com o pecador...

Até mesmo aos seus verdugos tratou com doçura: perdoa-lhes... desculpa-os... e advoga até em favor deles... — Lembra todas as suas palavras na Cruz..., todas são mel dulcíssimo...; até para se queixar da sua sede abrasadora e do desamparo de seu Pai, o faz dulcissimamente.

Cópia exactíssima da doçura de Cristo, foi a Santíssima Virgem...; nela tudo é doçura e por isso é tão atraente; nela nada há que afaste... que assuste... que retraia... O seu nome só é comparável em doçura ao de Jesus... Não saboreaste mil vezes a suavíssima consolação que o nome de Maria traz às almas? Mas Deus parece que quis reunir- nela toda a doçura possível e para isso fê-la Mãe... E com isto está dito tudo: dizer Mãe é dizer ternura, carinho, mimos, abraços, beijos..., mas tudo dulcìssimamente como sói sê-lo uma Mãe. — Assim foi Maria, a doce Mãe de Jesus... Assim foi Maria, a dulcíssima Mãe nossa... Belíssima virtude!... virtude encantadora!... Por que não te inebrias com os seus atractivos?...

2.º *Doçuras falsas.* — Mas, ai! não te enganes confundindo a virtude com o vício. — É que há doçuras falsas. — É muito falsa a doçura piegas e pegajosa que busca expressões de adulação e que não tem outro fim senão agradar...; a doçura afectada e indiscreta e até perigosa, que é a pródiga em carícias para mendigar afectos terrenos...; a doçura puramente mundana dos sorrisos exteriores e das palavras meladas que louva e adula por diante e critica por detrás...; a doçura de mera cortesia que se usa tanto na vida de sociedade tão postiça e tão falsa às vezes...

Como é repugnante tal doçura!... E como é diferente da verdadeira que brota do coração do bondoso!..., do coração que ama e se compadece a valer..., do coração bom que comunica a bondade ao exterior dum modo delicado, simples e sem violência!

Também é falsa a doçura que se confunde com a brandura e fraqueza de carácter..., que é débil e condescendente com tudo, ainda mesmo com o que se não deve condescender... que é cobarde e pusilânime e tudo deixa passar e a tudo cala por comodidade..., para não meter-se em sarilhos..., para não se incomodar... ou talvez por respeitos humanos.

A doçura santa é suave nos modos, mas forte, enérgica, decidida no fundo. Põe em frente um objectivo e sem vacilações e com empenho avança para ele..., mas, isso sim, sem ferir, sem exasperar, insinuando-se nas almas, penetrando suavemente e sem barulho, como o azeite... — Pela falta de decisão, pela falsa doçura castigou Deus a Heli. — E o Espírito Santo mesmo nos diz que de modo contrário procede a mesma Providência divina que é forte e suave no dirigir tudo... levando as coisas ao fim com firmeza inquebrantável mas por meios tão suaves que às vezes nos são imperceptíveis e nos parecem coisas naturalíssimas.

Finalmente, também não é doçura verdadeira, a doçura de ocasião... ou a jactos intermitentes... só é doçura verdadeira a que é constante e contínua. — É fácil ser suave quando estamos contentes... alegres... quando tudo nos sai bem... Mas quando chega a contrariedade?... Então é quando se prova o valor e a têmpera da doçura, se ela resiste a todas as provas. — Contempla a tua Mãe querida... Diante dos seus exemplos examina as características da verdadeira e da falsa doçura... e verás, como sempre, que Ela é modelo acabado, exemplar perfeito de tal virtude.

3.º *A tua doçura.* — Examina pois a tua doçura e os meios que hás-de empregar para a adquirir ou aumentar...

para assim procurares parecer-te alguma coisa com tua Mãe querida.

Se és de natural suave e afável..., de temperamento quieto e sossegado procura tornar sobrenatural essa virtude de carácter, realizando actos não maquinalmente mas sim com inteira deliberação de querer imitar assim a Santíssima Virgem... e agradece-lhe por tão fàcilmente o poderes fazer.

Se, pelo contrário, és de carácter duro, vivo, nervoso... mesmo colérico e iracundo..., não te esqueças de que assim era S. Francisco de Sales que de tal modo se dominou que é o santo por antonomásia, da doçura... Escuta estas suas palavras tão conformes com o seu procedimento: «Sede o mais suave que puderdes; se se há-de faltar por algum excesso, que seja pelo da doçura...; a dureza tudo deita a perder, irrita os corações e produz ódios...; devemos atrair as almas como os perfumes nos atraem a nós, pela suavidade do seu cheiro»...

Esforça-te pois por vencer pouco a pouco, com a graça de Deus, o teu génio natural... e não desistas de ser doce e suave, por mais que isto te custe. Aqui podes aplicar aquela sentença: «o que custa é o que vale». — Examina pois qual é a tua doçura e vê se se estriba nestes dois fundamentos essenciais: *a firmeza e a suavidade.*

Pede a Jesus e a Maria com frequência esta graça...; sobretudo nas ocasiões difíceis lembra-te de tua Mãe e pergunta-te a ti mesmo: «Que faria Ela agora?... que diria...» e procede segundo a resposta recebida. Vigia os movimentos do teu amor próprio, que é o que se rebela sempre e o que te faz cair...; faz com firmeza e com energia o exame particular sobre esta matéria, até notares que já conseguiste um grande domínio sobre o teu carácter.

46. Doçura na família

1.º *Verdade triste.* — Tudo o que dissemos na meditação anterior deve, como é natural, aplicar-se a todos os actos da nossa vida e mais em particular aos actos da vida de família...; parece que neles é que devia aparecer mais a doçura e a bondade do nosso trato...; mas não é verdade que se dá infelizmente o contrário?

É frequente que a mesma confiança e intimidade da vida de família, gera à-vontades que não se usam com os de fora e é triste ter de reconhecer que muitíssimas vezes se têm mais atenções com os de fora do que com os de casa... Quantas pessoas não há que por guardar a cortesia social são no seu trato amáveis, carinhosos, indulgentes e suavíssimos com os de fora e reservam para os de casa as saídas do seu mau humor, dos seus desgostos e contratempos!...

O lar que devia ser a sede do amor e da doçura é muitas vezes a sede da aspereza e do aborrecimento que originam rixas e dissensões — tormento e cruz dos seus moradores. — Um santo dizia que *há muitos que na rua parecem anjos mas que em sua casa são demónios...* E isto pode dizer-se também da vida de amizade... e até da vida comum religiosa... Não é uma verdade muito triste que não falta quem com o seu génio mal contido... com o seu carácter pouco mortificado... se expressa às vezes com palavras, com gestos, com movimentos ou actos pouco edificantes e

que servem para fazer sofrer os seus irmãos?... *Como é bom e belo ver os irmãos unidos como se fossem uma só coisa!...* Assim dizia o Salmista... Mas isto não se verificará se neles não reina a caridade e a doçura, que quando é verdadeira virtude procede da própria caridade...

2.º *O exemplo.* — Vê o exemplo desta doçura familiar, verdadeiramente incomparável, na Santíssima Virgem...

Que longe estava Ela de amargurar a vida a S. José e ao Menino Jesus!...

A pobreza em que viviam... a falta de muitas coisas necessárias e convenientes podiam ter excitado n'Ela as impaciências, os desgostos, o mau humor e com tudo isto haver-se saído em queixas..., em palavras de aborrecimento daquela vida..., em advertências duras a seu Esposo..., em ralhos ao Menino Jesus, etc., exactamente como acontece na maior parte das famílias...

Mas não, Maria é o anjo da paz..., da alegria..., toda bondade e suavidade a irradiar doçura..., carinho..., amor...

Uma vez julgou dever repreender a seu Filho... A dor oprimira de tal forma o seu coração que este necessitava de desabafar... Mas repara bem nas suas palavras..., atende bem às expressões que usou..., fixa-te bem nos modos com que o fez... Com toda a delicadeza pergunta-lhe: «Meu Filho, porque procedeste assim connosco? »... Todos desculparíamos a uma mãe que naquelas circunstâncias tivesse repreendido àsperamente a seu filho... e lhe tivesse dito palavras fortes e tivesse tomado atitudes resultantes da sua dor amarga...

Imagina-te tu em caso semelhante... Que terias feito com uma pessoa de familia que tivesse procedido de igual forma?... Conter-te-ias perfeitamente ao vê-la?... Não cederias um pouco ao teu nervoso?... Conter-te-ias com dizer--lhe só as palavras de Maria a seu Filho? e com a mesma doçura e suavidade com que Ela as pronunciou?...

Ora, se a Santíssima Virgem nesta ocasião em que teve tão graves motivos de desgosto e aborrecimento procedeu

tão suave e dignamente, como não procederia com igual doçura nos outros actos da vida de família? ... — Refere um Santo Padre que os meninos de Nazaré costumavam dizer ao Menino Jesus: *vamos à suavidade e à doçura*, tal era a manifestação da sua bondade e mansidão constantes...

Tu podes também dizer o mesmo de Maria...; e diz-lho muitas vezes fixando-A bem, porque realmente Ela é a fonte da doçura e da suavidade em cujas águas se curam as erupções do nosso mau humor e se suavizam todas as nossas asperezas de carácter.

3.° *Virtude obrigatória.* — Fixa-te bem nisto... Pode dizer-se sem exagero que a virtude da doçura familiar é uma virtude obrigatória..., que tens de trabalhar por adquiri-la e desenvolvê-la..., porque esta doçura é o exercício da caridade, caridade que devemos ter para com todos mas principalmente com aqueles que nos estão mais próximos... como são os membros da família... as amizades... ou os membros da comunidade em que se vive... Que responsabilidade, portanto, para ti, se, por tua culpa..., se pelos teus desconhecimentos e saídas desentoadas, fizesses impossível e difícil a vida dos que te rodeiam..., se por tua causa se desfizesse o equilíbrio e a paz que produz a caridade!...

A doçura familiar é ainda obrigatória porque sem ela é impossível cumprir bem o quarto mandamento da lei de Deus.

Percorre os diversos estados que podes ocupar na vida de família ou de comunidade e verás isto bem:

Se és superior e mandas noutros, deste ou daquele modo, vê como procedes e como regulas as coisas... reflecte como desejarias que te mandassem a ti e vê como mandas os outros... Onde está o amor que devias ter aos súbditos, se nas tuas palavras e nos teus modos pareces um tiranete?... Quando tens de corrigir alguma coisa, não é então que manifestas mais falta de correcção levantando o tom da voz, gritando e ameaçando?... Faz um exame especial sobre o

modo de tratar os que tens ao teu serviço... A sua mesma incultura e falta de educação devia servir de desculpa às suas deficiências, e ser a razão de os tratar com mais carinho para assim os ir ensinando no que necessitam ser ensinados... — Segundo alguns, a Santíssima Virgem teve também ao seu serviço uma escravazinha ou uma criadita... Imagina como a trataria..., como a mandaria..., como a corrigiria quando não fizesse as coisas bem...

Compara-te com Ela e procura imitá-lA. Se és inferior e deves obedecer, como o fazes?... Pareces-te nalguma coisa à Santíssima Virgem quando obedecia a S. José?... Que gestos, que protestos, quantas queixas!... Sobretudo se te custa, porque não baixas suavemente a cabeça e não obedeces com alegria? ...

E com os teus iguais, com os teus irmãos, com os teus amigos, como os tratas?... És a causa da sua desunião? ... Falas-lhe com frieza... com indiferença ou desdém..., com altivez..., com palavras cheias de arrebatamento..., de injúrias..., de despeito..., de ira?... — Examina-te hoje bem sobre a doçura na família e propõe o que vires ser necessário para cumprir nesse ponto adequadamente o quarto mandamento... Dá bom exemplo desta virtude a todos e assim contribuirás para que na tua casa... na tua família... no círculo das tuas amizades... na tua comunidade, reine a paz... a felicidade dulcíssima que se respirava na pequenina casa de Nazaré.

47. A Condescendência

1.º *Em que consiste.* — É uma virtude que pode parecer insignificante e contudo é de um elevadíssimo valor prático...; parece coisa fácil numas ocasiões mas noutras é realmente difícil. — Fixa-te bem na própria palavra — condescendência — que é muito significativa.

Condescender é — *descendere cum* ou *descer com* — isto é, descer da altura do teu amor próprio, da tua soberba para acomodar-te ao parecer alheio... Esta é a explicação etimológica da palavra, mas ai! quão custoso não é tal descer!... encontramo-nos tão bem nos cimos da nossa soberba que quando um golpe humilhante da amorosa Providência de Deus nos faz baixar, que sofrimento não sentimos!... E que será então empreender voluntàriamente a descida?... — Condescender é ceder diante da vontade..., do critério..., do gosto dos outros... e isto, sabe-lo bem por experiência, é muito custoso sempre.

Não queremos que ninguém coarcte a nossa liberdade..., que ninguém se oponha aos nossos planos..., que ninguém nos contradiga no que dizemos ou o que pensamos...

E a condescendência leva-nos a proceder de modo muito diferente...: a que demos razão aos outros... a que não nos empenhamos em triunfar e sair sempre com a nossa... a que sacrifiquemos o nosso gosto e a nossa comodidade nas aras da paz, da doçura da caridade.

É claro que há coisas em que não se pode nem se deve transigir...; ceder nesses casos não seria virtude mas sim cobardia ou respeito humano. — Quantos pecados não se cometem por esta má e perversa condescendência! — Foi este o pecado de Adão...: não teve energia suficiente para resistir às suaves insinuações de sua mulher...; cedeu e transigiu no que não devia, e pecou...

Examina as tuas quedas e verás como muitas delas tiveram a sua origem nesta maldita condescendência.

Não podes portanto ceder nem um ápice... não deves condescender nem o mais mínimo com ninguém... nem com os amigos mais íntimos... nem com os pais nem com os irmãos... em coisas contrárias à lei de Deus, ainda que seja em matéria leve..., em tudo o que seja de qualquer modo ofensa de Deus... ou venha causar dano ao próximo.

Mas fora disto, trabalha por venceres a dureza de cabeça e de carácter e adquirires essa bela e simpática flexibilidade que se accomoda a tudo e a todos..., que se sente feliz em dar gosto e em comprazer aos outros em tudo o que não for mau ou perigoso: nisto consiste a prática da grande virtude da condescendência...

2.º *Os seus frutos.* — Preciosos e saborosos são os produzidos pelo exercício constante desta virtude... — Antes de tudo, um aumento sempre crescente da rainha de todas as virtudes, a caridade... É evidente que esta não poderá existir nas famílias, no círculo das nossas amizades, nas comunidades, etc., onde não se pratique, sem cessar, a condescendência. — A causa e a raiz de todas as desavenças é sempre o desejo que todos temos de levar a nossa por diante...; e como o que tu sentes também o sentem os outros, daqui os choques frequentes e nada edificantes dos que sai sempre mal parada a caridade.

Em paga, o ceder e o acomodar-se ao parecer alheio, condescendendo com os seus gostos, é fonte de amor recíproco..., de paz e de caridade..., contribuindo eficacissi-

mamente para o bem-estar e tranquilidade de uma casa..., de uma comunidade... de uma família, etc. — A mútua condescendência é que produz nelas a cordialidade e a fraternidade juntamente com uma franca e espiritual alegria.

Outro fruto desta virtude é a prática contínua da mortificação interior... que, como já dissemos algures, é em certas ocasiões muito difícil e até heróica. — Como todas as virtudes, a condescendência não consiste nalguns actos isolados, mas sim no hábito deles que se manifesta na sua frequência e constância. — O vencer-te uma vez ou outra..., o ceder e calar-te hoje..., o condescender em determinada ocasião, não é difícil... nem muito meritório...; mas o fazer sempre assim..., o habituar-te a nunca te dispensares de te vencer, isso sim é que supõe um grande exercício de mortificação.

Reflecte no que te aconteceu já, com certeza, alguma vez... Como te custou ceder, se é que cedeste, quando tinhas toda a razão..., quando o teu parecer era o mais justo e razoável..., quando por ser em público e em presença de outros, era para ti tão humilhante o ceder e o calar-te... e até dar razão a quem te contradizia!... Não é verdade que é nessas ocasiões que se manifesta claramente a alma mortificada e senhora de si?...

Com isto já está indicado outro fruto da condescendência que é a firmeza, cada vez mais forte, na santa humildade. — Se analisares um pouco o acto da condescendência, verás que quase se reduz a isto: a um acto de humildade... Não és condescendente porque não és humilde... porque o amor próprio se rebela... porque a soberba te cega... Logo, quanto mais condescenderes com os outros, mais calcarás aos pés as tuas paixões e mais humilde serás.

É também evidente, que com esta virtude praticas ao mesmo tempo a mansidão e a doçura... e educas e diriges como deves o teu carácter. — Ordinàriamente falando esta será a forma mais comum de exercitar-te na doçura, visto

que, de ordinário, a maior parte das tuas asperezas, brotam da falta de condescendência... por não ceder... por triunfar e sair com a tua.

Finalmente, com esta preciosa virtude dispões-te admiràvelmente para a vida de obediência... Que custará obedecer àquele que se acostumou a ceder? ... Se nega a sua vontade para submetê-la ao parecer dos outros..., quão fàcilmente a submeterá às ordens e disposições dos superiores? !

Mede pois a importância e beleza desta virtude pelos frutos que produz e pelas virtudes que a acompanham...

3.º *A Condescendência de Maria.* — Daqui conclui qual não seria a condescendência de Maria se ela foi tão excelsa na caridade, na humildade, na doçura e na obediência. — Conclui isso, já que não temos dados concretos no Evangelho, da condescendência de seu divino Filho... Como condescende com os Apóstolos quando lhe pedem alguma coisa... com todos os discípulos ...e com o mesmo povo, obrando grandes milagres só por condescender com eles!...

Com os judeus, fariseus, publicanos e pecadores, em tudo o que não houvesse pecado ou falta. — Que condescendência tão humilde a sua!... — Vê-o com os pobres... com os necessitados... com as crianças... Lembra a sua atitude nas bodas de Caná, condescendendo com sua Mãe em fazer o portentoso milagre que fez, apesar de ainda não ter chegado a hora de fazer milagres.

Se assim era a condescendência de Jesus, qual não seria também a de Maria, a mais perfeita cópia de Jesus?!

Imagina, por exemplo, a cena dos pastorinhos em Belém... ou a dos Magos e ali a verás a condescender com todos, em tudo... até chegar a dar-lhes Jesus... e a deixar que o abraçassem, o acariciassem e o beijassem... — Toda a sua vida não foi um contínuo acto de constante condescendência com S. José e com Jesus?... Nem uma só vez se deu alguma satisfação à custa de S. José ou do seu Filho: o seu gosto era comprazer-lhes em tudo.

Este deve ser o teu prazer: acomodar-te ao gosto dos outros..., comprazer a todos...; assim, ganharás a todos...; assim é que te farás todo para todos, menos para ti; assim, finalmente, conseguirás imitar nesta preciosa virtude, a tua querida Mãe.

48. A Gratidão

1.º *Digno, justo e salutar.* — No Prefácio da Missa, todos os dias canta o Sacerdote a beleza e a necessidade do agradecimento quando diz: *verdadeiramente é digno... justo... e salutar... que sempre e em toda a parte sejamos agradecidos ao Senhor...* Que simpática não é a gratidão!... E quão horrivelmente antipática não é a ingratidão!... Pode haver alguma coisa que mais fira uma pessoa que tem dignidade, do que chamá-la ingrata?... — E não foi o que te fez sofrer mais o ver que te pagavam os teus favores ou serviços com ingratidão?... Vê pois quão indigno é este proceder mesmo só entre homens!... E então qual será a indignidade do homem que é ingrato para com Deus? !...

A gratidão é também uma parte da justiça e portanto falta à justiça o ingrato. — Deram-te um benefício, deves dar alguma coisa em compensação; a gratidão deve corresponder ao benefício. — A ingratidão vista nos outros irrita-nos e desconcerta-nos precisamente pela injustiça que encerra... — O benfeitor tem direito ao agradecimento; logo, quando se lhe não dá, calca-se esse direito... e portanto falta-se à justiça que consiste em dar a cada um o que lhe pertence...

E, finalmente, conveniente e salutar..., quer dizer, que

até por egoísmo devíamos saber ser agradecidos..., porque o agradecimento é causa de novos benefícios. — S. Bernardo diz que a ingratidão é vento abrasador que seca e mata a fonte de todos os favores e benefícios...; mas, em troca, a gratidão é o que mais estimula o benfeitor a continuar os seus benefícios para connosco...

Sob qualquer aspecto que o consideres, convencer-te-ás que o homem ingrato é o que há de mais irracional... pelo injusto que é o seu procedimento... e até porque assim se prejudica a si mesmo. — Aplica estas ideias ao teu procedimento para com Deus e se as assimilares bem, admirar-te-ás como o homem..., como tu mesmo pudeste chegar a ser tão ingrato para com Ele... e não só alguma vez... mas diàriamente assim procedemos com o Senhor...

É de estranhar que não esteja já cansado de nós... e que apesar da nossa ingratidão continue a dar-nos novos e maiores benefícios... Enquanto a sua generosidade sobe, sobe também... a nossa ingratidão... Parece mentira que assim seja o coração do homem sobretudo para com Deus de quem não recebe senão benefícios sem fim...

2.º *Donde brota.* — Agora considera donde brota a gratidão para que possas ver depois donde provém a tua ingratidão. — A gratidão brota da nobreza e generosidade de coração do que recebe o benefício, de tal sorte que costumamos medir a delicadeza maior ou menor de um coração pelo grau de agradecimento ou gratidão verificado em alguém.

O coração agradecido no momento mesmo em que recebe um dom, sente como que uma necessidade de corresponder ao benfeitor e até que não satisfaça essa necessidade, não encontra descanso..., mas até sofre porque desejaria ir sempre mais além na sua correspondência e no seu agradecimento... e goza imenso quando encontra meio de manifestá-lo.

Ao mesmo tempo que a delicadeza de coração, contribui

também para a gratidão, a reflexão. — Não há dúvida que a falta de reflexão é a causa da nossa ingratidão para com Deus... O «não sabem o que fazem» pode aplicar-se a todos... Se reflectíssemos um pouco não poderíamos deixar de empregar toda a nossa vida e todas as nossas forças em agradecer a Deus todos os benefícios... A reflexão é-nos necessária para conhecer aquele que dá..., a nós que recebemos... e o número e qualidade dos dons que nos dá... porque o agradecimento deve ser proporcionado a estas três condições.

Havemos de conhecer cada vez mais a pessoa que nos faz benefícios..., o seu amor para connosco..., a sua nobreza e dignidade..., a sua bondade e generosidade..., a sua superioridade e grandeza junta à dignação com que se baixa até nós a oferecer-nos os seus dons... É evidente quanto contribui este conhecimento para a gratidão... E muito mais contribui se o comparas com o conhecimento próprio da tua pequenez..., da tua maldade..., da tua grande indignidade e falta de méritos pessoais para tantos benefícios..., mesmo o conhecimento das ingratidões passadas que fazem maior o carinho e o amor do benfeitor divino.

Conhecimento, finalmente, dos mesmos favores nos quais muitas vezes nem reparamos; quando se trata de Deus, é assim que sói acontecer... Quantas coisas recebemos de Deus que nunca pedimos... nem merecemos, é claro... nem nunca reparamos nelas!... E assim como as poderíamos agradecer?!

Trabalha muito por adquirir este tríplice conhecimento de que depende a estima e amor que deves ter ao Senhor... e verás como, assim, instintivamente, brotará do teu coração a correspondência da gratidão para com Ele...

3.º *A Santíssima Virgem.* — Que admirável foi este conhecimento na Santíssima Virgem!... Penetra, se podes, na ideia que Ela formava de Deus... da sua grandeza e majestade..., da sua santidade e beleza...

E este conhecimento aumentava em Maria, o seu amor com todo o seu ser..., com toda a sua alma... com todas as

suas forças ao Senhor...; mas ao mesmo tempo vê-A toda penetrada do seu nada... da pequenez da sua pessoa, como diz no *Magnificat*, onde se admira de que tenha olhado para a baixeza da sua escrava.

E de facto, o coração nobilissimo de Maria, inundado desta admiração, abrasava-se em afectos de gratidão..., de amor..., de ânsias insaciáveis de corresponder, o melhor que pudesse, a um Deus que assim punha os olhos n'Ela..., que a amava com um amor eterno e infinito..., de predilecção sobre todas as criaturas..., sobre os próprios anjos do céu... ainda mesmo sobre os mais elevados serafins. — Tão metida e embebida andava nestas ideias que não as podia afastar nunca do seu entendimento...; repetia-as a cada passo ao seu coração...; não podia viver sem a expansão da gratidão.

Lembra as estrofes do *Magnificat* e verás o que pensava..., o que sentia a Santissima Virgem dos benefícios do Senhor... Porque não imitá-lA nisto?... Repara bem que tudo se reduz a isto: ter cabeça e coração..., reflexão e sentimento... Tendo tudo isto para as delicadezas humanas não o terás para as delicadezas infinitas de Deus?... Desejas que sejam gratos para contigo e negas a gratidão a quem a merece mais do que ninguém?...

Pede à Santíssima Virgem que não sejas assim ingrato; que te dê imitá-lA no seu eterno agradecimento ao Senhor...

49. A Gratidão

1.º *Para com Deus.* — Houve no céu uma criatura belíssima, adornada de imensas graças... mas essa criatura não soube agradecer ao seu Criador o que d'Ele havia recebido e com soberba e ingratidão revoltou-se contra o seu divino Benfeitor... — É esta a história de Lúcifer..., o anjo caído e convertido em demónio pela sua soberba..., pela sua ingratidão.

Coisa semelhante aconteceu com o homem no paraíso... Também a soberba o cegou e o fez ingrato para com Deus... Que frutos tão amargos os da ingratidão!... De um anjo faz um demónio...; de um rei, como era o homem, faz um escravo desgraçado.

Mas vê o procedimento diametralmente oposto de Maria. — Favorecida pelo Senhor com riquíssimos dons..., elevada a uma dignidade incomparável..., não se ensoberbece..., não se revolta e não cai na ingratidão... O seu coração, cheio de agradecimento a Deus, expande-se no seu *Magnificat*, que é como que o programa da sua vida... visto que a sua vida foi isto — um *Magnificat* constante de gratidão com os lábios..., com o coração..., com todas as suas obras.

Maria, a criatura mais agradecida..., mais humilde..., é elevada à dignidade de Mãe de Deus... e a que não aspira senão a ser sua escrava, ocupa o primeiro trono do céu...

Que agradável é a Deus o coração agradecido!... Que odiosa há-de ser para Ele a ingratidão!...

E que dons tão preciosos reservou Deus para Maria!... Ela foi a única escolhida entre todas as mulheres da terra para ser a sua Mãe...; e por isso mesmo a única concebida sem mancha... a única saturada da plenitude da graça, como lhe disse o anjo... a única que havia de entrar, em certo modo, nos Segredos da Santíssima Trindade e de viver em íntimas relações com a Divindade.

E tudo isto, porquê? Porque só a Ela foram conferidos estes privilégios? Que merecimentos havia nela para os receber?

Estas perguntas fazia-as a si mesma a Virgem Santíssima e a resposta era desfazer-se em agradecimento ao seu Deus. — Cada graça que recebia..., cada novo dom abrasava cada vez mais o coração delicadíssimo da Santíssima Virgem e inebriava e extasiava continuamente a sua alma, com afectos perenes da mais sentida gratidão e do mais puro e mais ardente amor...

2.º *Para com os anjos.* — E assim fazia com todas as criaturas postas por Deus para servi-la... — Imagina, o melhor que puderes, a sua imensa gratidão para com o Anjo da Anunciação. — É cortesia obrigada remunerar o criado que da parte do seu amo nos traz um presente... Que faria então a Santíssima Virgem quando, com o magnífico presente da Incarnação do Verbo, se apresentou diante d'Ela?... Com que reconhecimento lembraria Ela a cena da Anunciação e as palavras de saudação do anjo!...

E qual não seria a sua gratidão para com os anjos do Nascimento?... Quando via que Jesus nascia desconhecido e desprezado dos homens... como agradeceria aos anjos que tivessem baixado do céu a reparar a ingratidão e frieza com que o mundo o recebia!... Agradeceria igualmente com todo o seu coração qualquer serviço que deles recebesse... quer na viagem para o Egipto, como diz a tradição, quer no regresso

a Nazaré. — Se é certo que tinha trato frequente com os anjos..., imagina como lhes agradeceria as suas visitas e como eles ficariam encantados e satisfeitíssimos com as provas de gratidão que lhes daria a Santíssima Virgem.

Mas considera sobretudo o seu agradecimento para com o Anjo da Anunciação... e para com o seu Anjo da Guarda. — Deus também deu à Santíssima Virgem um Anjo da Guarda, como a nós... para a guardar.... Feliz o anjo a quem coube ser o defensor e o Custódio de tal tesoiro!... Depois de adorar a Deus no céu, não tinha ele o ofício mais nobre do que guardar e acompanhar, durante a vida, a Santíssima Virgem.

Mas este ofício não passava despercebido a Maria... Se lhe apareciam outros anjos... que se deliciavam em conversar com Ela, como não daria esse gosto ao seu Anjo da Guarda? — A muitos santos se fez visível o seu Anjo da Guarda... não aconteceria o mesmo à Virgem Santíssima? Seria um motivo a mais para agradecer a Deus, primeiro, e ao seu Anjo da Guarda depois, tais finezas...

Faz um pouco de comparação e vê quanta devoção e quanta gratidão tens para com os anjos em geral... e para com o teu Anjo da Guarda, em particular... Não serás muitas vezes ingrato com ele... desprezando-o... e não fazendo caso das suas inspirações... ou pelo menos esquecendo-te de agradecer-lhe o bem que te faz e sobretudo a fidelidade em guardar-te?

3.° *Para com os homens.* — E agora vê a gratidão de Maria, feita de bondade e delicadeza, não de cumprimentos falsos e mundanos... mas verdadeira e sincera, com os homens... com as pessoas de quem recebia algum favor... — Percorre brevemente a sua vida e demora-te a considerar o amor e o agradecimento de Maria a seus pais... Que exemplo de gratidão para com aqueles que tanto se cansaram e sacrificaram pela nossa existência..., pelo nosso sustento..., pelo nosso desenvolvimento, etc. — A Ela nada passava

despercebido e qualquer trabalho e sacrifício de seus santos pais ficava gravado no seu coração para sempre lho agradecer.

Mais tarde no Templo, a sua gratidão manifestar-se-ia a cada passo com os sacerdotes que a instruíam na Sagrada Escritura..., com as meninas com quem convivia... Não lhe era possível deixar escapar o mínimo pormenor de alguma delicadeza que tivessem com Ela sem que a agradecesse do fundo da sua alma.

Lembra as cenas de Belém, com os pastores, primeiro... com os Magos, depois... Que profundo e que verdadeiro, mas sem exageros tolos e ridículos, sem palavriado escusado de cumprimentos vãos... seria o seu agradecimento para aqueles adoradores de seu Filho!... Que não lhes diria, para agradecer-lhes os seus presentes e mimos!... E que contentes não se iriam todos, falando do coração agradecido de Maria!

Contempla-a na sua vida ordinária de Nazaré... com aquela gentinha que constituía a sua vizinhança: se lhe faziam algum favor, o que não faria a Santíssima Virgem para pagá-lo!...

Como lhes agradeceria as carícias e os louvores que prodigalizavam ao seu Jesus!... Que agradecimento o seu para as pessoas que davam trabalho a S. José, e com ele, o sustento da sua casa!

E mais tarde quando Jesus saiu a pregar, como não seria grande a sua gratidão para com Marta e Maria e para com as outras mulheres piedosas que tanto cuidavam de seu Filho!... para com os Apóstolos que tão fielmente o seguiam... para com aquela boa gente que ia entusiasmada atrás d'Ele... ouvia a sua palavra... ponderava a sua santidade... e apregoava por toda a parte os seus milagres!...

Contempla, por fim, a Santíssima Virgem nos seus agradecimentos a S. José... Como lhe agradecia os seus benefícios!... — Ele que era o guarda da sua virgindade e da sua honra, o operário que trabalhava e suava por Ela e pelo

seu Jesus..., o companheiro fiel, sacrificado e humilde, que compartia com Ela a sua pobreza, as suas privações, a sua obscuridade... Que olhares os seus!... Que palavras!... Em tudo, enfim, que agradecimento!... Como se entregaria em cheio à gratidão e a dar mostras dela o melhor que podia!...

Se tanto arrasta a gratidão, como não te arrastará mais, vendo o exemplo tão belo de tua Mãe, para agradeceres, como deves, a Deus o que d'Ele recebeste... e estás a cada instante a receber..., para agradecer aos anjos e ao teu anjo da guarda o que sem cessar faz contigo... e para estender essa tua gratidão a todos os homens..., a todos os que te fazem algum bem espiritual ou temporal!...

50. A Gratidão

1.º *Gratidão verdadeira.* — O próprio Jesus Cristo nos dá exemplo admirável desta gratidão. — Promete pagar-nos generosamente um copo de água dado em seu nome... Nada do que fizermos ou sofrermos por Deus, ficará sem prémio... Não vemos isto, mesmo aqui na terra onde tão generosamente nos paga o mínimo serviço que lhe fazemos? ...

Assim foi... e assim continua sendo sua Mãe. — Uma delicadeza nossa... uma florzinha de abnegação, de santificação que lhe ofereçamos, e são agradecimentos e recompensas que bem sentimos...

Também tu deves ser, deste modo, generoso na tua gratidão, para com Deus e para com todos. — Nota que na generosidade está uma das características da verdadeira gratidão... Porque esta não pode ir inficionada de egoísmo e de interesse... E quanto há disto, infelizmente!... Que agradecimento tão miserável o daqueles, que acostumados a receber favores..., se cansam de agradecê-los... e se julgam com tais direitos a esses benefícios que até os exigem e se queixam se lhos não dão...

Que agradecimento tão falso é o daqueloutro, que, com uma pequena ofensa que receba, ou que imagine receber, do seu benfeitor, lança no esquecimento tudo o que dele recebeu... e não esquece nem perdoa o agravo real ou aparente que lhe causou!... Ah! que humano é tudo isto! e quão

fàcilmente os homens se esquecem de que com a medida que medirem serão medidos. — Se Deus procedesse assim connosco e à mais pequena falta nossa já nos não perdoasse, nem nos desse mais graças e benefícios... nem agradecesse nem premiasse as nossas boas obras, que diríamos? E não é assim que nós medimos ao nosso próximo e nos portamos com ele ordinàriamente?

Finalmente, há também outros agradecimentos falsos e são os daqueles que à força de receber muito e muitas vezes chegam a não sentir nada e já lhes não faz impressão o que se faz por eles. — Ao princípio começaram a ser agradecidos, mas cansaram-se disso e de tal modo se acostumaram a receber..., que não se preocupam com retribuir, porque lhes parece que é a coisa mais natural que toda a gente lhes dê a eles. — Que diferente foi a gratidão da Santíssima Virgem!... A continuidade dos benefícios não fazia senão aumentar o seu agradecimento... Agradecia cada novo benefício como se fosse o primeiro..., como se fosse sempre novo..., grande..., inesperado..., imerecido... e assim impeliam cada vez mais o seu coração generosíssimo a desfazer-se em gratidão e reconhecimento..., em desejo de corresponder à bondade do Senhor com a entrega total de tudo o que Ela era e tinha.

2.° *Frutos.* — A gratidão produz na alma que a pratica frutos riquíssimos..., parece que dilata o coração e o enobrece de modo admirável. — Lembra o cântico do *Magnificat* da Santíssima Virgem e vê como ali se revela o seu coração magnífico, de uma capacidade quase infinita... É o coração da Mãe de todos os povos, de todas as gentes...; o coração da Rainha do Mundo todo... e por isso nesse cântico, não só agradece ao Senhor o que fez com Ela mas também agradece as misericórdias havidas para com toda a humanidade.

Este é o modelo do coração agradecido, assim dilatado pela gratidão... Onde vê um benefício, seja em si seja nos outros, logo o agradece o melhor que pode. — Outro fruto

é o de firmar cada vez mais a alma na humildade... O que recebe um benefício e assim o reconhece, demonstra ao mesmo tempo a sua inferioridade com relação ao que dá..., mas não só se não ofende com essa humilhação senão que até a aceita com gosto.

Dá-se isto particularmente com os benefícios de Deus... Aceitá-los e agradecê-los é reconhecer-nos, pobres miseráveis, inúteis para tudo...; só a bondade e a generosidade de Deus com os seus imensos bens nos pode dar remédio... Por isso o coração agradecido é necessàriamente humilde... — Também a gratidão nos faz mais reflectidos, fazendo-nos cair na conta de cada graça que recebemos... e ao mesmo tempo com isto ajuda-nos a utilizar as graças recebidas no nosso coração, porque como poderíamos cooperar com elas se não nos déssemos conta da sua existência?... Por isso no coração agradecido, as graças produzem sempre um fruto abundantissimo.

Por outra parte, como já indicamos, a gratidão move o coração de Deus a novas generosidades, pois o Senhor não se cansa de continuar a dar sempre graças mais e mais quando estas são agradecidas e correspondidas. — Assim fez com a Santíssima Virgem... Nem um instante cessou de multiplicar n'Ela as suas graças e benefícios, porque deles se fazia merecedor o coração agradecidíssimo de Maria. — A gratidão também produz na alma maior submissão..., maior confiança em Deus..., maior descanso na sua divina Providência..., porque então a alma não pode duvidar que um Deus tão generoso a possa deixar e abandonar quando mais necessita das suas graças.

Finalmente, a gratidão é uma fonte de tal simpatia que torna sumamente amável aos olhos de todos, o coração agradecido... Não há melhor meio de ganhar os corações, nem de os unir em laço apertado e forte do que o agradecimento.

3.º *A tua gratidão.* — Impregnado das ideias anteriores bem ponderadas, examina o teu procedimento neste ponto.

Vê a Santíssima Virgem agradecendo desde o céu a

flor mais insignificante que lhe ofereces em sua honra. — Vê a Jesus a queixar-se da ingratidão dos homens como uma das coisas que mais lhe desagrada... Na sua vida queixa-se da ingratidão de Jerusalém, que desprezou as suas graças e não chegou a conhecer o «dom de Deus»...; queixa-se agora mostrando o seu coração e dizendo: *Vê este coração que tanto tem amado os homens e em paga não recebe deles senão ingratidões...* Como sente Deus a ingratidão!... Como és tu agradecido?... Como imitas os exemplos de Jesus e de Maria que tanto te agradecem... e tanto te recompensam o pouquinho que por eles fazes?... Como recebes e como correspondes tu ao muitíssimo que eles te dão?

Vê que dívida imensa tens de gratidão para com Deus e até para com os homens... Quantos benefícios do Senhor na ordem natural e sobrenatural! Quem os pode contar?... Como agradeces ao Senhor a graça da fé..., da vocação..., dos Sacramentos que recebes?, etc..., como agradeces o amor e o desinteresse com que teus pais te criaram e educaram, talvez com grandes sacrifícios da sua parte, gastando os seus suores, as suas energias e a sua saúde por ti?... Reparaste nisto e no que lhes deves?... Quando e como lho agradeceste?

Pensa sèriamente no que deves aos teus superiores, que com tanto desvelo te cuidam...; aos teus mestres, que com tanto trabalho te ensinam...; aos teus amigos, que sofrem o teu carácter e suportam as tuas impertinências... Como recebes e agradeces os seus avisos e correcções? Como correspondes a todos?

Pede à Santíssima Virgem que te dê um pouco de reflexão para que aprecies os benefícios que te fazem e sobretudo para que saibas viver agradecendo muito os que recebes de Deus...; que a imites na sua humildade para recebê-los e na sua generosidade para apreciá-los, correspondendo como Ela, com toda a tua alma.

Pede-lhe luz para conhecer quanto a ofende a Ela e a

Jesus a ingratidão... e como Deus retira muitas vezes as suas graças aos que não sabem ou não querem ser agradecidos e as dá aos que mais e melhor as sabem estimar...; que não sejas tu assim..., que a Santíssima Virgem não consinta que pela tua falta de agradecimento percas a graça que o Senhor queria dar-te... e que não só de palavras mas de obras, tenhas sempre um coração agradecido..., vivendo sem cessar a vida da gratidão... e fazendo com que as tuas palavras e as tuas obras sejam um contínuo *Te-Deum*..., um sentido e perene *Deo Gratias*.

51. Correspondência à graça

1.º *A vida da graça.* — Terminávamos a meditação anterior recordando que Deus dá as suas graças à medida que a alma corresponde a elas e que às vezes por não corresponder ou não saber apreciar nem agradecer estas graças. Deus as retira e dá-as a outras almas mais generosas. — Merece bem este pensamento tão terrível que se lhe dedique uma meditação para nos embebermos bem da obrigação que temos de corresponder à graça do Senhor, da qual depende inteiramente a vida da alma.

Porque a vida da alma é precisamente a vida da graça...; é a sua única vida..., a sua vida verdadeira..., de sorte que se se perde, perde-se a vida... e portanto sem ela estará morta. — É uma vida excelentíssima e nobilíssima... Bem podemos chamá-la divina..., visto que a isso se reduz, a saber, a participar da própria vida de Deus. — É uma participação completamente sobrenatural e gratuita, que Deus nos concede, visto que a nossa alma por si mesma, pela sua própria natureza nunca teria motivos nem direito algum para aspirar a esta vida...; nunca, por mais perfeita que fosse, teria méritos suficientes para merecê-la... Que vida tão excelente e tão magnífica!...

Compara-a com a vida do corpo, que é uma vida baixa, rasteira puramente animal...; vê de que se alimenta e de que se sustenta a vida do corpo...: de coisas da terra..., de carnes de animais. — Mas a vida da alma assim sobrenaturalizada não se alimenta nem se sustenta senão com o próprio Deus..., com a sua graça, os seus sacramentos, o seu próprio Corpo e o seu próprio Sangue divino na Eucaristia... É isto o que alimenta a alma!... É este o manjar que a vivifica e sustenta!... Que vida divina a da nossa alma!...

Como vês, Deus quer com ela meter-nos no mais profundo do seu coração, e ali produzir em nós essa sublime transformação pela qual a alma, sem deixar de ser o que é, pura criatura na sua natureza..., parece contudo que se diviniza e se faz como Deus..., uma coisa parecida ao que acontece com o ferro metido no fogo: sem deixar de ser ferro parece contudo um carvão aceso, porque de tal modo assimilou a vida do fogo que tem as suas mesmas propriedades: brilha como ele..., queima e abrasa como ele... Pois assim somos nós pela graça: homens e criaturas, mas parecemos deuses, porque assimilámos a vida de Deus. — Somos em tudo semelhantes a Ele...; os nossos actos sobrenaturalizados pela vida da graça adquirem um valor que não podiam ter por si sós; e é tal este valor que podemos aspirar à vida do céu..., e isto como um direito que nos é devido por justiça, dada a existência da graça em nós. Pelo contrário, todos os actos, por mais heroicos que sejam, se não se fazem em graça..., se não vão informados e vivificados pela graça, são actos meramente naturais..., que para Deus e para a vida da eternidade não têm valor nenhum, mérito nenhum... Que bela é a vida da graça!... Que sublime é a vida divina!...

2.° *Maria.* — Extasia-te diante da beleza e sublimidade da vida da graça em Maria... Ela sòzinha é um mundo de maravilhas nunca sonhadas pela graça abundante e tão excelsa que Deus nela derramou. — Toda a graça que Deus

repartiu pelas demais criaturas se reuniu n'Ela e muito mais ainda... e isto logo desde o primeiro instante do seu ser.

Lembra as palavras do Anjo na Anunciação: «cheia de graça»... Que admiração no Anjo ao vê-la assim com graça tão exuberante! — Parece que tinha pressa em publicar a magnitude da graça de Maria... e por isso, apenas a vê, é a primeira coisa que lhe diz.

Os Santos Padres não hesitam em empregar, sobre a graça concedida a Maria, expressões aparentemente exageradas. — S. Bernardino de Sena diz que «a graça de Maria foi *incrível*»... S. Boaventura di-la *imensa*... S. Tomás d'Aquino, *infinita*; e ainda que é verdade que estas palavras não são exactas, tomadas no seu sentido estrito e rigoroso..., pois ninguém é infinito senão Deus... contudo elas dizem claramente o que estes santos sentiam da grandeza da graça da Santíssima Virgem..., que foi tão grande e copiosa que nós não a podemos calcular nem sequer aproximadamente..., nem formarmos uma ideia do que foi na realidade... e por isso para nós é como se fosse realmente infinita e imensa.

Mas ainda não é isto o mais admirável; o que mais deve chamar-nos a atenção é que apesar de ser tanta e tão bela a graça que a Santíssima Virgem recebeu do Senhor, Ela não se deu por satisfeita e esforçou-se por trabalhar e cooperar com essa graça, de tal modo que a foi aumentando sem cessar até ao fim da vida. — Isto sim é que é admirável... Não estava já «cheia de graça»?... Pois, para que queria mais?... — Porque não se dava por satisfeita com o tesoiro riquíssimo que tinha, sem aspirar a mais?... Não parece isto uma ânsia a raiar numa verdadeira avareza? — Assim é de facto, mas divina e sublime avareza!... Que bem nos ensina Maria a conhecer... a apreciar... e a aumentar a vida da graça! — Se conhecessemos «o dom de Deus», que é a graça, procederíamos como Maria... — Tudo nos pareceria pouco para conseguirmos um grau a mais de graça nas nossas almas...

3.º *A nossa obrigação.* — Mas repara, além disso, que é uma verdadeira obrigação, o cooperar sempre com a graça. Não podemos ficar inactivos com a graça que o Senhor nos dá. — Maria ensina-nos pràticamente que a graça é um magnífico capital que Deus nos deu, não para o enterrar... nem para o ter parado... mas sim para negociar com ele e aumentá-lo.

Maria com o seu exemplo diz-nos que quanto maiores forem as graças e dons que Deus nos faz, maior é a obrigação que temos de trabalhar com eles, para que dêem mais fruto... e o que não trabalha por aumentar essa vida, acabará por morrer, porque se lhe retirará por castigo da sua preguiça e negligência, a graça que lhe foi dada. Foi assim que se fez àquele servo que tendo enterrado o seu talento não o pôs a render: foi-lhe tirado o talento e ficou sem nada... S. Agostinho exclama: *O que neste trabalho diz basta, está perdido.* E S. Leão acrescenta: *O não trabalhar e não aumentar é perder e retroceder...*

A todos pois se aplicam as palavras do Amo do Evangelho: *Trabalhai e negociai até que eu volte...* E quando o Amo voltar, que felizes serão os que trabalharam e negociaram... e conseguiram dobrar o capital!... É assim que procedemos neste assunto tão importante? ... — Se tivéssemos aumentado a graça baptismal... a graça que recebemos nos santos sacramentos, especialmente na comunhão... se houvéssemos correspondido ao menos um pouco a tantas graças que o Senhor nos deu, qual não seria agora a nossa santidade?... — Maria no primeiro instante da sua vida, recebeu a plenitude da graça..., trabalhou, cooperou, correspondeu, como devia, a ela... e assim, cada instante, cada hora, cada dia, multiplicava até ao infinito o seu cabedal... Quase infinita era, no fim, a graça de Maria!

E porque não a imitamos nós nisto?... Porque expomos à morte a vida da nossa alma só por não trabalhar como

devemos? É assim que procedemos com a saúde e vida do corpo?

Não procuramos conservá-la, recuperá-la, aumentá-la? ... Que vergonha que não dediquemos a mesma importância, pelo menos, à vida da alma!... Olha para Maria... segue o seu exemplo..., e trabalha de tal modo que no fim da vida possas dar graças a Deus, porque «a sua divina graça em ti não foi estéril»:

52. A Vida da Graça

1.º *Sua Conservação.* — Temos obrigação de cooperar na vida da graça... e de trabalhar com ela, para conseguir que esta vida divina aumente cada dia mais em nossas almas. — Era este o pensamento prático anterior, mas a primeira coisa que temos a fazer, é dedicar a esta vida tanto empenho que jamais corramos o perigo de a perder, vigiando com o maior cuidado a sua conservação e vencendo todas as dificuldades e tentações que surgirem... Também nisto a Santíssima Virgem nos serve de modelo perfeitíssimo.

A graça que Deus concedeu a Maria foi de tal ordem, que não só excluiu d'Ela toda a mancha de pecado actual..., isto é, sem lhe destruir a liberdade, colocava-A não obstante num estado de impotência moral, para cometer qualquer pecado, por pequeno que fosse. — A graça de Maria era inamissível..., não a podia perder..., não podia pecar. — É natural que o próprio Deus que teve o cuidado de a preservar do pecado de origem que todos contraímos ao nascer... quisesse também preservá-la dos outros pecados e faltas que todos cometemos. — Maria, não obstante saber isto muito bem, procedia como se na realidade assim não fosse. — Parece que temia perder essa vida..., que lhe roubassem alguma partezinha do seu coração... que caísse a menor mancha no vestido imaculado da sua alma puríssima.

É impecável, e apesar disso vive preparada e vigilante

como se pudesse pecar..., a sua graça é permanente, e não obstante evita os perigos como se neles pudesse manchar a sua divina formosura...; põe todo o esmero na sua conservação, como se fosse uma frágil criatura que se deixasse roubar fàcilmente.

Nada tinha que se preocupar com a conservação da vida da graça... Deus se encarregava disso... Contudo, procede assim, para nos dar uma belíssima lição, para nos servir de exemplo admirável que pudéssemos estudar e imitar. — Porque não procedemos também assim? ... Não diz S. Paulo que levamos este tesoiro em vasos de barro... que fàcilmente se podem quebrar, ocasionando a perda do tesoiro que nos fora confiado?

Não temos já experiência destas quedas e das suas terríveis consequências? — Ah! ... como precisávamos de um modelo, que nos ensinasse a ser menos imprudentes... menos temerários e confiados do que ordinàriamente costumamos ser! ...

2.° *A vigilância.* — Para isso é indispensável uma grande vigilância. — Contempla Maria... Atravessa as montanhas da Judeia para visitar a Santa Isabel e vai apressada..., não parando em parte alguma... e evitando o contacto com o mundo como se temesse contaminar-se. — Vai a Belém guardada e protegida por S. José... a Caná da Galileia, onde vai por caridade, fá-lo em companhia de seu Filho..., ao próprio Calvário não quis subir sòzinha, mas na companhia das piedosas mulheres... Não te parece exagerada esta vigilância de Maria? — Como devemos nós vigiar e com que cuidado devemos tratar este vaso fragilíssimo do nosso corpo, com tantos sentidos, que são outras tantas portas abertas à tentação?

A nossa graça é susceptível de se perder, ao contrário da de Maria... Não temos, como Ela, a concupiscência apagada... As nossas paixões não estão submetidas e escravizadas à razão, como o estavam em Maria. — Finalmente...,

não somos impecáveis...; muito pelo contrário. Lança uma vista de olhos sobre o teu interior e verás que és de condição muito frágil... muito inconstante no bem..., com muita inclinação para o mal. Não sentes os estímulos da carne, como S. Paulo? Não vês como as tuas paixões aumentam cada vez mais, tornando-se dia a dia mais exigentes?

Pois bem, examina agora a tua conduta... Como se a tua alma estivesse confirmada em graça..., como se fosses impecável, vives com tanta calma..., com tanta segurança nas tuas forças e na tua virtude..., que te expões imprudentemente aos maiores perigos..., não te assustando as ocasiões, se é que não as buscas voluntàriamente... Que pobre a tua vigilância e circunspecção!... Quão pequenina a mortificação dos teus sentidos!... Aprende com Maria a fugir do mundo..., a afastar as ocasiões de pecado... a tirar ao demónio matéria para as suas tentações...

Oh! Talvez estranhes o facto de teres tentações e às vezes tão grandes! — Se não vigiares..., se não procederes como Maria... nada tens que estranhar as tuas tentações..., e muito menos as tuas quedas.

Só com uma vigilância extrema como a da Virgem Santíssima, se pode assegurar e conservar tranquilamente a vida da alma.

Lembra a história de todos os pecados e terás a confirmação. — O Anjo, no céu...; Adão, no Paraíso...; Maria em Nazaré...; foram submetidos à mesma prova de excepcional engrandecimento..., e o Anjo cai da sua altura... Adão cai também...; e ambos se precipitam no abismo da sua soberba, ao pretenderem ser como deuses.

A prova de Maria foi ainda maior que a de Adão e a de Satanás... A sua elevação foi ainda mais sublime

Àqueles não lhes foram ditas da parte de Deus, e pela boca de um Anjo as palavras que a Maria foram dirigidas no momento da Anunciação... e no entanto, Ela sabe manter-se nas alturas sem resvalar... sem cair no desvanecimento

da soberba...; direi melhor, também Ela cai..., mas num abismo sublime de humildade que encanta o próprio Deus... aumentando até ao infinito, a sua graça e santidade..., e elevando-se aos olhos de Deus, dos anjos e dos homens, a uma altura cada vez maior.

Maria soube vigiar..., soube precaver-se..., e quando surgiu a ocasião e apareceu a prova, saiu completamente vitoriosa. — Compreendeste bem a lição?... Poderás tu dizer alguma coisa parecida?...

3.º *A tua vida da graça.* — Deves pois, convencer-te da necessidade que tens de ser fiel a esta vida da graça da tua alma... da obrigação que te assiste de trabalhares por a conservar, que são muitas as ocasiões de perigo... às vezes, onde menos se pensa..., e quando menos se espera...; deves convencer-te de que o demónio se esforça a todo o momento, e por todos os meios por conhecer-te e estudar-te para te atacar...; aproveitando qualquer descuido para a tua ruína... Em vista disto não podes dormir, nem descansar, nem descuidar-te...

Com efeito, já algumas vezes pagaste bem caro o teu descuido, perdendo esta vida, ou pelo menos, enfraquecendo-a no coração com as tuas quedas... com as tuas imprudências..., com a tua miséria e fragilidade. — Nota bem como se guarda e se esconde um tesouro..., e com quanta solicitude e cuidado se transporta de uma parte para outra, quando é necessário fazê-lo.

Que precauções não tomarias tu, se esse tesouro fosse constituido por todos os teus haveres, e te visses forçado a levá-lo por caminhos cheios de perigos, e ladrões!... Não seria loucura inqualificável conduzi-lo à vista de todos... abrir o cofre para toda a gente o ver..., descuidá-lo com perigo de ladrões e deitar-se a dormir tranquilamente... ou então dedicar-se a jogos e passatempos?

Vê pois o excesso da tua loucura, quando assim procedes com o tesouro da vida da graça que levas em tua

alma. — Vigia constantemente. — À porta do Paraíso colocou Deus um querubim com a espada desembainhada para o guardar, e não permitir a entrada de ninguém... é assim que deves estar à porta do teu coração..., só desse modo conservarás intacto o tesouro da graça. Recorre à protecção da Virgem Santíssima para o conseguires... Roga-lhe que não permita que alguém te roube ou despoje da veste nupcial da graça..., que conserves sempre intacta esta jóia preciosíssima dada pelo próprio Deus... e que para isso te conceda energia bastante a fim de afastares qualquer tentação que possa causar prejuízo em tesouro de tanto valor.

53. Fidelidade às inspirações divinas

1.º *A obra de Deus.* — Assim podemos chamar à obra da salvação e santificação das almas. — Esta obra é tão própria de Deus, que é d'Ele exclusiva e absolutamente... Se Ele não a faz, ninguém a poderá fazer...; nem a Santíssima Virgem, apesar da sua santidade, teria podido por si mesma, e prescindindo de Deus, fazer absolutamente nada, para aumentar um grau sequer da sua santidade. — É bem conhecida a frase dos Santos Padres, que dizem ser esta a obra mais divina que Deus pode realizar.

Verdade é que pede a nossa cooperação, e que sem ela nada se conseguiria..., porque Deus respeita a liberdade do homem, e quer que ele trabalhe voluntàriamente na sua salvação e santificação... De modo que, como dizia Santo Agostinho: *Deus, que não precisou de ti para te criar..., não te salvará todavia, nem te santificará, senão como e quando tu quiseres.* — Todo o que se salva, é porque quer... quem se condena é também porque assim o quer. — Do mesmo modo, quem se faz santo, é porque se empenha nisso.

Portanto, será Deus e eu quem terá de realizar esta grande obra... Medita e repete isto a ti mesmo frequentemente... Vê como Deus cumpre bem a parte que lhe corresponde. — Além da graça santificante... da graça que permanece habitualmente nas almas constituindo a sua vida, Deus concede-nos um sem número de graças actuais..., passa-

geiras..., que são como que o nosso alimento..., entre as quais se encontram as que chamamos inspirações divinas de que Deus de tantos modos e tão frequentemente se serve para encaminhar e dirigir as almas. — É sem dúvida, uma bondade imensa, que Deus se interesse por nós a tal ponto..., que chegue a ser o nosso Mestre..., o nosso guia..., o nosso director..., e isto tantas vezes..., com tanto cuidado..., com tanta mansidão e paciência..., com tanta doçura como a que emprega para se insinuar nas nossas almas.

É como o *ciciar da branda aragem*, no dizer da Sagrada Escritura..., ou, como Ele mesmo diz no seu Evangelho, o divino semeador que a todas as horas está lançando no campo das almas a semente das inspirações celestes... Quantas coisas Deus te segreda durante um dia, se o quiseres escutar?... O que Ele te sugere para fazeres isto e evitares aquilo? ... Umas vezes repreende-te... outras consola-te... ou anima-te... convidando-te sempre para Ele, que é o teu fim e o termo de todas as suas inspirações e moções interiores.

— Quanta paciência precisa para esse trabalho!... Dia e noite trabalha contigo e por ti...; milhares de vezes te chamou, esperando a resposta inùtilmente..., porque não fazias caso... porque lhe fechavas a porta da alma... ou não querias escutar o que Ele te dizia... Que tristeza!... Quanto tempo perdido!... Quantas graças inutilizadas ou desprezadas!...

2.° *Deus e Maria.* — Se queres ver como inutilizas a graça, isto é, o grau de santidade que poderias atingir, se deixasses que o Senhor conduzisse a tua alma livremente... e seguisses exactamente as suas inspirações... contempla Maria... — Eis a Santíssima Virgem em poucas palavras..., a isto podes reduzir toda a sua santidade e o segredo da mesma...; seguiu com a maior fidelidade as mais pequenas inspirações de Deus..., nas mãos do qual se abandonou completamente como uma escrava, para que Ele fizesse o que

lhe aprouvesse...; e deste modo a obra ficou perfeitíssima..., como feita por Deus..., e sem que a criatura lhe atasse as mãos. — Ah, quantas..., quantas vezes lhas tens tu atado!

Maria não desperdiçou nem inutilizou uma só das graças que o Senhor lhe concedeu... Todas as inspirações do Senhor acharam eco no coração de Maria... e por isso produziram na sua alma santíssima cem ou mil por um.

Assim diz Cristo numa parábola: a semente cai em terrenos muito diferentes...; a semente é sempre a mesma..., é a palavra de Deus..., é a inspiração de Deus..., a que santificou Maria..., a que elevou todos os santos à glória dos altares..., a que justificou a tantas almas... Esta mesma te é concedida para santificares a tua alma.

A dificuldade não está na semente... esta não perdeu a sua eficácia... poderá variar na intensidade da sementeira... no grau em que Deus a distribui... mas essencialmente é em todos a mesma... A diferença está pois, nos terrenos onde cai...; uns são caminho aberto a todas as impressões..., com entrada franca... de tal modo que, embora se oiça a voz de Deus, ouve-se também a voz do mundo..., do demónio e até da carne... Poder-se-á estranhar que nada produza essa semente? Com tão grande ruído causado pelos que passam no caminho da tua alma, não se ouve bem a voz de Deus.

Outros, são duros como as pedras... Jesus convida... já o vêem, já o ouvem, já sabem o que Ele deseja e pede..., mas não querem... endurecendo-se mais e mais os seus corações, à medida que Ele chama.

Outros aceitam o que Deus lhes inspira e querem segui-Lo..., mas os espinhos das paixões brotam com força..., com exigências tirânicas...; não há energia para vencê-las e os espinhos sufocam o desenvolvimento da boa semente.

Sòmente a terra boa, que recebe, abraça e esconde no seio esta semente divina chega a produzir frutos como as almas dos santos..., como a alma de Maria... Aprofunda bem esta consideração..., extasia-te ante a santidade incom-

parável de Maria... e considera-a como resultado da sua perfeitíssima fidelidade às graças e inspirações de Deus... Que prodígios obrou Deus em Maria!... Que prodígios não obraria em ti igualmente se o quisesses!... se o desejasses!...

3.º *A tua preocupação.* — Deve ser esta... Deves santamente procurar que esta ideia se transforme de tal modo numa obsessão, que jamais consigas separá-la de ti... Repete com muita frequência: «Posso ser santo»... «posso imitar a minha Mãe e chegar a ser como Ela... semelhante a Ela... um retrato d'Ela»... Sem dúvida que não está nas tuas mãos porque é um trabalho sobre-humano... Deus se encarregará disso..., mas não sòzinho... embora não precise de nada nem de ninguém, implora e exige a tua colaboração. — Já viste no ponto anterior o que fizeram Deus e Maria? Porque não fazes a experiência do que é possível a Deus fazer contigo?

Lembra-te do milagre da multiplicação dos pães e dos peixes... Deus exigiu que dessem aqueles pães e aqueles peixes para com eles fazer o milagre. — Poderia tê-lo feito sem eles... mas não quis... Aquilo, embora pouco e miserável, era o que o homem podia dar... era a cooperação do homem na obra de Deus... e por isso a exigiu, e se operou o milagre.

Também a ti Deus pede e exige o mesmo... o teu... ainda que pouco...; depois Ele entrará com a sua parte e o milagre se fará. — Não lhe negues a tua cooperação...; o fruto conseguido... Quanto fruto perdido até agora... por ninguém deve ter mais interesse que tu..., visto ser para ti tua culpa!...

Se agora, pensando sèriamente diante de Deus, isso te causa pena, que será no dia da morte, quando te vires com tão pouco fruto, e ùnicamente por tua culpa? Não permitas ao coração que siga por esse caminho..., resolve-te de uma vez, a ser fiel às inspirações do céu, de qualquer forma que o Senhor as envie... Não apagues a luz que Ele acende para

te alumiar, pois de outro modo caminharás às escuras... Assim o fizeste por certo muitas vezes, mas a Misericórdia divina voltou a acendê-la e a luz reapareceu... — Virá um dia, porém, em que as próprias inspirações agora rejeitadas, se levantarão para te acusar... Que responderás?... Não abuses delas, pois o seu número está contado, e quem sabe se não será a última, a que estás sentindo nesta meditação?... Que te assegura que não será este o último chamamento de Deus... Não endureças o coração... responde com presteza e acode fielmente à chamada... Pede-o também à Santíssima Virgem.

54. Fidelidade nas coisas pequenas

1.º *Grandeza do pequeno.* — Eis um dos enganos mais funestos da vida espiritual, que consiste em deprezar algumas coisas e não lhes dar importância, por as julgarmos pequenas..., e sem qualquer valor... Que bem sabe o demónio explorar este engano contra nós!... E nem nos lembramos que ninguém se faz grande de repente, quer no mal, quer no bem. — Todos os santos devem a sua grandeza a um conjunto de pequeninas coisas que admiràvelmente souberam aproveitar. Por outro lado, todas as grandes quedas nasceram de coisas tão pequenas e insignificantes, que passavam despercebidas... e, não obstante, é de fé e corroborado pela mais vulgar e quotidiana experiência que *quem despreza as coisas pequenas cairá pouco a pouco nas grandes.*

O mesmo sucede na vida natural... Que é um grãozinho de areia..., uma gota de água... um átomo de pó?... Mas o conjunto desses pequenos nadas, não forma as praias e os desertos, ou os rios e oceanos? Que importância se dá a um insecto... a um micróbio que não se vê?... E contudo, multiplicados, que prejuízos não podem causar!... Não repetimos a cada momento que muitas coisas pequenas formam um conjunto muito grande?

Pois na vida espiritual isto é ainda mais certo. — Afinal toda ela nada mais é do que o conjunto de pequenas coisas

que, apesar disso, constituirão a nossa felicidade ou a nossa ruína para sempre.

Não teremos muitas ocasiões... nem coragem nem forças, para realizar empresas grandiosas, heróicas, ou façanhas estupendas...

A perfeição não consiste precisamente nos feitos extraordinários, mas na fidelidade e exactidão com que cumprimos os nossos pequenos deveres diários... Assim se formam as virtudes sólidas que fazem os santos..., com a prática constante dos actos pequenos das virtudes ordinárias... Esses actos são quase sempre de reduzida aparência, é verdade, mas nem por isso deixam de ter valor!...

A fidelidade no pouco dar-nos-á um dia, a posse do muito... Assim diz o Cristo no Evangelho: *Porque foste fiel no pouco... isto é, no pequeno..., no que parecia não ter importância..., eu te constituirei senhor do muito*... Como é generoso este Senhor!... Pede-nos o pouco para logo o retribuir com o *muito*... Quem não se animará a dar este *pouco*..., a ser fiel neste *pouco*..., se disso depende o prémio do *muito*?— Claro está que um pouco de tanto valor, já não é pouco... já não é uma coisa pequena e desprezível... e por isso te convencerás mais uma vez de que se não pode ter em pequena conta qualquer coisa que se relacione com a nossa alma... a nossa salvação ou santificação... Como pode ser pequena uma coisa, da qual depende outra tão grande?... Logo também não pode ser pequeno o teu interesse... não pode ser pequena a tua fidelidade para cumprir o que ela exige.

2.º *Fidelidade de Maria.* — Na vida de Maria melhor que em nenhuma outra, podemos aprender esta fidelidade. — Toda esta vida preciosíssima não é mais do que um conjunto de pequeninas coisas, por vezes acompanhadas de coisas grandiosas e heróicas em sumo grau. — Maria não quis ocupar na terra qualquer lugar proeminente... não se distinguiu aos olhos dos homens, das outras meninas ou aldeãs

de Nazaré. Foi necessário o olhar clarividente de Deus, para descobrir o que se escondia sob aquela modesta aparência... para conhecer o valor e o mérito daquelas acções pequenas e vulgares em que Maria se ocupava.

Com efeito, que importância ou valor podiam ter cozinhar..., coser e remendar..., varrer ou esfregar..., lavar, limpar..., ordenar a pobre e humilde casinha..., fazer pequenas compras, etc..., ocupar-se enfim, com os trabalhos próprios duma aldeãzinha e duma esposa de jornaleiro? — Todos estes pormenores sendo tão triviais, constituiam a vida da Santíssima Virgem pois eram os actos que mais frequentemente praticava... e o que admira é que com eles se fez tão grande..., tão santa..., tão divina...

Levanta um bocadinho o véu que cobre estas coisas ordinárias e verás que na fidelidade e constância às mesmas, se esconde uma verdadeira fonte de sacrifícios, que dão a estes actos um grande valor.

O facto de se atender com perfeição e pontualidade a estas coisinhas tão insignificantes, de tão pouco brilho..., tão frequentes e ordinárias, por serem de todos os dias e de todas as horas..., não se cansar nunca de as fazer bem... com toda a perfeição... com o mesmo ardor e entusiasmo como se se tratasse de altos feitos... supõe um ânimo muito forte... uma vontade muito firme..., um espírito de sacrifício e abnegação imenso...; num dia..., em dois..., num mês... noutro mês, talvez se possam fazer com relativa facilidade..., mas sempre durante a vida inteira..., isso é um verdadeiro martírio...; não há penitência nem mortificação mais difícil do que esta...

É uma verdade que todos podemos comprovar o que dizia S. João Berchmans *a maior penitência é a virtude comum*... a vida ordinária cheia de mil coisinhas de nada, todas praticadas com fervor..., diligência..., com o maior cuidado e atenção. É assim a vida de Maria..., uma vida que não dá nas vistas: não foi eloquente, nem poderosa,

nem brilhou pelo talento, nem sequer fez milagres estupendos ou maravilhas extraordinárias..., mas realizava tudo com a intenção puríssima de cumprir a Vontade de Deus..., e por isso fazia tudo com perfeição... o que trazia sobre Ela a amizade e as complacências de Deus.

3.º *A tua resolução.* — Neste ponto não se admitem dúvidas nem hesitações..., não é possível a menor desculpa. Temos de cumprir a vontade de Deus..., Ele ordinàriamente nada mais nos pedirá que as coisas ordinárias de cada dia.— Deves tomar a resolução de lhe agradares todos os dias, cumprindo com exactidão a sua vontade santíssima... — Para Deus tudo é pequeno; as acções grandiosas que mais ferem a vista dos homens, não valem mais, diante dele, do que as pequenas e vulgares.

Na sua presença tudo é brincadeira de crianças... batalhas que se ganharam... impérios que se conquistaram..., invenções que se fizeram... fama e honras que se granjearam... tudo isso, para Ele, é o mesmo que nada. — O que tem valor é o coração..., a intenção com que fazemos os nossos actos... o modo como os executamos... o fim a que aspiramos.

Se os teus actos são acompanhados pelo coração e por um grande amor, nesse caso terão um alto valor, e agradarão a Deus, embora sejam ou pareçam pequenos. — Para Deus só tem valor a grandeza do coração..., e a intenção recta e pura... — Não procures pois, outra coisa, em teus actos, senão purificar a intenção fazendo-os todos por amor de Deus, e desse modo ainda que pareçam baixos e triviais..., o próprio comer, dormir e descansar... podem ser actos nobilíssimos que darão muita glória a Deus e não poucos méritos à nossa alma.

Além disso, a fidelidade nestas coisas pequenas costuma ter a vantagem de se não perder, por vaidade ou vanglória, o mérito que elas nos possam granjear, como fàcilmente sucede com os actos de grande brilho. Quantas vezes a

prática desses actos extraordinários, e de uma virtude heróica, se transforma num pouco de soberba miserável, perdendo assim por completo qualquer valor que pudessem ter!...

Pois bem, ama deveras o exercício dessas virtudes pequeninas, que, mais do que a estimação e a fama, te darão a humildade... a singeleza e a mortificação... e habituando-se a este domínio nas coisas mais pequenas, a tua alma ficará bem preparada e temperada para as coisas grandes, se Deus as enviar. — Assim se preparou Maria na humildade de Nazaré, para ser o assombro da fortaleza no Calvário... Imita-a no primeiro, se queres ser semelhante a Ela no segundo heroísmo.

55. Vida de acabamentos e de pormenores

1.° *Suma importância da mesma.* — Intimamente relacionada com a meditação anterior, esta «Vida de acabamentos e de pormenores» é como que uma continuação ou consequência da mesma... Se não podemos desprezar, ou antes, se temos de ser fiéis e constantes às coisas pequenas, também temos necessàriamente de viver esta vida de acabamentos minuciosos. — Todas as acções do homem estão rodeadas de minudências, revestidas por vezes de tal importância, que delas depende o maior ou menor mérito das mesmas acções... — Não se podem desprezar... muitos o fizeram e essa foi a origem das suas lastimosas quedas...

Para te convenceres da importância desta vida, repara que nós próprios ordinàriamente, julgamos e apreciamos qualquer coisa, em conformidade com as particularidades que as acompanham... Olhamos para uma obra de arte, e são os minuciosos pormenores em que se fixou o artista, o que mais nos chama a atenção...

Ouvimos um concerto musical, e a sua beleza dependerá dos pequenos matizes dos executantes... O pormenor constitui estas filigranas de arte, que tanto nos deleitam e seduzem...

Concebemos uma obra perfeita e bem acabada... com alguns pormenores incompletos? Uma obra sem acabamento nos seus pormenores é uma obra imperfeita... está

aguardando o último retoque... esse *quid* final que a aperfeiçoe... e esse *quid* é o último pormenor.

Tudo isto deve aplicar-se especialmente às obras de amor... O amor alimenta-se o amor vive de coisas pequenas. — Um presente... um obséquio que te fazem..., uma prova de carinho que recebes, serão por ti apreciados segundo as particularidades que os acompanham. — Foi alguma coisa feita por ti... pensando em ti... adivinhando os teus gostos... querendo dar-te uma surpresa... Fez-se com custo..., à força de paciência... de trabalho!... talvez até de sacrifício... Ah! como se agradece esse obséquio!...

Nessa altura não apreciamos o valor material que às vezes é bem pequeno... o que nos encanta e atrai é o que ele supõe... aquele pormenor interessante que o acompanha. O amor, não o esqueças, é essencialmente minucioso. — Que minúcias não usa uma mãe ao criar o seu filho..., ao vesti-lo..., ao alimentá-lo..., e ao acarinhá-lo...

Pois bem, a santidade..., a perfeição da alma..., é toda ela vida de amor..., obra de amor!... exclusivamente de amor. — A santidade é a união da alma com Deus por meio do amor. — Portanto, se o amor gosta de coisas pequenas... a santidade consistirá nesses pormenores do amor... A santidade é constituída, por conseguinte, com coisas pequenas.

2.º *Delicadezas de Maria nas minúcias.* — E por isso a vida de Maria, vida de santidade e de amor, está cheia destas minudências admiráveis, que são precisamente o que mais devemos estudar, conhecer e imitar n'Ela. — Maria consagra-se a Deus e entrega-se ao seu serviço... Têm-no feito muitas outras almas, antes e depois de Maria... mas nenhuma o fez como Ela. — Aos 3 anos abandona a sua casa e vai para o Templo. Que admirável pormenor!... Como se apressa a seguir as inspirações divinas!...

No Templo, ao consagrar-se a Deus faz voto de virgindade... Também muitas outras almas o fariam depois..., sim, depois, porque Ela foi a primeira..., a única que então

fez este voto...; às outras meninas teria parecido uma loucura..., mas Ela não se importa do que as outras possam julgar e por isso é Ela a primeira!!!..., a única!!!..., a fazer este voto ao Senhor... Que encantador este pormenor da sua sublime virgindade!... E a primeira pessoa que ficou encantada com ele e foi o próprio Deus, e por isso a elegeu para sua Mãe.

O Anjo visita-a para esse efeito, encontrando-a *na sua casinha... recolhida... em oração...* Repara nestas particularidades que ensinam como há-de viver uma alma virgem...; só assim..., no recolhimento... na soledade..., no trato e união com Deus pela oração, se pode conservar imaculada a flor da virgindade... Casa-se com S. José..., comunica-lhe o seu voto, para que ele seja sòmente o guarda e protector da sua virgindade, mas nada lhe diz sobre a concepção divina e milagrosa...; diz o que tem a dizer..., o que é de absoluta necessidade..., o resto, ainda que seja conveniente, se não é necessário, cala-o..., deixa-o ao cuidado de Deus e nada mais...

Continua a reparar nestes pormenores de *silêncio...*, de *prudência...*, de *confiança em Deus...*, de profunda *humildade...* Como são ricos em merecimento diante de Deus!— Nasce o Menino Jesus, e os pastores, avisados pelo céu, vão encontrá-lo num estábulo, envolto em paninhos e na companhia da Mãe!... Este pormenor, por natural, parece insignificante, e contudo tem um alto valor... Sempre encontraremos a Jesus *com* Maria e *por* Maria... é com Ela e por Ela que se nos dará e virá aos nossos corações...

E na vida oculta, quantas particularidades delicadas podemos considerar?!... Quantos carinhos os de Maria ao preparar a comida para o Menino... ao fazer-lhe os vestidinhos..., ao tratá-lo a todo o momento?... Permite à imaginação que percorra santamente todos os passos da vida de Maria, e verás quantas minúcias delicadas se podem descobrir.

Contempla-a finalmente no Calvário... Na vida pública de Jesus ocultou-se... mas agora surge da obscuridade... e lá vão generosamente com o Filho para o sacrifício...

Que fineza tão singular!!!... Oculta durante a parte gloriosa da vida de Jesus... e à vista de todos durante a parte dolorosa... Que te sugere este pormenor do carácter de Maria?...

Maria fica em sua casinha e não sai. Porque não vai com as piedosas mulheres até ao sepulcro? É a especialidade da sua fé e da sua esperança. — Crê e espera confiadamente na palavra de seu Filho... Jesus ressuscitará. Para que procurá-lo no sepulcro?... Oh! que vida tão cheia de magníficas e preciosas singularidades!... Pede-lhe que tas dê a conhecer...

3.° *A tua vida de acabamento de pormenores.* — Assim deves ser tu também. Deves tecer a tua vida de pormenores acabados. — Em todos os actos olharás à particularidade que lhes dá valor e vida... — Se obedeces, não seja de qualquer maneira... não o faças como e quando o queiras, seguindo o amor próprio, mas com a particularidade da *prontidão*... da *alegria*..., *cegamente*..., *sobrenaturalmente*. — Nas mortificações, procurarás a particularidadezinha que mais molesta... que mais custa... que mais fere o teu amor próprio... praticando-as neste caso com nova particularidade... *com decisão*... *energia*... *constância*... sem desânimo nem hesitações. — Não te mortificarás sòmente quando estejas disposto..., quando a mortificação te não humilhe... quando te custe pouco, etc... Compara estas duas mortificações e verificarás como diferem uma da outra.

No domínio das paixões procurarás que não te falte a particularidade da *coragem* e da *prontidão* para cortares ràpidamente qualquer excesso delas. — Em toda a tua vida porás *amor*, muito amor. — Concretiza muito bem a tua vida... os teus desejos e propósitos. — Os propósitos gerais e aéreos são completamente inúteis. — Quanto mais concre-

tos e minuciosos, mais práticos se tornarão... Talvez seja esta a razão de até agora os teres cumprido mal...; não soubeste concretizá-los. — Contempla o modelo... repara em Maria, e copia com a maior perfeição as suas linhas tão formosas...

56. Vida de fervor

1.º *Sua necessidade.* — Para a vida de perfeição e santidade, é absolutamente necessária uma grande piedade. Sem ela nunca poderás agradar a Deus nem conseguir o que desejas... A oração torna-se inútil e ineficaz...; as virtudes murcham e acabam por desaparecer completamente...; a vida de piedade transforma-se em exterioridades e em rotina...; a mortificação torna-se penosa e intolerável... enfim, tudo são dificuldades...; esmorecem a força e o alento para tudo... e a carga do Senhor chega a parecer um jugo extremamente pesado, que nos assusta e nos esmaga com o seu peso!

Eis o que acontece a quem perde o fervor... Pelo contrário, quantas facilidades encontra na vida a alma fervorosa! Não lhe faltarão dificuldades..., contratempos..., tentações..., mas na piedade encontra facilidade para tudo... Tudo lhe parece bem... tudo lhe parece pouco... e, sempre contando com a graça de Deus, acha-se com coragem suficiente para desafiar o inferno inteiro e todas as criaturas juntas... pois tem a certeza de que nenhuma delas conseguirá separá-la do amor de Deus.

Portanto, sòmente com a piedade conseguirás ser agradável ao Senhor... e santificar a tua alma. — Se queres saber como é agradável ao Senhor uma piedade sincera, relembra as suas palavras sobre a tibieza, a antítese da piedade... Que palavras tão duras na boca do amabilíssimo

Jesus!... Como lhe repugnará a tibieza, para o seu coração falar desse modo!...

Compara-a à figueira estéril, que só produz folhas e ramos, e nunca chega a dar fruto... e por isso, o dono, cansado da sua inutilidade, resolve arrancá-la para que não ocupe um lugar que por outra planta seria melhor aproveitado...

Que castigo, meu Deus!... que sentença tão aterradora!... Nada mais terrível do que esta ameaça... Parece que a paciência divina se esgota com o tíbio...

Deus arremessa-o da sua presença... e nega-lhe as suas graças, que preferirá dar a outras almas... Claramente o afirma o Senhor, quando diz: *Porque não és frio nem quente, mas tíbio, eu te vomitarei da minha boca, como* se *vomita uma náusea, uma comida intolerável*... Que será pois a tibieza? E, que será o fervor?... Se é absolutamente contrário, os seus efeitos serão também diametralmente opostos... Que consolação! Que alegria tão grande não dará ao Coração divino de Jesus uma alma fervorosa!...

2.° *Fervor de Maria.* — Contempla-o em Maria. Que piedade a sua!... Por isso foi sempre agradabilíssima ao Senhor! Nunca fez qualquer coisa a meias... nunca trabalhou com desalento... jamais se deixou levar da falta de vontade, para fazer os seus trabalhos de qualquer modo, e para acabar quanto antes. — E isto em tudo, mas nos seus actos espirituais..., na sua vida de piedade, o seu fervor foi insuperável... Que oração aquela!... Como falava com Deus!... Que frutos admiráveis não conseguiria?

Recorda o fervor com que Ela orava no momento anterior à Encarnação do Verbo, que chegou a apressar a hora da Redenção... Que fervor o seu, ao deixar o mundo em tão tenra idade... ao abandonar a sua casa, apesar de não ter perigos de espécie alguma, mas sòmente para se entregar a Deus! — Contempla-a subindo ràpidamente, segundo narram alguns historiadores sagrados, as escadarias do Templo, sem

voltar os olhos para trás, sabendo perfeitamente que ao fundo dessas escadarias estavam seus pais tristes e profundamente amargurados, pela separação da sua querida filhinha... — Maria, porém, só atende à vontade de Deus... Ele quer assim, e por isso cumpre em tudo fervorosamente, a sua divina vontade.

E assim procedeu sempre... em toda a vida...—Observámos ontem as perfeições minuciosas da vida de Maria... Entre todas é digna de especial destaque, a da piedade, que é realmente um acabamento importantíssimo... E qual foi no Calvário o seu fervor o acompanhar o seu Filho, abraçar a sua Cruz e crucificar-se com Ele?... E o fervor com que esteve na companhia dos Apóstolos, preparando-os para a vinda do Espírito Santo, conservando-os durante alguns dias em oração, que Ela mesmo dirigia?... Como se animariam todos ante o exemplo fervorosíssimo de Maria?...

Se agora, à vista de uma alma santa, nós sentimos que a sua piedade se nos comunica e nos contagia, que se teria passado naqueles dias de trato continuado e tão íntimo com Maria Santíssima?

Finalmente, abisma-te ante a consideração daqueles êxtases fervorosíssimos..., ante aqueles colóquios divinos entre Maria e Jesus, quando a Virgem recebia em seu Coração pela Eucaristia o Corpo de seu Filho...

Não te parece que isto há-de exceder toda a medida do fervor? Ah! se as tuas comunhões se parecessem alguma coisa com as de Maria!... Se imitasses a Virgem no fervor com que comungava!...

3.º *Em que consiste o fervor?*— E nota bem *o que é e o que não é* o fervor, pois fàcilmente se ignora... e de tal maneira se confundem estas noções que muitas vezes se julga haver fervor onde ele não existe e vice-versa. — O fervor não consiste no gosto sensível pelas coisas espirituais..., nem nas alegrias e consolações com que Deus por vezes as acompanha. — Frequentemente o Senhor quer experimentar

as almas privando-as desses gostos e consolações, mas por isso a alma não perde o seu fervor!

Em meio de grande aridez, que durou anos inteiros, durante os quais não sentia *nada*, nem lhe ocorria *nada*, Santa Teresa de Jesus soube conservar a sua vida cheia de grande fervor. — O mesmo sucedeu a Santa Madalena de Pazzis, quando em ocasião semelhante, longe de desanimar, se abraçava ao crucifixo, pedindo para sofrer sem morrer... Pode pois, haver um grande fervor, juntamente com uma grande desolação, e até mesmo com o tédio..., o desgosto..., e a repugnância.

Recorda o exemplo do próprio Cristo, quando no Horto sentiu aquele cansaço..., aquela fraqueza... aquele tédio... aquele grande pavor..., quando estava em meio de tão grande desolação e aridez, que não lhe ocorria outra coisa na sua oração, passando três horas seguidas a repetir uma e mil vezes as mesmas palavras, e apesar disso, que fervor o seu!... Que esforço o deste fervor divino que chegou a fazê-lo suar sangue!...

Não é pois, necessário sentir o fervor..., ainda que este ande por vezes acompanhado de um certo gosto sensível..., o que é preciso é ter «o desejo prático de trabalhar por se negar e vencer a si mesmo a todo o momento, sem *desalentos* nem *desconfianças*, mas sempre com grande humildade».

Medita bem essas palavras: é um *desejo prático*, não um desejo estéril, mas alguma coisa que se executa com esforço e trabalho... e a maior esforço corresponde maior fervor, embora julgues que não fazes nada, nem consegues nada. — A alma fervorosa não deve olhar sòmente para o fruto, mas também para o trabalho...; não tanto para o prémio como para a luta..., e quanto maior o trabalho e a luta, embora sem atractivos, melhor correrá a vida de piedade... — Tens compreendido a piedade deste modo?... Já desanimaste alguma vez por não sentires gosto nem conso-

lação?... E quando as sentias e nada te custava fazer as coisas e as realizavas sem trabalho, sem esforço e talvez até rotineiramente..., julgavas ter então muito fervor?

Não vivas enganado neste ponto tão importante. — Trabalha com esforço e serve a Deus com verdadeiro fervor... Este não consiste em fazer muitas coisas, nem em servi-lo muitos anos, mas sim em servi-lo com verdadeiro entusiasmo. — Lembra-te dos últimos que foram trabalhar para a vinha e com o seu fervor mereceram salário igual ao dos que trabalharam todo o dia. Que a Santíssima Virgem te conceda um pouco do seu fervor. — Pede-lhe especialmente.

57. Nobreza de pensamentos

1.º *A nossa dignidade.* — Não é certamente um pensamento soberbo e ambicioso recordar a nossa dignidade, tanto por sermos homens como por sermos cristãos... Pelo contrário, é um pensamento muito salutar que o demónio se esforça o mais possível por afastar de nós, a fim de nos aproximar do pecado...

Porque o pecado, que é senão um esquecimento total dessa dupla dignidade do *homem* e de *cristão*... para nos rebaixarmos ao nível dos animais? ... Que grandiosa! Que sublime é a nossa dignidade!... — Somos da raça divina..., somos de Deus... viemos de Deus... vamos para Deus..., seremos de Deus... acabaremos por algum dia possuir totalmente a Deus.

Mesmo sob o ponto de vista puramente natural, como é elevada a dignidade do homem!... Já o dizia David: *Fezeste-lo um pouco, mas só um pouco, menor que os anjos!...*

Deus pôs-lhe tudo debaixo dos pés para que fosse o rei da criação... — O nosso destino é ser reis..., nascemos reis, e vivemos aqui na terra para isso, para sermos príncipes e reis um dia, no Céu...; não podemos contentar-nos com menos de uma coroa e de um trono que jamais terá fim...

Mas a nossa dignidade é ainda maior debaixo do ponto de vista da graça... Dissemo-lo já, com essa vida não somos reis, somos divinos...; a imagem mais perfeita e completa

de Deus é uma alma em graça. — Pois bem, todo o nosso procedimento e toda a nossa maneira de ser deve reflectir esta nobreza real e divina, de que estamos investidos... Nunca devemos consentir não já em perdê-la... mas nem sequer em rebaixá-la o mínimo que seja. — Os nossos pensamentos devem ser elevados e grandiosos, para corresponderem a essa dignidade... devem ser dignos..., firmes e constantes, como sempre foram os da Santíssima Virgem. — D'Ela sim..., podemos dizer que foi grande e divina em sua dignidade..., que foi destinada para Rainha e Imperatriz... e que efectivamente, todos os seus pensamentos estiveram sempre em conformidade com esta sua altíssima nobreza...

Aprendamos na escola de Maria... Ela nos ensinará pràticamente a adquirir essas vistas elevadas... esses sentimentos nobres e dignos. — Temos de nos educar para sermos reis e príncipes...; aprendamos, pois, na escola da Imperatriz...

2.º *Ideias elevadas.* — Eis a primeira coisa que devemos aprender da nossa inteligência, para que desta só germinem pensamentos elevados... Quanto precisamos disto hoje em dia!... Quantos pensamentos baixos..., ruins..., torpes e miseráveis por toda a parte!... Uuns só pensam em diversões... outros em riquezas e comodidades...; aqueles em negócios e assuntos temporais...; estes em prazeres e devaneios... Por toda a parte um grosseiro materialismo..., um estúpido naturalismo..., que só dá valor ao que é terreno..., ao que se vê com os olhos..., ao que se apalpa com as mãos..., e ao que se pode contar em algarismos e números. — Hoje em dia só triunfa o «Deve e Haver»... tudo se olha debaixo deste prisma... o resto, para nada vale.

É assim essa vida moderna tão afastada de Deus e da sua vida divina... a vida sobrenatural... a vida da graça. — Essa vida de tanto e tão refinado egoísmo... essa frivolidade em tudo... até nas próprias devoções...

Que viver tão extraviado! — E conformes a esta vida

são os pensamentos que os dominam: pensamentos loucos..., ridiculos..., e lamentáveis... Como são raras as ideias nobres e elevadas..., como são raros os pensamentos sérios e dignos!...

E este ambiente pode influir mais ou menos, e de facto influi, até na vida de perfeição..., nas pessoas consagradas a Deus..., e nas coisas de oração e recolhimento. — É muito dificil escapar a esta atmosfera e não se contaminar com o ar viciado que vem de fora.

Para o conseguires, contempla a tua Mãe..., estuda a Santissima Virgem... Como estavam longe do mundo os seus pensamentos! — Por isso, apenas o conheceu, fugiu-lhe, como se temera contaminar-se com o seu hálito pestífero e envenenador... Queres não só adivinar, senão também escutar os pensamentos em que se ocupava diàriamente a Santíssima Virgem?... Repete de novo e medita as palavras do *Magnificat*... Nunca te canses de o repetir e meditar, pois é uma fonte de preciosos ensinamentos.

A boca fala da abundância do coração... Poderás portanto conhecer por essas palavras o que Ela pensava e o que sentia... pensamentos de gratidão para com Deus, avaliando os seus dons pela importância e grandeza dos mesmos..., pela bondade do Senhor que lhos dava, pela pequenez de quem os recebia..., e pelo amor com que Deus lhos prodigalizava. — Vê como aceita alegremente todas essas graças, não para se engrandecer, mas para obsequiar o seu Benfeitor e para o glorificar cada vez mais.

Por essa razão não se cala; fervorosamente, mas com humildade, faz públicos todos os dons recebidos, para que todas as gerações, em união com Ela, dêem graças a Deus e bendigam o seu santo nome. — Deseja pagar e corresponder a tantos benefícios, servindo-o em santidade e justiça durante a vida inteira e agradecendo-lhe não só os benefícios particulares, como também todos os benefícios dispensados aos homens... e em especial o imenso benefício da

Redenção em cumprimento da promessa que Deus tinha feito a Abraão e à sua descendência...

Este é o sublime *Magnificat*..., estes os pensamentos que a Virgem nos descobre... Que pensamentos tão dignos..., tão nobres..., tão santos!... Com essas palavras Maria ensina-nos o verdadeiro fim e o objectivo principal da nossa vida, isto é: conhecer..., louvar..., servir e glorificar a Deus com todos os nossos pensamentos, palavras e obras. Deve ser esta a nossa preocupação constante... Devemos procurar a glória de Deus em tudo... nas alegrias e nas tristezas, na vida e até na morte!... Que toda a nossa existência se transforme num hino constante de amor e gratidão ao Criador!... É assim que procedes? Preocupas-te sòmente com a glória de Deus?... Não te parece o único pensamento digno de ocupar o teu espírito?...

3.º *Ideias firmes.* — Mas não basta... É necessário dar firmeza e estabilidade a estas ideias... e a estes sublimes pensamentos... — É necessário que as ideias sejam verdadeiramente sólidas... e não uma flor efémera, mas que em ti se enraízem de maneira constante..., como sucedeu com a Virgem Santíssima. — Uma só vez entoou o *Magnificat*, mas viveu-o milhares de vezes... mais ainda, toda a sua vida foi uma continuação ininterrupta..., uma consequência lógica do seu *Magnificat*...

Hoje, porém, quanta volubilidade de ideias!... Quantas mudanças de parecer!... É natural, em meio da frivolidade da vida.

Se não há ideias sérias..., também não pode havê-las firmes e constantes... Parece que vivemos, no dizer de S. Paulo, *flutuando e agitando-nos continuamente ao menor vento de doutrina.* — Quando um barco não tem lastro suficiente, também flutua e é joguete das ondas.

Por isso se vêem tantas defecções... tão lastimosos naufrágios... em tudo: na fé..., na piedade..., nos costumes... por vezes até na vida religiosa. — E às vezes após uma

época de grande fervor e santidade. — Tudo por falta de firmeza e solidez.

Não é preciso ter muitas ideias..., poucas mas muito firmes. — Um só pensamento..., uma só ideia bem arraigada, com uma firmeza e solidez sentidas, que maravilhas não tem produzido!... Quantos génios..., quantos santos não foram dominados por uma dessas ideias luminosas, profundamente..., sòlidamente gravadas na inteligência e no coração!

Faze o mesmo... aprende em Maria essa ideia e essa firmeza constante. — Que essa ideia ocupando continuamente o teu espírito, seja o serviço de Deus..., a maior glória de Deus..., a salvação das almas..., a tua e a do próximo no que te for possível.

Forma no mais íntimo do teu ser este ideal elevado, o único digno de ti, e pede o auxílio da Virgem Santíssima para sentires sempre este ideal... e para viveres escravo dele todos os dias da vida.

58. Vida do céu

1.º *Pensamento do céu.* — Na meditação anterior pedimos ideias e pensamentos elevados, reunindo-os todos à volta de um pensamento único: a maior glória de Deus.

É claro porém, que junto com este pensamento tão sublime, e como sua continuação ou complemento está o da salvação da nossa alma, e por conseguinte a posse de Deus por toda a eternidade. — Assim o diz Santo Inácio nos Exercícios: *O homem foi criado para louvar, reverenciar e servir a Divina Majestade... e deste modo salvar a sua alma.*

O Céu!!..., quão pouco nele meditamos, e, no entanto, como ele é digno de que não o esqueçamos... Se nele pensássemos mais, nada teríamos a temer dos pensamentos baixos, frívolos e rasteiros do mundo... É incompreensível que nos dêem tantos cuidados os negócios da terra e nos atraiam tão pouco os do Céu... Julgamo-lo tão longe que vivemos como se nunca houvesse de chegar o dia da aproximação..., parece-nos uma coisa tão alta, que pràticamente operamos como se isso não fosse coisa nossa e para nós.

É essa, não obstante a dulcíssima realidade. Fomos criados para o Céu..., não para a terra...; esta, mesmo antes do pecado original teria sido uma coisa transitória, nunca, porém, o lugar do nosso fim e o termo da nossa existência. — E muito menos depois do pecado, que transformou o Paraíso Terreal num desterro e num vale de lágri-

mas e misérias... e apesar disso vivemos neste mundo sem desejar o momento da libertação deste cárcere...; e, satisfeitos com as nossas cadeias, não anelamos pela liberdade...; parece um absurdo inconcebível, mas é assim.

Nem sequer podemos imaginar que um preso não deseje abandonar o cárcere, especialmente quando foi pesadíssimo... e, não obstante, é assim que procedemos... Não choramos pela outra vida que é a verdadeira, choramos, sim, por a hora se aproximar tão depressa... Não suspiramos pela posse de Deus, senão pela posse das criaturas... O imortal..., o infinito..., o eterno..., não nos seduzem, mas preocupamo-nos sobretudo com o caduco... e com o que não tem consistência nem valor algum... É horrível e espantosa esta loucura... esta puerilidade estúpida com que vivemos..., mas afinal de contas é uma triste realidade.

Infelizmente não é o pensamento do céu que dá entusiasmo ao nosso espírito cansado e esmorecido pela luta diária..., não é o guia dos nossos actos..., nem o ponto central para onde convergem todos os nossos olhares.

Merecíamos realmente que Deus nos castigasse com a privação de um bem que não queremos estudar..., conhecer..., apreciar..., desejar.

2.º *O Céu em Maria.* — Por outro lado, contempla como este pensamento foi constante na Santíssima Virgem... Sua vida foi sempre a vida do céu..., vivia na terra com o corpo, mas a sua alma..., o seu pensamento..., a sua vida toda, estava mais acima... sempre no céu. — Acostumada ao trato e comunicação com Deus em sua meditação contínua e fervorosa..., conversando frequentemente com os anjos que a serviam e tinham gosto em acompanhá-la... abrigando primeiro em seu seio puríssimo ao mesmo Deus, e depois vendo e contemplando constantemente os exemplos e a presença real de seu Divino Filho... que outro pensamento que não fosse relacionado com Jesus, podia ocupá-la

ou satisfazê-la? ... E porquanto, como não havia de ser totalmente celestial a sua vida terrena? ...

Porém, acompanha a Maria especialmente no momento da Ascensão de seu Filho aos Céus. — Segundo a Sagrada Tradição, Maria assistiu àquela despedida solene de Jesus no monte das Oliveiras...; seus olhos maternais, bem como os dos discípulos, viram o Senhor a subir..., contemplaram a sua elevação da terra... seguindo-o com a vista até onde foi possível e permanecendo de olhos fixos naquela nuvem gloriosa e resplandecente que o envolveu, furtando-o aos olhos do mundo... Que alegria não teria sentido a Virgem Santíssima ao ver este triunfo tão glorioso de seu Divino Filho!... Já subia ao seu trono, já entrava na posse do seu reino, que não mais teria fim... e que ninguém lhe poderia contestar ou arrebatar.

No entanto estes pensamentos tão gloriosos e alegres para a Virgem Santíssima, andavam acompanhados por outro, que era para Ela uma nova espada de dor... Já não veria mais a seu Filho!... Já não mais gozaria a sua presença..., viveria doravante em solidão absoluta..., coisa ou pessoa alguma poderia substituir o seu Jesus...; agora mais do que nunca, principiava a conhecer. que esta vida é um cárcere..., um desterro...

Se Ela não podia viver sem ver a Jesus..., sem pensar em Jesus..., sem ter Jesus continuamente a seu lado..., como aumentariam agora os seus anelos de unir-se a Jesus..., à vista dos laços corporais que tão fortemente a prendiam aqui na terra e lhe não permitiam voar com seu Filho? Se até então a sua vida foi sempre do céu, como seria agora?... Como veria Ela, nestes últimos anos, todas as coisas da terra?... Que havia em toda ela que lhe pudesse despertar o menor interesse?...

Contempla deste modo a Santíssima Virgem..., resignadíssima a viver separada de Jesus todo o tempo que aprouvesse à vontade divina... mas suspirando sem cessar pelo

Céu..., pelo seu Filho e pelo seu Deus..., pela companhia e posse eterna do objecto dos seus pensamentos, dos seus desejos e do seu amor. — Embebe-te nestas ânsias tão vivas..., nestas esperanças tão ardentes..., nesta aspiração tão contínua para o oceano do amor divino, que nestes anos constituiram a ocupação mais essencial da vida de Maria..., e pede-lhe que te ensine a conhecer..., a desejar..., e a sentir os encantos do Céu, para que coisa alguma da terra em que vivemos, te atraia e te seduza.

3.º *O Céu em ti.* — É assim também que deve ser a tua vida neste mundo... uma vida de passagem.... «uma noite má, passada numa hospedaria»..., uma viagem rapidíssima que terminará prontamente na vida verdadeira..., na vida sem fim do céu... e que vida aquela!

A vida do Céu é uma vida de Deus..., o Céu, é Deus..., é a visão beatífica da divindade..., é o conhecimento de Deus.... é o amor de Deus inundado... esclarecendo e glorificando a alma.

Este amor e este conhecimento nem sequer o podemos sonhar e muito menos conceber nesta vida... não no-lo permite o corpo material e terreno que possuímos..., e todavia quando a alma dele se desprender, já nada haverá que o impeça... Compreendes perfeitamente o que isto significa?... A vida do céu exige necessàriamente o desprendimento da carne que te arrasta pela terra... Quanto mais gosto deres ao teu corpo, quanto mais viveres a vida corporal e te apegares a ela, menos te aproximarás da vida bem-aventurada.

À medida que o espírito se fortifica... dominando e mortificando a matéria... e tratando o corpo como se fora um escravo..., aproxima-se da vida celestial e vive mais a vida do Céu...

Medita com atenção nestas verdades... O Céu..., o Reino de Deus está dentro de nós mesmos... em nossas mãos está antecipá-lo...; quanto mais viveres a vida do

espirito tanto mais sentirás essa paz e bem-aventurança que constitui a vida do Céu... É este o pensamento e o desejo que mais devem dominar-te...; transformar esta vida de lágrimas e desterro numa antecipação do céu... e portanto, numa preparação para o mesmo.

Levanta os olhos para o alto..., não os arrastes tanto pela terra... e quando vierem os trabalhos..., os sofrimentos..., as enfermidades... e tudo o que sirva para tornar a vida amarga e insuportável, lembra-te do prémio... pensa no Céu que te espera e sentirás uma força e consolação tão grandes que desafiarás todos os contratempos que te sobrevierem, pois como dizia S. Paulo, *todas as penas desta vida não sofrem comparação com a mais pequena consolação da outra.* — Encomenda-te à Virgem Santíssima..., invoca-a como a Porta do Céu que é, rogando-lhe te deixe sentir agora uma parcela daquela vida..., para que vivendo-a assim agora, a assegures um dia na eternidade...

59. Servir a Deus

1.° *Com prontidão.* — É nosso destino servir a Deus aqui na terra, se algum dia queremos gozá-lo na posse do Céu... Ah! que magnífico e sublime é este destino!... Não têm outro os próprios Anjos... nem outra coisa desejam mais do que estar eternamente ao serviço de Deus.

Tudo o que tem de penoso um serviço quando feito a um amo cruel e tirânico, torna-se doce e agradável quando prestado por amor. — Não notaste ainda como ficas satisfeito quando fazes um serviço a quem amas?... não é verdade que é uma das maiores consolações, saberes que trabalhas em seu serviço... que podes ser útil a essa pessoa... que portanto a alegrarás imenso com o serviço prestado?

Pois se assim não procedes com Deus... se não o sentes do mesmo modo quando se trata de servir a Deus, a razão está à vista... é porque não o amas.

Deus pede e exige-nos que o sirvamos, mas esta dependência é toda de amor...; devemos servi-lO com amor e por amor. Ele poderia obrigar-nos pela força a servi-lO como os condenados no inferno..., mas não, não quer forçados ao seu serviço... só admite voluntários que o sirvam, quando e como eles queiram. — Está portanto na nossa mão fixar as condições da nossa dependência para com Deus.

Fixemo-las e a primeira seja a prontidão. O desembaraço é sinal de interesse e de boa vontade. — Quando alguém

nos serve a nós com indolência e preguiçosamente, não o suportamos..., é um claro indício de que faz tudo de má vontade... e tanto nos desgosta e aborrece que preferimos que não prossiga desse modo ao nosso serviço. Ora, não se passará o mesmo com Deus?

Observa a Santíssima Virgem... que prontidão a sua!... que pressa!... que rapidez!... Logo aos três anos, vai sem demora para o Templo, para o serviço de Deus. — Podia ter tomado as coisas com mais calma..., tinha muito tempo com o andar dos anos, para se entregar da mesma maneira ao serviço de Deus...; assim o faziam..., e o tinham feito outras...; Maria, porém, não atende às razões ditadas pela prudência da carne...; trata-se de servir a Deus e tem de fazê-lo sem demora...; para isso nunca é demasiado cedo..., quanto antes, melhor.

Ao Senhor, agradam de modo especial as primícias que se lhe oferecem, porque demonstram a generosidade e nobreza do coração... A nós próprios também nos compraz saber que o primeiro é para nós..., como agradecemos a quem nos presenteia com as primeiras flores de um jardim! — No Antigo Testamento, e até nas leis da Igreja, isto aparece como um preceito: *dar a Deus as primícias*... Pois bem, as primícias da nossa vida, devem ser para Ele, à imitação da Santíssima Virgem..., Que agradável será ao Senhor receber a oferta de um coração puro e imaculado..., de uma imaginação virgem..., de uns olhos cândidos..., de uma alma inocente.

Se assim não fizemos já na infância e na juventude, longe de desanimar, tomemos isso como uma obrigação maior de correr quanto antes a entregar-nos a Deus. — Se perdemos o primeiro tempo da nossa vida, não percamos o que depois nos tem concedido o Senhor!... pois o tempo que não se emprega no seu serviço, é por desgraça, um tempo completamente perdido.

2.° *Sem reserva.* — E a Deus, temos de servi-lO não

só com prontidão, senão também sem qualquer espécie de reserva. Não entremos para o seu serviço com restrições... ou condições. — A nossa entrega e consagração ao seu serviço têm de ser *totais e completas*..., com *toda* a nossa alma..., com *todo* o nosso corpo... com *toda* a nossa vida...; *tudo* é d'Ele..., *tudo* d'Ele recebemos, por isso *tudo* se há-de colocar a seus pés, para que Ele disponha de tudo absolutamente.

Bem sabemos como exige necessàriamente esta condição. — Não quer servidores a meias..., não quer corações partidos.

Indica-o muito claramente nos seus mandamentos... O primeiro e mais fundamental de todos é «que amemos a Deus, e só a Deus *com todo o nosso coração... com todo o nosso espírito..., e com toda a nossa alma...*»; enfim, com tudo o que somos e possuímos. Nota bem a força da palavra *tudo*... e verás como não é possível servir a Deus se reservas para ti alguma coisa. — O nosso coração está feito de tal maneira para Deus que só Ele o pode preencher e contentar... Será, portanto, um absurdo, pretender dividi-lo, dando-o a Deus e ao mundo... ou às paixões.

Bem claramente o advertiu o Senhor no Evangelho — *ninguém pode servir a dois senhores*... Quem o pretender engana-se miseràvelmente, pois Deus não admitirá um serviço feito a meias.

Foi assim que a Santíssima Virgem se consagrou e serviu ao Senhor... Nunca se fez a Deus maior oblação que a de Maria, exceptuando a de seu próprio Filho na Cruz... Ninguém ofereceu mais nem melhor que Ela. — A tudo renunciou..., não havendo coisa alguma por mais agradável que fosse, que Ela não ofertasse ao Senhor...; a nenhum trabalho se recusou, por mais humilde..., difícil..., penoso e mortificante que fosse... abraçando-o e levando-o a cabo por amor a seu Deus e Senhor..., e sofrendo tudo com ânimo e decisão... Que fiel serva!... Que excelente escrava de

Deus foi Maria!... Quem no Céu ou na terra o terá servido melhor que Ela?...

Aprende também esta condição da Virgem Santíssima. — *Com* Maria e *por* Maria entrega-te decididamente aos serviços de Deus com todo o teu ser, sem reservas..., restrições... ou tibiezas de espécie alguma. — Podes ficar certo que ninguém se arrependeu ainda da se ter dado inteira e generosamente ac serviço de Deus, à imitação de Maria.

3.º *Com constância.* — Mas, além disso, esta consagração a Deus deve ser perpétua... Poderá haver coisa mais desagradável que a inconstância? ... Agradecemos nós os carinhos e provas de estima quando não são constantes? ... Como é desagradável este defeito nas nossas amizades?... E no entanto, como é frequente no coração humano!...

A oferta de Maria não foi assim..., não foi o fruto de um entusiasmo instantâneo e transitório... Nem um instante sequer da sua vida olhou para trás ou retrocedeu no caminho começado... e não sòmente não deu passos atrás, senão que nem um momento deixou de progredir. — Nunca teve a mais pequena negligência..., o menor descuido... ou afrouxamento nos seus fervores... Aquilo que um dia prometeu cumpriu-o com rigor... perfeição... assiduidade... constância inabalável... em todos os dias da vida... Assim deve ser, e não de outro modo, a escravidão do amor.

Porém, será esta precisamente a condição que mais te custe..., não certamente a prometer, mas a praticar. — Prometeste ao Senhor muitíssimas vezes servi-lO e amá-lO para sempre... até ao último instante da tua vida... mas a inconstância colocou-te em mau lugar... chegando mesmo a desanimar-te... Nunca deves tirar como conclusão o desânimo ou a cobardia... Apoia-te em Maria..., confia n'Ela e volta a prometer a Deus que a tua alma será d'Ele para sempre... para sempre desde agora, se até agora o não tem sido...; para sempre em qualquer circunstância da tua

vida...; para sempre não permitindo que vivas um momento sequer fora da dependência de Maria, que te assegurará o serviço de Deus.

Suplica fervorosamente à Virgem Santíssima que te admita no número das almas que praticam esta santa *escravidão* a fim de poderes também praticar a vida de oblação generosa... absoluta... e perpétua ao Senhor, para que, servindo-o deste modo... sejas feliz... pois Ele se encarregará de cumprir em ti a sua promessa: *Servir a Deus é reinar.*

60. Emprego do tempo

1.º *Seu valor.* — É realmente incalculável..., na aparência nada mais frívolo do que o tempo...; é uma coisa instável... e inquieta. — Ninguém pode assegurar-se de um determinado momento sequer...; deitas-te e não sabes se te levantarás... principias um trabalho e ignoras se o terminarás...; depois de muitos cuidados consegues alguma coisa do que desejavas, e pode ser que não chegues a gozá-la.

É evidente que não podes contar como certo e seguro mais que o momento actual..., que o instante presente..., o passado não é teu..., já te não pertence..., o futuro é incerto e inseguro. Só te resta pois, o presente. — Mas o tempo é tão inquieto... tão veloz... que este momento actual e presente é quase uma quimera..., uma verdadeira ilusão... Quando o chamas e dizes presente, deixou já de o ser..., é já uma coisa passada... — Donde se conclui que a nossa vida, não conta como certo mais que um instante que pràticamente se reduz a uma ilusão... Como o tempo vale pouco!... Como é rápido e veloz!...

E por conseguinte, têm o mesmo valor todas as coisas que dependem do tempo..., ou se medem com o tempo... — Todo o valor da terra é do mesmo modo caduco... passageiro..., corre e desfaz-se com o tempo...; tudo passa, e por isso é uma ilusão também... — As horas alegres e as amargas..., os dias bons e os maus..., os prazeres e os sofrimen-

tos.... como deslizam ràpidamente!... Como são inúteis e irracionais as preocupações que tem o homem por coisas de tão pouca importância!...

E não obstante, o tempo é uma moeda de valor infinito...; com ele se compra a eternidade..., o gozo e a posse de Deus...; cada minuto vale séculos... e o último da nossa vida quanto vale?...

É aquele momento fugacíssimo em si, mas acerca do qual disse o Espírito Santo que *a vida da eternidade está pendente dele.* — O tempo é a coisa mais preciosa que podemos desejar e possuir... se falta ele, tudo falta...; quando ele acaba, tudo termina de vez... — Quem não quererá no fim da vida, ter mais um dia?... pelo menos mais uns instantes?... E todavia quão pouco apreciamos agora o tempo!...

Não procedeu assim a Virgem Santíssima. — Apreciou melhor que ninguém, o valor do tempo e por isso o aproveitou tão admiràvelmente. — Cada dia e cada instante correspondem a mais um anelo... a mais um fervor... a mais uma prova de amor..., enfim a um passo mais para a santidade. — Sendo tão santa, não se julga no direito de desperdiçar um só momento... aproveitando-o todo para bem da sua alma e do próximo.

Depois da Ascensão de seu Filho aos Céus entregou-se ao trabalho em utilidade da Igreja nascente... e, com efeito, Ela que tinha passado tantos anos a cuidar de Jesus..., passa agora os últimos da vida trabalhando para o proveito da sua obra... Ah! como foram frutuosos para a Igreja os últimos anos da vida da Santíssima Virgem!... Que vida tão cheia de merecimentos!... Foi, segundo a Tradição, uma vida longa, mas sobretudo uma vida bem aproveitada... porque foi superabundante em graça de Deus e em méritos próprios. — Também nós queremos mais ou menos, uma vida longa... Mas para quê? Se for como a de Maria,

explica-se..., mas se há-de servir sòmente para aumentar a conta e a dívida, para que a desejamos?

2.º *A perda do tempo.* — Vê pois, com quanta facilidade perdemos o tempo... Como nos sabe enganar o demónio!... Ilude-nos sempre com o «amanhã» que nunca chega. — Deus inspira-nos uma santa resolução!...; estamos convencidos de que devemos fazer assim, e obedecer a Deus...; fazemos até o propósito de a praticar..., mas em seguida vem o fatídico *amanhã..., hoje não... é escusado correr..., não é preciso tomar as coisas desta maneira..., há tempo para tudo,* etc..., e assim não o fazemos hoje, como não o fizemos ontem..., como não o faremos amanhã... Que engano tão frequente e que bem o maneja e explora o demónio em prejuízo das almas!...

É uma loucura rematada perder não já um tesouro, mas uma mina..., uma fonte de tesouros, como é o tempo. Não esqueças que a cada hora que passa, o Senhor te concede novas graças... e que do mesmo modo, ao perder o tempo, desprezas também essas graças de Deus. — Eis a razão por que temos de prestar ao Senhor contas rigorosíssimas de todos os instantes da nossa vida... um por um..., desde que começámos a perder o tempo com o uso da razão, até ao fim da nossa vida.

A princípio, perdemo-lo quase sem maldade... infantilmente..., porém, com os anos, a malícia foi crescendo, porque já tínhamos compreensão do que fazíamos e do que perdíamos... e, não obstante, continuavamos do mesmo modo e sem fazer caso. — Sem dúvida que no fim da vida, este será um dos nossos maiores remorsos... e, o que é pior, um dos maiores tormentos dos condenados no inferno... Quanto tempo perdido, sendo que com ele tão fàcilmente se poderiam ter salvo... Ah!, se o Senhor concedesse agora a um condenado um dia... ou uma hora mais de vida, o que ele não faria?

Pois já que isso não é possível, porque não aproveitas as que o Senhor te concede nos dias da tua existência?

E sendo tão espantosa a perda do tempo e acarretando-nos males e responsabilidades tão grandes... ainda há maior mal que é «malbaratar o tempo». Se o tempo se perde em ninharias sem importância, o mal é menor...; agora se se gasta mal..., que dizer então? E não crês que tenhas chegado a isso? Então que foi o tempo em que pecaste e ofendeste a Deus... e em que permaneceste no pecado? ... Não foi sòmente perder, mas empregar mal... muito mal..., em teu prejuízo, o tempo que o Senhor tão generosamente te concedia.

Aprende com a Santíssima Virgem a ser avaro do tempo... de maneira que, aprovando-o, cresças como Ela, nas virtudes e na vida da graça. — Colocado em espírito na sua presença, pensa quantas vezes «perdeste o tempo»; «mataste o tempo»... ou «malbarataste o tempo».

3.º *Remir o tempo.* — Contudo, embora este exame da tua alma sobre o tempo que perdeste ou malbarataste, seja muito triste e desolador..., não desanimes..., não está tudo perdido..., ainda há remédio..., e é este que com palavras tão expressivas nos aconselha S. Paulo: «recuperemos o tempo». Podemos recuperar o tempo perdido e mal gasto..., não, fazendo voltar os anos passados, o que é impossível, mas aproveitando bem o que ainda nos resta de vida...; conseguimos deste modo não só não perder mais o tempo, mas também que Deus nos perdoe e nos não castigue pelo passado que perdemos.

Vida de novo fervor..., de novo esforço..., de novo trabalho..., empregando todo o tempo que nos restar no serviço de Deus... para bem da nossa alma e do próximo. Parece que foi esta a última lição da Santíssima Virgem. — Ainda que pareça que não, também nisto pode e deve servir-nos de modelo! — É certo que Ela nenhum momento tinha a recuperar da sua vida anterior...; mas como se tivesse

de recuperá-lo..., ainda se esforçou nos últimos anos da vida por aproveitá-los com o maior fervor para o bem das almas.

Antes disso, a Santíssima Virgem tinha cuidado muito pouco dos Apóstolos e discípulos...; estes tinham Jesus, e já lhes bastava..., mas agora que Jesus subira ao Céu, é substituído por Ela, que com as suas palavras e os seus exemplos os anima..., dirige e consola...; embora seja idosa, não descansa..., não pode perder um só momento, empregando todo o seu tempo a trabalhar pela Igreja, que, como a Mãe lhe foi confiada... Que outra coisa faria, se, como diz S. Paulo, tivesse que recuperar o tempo perdido!

Pois bem, se Ela nada tem a remir... temos nós muito... Imitemo-la portanto... trabalhemos por nós e pelo próximo... Não foi assim que os santos remiram o tempo mal gasto? — Recorda um S. Paulo..., uma Santa Madalena..., um Santo Agostinho... Santo Inácio... S. Francisco Xavier, etc... quanto tempo perdido!... Mas que bem recuperado depois! — À vista destes exemplos anima-te a fazer o mesmo. Pede o auxílio e protecção desses santos e especialmente da Santíssima Virgem... Faz propósitos firmes e decididos e lança-te nos braços de tua Mãe, para com Ela aproveitares bem todos os dias que te restam de vida... que talvez já poucos sejam, sem perder um só... e dessa maneira assegurares com o tempo a eternidade.

61. Simplicidade na virtude

1.º *Vida de simplicidade.* — É um erro colocar a vida de perfeição numa montanha de coisas extraordinárias que a complicam enormemente...; ela é, muito pelo contrário uma coisa verdadeiramente simples...; a santidade e a simplicidade costumam andar tão unidas, que por vezes são a mesma coisa. — Proceder com simplicidade e lhaneza é o que mais contribui para elevar o espírito às alturas da perfeição.

A singeleza, é o candor... a ingenuidade, de quem procede rectamente, e é por isso incapaz de intenções menos claras. — As almas sinceras têm uma só cara... sem o mais pequeno fingimento...; basta contemplar-lhes os olhos, parece que neles se revela a alma inteiramente... basta falar-lhes e ouvi-las falar, que já se adivinha e se lê perfeitamente no íntimo do coração..., a sua alma é cristalina como a água de um lago puro e tranquilo, que deixa ver tudo o que está no fundo. — A alma simples, tem um dom de simpatia e de amabilidade irresistível...; não há quem dela se não encante ou enamore.

Dizia S. Francisco de Sales: *A beleza da simplicidade encanta-me e daria gostosamente cem serpentes por uma só pomba*... Dizia isto, aludindo ao texto do Evangelho que nos manda *ser prudentes como as serpentes e simples como as pombas*... E continua dizendo: *Diga o que quiser a pru-*

dência do mundo, eu antes quero ser bom e simples do que astuto e malicioso.

A característica de Santa Teresinha não foi outra senão a simplicidade infantil do seu espírito, que tão ràpidamente a elevou aos altares... Nos seus primeiros fervores julgou que Deus a chamava a coisas brilhantes, próprias sòmente das almas heróicas... e assim, tratou de imitar em certo modo a Santa Joana d'Arc. — Mas bem depressa Jesus lhe fez compreender que a sua vocação era a simplicidade da criança e que a sua santidade estava na prática dessa virtude própria das «*almas pequeninas*», que vão pelo caminho da infância..., em que nada sai do ordinário... E efectivamente costumava exclamar nesta convicção: *Jesus não precisa de nós para nada... nem procura em nós coisas grandes..., não é a inteligência nem os grandes talentos que o atraem..., mas sim a simplicidade...; por isso Ele mesmo quis chamar-se a* flor do campo! *Que há de mais encantador e simples que uma flor!*

E na verdade Jesus estima tanto esta virtude que em toda a sua vida prefere de modo especial estar cercado de meninos..., de pobres..., de gente do povo... de pastorinhos... Não há dúvida que tinha uma paixão ardente pela vida simples.

2.° *Maria.* — E que diremos da Virgem Santíssima?... A própria Santa Teresinha cantou em suas poesias a simplicidade de Maria. — Estudando a fundo e compreendendo o modelo inefável de singeleza que nos deu Maria, aconselha a todos que tomem lugar nas fileiras das almas cândidas, cuja Mãe e guia é a Virgem Santíssima. — E com o coração cheio de gratidão, dizia-lhe: *Com a prática fiel das virtudes mais simples e humildes, fizeste visível a todos, Mãe querida, o caminho mais directo para o céu.*

Basta que entremos uma vez mais na casinha de Nazaré antes e depois de ser Mãe de Deus... e ainda que ali seja a escola de todas as virtudes, não sendo possível distinguir

qual mais brilhante, porque todas as deslumbram com fulgores divinos e infinitos... não será a singeleza ou a simplicidade a primeira a meter-se-nos pelos olhos ao ver aquela Senhora... Rainha e Imperatriz..., como se fosse uma simples aldeã, ocupada nos trabalhos mais humildes e comuns... saudando e falando a toda a gente, com a mesma simplicidade encantadora?... Todas as suas virtudes tão excelsas estão escondidas e encobertas de tal modo pela simplicidade, que à primeira vista só ela se nota... Quem adivinhava as magnificas... e heróicas virtudes que possuia aquela Menina... aquela jovem... aquela Mãe em tudo igual às outras?

Admira a sua simplicidade para com Deus..., falava-lhe como o Pai bondosissimo..., sem outro fim nem preocupação que não fosse a de lhe agradar em tudo... e de conhecer a cada momento a sua vontade santissima, cumprindo-a exactamente sem interpretações ou rodeios de espécie alguma... A sua única aspiração era lançar-se nos braços de Deus e descansar confiadamente no seio da sua bondade paternal..., como o menino se entrega e descansa tranquilamente nos braços da mãe... Que admiràvelmente cumpriu e viveu a Santissima Virgem esta escravidão filial e amorosa..., esta verdadeira infância espiritual tão própria da vida de simplicidade.

A sua simplicidade exercitou-se além disso no trato com o próximo... Como trataria Ela ao santo, por excelência, da simplicidade, como S. José?— Tão pouco é necessário encarecer esta virtude no modo como tratava o seu Jesus, porque, sendo o seu Deus e Senhor, era também o seu Filho.

Porém, esta singeleza no seu tratamento com o próximo, sem jamais ser indiscreta e calando o que devia calar, era nobre e sincera... Como estavam longe das suas palavras a astúcia..., a mentira..., os falsos cumprimentos..., a afectação!... Como estavam longe dos seus juizos sobre o próximo, a malicia..., a dúvida..., a suspeita!... — Ali não existiam os

fingimentos e artificios que tanto se usam modernamente nas relações sociais, em que se diz e se sente uma coisa, e se quer significar outra... Ali tudo era sinceridade..., candura..., claridade..., franqueza... Por isso não é de estranhar que toda a gente ficasse encantada com a Virgem tão cheia de candura.

3.º *Frutos.* — São muitos e preciosos... Diz a Sagrada Escritura que o *Espírito Santo não habita num coração fingido e hipócrita...* Mas habitará gostosamente pelo contrário, no coração sincero. — Não foi a doblez e hipocrisia dos fariseus... o que mais verberou Cristo... arrancando-lhe as mais duras expressões para os condenar?

Este há-de ser pois o primeiro fruto: tornar a tua alma agradável ao Senhor que se compraz em derramar as suas graças nas almas simples...

Em segundo lugar, a simplicidade facilita-nos extraordinàriamente o exercício e desenvolvimento de todas as outras virtudes e a ascensão à mais alta santidade..., ela tudo aplana..., não há dificuldades para ela..., e como não procura coisas extraordinárias, nem caminhos raros e difíceis, insensìvelmente vai levando as almas à mais alta perfeição. — Nota, por exemplo, quanto é fácil para a alma simples a virtude da humildade..., da obediência..., e a própria caridade. — Como a simplicidade foge de todo o artifício e singularidade, não procurando a admiração nem o aplauso dos homens, não admira que seja a companheira inseparável da humildade...

Por outro lado, a simplicidade encaminha-se para Deus directamente... vê-o claramente nos Superiores e na sua voz ouve a voz de Deus... e a nada mais atende... a alma singela não duvida... não discute..., não interpreta o que se manda..., obedece cegamente e nada mais... Que bela a obediência da alma simples!

Finalmente, a simplicidade é incompatível com os juízos do próximo, isto é, não julga mal a ninguém..., acredita no

que se lhe diz..., prefere que a enganem a enganar-se a si mesma ao julgar os outros... Julgar a outros é coisa muito difícil para a alma simples que vê tudo com bons olhos...

Por isso esta caridade que brota da singeleza, é tão agradável aos homens e a Deus...

Põe muita simplicidade em toda a tua vida..., trabalha por adquiri-la..., implora o auxílio da Virgem Maria... vê bem o seu exemplo, e procurando imitar esse modelo, poderás adquirir a santa liberdade de espírito para tratar com Deus... para comunicar com o próximo... e para a prática de todas as virtudes.

62. A alegria santa

1.º *A virtude da alegria.* — É oposto à paixão da tristeza, tão perniciosa na vida espiritual! — É verdade que pode haver tristezas boas e santas, como a que sente a alma dedicada à penitência, que se desfaz de dor e arrependimento à vista de seus pecados... é uma tristeza abençoada por Cristo, quando diz: *Bem-aventurados os que choram...*

Também é boa a tristeza que sente o coração compassivo à vista dos males do próximo, aos quais deseja encontrar remédio..., sobretudo quando, apesar deste bom desejo, nada pode fazer...

É boa também, finalmente, a tristeza que brota na alma por alguma coisa material, mas perfeitamente legítima.... a morte de uma pessoa querida..., uma grande desgraça..., uma perda irreparável. O próprio Cristo nos deu o exemplo desta tristeza, chorando junto ao túmulo de Lázaro.

Porém ainda mesmo estas tristezas, precisamente porque são boas, têm de ser moderadas pela resignação cristã, que no meio da dor, produzirá essa paz e tranquilidade..., essa divina consolação, que usufrui quem sabe ver em tudo a mão de Deus!...

Mas além desta tristeza, há ainda a tristeza má.... que se apodera da alma, e lhe rouba todo o estímulo... perturbando-a..., enchendo-a de inquietação... de temores e desgostos... e enfastiando-a para a vida de piedade... faz que

tenhamos má disposição e mau carácter do que resulta tornarmo-nos antipáticos e repulsivos para todos...

Com esta tristeza que tanto desanima o espírito, ergue-se a virtude da santa alegria que, pelo contrário anima..., alenta..., e conforta o espírito de tal modo que até no meio das tribulações, inunda a alma de consolação, como dizia S. Paulo que «transbordava de alegria», não obstante os seus sofrimentos.

A virtude da alegria, não é essa alegria externa e falsa dos mundanos, que consiste ùnicamente na imaginação e nos sentidos, sem chegar ao fundo do coração...; mais ainda, apesar de aparentarem gozo e felicidade, têm na alma uma tristeza..., um peso..., que não podem suportar...; têm os remorsos que hão-de perturbar necessàriamente as suas alegrias...

Esta alegria mundana, fugaz e passageira, não raro mentirosa e enganadora, é a que Cristo condenava com aquelas duras palavras: «Ai de vós, que agora rides, porque algum dia chorareis»... — A alegria verdadeira é a alegria do espírito... a que procede de um coração recto e tranquilo... que sabe cumprir a vontade de Deus... Que alegria tão pura e tão intensa desperta o cumprimento exacto do dever...! É a fonte dos maiores gozos.

Esta alegria é um dos frutos mais belos do Espírito Santo que muito contribui para facilitar o caminho da perfeição e o exercício de todas as virtudes. — Não é possível chegar a compreender o grau de alegria que inundava continuamente o coração da Santíssima Virgem.

É verdade que foi um mar de amargura, mas foi também um oceano imenso de paz..., tranquilidade e gozo no Senhor. — Pensa nas alegrias puríssimas que inundaram a alma da Santíssima Virgem em Belém... em Nazaré... em toda a vida pública e oculta de Jesus..., os encantos e as graças infinitas de criança..., em seguida as suas pregações e assombrosos milagres..., a sua Ressurreição gloriosa e a

aparição a sua Mãe... a sua própria Ascensão triunfal aos Céus não a faria morrer de alegria se Deus a não sustentasse?...

2.º *A alegria da virtude.* — É esta a razão pela qual, se a alegria é uma virtude, toda a virtude é por sua vez uma fonte de alegria. — Um santo..., uma alma de virtude não pode deixar de ser alegre. — A verdadeira virtude não se dá com a tristeza. — Todos os santos viviam interiormente inundados por esta alegria que lhes produzia a vida de santidade, embora esta fosse muito elevada e austera. — Não se opõem a esta alegria, a austeridade..., a penitência... a dor do coração... e a tristeza santa que produzem os nossos pecados..., antes pelo contrário, ninguém tem mais direito e maior razão para se alegrar e ser feliz do que a alma penitente..., e o coração contrito e humilhado..., pois juntamente com a dor experimenta a grande alegria de ver que o Senhor, em virtude da sua contrição e penitência..., lhe perdoou e o admitiu de novo em seu Coração divino..., e desse Coração divino comunicam-se à alma essas doçuras inefáveis que só as almas santas estão aptas a saborear...

Quem diria!... Se até na mesma cruz..., até nos próprios tormentos chegaram a descobrir os santos e os mártires uma mina riquíssima de felicidade, que ninguém pode sequer imaginar...

E não duvides, na Cruz de Cristo, como o mel no favo, está escondida a fonte inexaurível de gozos, prazeres e alegrias, que em nada se parecem com as da terra..., mas como seguras e verdadeiras que são, enchem e satisfazem por completo o coração humano...

É muito conhecida e celebrada a santidade alegre de Santa Teresa de Jesus... e como a recomendava a suas religiosas, comunicando-a a quantas pessoas com ela tratavam, e alegrando com o seu bom humor e com as suas graças e anedotas dignas e oportunas, a sua conversa atraente... e isso, apesar dos sofrimentos inauditos..., dos trabalhos...,

enfermidades..., perseguições e amarguras sem conta que teve de suportar. *Um santo triste é um triste santo.*

Santa Teresinha esforçava-se por sofrer com a maior alegria, a fim de enganar o próprio Jesus, para que Ele não conhecesse o seu sofrimento. — Com razão dizia S. Francisco de Assis: *o demónio e os que o servem podem estar tristes..., nós pelo contrário, devemos andar sempre alegres no Senhor...* Que ventura maior do que a nossa por termos sido escolhidos para amar e servir a Deus?! Porque havemos de estar tristes?... Não; a virtude não deve ser triste, que isso é ardil de Satanás para a tornar repulsiva... — Sob este aspecto, a virtude deve também apresentar-se como é..., com o atractivo da alegria santa e verdadeira, de que anda continuamente revestida. — Não te fies pois, da virtude ou da santidade que não possua esta característica.

3.° *A causa da nossa alegria.* — Assim chama a Igreja à nossa querida Mãe... e na verdade, é Ela a causa e a razão da nossa alegria... Por Ela nos veio a alegria verdadeira..., pois Eva, com o pecado só nos alcançou tristezas e amarguras mortais... Que satisfação não é pensar que a razão e a causa da nossa alegria está nas mãos da nossa Mãe!... Certamente que no-la dará com abundância e generosidade... Não o experimentámos já?... Não temos sentido, aos pés de Maria, alegrias e consolações indizíveis? ... Não nos temos sentido felizes e satisfeitos a seu lado?

Recorda alguma data particular..., uma festa de Maria, por exemplo..., a saída de uns exercícios quando lhe oferecias os teus propósitos..., quando fizeste aquela promessa..., aquele voto..., talvez aquela consagração... Onde poderás encontrar prazeres e alegrias semelhantes a estas? — Procura estas alegrias, as únicas que merecem essa designação, e nunca tenhas saudade das mundanas... Pobrezinhas das almas que não compreendem outras alegrias além dessas!

Firma-te bem nestas ideias para assim poderes distinguir umas alegrias das outras. — Nunca te esqueças que a alegria

espiritual da virtude não é uma alegria externa e passageira...; por isso não se manifesta em palavras descompostas..., em altas gargalhadas..., e muito menos em chistes e piadas de mau gosto... baixas e grosseiras... ou em brincadeiras pesadas e mortificantes..., mas no exterior deve transparecer simples e suavemente..., com ingenuidade, franqueza e bondade..., de modo que, edificando o próximo... lhe dê a conhecer a formosura e simpatia da virtude, e lhe manifeste os frutos da alegria santa, que são: suavizar os trabalhos e aplanar as dificuldades... animar e consolar a alma, afugentando os receios e perturbações que tanto a oprimem... dar ao entendimento mais claridade, pois quando esta falta, não há luz suficiente para discernir as coisas..., aumentar as forças e a confiança para lutar e vencer as tentações...; finalmente assegurar-nos a fé e a esperança... e acerescentar notàvelmente os nossos méritos..., visto que os actos praticados com uma santa alegria agradam sobremaneira ao Senhor.

Sê portanto muito alegre..., mas com a alegria santa e saudável da virtude... Empresta atractivo às tuas virtudes, tornando-as amáveis por meio da alegria... Comunica essa alegria a todos os que te rodeiam, mas especialmente aos membros da tua casa, com quem vives habitualmente... Encomenda-te à Causa da nossa alegria para que com Ela possas entrar um dia no gozo da alegria eterna que reina no Céu.

63. Serenidade de espírito

1.º *Em que consiste.* — É a virtude que nos conserva inalteráveis, não obstante as dificuldades que nos possam sobrevir... torna-nos senhores dos afectos e das paixões..., permite-nos conservar a mesma paz e tranquilidade de espírito..., a mesma disposição..., a mesma serenidade e alegria... a mesma caridade no trato com o próximo..., enfim o mesmo exercício das virtudes que estamos praticando, sem desanimar ou pôr tudo de lado...

É uma virtude muitíssimo necessária, porque desgraçadamente, é muitas vezes, di-lo a experiência, a razão das nossas quedas... das nossas irritações..., das nossas saídas inoportunas..., por vezes até das nossas resoluções funestas... Quanto nos tem prejudicado esta falta de domínio do nosso modo de ser!... Progredíamos talvez sossegadamente no caminho da virtude..., tudo nos parecia fácil e exequível...; de repente essa paz perturbou-se, surgiu a tormenta com as tentações que desencadeou o demónio, e tudo ou quase tudo naufragou... mudámos por completo..., pareceu-nos que era já impossível..., e que essa vida não era para nós.

Em outras ocasiões estávamos trabalhando pela glória de Deus..., tudo nos corria bem..., os outros aplaudiam-nos e admiravam-nos... mas de súbito deu-se uma mudança... surgiram dificuldades donde menos esperávamos, e desanimados e desiludidos, tudo abandonámos. — Até no trato

ordinário com as pessoas que nos rodeiam costumamos tratá-las segundo os sentimentos e as impressões que nos dominam...: umas vezes com afabilidade e carinho... outras com enfado e aborrecimento..., já com tristeza e amargura..., já com alegria e brincadeiras.

Se tudo nos corre bem parecemos os mais felizes...; mas se alguma coisa se transtorna ou nos desgosta, logo nos falta a devida resignação para nos vencermos e sofrermos com alegria... Como somos volúveis e inconstantes!... Que diferentes de um dia para o outro!... Quem não passou já por essas crises e experimentou essas mudanças em si e nos outros?... Quantas vezes não observamos isso em outras pessoas, lamentando que sejam tão desiguais no trato... no génio..., na disposição?

Há dias em que se mostram atraentes e simpáticas..., tudo lhes parece pouco... dão-se e entregam-se sem reserva...; noutros, porém, são insofríveis... não há quem as ature..., com um temperamento tão excitado que não é possível aproximar-se a gente... Como faz falta a bela virtude do domínio!... Poderá haver maior encanto que uma pessoa saber estar serena continuamente, em meio dos sucessos que sobrevêm, e dos acontecimentos que a rodeiam?...

2.º *Consequências* — E nota bem como são diferentes as consequências e os afectos que resultam num e noutro caso. — A alma que não possui este domínio, é ordinàriamente uma alma incapaz de progredir...; nunca levará a bom termo qualquer empresa de certa importância. — A sua virtude será muito superficial e todo o bem que fizer num dia, perdê-lo-á no seguinte pela falta de serenidade, o que supõe evidentemente uma grande falta de domínio e mortificação... — Se estas almas não sabem triunfar de si mesmas..., muito menos poderão triunfar das outras dificuldades que sobrevierem. — Deste modo vêem-se dar princípio a uma coisa, por vezes até com empenho e interesse demasiado... e por uma coisa de nada cansam-se e abandonam-na em

meio... são vítimas da volubilidade; detêm-se ou caminham sem rumo e sem direcção fixa, pois é a última impressão que as domina... Recebem uma boa notícia?... gozam e alegram-se como ninguém... É desagradável o que se conta?... então ficam deprimidas a tal ponto que já não podem fazer nada...

Estes caracteres impressionáveis que não se dominam a tempo, são incapazes de terminar bem uma coisa que se lhes confia, pois não servem para nada de importância... Quantos talentos e habilidades enterradas e inutilizadas por essa perniciosa falta de serenidade?...

Por outro lado, a consequência fatal é tornarem-se desprezados por todos, e de tal modo são ridículas as suas veleidades, que fazem rir o próximo. — São pelo contrário completamente diferentes as consequências, na alma que sabe guardar o seu domínio, de maneira que sempre se mostre igual e constante... Que simpatia a rodeia!... Como inspira confiança!... Parece que através do seu rosto tranquilo e do seu olhar sereno, se descobre a paz imperturbável da sua alma, onde Deus a está sustentando... confortando... e dirigindo... — Não é insensível... nem é isso o que nos pede a virtude da serenidade...; seria irracional..., absurdo..., completamente impossível e antinatural.

A serenidade não destrói a sensibilidade, porém, modera-a de tal modo que em meio das impressões que recebe e frequentemente a excitam, sabe conservar o domínio, do mesmo modo que um barco com muita carga se sustenta fàcilmente no meio das vagas...

É isto, pois, e nada mais, o que te pede esta virtude, que entre os diversos acontecimentos que te ocorram..., doces e agradáveis ou amargos e desagradáveis..., não percas a cabeça e a soberania, de modo que sejam as impressões a mandar em ti e não tu nelas... Isto é que é justo... racional... digno e meritório. — As almas que se dominam são capazes de tudo... nada as assusta...; almas grandes... superiores a

todas as coisas...; são as verdadeiramente dominadoras.... as que levam após si os corações, que sabem procurá-las e descansar nelas. Que paz!... Que consolação!... Que ambiente de serena tranquilidade não espalham estas almas à sua volta!...

3.º *O ideal.* — E como sempre, temos o nosso ideal na Santíssima Virgem. Que serenidade a sua!... Quem passou por transes mais difíceis e diversos que Ela?... E todavia, quem soube manter-se como Ela tão igual e serena, apesar das impressões da sua delicadíssima sensibilidade e do seu ainda mais delicado coração?... Que impressão não receberia na Anunciação do Anjo ao ver-se eleita por Deus para sua Mãe!... E no momento da Incarnação, quando já sentia em seu seio puríssimo a presença real da Divindade!... Tão grande foi esta impressão que na presença de Santa Isabel prorrompeu naquelas tão sublimes palavras do *Magnificat*...

Mas aprende na Santíssima Virgem e em suas palavras, não a ser insensível, como Ela o não foi..., não a receber com frieza e indiferença os grandes acontecimentos, e mais ainda os numerosos benefícios de Deus, que não é isso o verdadeiro domínio..., mas aprende a não perder a cabeça..., e o domínio da maginação... e da vontade, no meio desses acontecimentos, por muito grandiosos e extraordinários que sejam...

Que templo o da alma de Maria!... Como estava bem preparada para suportar todas as impressões que iriam inundar o seu coração..., umas dulcíssimas, como o nascimento do Menino Jesus... Que impressão a sua ao ver o Filho de Deus feito seu Filho!... outras, cheias de incerteza e inquietação, como a da fuga para o Egipto e a perda de Jesus no Templo de Jerusalém...; outras horrivelmente pesadas e dolorosas, como as da Paixão, Crucificação e Morte tão afrontosa de Jesus... Não há rochedo no mar mais açoitado pelas ondas, do que o foi a alma de Maria pela

diversidade tão extraordinária dos acontecimentos que lhe sobrevieram... Que exemplo para ti!...

Visto que Deus não te pedirá tanto..., não te exporá a provas tão duras e tão fortes, porque não trabalhas por manter a igualdade e a serenidade através das coisas pequenas que te sucedem ou sobrevêm? — Pede à Santíssima Virgem mais espírito de fé..., maior conhecimento da Providência de Deus que tudo dispõe..., mais resignação e abandono em suas mãos para que Ela proceda como quiser e cumpra os planos que formou sobre ti. — Desta fé..., deste conhecimento..., deste abandono..., brota natural e espontâneamente a virtude da serenidade. — Vê bem o teu íntimo e se não possuíres esta virtude, procura ver qual dos três fundamentos te falta, e procura firmar-te mais com o auxílio de Maria.

64. A Perseverança

1.° *A dificuldade.* — Em todas as empresas da vida, é nisto realmente que se encontra a dificuldade... não em principiá-las mas em prosseguir levando-as com constância até ao fim..., sobretudo quando, após o início se multiplicam as dificuldades... Que ordinário é então o cansaço e o abandono!... — Mas isto acontece principalmente nas coisas do espírito... em especial, na nossa própria santificação.

O demónio procura ardentemente aumentar cada vez mais as dificuldades... Não se cansa na luta...; após uma tentação prepara outra..., aproveitando sempre o nosso mais pequenino descuido para conseguir o que deseja... isto é, que a alma se canse e não persevere. — Fazer muito bons propósitos... ter desejos muito santos ou mesmo começar com grande empenho a vida da perfeição e da santidade..., não é difícil. — Quantas vezes não o fizeste já? E quanto tempo demoraste a cansar-te?— Umas vezes mais e outras menos...; o certo é que bem depressa desististe e não soubeste perseverar... Recorda os dias de exercícios..., os dias de retiro...; sempre te examinas um pouco e lanças um olhar retrospectivo para a tua vida..., não é isto que encontras..., uma grande falta de perseverança?...

Se tivesses perseverado naquele propósito..., naquela virtude... no extirpamento daquele ofício..., ou no vencimento daquela paixão..., onde estarias agora? Não esta-

rias já nas alturas da santidade?... — Reconhece pois, que o ponto negro da tua vida, e por isso verdadeiramente difícil, é não te cansares..., saber perseverar até ao fim...; tão difícil, que é uma preciosa graça de Deus, sem a qual é impossível conseguir coisa alguma.

A graça da santa perseverança é a graça das graças que deves pedir sem cessar ao Senhor, para não desfalecer..., para imitar a difícil constância de Cristo e de sua Mãe Santíssima... — Não duvides que foi também difícil ao próprio Jesus e a Nossa Senhora... Escuta as palavras de Cristo em Getsemani... e verás também n'Ele essa luta que tu sentes..., essa repugnância de tomar até ao fim o cálice da amargura... e não obstante, ali está em oração, e oração de agonia..., lutando contra a sua natureza que resistia, e fazendo-se tal violência que chega a suar sangue... Pensa bem: até aqui é necessário chegar, para não desfalecer..., para não desanimar... e não abandonar o começado... — E que faz na Cruz? ... Não o convidam seus inimigos a que se desça, tentando-o com a sua própria conversão?... Se descer, acreditarão n'Ele... e todavia, não desce... ali permanece até morrer...

Contempla junto d'Ele a Santíssima Virgem... toda a vida trouxe a espada de Simeão cravada no peito...; nada fez para evitar a sua dor...; podia não ter seguido Jesus ao Calvário...; sabia o que a esperava..., o que teria de sofrer..., e apesar disso, vai... ali está com seu Filho, perseverando com Ele na dor e no sacrifício. — Quer dizer, persevera quando é mais difícil a perseverança... Ah! não esqueças uma palavra que Maria disse um dia: «Faça-se em mim a vontade de Deus»... e esta palavra repetiu-a sem cessar...; aceitou tudo o que ela significava e todas as consequências que supunha... e heròicamente permaneceu fiel à sua palavra... sem jamais se cansar..., sem desejar o termo da prova... nem sentir desânimos de espécie alguma. — Muito..., muitíssimo deu que sofrer a Maria esta fidelidade...,

esta constância... esta perseverança... Não é por isso, de estranhar que seja também o que te custe mais...

2.º *Importância.* — E esta virtude é a que mais nos interessa... — Por muito difícil que seja, deve tornar-se-nos fácil, se pensarmos na sua grande importância. — Que se adianta com começar e não terminar?... Que vale uma vida de fervor e de santidade por algum tempo, ainda que muito, se nela não se persevera?... *O cristão não se deve preocupar com os seus princípios,* dizia S. Jerónimo, *mas com o seu fim...* Porque efectivamente, o importante não é começar mas acabar bem... pois no fim de contas, só será premiado quem terminar bem. — S. Bernardo costumava dizer: *Promete-se o prémio aos que começam mas não se dá senão aos que terminam.*

Recorda as palavras de Cristo, ainda mais claras e terminantes: *Se alguém puser a mão no arado e olhar para trás* (isto é, principiar e não acabar)... *não poderá entrar no Reino dos Céus...*; *visto que ùnicamente se salvará* o *que perseverar até ao fim.* — Já vês portanto que enorme desgraça a daquele que tendo praticado muito boas obras..., tendo-se exercitado em virtudes heróicas... ainda mesmo que chegasse a fazer milagres, e tivesse uma oração altíssima e extática..., se não persevera, tudo é perdido. — De nada valerá qualquer das suas boas obras, pois no dizer do Profeta serão *como tesouros lançados num saco roto, que se perderão completamente...*

E isto é um caso teórico, mas muito prático, que se deu várias vezes... — A história de Judas que começa muito bem..., que deixa tudo para servir a Cristo com grande fervor..., mas que termina vendendo-o traiçoeiramente, repete-se com frequência no interior das almas... — A História do Novo e do Antigo Testamento e a História da Igreja narram em todos os tempos muitos destes exemplos. Quantos herejes!... Quantos apóstolos!... E em almas consagradas a Deus..., sacerdotes e religiosos!...

Portanto, por um lado é necessário temer, é certo... mas por outro, importa confiar no Senhor... e trabalhar, persuadindo-se cada vez mais e nunca perdendo de vista que isto é o mais importante..., e o que mais nos deve interessar...: perseverar até ao fim..., trabalhar sem descanso..., sobretudo quando o trabalho for mais pesado e doloroso... Façamos este propósito e tudo nos parecerá pouco com o fim de assegurar a nossa perseverança.

3.° *Mérito.* — Esta é a virtude mais recompensada porque é a que mais valor e mérito tem. — S. Paulo diz: *O prémio destinado aos corredores, dá-se ùnicamente ao que alcançar a meta...* e não aos que se retiram ou desistem no caminho... — Pois esse prémio é o Céu..., é a coroa que o Senhor tece com as tuas boas obras..., as quais nenhuma consistência terão se lhes faltar a perseverança. — É ela que dá valor às outras virtudes..., de tal modo, que uma virtude, por pequeníssima que seja, simplesmente por andar acompanhada pela perseverança, já vale imenso..., e pelo contrário a virtude mais preciosa perde o seu mérito, se a ela não vai unida...

Sê fiel até à morte, diz o Apocalipse, e *nessa altura dar-te-ei a coroa da vida...* Que melhor prémio para esta virtude!... E não podia ser melhor, visto que é o próprio Deus...: *Eu serei a tua recompensa verdadeiramente admirável.* É um prémio tão excelente que nunca o chegaremos a compreender nem a imaginar...

Pelo contrário, será horroroso o castigo dos que não persevarem... Que remorso terrível o seu, vendo eternamente o que deixaram e abandonaram por cobardia... e por isso, quão fàcilmente, se tivessem perseverado, teriam adquirido com as mesmas graças o prémio eterno?

S. Pedro chega a dizer numa das suas cartas, *que era peferível nunca terem começado bem, nem conhecido o caminho da santidade, do que deixá-lo em meio, depois de*

conhecido e principiado... E é natural, porque neste caso, o pecado é maior e sem desculpa de espécie alguma.

Por isso, deves examinar sèriamente o teu proceder, e assegurar os teus passos neste caminho..., para, nem sequer um, dares em falso..., mas perseverares nos teus fervores, avançando e aproveitando cada dia mais e mais..., como fez a Santíssima Virgem durante os dias da sua vida e nas provas a que o Senhor a submeteu.

Pede-lhe a graça da perseverança na fé..., na vocação..., na vida de fervor..., para que assim mereças a graça da perseverança final, a última e a mais importante de todas as graças.

65. O Coração da Santíssima Virgem

1.º *Objecto duplo.* — Não há dúvida que o objecto desta devoção ao Coração puríssimo da Santíssima Virgem pode considerar-se de dois modos: o seu objecto *material*... e o seu objecto *formal*... de sorte que, assim como o homem consta de dois elementos, um material e visível, que é o corpo e outro espiritual e invisível, que é a alma... e assim como sòmente da união destes dois elementos é constituído o homem total e completo..., assim também nesta formosíssima devoção, se não distinguimos e conhecemos bem, para logo os juntar, e nunca os separar, os dois elementos que a formam, jamais conseguiremos penetrar na essência e valor desta devoção ao Imaculado Coração de Maria.

Pois bem, estes dois elementos são: o primeiro, material, que é o coração físico..., real... palpitante da Santíssima Virgem..., um coração de carne..., um coração humano..., um coração em tudo semelhante ao dos outros homens... e o outro elemento, o formal... invisível e imaterial, que consiste no amor..., na caridade de Maria, encerrada e simbolizada nesse Coração puríssimo. — Se separamos estes dois elementos destruímos esta devoção..., ou teremos uma devoção parcial e incompleta ao Coração de Maria.

Portanto, sempre que falemos..., pensemos..., meditemos... ou tenhamos alguma devoção a este Coração puríssimo, entendamos que o fazemos para honrar o amor de

Maria... encerrado porém no seu coração como em vaso precioso... O seu amor é a jóia e o seu coração o cofre que a encerra...

2.º *Objecto material.* — E agora pensa...: qual a jóia, tal o cofre..., qual a pérola, tal a concha... Qual e como seria o Coração da Santissima Virgem? — Já meditámos e considerámos a beleza física de Maria..., já dissemos que Deus a devia ter feito, mesmo quanto ao corpo, a mais formosa entre todas as criaturas... pois estava destinada para ser a Mãe do «mais belo dos filhos dos homens»... Todavia, não te parece que devia sê-lo ainda mais em seu Coração? não representas fàcilmente essa beleza e formosura como que condensada naquele Coração Imaculado?... E por conseguinte não te parece que sendo todo o corpo de Maria digno de devoção, com mais razão ainda deve sê-lo o seu Coração?

Os corpos dos santos..., as suas reliquias..., especialmente o coração nalguns, como em Santa Teresa de Jesus..., como são apreciados pelas almas devotas!... E que comparação pode haver entre essas santas reliquias... entre a veneração que nos merece o coração dos santos e o da Santissima Virgem?... Tanto mais que todo o acto de culto tributado ao Coração de Maria, é um acto que abrange toda a pessoa de Maria.

Beijas a mão de um superior..., o pé do Santo Padre... e sabes que não é sòmente ao pé mas a toda a pessoa, que queres com esse acto demonstrar respeito... afecto e amor...; do mesmo modo pensa que ao honrar o Coração material de Maria, é a toda a grandeza da sua pessoa..., a todas as suas virtudes... a toda a sua grandeza e santidade que queres honrar e venerar.

3.º *Objecto formal.* — E isto é já o objecto formal...; essas virtudes... essa santidade..., sobretudo esse amor que brota e reside nesse Coração nobilissimo. — Põe de lado as discussões sobre se efectivamente o coração do homem

influi ou não em seu amor...; isso não nos interessa. — O que é verdade é que todos os afectos se repercutem no coração humano e o impressionam...; a tristeza..., a alegria..., o medo..., a cólera..., etc..., tudo se regista no coração acelerando-o ou retardando-o, e por vezes até, parando nos seus movimentos... É pois evidente que entre a vida física do coração e a afectiva da alma, há uma união muito íntima.

Talvez por isso toda a gente vê no coração a causa..., a razão..., a sede..., ao menos o símbolo do amor. — E neste sentido vulgar e corrente o tomamos nós também.

Vê, portanto: se em todo o homem o que mais nos interessa é o coração..., e por conseguinte o seu amor... quanto mais nos deve interessar o amor do Coração de Maria? !... O homem, tudo o que é deve-o ao coração...; toda a sabedoria... toda a habilidade e astúcia... todo o engenho, quão pouco valem se se encontram numa pessoa de quem se pode dizer que «não tem coração»!... Pode haver coisa mais antipática?

Por outro lado, pensa no gosto..., simpatia e afecto que inspira a pessoa de coração grande..., nobre..., digno... — Tudo está dito e explicado com dizer de uma pessoa que tem um coração grande.

E agora, olha para a tua Mãe...; não esqueças que é também a Mãe de Deus... Que coração lhe terá confiado? Que coração lhe terias tu dado, se de ti dependesse?... Certamente que não dependeu de ti mas de Deus, que a Mãe de seu Filho... a Mãe dos homens tivesse este ou aquele coração... — Se lho deu Ele, como seria e como amaria este Coração?— Se havia de amar a Deus e aos homens com um amor só inferior ao de Deus... como seria o coração que encerraria tal amor?...

4.º *Devoção dulcíssima.* — Chegado já a este ponto, compreende quão agradável é para o teu coração seguir por esse caminho... penetrar no seu Coração..., estudar os

seus movimentos..., conhecer as suas pulsações..., observar o seu amor... — Só quando entrares n'Ele em cheio, começarás a conhecer a tua Mãe.

É necessário compreender a Santissima Virgem..., conhecê-lA em seu Coração...; quanto mais estudarmos o seu amor mais estimaremos a Maria. — Como é doce este pensamento!... Como é dulcissima esta devoção!... O próprio Deus a conhece também..., a aprecia e estima... pelo amor do seu coração.

E não só a Ela, mas a todos os homens. — Conhecemo-nos uns aos outros olhando para a cara... e por isso nos enganamos tantas vezes... Somos todos tão hipócritas... Que astúcia não empregamos para mostrar uma cara e sentir outra coisa no intimo!... Mas ah!... a Deus não se engana... Deus não se fia nas aparências... não se fixa em exterioridades..., não nos olha para a cara..., mas penetra no mais intimo do coração... onde vê o que somos..., ao ler os nossos afectos e carinhos.

Contempla o Senhor, penetrando com esse olhar no Coração de Maria... que verá Ele? que complacência?... que gosto... que satisfação não encontrará nesse olhar? E se observar o teu coração, que sentirá?... gosto?... tédio?... repugnância e asco?...

Pede ao Senhor um pouco dessa luz com que Ele penetra no teu interior... e com essa luz divina procura observar o Coração de Maria... e em seguida o teu próprio coração... e ao ver a diferença, arrepende-te... e implora-lhe graça para a imitares... para te pareceres com Ela nelguma coisa... para teres um coração em tudo semelhante ao seu.

66. O Coração da Santíssima Virgem

1.° *Excelência desta devoção.* — Penetremos mais em particular, nos motivos que devem levar-nos a cultivar esta devoção terna e fervorosa ao puríssimo Coração da Santíssima Virgem... e seja o primeiro, a excelência que encerra em si mesma esta preciosa devoção. — Quanto ao objecto material..., o Coração de Maria...; salta logo à vista quão digno é d'Ela!...; é o instrumento de que se valeu o Espírito Santo, principalmente para a Incarnação... Daquele Coração puríssimo e imaculado, brotou o sangue preciosíssimo, de que se formou o corpo sacrossanto, e até o próprio Coração Sacratíssimo de Jesus!... Ali tomou o Senhor aquele sangue que havia de oferecer na cruz pela salvação da humanidade...

Aquele Coração era o centro e o foco da vida da Santíssima Virgem..., todas as suas pulsações... os seus mais pequenos movimentos, participam dos méritos incalculáveis que Maria mereceu em cada instante da sua vida.

Percorre os passos principais desta vida e contempla o Coração de Maria acusando todas as suas impressões...

Como estremeceria na Anunciação quando o sangue lhe subiu às faces, perturbando-se com a presença do anjo e quando escutava as suas palavras!... Na noite de Natal, que emoção não sentiria ao contemplar o rosto de Jesus pela primeira vez!...

Quantos trabalhos e aflições na fuga sobressaltada para o Egipto!...

E quando o velho Simeão lhe cravou aquela espada de dor, como bateria apressadamente aquele Coração!...

E que dizer então na perda do Menino Jesus... e sobretudo na Paixão e Morte de seu Filho!...

É claro que não podemos conceber nenhum mistério da vida da Santíssima Virgem, ao qual não correspondam neste Coração novas pulsações..., novos movimentos...

Ai! e quantas vezes teria parado, deixando de alimentar aquela vida preciosíssima, umas vezes contraído e apertado pela força da alegria!... e outras pela violência da dor... se Deus a não tivesse sustentado, chegando por vezes a deitar mão da sua omnipotência, para conservar uma vida, que naturalmente não podia prolongar-se!... Isto não te parece mais que suficiente para tornar esta devoção valiosa e excelente?

E no entanto, este argumento sobe de valor, se considerares o Coração da Virgem Santíssima como o órgão sensível do seu amor..., como o instrumento que recebia todas as impressões do corpo e da alma para se transformar em amor..., para se abrasar cada vez mais no fogo do amor... — Isto, sendo difícil conhecê-lo, melhor será senti-lo... — Entra naquele Coração abrasado, e pede à Santíssima Virgem que acenda e abrase também o teu..., para que ele participe, pouco que seja, do amor que inunda o seu Coração Puríssimo...

2.º *A vontade de Deus.* — Não há uma expressão explícita da vontade de Deus que nos convide ou obrigue a honrar o Coração de Maria... De qualquer modo porém, é evidente que Deus assim o quer e ardentemente o deseja... Não sabemos ser Sua vontade que vamos a Ele por intermédio de Maria? Por outro lado, não é certo que nos convida a entrar e a fazer a nossa morada em seu divino Coração?... E como entraremos nesse Coração?... Quem

nos abrirá a porta e nos introduzirá, se não for a Santissima Virgem?... A devoção ao Imaculado Coração de Maria é o melhor caminho... a melhor preparação para a prática da devoção do Coração de Jesus.

Pois bem, a vontade de Deus de que honremos o seu divino Coração é clara..., terminante...; logo também é clara, embora contida implicitamente naquela, a vontade divina de que honremos o Coração Imaculado de sua Mãe. — «Eis o Coração que tanto amou os homens»... disse Jesus, para nos incitar ao seu amor...

Depois do de Jesus, nenhum coração nos amou como o de Maria..., nenhum coração nos ensinou a amar a Jesus como o de Maria..., nenhum coração pode servir-nos de modelo como o de Maria.

Nessa queixa amorosissima do Coração de Jesus, em que manifesta quanto o fazem sofrer o esquecimento e a ingratidão dos homens..., nessa queixa, repito, entramos todos sem excepção.

Ao pronunciar essas palavras o Coração de Jesus pensava em todos nós..., referia-se ao procedimento de todos nós... não é verdade? não te diz o coração que assim é, pelo que a ti diz respeito?

Mas repara, o Coração de Maria não é assim..., é o único em que Jesus não pensava ao soltar esta queixa de amor... Jesus não tem queixas do Coração de sua Mãe... Que gosto!... Que consolação para nós observar..., estudar..., aprender esse modelo, para com esse Coração e por seu intermédio, aprendermos a amar o Coração de Jesus Cristo!... Não quererá Deus isto..., não no-lo terá ordenado?... Seria porém necessário que ordenasse uma coisa como esta?...

O teu coração deve ocultar-se no de Jesus..., logo deves ocultá-lo antes no de tua Mãe. Portanto a devoção ao Coração de Jesus, exige uma devoção terna ao Coração da Santissima Virgem...: esta é a vontade de Deus.

E esta vontade tem-se manifestado de modo especial e precisamente nos tempos actuais...; a vida nestes tempos é caràcterizada pelo egoísmo...; o coração humano tem-se voltado para dentro... buscando-se a si mesmo..., esquecendo-se de Deus e do próximo... Quem se sacrifica hoje em dia pelo amor de Deus e das almas?... Que ideias procura o mundo moderno?... As próprias almas que praticam a vida de devoção e que se julgam talvez muito boas... a maior parte delas, que amor de caridade possuem? ... Não vês como procuram o seu proveito... a sua utilidade... e o seu egoísmo?... Que triste!... que repugnância deve isto causar ao Coração Sacratíssimo de Jesus!...

Ele procura o coração do homem... pede-lhe a estima e o amor, e não encontra senão egoísmo. — Aguardou por isso estes tempos..., a fim de curar no mundo esta falta de amor...; por isso rasga o peito... mostra o Coração... e convida ao amor com o exemplo do mesmo Coração.

A devoção ao Coração de Jesus é a solução..., o remédio que Deus reservou para curar as actuais enfermidades do coração humano.

Pois bem, convence-te disto: a devoção ao Coração de Maria, é de uma actualidade urgente... é de uma necessidade perentória...; não podemos nem devemos desperdiçar estes momentos... nem o chamamento que o Senhor nos faz, por meio do seu Coração e de sua Mãe Santíssima...

3.° *Até o egoísmo.* — O egoísmo bem entendido, é uma virtude excelente... Não dizemos que a caridade bem ordenada deve começar por nós mesmos?... Não é certo que no campo da salvação e santificação, temos de tratar da própria alma primeiro que das alheias?

Pois isso é egoísmo..., mas egoísmo santo..., egoísmo aliás completamente necessário... — E este egoísmo santo deve levar-te a abraçar a preciosa devoção dos Corações de Jesus e Maria. — Pois no fim, o fruto respectivo, e que fruto... para quem será?...

Recorda as palavras do Coração de Jesus a Santa Margarida: *Prometo-te que o meu Coração se abrirá para repartir abundantemente as riquezas do seu amor divino, entre os que O honram e procuram que os outros O honrem...*

Considera que essas riquezas e esses tesouros são infinitos.... e que, como acrescentava a mesma Santa..., *são tão grandes que não sei como ponderá-los.*

É evidente que o maior prémio é o amor em si mesmo... Que o Coração de Jesus te dê entrada e te admita ao seu amor, é o que mais podes desejar... Haverá maior prémio que amá-lo e saber que O amas?—E não obstante, Ele cumula este amor de tais promessas que efectivamente, até por negócio..., até por egoísmo devias abraçá-lo... Porque não o fizeste ainda? Quem se esforçará tanto para te dissuadir?... Não será o demónio, teu inimigo, que nisso põe todo o interesse?...

Examina bem as causas da tua apatia e tibieza em assunto de tanta importância... e verifica se será por não saberes dirigir-te em primeiro lugar ao Coração da Santíssima Virgem. —Não esqueças que as promessas do Coração de Jesus serão realizadas por meio do Coração de Maria... Vai, pois, ao seu encontro... fecha-te em seu Coração.... lança-te e perde-te nele..., pois quem se perde no Coração de Maria, encontrar-se-á no Coração de Jesus.

67. O Coração da Santíssima Virgem

1.º *Fonte de graças actuais.* — Em vista disto penetremos um pouco mais no santo interesse que deve levar-nos a praticar esta devoção ao Sagrado Coração de Jesus por meio do Imaculado Coração de Maria. Para isso, recorda as promessas maravilhosas do Coração de Jesus aos seus devotos... Como são dignas de que as conheças e medites cuidadosamente! — Reduzamo-las a três grupos: as graças actuais..., a graça santificante... e a graça final, ou que há-de merecer-nos a posse de Deus no céu.

Todas as almas, ainda as mais santas, precisam desses auxílios divinos, chamados graças actuais, pois sem elas é impossível praticar qualquer acto sobrenatural meritório. — Estas graças são sem dúvida, um mimo carinhosíssimo da bondade divina..., porque são distribuídas generosa e abundantemente por Deus, sem qualquer merecimento da nossa parte.

À fonte donde brotam é o próprio Coração divino de Jesus, que deste modo nos patenteia continuamente o amor que nos consagra..., e o canal por onde descem é sempre a Virgem Santíssima em cujo puríssimo Coração se encontram todas as graças. como que armazenadas..., para serem repartidas entre as almas. — Compreendes bem onde tens de procurar estas graças? ... Não é no trono da justiça, pois de justiça nada te é devido..., mas no trono de bondade e

misericórdia do opróprio Coração de Deus: mas, qual é esse trono?... onde está?... onde encontrá-lo fàcilmente? evidentemente, no Coração Imaculado da tua Mãe querida.

Tudo portanto depende de ti..., que queiras e saibas ir a essa fonte... a esse depósito, em busca das graças de que necessitas... e que Deus quer conceder-te... o que aliás, tem feito já milhares de vezes, mesmo sem tu as pedires.

Pensa contudo, e medita bem neste ponto. — Deus concede-te sempre graças actuais *suficientíssimas* em conformidade com o seu estado e condição..., de maneira que da sua parte ele proporciona tudo o que é necessário à tua salvação...: a tua santificação ou endurecimento no pecado... depende de ti, porque com o teu procedimento... com a tua correspondência ou não à graça, podes torná-las eficazes ou ineficazes... ou totalmente inúteis. — Nunca te esqueças que isso depende de ti... e a ti sòmente se pedirá conta rigorosa do uso ou do abuso... da estima ou desprezo que tiveste por essas graças... Quem não quererá pois, tornar eficazes e proveitosas as graças que Deus concede?...

Nisto reside o interesse principal desta magnífica devoção... A devoção ao Coração de Jesus por meio do Coração de Maria tornar-to-á fácil e em certo modo seguro...: se a tua alma souber encerrar-se nos Corações de Jesus e de Maria, saberá também com certeza aproveitar-se das graças preciosíssimas que lhe serão concedidas... não porque lhe seja tirado o uso da liberdade, mas porque o Coração de Jesus multiplicará as suas graças, dando-lhe precisamente aquelas que sabe serão por ela mais bem aproveitadas.

Não é isto o que se nota imediatamente ao ler as promessas do Coração divino?... Não reparaste no grande número e variedade de graças prometidas, como se o Coração de Jesus pretendesse desse modo assegurar a sua eficácia?

Recorda as promessas feitas aos pecadores..., ainda aos mais endurecidos..., às almas frias e tíbias..., às almas fervorosas que aspiram à santidade... aos seculares... às comu-

nidades religiosas..., aos indivíduos, famílias e nações..., aos sacerdotes e apóstolos...; a todos promete não só uma chuva abundantíssima de graças, mas o que é mais importante, a eficácia das mesmas.

Ele fará que essas graças não sejam inúteis para os seus devotos... Oh! podes imaginar coisa mais importante... que tanto interesse à tua alma, como esta? Porque não te decides, até por interesse, a possuir esta verdadeira e sólida devoção?... Suplica ao Coração da Santíssima Virgem que ta ensine... para aprenderes a conhecer e a amar o Coração Divino de Jesus.

2.º *A graça santificante.* — É uma consequência do ponto anterior. — Às graças actuais, tornadas eficazes por esta devoção, há-de corresponder nas almas necessàriamente, um grande avanço na vida espiritual, que é o que se chama a graça santificante.

Já noutras ocasiões meditámos sobre ela... mas nunca será demasiado. — Recorda por isso o que foi dito, que esta graça é a vida da alma..., que é, sem dúvida, um grande tesouro..., ou antes, o teu capital... a tua fortuna..., a única que possuis..., a única que te acompanhará um dia ao tribunal de Deus.

Concedeu-te a primeira graça no santo baptismo..., foi como que o capital inicial colocado na tua alma, para o aumentares com as boas obras... especialmente com a recepção amorosa dos santos Sacramentos... E tu que fizeste?... Como está em teu coração esse capital?... perdido?... imobilizado? ou está produzindo o devido rendimento, aumentando continuamente?

Ditosa a tua alma, se assim é... Desgraçada, se for doutro modo. — A devoção aos Corações de Jesus e de Maria... assegura esta vida..., este robustecimento da alma. — A prática fundamental desta devoção é o amor..., é um puro exercício de amor de Deus... é o amor de Deus que introduz... conserva e aumenta a graça na alma.

Santa Catarina dizia: *Se pudesse cair no inferno uma gota de amor de Deus, convertê-lo-ia em Céu... transformando novamente em anjos todos os demónios...* Do mesmo modo, que prodígios não obrará numa alma, a prática do amor em que consiste esta devoção — que estranho será que se cumpram as promessas dulcíssimas nela contidas? A um asfixiado conserva-se a vida, restabelecendo-lhe o movimento do aparelho respiratório...; a um cardíaco injecta-se uma substância que acelere e dê novo impulso àquele coração cansado... O mesmo faz esta dulcíssima devoção...: injecta o amor de Deus..., renova a vida da alma... aumenta-a e acelera-a restabelecendo nela o exercício do amor de Deus... — Por isso, os pecadores encontrarão aqui certamente o perdão..., e os justos a santificação...

3.º *A graça final.* — É esta a chave de ouro das graças e promessas do Divino Coração: a perseverança ou a graça final... a graça de uma boa morte!... A quem não preocupa este problema?... Quem pode esperar tranquilo e sereno a passagem da eternidade, dada a sua incerteza?... Quando e como será? Que enorme diferença que seja de um ou de outro modo... A eternidade que se segue, a quem não espanta?... Sempre feliz ou sempre desgraçada!... É na verdade, um terrível dilema...

E o mais espantoso é que neste passo ninguém te pode ajudar...; a tua alma terá de o dar sòzinha, sem que ninguém a veja ou acompanhe...; ela só..., ela ùnicamente o há-de dar..., quer queira, quer não..., esteja bem ou mal preparada... — Imagina-te agora nesse momento, em que te encontrarás um dia, com toda a certeza... tremerás ante a vista da eternidade sòmente ao pensar nela... Que será então quando nela entrares plenamente?

Oh devoção dulcíssima!... O Coração de Jesus sabe isto... compreende-o... e quer auxiliar-te... Que auxílio!... Quer facilitar-te um passo tão difícil... e quão fácil o torna!...

Só te pede que o ames agora... que lhe dês agora o teu coração por meio do Coração de Maria..., que te dediques inteiramente a esta devoção dos Corações sacrossantos de Jesus e Maria... Pode haver coisa mais fácil?... Mais justa e racional?... E Ele em troca, promete..., assegura o triunfo final..., a vitória completa..., o prémio e a coroa eterna...

Escuta... imprime na tua alma... aprecia em silêncio estas palavras dulcíssimas: *«O meu Coração Divino será para eles o asilo seguro na última hora»*...

E efectivamente, Deus enviará a Santíssima Virgem a ajudar... a consolar... e a receber a alma de seus devotos, levando-os já nesta vida a morar dentro do Coração do próprio Jesus... — Viver e morrer dentro deste Coração divino!... Haverá coisa mais bela?... Pois consegui-lo-ás se souberes esconder-te completamente no Coração puríssimo de tua Mãe. — Promete-lhe uma vez mais que assim o farás...; pede-lhe perdão de o não haveres feito até hoje...; dá-lhe o teu coração para sempre..., e implora-lhe que o aceite, embora miserável, recebendo-te no número dos seus verdadeiros devotos.

68. O Coração da Santíssima Virgem

1.° *Excelência deste Coração.* — Principiemos por considerar algumas das grandes maravilhas que Deus quis encerrar e acumular no Coração da sua e nossa Mãe..., detendo-nos sobretudo na consideração da sua excelência... — A excelência do Coração da Santíssima Virgem depreende-se da sua união com o divino Coração de Jesus... e portanto, com o Coração de Deus...

Que união tão íntima e verdadeira com a própria Divindade!

Maria pela sua dignidade de Mãe de Deus, foi introduzida na participação do mesmo Deus, quanto isso é permitido a uma pura criatura. — Teve um período na sua vida em que realmente a vida de Deus era a vida de Maria...; a vida de Deus feito homem dependia da vida de Maria...; o Coração de Deus pulsava pelos impulsos do Coração de Maria!... e por isso era tal a união entre os dois Corações, que viviam uma vida perfeitamente comum.

O Coração de Maria continuou sempre estreitamente unido ao Coração de seu Filho... O seu Coração amava, queria e odiava as mesmas coisas que o Coração de Jesus...: de tal maneira que o Coração de Maria era sempre como que um eco fiel do Coração de Jesus.

Nisto reside toda a excelência do Coração Imaculado de Maria... Foi assim que este Coração conseguiu amar a

Deus mais que todas as criaturas juntas, do céu e da terra... E por isso Deus comprazia-se mais neste Coração e neste amor do que em todos os outros dos anjos e dos homens. Quão belo teria sido que nenhum homem tornasse a pecar depois da queda de Adão... e que todos os corações se tivessem dedicado, daí em diante, a amar a Deus sobre todas as coisas..., e no entanto, seria muito pouco... seria um amor indigno de Deus.

O único Coração que ama a Deus com o amor que merece é o Coração Sacratíssimo de Jesus... e depois, mas juntamente *com Ele* e *por Ele,* o puríssimo Coração de Maria... — Este é o coração e o amor em que Deus tem certamente as suas complacências.

Mas tudo parte deste princípio..., da união do Coração de Maria com o de seu Divino Filho. — União sublime!... pela qual a vida transbordante de Deus era vivida pelo Coração de Maria...

2.º *Santidade.* — E desta união perfeitíssima entre os dois Corações, resultou a grandiosa e admirável santidade do Coração de Maria. — A santidade do Coração de Maria! — A santidade consiste na participação de Deus..., no amor que transforma a alma em Deus..., em chegar a ser uma verdadeira imagem e uma cópia fiel de Deus... Não foi esse o fim que Deus teve em vista quando criou o homem, formando-lhe um coração? Não quis que fosse uma imagem e semelhança do seu?...

Por isso, quando efectivamente o coração humano chega a ser a imagem verdadeira... a formar uma semelhança com o Coração de Deus..., ao «já não sou eu que vivo, mas é Ele que vive em mim», pela transformação do amor... chegou nesse momento à verdadeira perfeição... atingiu a santidade.

E que coração poderá comparar-se neste ponto com o de Maria? Qual está mais próximo..., mais unido..., e com maior participação da vida divina que o seu?... Qual mais confundido e transformado em Deus?... Quem poderá

dizer com mais verdade ser «a imagem e semelhança de Deus», que este Coração, que é espelho puríssimo..., sem manchas nem sombras, que retrata e reproduz fielmente a mesma santidade de Deus?...

Repete, diante do Coração de Maria, aquelas palavras: *já não sou eu que vivo*... e verás como, nem no coração de S. Paulo..., nem no de qualquer outro santo, poderiam ter melhor aplicação que no de Maria.

Detém-te pois, um momento a considerar as perfeições infinitas de Deus... vai-as aplicando à Santíssima Virgem, e vê-las-ás todas em seu Coração admiràvelmente reproduzidas..., em virtude da união e comunicação inefáveis que mantém com o Coração de Deus.

Faz um resumo de todas as meditações precedentes, em que acabas de examinar sob vários aspectos as virtudes de Maria... e contempla-as agora em conjunto..., formando um todo admirável no seu próprio Coração.

Eis o tabernáculo da divindade..., o templo vivo..., onde Deus se dignou fixar a sua morada... e ali quer permanecer para sempre... Como será pois, a sua santidade? !

Tudo neste Coração é santo...; nada há nele, até o mais imperceptível movimento, que o não seja...: pensamentos, desejos..., amores..., palavras..., obras..., tudo..., tudo é santo...

Diante desta maravilha de santidade..., deste «espelho sem mancha», contempla o teu coração e compara...; percorre as suas virtudes e perfeições, e cada uma delas descobrirá no teu um vício..., uma falta..., uma imperfeição... — Estuda com afinco o Coração da tua Mãe e deste estudo proveitosíssimo, tirarás uma maior estima e amor para com ele..., um maior desprezo e aborrecimento do teu coração... e das faltas e imperfeições que o mancham...

3.° *Formosura*. — Naturalmente, tal santidade torna este puríssimo Coração, verdadeiramente encantador aos olhos de Deus e de todas as criaturas..., anjos e homens que o

contemplam. — Se o Coração de Maria é santo com a santidade participada do mesmo Deus..., é também formosíssimo com a beleza de Deus...

Haverá coisa mais bela e formosa que o seio da Divindade..., que o Coração de Deus, sendo Ele a fonte, a causa e a origem de toda a formosura? ... Se o sol desaparece, todos os seres da terra perdem a beleza...; pois esta não se pode conceber sem a luz do sol... É assim a beleza e formosura das almas...; sem Deus, não haveria beleza material nem espiritual... nem sobretudo a beleza sobrenatural das almas.

Qual será, por isso, a beleza e formosura do Coração da Santíssima Virgem, participando a tal ponto da de Deus, que a nossos olhos parece confundir-se com Ele? E como a formosura verdadeira é a do coração... pois a exterior é apenas um reflexo da interior... contempla a beleza de Maria espalhada por toda a sua pessoa... reunida e acumulada em seu Coração...

A Igreja, encantada, aplica-lhe todas as expressões da Sagrada Escritura que se refiram a beleza...: «quão formosa és, quão formosa...; tão formosa, que és toda bela, sem a menor mancha que afeie a tua beleza...; tão formosa, que chegaste a ferir com ela o Coração do Divino Esposo...; tão formosa, que vieram as filhas de Jerusalém louvar e bendizer a tua formosura... a graça e o encanto espalharam-se nos teus lábios... e por isso Deus te abençoou desde a eternidade...; com o esplendor da tua beleza sem par, caminha pròsperamente e domina os corações como rainha da formosura»...

4.º *O teu coração.* — Aplica agora ao teu coração tudo o que fica dito. — Deus quer fazer-te participar dessa excelência..., dessa santidade..., dessa formosura, com que adornou o Coração de sua Mãe...; quer que o teu coração seja também semelhante ao seu... porque deseja também pôr em ti as suas complacências.

Pôde dizer do Filho de Maria: «Este é o meu Filho

muito amado em que pus todas as minhas complacências»... Também o quer dizer de ti...; quer que sejas, como Jesus, filho de Maria e seu filho por adopção..., por graça... e por meio desta filiação, estabelecer contigo a união... a comunicação que teve com o Coração de Maria... e tornar-te assim participante da sua própria vida divina.

O Espírito Santo deseja que o teu coração seja o seu templo e santuário... e para isso o aformoseia e dignifica por meio da sua graça... Ditoso o coração que é escolhido para trono da Santíssima Trindade!... Mil vezes ditoso o coração que sabe corresponder a essa altíssima dignidade!...

E o teu coração?... Notas efectivamente que assim deves tratar e contemplar o teu coração?... Aprecias o dom de Deus que te convida a participar da sua vida divina?...

Pensa demoradamente sobre este assunto. — Examina se o teu procedimento se coaduna com este plano ideal, concebido pela sabedoria e bondade de Deus para teu bem... Verifica se realmente te esforças por dirigir e unificar as tuas intenções..., os teus desejos e afectos..., os teus carinhos e amores para com o Sacratíssimo Coração de Jesus, por meio do Coração de Maria. — Vê, se na verdade, este Coração imaculado é o modelo que procuras imitar... se de facto procuras assemelhar-te com Ele na união e comunicação inefável com Deus que foi a fonte e a raiz da sua excelência..., santidade e formosura...

Pede à Santíssima Virgem que seja a Mediadora, na entrega do teu coração a Jesus... Dá-o a Ela em primeiro lugar..., total..., séria..., eficaz... e permanentemente, dando-lhe liberdade para que faça o que julgar mais conveniente, até chegar a adaptar o teu coração ao de Jesus, de maneira que fiquem semelhantes.

69. O Coração da Santíssima Virgem

1.° *Ordem perfeita.* — Eis outra maravilhosa perfeição que adornava extraordinàriamente o Coração Imaculado de Maria, tendo íntima relação com a beleza e formosura do mesmo... — A ordem é um elemento essencial na formosura. — Santo Agostinho chega a definir a beleza como: o *esplendor da ordem.*

A ordem no coração consiste em moderar e dirigir todos os seus movimentos, de acordo com as normas estabelecidas por Deus...; em toda a ordem é necessária uma norma... Pensa, por exemplo, qual a melhor maneira de colocar e ordenar os livros de uma biblioteca, segundo uma regra determinada..., quer seja o tamanho... a antiguidade..., as matérias que versam... a encadernação ou apresentação que têm, etc...

Toda a ordem depende, por isso, dessa norma, que ordena verdadeiramente todas as coisas, colocando-as no seu devido lugar. — Pois o coração também tem a sua norma; e a vontade, o entendimento, os sentidos e todas as potências do homem têm de submeter-se à regra que os sujeita à vontade de Deus... e desse modo haverá ordem no entendimento, quando submete os seus juízos ao juízo de Deus... e conforma os seus pensamentos com os pensamentos de Deus..., e na vontade a ordem consistirá em amar cada coisa segundo o seu merecimento, mas sempre com um amor inferior ao que se tem a Deus... pois a regra do amor é

amá-lO sobre todas as coisas; e a norma que rege os sentidos exigir-lhes-á que se submetam à razão... e que nunca se deixem arrastar pelos caprichos..., pois estes não são, nem podem ser nunca, uma regra de verdadeira ordem...

Finalmente, haverá ordem no coração e em todo o nosso ser, quando se seguir a vontade de Deus, manifestada interiormente pelos impulsos da graça e pelas inspirações divinas. — Que espectáculo haverá mais belo e atraente que o da ordem?... não o tens admirado com frequência nas obras da natureza?...

Contempla o céu estrelado e pasma ao ver aqueles globos gigantescos movendo-se com velocidades vertiginosas, não obstante as suas massas grandiosas, e como está tudo tão perfeitamente regulado, que não há choques nem roces que venham a produzir verdadeiros cataclismos...

Tudo na natureza aparece deste modo com a ordem maravilhosa dada pela sabedoria infinita. — Sòmente o homem..., sòmente o coração humano abusando do poder da sua vontade... e do dom da sua liberdade... parece ter o gosto de desprezar essa ordem divina... e de viver em contínua desordem... Que tristeza que assim seja... e, não obstante, por muito sublime e encantador que seja o espectáculo da natureza tão sàbiamente ordenada, não há nada tão admiràvelmente belo, como um coração bem ordenado... um coração cujos movimentos sejam todos dirigidos por Deus e para Deus... É assim o teu coração? Ou pelo contrário, é infelizmente a desordem que reina nele?...

E talvez uma desordem completa..., absoluta..., desoladora e total. — Desordem nas paixões violentas..., nos sentidos pouco ou nada mortificados... Medita, por exemplo, na tua lingua..., nos teus olhos..., na desordem do teu coração com tantos desejos maus... tanta corrupção... inclinações tão perversas..., carinhos e amores perigosos, se não forem já pecaminosos.

Se todo o pecado..., toda a falta e imperfeição é uma

desordem, como será a que reina em teu coração, sendo tantas as faltas e os pecados que nele se escondem?...

Não esqueças que a lei suprema para ordenar a tua vida e o teu coração é esta: *O homem foi criado para louvar... reverenciar... e servir a Divina Majestade.* — Como cumpres esta lei?... A resposta a esta pergunta dar-te-á uma noção clara da ordem da tua vida, e portanto da tua perfeição. — Examina-a atentamente diante de Deus e da Virgem Santíssima...

2.º *Simplicidade absoluta.* — E a causa desta desordem é sem dúvida, a contínua agitação da vida que actualmente vivemos... Quantos objectos exteriores e sensíveis.... quanto ruído e movimento no mundo exterior..., quanta ansiedade e solicitude no nosso interior, causadas pelas paixões..., pelos cuidados da vida..., pelas tormentas da alma..., pelas impressões que tantas brechas produzem em nosso coração!... Quer dizer, vivemos uma vida de variedade tumultuosa, de sucessos e acontecimentos que nos impressionam demasiadamente, complicando e absorvendo toda a nossa actividade. — Falta-nos a virtude da simplicidade, que dá unidade e simplifica todas as impressões e agitações do coração...

Que admiràvelmente nos ensinou Jesus esta simplicidade no episódio de Marta e Maria... Marta é o protótipo da actividade tumultuosa..., da perturbação e agitação constante, nascida da imensa variedade de actos em que deseja multiplicar a sua actividade... Maria, ao contrário, é o modelo da simplicidade..., o modelo das almas que têm gravadas no coração aquelas palavras: «Uma só coisa é necessária»... e essa unifica de tal modo a variedade dos acontecimentos prósperos ou adversos da vida, que parece nada a impressionar..., nada a interessar... procurando sòmente não perder a *melhor parte* que escolheu.

Se desejas ordenar o teu coração, é indispensável que pratiques esta simplicidade nos teu pensamentos.... nos teus afectos... nas tuas intenções e nas tuas obras. — Simplifica

os teus *pensamentos* com a lembrança da presença de Deus..., Vendo Deus em toda a parte... e a Ele como fim último, dirige e até sacrifica, se necessário for, qualquer outro pensamento. — Se tivesses bem fixo em teu coração este pensamento, perturbar-te-iam tantos outros, que sem cessar te apresentam o mundo, o demónio e a carne?...

A simplicidade nos *afectos*, dará uma unidade maravilhosa aos que te agitam o coração, com o fim de o ligar desordenadamente a alguma criatura... Quão difícil! Quão impossível será a um coração manter-se firme, deixando-se arrastar por toda a espécie de afectos.

Pelo contrário, o coração que se dirige sòmente para Deus... que guarda para Ele todo o seu amor, amando-O sobre todas as coisas... e amando todas as coisas n'Ele e por Ele, é um coração perfeito..., é um coração santo.

E finalmente, a simplicidade de *intenção* pede-te que dirijas os teus actos sòmente para Deus... que trabalhes e te fatigues por Ele, que é o único fim e objecto digno da tua solicitude... dos teus cuidados..., e de toda a tua actividade.

Observa o mundo e pergunta-te: Quantas almas praticam esta *simplicidade de pensamentos..., de afectos..., de intenções?...* É por isso que tiram tão pouco fruto, mesmo das suas boas obras e da devoção..., visto entrar nestas também a agitação que é tão contrária à simplicidade e candura do coração. — Observa também o teu e repara se anda agitado e azafamado talvez inùtilmente, por falta de simplicidade..., por se esquecer de que só uma coisa é necessária...: o amor e o serviço de Deus... por quem ùnicamente deves trabalhar.

3.º *O Coração de Maria.* — E tudo isto não é uma mera teoria, pràticamente difícil ou irrealizável...; talvez o demónio te convença disso para te desanimar... Vence esta tentação pondo diante dos olhos o puríssimo e imaculado Coração da Santíssima Virgem. — Nele tens toda esta teoria

realizada pràticamente, e de um modo maravilhoso... Nele tens o modelo, que Deus te concede, não só para que o admires, mas sobretudo para o imitares.

Porque efectivamente, o Coração da Santissima Virgem é muito imitável... na ordem perfeitissima e na absoluta simplicidade que nele reinou. — Considera Maria como um admirável compêndio da ordem mais harmoniosa, e tão harmoniosa que todos os seus pensamentos..., desejos..., olhares..., o movimento mais insignificante do seu corpo... tudo estava n'Ela maravilhosamente regulado.

Se dissemos que toda a falta e imperfeição é uma desordem, é fora de dúvida que não existindo a menor falta em seu Coração, não existiu também a menor sombra de desordem. — Vai percorrendo todas as faculdades da Santissima Virgem: entendimento..., vontade..., memória..., sentidos..., tudo n'Ela está sujeito à norma suprema que regula o coração do homem... — Como cumpriu o preceituado naquela frase: «o homem foi criado para louvar, reverenciar e servir a Deus»?

Compara o olhar que antes lançaste sobre o teu coração. com esta contemplação do Coração de Maria. Talvez não haja desordem que, em maior ou menor grau, não viceje no teu coração...; ao de Maria, pelo contrário, podemos aplicar aquele repto de Cristo aos seus inimigos: «quem me arguirá de pecado»?... Quem poderá descobrir alguma desordem no Coração de Maria?... Porque não A procuramos imitar nisto?

E quanto à simplicidade e unidade, onde será possivel encontrar um modelo semelhante? Unidade de pensamentos..., de afectos..., de intenções... sempre e em tudo, unidade e simplicidade... em tudo..., unindo o seu Coração ao de Jesus..., era essa a sua única intenção..., o único fim de todos os seus actos.

O Coração de Jesus aconselhou Santa Margarida a unir as suas intenções às de seu divino Coração, visto que daí em diante as mais pequenas acções passariam a mere-

cer-lhe torrentes de graças... E então, que teria aconselhado a sua Mãe?... E como cumpriria Ela este desejo de unificar a sua vida..., as suas intenções..., o seu Coração com o de seu Filho? Ora, dizendo d'Ele que fez tudo bem, não se poderá dizer o mesmo da Santissima Virgem, precisamente por esta unidade..., por esta simplicidade?— Pede a Maria a graça de a imitares nesta unidade, para que todo o teu coração, desprezando as criaturas, corra a unir-se por meio d'Ela ao Sacratissimo Coração de Jesus.

70. O Coração da Santíssima Virgem

1.° *Penas e sofrimentos.* — Já dissemos que o coração é a sede, ou pelo menos, o símbolo do amor... e por isso mesmo, sê-lo-á também da dor. — O coração que ama é o que sofre:... quanto mais fiel e seguro for o amor, maior será a intensidade das suas dores e sofrimentos.

O Coração de Maria tinha de ser um Coração de Mãe, mas de *Mãe Dolorosa*... e por conseguinte, o seu Coração aparece sempre trespassado por uma espada cruel e penetrante. — Quanto sofreu este amorosíssimo Coração!... Quem o poderá imaginar ao menos?

Antes da Paixão, conhecendo perfeitamente tudo o que os profetas tinham anunciado de seu Filho, predizendo os grandes padecimentos que teria de suportar para a salvação dos homens, o seu Coração andava continuamente inundado de dor. — Já na lapinha de Belém, contemplando a pobreza e miséria da mesma, de mistura com o desconhecimento e desprezo que da parte dos homens acompanhou o nascimento de seu Filho..., que dor profunda sentiria o seu delicado Coração de Mãe!... Segue os mistérios da vida de Jesus, e verás como a cada um corresponde uma nova dor no Coração da Santíssima Virgem.

As inquietações da fuga e desterro no Egipto..., a perda do Menino... e antes ainda a Apresentação no Templo com a profecia de Simeão..., tudo isto não era o prelúdio terrível

e penosíssimo das espantosas angústias da Paixão? ... — Quando esta se aproximou, aquele Coração converteu-se num oceano imenso de águas amaríssimas... realizou-se plenamente a profecia de Simeão, pois uma espada de dor penetrou n'Êle como em nenhum outro coração humano.

Segue-a, apesar de já o teres feito noutras meditações...; segue-a de perto..., entra no seu Coração e procura compreender o sofrimento espantoso de Maria, ao ver Jesus preso à coluna da flagelação, feito uma chaga viva à força de açoites...; ao contemplá-lo como Rei de comédia com a coroa de espinhos, a cana e a púrpura em farrapos...; ao escutar os gritos daquele povo...; o povo de Deus!... o povo escolhido que havia séculos e séculos esperava pelo Messias!

Acompanha a Santíssima Virgem, na subida ao Calvário... Que generosidade a sua!... Mas também que dor!...

Ela presenciará as cenas mais cruéis e espantosas..., as repetidas quedas sob o peso da cruz..., as horríveis marteladas para atravessar aqueles pés e mãos..., o levantamento da Cruz, com a imagem desfigurada pela dor e sofrimentos de seu Filho...; em seguida, as três longas horas de agonia. — Não notaste já muitas vezes, quando a agonia de um ser querido se prolonga muito, como se chega a desejar que morra depressa, pois o coração não pode assistir ao espectáculo de uma agonia lenta?... Como estaria o Coração de Maria durante a agonia de seu Filho?

Seguidamente, ao escutar as suas palavras..., ao compreender aquela troca de filhos... deixando o filho divino pelo filho ingrato e pecador, de quem começava a ser Mãe...; ao vê-lO expirar...; ao contemplar cheia de horror a última lançada... e ao observar como aquele divino Coração se abria, rasgando-se ao mesmo tempo o seu também pela violência da dor...; finalmente, quando o estreitou nos braços e o apertou pela última vez contra o coração, retirando-se na tristeza assombrosa daquela noite, para chorar a sua soledade, que inteligência... ou que coração poderá abarcar

e compreender em toda a extensão o sofrimento do Coração de Maria?— Detém-te nesta consideração, ponderando a grandeza desta dor.

2.º *Causas.* — A primeira das causas que mais contribuíram para atormentar o Coração de Maria foi o seu ardente amor a Deus... e o imenso desejo que a abrasava, de procurar a sua glória... a qual Lhe devia ser tributada por todos os corações... e por conseguinte, o horror espantoso que lhe causava todo o pecado, pois via nele um inimigo de Deus e das almas, que além do prejuízo a estas causado, procurava também atingir o próprio Deus, atacando todas as suas perfeições.

Nunca chegaremos a compreender bem quanto isto atormentaria o Coração de Maria, porque o nosso amor é muito diferente do seu... e por isso, umas vezes somos nós os que pecamos, ofendendo a Majestade divina... outras vemos com certa indiferença os pecados alheios, sem termos a coragem de os desagravar... ou se possível for, de trabalhar com todas as nossas forças, para evitar, ou ao menos diminuir esses pecados.... e finalmente por falta de verdadeiro amor de Deus, não nos dedicamos como era nosso dever, à sua glória e serviço, e não lhe damos o nosso coração com generosidade.

Não compreendemos a dor e o sofrimento do Coração de Maria ao ver que nesse momento e depois os corações dos homens antepunham as suas paixões e caprichos à glória do próprio Deus.

Outra causa foi o amor que dedicava a todos nós... e porque nos amava com um amor semelhante ao que tinha a Deus..., o ardentíssimo desejo da nossa salvação e santificação. — Considera o que fizeram alguns santos... podemos dizer, todos, pela salvação dos seus irmãos... Recorda um S. Paulo, sofrendo e padecendo tanto nas suas viagens apostólicas e chegando a desejar ser anatematizado, se necessário fosse, pela salvação das almas... Um Santo Agostinho, que

escreve semelhantemente: *Já não quero a minha salvação, se vos não salvais*... Um Xavier a quem parecia nada o maior sofrimento, contanto que se salvasse uma alma... E do mesmo modo todos os Apóstolos..., todas as almas santas... Por isso, qual seria o amor de Maria, que, melhor do que ninguém conhecia o valor de uma alma..., o amor que Deus lhe tem, e que Ela, consequentemente, lhe devia ter, amando-a com um amor sòmente inferior ao de Deus, mas muito superior ao de todos os santos e Apóstolos.

Semelhante a esta causa ou dela derivada, vem a terceira, que foi o seu conhecimento da vida, paixão e morte de seu Filho... Para quantas almas seria inútil a Redenção!... Quão poucas se santificariam com o sangue tão generosamente derramado pelo Cordeiro Divino!... E veria como haviam de passar os séculos..., como passaram já vinte, e ainda a maior parte do mundo seria pagão... e até o mundo católico e cristão viveria na quase totalidade paganizado... e até as almas consagradas especialmente ao serviço de Deus, haviam de ser muitas vezes as que mais feririam o Coração de seu Filho... Como não havia de sofrer com tudo isto o Coração de Maria?... E para isso, diria, derramou o meu Jesus todo o seu sangue... para que continuem a triunfar em toda a parte o paganismo... o ódio a Deus... a indiferença e frieza no seu serviço... o egoísmo, a sensualidade e o amor próprio?...

3.º *Gravidade.* — E aí tens indicadas também as razões da extrema gravidade..., da aspereza infinita, em certo modo, dos sofrimentos do Coração de Maria... — Sofria como Mãe de Deus e como Mãe dos homens... como Corredentora do mundo...; por isso a sua dor não era uma dor humana... e nunca poderemos entender ou imaginar sequer a profundidade e extensão desta dor.

Segundo o Profeta, Jesus devia ser o *Homem das dores... transformado num verme desprezível...*, *no escárnio dos homens*... Assim tinha de ser o Redentor... assim tinha de

levar a cabo a sua obra... Logo, como seria a Corredentora?... Não tinha de ser necessàriamente a *Mãe da dor*? Não devia sofrer em seu corpo tormentos físicos...; e por isso todos os sofrimentos se lhe acumulariam forçosamente no Coração...

Já dissemos de acordo com os Santos Padres, que todos os padecimentos sofridos por Jesus em seu Corpo Sacrossanto sofreu-os Ela todos, um por um, no seu Coração Imaculado.

Este Coração tão cruelmente despedaçado pela duríssima espada, será eternamente o modelo das almas que sofrem... e ao mesmo tempo o doce arrimo e o divino bálsamo que as console e anime em suas dores.

Aprende a observar nos teus sofrimentos, este Coração dolorido... Quanto nele podes estudar e aprender!... verás que muitas vezes foste a causa dos seus padecimentos..., que pela tua conduta indigna e miserável cravaste milhares de vezes essa espada no Coração da tua Mãe. — Deves notar igualmente a obrigação que te cabe de expiar com o sofrimento, os teus pecados e os dos outros... — Maria nunca pecou e contudo, expiou... Tu portanto que deves fazer?... Talvez fujas da dor... revoltando-te contra Deus quando te castiga justamente... Não evitas sempre a Cruz?... Enfim, vê como tens de sofrer..., e se sabes contemplar esse Coração trespassado, esse olhar suavizará as tuas penas e sofrimentos, pois nesse momento compreenderás quanto é doce padecer por Deus à imitação e em companhia do Imaculado Coração de Maria

Roga-lhe muito fervorosamente, que não te livre do sofrimento, mas que te ensine a enobrecer..., a divinizar as tuas penas, comunicando-te os méritos das suas...

71. O Coração da Santíssima Virgem

1.º *Coração de Mãe.* — Outro dos simbolismos que acompanham a imagem do puríssimo Coração de Maria, é o fogo ou as chamas que cercam... Este Coração está envolvido completamente numa atmosfera ardente e abrasada que rompe em labaredas de um incêndio divino, em que se consome interiormente, e que se manifesta no exterior, como desejando prender e propagar-se a outros corações...

É evidente que estas chamas e este fogo significam o amor ardentíssimo, encerrado no Coração Imaculado de Maria.

E antes de mais nada, considera que este amor é um amor de Mãe... e com isso fica dito tudo o que acerca do amor natural de Maria se pode dizer... Que coisa mais admirável... mais sublime que o coração de uma mãe? Onde encontrar na terra um amor que melhor mereça este nome?... Onde um amor que mais se pareça com o amor de Deus?...

Já dissemos que o homem é o que é pelo seu coração... e que, portanto, o amor retrata e resume todo o homem... Do mesmo modo podemos também dizer que tudo o que na terra é amor, está compendiado no coração de uma Mãe... e que o coração de mãe é a obra-prima saída das mãos do Criador.

O próprio Deus, quando quer falar do seu amor aos homens... e que estes saibam até onde chega o seu amor...

compara-se a uma mãe, e diz-nos:: «será possível a uma mãe esquecer o seu filho»? — O coração de mãe é como um oceano de amor que não tem limites...; por isso não há nada que com ele se possa comparar.

Esta é a razão por que, tendo-nos dado a natureza muitos amigos... muitos irmãos e parentes que nos estimem e nos amem verdadeiramente, só nos deu uma mãe, porque ninguém nos amará como ela... Quantas maravilhas encerrou Deus no coração da mãe!... Que terá feito com o Coração de Maria? Não é Ela Mãe?... E quem mais mãe do que a Virgem Santissima?... Se é Mãe de Deus!... e Mãe de todos os homens?... como será então o seu Coração?... Quanto amor n'Ele haverá?...

Demora uns instantes nesta consideração dulcíssima sobre o Coração da Mãe de Deus... e da Mãe dos homens...

2.° *Coração da Mãe de Deus.* — Parece causar um certo medo entrar nas profundidades deste grandioso e sublime mistério... Maria Mãe de Deus!! Haverá coisa mais incompreensível!... tanto da parte de Deus, querendo ter uma mulher para sua Mãe verdadeira..., como da parte de Maria chegando realmente a ser Mãe de Deus. — Concentra-te neste pensamento que encerra maravilhas infinitas.

Segundo ele, Maria foi o princípio da vida terrena de Deus, que isso quer dizer Mãe... dar vida a outro ser...; logo Maria deu a vida humana ao Filho de Deus, que por isso começou a ser verdadeiro filho seu.

Santo Agostinho ao pensar nisto, extasiava-se na contemplação deste mistério... procurando compreender como podia ser esta dulcíssima realidade de «a carne de Cristo ser a carne de Maria».

E com efeito: a sua carne..., o seu sangue... a sua vida... o seu coração foram, na verdade, a carne e o sangue, a vida e o coração de Deus!... Um só coração dando a mesma vida a Deus e a Maria!... Não é isto o cúmulo das maravilhas e grandezas de Maria?

O Filho de Deus era exclusivamente seu Filho... sem intervenção de nenhuma outra paternidade, além da de Deus...; por isso é mais mãe que nenhuma outra mãe... — Deus e Ela... ninguém mais interveio nesta admirável maternidade. — Mãe alguma pode dizer com maior razão do que Ela, ao estreitar o filhinho nos braços...: «és mêu e todo meu»...

Nesta conformidade, se Cristo foi verdadeiro Homem..., se teve um corpo susceptível como o nosso, de sofrer e padecer..., se teve um coração humano semelhante ao nosso, capaz de enternecer-se e sentir como próprias, as nossas penas e misérias..., lembra-te que foi por Maria.

E ainda podemos acrescentar que tudo isto se deve ao puríssimo Coração de Maria, pois como nota o mesmo Santo Agostinho, *Maria é Mãe de Jesus... Mãe de Deus... muito mais segundo o espírito que segundo a carne...* Maria concebeu portanto a Jesus no seu Coração...

Daí já podes concluir quanto sejam sublimes as semelhanças entre o Coração Maternal de Maria e o Coração do Menino Deus! — Tão grandes e incompreensíveis são essas semelhanças que a humanidade de Maria, parece, a nossos olhos, desaparecer para se fundir na própria divindade..., apagando-se deste modo a infinita distância que separa Deus da sua criatura...

3.º *Coração da Mãe dos homens.* — E com este mesmo amor, verdadeiramente divino, nos ama também a Virgem Santíssima. — Nem podia ser de outro modo... Somos seus filhos!... Ela é, na realidade a nossa Mãe?... Como não há-de ter este Coração de Mãe para com os homens?... Nunca certamente o Coração de Maria esteve separado em seu amor, do de seu divino Filho!... — Ele foi principalmente o objecto do seu amor... Era o seu primogénito!... E até em sentido verdadeiro, era o seu filho único!... Mas n'Ele e com Ele é também num sentido certo e verdadeiro, éramos também seus filhos. Maria considerava-nos como

desgraçados filhos de Adão, que nos conduzira à morte e à ruína..., mas que, pela graça e misericórdia de Deus, tínhamos sido regenerados em Cristo... voltando à vida de Cristo..., contudo, por seu intermédio, e por isso, éramos e seremos sempre *filhos de Maria*... Que Mãe a nossa!... Que amor do seu Coração maternal para connosco!...

Evidentemente que esse Coração se abrasa e consome numa atmosfera de fogo divino, semelhante à que abrasa o Coração Sacratíssimo de Jesus...

E este amor de Mãe manifestou-o claramente ao consentir nesta maternidade que acompanhava a maternidade divina, oferecida pelo Anjo da Anunciação...; com o seu *fiat* Maria aceitou ser Mãe de Deus e Mãe nossa...; sabe que essa é a vontade de Deus e não repara nem faz distinção entre uma e outra maternidade...; Não aceita a primeira e recusa a segunda. — O seu Coração amantíssimo abraça-se com as duas: grandiosa... sublime a primeira..., triste, penosa..., e difícil a segunda...

Contempla aquele Coração que foi a causa decisiva da Encarnação do Verbo..., da salvação dos homens..., de que Ela fosse a nossa Mãe... Tudo brotou daquele amantíssimo e maternal Coração.

Repara bem noutra prova ou manifestação desse amor maternal... Está junto da cruz..., ali cumpre o que prometeu..., ali se realiza o seu *fiat*..., pois é ali que pública e solenemente é declarada nossa Mãe... Mas quanto isso lhe custou?... Quem poderá adivinhá-lo? ... Aquela Mãe tem tanto amor aos filhos que não duvida sofrer e sacrificar-se por eles. — Venera por conseguinte no Coração de Maria o maior amor de uma Mãe a seus filhos... porque nesse Coração realizou-se para bem deles o sacrifício mais heróico.

4.º *Teu coração filial.* — Se tens de corresponder ao plano de Deus... e não queres ser uma nota discordante neste conjunto harmonioso da obra mais divina de Deus, — a Redenção e salvação das almas..., — deves ter um amor

filial para com essa Mãe que Deus te concedeu...; seria um absurdo e um contra-senso exigir a Maria que nos amasse com coração de Mãe em conformidade com o plano de Deus... e não a amássemos nós com o amor de filhos..., e muito maior seria esse absurdo se a causa de não lhe dedicarmos esse amor, fosse a falta de generosidade... isto é: se este amor nos pedisse algum sacrifício..., e não tivéssemos vergonha de lho recusar...; onde encontrar palavras para qualificar este procedimento?...

E no entanto, por muito monstruoso que seja esta suposição... o que é de espantar é que verdadeiramente assim suceda..., não sendo portanto uma suposição, mas uma triste realidade. — Olha para o teu coração e esse olhar confirmará a verdade... Quando um coração não ama a sua Mãe da terra considera-se monstruoso... e do mesmo modo não o será também quem não ama a Mãe do Céu?...

Examina cuidadosamente o coração e verifica se o monstro da ingratidão habita nele..., se assim procedes na prática, embora com a boca digas o contrário...; vê bem se ele está disposto a qualquer sacrifício por amor da tua Mãe... ou se tens de chorar muitas cobardias e faltas de generosidade neste ponto...

Pede-lhe perdão..., e tem coragem...; aproxima-te dessas chamas..., desse fogo do Coração de Maria..., ali aquece-o... abrasa-te... apaga todo o amor próprio..., toda a sensualidade..., toda a paixão que te afasta desse amor... S. Paulo dizia: *Se alguém não amar a Jesus Cristo, seja maldito*. Não poderemos dizer o mesmo de Maria? Evidentemente que sim. Será amaldiçoado por Deus eternamente quem não amar a Maria com amor filial... quem renunciar à maternidade dulcíssima da Virgem Maria...

72. O Coração da Santíssima Virgem

1.º *Coroa de flores.* — Ao contemplar a imagem do puríssimo Coração de Maria não podemos deixar de fixar-nos na coroa de flores que o circunda e no simbolismo que encerra. — Ressalta imediatamente a grande diferença que existe entre a coroa do Coração Sacratíssimo de Jesus... tecida inteiramente de espinhos duros e agudíssimos..., e a de flores e rosas do Coração de Maria.

E contudo não há qualquer diferença. — Já dissemos que as palpitações destes dois dulcíssimos Corações eram a uníssono...: os sentimentos de um encontravam no outro eco perfeitíssimo... e por isso mesmo os espinhos do Coração de Jesus feriam também o Coração de sua Mãe. — A única diferença consiste no simbolismo diverso que se quis exprimir com essas coroas... a coroa de espinhos significa a ingratidão dos homens para com o amor de Jesus... a coroa de rosas e flores, a formosura encantadora das virtudes de Maria que têm por base precisamente o seu Coração. — Mas repara que nem a coroa de espinhos se dá sem flores..., nem a de rosas sem espinhos.

Todas as almas santas que generosamente quiseram unir-se ao Coração de Jesus sem temerem a dureza dos seus espinhos, ficaram surpreendidas vendo que estes perderam a aspereza...; o amor divino suavizou-os de tal modo, que esses espinhos transformaram-se em riquíssimas flores de perfume delicioso... Não o duvides... e na dúvida, tira a prova..., consagra-te generosamente ao amor de Jesus...

procura entrar no seu divino Coração..., e apesar da cruz e espinhos que o rodeiam, sentirás doçuras que nem suspeitavas... e uma felicidade desconhecida.

É esse o «Tesouro escondido»... tesouro infinito que enriquece as almas e as torna felizes..., mas está escondido detrás dos espinhos e da cruz. — Desgraçadamente as almas que se assustam e se acobardam à sua vista... nunca chegarão a saborear o mel preciosíssimo que ali se esconde.

É por essa razão que o Coração de Maria está rodeado de flores. — Ninguém como Ela se abraçou com os espinhos do Coração de seu Filho... e esses espinhos transformaram-se em flores e rosas encantadoras das mais sublimes virtudes. — Entendeste bem o que tudo isto significa para ti pràticamente?...

Abraça-te com os espinhos do amor de Cristo e no teu coração imediatamente florescerão as flores que mais adornem a tua alma.

Por isso, à vista do Coração de Maria exclama: Ah! quantos espinhos interiores escondem essas flores... quão terríveis aflições lhe custaram no coração todas e cada uma dessas flores...; e ao contemplar o Coração de Jesus, diz à tua alma: esses espinhos foram enterrados pela tua indiferença... tibieza e falta de correspondência ao seu amor... Logo esses espinhos deviam ferir-te a ti e não a Ele...

Basta de espinhos para Jesus..., todos para ti... e essa generosidade em abraçar-te com eles por seu amor, cobrirá de flores o teu coração à semelhança de Maria.

Assim o fizeram todos os santos. — Lembra-te, se quiseres, da santidade das rosas e das flores..., de Santa Teresinha do Menino Jesus... Quanto se deixou encantar pelas flores do Coração de Maria!... Mas, quem poderá calcular o número de espinhos... quer dizer, de sofrimentos, de mortificações... que cada rosa exterior representava no interior do seu coração?... Pede à Virgem Santíssima que sejas, como esta santinha, muito amigo das flores e das rosas, não

do mundo, que nada valem... ainda que pareçam formosas é só na aparência, e nada mais... mas das flores verdadeiras.... as únicas que são formosas..., as que brotam no coração rodeadas pelos espinhos do sacrifício. o qual sempre exige amor.

2.º *Açucena virginal.* — E entre todas essas flores que formam a coroa do Coração de Maria, uma se destaca ao centro, elevando-se ainda acima do Coração. — É uma alvíssima açucena...: é claro o seu simbolismo. — Se as flores dessa coroa significam as virtudes do Coração de Maria, que simbolizará essa açucena que brota com maior pujança e louçania, no próprio centro do Coração?... O povo cristão respondeu a esta pergunta chamando o Coração de Maria *puríssimo* e *imaculado*...; são as palavras com que sempre o qualifica. — Sua pureza imaculada!... É a mais alta característica de Maria...; também devia sê-lo do seu Coração.

Falámos já em várias meditações, desta preciosa virtude, e do amor que Maria lhe dedicava, mas é impossível meditar sobre o Coração de Maria sem nos determos de novo nesta matéria tão formosa e importante.

Tão bela é esta pureza imaculada de Maria que a Igreja não duvida aplicar-Lhe as palavras com que a Sagrada Escritura se refere à imaculada pureza da sabedoria divina...; e assim, referindo-se a Maria, diz que é «o esplendor da luz eterna..., a imagem da bondade de Deus..., o espelho sem mancha da santidade infinita».

Podemos conceber de dois modos esta pureza do imaculado Coração da Santíssima Virgem: uma *negativa*, enquanto significa negação de toda a espécie de pecado... assim Maria aparece-nos sob este aspecto, sem a menor mancha..., sem a mais leve sombra... sem a mínima imperfeição...

Ainda as almas mais santas não puderam fugir a estas misérias, filhas da nossa debilidade...; o facto de terem esses defeitos, muitas vezes involuntários, que nascem e

morrem com o homem... em nada vem diminuir-lhes a santidade..., mas não foi assim o Coração de Maria..., não teve faltas involuntárias... nem casualmente caiu alguma vez sobre aquele Coração qualquer coisa que o manchasse, ou que por um instante sequer, o tornasse desagradável aos olhos de Deus... O Senhor defendia-a para que o inimigo nada pudesse contra Ela... Que coração tão formoso..., tão puro..., cândido e imaculado!

Entra ainda um pouco mais na raiz desta pureza encantadora... e esta raiz é outro modo de concebê-la..., é a chamada *pureza positiva*, porque não consiste em qualquer coisa negativa..., nem na mera ausência de manchas..., mas sim na participação positiva da mesma pureza de Deus. — A ausência de pecado é condição necessária para que Deus se compraza em uma alma..., porém o sublime... o maravilhoso... o divino para essa alma será quando Deus se lhe entregar... comunicando-se-lhe... e fazendo-a participante da sua própria vida, por meio da graça.

A graça santificante, inundando a alma é a beleza positiva..., a pureza verdadeira que reflecte claramente a imagem de Deus. — Pensa pois, em Maria e na sua pureza... como seria aquele Coração que *Deus possuiu desde o princípio...* — Compreende o alcance das palavras angélicas: *O Senhor é convosco.* — Deus mora permanentemente no Coração de Maria e é essa a razão porque é puríssimo e imaculado negativa e positivamente...: não tem sombras..., não tem manchas..., tem em troca a plenitude da graça de Deus... tem positivamente a mesma pureza de Deus..., tem o próprio Deus.

Mas há mais..., muito mais...; não imagines esta pureza ùnicamente como uma graça recebida de Deus, de tal modo que Maria se portasse só passivamente...; não foi um espelho muito limpo ou muito claro, mas morto, que se limitasse a a reflectir os poucos ou muitos raios que sobre eles incidem. — Maria recebia os raios de luz..., de graça... de santidade,

que Deus lhe enviava, aos quais correspondia, em seu Coração puríssimo, com um novo acto de amor de Deus... de maneira que este Coração maravilhosamente activo, quando recebia alguma graça, era quem excitava com seu amor, sempre crescente, o Coração do próprio Deus.

3.º *Tua coroa.* — É essa a coroa que deves procurar para o teu coração... coroa de espinhos pelo sacrifício... pela mortificação das tuas paixões, afastando todo o pecado... e assim adquirirás a pureza negativa, a primeira rosa que brotará desses espinhos. — E Deus ao ver-te assim..., ao contemplar o teu Coração com essa pureza..., e portanto com a preparação necessária e indispensável para se dar e comunicar..., dar-se-á gostosa e generosamente ao teu coração.

Corresponde ao amor de Deus com o teu trabalho..., com o teu esforço..., com a tua cooperação, e nesse momento serão inumeráveis as rosas que brotarão desses espinhos..., e as virtudes que se radicarão cada vez mais sòlidamente no teu coração... e assim finalmente, o teu coração tornar-se-á semelhante ao de Jesus pelos espinhos do sacrifício do amor... e ao de Maria pelas rosas das suas virtudes que copiaste na tua alma...

E tudo isto consegui-lo-ás pela pureza *negativa,* com a qual à imitação de Maria, afastaste o pecado para longe do coração...; pela pureza *positiva* cumulando-o da graça da vida de Deus...; e pela pureza *activa,* com a qual o teu coração corresponde fielmente a essa mesma graça. — Examina-te sobre estas espécies de pureza diante da Santíssima Virgem...; vê qual delas faz mais falta em teu coração... diz a tua Mãe querida com a maior insistência que, se em todas as virtudes queres parecer-te com Ela, mais especialmente a desejas imitar na pureza imaculada..., diz-lhe também que queres uma coroa de rosas de virtudes como a dela..., mas que apeteces sobretudo a flor da açucena que se ergue no centro do seu puríssimo e imaculado Coração.

73. O Coração da Santíssima Virgem

1.° *A Misericórdia.* — É o mais doce atributo de Deus..., o que mais atrai o nosso coração infundindo-lhe alento e confiança. — Se Deus fosse ùnicamente um juiz severo que nos julgasse só com justiça... quem não tremeria na presença deste Senhor?... Mas sendo antes de mais nada e sobretudo um Pai... amantíssimo..., bondosíssimo..., cheio de compaixão e misericórdia..., quem confiará nele?

Pois bem, uma das maiores provas desta verdade..., temo-la no Coração misericordiosíssimo da Santíssima Virgem..., que é um efeito da bondade e do amor de Deus para com os homens...

Todos o experimentámos já... de tal modo que um dos aspectos sob o qual mais nos apraz ver representados os Corações Sacratíssimos de Jesus e de Maria, é a misericórdia... Precisamos tanto dela!... Dificilmente se encontrará qualquer coisa que melhor entendamos... e apreciemos do que esta qualidade da misericórdia... Um coração compassivo que sente como próprias as necessidades e misérias alheias..., um coração misericordioso que chora com os que choram... e sofre com os que sofrem..., a quem não encanta e seduz? Haverá alguma coisa mais atraente?... Quem resiste a esse coração? ...

E se além de sentir as desgraças alheias como próprias..., se esforça por remediá-las... talvez com sacrifícios e priva-

ções... muito mais ainda... Isto é que é bondade e misericórdia... Pois foi assim o Coração de Maria, e num grau de intensidade verdadeiramente maravilhosa.

Possuía todas as características da mais sublime e perfeita misericórdia...; foi o mais compassivo de todos os corações...; nele encontrava eco perfeitíssimo qualquer desgraça ou tribulação que sucedesse à sua volta... Nas bodas de Caná pode avaliar-se cabalmente o que era este Coração... Ainda não sofriam os corações dos esposos... e já Ela estava sofrendo...; adianta-se à dor deles para a remediar... — Os esposos não tinham ainda notado o que se passava, e já o Coração de Maria estava remediando tudo, conseguindo um milagre de seu Filho que eles nem sequer lhe tinham pedido...

Que exemplo maravilhoso de bondade!... Como denota admiràvelmente a compaixão e misericórdia do seu Coração!... Quantas vezes terá feito connosco a mesma coisa!... Em quantos casos terá intervindo em nosso favor a Virgem Santíssima, conseguindo-nos de Jesus qualquer coisa que nos fazia falta..., qualquer coisa que nos ficaria bem, e que nós próprios não pensávamos em pedir... por ignorar o perigo..., por tibieza... ou por malícia do nosso coração!...

2.º *Misericórdia de Mãe.* — É que a Misericórdia de Maria, como o Coração de onde brotava, era de uma Mãe...; eis a razão principal desta bondade e misericórdia. — Pode o filho ser um desgraçado..., pode estar coberto de misérias físicas e morais..., pode ser o desprezo de todos...; ainda que aos outros inspire a maior repulsa..., asco... e repugnância..., o coração da mãe... sentirá o seio palpitar com novo carinho... com amor mais intenso à medida que notar no filho mais desgraças e misérias...

O Coração de Mãe nunca desanima..., nem se cansa..., espera sempre... confia sempre em poder remediar a situação do filho. — Não se engana nem se cega..., tem uma luz..., uma intuição e clarividência de coração, que vê mais além do que os outros...; onde já se não esperam senão males e

misérias irremediáveis, o coração da mãe vê traços ou indícios..., vê gérmens de vida que podem ainda levantar e dignificar o coração do filho desgraçado... Pela força da sua ternura... pela bondade do seu coração... será possível a uma mãe reanimar sentimentos que pareciam apagados... levantar um coração que todos julgavam morto..., ressuscitar uma consciência endurecida pelo pecado e pelas paixões. — Sobre isto consulta Santo Agostinho... pede-lhe que te diga o que pode o coração compassivo..., misericordioso de uma Mãe...

E agora entra no Coração de Maria, mais Mãe que nenhuma outra mãe..., com uma bondade e uma misericórdia, resumo ou síntese de tudo o que Deus espalhou sobre todas as outras mães da terra... Como seria e como será actualmente o seu Coração?...

Por outro lado, esta compaixão não é inútil, como acontece frequentemente com uma mãe que deseja, mas não sabe ou não pode valer ao filho.

Maria possui a Omnipotência do próprio Deus... e emprega-a total e generosamente para socorrer os seus filhos. — Não foi assim que procedeu nas bodas de Caná, fazendo que Jesus fizesse o primeiro milagre? Não foi assim que procedeu com os Apóstolos naqueles dias de tristeza e desolação? Esquecendo-se até de si mesma, foi a sua única esperança, a sua força e a sua consolação... e os Apóstolos, animados com esta grande ternura de mãe, agruparam-se em torno d'Ela.

E entre todos não foi S. Pedro o que melhor experimentou a misericórdia do seu Coração dulcíssimo?... Sem dúvida que o Santo foi ter com Ela, quando, cheio de dor pela sua tríplice negação, abandonou a casa do Sumo Sacerdote. — Aos pés de Maria derramou as primeiras lágrimas..., ali fez a primeira confissão da sua cobarde apostasia... Que sorte a de S. Pedro em encontrar o Coração da Santíssima Virgem!... Que teria sido daquela alma sem este

Coração?... talvez um Judas... podia ser, pois tinha tantos motivos como Ele, ou mais, para se desesperar...

Contudo aos pés de Maria..., diante do seu Coração não é possível desesperar... nem sequer desanimar... Pedro levantou-se dos seus pés, seguro do perdão... e por isso não só não desesperou, como Judas..., nem fugiu como Adão ao pecar...; ali ficou... esperando a ressurreição de Jesus com o coração a transbordar de confiança dulcíssima que tinha recebido de Maria Santíssima. — Que misericórdia de Mãe!...

3.º *A Mãe do Céu.* — E o mais admirável é que esta misericórdia maternal de Maria não terminou com a morte, como sucede com a das mães terrenas...; agora que está no Céu, o seu Coração é o mesmo. — Apesar da elevação do seu trono, tão perto de Deus..., apesar de já não haver no Céu lágrimas nem sofrimentos de qualquer espécie..., Ela não esquece os seus filhos miseráveis...; se alguma mudança sofreu no Céu o Coração de Maria, foi para ser ainda mais compassiva... mais clemente e misericordiosa... para se aproveitar melhor da sua condição de Imperatriz em favor dos desgraçados filhos de Eva.

No Céu, a sua misericórdia é activíssima..., trabalhando sem cessar pelas almas..., umas vezes pedindo e intercedendo por nós... e outras, derramando com as suas mãos piedosas, torrentes de graças sobre os nossos corações... — Os mais infelizes..., os mais desgraçados..., os maiores pecadores... constituem o objecto principal da sua bondosa intercessão...; lá do Céu contempla os ataques furiosos com que o demónio investe as almas, para lhes inspirar alento... e comunicar a graça para vencer... e no último ataque sobretudo..., na batalha final, acode solícito o seu Coração misericordioso a fim de que as almas dos seus devotos saiam desta vida triunfantes... Quantas vezes terão sido os anjos do céu mensageiros de paz..., de consolação... de esperança, enviados por Maria aos que A invocam na luta!

Pergunta ao teu Santo Anjo da Guarda, de onde te vêm

tantas inspirações..., tantos toques de coração... tantos impulsos, e confessar-te-á que é a sua Senhora e Rainha quem o manda continuamente e sem descanso e não o deixa descansar incitando-o a trabalhar cada vez mais com a tua alma... com o teu coração.

4.° *Confiança e amor.* — Depois disto, deves abrasar o teu coração num amor louco e intenso a Maria...; deves lançar-te em seu Coração Maternal com uma confiança ilimitada... *Não vos digo estas coisas,* escrevia S. João falando da bondade de Deus, *para que pequeis mais fàcilmente...* Não, de modo nenhum pode ser essa a conclusão a tirar das meditações sobre o Imaculado Coração de Maria... e desta particularmente, sobre a bondade e misericórdia do seu Coração...; não deve servir para abusares da sua bondade... para te entregares ao pecado com maior segurança..., ou para soltares a rédea às paixões... isso não teria nome... o teu coração seria monstruoso.

Mas também não consintas que o demónio te engane com o desalento..., com a desconfiança... com o temor...; seja qual for o teu procedimento passado..., por maior que tenha sido o abuso das graças de Deus..., por muitas vezes que tenhas recaído e faltado à palavra... não importa, ajoelha-te aos pés de Maria... Diante do seu Coração bondosíssimo não devem ter lugar desconfianças nem temores... Foi por isso precisamente, que Deus lhe deu um Coração tão bom!... Não disse Ele que não desejava a morte do pecador?... Pois o Coração de Maria vem demonstrar que essas palavras são uma realidade...

Já noutras meditações tiraste como fruto o amor e a confiança em Maria, mas em nenhuma deves insistir tanto como nesta, em tão dulcíssimo fruto... Confiança na bondade de Maria!... Um amor louco ao seu bondosíssimo Coração... que ninguém te separe desta esperança dulcíssima! Oh Clementíssima..., oh Piedosíssima..., oh Dulcíssima Virgem Maria!!!

74. A Omnipotência suplicante

1.º *Seus fundamentos.* — Mais de uma vez nos terá aflorado aos lábios e ao coração este título da Santíssima Virgem... — *A Omnipotência suplicante!...* — o qual deve servir para fortificar mais e mais a nossa confiança na Virgem Santíssima.

Pois sendo, como é, uma Rainha verdadeiramente soberana e poderosa, dispõe de tudo... e exclusivamente em favor de seus filhos.

Maria é Omnipotente..., não com uma omnipotência natural ou essencial, como é a de Deus... mas comunicada e participada por Ele... omnipotente, não por natureza, mas por graça... — E isto por que razão?... Pela sua dignidade. — Maria foi elevada à mais alta dignidade... e se o poder está em relação com a dignidade..., corresponde a Maria um altíssimo poder...

Portanto a razão decisiva da Omnipotência de Maria é a sua dignidade.

Em que consiste essa dignidade?... Simplesmente em ser Mãe de Deus... Contemplando Jesus, Maria pode repetir eternamente as palavras de Deus Pai: «Tu és o meu Filho... por mim gerado»... e por isso Maria terá eternamente *um direito e um amor de Mãe* para com o próprio Filho de Deus...; ficando assim o poder de Deus como que encadeado e sujeito à vontade de Maria... — Não o esteve assim também por espaço de trinta anos na casa de Nazaré?

E porque esta submissão total e perfeita de Jesus... isto é, de Deus a Maria?... Porque sendo a Mãe de Deus... os seus direitos e o seu puríssimo amor de Mãe, obrigavam-no a obedecer-lhe em tudo o que Ela mandasse... Que pensamento tão doce!... Todo o poder de Deus está nas mãos de sua Mãe... que também é tua Mãe!...

Pensando nisto disseram os Padres da Igreja coisas admiráveis da Santíssima Virgem e da sua Omnipotência... Medita as expressões seguintes: *Ó Virgem,* exclama Santo Agostinho, *tudo o que Deus pode pela vontade... podei-lo Vós pela oração...* E Santo Antonino diz: *A oração da Mãe de Deus tem carácter de mandato...; é impossível portanto que deixe de ser ouvida.*

S. Pedro Damião escreve: *Aproxima-te, ó Virgem, do altar de ouro do perdão, não para pedir..., mas para mandar como Rainha..., pois se encontram nas tuas mãos todos os tesouros da misericórdia divina...* — S. Boaventura não teme afirmar: *Ninguém entra no Céu... que não seja por intermédio de Maria...*

O grande S. Bernardo. dar-nos-á este conselho: *Acudi a Maria..., eu vo-lo digo sem titubear...; Ela, em razão da sua dignidade, será sempre ouvida...; o anjo disse-lhe que tinha encontrado graça, e com efeito Maria encontra sempre graça...*

E finalmente são conhecidas estas expressões de S. Bernardino de Sena: *Todo o mundo obedece à vontade de Maria... mesmo o próprio Deus!... basta Maria querer e tudo se fará...* Como é sublime a obediência de Deus a uma sua criatura!... Não menos sublime e admirável, porém, é a dignidade desta, ao ser colocada em tal altura, que pode dispor e dar ordens ao próprio Deus.

Eis a razão principal desta Omnipotência: o direito e o amor de Mãe. — A mãe tem o direito de dar ordens ao filho... e este, por isso mesmo, a obrigação de obedecer-lhe em tudo. — A mãe ama entranhadamente o seu filho... e este,

se é bom filho, não pode deixar de amar, e portanto de dar gosto sempre e em tudo a sua mãe. — Aplica esta regra a Maria e a seu Divino Filho, e ficarás a compreender alguma coisa sobre a Omnipotência de Maria...

2.° *Sua universalidade.* — E esta Omnipotência goza de uma universalidade ilimitada...: não se aplica sòmente em determinada época..., a uma classe escolhida de almas..., numa ordem concreta de graças e auxílios, para certa espécie de súplicas e petições.

Não, nada disso..., esta universalidade é infinita..., não reconhece limitação de espécie alguma..., somos todos filhos de Maria..., por isso ajudará a todos, porque a todos amará sem excepção possível... a todos, e em tudo, espiritual e temporalmente...; nada a impede de nos socorrer...; as suas mãos não se cansam de fazer bem..., as suas graças não perdem com os séculos a eficácia...

Se a outros tornou santos..., se deu a vida a muitas almas ressuscitando-as para a graça... se ouves dizer a outros que foram auxiliados por Maria nisto ou naquilo... o mesmo pode também suceder contigo..., a tua alma pode também alcançar o perdão..., a graça... a vida..., a santidade.

Após o primeiro pecado o demónio apoderou-se do mundo... procurando fixar nele o seu trono, com carácter universal...; daí em diante apodera-se das almas de todos os que nascem..., a todas quer tentar..., excitando-lhes as paixões, para as subjugar... Como é espantoso este império do demónio?... Como é universal!... Quem não o experimentou ainda?... Só a Virgem Maria não foi escravizada pelo demónio na sua puríssima e imaculada Conceição, e por isso o subjuga... o prende... o domina e o segue por toda a parte, a fim de o vencer e dominar sempre... Se o domínio do demónio é universal, sê-lo-á também a Omnipotência de Maria para que a sua vitória seja eterna e total.

Maria não triunfa sòmente por si... mas por todos e para todos. — Ninguém recorre a Ela e confia n'Ela, que

não triunfe com Ela...: todos os santos..., todos os que venceram o demónio..., todos os que conservaram a sua inocência, foi por Ela... de outro modo os seus esforços teriam sido inúteis.

É por isso que vários Santos Doutores aplicam à Santíssima Virgem aquelas palavras do Salmista: *Em vão trabalham os que levantam casa, se Deus a não edifica...; em vão guardam e vigiam a cidade, se o Senhor a não guarda e defende*... E quem é esta sentinela e defensora da casa de Deus, senão Maria?... O Senhor guarda a cidade, mas por meio de Maria... e está tranquilo pois sabe a quem a confiou... Que poderá temer quem estiver sob o seu manto protector?...

Tu bem o sabes, pois com certeza já o experimentaste... Não é também a tua alma, uma testemunha da realidade daquelas palavras do «*Memorare*» que «ninguém a Ela recorreu, que não fosse atendido»? ... Que bem o sabe Satanás!... Quantas vezes teve de confessar com raiva infernal, que nada podia contra os verdadeiros devotos de Maria!...

Deste modo reconheceu a piedade de todos os séculos a universalidade da sua Omnipotência, invocando-A como «Porta do Paraíso»..., «Escada do Céu»..., «Refúgio dos pecadores»..., «Trono do Rei Eterno»..., «Propiciatório», onde todos somos ouvidos e atendidos...

Repete com todo o carinho, demorando-te em cada uma destas exposições, que de um ou outro modo confirmam esta consoladora universalidade do seu poder: Maria é a esperança dos pecadores...., o caminho da vida..., o porto da salvação..., a fonte da graça..., a estrela do mar..., a salvação do mundo..., a Medianeira entre Deus e os homens..., a chave do Céu..., a esperança dos pecadores..., a confiança dos caídos..., a força dos justos..., a alegria dos anjos..., a Rainha dos séculos..., etc.

Inventa também palavras semelhantes... Pede ao cora-

ção que tas inspire, e não temas perder o tempo repetindo-as a tua Mãe, como em amorosa ladaínha.

3.° *Demos graças a Deus.* — Neste ponto, parece não termos outra coisa a fazer, senão levantar o coração a Deus e render-lhe graças... Diàriamente, na Missa, o Sacerdote, convidando todo o povo a acompanhá-lo... dá graças a Deus em voz alta... pelos muitos e inumeráveis benefícios que de sua mão recebemos contìnuamente... E então, que outra coisa podemos fazer diante deste benefício universal..., diante desta fonte de infinitos benefícios, que nos concedeu ao dar-nos assim a sua Mãe querida?... Sem dúvida, que havemos de agradecer a Deus, eternamente este benefício...; e por isso agradeçamos-lho já desde este momento...

E esta acção de graças não pode nem deve consistir em meras palavras de louvor e agradecimento... O que Deus quer acima de tudo, é a correspondência prática de todas as nossas obras aos seus benefícios...; é este o melhor louvor... é este o mais formoso hino de gratidão...

Pois bem, a correspondência neste caso, deve consistir no fortalecimento da tua confiança na Virgem Santíssima, como se dizia na meditação anterior, para nunca admitir cansaços... desalentos... cobardes desilusões no caminho da vida espiritual...

Insiste muito neste ponto porque o demónio também insiste nesta tentação... A quantas almas enganou, conseguindo introduzir nelas o desalento... e por vezes até o desespero! — Nunca... isso nunca... Jura-o aos pés de Maria... que Deus te concedeu por Mãe, para que recorras a Ela como filho, embora muito ingrato... e com direito filial lhe peças e exijas um amor de Mãe... uma compaixão de Mãe... e também uma Omnipotência da Rainha... Para isso a fez Mãe e Rainha...

O trono de Deus está rodeado de justiça e bondade... o de Maria, de misericórdia e bondade sòmente... Se te

assusta, e com razão, a justiça de Deus... que susto podes encontrar ante o trono de Maria?...

Por outro lado é Ela que assim o deseja...; não se aborrece por A implorarmos com confiança..., o que A ofende, pelo contrário, assim como a Jesus, é a desconfiança. Não ouviste já dizer que há no Céu maior festa por um pecador que se arrepende do que por cem justos que perseveram?... Pois é Maria a primeira que se alegra, e faz grande festa, porque aquele seu filho pródigo andava tresmalhado e encontrou-o... estava morto... e ressuscitou...

Seja pois este o teu lema e a tua divisa «*nunca desconfiar... nunca desanimar... nem desalentar-te*»... Ainda que julgues que não adiantas nada nem consegues nada... tem muita confiança na Virgem Santíssima e... para a frente!... a trabalhar cada vez mais.

75. A santidade

1.º *A vontade de Deus.* — Chegámos ao fim destas meditações... e este não pode ser outro senão animar-nos a trabalhar pela nossa santificação..., aumentar dia a dia a santidade da nossa alma... *Esta é a vontade de Deus,* diz S. Paulo, *que vos santifiqueis.* — Esta foi a sua divina vontade em Maria Santíssima e é-o também em todos nós... Não podíamos escolher melhor coroa e resumo de todas estas meditações que o tema da santidade.

Todas as virtudes de Maria formam a coroa gloriosa da sua santidade. — Contemplámo-la como modelo perfeitíssimo..., como mestra incomparável em todas e cada uma das virtudes... Para terminar, vejamos também como modelo e mestra da santidade... Que tema tão doce e formoso e também difícil, o da santidade de Maria!...

Para falar sobre isto, é necessário conhecer essa santidade... compreendê-la..., o que só Deus pode fazer. — Não obstante, é necessário meditar muito sobre esta matéria para conhecer ao menos qualquer coisa do que encerra a alma santíssima de Maria... e para, procurarmos imitá-la e segui-la o mais de perto possível... Porque, repitamos para nunca o esquecermos, é esta a vontade de Deus... «que temos de nos santificar», que a santidade é um *dever* que temos de cumprir, e não um conselho.

Todos queremos salvar-nos... mas queremos santificar-nos?... E pensando bem, poderão separar-se estas duas coisas? ... — Salvar-se-á sòmente quem assegurar em sua alma a vida da graça... mas se isso é a santidade... a graça é a santidade...; esta tem naturalmente diversos graus, con-

forme a graça for maior ou menor..., mas sem a graça não se entra no céu..., sem a santidade, que podemos chamar elementar, ninguém se salva...

Por conseguinte repete e medita nisto «Só se salva quem é santo»... — Trabalhar portanto para conseguir a salvação, é trabalhar pela tua santificação. — Insiste neste pensamento, porque na vida espiritual é conveniente distinguir entre salvar-se e santificar-se... e por isso há muitas pessoas que aspiram à primeira, julgando que a segunda é sòmente para algumas almas selectas e privilegiadas. — Erro funesto claramente oposto à vontade de Deus, que não faz distinção de pessoas, chamando-as todas à santidade... e impondo a todas essa obrigação.

A santidade supõe a graça de Deus..., é a obra prima de Deus..., a mais divina das suas obras, como já o dissemos com os Santos Padres da Igreja...

Mas é também a obra-prima do homem...; nada o pode tornar maior... nem mais digno... do que trabalhar nesta grandiosa obra da santidade. — Se víssemos uma alma em estado de graça..., em estado de santidade..., veríamos nela o próprio Deus..., visto que o seu encanto e beleza é a formosura de Deus... e quanto maior for a santidade da alma... tanto maior e mais intimo será esse contacto com Deus... essa participação das perfeições divinas...

2.º *A vontade de Deus em Maria.* — Esta foi a vontade de Deus naquela que devia ser a sua Mãe... que Ela fosse o resumo, o modelo e a fonte de toda a santidade. — No mesmo instante da sua conceição miraculosa, ficou Maria inundada de graça santificante... e, consciente dos seus actos... na plena posse e com o pleno conhecimento de Si mesma, entrega-se a Deus logo nesse momento com todo o ímpeto do seu Coração.

Contempla este espectáculo maravilhoso e divino...; nunca se havia dado... nem voltaria a dar-se coisa semelhante... Deus, inundando a alma de Maria com a torrente

do seu amor e da sua vida..., e Maria, servindo-se de toda a graça que recebe, sem desperdiçar a menor parcela, para dirigir a Deus o seu amor reconhecido.

Quer dizer, em Maria a *reacção* igualou a *acção*... Compreendes isto?... Recebeu muito!... mas deu outro tanto... A primeira acção de Deus sobre a alma de Maria, foi verdadeiramente amorosa, e por isso, encheu toda a capacidade da sua alma com a graça santificante... e de modo semelhante, à acção divina infinitamente amorosa... corresponde na alma de Maria uma reacção também infinitamente amorosa, se assim o podemos dizer, para sem limitação alguma se dar a Deus, e amá-lo com todas as suas forças...

E esta graça santificadora... esta primeira acção de Deus, aumenta sem cessar e desenvolve-se prodigiosamente na alma imaculada de Maria... ao que Ela corresponde sempre de forma adequada... aumentando sempre na sua reacção para com Deus..., crescendo inefàvelmente no seu amor para com Ele... e por isso também na santidade... Onde chegou pois, a sua santidade?!...

Já dissemos que só Deus pode conhecer a resposta a esta pergunta..., porque só Deus sabe onde chegou a *sua acção*, e a respectiva *reacção* ou correspondência da parte de Maria. Avança um bocadinho mais neste pensamento e distingue duas espécies de santidade...: *a santidade real* e a *santidade moral*... A primeira, é a santidade das coisas especialmente consagradas ao serviço de Deus...: a santidade de um templo onde Deus habita... a santidade dos objectos que se empregam directamente no seu culto...; e no homem pode considerar-se como santidade real a de um menino recém-baptizado, em cuja alma habita a graça...; e a santidade *moral*, a santidade dos actos que correspondem à graça de Deus, pela qual uma alma se entrega livre, total e voluntàriamente ao amor divino.

Maria é santíssima com santidade real e com santidade

moral. — Com santidade *real,* pois a sua alma foi concebida em estreitíssima união com a Santíssima Trindade. — Diz Santo Tomás que é esta a união mais estreita e mais forte que pode haver entre a criatura e o Criador; por isso a santidade real de Maria, é a maior que pode existir.

A esta santidade real, imensa, de Maria, corresponderá uma santidade *moral* harmónica, que consiste em aproveitar todas as graças do Senhor, sem desperdiçar uma sequer, podendo assim exclamar com maior razão do que S. Paulo: *a graça de Deus não foi inútil em mim.*

Por esta santidade moral, numa palavra, a sua correspondência aos divinos favores foi perfeitíssima em todos os sentidos... como devia ser... e como Deus a esperava e desejava —.Aqui tens a norma para avaliar a santidade de Maria. — Ao mesmo tempo compreenderás a razão por que se diz que a santidade é o amor..., porque o amor é a fusão de dois corações..., é a transformação mútua de um no outro... e aqui tens, na santidade real, Deus amando a criatura e concedendo-lhe por amor a participação da sua vida divina... e a alma entregando-se a Deus..., amando-o... transformando-se n'Ele por este amor... e assim correspondendo como Deus quer, às suas graças e ao seu amor.

Portanto, sempre na santidade haverá este amor de dois corações..., dando-se necessàriamente estes dois elementos: o Coração de Deus e o do homem...; por isso a santidade é, no fim de contas, a santidade de Deus e santidade do homem. — Sob este aspecto, como será a santidade de Maria?... Como a amou Deus?... E Ela, como O amou a Ele?... Toda a sua vida não foi senão amor..., o amor ordenou..., dirigiu... foi a causa única de todos os seus actos...; a perfeição do seu amor, foi a perfeição da sua santidade.

3.º *A tua santidade.* — Vê agora, demorada e sèriamente qual é a tua santidade...; talvez não *te tenhas preocupado* com ela, como se não fosse a vontade de Deus para contigo. — Grava profundamente no coração esta verdade...:

Deus quer formal... séria... e eficazmente... que te santifiques... E tu, querê-lo também?... Na teoria, sim...; já muitas vezes o disseste..., e agora mesmo o estarás repetindo...

Quando chegará o momento de o dizeres eficazmente?... — Deus o quer..., e mostra-o claramente nas graças e favores que para isso te concede... na santidade *real* que te comunicou... A tua alma já foi santa com essa santidade de Deus...; foi-o no Baptismo..., é-o na Confissão, quando recebes devidamente a absolvição sacramental...; e é-o sobretudo na Comunhão, onde Ele se te dá e entrega *totalmente*... e tu, repito, desejas também santificar-te?... Prova-lo com a santidade *moral* do teu coração..., dos teus actos..., com a correspondência ao seu amor?...

Convence-te de que depende de ti... e só de ti...; começa a trabalhar com interesse..., continua com grande entusiasmo esta obra grandiosa, e algum dia verás, se perseverares nesse fervor, o fruto do teu trabalho e dos sacrifícios que fizeste para te santificares.

Consideraste já Maria como modelo de todas as virtudes...: pudeste imitá-la nalguma delas, para te pareceres um pouco com tua Mãe... Contempla-A hoje coroada com a auréola divina da sua santidade...

É também o teu modelo... não quanto à graça extraordinária que Deus lhe concedeu, mas quanto à santidade *própria* que Ela adquiriu... e mereceu com a sua correspondência à graça... olha-a como fonte ou origem de santidade... n'Ela juntou Deus tudo o que repartiu entre os demais santos... Suplica-lhe que te conceda também uma participação nessa santidade... Pois *com Ela e por Ela,* sabendo observá-la... estudá-la... copiá-la... sabendo recorrer a Ela... sabendo amá-la e ser constante e fiel a esse amor..., salvar-te-ás certamente..., santificar-te-ás certamente.

FIM

ÍNDICE

II PARTE